



A casa das marés



Da autora de
Como eu era antes de você

JOJO MOYES

A casa das marés

JOJO MOYES

Tradução de Maria Carmelita Dias



Copyright © Jojo's Mojo Ltd, 2003

TÍTULO ORIGINAL
Foreign Fruit

PREPARAÇÃO
Mariana Moura

REVISÃO
Juliana Werneck
Laís Curvão

ILUSTRAÇÃO de capa
© Sarah Gibb

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Aline Ribeiro | linesribeiro.com

REVISÃO DE E-BOOK
Juliana Pitanga
Vanessa Goldmacher

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0241-4

Edição digital: 2017

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Sumário

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Prólogo](#)

[Parte um](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[Parte dois](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[Parte três](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça os outros títulos da autora](#)

[Leia também](#)

Para Charles Arthur e Cathy Runciman

“Cada pessoa tem o passado fechado em si mesmo, como um livro cujo autor conhece as páginas de cor, mas os amigos só sabem ler o título.”

VIRGINIA WOOLF

PRÓLOGO

Certa vez minha mãe me disse que era possível descobrir a identidade do homem com quem você se casaria descascando uma maçã e jogando a casca inteirinha para trás. Formava uma letra, sabe. Bem, pelo menos, de vez em quando: minha mãe queria tanto que a simpatia funcionasse que se recusava a admitir que a casca jogada parecia um sete, ou um dois, e via todos os tipos de B e D onde não existia. Mesmo que eu não conhecesse um homem com a inicial B ou D.

Mas no caso de Guy não precisei de nenhuma maçã. Assim que o vi, tive certeza; identifiquei seu rosto com a mesma clareza que identificava meu nome. Era o rosto de quem me afastaria da minha família, me amaria, me adoraria, teria lindos bebês comigo. Era o rosto dele que eu observaria, sem palavras, quando ele repetisse os votos de casamento. O rosto dele seria a primeira coisa que eu veria de manhã e a última que eu vislumbraria na suave brisa da noite.

Será que ele também soube? Claro que sim. Ele me resgatou, sabe. Como um cavaleiro, com as roupas sujas de lama em vez de um cavalo branco. Um cavaleiro que apareceu da escuridão e me trouxe à luz. Bem, pelo menos, à sala de espera da estação. Alguns soldados estavam me aborrecendo enquanto eu esperava o último trem. Eu tinha ido a um baile com meu patrão e a esposa dele, e perdera o trem. Os soldados haviam bebido demais e não paravam de me importunar, sem aceitar minhas negativas, mesmo que eu soubesse muito bem que não deveria conversar com recrutas e tivesse ficado o mais longe possível deles, sentada em um banco no canto. Mas então eles passaram a se aproximar cada vez mais, até que um começou a me agarrar, tentando fingir que era uma brincadeira, e fiquei morrendo de medo porque estava tarde e não havia nenhum funcionário da estação à vista e ninguém mais em lugar algum. Eu pedia sem parar que me deixassem em paz, mas eles não se afastavam. Simplesmente não se afastavam. Até que o mais alto — que parecia meio bruto — se jogou em cima de mim, com um rosto horrível e peludo e um bafo fedorento, e disse que ia me possuir, quer eu

gostasse ou não. E é óbvio que eu queria gritar, mas não consegui porque fiquei paralisada de terror.

Então Guy apareceu. Irrompeu pela sala de espera e perguntou ao homem o que ele estava fazendo, dizendo que iria lhe dar uma surra daquelas. Em seguida, confrontou os três, que o xingaram, e um deles ergueu os punhos, mas depois de um minuto ou dois, como eram covardes, apenas xingaram um pouco mais e saíram correndo.

Eu fiquei ali tremendo, morrendo de vontade de chorar, e ele me chamou para sentar e me ofereceu um copo d'água para que eu me sentisse melhor. Era muito gentil. Muito atencioso. Então disse que esperaria comigo o trem chegar. E foi o que fez.

E ali, sob as luzes amareladas da estação, olhei para o rosto dele pela primeira vez. Quer dizer, olhei de verdade pela primeira vez. E percebi que ele era o homem certo. O homem certo, sem dúvida.

Depois de contar para a minha mãe, ela descascou uma maçã, só para conferir, e jogou a casca às minhas costas. Vi um L. Minha mãe jura que claramente era um G. Mas, nessa época, já estávamos muito além das cascas de maçãs.

Parte um

1

Freddie adoecera de novo. Dessa vez, aparentemente, por ter comido grama. Ela formara uma poça de espuma verde-esmeralda no canto, perto da cômoda, e algumas folhas continuavam intactas.

— Quantas vezes tenho que repetir, seu idiota? — reclamou Celia, que havia acabado de pisar na poça com a sandália. — Você *não* é um cavalo.

— Nem uma vaca — acrescentou Sylvia, querendo ajudar.

Ela estava sentada à mesa da cozinha, colando com cuidado fotos de utensílios domésticos em um álbum.

— Nem qualquer bicho, caramba. Você devia comer pão, e não grama. Bolo. Coisas normais.

Celia tirou a sandália e a segurou com o polegar e o indicador sobre a pia da cozinha.

— Argh — resmungou. — Como você é *nojento*. Por que não para de fazer isso? Mãe, fale com ele. Pelo menos ele devia limpar tudo.

— Limpe tudo direitinho, Frederick, querido.

A Sra. Holden, acomodada na cadeira de espaldar alto perto da lareira, conferia o jornal para descobrir o horário da próxima transmissão de *Dixon of Dock Green*. O programa era uma das poucas coisas que lhe davam prazer após a renúncia do Sr. Churchill. Além do último negócio do marido. Ainda que, evidentemente, ela só mencionasse o Sr. Churchill. Tanto ela quanto a Sra. Antrobus, contou a Lottie, já tinham visto todos os episódios e achavam o programa maravilhoso. Se bem que ela e a Sra. Antrobus eram as únicas pessoas na Woodbridge Avenue que tinham televisão, e as duas sentiam um prazer especial em contar aos vizinhos que quase todos os programas eram maravilhosos.

— Limpe *tudo*, Freddie. Argh. Por que meu irmão tem que comer comida de bicho?

Freddie permaneceu sentado no chão perto da lareira apagada, empurrando um caminhãozinho azul para a frente e para trás no tapete, levantando os cantos quando passava por ali.

— Isso não é comida de bicho — murmurou, contente. — Deus mandou comer.

— Mãe, ele está dizendo o nome do Senhor em vão.

— Você não deve mencionar Deus — afirmou Sylvia enquanto colava a foto de um processador em uma cartolina lilás. — Ele castiga.

— Tenho certeza de que Deus não disse exatamente grama, Freddie, querido — acrescentou a Sra. Holden, distraída. — Celia, meu bem, pode me dar meus óculos antes de sair? Aposto que as letras dos jornais estão diminuindo.

Lottie esperava com paciência perto da porta. A tarde fora especialmente cansativa, e ela estava louca para ir embora. A Sra. Holden havia insistido que ela e Celia a ajudassem a fazer suspiros para o bazar da igreja, por mais que as duas detestassem cozinhar, e Celia conseguira dar um jeito de se livrar da tarefa apenas dez minutos depois de começar, alegando dor de cabeça. Assim, Lottie tivera que escutar a ladainha da Sra. Holden sobre claras de ovo e açúcar e fingir não notar o movimento nervoso que ela fazia com as mãos e as lágrimas em seus olhos. Finalmente, aquelas coisas horrorosas estavam assadas e acomodadas nas formas, envolvidas em papel-manteiga, e — que surpresa! — a dor de cabeça de Celia tinha passado como por milagre. Ela calçou de novo a sandália e fez um gesto para Lottie, dando a entender que deviam sair. Enrolou o cardigã nos ombros e passou as mãos no cabelo com vigor diante do espelho.

— Então, meninas, para onde vão?

— Para o café.

— Para o parque.

Celia e Lottie falaram ao mesmo tempo e se encararam em silêncio com um ar acusatório.

— Vamos aos dois — disse Celia, com firmeza. — Primeiro ao parque e depois tomar café.

— Elas vão sair para beijar rapazes — retrucou Sylvia, ainda debruçada sobre as figuras que colava.

Ela havia colocado a ponta da trança na boca, de onde o cabelo saía de vez em quando, molhado e reluzente.

— Mmmmmmmuaaah. Muah. Muah. Eca. Beijar.

— Bom, não tome café demais. Você sabe que não faz bem. Lottie, querida, não deixe Celia exagerar. Duas xícaras no máximo. E voltem até seis e meia.

— Na aula de catecismo, Deus diz que a terra proverá — falou Freddie, erguendo os olhos.

— E veja como você ficou enjoado depois de comer aquilo — rebateu Celia. — Não acredito que a senhora não está obrigando Freddie a limpar, mamãe. Ele se safa de *tudo*.

A Sra. Holden pegou os óculos que a filha lhe entregara e os colocou lentamente sobre o nariz. Tinha a aparência de alguém que mal conseguia se manter na superfície de um mar revolto e continuava teimando, apesar das evidências, que estava em terras secas.

— Freddie, vá pedir para Virginia trazer um pano, está bem? Bom menino. E, Celia, querida, não seja desagradável. Lottie, ajeite a blusa, meu bem. Está esquisita. E olhem, meninas, vocês não vão ser como aquelas pessoas que ficam de queixo caído com nossa recém-chegada, não é? Não queremos que ela pense que os moradores de Merham são caipiras, que ficam boquiabertos com qualquer coisa.

Houve um breve silêncio, durante o qual Lottie percebeu que as orelhas de Celia coraram de leve. As dela não ficaram nem um pouco vermelhas: fazia anos que vinha aperfeiçoando suas negativas, por mais incisivo que o inquiridor fosse.

— Vamos voltar direto para casa depois do café, Sra. Holden — disse Lottie, com firmeza. O que, na verdade, poderia não significar absolutamente nada.

* * *

Era o dia da grande mudança, o dia das pessoas que chegavam nos trens de sábado vindos da estação da Liverpool Street, e das que, apenas um pouco menos pálidas, retornavam, relutantes, à cidade. Nesses dias, as calçadas ficavam riscadas porque os garotos empurravam carrinhos de madeira montados às pressas e cheios de pilhas de malas estufadas. Atrás deles, homens exaustos usando ternos impecáveis de tecido leve davam os braços às esposas, felizes em começar as férias como verdadeiros reis em troca de algumas moedas. Ou pelo menos sem a necessidade de carregar a própria bagagem até seus quartos.

Assim, quase ninguém viu ou reparou na tal chegada. Quer dizer, com exceção de Celia Holden e Lottie Swift. Ambas ficaram sentadas no banco do parque municipal, com vista para a orla de Merham, uma extensão de quatro quilômetros, e observaram, extasiadas, o caminhão de mudança, o

capô verde-escuro se sobressaindo sob os pinheiros-da-escócia e cintilando no sol vespertino.

Abaixo, o quebra-mar se estendia para a esquerda, parecendo os dentes de um pente escuro, enquanto a maré retrocedia pelas areias úmidas, salpicada de figuras minúsculas enfrentando os ventos fortes e fora de época. A chegada de Adeline Armand, segundo as meninas, foi uma ocasião digna da vinda da rainha de Sabá. Quer dizer, teria sido se a rainha de Sabá houvesse escolhido chegar em um sábado, na semana mais cheia da temporada de verão de Merham. Isso significava que todas aquelas pessoas — a Sra. Colquhoun, os Alderman Elliott, as donas de propriedades no calçadão, ou gente do tipo —, que em geral estariam fazendo julgamentos sobre os modos extravagantes dos recém-chegados trazendo uma quantidade absurda de malas, pinturas grandes que não tinham como tema retratos de familiares ou cenas de cavalos galopando, mas imensos borrões coloridos sem nenhum padrão específico, quantidades incríveis de livros, além de artefatos *claramente* estrangeiros, nesse momento não estavam esperando em silêncio diante dos portões, observando a constante procissão que desaparecia dentro da casa *art déco* de frente para o mar, já há muito tempo desabitada. Em vez disso, elas estavam formando fila no Açougue Price, na Marchant Street, ou correndo para a reunião da Associação das Hospedarias.

— A Sra. Hodges diz que essas pessoas fazem parte da nobreza húngara ou coisa assim.

— Até parece.

Celia encarou a amiga, arregalando os olhos.

— É *verdade*. A Sra. Hodges conversou com a Sra. Ansty, que conhece o advogado ou quem quer que fosse o encarregado pela casa, e ela é uma princesa húngara mesmo.

Abaixo delas, algumas famílias haviam se apropriado de pequenas porções da praia e podiam ser vistas sentadas atrás de tendas listradas tensionadas pelo vento ou abrigadas da forte brisa marinha em cabanas de praia.

— Armand não é um sobrenome húngaro — comentou Lottie, levantando a mão para evitar que o cabelo batesse na boca.

— Ah, é? E como você sabe?

— É uma bobagem, não é? O que uma princesa húngara estaria fazendo em Merham? Ela iria para Londres, sem dúvida. Ou para o Castelo de Windsor. Não para um fim de mundo sujo, velho e sem graça, como aqui.

— Não na sua região de Londres, isso, não — retrucou Celia, com um tom quase de desprezo.

— Não — concordou Lottie. — Não na minha região de Londres.

Ninguém de natureza exótica vinha da região londrina de Lottie, um subúrbio na parte leste da cidade cheio de fábricas construídas às pressas que se estendiam em direção às indústrias de gás para um lado e acres de pântanos desagradáveis para o outro. Na primeira vez que ela fora a Merham, durante os anos iniciais da guerra, via-se obrigada a disfarçar sua incredulidade quando moradores solidários lhe perguntavam se sentia saudade da terra natal. Ficava igualmente surpresa quando queriam saber se ela sentia saudade da família. Com o tempo as pessoas passaram a evitar essas perguntas.

Para falar a verdade, Lottie voltara para casa com o intuito de passar os dois anos lá até a guerra terminar, e, após várias cartas fervorosas trocadas entre Lottie e Celia, e depois da crença tantas vezes confirmada pela Sra. Holden de que não só era bom para Celia ter uma amiguinha da mesma idade por perto, mas também de que “As Pessoas Tinham que Dar Sua Contribuição para a Comunidade, Não É Mesmo?”, Lottie fora convidada a retornar a Merham, a princípio para passar as férias e, aos poucos, conforme as férias se estenderam até o período escolar, para sempre. A presença de Lottie passou a ser aceita como a de um membro da família Holden; não de sangue, talvez, nem exatamente igual em termos sociais (nunca se perde totalmente o sotaque da região londrina de onde se vem), mas alguém cuja presença contínua na cidade não era mais considerada diferente. Além disso, o povo de Merham estava acostumado com gente que chegava e não voltava para casa. O mar causava esse efeito nas pessoas.

— Será que devemos levar alguma coisa? Flores? Como um pretexto para entrarmos?

Lottie notou que Celia se sentiu mal com os comentários anteriores; a amiga exibia o que chamava de seu sorriso à la Moira Shearer, sem mostrar os dentes inferiores.

— Não tenho dinheiro.

— Não estou falando de flores compradas. Você sabe onde encontrar lindas flores silvestres. Sempre enche minha mãe com elas.

Lottie notou um leve traço de ressentimento no último comentário.

As duas garotas desceram escorregando do banco e começaram a andar em direção à extremidade do parque, onde um único parapeito de ferro forjado marcava o início do caminho no penhasco. Lottie seguia por ali

nas noites de verão, quando o barulho e a histeria na casa dos Holden se tornavam exagerados. Ela gostava de escutar as gaivotas e os codornizes cruzando o céu e se lembrar de quem era. Esse tipo de introspecção era considerado pouco natural pela Sra. Holden, ou no mínimo complacente, e os pequenos buquês de flores que Lottie colhia serviam como uma garantia útil. Contudo, quase dez anos morando na casa de outra pessoa também lhe proporcionaram certa sagacidade, uma sensibilidade quanto à potencial turbulência doméstica que não combinava com o fato de que ela ainda não saíra totalmente da adolescência. Afinal de contas, era importante que Celia não a considerasse sua rival.

— Reparou nas caixas de chapéu? Tinham pelo menos sete — disse Celia, se abaixando. — Que tal esta aqui?

— Não. Vai murchar em minutos. Pegue algumas daquelas roxas. Lá, perto da pedra grande.

— Deve ser alguém com muito dinheiro. Mamãe disse que a casa precisa de bastante obra. Ela conversou com os decoradores, e eles contaram que foi uma indicação e tanto. Ninguém mora lá desde que os MacPherson se mudaram para Hampshire. Deve fazer o quê, uns nove anos?

— Não sei. Não cheguei a conhecer os MacPherson.

— Um casal bem chato. Ela calçava trinta e nove. Não existe uma lareira decente lá, segundo a Sra. Ansty. Foi tudo saqueado.

— As plantas dos jardins cresceram além da conta.

Celia parou.

— Como você sabe?

— Estive lá algumas vezes. Durante minhas caminhadas.

— Que espertinha! Por que não me levou?

— Você nunca queria caminhar.

Lottie olhou para trás de Celia, em direção ao caminhão de mudança, sentindo uma silenciosa onda de entusiasmo. As duas estavam acostumadas ao vaivém das pessoas — afinal, Merham era uma cidade de veraneio, e as temporadas eram marcadas por novos visitantes, que iam e vinham assim como as marés —, mas a perspectiva de ver a mansão ocupada novamente conferia à última quinzena uma expectativa de tirar o fôlego.

Celia voltou a se concentrar nas flores. Enquanto as reorganizava na palma da mão, o vento bagunçava seu cabelo, como se fosse um lençol dourado.

— Acho que odeio meu pai — comentou ela em voz alta, os olhos fixos no horizonte.

Lottie continuou quieta. Não se sentia à vontade para opinar sobre os jantares de Henry Holden com a secretária.

— Minha mãe é tão estúpida! Ela finge que nada está acontecendo.

Seguiu-se um breve silêncio, interrompido pelo grito dissonante das gaivotas voando acima das meninas.

— Meu Deus, mal posso esperar para sair deste lugar — disse, por fim.

— Eu gosto daqui.

— Mas você não é obrigada a presenciar seu pai se comportando feito um cafajeste.

Celia se virou para Lottie e estendeu a mão para ela.

— Olha. Acha que é suficiente?

Lottie deu uma olhada nas flores.

— Você realmente quer ir até lá? Só para admirar as coisas dela?

— Ah, e você não quer, Madre Superiora?

As duas riram e voltaram correndo para o parque municipal, enquanto casacos e saias esvoaçavam às suas costas.

* * *

Antigamente, o caminho que levava até a Casa Arcádia era circular. Os vizinhos remanescentes ainda se lembravam das procissões de carros compridos e baixos que freavam no cascalho diante da porta principal, depois faziam uma curva graciosa e seguiam rua abaixo. Fora uma casa importante, situada bem nos limites dos trilhos da estrada de ferro (essa distinção era tão importante que as casas de Merham eram anunciadas como “do lado de dentro” ou “do lado de fora”). Havia sido construída por Anthony Gresham, filho mais velho dos Walton Gresham, depois de retornar dos Estados Unidos, onde fez fortuna ao criar uma peça banal de motor que foi comprada pela General Motors. Gresham queria que a mansão, conforme ele mesmo afirmou de modo imponente, parecesse pertencer a um astro de cinema. Ele tinha visitado a propriedade de uma atriz famosa do cinema mudo em Santa Monica: uma casa comprida, baixa e branca, com grandes extensões de vidro e janelas menores servindo de portinholas. Para ele, essas características indicavam glamour, mundos novos e um futuro vistoso e brilhante (um futuro que, por incrível que pareça, não foi dele: Gresham morreu aos quarenta e dois anos, atropelado por um veículo. Um Rover). Quando a casa finalmente foi concluída,

alguns moradores de Merham ficaram chocados com a modernidade da construção e reclamaram, às escondidas, que de certo modo não parecia “apropriada”. Assim, quando os moradores seguintes, os MacPherson, saíram da casa alguns anos depois, deixando-a vazia, a maioria das pessoas mais idosas da cidade curiosamente ficou aliviada, embora possa não ter confessado. No momento, a parte norte do caminho estava tomada por plantas — um emaranhado de arbustos espinhosos e sabugueiros —, terminando prematuramente no portão que antes levava à trilha até o mar. O bloqueio provocou uma grande quantidade de impropérios e trocas bruscas de marcha por parte dos motoristas dos caminhões de mudança que, tendo descarregado tudo, tentavam manobrar de ré para a aleia, agora parcialmente bloqueada por um carro que tinha entrado depois deles.

Lottie e Celia ficaram paradas durante alguns instantes, observando os rostos avermelhados e os esforços suarentos de quem ainda carregava móveis, até que uma mulher alta, com o cabelo castanho comprido severamente puxado para trás em um coque, saiu correndo da casa, balançando as chaves de um carro e suplicando:

— Esperem! Parem aí! Vou tirar o carro e levá-lo para o jardim da cozinha.

— Será que é ela? — sussurrou Celia, que, sem motivo, havia se abaixado atrás de uma árvore.

— Como é que eu vou saber?

Lottie prendeu a respiração, estranhando a súbita relutância de Celia. Elas continuavam grudadas, espiando atrás do tronco, segurando as saias rentes ao corpo para que não esvoaçassem.

A mulher estava sentada no carro e observava os instrumentos do painel, como se considerasse qual deles deveria usar. Depois, mordendo o lábio inferior para demonstrar angústia, girou a chave na ignição, se enrolou com a marcha, inspirou fundo e deu ré até bater na grade dianteira de um caminhão de mudança, causando um estrondo.

Houve um breve silêncio, seguido pelo palavrão de um dos homens e por uma buzina demorada. Então a mulher ergueu a cabeça, e as meninas perceberam que ela provavelmente fraturara o nariz. Havia sangue por toda parte: escorrendo pela blusa verde-clara, nas mãos e até mesmo no volante. Ela se endireitou no banco do motorista, parecendo ligeiramente surpresa, e, ao olhar para baixo, começou a procurar alguma coisa para estancar o sangue.

Lottie saiu correndo, atravessando o gramado não podado, com o lenço já em mãos.

— Tome — disse ela, aproximando-se da mulher ao mesmo tempo em que diversas pessoas, aos gritos, começaram a se reunir ao redor do carro.
— Segure isso. Incline a cabeça para trás.

Celia, que corra atrás de Lottie, observava o rosto salpicado de sangue.

— A senhora levou uma pancada horrível — falou.

A mulher aceitou o lenço.

— Desculpe — disse ela para o motorista do outro veículo. — Não sou muito boa com essas marchas.

— A senhora não devia nem dirigir — respondeu o homem, mal cabendo no avental verde-escuro. Ele catava o que sobrara do farol dianteiro. Mal olhou pelo retrovisor.

— Eu achei que tivesse engatado a primeira. Fica tão pertinho da ré...

— O para-choque caiu — avisou Celia, um pouco agitada.

— O carro nem é meu. Ai, meu Deus!

— Olhe só o farol! Vou ter que trocar por um conjunto inteiro. Vai me custar tempo e um dinheirão.

— É verdade — confirmou ela, pesarosa.

— Escute, deixe essa senhora em paz. Ela levou uma pancada considerável — falou um homem de cabelo escuro e terno de linho claro que surgira diante da porta do carro. — Basta me dizer de quanto é o prejuízo que eu dou um jeito. Frances, você se machucou? Precisa de um médico?

— Ela não devia dirigir — repetiu o homem, balançando a cabeça.

— Você é que não devia estar tão perto — retrucou Lottie, irritada pela falta de tato do motorista, que a ignorou.

— Desculpe mesmo — murmurou a mulher. — Ai, meu Deus. Olhe só para a minha saia.

— Diga, quanto? Quinze xelins? Uma libra?

O homem mais jovem estava separando notas de um maço que havia tirado do bolso interno.

— Pronto, tome isso. E mais cinco para compensar o transtorno.

O sujeito pareceu se acalmar. Provavelmente nem era o dono do caminhão, pensou Lottie.

— Bem — disse. — Bem, suponho que isso vá ser suficiente.

Ele embolsou o dinheiro depressa, seu tormento aparentemente apaziguado por uma esperta decisão de não abusar da própria sorte.

— Suponho que seja melhor acabar logo. Vamos lá, rapazes.

— Olhe a saia dela — sussurrou Celia, cutucando-a.

A saia de Frances batia quase nos tornozelos. Com uma estampa arrojada de salgueiros, era curiosamente antiquada.

Lottie ficou examinando com cuidado o restante das roupas da mulher: os sapatos, que pareciam quase eduardianos, o cordão comprido de contas esféricas de âmbar.

— Boêmios! — comentou, de modo jovial.

— Vamos, Frances. Vamos entrar antes que o carro fique todo sujo de sangue.

O jovem enfiou o cigarro na lateral da boca, segurou com delicadeza o cotovelo da mulher e a ajudou a sair do carro.

Enquanto caminhava em direção à casa, ela se virou de repente.

— Ah, tome seu lindo lenço. Eu o encharquei de sangue. — Ela fez uma pausa, fitando o pano. — Você é daqui? Entre, venha tomar um chá. Vamos pedir para Marnie colocar o lenço de molho. É o mínimo que posso fazer. George, chame Marnie para mim. Tenho medo de gaguejar.

Lottie e Celia se entreolharam.

— Seria ótimo — disse Celia.

Só depois de fecharem a porta, Lottie se deu conta de que deviam ter deixado as flores do lado de fora.

* * *

Celia parecia menos segura quando entrou no saguão principal. Na verdade, parou de forma tão abrupta que Lottie, distraída, esbarrou o nariz na nuca da amiga. A atitude de Celia tinha menos a ver com uma tendência natural para ficar hesitante (seus irmãos mais novos a apelidavam de Fura-Multidão) e mais com o fato de estar cara a cara com uma grande pintura escorada no balaústre em posição contrária à porta principal. Havia uma mulher nua reclinada na pintura a óleo com técnica de empasto. A modelo não era nada recatada, como observou Lottie, a julgar pela posição dos braços e das pernas.

— Marnie? Marnie, você está aí?

George seguiu na frente, atravessando a passos largos o piso de pedra e passando pelos caixotes de mudança.

— Pode pegar um pouco de água quente? Frances sofreu um pequeno acidente. E poderia fazer um chá? Temos visita.

Uma resposta abafada e o som de uma porta se fechando vieram do quarto adjacente. A ausência de tapetes e móveis ampliava o som e o

reverberava nos pisos de pedra e no espaço quase vazio. Celia agarrou o braço de Lottie.

— Você acha que devemos ficar? — sussurrou. — Eles parecem um tanto... *acelerados*.

Lottie espiou ao redor, observando os cavaletes com quadros enormes, os tapetes enrolados, empilhados e apoiados nas paredes feito cavalheiros idosos curvados, a escultura africana da barriga saliente de uma mulher. Era tudo muito diferente das casas que ela conhecia: a de sua mãe era apertada, escura, entulhada de móveis de madeira e bugigangas baratas de louça, permeada pelo cheiro de pó de carvão e legumes cozidos, constantemente interrompida pelo barulho do tráfego ou dos filhos do vizinho brincando do lado de fora. Mas a casa dos Holden era uma residência espaçosa, confortável, de estilo Tudor, que parecia ter valor tanto pelo que comunicava quanto pelo que abrigava. O mobiliário havia sido herdado e tinha que ser tratado com respeito — mais até, ao que parece, do que seus ocupantes. Nenhuma xícara podia ser colocada em cima dos móveis, e nenhuma criança podia bater neles. Segundo a Sra. Holden, todas as mobílias deviam ser “transferidas de mão em mão”, como se os moradores fossem meros guardiões daquelas peças de madeira. A casa dos Holden estava sempre arrumada para as outras pessoas, agradável “para as senhoras”, preparada para quando o Dr. Holden “chega em casa”. E a Sra. Holden, no papel de um pequeno e frágil rei Canuto, tentava desesperadamente expulsar os inevitáveis detritos e sinais de sujeira.

E, em contraste, havia aquele lugar: uma casa clara, brilhante, estranha, de formato angular esquisito, com janelas opacas compridas e baixas, ou portinholas através das quais dava para ver o mar e o tesouro escondido e elaborado de peças exóticas caoticamente ordenadas. Um local onde cada objeto contava uma história e indicava sua origem rica de terras estrangeiras. Ela sentiu o aroma da casa, o ar salgado que havia permeado as paredes ao longo dos anos excedido pelo cheiro de tinta fresca. Era estranhamente inebriante.

— Chá não faz mal a ninguém, não é?

Celia fez uma pausa, observando o rosto da outra.

— Mas não conte para minha mãe. Ela vai fazer um escândalo.

As meninas seguiram a pesarosa Frances até a sala de estar principal, inundada pela luz vinda das quatro janelas que davam para a baía; as duas centrais se curvavam em torno de uma parede semicircular. Na janela da extrema direita, dois homens travavam uma batalha com um varão de

cortina e tecidos em excesso, enquanto à esquerda deles uma moça ajoelhada no canto organizava fileiras de livros em uma estante com porta de vidro.

— É o carro novo do Julian. Ele vai ficar furioso. Eu devia ter deixado você manobrar.

Frances se jogou em uma cadeira, verificando se havia sangue fresco no lenço.

George lhe serviu uma grande taça de conhaque.

— Pode deixar que eu lido com Julian. E como está seu nariz? Você parece um quadro de Picasso, meu bem. Acha que precisamos de um médico? Adeline! Conhece algum médico?

— Meu pai é médico — disse Celia. — Posso chamar, se quiserem.

Lottie levou alguns segundos para reparar na terceira mulher. Ela estava sentada com as costas perfeitamente eretas no meio de um pequeno sofá, as pernas cruzadas na altura do tornozelo e as mãos entrelaçadas à frente, como se estivesse longe do caos ao redor. Seu cabelo, de um preto-azulado típico das penas de um corvo, estava rente à cabeça em ondas lustrosas, e ela usava um vestido vermelho de seda, de corte longo e justo, meio fora de moda, coberto por uma jaqueta bordada na qual pavões exibiam uma plumagem iridescente. Tinha imensos olhos escuros pintados com delineador e mãos pequenas e infantis. Estava tão quieta que, quando baixou a cabeça num cumprimento, Lottie quase se sobressaltou.

— Você é uma fofa! Olhe só, George, já fizemos alguns contatos locais.

A mulher deu o sorriso gentil e vagaroso daqueles que estão sempre encantados. Seu sotaque era indecifrável, talvez francês, mas definitivamente estrangeiro. Era baixo, abafado e tinha um tom entretido disfarçado. As roupas e a maquiagem eram inacreditáveis. Ela aparentava muita experiência, mesmo comparada a uma pessoa criada fora dos domínios de Merham e Walton-on-the-Naze. Lottie estava paralisada. Olhou para Celia, notando sua expressão idiota refletida na amiga.

— Adeline. Esta é... Ai, meu Deus, não perguntei como se chamam — disse Frances, levando a mão à boca.

— Celia Holden. E Lottie Swift — respondeu Celia enquanto mexia os pés de forma esquisita. — Moramos atrás do parque. Na Woodbridge Avenue.

— As meninas muito gentilmente me emprestaram um lenço — explicou Frances. — E eu o sujei todo.

— Minha querida, coitadinha.

Adeline segurou a mão de Frances.

Lottie observou, esperando que ela fosse oferecer um aperto reconfortante, um tapinha tranquilizador. Mas a mulher apenas acariciou a mão da amiga com delicadeza, levou-a até seus lábios vermelhos e ali, na frente de todo mundo, sem nem sequer uma nuance de rubor, inclinou-se vagarosamente e a beijou.

— Que coisa *terrível*.

Houve um breve silêncio.

— Ah, Adeline — disse Frances com tristeza e puxou a mão.

Lottie, sem ar nos pulmões por causa dessa bizarra demonstração de intimidade, não ousou olhar para Celia.

Após uma pausa momentânea, Adeline voltou-se para o centro da sala, e seu sorriso se iluminou.

— George, não contei para você. Não é ótimo? Sebastian mandou alcachofras e ovos de tarambola de Suffolk. Podemos comer no jantar.

— Graças a Deus.

George tinha se aproximado dos homens perto da janela e estava ajudando a posicionar o varão da cortina.

— Eu não estava mesmo com vontade de comer peixe com batata frita.

— Não seja esnobe, querido. Tenho certeza de que o peixe com batata frita daqui é maravilhoso. Não é verdade, meninas?

— Não sabemos — respondeu Celia depressa. — Só comemos em restaurantes finos.

Lottie mordeu a língua, lembrando-se do sábado anterior, quando ficaram sentadas no quebra-mar com os irmãos Westerhouse comendo arraias em jornais engordurados.

— Mas é claro — concordou Adeline, a voz baixa, lânguida e com um ligeiro sotaque. — Comportamento adequado. Agora, meninas, me contem. Qual é a maior vantagem de morar em Merham?

Celia e Lottie se entreolharam.

— Nada de mais — começou Celia. — Na verdade, é bem monótono. Há um clube de tênis, mas fica fechado durante o inverno. E um cinema, mas o projetista vive doente, e mais ninguém sabe mexer nos aparelhos. Se você quiser um lugar moderno, precisa ir a Londres. É o que a maior parte das pessoas daqui faz. Quer dizer, se queremos uma noite realmente agradável, que valha a pena, seja para ir ao teatro ou a um restaurante bom de verdade...

Ela falava rápido demais, tentando parecer descontraída, apesar de gaguejar com as próprias mentiras.

Lottie fitou o rosto de Adeline, o sorriso interessado se tornando ligeiramente sem graça, e se sentiu oprimida pelo medo de ser desprezada por aquela mulher.

— O mar — disse bruscamente.

O rosto de Adeline se voltou para Lottie, as sobrancelhas se erguendo de leve.

— O mar — repetiu Lottie, tentando ignorar a expressão furiosa de Celia. — Quer dizer, viver à beira-mar. É a melhor coisa daqui. Ouvir o barulho das ondas ao fundo o tempo todo, sentir o cheiro, caminhar na orla e ver a curvatura da terra... Saber que, ao olhar para a água, existe tanta coisa acontecendo lá embaixo que nunca seremos capazes de ver ou de saber. Um grande mistério, bem na nossa porta... E as tempestades... Quando as ondas estão tão altas que passam por cima da mureta e o vento sopra nas árvores com tanta força que elas se curvam feito grama. E ficar em casa assistindo a tudo isso quando você está aquecida, seca e confortável... — Ela titubeou, notando a expressão revoltada de Celia. — Bem, é disso que eu gosto.

A respiração de Lottie parecia incomumente alta no silêncio.

— Parece perfeito — disse Adeline, estendendo a última palavra, os olhos fixos nos de Lottie a ponto de fazer a menina corar. — Já estou contente de termos vindo.

* * *

— Então, ela fez um estrago muito grande no caminhão? Acha que vão trazê-lo para o meu pai?

Joe, com a expressão séria, empurrou a xícara de café vazia no balcão de fórmica. Mas, pensando bem, ele não tinha outra expressão. Seus olhos sombrios, sempre espiando para cima como se demonstrasse uma preocupação respeitosa, pareciam deslocados no rosto rosado e sardento.

— Não sei, Joe. Foi apenas um farol ou coisa parecida.

— Sim, mas vai precisar ser substituído.

Atrás dele, às vezes sobrepujada pelo som de cadeiras se arrastando e louça barata se chocando, Alma Cogan cantava “Dreamboat”. Lottie encarou os traços nada oníricos de seu acompanhante, desejando nunca ter comentado sobre a visita à casa de Adeline Armand. Joe sempre fazia as perguntas erradas. E geralmente dava um jeito de abordar a oficina do pai na conversa. Como filho único, algum dia ele herdaria o negócio em ruínas, e esse legado opressivo já pesava sobre o rapaz como um fardo

semelhante à sucessão de um príncipe regente. Ela nutria a esperança de que, ao transformá-lo em confidente sobre sua extraordinária visita à casa, Joe também fosse arrebatado pelas figuras exóticas, excêntricas, assim como pela mansão que mais parecia um transatlântico. Que ele também se veria a uma considerável distância do minúsculo mundinho dos confins sociais de Merham. Joe, porém, se concentrou apenas no que era mundano, sua imaginação restrita pelos aspectos superficiais (como a criada preparou o chá se eles haviam acabado de receber as malas? Que farol a mulher quebrou? Ninguém teve dor de cabeça por causa do cheiro de tinta fresca?), e Lottie foi ficando cada vez mais irritada por ter contado para ele, extremamente tentada a descrever a pintura da mulher nua só para fazê-lo corar. Era fácil demais fazer Joe corar.

Ela teria discutido sobre aquilo tudo com Celia. Mas a amiga não estava falando com Lottie. Não se dirigia a ela desde que voltaram para casa, apesar de ter tagarelado até demais no caminho. “Você estava deliberadamente se exibindo para todas aquelas pessoas? Lottie! Não *acredito* que inventou toda aquela baboseira sobre o mar. Como se você se importasse em ficar com os peixes no fundo do oceano. Você nem sabe nadar!”

Lottie gostaria de ter conversado com ela sobre a procedência de princesas húngaras, o fato de Adeline beijar a mão de Frances como se fosse um pretendente e sobre a relação de George com as duas (ele não se comportou como marido de nenhuma delas; dera atenção demais para ambas). Ela gostaria de conversar sobre como, tendo tanta coisa para fazer e com a casa em um caos absoluto, Adeline ficara ali no sofá, como se não houvesse mais nada para fazer a não ser esperar o dia passar.

Mas Celia engatara numa conversa intensa com Betty Croft, discutindo as possibilidades de uma viagem para Londres antes do fim do verão. Portanto, Lottie ficou aguardando que essa tempestade de verão passasse.

Mas Celia evidentemente havia ficado mais ofendida pela interrupção de Lottie do que demonstrara. À medida que a tarde se aproximava e as nuvens tempestuosas ficavam mais escuras e carregadas e que o café se abarrotava de crianças obstinadas e pais irritados, ainda com as toalhas de praia úmidas e cheias de areia, ela continuava ignorando as tentativas de Lottie de se juntar à conversa, bem como sua oferta de uma fatia de pudim de pão, a ponto de até mesmo Betty, que adorava uma briguinha entre amigos, começar a se sentir um pouco desconfortável. Ai, meu Deus, pensou Lottie, resignada. Vou pagar por isso.

— Acho que vou voltar — disse ela em voz alta, fixando o olhar na borra escura no fundo da xícara. — O tempo está fechando.

Joe se levantou.

— Posso ir com você? Eu trouxe guarda-chuva.

— Se quiser.

Em um cômodo que devia ser o escritório, Adeline Armand tinha um retrato de si mesma ainda não pendurado. Não era uma pintura precisa: era relaxada e irregular, como se o artista não enxergasse muito bem e tivesse que adivinhar onde deveriam estar as pinceladas. No entanto, de algum modo dava para saber que era ela. Provavelmente por causa do cabelo preto retinto. E de seu meio-sorriso.

— Teve uma tempestade em Clacton no sábado. Neve em abril, dá para acreditar?

Ela não se importara com o automóvel. Nem sequer quis dar uma olhada nos danos. E aquele homem, George, simplesmente sacara um rolo de notas, como se estivesse folheando passagens velhas de ônibus.

— Foi de ameno e ensolarado para granizo e tudo o mais em algumas horas. Também havia gente na praia. Imagino que algumas pessoas estivessem nadando. Você vai se molhar, Lottie. Aqui, pegue meu braço.

Lottie enganchou o braço no de Joe e virou-se de costas, esticando o pescoço para observar a parte da frente da Casa Arcádia. Era a única que ela já tinha visto com a frente e os fundos de igual suntuosidade. Era como se o arquiteto não suportasse a ideia de deixar uma das partes inferior à outra.

— Você não adoraria morar em uma casa como aquela, Joe?

Ela parou, sem se importar com a chuva. Estava um pouco zozna, como se tivesse sido afetada pelos acontecimentos da tarde.

Joe olhou para Lottie e depois para a casa, inclinando-se ligeiramente para se certificar de que a garota estava protegida pelo guarda-chuva.

— Parece mesmo um navio.

— Mas é de propósito, não é? Afinal, fica perto do mar.

Joe pareceu preocupado, como se estivesse deixando algo passar.

— Imagine. Você poderia fingir que estava em um transatlântico. Só navegando pelo oceano.

Ela fechou os olhos, esquecendo brevemente seu desentendimento com Celia, imaginando-se nos andares superiores da casa. Aquela mulher era muito sortuda por ter todo aquele espaço, toda aquela sala para se acomodar e sonhar.

— Se eu tivesse uma casa assim, acho que seria a garota mais feliz do mundo.

— Eu gostaria de morar em uma casa com vista para a baía.

Lottie olhou para ele, surpresa. Joe nunca expressava desejo sobre nada. Era uma das coisas que o tornavam uma companhia tão fácil, até mesmo sem desafios.

— É mesmo? Bom, eu queria uma casa com vista para a baía e que tivesse janelas tipo escotilha e um jardim enorme e maravilhoso.

Ele deu um sorriso discreto para ela, captando algo em seu tom de voz.

— E um lago enorme e lindo com cisnes — acrescentou, empolgada.

— E uma araucária — disse ele.

— Ah, sim! — concordou ela. — Uma araucária! E seis quartos, com um closet bem grande.

Eles diminuíram os passos, os rostos rosados sob a chuva fina soprada pelo mar.

Joe franziu o cenho, refletindo.

— E uma garagem onde caibam três carros.

— Ah, você e seus carros! Eu queria uma varanda grande no quarto que ficasse bem em cima do mar.

— E uma piscina embaixo. Assim, bastava pular da varanda quando quisesse mergulhar.

Lottie começou a rir.

— Primeira coisa a ser feita de manhã! De camisola! Isso! E uma cozinha embaixo para que a empregada preparasse meu café da manhã depois do mergulho.

— E uma mesa bem ao lado da piscina, onde eu ficaria observando você.

— E um guarda-sol daquele tipo que... O que você...

Lottie desacelerou o ritmo. Seu sorriso desapareceu, e ela o espiou, desconfiada, pelo canto do olho. Achou que talvez tivesse imaginado, mas o rapaz afrouxou o aperto em seu braço, como se já estivesse antecipando que ela fosse afastá-lo.

— Ah, Joe.

Ela suspirou.

Os dois subiram com dificuldade e em silêncio a trilha pela falésia. Uma gaivota solitária voava acima deles, pousando ocasionalmente na balaustrada, convencida, contrariando todas as evidências, da chegada iminente de um alimento.

Lottie balançou a mão para espantar a gaivota, sentindo-se furiosa de repente.

— Já disse, Joe, não estou interessada em você desse jeito.

O rapaz olhava para a frente, as bochechas um pouco ruborizadas.

— Gosto de você. Bastante. Mas não dessa maneira. Eu realmente gostaria que você não insistisse.

— Só pensei... pensei que quando você começou a falar sobre a casa...

— Era brincadeira, Joe. Uma brincadeira boba. Nenhum de nós dois algum dia vai ter uma casa da metade do tamanho daquela. Ah, não fique de mau humor, por favor. Ou vou ter que seguir sozinha pelo resto do caminho.

Joe parou, se desvencilhando do braço dela e virando-se para encará-la. Ele parecia muito jovem e misteriosamente determinado.

— Prometo não insistir, então. Mas se você se casasse comigo, Lottie, nunca mais precisaria voltar a Londres.

Ela ergueu o olhar para o guarda-chuva, depois encarou Joe, deixando que a chuva e os respingos do mar formassem uma névoa fina acima de sua cabeça.

— Eu não vou me casar. E já disse, nunca mais vou voltar. Mesmo.

2

A Sra. Colquhoun inspirou fundo, alisou a frente da saia e acenou com a cabeça para a pianista. Na sala apinhada de gente, sua voz de soprano aguda aumentou de tom, feito um estorninho jovem em seu primeiro voo. Depois colidiu como um faisão pesado, abatido, levando Sylvia e Freddie, que se refugiavam atrás da porta da cozinha, a escorregarem para o chão, comprimindo as bocas e um ao outro para evitar que suas gargalhadas escapassem.

Lottie repuxou os lábios numa tentativa de reprimir o sorriso.

— Eu não ria tanto — murmurou, com certa satisfação. — Vocês vão fazer um dueto com ela na festa das Viúvas e Órfãos.

Nos breves seis meses de existência, os “saraus” da Sra. Holden haviam conquistado certa fama (ou notoriedade — ninguém sabia definir bem) nos círculos mais refinados da sociedade de Merham. Quase todo mundo que se considerava importante frequentava as reuniões quinzenais aos sábados, que a Sra. Holden tinha criado na esperança de borrifar, segundo suas palavras, “um pouco de perfume cultural” na cidadezinha costeira. As senhoras eram convidadas a ler um trecho de um livro (o escolhido do mês era *The Collected Works of George Herbert*), tocar piano ou, se fossem corajosas, tentar cantar. Desse modo, não havia motivo para suas amigas da cidade grande sugerirem que elas viviam em um vazio, não é?

Se houvesse apenas um traço de queixa na voz da Sra. Holden quando ela fazia essa pergunta — o que de fato acontecia com frequência —, seria culpa da prima Angela, que morava em Kensington e certa vez sugerira, rindo, que a vida cultural de Merham poderia se beneficiar muito com a construção de um píer. Diante desse comentário, o sorriso fixo da Sra. Holden hesitara nitidamente, e ela levou alguns meses até convidar Angela outra vez.

No entanto, participar do sarau não era uma garantia de qualidade, como provavam os esforços vocais da Sra. Colquhoun. Por toda a sala, várias mulheres piscavam com força, engoliam em seco e bebericavam de suas xícaras com mais frequência do que o estritamente necessário. À

medida que a Sra. Colquhoun se aproximava do agonizante término da apresentação, algumas mulheres lançavam olhares furtivos para as outras. Era muito difícil saber até que ponto dava para ser sincera.

— Bem, não posso dizer que a conheci pessoalmente, mas ela *afirma* ser atriz — falou a Sra. Ansty quando os aplausos incertos se esvaneceram.

— Ela conversou com meu Arthur ontem, quando veio pegar creme para as mãos. Era muito... tagarela — completou, assegurando-se de acrescentar um tom de desaprovação à palavra.

Era para isso que as senhoras realmente tinham vindo. A conversa chegou ao fim, e várias delas se inclinaram por cima das xícaras.

— Ela é húngara?

— Não disse — respondeu a Sra. Ansty, apreciando seu papel de sabichona da vez. — Na verdade, meu Arthur comentou que, para uma mulher que fala tanto, ela quase não contou nada sobre si mesma.

As senhoras se entreolharam, erguendo as sobrancelhas, como se esse gesto fosse suspeito.

— Parece que tem um marido. Mas não vi nem sombra dele — acrescentou a Sra. Chilton.

— Um homem vai lá com frequência — comentou a Sra. Colquhoun, ainda corada por causa de seus esforços vocais.

Mas, para falar a verdade, ela costumava corar bastante: não era mais a mesma desde que o marido retornara da Coreia.

— Minha Judy perguntou à criada quem ele era, e a resposta foi apenas: “Ah, é o Sr. George.” Como se isso explicasse alguma coisa.

— Ele usa linho. O tempo todo — completou a Sra. Chilton.

Na opinião dela, tratava-se de uma autêntica extravagância. Viúva, a Sra. Chilton era proprietária da Uplands, uma das maiores pousadas à beira-mar. Isso normalmente a excluiria de uma reunião feito aquela, mas, como a Sra. Holden explicara a Lottie, todo mundo sabia que Sarah Chilton havia se casado com um homem de classe inferior à dela, e, desde a morte do marido, tinha se esforçado ao máximo para se tornar uma mulher renomada. Além disso, tomava conta de uma casa muito respeitável.

— Senhoras, alguém gostaria de um pouco mais de chá?

A Sra. Holden estava se inclinando na direção da porta da cozinha, tentando não se curvar exageradamente por causa da cinta. Ela havia comprado um tamanho menor, como Celia contara a Lottie em tom de zombaria. A peça deixava grandes marcas vermelhas em volta de suas coxas.

— Onde está aquela garota? Desde a manhã, não para em lugar nenhum.

— Ela disse para minha Judy que não queria vir. Eles estiveram em Londres, sabiam? Acho que foram embora com pressa.

— Bom, não fico surpresa em saber que ela é atriz. Ela se veste com uma *extravagância exagerada*.

— É bem isso mesmo — disparou a Sra. Chilton. — Parece que entrou no baú de fantasias de uma criança.

— Pois é, você viu? Toda vestida de seda e com acessórios chamativos às onze da manhã. Semana passada ela foi à padaria com um chapéu masculino. Um chapéu masculino! A Sra. Hatton ficou tão chocada que saiu de lá com meia dúzia de canudos recheados de creme que não tinha pedido.

— Por favor, senhoras — repreendeu a Sra. Holden, que não aprovava fofocas.

Lottie sempre suspeitou que isso se devia ao seu medo fundamentado de que ela própria pudesse parar na berlinda.

— Quem é a próxima? — perguntou a Sra. Holden. — Sarah, querida, você não ia ler um trecho adorável de Wordsworth? Ou do Sr. Herbert de novo? A parte sobre a vassoura?

A Sra. Ansty colocou a xícara com cuidado no pires.

— Bem, tudo o que posso dizer é que ela parece um... *pouco convencional* demais para o meu gosto. Podem me chamar de antiquada, mas gosto das coisas nos seus devidos lugares. Marido. Filhos. Não sair de um local às pressas.

Um nítido sinal de concordância veio de diversas ocupantes de cadeiras estofadas.

— Vamos começar com George Herbert. “Bati na mesa e gritei basta.” É este? — A Sra. Holden se esticou por cima da mesa para pegar o livro.

— Nunca me lembro das palavras exatas. Deirdre, você tem uma cópia?

— Bom, ela não convidou ninguém para ver a casa. Mas fiquei sabendo que já recebeu todo tipo de gente lá.

— Seria de se esperar uma reuniãozinha. Até mesmo os MacPherson fizeram isso. É uma gentileza, na verdade.

— Byron talvez? — continuou a Sra. Holden, desesperada. — Shelley? Não lembro a quem você estava se referindo. E onde está aquela garota? Virginia? Virginia?

Lottie voltou em silêncio para trás da porta. Ela se esforçava ao máximo para garantir que a Sra. Holden não a notasse, pois inúmeras

vezes era repreendida por ser “observadora” demais. Como dissera a Sra. Holden, Lottie tinha uma maneira esquisita de olhar para as pessoas, o que as deixava desconfortáveis. Ela replicou que não conseguia evitar: era como ser acusada de ter o cabelo liso demais ou as mãos com o formato errado. No fundo, achava que devia deixar a Sra. Holden pouco à vontade. Se bem que ultimamente tudo parecia deixá-la pouco à vontade.

A Sra. Holden tentava fazer com que as outras parassem de comentar sobre a atriz porque, como Lottie sabia, Adeline Armand também a deixava desconfortável. Quando ela descobriu que o Dr. Holden tinha passado lá para dar uma olhada no nariz de Frances, o queixo da Sra. Holden começou a exibir um tique semelhante ao que acontecia quando ele dizia que iria “chegar um pouco tarde” para o jantar.

Na sala contígua, Virginia surgiu pela porta do corredor e recolheu a bandeja. Sua presença aquietou brevemente as visitas. A Sra. Holden, suspirando de alívio de forma quase audível, começou a se mexer de um lado para outro, conduzindo-a entre as mulheres.

— A Associação de Pousadas vai ter uma reunião amanhã — anunciou a Sra. Chilton, limpando migalhas inexistentes dos cantos da boca assim que a criada se retirou. — Há a possibilidade de que todos precisemos aumentar as tarifas.

Adeline Armand foi temporariamente esquecida. Mesmo que as senhoras do sarau não estivessem entre as famílias dependentes do comércio das férias — a Sra. Chilton, na realidade, era a única que trabalhava de fato —, poucas tinham uma renda que não aumentasse com o fluxo de turistas no verão em Merham. A farmácia do Sr. Ansty, o alfaiate do Sr. Burton, que ficava logo atrás do calçadão, até o Sr. Colquhoun, que alugava o terreno para acampamento de trailers... todos lucravam mais nos meses de verão e, por isso, prestavam atenção redobrada às opiniões e decisões da Associação de Pousadas, que era extremamente poderosa e formada apenas por mulheres.

— Há a sugestão de passar para dez libras por semana. É quanto cobram em Frinton.

— Dez libras! — Um murmúrio de exclamação ecoou pela sala.

— Todos vão preferir Walton, com certeza — comentou a Sra. Colquhoun, pálida. — Afinal, lá existe entretenimento.

— Bem, Deirdre, preciso confessar que estou do seu lado — disse Sarah Chilton. — Pessoalmente, acho que não vão acatar. E, com uma primavera com tanto vento quanto a nossa, acho que não devemos pressionar. Mas, no que se refere à Associação, parece que sou minoria.

— Mas *dez libras*...

— As pessoas não vêm para cá pelo entretenimento. Vêm para férias mais... requintadas.

— E são essas as pessoas que podem pagar.

— Ninguém está podendo pagar, Alice. Quem você conhece que tem dinheiro para esbanjar?

— Chega de falar de dinheiro — interrompeu a Sra. Holden quando Virginia apareceu com um bule de chá fresco. — É um pouco... vulgar. Vamos deixar as senhoras da Associação resolverem isso. Tenho certeza de que elas entendem do assunto. Então, Deirdre, o que você fez com os cupons de racionamento? Sarah, você deve estar aliviada por seus hóspedes não precisarem mais trazê-los. Eu queria jogar os nossos no lixo, mas minha filha disse que devíamos emoldurar. Emoldurar! Dá para acreditar?

* * *

Lottie Swift tinha olhos escuros, quase pretos, e cabelo castanho macio bem típico das pessoas do subcontinente asiático. No verão, sua pele bronzeava rápido demais, e no inverno costumava ficar amarelada. A inconveniência de uma pele tão escura, ainda que delicada, era uma das coisas sobre a qual a mãe de Lottie e Susan Holden teriam concordado caso tivessem se conhecido. Já Celia generosamente a via como uma Jean Simmons ou Vivien Leigh de pele mais escura. A mãe de Lottie enxergava apenas “um toque de sangue negro”, ou uma recordação do marinheiro português que conhecera brevemente, mas que deixara consequências duradouras, quando comemorou seu décimo oitavo aniversário perto das docas na parte leste de Tilbury. “Você tem o sangue do seu pai”, murmurava ela em tom acusatório conforme Lottie crescia. “Para mim, seria melhor se você tivesse desaparecido junto com ele.” Depois ela puxava Lottie com força para estrangulá-la em um abraço apertado e a afastava também com um movimento brusco, como se um contato tão próximo só fosse recomendável até certo limite.

A Sra. Holden, ainda que menos insensível, se perguntava se Lottie não poderia manter as sobrancelhas mais bem-feitas. E pensava se seria aconselhável ela passar tanto tempo no sol “considerando como você fica morena. Não quer que as pessoas a confundam com... bem, uma cigana ou algo parecido”. Depois desse comentário, ela havia se contido, como se

receosa por ter falado demais, a voz cheia de compaixão. Mas Lottie não se ofendera. Era difícil ser ofendida por alguém de quem sente pena.

No entanto, de acordo com Adeline Armand, a cor de Lottie não era uma evidência de seu status inferior ou da ausência de linhagem. Era mais uma prova do ar exótico que ela ainda não tinha aprendido a sentir, a comprovação de uma beleza estranha e única.

— Frances deveria pintar você. Frances, você deveria pintar a moça. Não com essa roupa horrível, essa sarja de algodão. Não, algo brilhante. Sedoso. Fora isso, querida Lottie, você é poderosa com qualquer roupa que vestir. Você... é ardente, *non*? — comentou Adeline com um sotaque tão forte que Lottie precisou se esforçar para ter certeza de que não estava sendo insultada.

— Está mais para decadente — disse Celia, nada satisfeita com os comentários de Adeline.

Ela estava acostumada a chamar atenção. Tudo o que Adeline dissera sobre a aparência de Celia fora “tão encantadora e tipicamente inglesa”. Foi a palavra “tipicamente” que magoou.

— Ela parece a Frida Kahlo. Não acha, Frances? Os olhos? Você já posou para alguém?

Lottie fitou Adeline com o olhar vazio. Posou onde?, queria perguntar. A mulher mais velha aguardava.

— Não — interrompeu Celia. — Eu já. Uma vez, quando eu era mais nova, pintaram o retrato da minha família. Está em nossa sala.

— Ah. Um retrato de família. Muito... respeitável, com certeza. E você, Lottie? Sua família já posou?

Lottie olhou para Celia, imaginando, em cima da lareira, um quadro da mãe, com os dedos calejados e manchados de costurar sapatos de couro na fábrica, sentada como Susan Holden. Em vez de uma postura elegante, com as mãos cruzadas no colo, ela exibiria um ar carrancudo, a boca formando uma linha fina de descontentamento, o cabelo ralo e tingido puxado para trás com dois grampos sem graça e enrolado sem sucesso com bobes. Lottie estaria ao lado dela, inexpressiva, os olhos escuros aparentemente tão observadores como de costume. No lugar onde o Dr. Holden se posicionara, atrás da família, haveria um grande espaço vazio.

— Faz tempo que Lottie não vê a família, não é, Lots? — interveio Celia, de maneira protetora. — Provavelmente nem lembra se há um retrato.

Celia sabia muito bem que o mais perto que a mãe de Lottie chegara de ter um retrato foi quando apareceu no jornal, na fila de funcionárias da

fábrica, no dia em que o Empório do Couro abriu, logo após o fim da guerra. A mãe de Lottie havia recortado a foto, e a menina a guardara por muito tempo, até depois de o papel ficar amarelado e amassado, mesmo que o rosto da mãe aparecesse tão pequeno e indistinto que fosse impossível saber se era mesmo ela.

— Para falar a verdade, não costumo mais ir a Londres — respondeu devagar.

Adeline se inclinou em sua direção.

— Então temos que providenciar um retrato seu, para oferecer à sua família quando você for visitar.

Ela tocou na mão de Lottie, que, hipnotizada pela maquiagem elaborada dos olhos de Adeline, se sobressaltou, meio temerosa de que a mulher fosse tentar beijar sua mão.

Era a quinta visita que as garotas faziam à Casa Arcádia, e durante esse período a reserva inicial das duas sobre as pessoas estranhas e possivelmente ativas que moravam lá foi aos poucos se dissipando. O sentimento fora substituído pela curiosidade e por uma crescente noção de que qualquer outra coisa que acontecesse na casa, apesar das pinturas de nus e das situações domésticas duvidosas, era muito mais interessante do que suas tradicionais alternativas: andar para cima e para baixo na cidadezinha, servindo de juízes para as crianças ou se enchendo de sorvete ou café na lanchonete.

Não, como um espetáculo teatral contínuo, sempre havia alguma coisa acontecendo na casa. Estranhos frisos pintados apareciam no batente das portas ou em cima do fogão. Trechos escritos — em geral sobre a obra de artistas ou atores — eram rascunhados e pregados ao acaso nas paredes. Alimentos exóticos surgiam, enviados por pessoas de diversas propriedades em todo o país. Visitantes novos se metamorfoseavam e depois sumiam, raramente ficando — a não ser por um grupo pequeno — por tempo suficiente para se apresentarem.

As garotas eram sempre bem-vindas. Certa vez chegaram a tempo de ver Adeline vestindo Frances como uma princesa da Índia, cobrindo-a com sedas escuras pontilhadas de fios dourados e fazendo desenhos elaborados nas mãos e no rosto da mulher. Ela própria estava vestida feito um príncipe, com um ornamento na cabeça tão cheio de enfeites extravagantes de pavão e tecido de trama sofisticada que devia ser genuíno. Marnie, a criada, mantinha uma aparência hostil enquanto Adeline pintava a pele de Frances com chá frio, retirando-se muito indignada quando foi instruída a buscar farinha para deixar o cabelo de Adeline com

aparência grisalha. Depois, enquanto as garotas observavam em silêncio, as duas mulheres fizeram diversas poses, e um rapaz magro que se apresentou de forma bastante pomposa como estudante da “Escola de Modotti” tirou fotos delas.

— Temos que ir a algum lugar com essas roupas. Londres, talvez — dissera mais tarde Adeline, em tom agudo, enquanto observava sua nova aparência no espelho. — Seria tão divertido!

— Como o embuste de Dreadnought.

— O quê?

Celia tinha temporariamente esquecido os bons modos, o que acontecia com frequência na Arcádia.

— Uma brincadeira ótima encenada por Virginia Woolf. Muitos anos atrás — explicou George, que se levantou e observou toda a arrumação.

Ele parecia estar sempre apenas observando.

— Ela e os amigos se pintaram de preto e viajaram para Weymouth como se fossem o imperador da Abissínia e sua “corte imperial”. Um tenente ou coisa do gênero acabou dando a eles uma saudação real e os acompanhou por todo o encouraçado HMS Dreadnought. O que causou um rebuliço aterrorizante.

— Mas muito engraçado — disse Adeline, batendo palmas. — Sim! Podíamos nos tornar o rajá do Rajastão. E visitar Walton-on-the-Naze.

Ela rodopiava por todo lado, rindo, o casaco chamativo esvoaçando ao seu redor. Ela era desse jeito às vezes: infantil, exuberante, como se nem de longe fosse adulta, sobrecarregada pelas responsabilidades e preocupações que vinham com o fato de ser mulher. Era mais como Freddie ou Sylvia.

— Ah, Adeline. Nada tão teatral. — Frances parecia relutante. — Lembre-se da Calthorpe Street.

Ela era assim. Mais tarde Celia confidenciou que passava metade do tempo sem compreender direito uma palavra do que era dito. Não se tratava apenas do sotaque. Eles não falavam sobre assuntos normais, como os acontecimentos da cidade, o preço das coisas e o clima. Seguiam pela tangente e comentavam sobre escritores e pessoas das quais Lottie e ela nunca tinham ouvido falar, se enroscando uns aos outros de uma maneira que as garotas sabiam que a Sra. Holden consideraria escandalosa. E discutiam. Meu Deus, como discutiam. Sobre a afirmação de Bertrand Russel de que deveriam proibir a bomba. Sobre poesia. Sobre qualquer coisa. A primeira vez que Lottie ouviu Frances e George “discutindo” a respeito de alguém chamado Giacometti, a disputa ficou tão feroz e

calorosa que ela teve medo de que Frances apanhasse. Era o que sempre acontecia na casa de Lottie quando a mãe discutia com os namorados naquele tom. Na casa dos Holden, ninguém nunca se desentendia. Mas Frances, a Frances melancólica e normalmente subjugada, rebateu todas as críticas que George fez a esse Giacometti, e, no final, após dizer que o problema era que ele precisava “reagir com o instinto, e não com o intelecto”, saiu da sala. Então voltou meia hora depois, como se nada tivesse acontecido, para perguntar se ele poderia levá-la de carro ao centro da cidade.

Eles não pareciam obedecer a nenhuma regra social normal. Certa vez Lottie foi sozinha, e Adeline percorreu a casa com ela, mostrando as dimensões e os ângulos singulares de cada cômodo, ignorando as pilhas de livros e os tapetes empoeirados em vários cantos, fora do lugar. A Sra. Holden nunca deixaria alguém ver a própria casa nesse estado inacabado, frequentemente sujo. Adeline, porém, nem parecia notar. Quando Lottie, hesitante, apontou a ausência de uma peça do corrimão em uma das escadas, Adeline pareceu um pouco surpresa e comentou, naquele sotaque impenetrável, que veriam se Marnie poderia dar um jeito naquilo. E o seu marido?, Lottie teve vontade de perguntar, mas Adeline já estava em outro cômodo.

E ainda havia o comportamento dela com Frances: menos como irmãs (elas não discutiam feito irmãs) e mais como duas pessoas casadas há muito tempo, terminando as frases uma da outra, rindo de piadas internas, interrompendo relatos semiexplicados sobre lugares onde as duas estiveram. Adeline dizia tudo e não revelava nada. Quando Lottie refletia, após cada visita, sobre o que a mulher fazia — aqueles períodos eram tão repletos de cores e sensações que precisavam ser digeridos lentamente mais tarde —, ela percebia que não sabia mais a respeito da atriz do que descobrira em sua primeira ida à casa. O marido, a quem ela ainda não se referira pelo nome, estava “trabalhando no exterior”. O “querido George” mexia com economia — “uma mente tão brilhante”. (“Um dândi tão brilhante, aposto”, disse Celia, atraída pelo homem vestido de linho.) A posição de Frances na casa nunca foi explicada, mas as garotas observaram que, ao contrário de Adeline, ela não usava aliança. Adeline também não fez muitas perguntas sobre Lottie, tendo estabelecido apenas os detalhes que precisava levar em consideração: se ela já fora retratada em uma pintura, se estava interessada em determinadas coisas. Adeline não demonstrava nenhum interesse na história de Lottie, em seus pais, seu lugar no mundo.

Era uma situação extremamente esquisita para Lottie, que crescera em duas casas onde, apesar da infinidade de diferenças, a história de uma pessoa indicava tudo o que provavelmente aconteceria a ela. Em Merham, aquilo significava que ela recebia todas as vantagens a que Celia tinha direito — em termos de ensino, educação, vestuário e alimentação —, por mais que ambas estivessem cientes, de modo sutil, de que essas ofertas não eram incondicionais, sobretudo porque Lottie estava se aproximando da maioridade. Fora da casa, as Sras. Ansty e Chilton e as Sras. Colquhoun avaliariam uma pessoa por seu histórico e seus relacionamentos e atribuiriam todo tipo de características simplesmente a essas virtudes, como, por exemplo, “Ele é um Thompson. Todos costumam ser preguiçosos”, ou “Ela estava fadada a ir embora. A tia fugiu dois dias depois do parto”. As senhoras não se interessavam em saber o que importava para as pessoas, no que acreditavam. Celia sempre estaria ligada ao grupo, por ser a filha do médico, por pertencer a uma das melhores famílias de Merham, apesar de oficialmente ter se tornado “A Complicada”. No entanto, se Lottie tivesse se virado para a Sra. Chilton e perguntado, como fez Adeline Armand certa vez: “Se a senhora pudesse acordar no corpo de outra pessoa só por um dia, quem seria?”, a Sra. Chilton teria sugerido que Lottie fosse enviada para a adorável instituição em Braintree, onde havia médicos capazes de lidar com gente feito ela... Assim como acontecera com a pobre Sra. McGrath, que estava internada lá desde que a menstruação a deixou esquisita.

Eles são definitivamente boêmios, concluiu Lottie, que acabara de aprender a palavra. E era de se esperar essa situação de boêmios.

— Não me importo com o que são — disse Celia. — Mas são infinitamente mais interessantes do que as velhas entediadas que vivem por aqui.

* * *

Não era comum Joe Bernard ser o centro da atenção não de uma, mas de duas das jovens mais atraentes de Merham. Quanto mais tempo se passava com Adeline Armand morando na cidade, mais inquietação era demonstrada sobre o seu estilo de vida não convencional, de modo que Lottie e Celia haviam se tornado cada vez mais inventivas na arte de disfarçar as visitas. E, na tarde de sábado em que houve a festa ao ar livre, elas não tiveram opção a não ser chamar Joe. A presença da maior parte das mães de seus amigos na casa significava que elas não podiam dar a

desculpa de que fariam uma visita. Já Sylvia, revoltada por Celia ter voltado atrás na promessa de deixá-la usar seu novo toca-discos, ameaçava segui-las e contar se fossem a qualquer lugar proibido, por mais remoto que fosse. Assim, Joe, que estava de folga da oficina, concordou em buscá-las de carro e fingir que as estava levando para um piquenique em Bardness Point. Ele não ficou muito contente (não gostava de mentir, pois corava ainda mais do que de costume), mas Lottie havia usado aquilo a que Celia se referia como seu “olhar ardente”, portanto Joe estava no papo.

Fora da penumbra filtrada da sala da frente da Sra. Holden, o clima estava glorioso, o tipo de sábado de maio que anunciava as tardes quentíssimas de verão que estavam por vir, enchendo as ruas de Merham de famílias a passeio e colocando as bolas de praia e os cartões-postais das vitrines das lojas nas calçadas. O ar se enchia dos gritos das crianças superanimadas, além da mistura de aromas de algodão-doce e bronzeador. Os ventos cortantes que até então castigavam a costa leste tinham abrandado nos últimos dias, elevando as temperaturas e os humores e fazendo parecer, prematuramente, o primeiro dia de verão autêntico. Lottie se debruçou na janela e ergueu o rosto em direção à luz. Mesmo depois de tantos anos, ela ainda sentia uma animação leve e empolgante por estar à beira-mar.

— Então, Joe, o que você vai fazer enquanto estivermos lá? — perguntou Celia no banco de trás do carro, enquanto passava batom.

Joe atravessou a passagem de nível que demarcava a separação entre as duas partes da cidade. Embora, em linha reta, a Casa Arcádia ficasse a uma distância de menos de um quilômetro e meio da Woodbridge Avenue, para chegar lá de carro era preciso entrar no centro da cidade, passar pelo parque municipal e sair pela sinuosa estrada costeira.

— Vou para Bardness Point.

— Como assim? Sozinho?

Celia fechou o estojo de pó compacto com um estalo. Ela usava luvas brancas curtas e um vestido vermelho brilhante com uma saia rodada que apertava a cintura até quase doer. Celia não precisava de cinta, ainda que a mãe estivesse sempre tentando convencê-la a usar. Aparentemente, o acessório a sustentaria de modo “apropriado”.

— É só para o caso de sua mãe me perguntar sobre o tempo quando eu for levar vocês de volta. Tenho que saber como está lá em cima, para não me atrapalhar na hora de dar a informação.

Lottie sentiu um súbito peso na consciência por estarem usando Joe daquela forma.

— Tenho certeza de que você não precisa fazer isso, Joe — disse ela. — Pode nos deixar do lado de fora quando for nos levar de volta. Ela não vai ter oportunidade de perguntar nada.

Com o queixo firme, Joe indicou que viraria à direita na rua principal.

— Sim, mas se eu fizer isso minha mãe vai perguntar por que eu não mandei o beijo dela e vai ficar chateada.

— Bem lembrado, Joe — disse Celia. — E certamente minha mãe vai querer mandar um oi para a sua.

Lottie tinha certeza absoluta de que a Sra. Holden não gostaria de fazer nada parecido.

— E o que acontece nessa casa, afinal? A que horas devo buscar vocês?

— É uma festa ao ar livre, então imagino que vão servir um chá, não acha, Lots?

Lottie não conseguia imaginar pães de ló e bolinhos sendo servidos na Casa Arcádia. Mas também não imaginava uma festa ao ar livre de outro modo.

— Acredito que sim — respondeu.

— Que tal cinco e meia? Ou seis horas?

— Melhor cinco e meia — disse Celia, acenando para alguém pela janela antes de lembrar que estava no carro de Joe e afundar silenciosamente no banco traseiro. — Assim, voltamos para casa antes que minha mãe reclame.

— Não vamos esquecer isso, Joe.

Ao chegarem, só havia dois carros na entrada, uma quantidade tão pequena que Joe comentou, fazendo Celia, que já estava um pouco impaciente com tanta animação, disparar em resposta:

— Que bom, então, que você não foi convidado.

Ele não retrucou; nunca o fazia. Mas também não sorriu, nem quando Lottie apertou seu braço como um pedido de desculpas ao saírem do carro. E foi embora sem acenar.

— Eu realmente detesto homem de mau humor — comentou Celia, empolgada, quando tocaram a campainha. — Espero que não sirvam bolo de coco. Detesto bolo de coco.

Lottie estava um pouco enjoada. Ela não tinha nem de longe a mesma voracidade de Celia em relação a reuniões sociais, em grande parte porque ainda ficava constrangida ao explicar a própria vida para quem não a conhecia. As pessoas nunca se davam por satisfeitas se ela apenas dissesse

que morava com os Holden. Queriam saber por quê, depois por quanto tempo, e se ela sentia saudade da mãe. Na última festa ao ar livre da Sra. Holden (para as Crianças Pobres da África), ela cometeu o erro de admitir que fazia mais de um ano que não via a mãe, o que a tornou alvo da piedade alheia e a deixou desconfortável.

— Eles estão lá fora — disse Marnie ao abrir a porta, com uma expressão mais séria do que a habitual, se é que isso era possível. — Vocês não vão precisar das luvas — murmurou enquanto as seguia pelo corredor, apontando para a parte de trás.

— Tiramos ou não? — sussurrou Celia a caminho da área iluminada.

Lottie, com os ouvidos já treinados para escutar as vozes lá fora, não respondeu.

Logo ficou claro que não se tratava de uma festa ao ar livre nos moldes conhecidos. Não havia uma tenda (a Sra. Holden sempre insistia em usar uma tenda, caso chovesse) e nenhuma mesa. Onde ficaria a comida?, pensou Lottie, distraída, e depois se repreendeu por parecer Joe falando.

Elas atravessaram o pátio, e Marnie apontou para os degraus que levavam até a pequena faixa de praia particular. Era lá, espalhados em uma variedade de mantas, que os convidados da festa ao ar livre se acomodavam, alguns esparramados com os pés descalços, outros sentados, entretidos em conversas animadas.

Adeline Armand estava sentada em um xale verde-menta feito de um tecido brilhante de seda. Usava um vestido de alça de tecido leve e ondulado rosa-claro e um chapéu branco grande e mole com abas largas: o traje mais convencional que Lottie já a vira usar. Ela estava cercada por três homens, incluindo George, que puxava as folhas de uma planta peculiar (uma alcachofra, como identificou Adeline mais tarde) e as oferecia para ela, uma a uma, à sombra parcial de um grande guarda-sol. Frances usava traje de banho, deixando à mostra seu corpo surpreendentemente magro e bem torneado. Ela estava de pé, mais confortável com a pele nua do que vestida, os ombros jogados para trás enquanto morria de rir do que o vizinho acabara de dizer. Havia pelo menos quatro garrafas de vinho tinto abertas. Lottie não reconheceu nenhuma das pessoas ali. Ficou parada, sentindo-se uma idiota, com uma roupa muito formal e luvas brancas. Celia, ao lado de Lottie, tentava tirar as luvas com as mãos às costas.

George, subitamente olhando para cima, notou a presença das garotas.

— Bem-vindas ao nosso pequeno *déjeuner sur l'herbe*, meninas — gritou ele. — Venham se sentar.

Celia já havia tirado os sapatos, chutando-os para longe. Ela caminhou pela areia até onde George estava, prestando atenção onde pisava e balançando os quadris, do jeito que Lottie a vira praticar em casa quando a outra achava que ninguém estava olhando.

— Estão com fome? — perguntou Frances, que parecia estranhamente alegre. — Temos truta e uma deliciosa salada de ervas. E também vinho Pato Frio. Acho que ainda sobrou um pouco.

— Já comemos, obrigada — respondeu Celia, sentando-se.

Lottie se acomodou ligeiramente atrás dela, desejando que mais pessoas estivessem em pé, para não se sentir tão visível.

— Que tal uma fruta? Temos morangos maravilhosos. Marnie já os levou para dentro?

— Elas não querem comer. Preferem uma bebida — disse George, que já tinha se ocupado enchendo duas grandes taças de vinho tinto. — Aqui está — continuou, erguendo uma delas em direção à luz. — Esta é para a Chapeuzinho Vermelho.

Celia olhou para a própria saia, e em seguida ergueu os olhos, satisfeita com a atenção.

— Saúde para o frágil florescer da juventude.

— Ah, George.

Uma mulher loura usando imensos óculos de sol se inclinou e bateu de leve no braço dele, de um jeito que deixou Celia arrepiada.

— Bem, elas deveriam aproveitar enquanto são jovens. — Ele tinha o ar descontraído e a entonação arrastada de alguém que passou o dia bebendo. — Deus sabe que elas não terão essa aparência para sempre.

Lottie o encarou.

— Frances sabe. Espere cinco anos e elas irão se tornar matronas com quadris largos e uma dupla de fedelhos puxando a saia. Distintas defensoras da virtude moral de Merham.

— Não sei nada disso — retrucou Frances, sorrindo e cruzando as pernas compridas na toalha de piquenique.

Algo no tom de voz de George deixou Lottie desconfortável. Celia, porém, pegou o cálice que ele lhe ofereceu e tomou metade em um gole só, como se aceitasse um desafio.

— Eu não — falou, rindo. — Você não vai me encontrar nesta cidade daqui a cinco anos.

— *Non?* E onde você vai estar?

Era impossível ver o rosto de Adeline por baixo do chapéu. Apenas sua boca pequena e delineada estava visível, curvada para cima em um sorriso

educado e curioso.

— Ah, não sei. Londres, talvez. Cambridge. Quem sabe até Paris.

— Não se seguir o que sua mãe quer. — Alguma coisa na naturalidade determinada de Celia em meio a essas pessoas irritava Lottie. — Ela quer que você continue aqui.

— Ah, ela vai se acostumar no fim das contas.

— É o que você pensa.

— Qual é o problema? — perguntou George, aproximando seu lindo rosto de Celia. — Mamãe está preocupada com seu bem-estar moral?

Algo no jeito como Celia e George se entreolharam provocou um aperto no peito de Lottie.

— Bom... — disse Celia com malícia. Os olhos dela exibiam um súbito lampejo de promessa. — Afinal, há uma porção de lobos maus no bosque.

Lottie acabou se acomodando na ponta do xale de Adeline, resistindo à vontade, mesmo estando ali sentada, de tirar a areia das dobras do tecido. Tinha a impressão de estar vestida de maneira suburbana e formal demais, e encontrava dificuldade em se entrosar nas conversas, o que fazia com que se sentisse idiota. Adeline, que normalmente se empenhava ao máximo para deixá-la à vontade, estava envolvida na conversa com um homem que Lottie nunca vira. Ela bebericou o vinho, tentando não fazer careta, e pegou uma cumbuca com cerejas.

— Que casa fabulosa, Adeline, querida. Mais *moderne* do que *déco*, não acha?

— Óbvio que Russel é um tolo. E, se acha que Eden vai dar um pingão de atenção a ele e aos seus malditos cientistas, então é um tolo iludido.

— Já disse que Archie finalmente emplacou uma obra na Exposição de Verão? Parece um selo postal pendurado na parede, mas não se pode ter tudo...

Foi uma tarde longa. Não havia bolos de coco. Lottie, com o cardigã nos ombros para evitar que se bronzeasse, observava a maré se afastar aos poucos, ampliando a praia e transformando em uma bolha inchada o castelo elaborado que deve ter sido construído mais cedo naquela manhã. Às costas, ela ouvia Celia dando risadinhas frenéticas e concluiu que devia estar bebendo mais. As garotas só tinham tomado vinho no Natal, e até mesmo o dedinho de xerez que tiveram permissão de provar antes do almoço no ano passado havia deixado Celia rosada e sua voz dois tons acima. Lottie bebera metade da taça, antes de furtivamente jogar o conteúdo na areia atrás dela. Só essa quantidade já lhe deixara com dor de cabeça, e seu cérebro parecia confuso e embotado.

Quando Marnie recolheu as últimas travessas, Lottie se virou um pouco para ver Celia. Ela estava contando a George sobre “a última vez que esteve em Paris”. O fato de nunca ter ido a Paris parecia exercer um impacto insignificante em seu relato elaborado, mas Lottie, percebendo a tensão entre ela e a loura, achou que não seria justo prejudicá-la naquele momento. Por baixo dos óculos escuros, o sorriso da loura se transformou em um rosnado, e, farejando a vitória, Celia ficou exuberante.

— Claro que, na próxima vez que eu for, vou jantar no La Coupole. Já comeu lá? Dizem que a lagosta é maravilhosa.

Ela esticou as pernas à frente, deixando a saia acima dos joelhos.

— Estou morrendo de calor, George — disse a loura de repente. — Vamos entrar?

Ah, Celia, pensou Lottie. Você encontrou alguém à altura.

Celia lançou um olhar para George, que fumava um charuto, a cabeça inclinada em direção ao sol. O lampejo de uma expressão ameaçadora passou no rosto dela.

— Acho que está bem quente — disse George, sentando-se e tirando a areia das mangas da camisa.

Frances se levantou.

— Também estou ficando com calor. Acho que está na hora de dar um mergulho — sugeriu ela. — Você vem, Adeline? Alguém mais?

— Muito, muito sonolenta. Vou só observar — recusou Adeline.

George, balançando o cabelo escuro feito um grande cão peludo, começou a desabotoar a camisa, como se tivesse se animado de repente.

— É disso que precisamos — disse, apagando o charuto. — Um mergulho gostoso e refrescante. Irene?

A loura enrugou o nariz.

— Não trouxe minhas coisas.

— Você não precisa de roupa de banho para nadar, mulher. Basta ir de combinação.

— Não, George, de verdade. Vou ficar aqui olhando.

Os outros homens começaram a se despir, ficando apenas de short ou calça. Lottie, que estava quase dormindo, foi acordada com um sobressalto e ficou observando todo mundo tirar a roupa com uma inquietação silenciosa.

— Vamos, garotas. Lottie? Aposto que você sabe nadar.

— Ah, ela não entra na água.

Lottie tinha certeza de que Celia havia bebido demais. Ela nunca comentaria sobre o fato de Lottie não saber nadar (o que era um grande

constrangimento para um morador de cidade costeira) de maneira tão natural se estivesse sóbria. Lottie fulminou a amiga com o olhar, mas Celia não prestou atenção, pois estava ocupada travando uma batalha com o zíper da roupa.

— O que está fazendo?

— Vou nadar. — Celia abriu um sorriso largo. — Não me olhe assim, Lots. Estou de combinação. Não é tão diferente de um traje de banho.

Então se afastou, dando gritinhos agudos e fazendo algazarra enquanto acompanhava George e várias outras pessoas até a beira. Frances seguiu com dificuldade até ficar com água na altura da cintura, depois mergulhou como um golfinho, o maiô tão molhado e brilhante quanto a pele de uma foca.

Celia, ao chegar perto da água, avançou até cobrir os joelhos e hesitou, então George agarrou seu braço e, rindo, a girou e a derrubou na água. Os outros convidados se levantaram e se jogaram nas ondas, empurrando e molhando uns aos outros. Os homens estavam nus da cintura para cima, as mulheres vestiam finas camadas de roupa íntima de renda. Lottie notou que nenhuma delas usava cinta.

No entanto, na primeira vez que Celia se virou a fim de acenar para ela, Lottie desejou que a Sra. Holden tivesse conseguido convencer a filha a usar o acessório: como a roupa de baixo estava ensopada, dava para ver praticamente todo o corpo de Celia. Abaixo-se, fique debaixo da água, ela tentou explicar a Celia com gestos, acenando em vão com as mãos, mas a amiga, rindo com a cabeça jogada para trás, não reparava nela.

— Não se preocupe, querida. — A voz de Adeline saiu baixa e íntima ao seu lado. — Ninguém vai reparar. Quando estamos na França, ficamos praticamente nuas da cintura para cima.

Lottie, tentando não pensar demais sobre o que tais temporadas na França poderiam envolver, respondeu com um sorriso bobo e esticou a mão para pegar a garrafa de vinho. Sentia necessidade de ingerir alguma coisa forte.

— É por causa da Sra. Holden — disse em voz baixa. — Acho que ela não vai ficar muito satisfeita.

— Então, aqui está. — Adeline lhe entregou seu xale, que era grande e tinha uma estampa ousada. — Vá lá e dê isso a ela. Diga que é um sarongue e que eu falei que todas as pessoas sofisticadas estão usando.

Lottie sentiu vontade de dar um beijo em Adeline. Pegou o xale e caminhou pela praia, amarrando o cardigã na cintura. No meio da tarde, a possibilidade de se bronzear era mínima.

— Olhe aqui — gritou, com as ondas que iam e viam, tocando seus pés descalços. — Celia, experimente esse xale.

A amiga não a ouviu. Ou talvez não quisesse ouvi-la. Ela dava gritinhos enquanto George mergulhava para segurá-la pela cintura, erguendo-a no ar e jogando-a no raso.

— Celia!

Foi em vão. Lottie se sentia uma tia velha e autoritária.

Por fim, George acabou notando Lottie. Passou pelas ondas com dificuldade para se aproximar, o cabelo grudado na cabeça, a calça enrolada na bainha e colada nas coxas.

Lottie tentou manter os olhos fixos em qualquer ponto acima da cintura dele.

— Pode entregar isso para Celia? Adeline disse que é um sarongue, ou coisa parecida.

— Um sarongue, é?

George pegou o xale e olhou para trás, na direção de Celia, que estava se jogando de costas nas ondas.

— Acha que ela precisa se cobrir um pouco, não acha?

Lottie o fitou, séria.

— Acho que ela não percebeu como está exposta.

— Ah, Lottie, Lottie, pequena e séria guardiã da moral... Veja só você, toda exaltada e aborrecida por causa de sua amiga.

Ele olhou de novo para o xale, o sorriso aumentando.

— Tenho uma solução melhor — disse. — Acho que é você quem precisa se refrescar um pouco.

E, sem aviso, envolveu a cintura de Lottie com os braços, levantou-a e colocou-a por cima dos ombros molhados.

Quando ele começou a correr, Lottie percebeu que estava sacolejando e entrou em pânico. Tentou colocar o braço para trás a fim de garantir que a saia tapasse a calcinha. Logo depois ela caiu; uma enorme onda de água salgada cobriu seu rosto, e, tossindo e se debatendo, Lottie se esforçou para alcançar o fundo com os pés. Ouviu risos abafados acima, até que, ofegante, colocou a cabeça para fora da água.

Ela deu um jeito de ficar de pé e parou por um segundo, os olhos ardendo, o sal queimando no fundo da garganta. Sentiu ânsia de vômito algumas vezes e voltou para a areia às cegas. Quando chegou, se curvou, respirando com dificuldade. As camadas da anágua do vestido estavam grudadas em suas pernas. A blusa, de um algodão claro, tinha ficado quase transparente, nitidamente revelando os contornos do sutiã. Ao levar a mão

ao cabelo, descobriu que estava solto, pois a presilha de tartaruga que o mantinha preso para trás caíra.

Ela ergueu o olhar e se deparou com George, sorrindo com as mãos no quadril. Celia, atrás dele, parecia surpresa, apesar de achar graça.

— Seu porco imundo. — As palavras saíram da boca de Lottie antes mesmo que ela se desse conta de que iria pronunciá-las. — Seu porco imundo e maldito. Isso foi um *absurdo*.

Por um momento, George pareceu surpreso. Atrás dela, a conversa animada nas toalhas de piquenique foi interrompida.

— Ah, é mesmo muito engraçado para você, droga — gritou ela, sentindo um grande nó no fundo da garganta, as lágrimas ameaçando brotar. — Você, com sua montanha de dinheiro e seus malditos ternos de linho! Não importa que suas roupas sejam destruídas. Olhe só meu vestido! Olhe bem! É o melhor que eu tenho! A Sra. Holden vai me matar! E você perdeu minha maldita presilha.

Para seu completo terror, as lágrimas vieram à tona — lágrimas quentes de frustração e humilhação.

— Calma, Lots — disse Celia, consternada.

Lottie sabia que a estava envergonhando, mas não se importava.

— Vamos lá, Lottie. Foi só uma brincadeira — desconversou George, aproximando-se dela, irritado, mas também parecendo se desculpar.

— Bem, foi uma brincadeira de muito mau gosto.

Lottie olhou em volta e encontrou Adeline ao seu lado. Ela estava estendendo o xale para colocá-lo em volta dos ombros da menina. Havia uma leve repreensão em seu rosto. Lottie sentiu o cheiro forte de jasmim quando Adeline a cobriu.

— George, você precisa pedir desculpas. Lottie é nossa convidada, e você não tinha o direito de fazer aquilo. Lottie, eu sinto muito. Tenho certeza de que podemos pedir para Marnie lavar seu lindo vestido e ajeitar tudo.

Mas como vou voltar para casa?, pensava Lottie em desespero, confrontada por uma imagem de si mesma cambaleando pela rua com o boá de penas e os chinelos chineses de Adeline. Seu devaneio foi interrompido por uma voz na trilha do penhasco.

— Celia Jane Holden. Que *diabo* você acha que está fazendo?

Lottie deu meia-volta e se deparou com os rostos horrorizados da Sra. Chilton e da Sra. Colquhoun, que tinham seguido pelo caminho mais pitoresco a fim de voltar para casa na Woodbridge Avenue. Ao que parecia, o caminho acabara sendo mais pitoresco do que elas esperavam.

— Saia da água e vista-se imediatamente. *Onde* estão a decência e o decoro?

Celia ficou pálida. Mantinha as mãos junto ao peito, como se de repente tivesse se dado conta de que estava seminua. George ergueu as mãos para pedir calma, mas a Sra. Chilton havia se empertigado, de modo que seu peito parecia se erguer até logo abaixo do queixo, e não se mostrava disposta a ser tranquilizada.

— Não sei quem você é, mas já tem idade suficiente para entender essas coisas, rapaz. Convencer garotas respeitáveis a tirarem as roupas à luz do dia... Você é uma desgraça.

Ela notou as garrafas de vinho na areia.

— Celia Holden, acho bom você não ter bebido. Meu Deus do céu! Quer acabar com sua reputação? Sua mãe não vai ficar nada satisfeita com essa história.

Enquanto isso, a Sra. Colquhoun tapava a boca, chocada, como se tivesse testemunhado um sacrifício humano.

— Sra. Chilton... Eu realmente...

— Lottie? É você?

O queixo da Sra. Chilton se comprimiu tanto no pescoço que o resultado ficou parecendo um único tronco rosado de desaprovação. O fato de Lottie estar vestida não pareceu abrandar sua indignação.

— Venha para cá imediatamente. Andem, garotas, vocês duas, venham antes que alguém veja.

Ela puxou a bolsa para o peito, apertando-a com força.

— Não olhe para mim desse jeito, Celia. Não vou deixar vocês aqui com essa gente sem-vergonha. Eu mesma vou levar vocês duas para casa. Meu Deus, o que a coitada da sua mãe vai fazer com vocês é que eu não sei.

* * *

Exatamente três semanas depois, Celia foi fazer um curso de secretariado em Londres. Era para ser um castigo, e a Sra. Holden ficou um pouco irritada ao perceber que a filha não parecia arrependida; pelo contrário, aparentava estar indecentemente satisfeita por ir embora dali. Ela ficaria hospedada com a prima da Sra. Holden em Kensington e, caso se saísse bem no curso, teria a oportunidade de trabalhar no escritório do marido dela em Bayswater.

— Londres, Lots! E sem cafés de caridade e irmãos detestáveis por perto.

Celia tinha ficado com um bom humor fora do comum durante todo o período de preparativos da viagem.

Lottie, por sua vez, ouviu a amiga ser severamente repreendida pelo pai e ficou imaginando, na segurança silenciosa do quarto das duas, o que aconteceria com ela própria. Não disseram nada sobre mandá-la junto para Londres. Ela não queria ir. Porém, quando os ouviu murmurando sobre “influências nocivas”, soube que não era de Celia que estavam falando.

3

Verdade seja dita: ela não era uma garota com quem as pessoas simpatizavam, mesmo que se esforçasse bastante. Não havia nada realmente errado com a garota; era sempre prestativa, arrumada e costumava ser educada (ao contrário de Celia, Lottie não tinha inclinação para o que o Dr. Holden chamava de “histeria”). Mas ela podia ser terrivelmente rude com as pessoas. Tão áspera a ponto de ser considerada grosseira.

Quando a Sra. Chilton as trouxera de volta naquela horrível tarde de sábado (ela ainda tinha pesadelos com a história toda), Celia pelo menos fizera o favor de parecer envergonhada. Jogou os braços ao redor da cintura da mãe e suplicou: “Ah, mamãe, me comportei tão mal, mas peço muitas, muitas, muitas desculpas. De verdade, me perdoe.” Por mais furiosa que estivesse, a Sra. Holden ficou perplexa; até a expressão pétrea da Sra. Chilton se abrandou. Era muito difícil resistir a Celia quando ela se esforçava. Lottie, contudo, não se desculpou de forma alguma. Pareceu bastante contrariada quando lhe disseram para pedir desculpas por seu comportamento e retrucou dizendo que não apenas havia permanecido vestida, como também nunca teria entrado na água por livre e espontânea vontade, como as duas bem sabiam. Só que ela disse “sabiam, droga”, o que deixou a Sra. Holden indignada. A garota ainda era desbocada, apesar dos melhores esforços da mulher.

Não, disse Lottie. Ela não pediria desculpas pelo seu comportamento. Sim, estava arrependida de não ter sido honesta sobre o destino das duas naquele dia. Sim, estava lá quando Celia se despiu, ficando apenas com a roupa de baixo, e não fizera nada a respeito. Mas ela mesma fora mais vítima do que pecadora.

Nesse ponto, a Sra. Holden ficou ainda mais brava e mandou Lottie ir para o quarto. Ela odiava perder o controle, o que a deixou ainda mais ressentida com a garota. Então Sylvia entrou e disse — bem na frente da Sra. Chilton, imagine só — que vira Celia treinar um beijo nas costas da própria mão e que ela lhe contara que havia beijado “um monte” de

garotos simpáticos e sabia como fazer isso sem engravidar. Mesmo que fosse óbvio para a Sra. Holden que Sylvia havia se entusiasmado e contado algumas mentiras, ela sabia perfeitamente que Sarah Chilton seria incapaz de guardar o comentário da menina para si mesma, e isso a deixou ainda mais zangada com Lottie. Só podia ser Lottie... Não havia mais ninguém que pudesse ser o foco de sua fúria.

— A partir de hoje, não quero mais ver você perto daquela casa, ouviu bem, Lottie? — disse ela, subindo a escada depois de Sarah ir embora. — Estou realmente zangada com vocês duas. Muito zangada. E não vou deixar que envergonhem a família dessa forma novamente. Só Deus sabe o que o Dr. Holden vai dizer ao voltar para casa.

— Então não conte — sugeriu Lottie, saindo do quarto com uma expressão séria. — De qualquer modo, ele não está interessado em fofoca de mulher.

— Fofoca de mulher? É assim que você chama? — Susan Holden parou na escada, agarrando o corrimão. — Vocês duas me humilham na frente de pessoas educadas da sociedade, e você acha que tudo não passa de fofoca de mulher?

De dentro do quarto, ouviu Celia murmurar alguma coisa.

— O que foi? O que você disse?

Depois de um instante, a cabeça dela surgiu pelo batente da porta.

— Eu disse que lamento muito, mamãe, e que obviamente vamos ficar bem longe daquela “gente sem-vergonha”, como a Sra. Chilton descreveu com tanta eloquência.

A Sra. Holden lançou um olhar penetrante e severo para as meninas. Mas jurou ter visto Lottie exibir o mais tênue dos sorrisos. Depois, percebendo que não tinha mais nada para arrancar de nenhuma das duas, reuniu sua dignidade restante e desceu vagarosamente a escada até o lugar onde Freddie construía uma gaiola com caixotes velhos. No salão bom. Para morar lá.

Então Celia foi embora. Lottie, apesar de tomar cuidado para cumprir com todas as tarefas, apesar de se mostrar incansavelmente educada e de ajudar Sylvia com o dever de casa, fazia semanas que circulava apática pelos cantos, feito um cachorrinho doente, quando achava que ninguém estava olhando. Era bem cansativo. E, de algum modo, Susan Holden se sentia bem menos à vontade com a presença da garota na casa do que antes. Não que fosse admitir isso para alguém. Não após todo o trabalho árduo que visivelmente dispendera na criação da garota. É só que, com as duas moças, Susan as alimentava juntas, comprava roupas para elas

juntas, repreendia-as juntas, e até certo ponto era mais fácil considerar Lottie como parte da família. Sem a presença de Celia, ela se sentia incapaz de tratar Lottie da mesma maneira. Se admitia para si mesma, ficava inexplicavelmente mais ressentida. A garota parecia ter percebido, pois seu comportamento ficara ainda mais impecável, o que também era irritante.

Pior, a Sra. Holden tinha uma forte suspeita de que, apesar de tudo o que fora dito, Lottie ainda frequentava a casa daquela atriz. Oferecia-se para ajudar Virginia nas compras, o que nunca fizera, depois levava horas apenas para comprar um pouco de cavalinha. Ou então gastava metade do dia para buscar o jornal do Dr. Holden. Em duas ocasiões, ela voltou para casa cheirando a algo que definitivamente não podia ser adquirido na loja do Sr. Ansty. Em seguida, quando alguém lhe perguntava, Lottie fixava o olhar na pessoa e dizia, em um tom que, francamente, a Sra. Holden achava bastante agressivo, que Não, Ela Não Tinha Ido Para a Casa Da Atriz Porque A Sra. Holden Dissera Para Ela Não Ir, Certo? Às vezes, aquela garota realmente passava dos limites.

Ela já deveria saber disso, na verdade. Inúmeras pessoas lhe avisaram para não aceitar uma refugiada. A Sra. Holden não dera atenção aos que afirmaram que todas as crianças londrinas tinham piolho (embora houvesse examinado minuciosamente o cabelo de Lottie quando ela chegou), nem dera ouvidos àqueles que disseram que a menina roubaria, ou que os pais a seguiriam e acampariam na casa dos Holden, que nunca mais se livrariam deles.

Não, só havia a mãe, que nunca a visitou. Escreveu duas cartas para Susan Holden: uma após a primeira estadia longa, a agradecendo em uma caligrafia horrorosa, e a segunda, um ano depois, quando Susan convidou a criança a retornar. Mas a mulher pareceu bastante aliviada por se ver livre da filha.

E Lottie nunca roubou nada, nem fugiu, nem exagerou nos relacionamentos com os rapazes. Para ser sincera, a Sra. Holden era obrigada a reconhecer que tinha sido Celia quem avançou demais nessa direção. Lottie fez o que lhe mandaram: ajudou com os mais novos e se manteve bem e apresentável.

De repente, Susan Holden se sentiu culpada, lembrando Lottie aos oito anos, de pé na estação de trem de Merham, com os braços envolvendo, de forma protetora, a trouxa de roupas embalada em papel pardo. No meio de todo aquele caos, ela fitava a Sra. Holden em silêncio, com seus enormes olhos escuros, e, quando Susan começou a desejar boas-

vindas — mesmo naquela época a criança era bastante desconcertante —, ela ergueu a mão direita devagar e segurou a de Susan em um cumprimento. Foi um gesto curiosamente emocionante. E bastante desestabilizador também, sintomático de tudo o que ela foi desde então: retraída, observadora, cortês de forma bem reservada. Talvez fosse injusto ser tão severa com a garota. Na verdade, ela não tinha feito nada errado. Apenas teria que se adaptar à ausência de Celia. De qualquer maneira, Lottie os deixaria em breve, assim que arranjasse um bom emprego. E Susan Holden se orgulhava de seu senso de caridade cristão. No entanto, pensou em como Henry havia olhado para Lottie em uma ocasião, várias semanas atrás, quando a garota levantara a saia para entrar na piscina rasa com Frederick. E, mais uma vez, ficou bastante confusa em relação à sua hóspede.

* * *

Celia estava namorando. Não demorou muito, pensou Lottie com sarcasmo. Houve uma lacuna substancial entre as cartas, e então ela escreveu um relato entusiasmado sobre um problema terrível que enfrentara em uma estação de trem e como esse homem, com quem estava saindo, a “salvara”. Lottie não deu muita bola no início: Celia sempre exagerava. E ele não era o primeiro que ela jurava se tratar do homem certo. Mesmo no breve período em que estava em Londres. Houve o homem que ela conheceu no trem entre Bishops Stortford e Broxbourne; o que a atendeu no café na Baker Street, que sempre lhe servia um café extra quando o patrão não estava por perto; e o Sr. Grisham, professor de taquigrafia, que definitivamente examinara suas abreviações e seus símbolos com algo além de um interesse professoral. Mas então, aos poucos, as cartas passaram a contar menos sobre esses homens e as noites supostamente intermináveis com tia Angela e sua horrível prole e as garotas no curso de secretariado, e cada vez mais sobre jantares em restaurantes da moda e passeios que fizeram juntos em Hampstead Heath e a superioridade de Guy em absolutamente tudo, desde habilidades de interlocução até técnicas de beijo (“Pelo amor de Deus, queime isso antes que mamãe veja”).

Lottie leu e tentou decifrar o que era genuinamente verdadeiro. Por “família endinheirada”, ela decidiu que devia se tratar apenas de “casa própria com banheiro”; por “absolutamente adorável”, um rosto que não parecia o de um buldogue desagradável; e por “apaixonado, louco por

mim”, é provável que Celia quisesse dizer que Guy cumpria o compromisso de encontrá-la nos locais e horários combinados. Não era difícil ser um pouco cínica... Lottie já convivera muitos anos com Celia e aprendera da maneira mais penosa que ela e a veracidade nem sempre andavam juntas. A própria Lottie, por exemplo, ouvira da amiga que fora resgatada de um prédio em chamas durante um ataque aéreo; que era uma *émigrée* misteriosa proveniente da Europa Central; e que era uma órfã cujos pais haviam sido mortos por uma bomba durante a comemoração do aniversário de casamento em um jantar com salmão defumado e vodca comprada no mercado negro. Ela não questionara Celia em nenhuma dessas histórias, apesar de ficar cada vez mais consciente de sua origem. Ninguém nunca questionava Celia: era uma das coisas que Lottie havia aprendido na casa dos Holden. Compartilhavam o sentimento de que fazer isso seria como abrir a caixa de Pandora. Na verdade, ninguém nunca mencionava que ela contava mentiras inofensivas. A única vez que Lottie relatara uma dessas “inverdades” para a Sra. Holden, a mulher ficou bastante irritada e afirmou que tinha certeza de que se tratava de um engano e, francamente, Lottie estava sendo bastante grosseira insistindo naquilo. Talvez Celia nem mesmo tivesse namorado, pensou. Talvez todos aqueles homens fossem frutos da imaginação da amiga e, na verdade, ela passasse as noites bordando e praticando escalas no piano com os filhos de tia Angela. O pensamento a fez sorrir. Apenas para provocar Celia, Lottie não mencionou Guy na carta seguinte, mas fez várias perguntas sobre os filhos de tia Angela.

Os últimos dois meses haviam sido esquisitos; somente então Lottie estava se acostumando à vida sem Celia. No entanto, acompanhando esse bem-estar cada vez maior, ela percebeu uma tensão crescente na casa, como se a ausência da menina tivesse removido uma cola invisível que mantinha tudo no lugar. As ausências do Dr. Holden se tornaram mais frequentes, o que, de certa maneira, ampliou a fragilidade das ações da Sra. Holden no cotidiano. Enquanto isso, Freddie e Sylvia, como se reagissem a um alarme invisível, escolheram essa época para ficarem mais barulhentos e agitados, deixando em frangalhos o que restava dos “nervos” dela e dando ao Dr. Holden um pretexto para não voltar para casa. “Será que é impossível ter um momento de paz nesta casa?”, perguntava, em tom de voz baixo, porém aparentemente calculado, e a Sra. Holden se sobressaltava, feito um cão prestes a ser enxotado para fora em uma noite fria.

Lottie o observava em silêncio enquanto ele seguia para o escritório, ou, em alguma ligação noturna não anunciada, retribuía seu “boa noite, Lottie” com a mesma civilidade. Nunca era grosseiro com ela, jamais a fez se sentir uma aproveitadora na casa. Mas, para falar a verdade, durante metade do tempo ele nem sequer parecia notar a presença da garota.

Assim que Lottie chegou para morar com eles, o Dr. Holden parecia menos reservado. Era mais amistoso, sorria mais. Ou pelo menos ela se lembrava daquela época dessa forma. Na primeira noite na casa, quando Lottie chorou em silêncio, sem saber direito por quê, mas paradoxalmente com medo de que os anfitriões ouvissem e a mandassem de volta para casa, ele entrou no quarto dela sem fazer barulho e se sentou na cama. “Você não precisa ficar com medo, Lottie”, disse, colocando a mão seca e quente na cabeça da menina. “Imagino que a vida tenha sido bem difícil para você em Londres. Mas agora está a salvo.”

Lottie ficou muda de surpresa. Nenhum adulto jamais falara com ela desse jeito. Com seriedade. E preocupação. E sem qualquer ameaça ou desprezo. A maioria dos adultos nem se lembrava do nome dela.

— Pelo tempo em que permanecer aqui, vamos fazer tudo o que estiver em nosso alcance para que você seja feliz. E, quando estiver pronta para ir, esperamos que se recorde com carinho de sua estadia. Pois temos certeza de que vamos ficar apegados a você.

Então lhe deu uns tapinhas encorajadores e saiu do quarto, ganhando a eterna gratidão da criança e o que, no coração de uma menina de oito anos, foi entendido como devoção. Se ele soubesse que ela nunca tivera uma figura paterna, muito menos ouvira palavras gentis de alguém com esse perfil, talvez tivesse atenuado sua tentativa de afeição. Mas não, o Dr. Holden sorriu, fez carinho para consolá-la, e a pequena Lottie parou de chorar e se deitou na cama macia imaginando a existência mágica e surpreendente de homens que não xingavam, não exigiam que ela fosse buscar coisas na loja da esquina, nem cheiravam a Old Holborn.

À medida que foi crescendo, ela passou a ter uma visão um pouco menos cor-de-rosa do Dr. Holden. Seria difícil não mudar de opinião ao testemunhar em primeira mão a crueldade que poderia ser infligida por um homem que se recusava a interagir com a própria esposa. De manhã ele se refugiava atrás do jornal, de onde se afastava apenas para aplicar uma punição leve a Freddie ou Sylvia por causa de algum relato de mau comportamento, ou para pegar a xícara de café. À noite, chegava atrasado e distraído, insistia que era difícil conversar antes de tomar um drinque e desfrutar de “alguns minutos de paz”, o que em geral acabava se

estendendo até muito além do jantar. E, enquanto isso, a Sra. Holden, que parecia incapaz de ler nas entrelinhas, ficava tagarelando em volta dele, ansiosa, tentando adivinhar seus desejos, tentando envolvê-lo na conversa e fazê-lo notar seu novo penteado/esmalte/casaco, sem precisar recorrer a algo tão grosseiro quanto contar, de fato, a novidade.

Era em ocasiões assim que Lottie ficava vagamente zangada com o Dr. Holden. Ela achava que ser casado com alguém como a Sra. Holden devia ser bastante irritante. Mas parecia cruel de uma forma desnecessária ignorá-la desse jeito, em especial considerando o esforço que ela fazia para melhorar a vida dele. Pelo que Lottie via, ele não tentava nada para melhorar a vida da esposa. Com o passar dos anos, a Sra. Holden ficou mais ansiosa e tagarela, e Lottie notou que as tentativas dele de esconder a irritação diminuíram, assim como suas ausências aumentaram, fazendo-a concluir, baseado no que vira com a própria mãe e com o casal Holden, que o casamento definitivamente era Um Mau Negócio, algo a ser evitado, um pouco como bueiros ou catapora.

* * *

— Acho que pode ser aqui, não? No momento está branco demais. Vazio demais. Despojado demais...

Lottie semicerrou os olhos, tentando descobrir o que Adeline parecia ver. Para ela, era apenas uma parede. Não fazia ideia de como uma parede podia ser despojada. Mas concordou com a cabeça, tentou adotar um olhar inteligente e ergueu uma das sobrancelhas, como se compreendesse quando Adeline anunciou que Frances tinha planos para “algo figurativo”.

— Estou com uma ideia — disse Adeline. — Para um mural. Não quero quadros de florestas ou lagos...

— Ou paisagens palladianas — acrescentou Frances, que surgira por trás delas. — Não suporto templos e colunas. Ou cervos. Não tolero aqueles cervos horrorosos.

— Não. Tenho outra ideia. — Adeline fez uma pausa, deslizando um dedo pela parede. — Vai ser uma paisagem com pessoas. Todos nós vamos aparecer. Todas as pessoas da Arcádia.

— Como uma Última Ceia. Mas sem religião.

— Ou simbolismo.

— Ah, não, temos que colocar um pouco de simbolismo. Não existem boas pinturas sem um pouco de simbolismo.

Elas tinham deixado Lottie confusa. A menina encarava a parede branca, o reflexo da luz quase a cegando no sol vespertino. Abaixo delas, a praia se estendia, segregada pelo quebra-mar, abarrotada de turistas apesar de ser quase outono. Se fosse para ela decidir, provavelmente colocaria alguns vasos de planta na frente. Ou uma treliça.

— ...e você, Lottie. Dissemos que iríamos pintar seu retrato, não é? Você vai participar. E Celia também, mesmo que ausente.

Ela tentou imaginar como seria retratada no mural. Mas tudo o que visualizava era um daqueles desenhos em estilo cartoon muito comuns na época da guerra, com um homem de nariz grande atrás de um muro dizendo: “O quê? Não tem...?”

— Vou ter que posar? — perguntou.

— Não — respondeu Frances, sorrindo.

Ela sorria bastante ultimamente, o que lhe dava um ar esquisito, erguendo as laterais do rosto feito calças velhas com elástico frouxo.

— Agora nós conhecemos você. Prefiro algo um pouco mais... impressionista — concluiu.

— O cabelo dela. Você precisa mostrar o cabelo dela. Alguma vez o deixa solto, Lottie?

Adeline esticou a mão fina e acariciou o cabelo de Lottie, que se retraiu involuntariamente.

— Embaraça muito. É fino demais.

Ela ergueu uma das mãos para alisá-lo, afastando-se de Adeline de forma inconsciente.

— Pare de se colocar para baixo, Lottie. Os homens acham isso irritante.

Homens? Lottie reconsiderou sua visão de si mesma: alguém em quem os *homens* poderiam se interessar. Até o momento, só tinham sido os *garotos*. Ou, mais especificamente, Joe, que mal contava.

— As pessoas devem mencionar apenas os próprios pontos fortes. Se alguém só chama atenção para as coisas boas, os outros raramente reparam nas ruins.

Foi o mais próximo que ela esteve de uma revelação. Lottie, porém, mal notou.

— Talvez pudéssemos convencer Lottie a pintar.

— Ah, sim! Que ideia boa, Frances. Você gostaria, Lottie? Frances é a melhor professora de todas.

Lottie arrastou os pés.

— Não sou muito boa em artes. Minhas tigelas de frutas em geral ficam como se estivessem prestes a tombar.

— Tigelas de frutas... — Frances balançou a cabeça. — Como é possível despertar a paixão pela arte com tigelas de frutas? Por favor, Lottie. Venha e desenhe o que está na sua cabeça e no seu coração.

Lottie deu um passo atrás, relutante e constrangida. Os dedos de Adeline tocaram suas costas e a empurraram para a frente com delicadeza.

— Você precisa aprender a sonhar, Lottie. A se expressar.

— Mas nem faço nada de arte agora que a escola terminou. A Sra. Holden diz que eu deveria estudar contabilidade para conseguir um bom emprego em uma loja.

— Ah, esqueça as lojas, Lottie. Olhe, não precisa *ser* alguma coisa. Apenas desfrute a sensação de usar o giz. É maravilhoso de se trabalhar. Observe...

Frances começou a desenhar linhas na parede, manchando as cores com os dedos borrados de tinta em movimentos firmes e confiantes. Lottie observava, esquecendo-se de si mesma por um instante.

— Não se esqueça de se incluir, querida Frances. — Adeline colocou a mão no ombro dela. — Você nunca se inclui.

A mulher mantinha os olhos fixos na parede.

— Não sou muito boa em pintar a mim mesma.

Marnie surgiu na porta de trás, o avental coberto de sangue e penas, segurando, pelo pescoço, um ganso semidepenado na mão esquerda.

— Com licença, madame, o Sr. Armand chegou.

Lottie, que vinha observando as marcas de giz, lançou um olhar para Adeline, que sorriu com delicadeza e assentiu, liberando Marnie. Lottie esperava que Adeline corresse para a porta — a fim de se ajeitar ou passar um pouco de maquiagem, como a Sra. Holden invariavelmente fazia —, sentindo-se corar de entusiasmo porque enfim conheceria o esquivo marido.

No entanto, Adeline voltou sua atenção para a parede branca.

— Depois vamos arrumar alguém para pintar você, Frances — disse ela, parecendo despreocupada. — Afinal, você é parte essencial de nosso mural, *non*?

A cabeça de Marnie reapareceu na porta.

— Ele está na sala.

Frances deu um passo para longe da parede e olhou Adeline de um jeito que Lottie achou meio furtivo.

— Acho que sou mais útil como uma presença invisível — respondeu Frances devagar.

Adeline deu de ombros, como se desistisse de uma discussão frequente, ergueu levemente uma das mãos, fez meia-volta e seguiu para a casa.

* * *

Lottie não tinha certeza do que esperar, mas Julian Armand estava tão longe de qualquer coisa que ela ao menos cogitasse que a garota o olhou duas vezes antes de se dar conta de que aquele era o homem para o qual Adeline a estava apresentando.

— Encantado — disse, segurando a mão de Lottie e a beijando. — Adeline me falou muito sobre você.

Lottie não disse nada e, de um modo que a Sra. Holden teria achado digno de uma louca, ficou encarando o belo homem de cabelo liso colado na cabeça e um incrível bigode enrolado, parecendo um arabesco de ferro forjado no rosto.

— Lottie — sussurrou ela.

Julian Armand assentiu, como se aquilo fosse muito gracioso.

Não era difícil ver onde Adeline tinha adquirido seu gosto extravagante. Ele usava uma roupa que teria sido apropriada décadas atrás, e mesmo assim em certos círculos esotéricos: culotes folgados de tweed com colete e casaco combinando. Usava uma gravata verde-esmeralda e óculos perfeitamente redondos de aros de tartaruga. Do bolso superior pendia um sofisticado relógio, enquanto na mão esquerda ele segurava uma bengala com a parte de cima adornada em prata. Os sapatos impecavelmente engraxados eram o único item convencional de seu traje, e mesmo eles apresentavam pouca semelhança com o tipo de sapato que Lottie conhecia: os pares de dez xelins vendidos na rua principal.

— Então, isso é Merham — disse ele, olhando em torno de si para a vista da janela. — É aqui que você decidiu montar nossa base.

— Ora, Julian, você não deve fazer nenhum julgamento antes de ter morado aqui por uma semana.

Adeline segurou a mão do homem, sorrindo para ele.

— Por quê? Tem planos para mim?

— Sempre tenho planos que envolvem você, querido. Mas não quero que se decida antes de acordar com o barulho do mar e beber um bom vinho apreciando o pôr do sol. Nosso novo lar é um pequeno paraíso, e seus encantos ocultos estão aqui para serem apreciados com calma.

— Ah. Sou especialista em apreciar as coisas com calma, como você bem sabe.

— Mas, meu querido Julian, sei que você também é atraído pelo esplendoroso e pelo novo. E eu e esta casa não somos nada disso. Portanto, precisamos garantir que você nos enxergue do jeito certo. Não é verdade, Lottie?

A menina concordou no automático. Estava tendo dificuldade em se concentrar na conversa. Nunca vira alguém tratar o marido da maneira como Adeline o fazia, com essa bajulação excessiva.

— Então, prometo que não vou dizer uma palavra. Desse modo... quem vai me mostrar o local? Frances? Você está bem? Parece que o ar marítimo lhe faz bem.

— Estou bem, obrigada, Julian.

— E quem mais está aqui?

— George. Irene. Minette acabou de ir embora. Ela voltou a escrever. Stephen vem no fim da semana. Eu disse a ele que você estaria de volta.

— Maravilha. — Julian deu um tapinha na mão da esposa. — Já é um lar. Tudo o que tenho a fazer é me sentar e fingir que sempre estive aqui.

Ele girou vagarosamente, usando a bengala como eixo à medida que examinava a sala.

— E esta casa? Qual é sua história?

— Sabemos alguma coisa, graças a Lottie e à amiga dela. Foi construída pelo filho de uma família local, e, quando ele morreu, ficou sob a posse de um casal... Quem?

— Os MacPherson — disse Lottie.

Ele usava um anel grande e grosso no mindinho. Parecia mais um anel de festa feminino, sinceramente.

— Sim, os MacPherson. Mas a casa tem um estilo *art moderne*, como você pode ver. Bastante incomum, acho. E a luz é maravilhosa, *non*? Frances diz que a luz é maravilhosa.

Julian se virou para Frances.

— Certamente, querida Frances. Seu gosto e seu julgamento, como sempre, são impecáveis.

Frances lhe deu um sorriso bobo, quase sofrido.

— E você vai voltar a Cadogan Gardens logo? — perguntou ela.

Julian suspirou.

— Não, temo que tenhamos chegado a um beco sem saída ali, de certo modo. Um pequeno desentendimento sobre dinheiro. Mas vamos passar

uma ótima temporada aqui até as coisas ficarem totalmente definidas. Vou permanecer até a Biennale. Se não for inconveniente.

Ele sorriu, parecendo ter certeza de que sua presença nunca era uma inconveniência.

— Então vamos deixá-lo à vontade — disse Adeline. — Vou lhe mostrar a casa.

Lottie, voltando a se mexer, percebeu o próprio comportamento.

— É melhor eu ir embora — anunciou, arrastando os pés enquanto se aproximava da porta. — O tempo está passando, e eu disse que só ia comprar leite. Foi... um prazer conhecê-lo.

Ela acenou. Adeline, erguendo a mão para dar adeus, já estava na varanda a essa altura, o braço ao redor da cintura de Julian. Quando Lottie se virou para fechar a porta, viu Frances. Alheia à presença de Lottie e tão estática quanto suas próprias composições, ela os observava com o olhar perdido.

* * *

Lottie estava prestes a ficar triste por causa de Frances, que parecia bastante deslocada. A volta de Julian devia ser difícil para ela; Lottie sabia bem como era fácil sentir-se uma peça reserva. E George obviamente não se interessava por ela, ou não teria flertado tanto com Celia e com a Irene Horrorosa. Mas então, duas noites depois, Lottie a reencontrou.

Eram quase nove e meia, e Lottie se oferecera para passear com Mr. Beans, o terrier idoso e temperamental dos Holden. Na verdade, essa era uma das tarefas do Dr. Holden, mas ele ficara preso no trabalho, e a Sra. Holden, que estava toda nervosa com a notícia, passava por um mau bocado para manter Freddie e Sylvia na cama. Freddie disse que havia comido a begônia dela e corria para o banheiro fingindo estar enjoado, enquanto Sylvia, reaparecendo de chinelos e uma velha máscara de gás no topo da escada, pedia seu décimo primeiro copo d'água. Joe estava na casa, jogando Palavras Cruzadas com ela, e, quando Lottie se ofereceu para fazer o passeio noturno com o cão, a Sra. Holden ficou muito agradecida e disse que, contanto que Joe a acompanhasse, não via problema algum. Mas não deveriam demorar. Nem ir para as ruas. Lottie e Joe atravessaram o parque municipal, observando os últimos raios de sol desaparecerem por trás do Riviera Hotel e a iluminação da rua começar a piscar conforme as lâmpadas de vapor de sódio gradativamente se acendiam. Alguns metros adiante, Mr. Beans rosnou e farejou odores desconhecidos, tecendo um

caminho sinuoso na beira do gramado. Ela não tinha dado o braço a Joe, que, caminhando ao seu lado, de vez em quando encostava delicadamente em seu ombro, como se oferecesse o braço em silêncio.

— Tem alguma notícia de sua mãe?

— Não. Ela vai escrever perto do Natal, espero.

— Não é um pouco estranho nunca falar com ela? Eu sentiria falta da minha.

— Sua mãe e a minha são bichos totalmente diferentes, Joe.

— Eu nunca chamaria minha mãe de bicho.

Ele tentou rir, só para garantir, caso ela tenha falado daquele jeito de brincadeira.

Caminharam em silêncio, observando algumas silhuetas avançarem, murmurando, nas sombras ao longo da orla em direção a banhos e camas.

— Quando é que Celia vem para casa? No sábado, você disse?

Isso era parte do problema. A Sra. Holden queria ter contado ao marido pessoalmente. Ela gostava de dar boas notícias: não media esforços para arrancar um sorriso dele.

— Ela vem no trem da tarde. Tenho que levar Freddie ao barbeiro de manhã.

— Não parece que já se passaram oito semanas, não é? Eu levo Freddie, se você quiser. Tenho que cortar o cabelo também. Papai diz que estou começando a parecer um urso de pelúcia.

— Ouça — disse Lottie, parando.

Joe ergueu a cabeça, como se farejasse. Embaixo deles, o barulho constante do mar prenunciava a maré iminente. Um cão latiu, interrompendo a concentração de Mr. Beans. Então ela ouviu novamente o jazz: uma música estranha, arrítmica, quase fora do tom. Uma trompa e outro som mais baixo. E risadas.

— Dá para escutar?

Ela agarrou o braço de Joe, distraída. O som vinha da Casa Arcádia.

— O que é? Alguém estrangulando um gato?

— Escute, Joe. — Ela fez uma pausa, tentando captar o som melancólico. Surgia e depois retrocedia. — Vamos nos aproximar.

— Will Buford tem três novos discos de rock'n'roll americano em casa. Vou lá escutar essa semana. Quer ir também?

Mas Lottie saiu correndo aos tropeços, o casaco sobre os ombros, para conseguir uma visão melhor. Mr. Beans trotava alegremente atrás dela, as garras batendo no concreto.

— A Sra. Holden disse que tínhamos que ficar longe das ruas — gritou Joe para a menina que desaparecia.

Então, após um instante, foi atrás dela.

Lottie estava debruçada na balaustrada com vista para a Arcádia. Na penumbra, as vidraças emitiam um forte brilho, espalhando raios luminosos pelo piso da varanda. Sob a luz, havia um pequeno grupo de pessoas; se realmente semicerrasse os olhos, Lottie conseguiria ver a silhueta de Julian Armand sentado no velho banco de ferro, os pés apoiados em uma mesa. Do lado oposto da varanda, uma pessoa mais baixa fumava. Devia ser George. Outro homem, que Lottie não reconheceu, conversava com ele.

Mais adiante, banhada por um feixe de luz, estavam Frances e Adeline, dançando juntas, os braços apoiados nos ombros uma da outra, a cabeça de Adeline inclinada para trás enquanto ela ria preguiçosamente de algo que Frances dizia. Elas balançavam juntas, interrompendo a dança por alguns instantes para pegar taças de vinho ou chamar um dos homens.

Lottie ficou surpresa com a emoção boba que percorreu seu corpo diante da cena. Frances não parecia mais pesarosa. Mesmo àquela distância, ela se mostrava confiante e radiante ao brilho da luz. Como se estivesse no controle de alguma coisa, mas Lottie não entendia o quê. Ficou imaginando o que poderia transformar alguém daquela maneira. Como aquela mulher podia ser Frances? Na última vez que estivera ali, ela era como um papel de parede, uma presença fraca e sem graça diante do farol luminoso que era Adeline. E a Frances de agora superava a outra: parecia mais alta, mais vital, um exagero de si mesma.

Lottie, hipnotizada, mal conseguia respirar. A Arcádia continuava exercendo esse efeito sobre ela. Sentia-se atraída, levada pelo sopro dos acordes sedutores carregados em sua direção pela brisa do mar. Eles sussurravam para ela seus segredos, sugeriam novos lugares, novas maneiras de ser. Você precisa aprender a sonhar, fora o que Adeline lhe dissera.

— Acho que Mr. Beans já fez suas necessidades — comentou Joe, a voz cortando a escuridão. — Devemos voltar para casa.

*Querida Lots [era assim a última carta],
Você é uma chata por não me fazer milhões de perguntas sobre Guy.
Mas sei que é só porque está morrendo de inveja, então perdoo você.
Afim de contas, os homens de Merham não são do mesmo naipe dos
de Londres!!! Só que, falando sério, sinto uma saudade enorme de*

você. As garotas do meu curso são traiçoeiras. Quando cheguei, elas já tinham formado um grupo e cochicham sem parar pelas minhas costas durante os intervalos das aulas. No início fiquei um pouco chateada, mas agora que tenho Guy acho que elas são tolas e devem ter vidas muito vazias e entediadas se pensam que precisam participar de joguinhos infantis. (Guy disse isso.) Ele vai me levar para jantar no Mirabel para comemorarmos o fim das minhas provas de taquigrafia e datilografia. Não conte para mamãe, mas vai ser um milagre se eu passar no teste de taquigrafia. Meus sinais se parecem com escrita chinesa. Guy também afirmou isso e ele já viajou pelo mundo todo e viu algumas dessas coisas de perto. Eu ia lhe mandar uma foto de nós dois nas corridas de Kempton Park, mas só tenho uma e estou com medo de perder, então você vai ter que imaginar como ele é. Visualize Montgomery Clift com cabelo mais claro e bronzeado; acho que está no caminho...

Era a terceira carta em que ela, *por algum motivo*, dava um jeito de não incluir uma foto de “Guy”. Lottie, *por algum motivo*, não estava muito surpresa.

Ela permanecia em silêncio enquanto a Sra. Holden a atacava com a escova de roupas, dando esfregadas bruscas e retirando fiapos inexistentes de seu paletó justo.

— Você devia usar um arco no cabelo. Onde está?

— Lá em cima. A senhora quer que eu vá buscar?

A mulher franziu a testa, observando o cabelo de Lottie.

— Acho que é uma boa ideia. Seu cabelo tende a esvoaçar. Ora, Frederick. Pelo amor de Deus, o que você fez com seus sapatos?

— Ele engraxou com cera preta em vez de marrom — disse Sylvia, com certo ar de satisfação. — Fala que parecem mais autênticos.

— Mais autênticos do que o quê?

— Os pés. São cascos — respondeu Freddie, orgulhosamente mexendo os dedos dos pés para dentro e para fora. — Cascos de vaca.

— Francamente, Frederick. Não posso deixar você sozinho nem um minuto?

— Vacas não têm cascos. Têm pés.

— Não têm, não.

— Têm, sim. Vacas têm pés fedidos.

— Você então tem pé de vaca. Pé de vaca gorda. Uau.

— Sylvia, Frederick, parem de implicar um com o outro. Não é legal. Lottie, vá chamar Virginia para ver se consertamos esse desastre nos cinco minutos que nos restam antes de sairmos. Agora, Sylvia, cadê seu casaco? Mandeí você vestir o casaco dez minutos atrás. Está bem frio hoje. E o que você aprontou com suas unhas? Dá para plantar batatas nelas.

— É porque ela anda futucando o nariz. Ai! Você tem pé de vaca! Pé de vaca grande, gorda e feia.

— Sylvia, eu já disse, não chute o seu irmão. Vou pegar uma escova de unha para você. Onde está a escova de unha? O que diabo sua irmã vai dizer quando vir o estado de vocês?

— Ah, pelo amor de Deus, pare de se preocupar à toa, mulher. É apenas Celia. Ela não se importaria nem se fôssemos encontrá-la com roupa de praia.

A Sra. Holden piscou, sem olhar para o marido, que engraxava os sapatos sentado na escada. Somente Lottie notou seus olhos se encherem de lágrimas e sua tentativa furtiva de enxugá-las com a manga da roupa. Em seguida, ela atravessou o corredor para chamar Virginia.

Por mais solidária que fosse, Lottie tinha outras preocupações. Ela e Joe não estavam se falando. No caminho de volta do passeio com Mr. Beans, ele disse que não sabia se ela deveria passar tanto tempo na Arcádia. Aquele pessoal estava construindo uma reputação e tanto. E, se vissem Lottie ali com frequência... bem, poderiam contagiá-la, não é? E, como ele se importava com ela, como era seu amigo, bem, achou que seria correto avisá-la. Lottie, já furiosa por Joe tê-la interrompido, perguntou, com um sarcasmo que surpreendeu até a ela mesma, o que ele tinha a ver com as pessoas com quem ela andava. Ela poderia passar um tempo com o maldito Dickie Valentine, se quisesse, e não seria da conta dele.

Joe corou. Ela percebeu, mesmo no escuro, o que a fez se sentir culpada e irritada ao mesmo tempo. Após um breve silêncio, ele declarou, de maneira bastante solene, que, se ela não sabia até então, nunca saberia, mas ninguém jamais a amaria como ele, e, mesmo que ela não retribuísse esse amor, ele ainda sentia necessidade de cuidar dela.

Lottie, furiosa, se voltou contra ele.

— Eu avisei, Joe, que não queria que você me dissesse isso novamente. E você arruinou tudo. Arruinou para valer. Não podemos ser amigos. Se não consegue guardar seus malditos sentimentos, então não podemos ser amigos. Por que você não vai para casa ficar com sua mãe e guarda para si mesmo suas preocupações com a minha reputação?

Ela puxou com força o pobre e velho Mr. Beans pela coleira e seguiu, furiosa, para casa, deixando Joe parado em silêncio perto dos portões do parque.

Normalmente, o rapaz já teria entrado em contato com ela. Teria aparecido na porta, perguntando se ela gostaria de tomar um café ou brincar com algum jogo de tabuleiro, e faria uma piada sobre o desentendimento entre os dois. E Lottie, secretamente satisfeita por vê-lo, teria ficado contente em amenizar as coisas e tê-lo como amigo de novo. Ele havia se tornado mais importante depois da partida de Celia e tudo o mais. E, apesar de irritante, era seu único outro amigo verdadeiro. Ela sempre soube que, de alguma forma, era morena e esquisita demais para as pessoas tipo Betty Croft e outras do gênero que encontrava na escola; que só era tolerada no grupo por causa de Celia.

Dessa vez, porém, era evidente que Joe estava magoado. Quatro dias haviam se passado sem que ele aparecesse. E Lottie, pensando na maneira brusca como falara com o amigo, ficou se perguntando se deveria se reaproximar e pedir desculpas, ou se, caso fizesse isso, Joe se convenceria de que se tratava de outro convite para ele amá-la de novo.

A voz da Sra. Holden ecoou do outro lado do corredor.

— Lottie, venha. O trem chega às quatro e quinze. Não queremos nos atrasar, não é?

O Dr. Holden passou depressa por ela.

— Seja uma boa menina e vá acalmá-la, Lottie, ou Celia vai ver nosso pequeno grupo na plataforma e dar meia-volta para Londres.

Enquanto falava, ele exibia um sorriso de provocação e entendimento tácito. E Lottie reagiu da mesma maneira, sentindo-se vagamente envergonhada por se comportar assim.

Talvez preocupada com outra crítica, a Sra. Holden não abriu a boca durante a viagem de dez minutos até a estação. Nem o Dr. Holden disse qualquer coisa, mas isso não era nada incomum. Sylvia e Freddie, por outro lado, superanimados com a simples perspectiva de estar no carro, lutavam selvagememente e pressionavam os narizes nas janelas, gritando para os transeuntes. Lottie, que fora instruída a se sentar entre os dois, de vez em quando puxava um deles ou repreendia o outro, mas continuava angustiada com o problema com Joe. Decidiu procurá-lo naquela noite. Pediria desculpas. Falaria de uma maneira que deixasse claro que não queria nenhum envolvimento romântico. Joe aceitaria. Ele sempre aceitava, certo?

O trem chegou às quatro horas, dezesseis minutos e trinta e oito segundos. Freddie, que estivera monitorando de perto o relógio da estação, informou-os sobre a falta de pontualidade. Apenas daquela vez, a Sra. Holden não o repreendeu; estava ocupada demais esticando o pescoço, tentando vislumbrar a filha por cima da cabeça dos outros passageiros que haviam chegado, a voz dela se elevando para se sobrepor ao som das portas dos vagões batendo.

— Ela está ali! É a terceira daquele lado!

Sylvia tinha se desvencilhado da mãe e corria pela plataforma. Lottie a observou, depois meio que saiu em disparada também, seguida pelos Holden, que pareciam temporariamente ter esquecido sua discrição característica.

— Celia! Celia! — Sylvia se jogou na irmã mais velha, quase desequilibrando-a ao descer do trem. — Estou de sapato novo! Olhe!

— Também estou de sapato novo! — inventou Freddie, puxando a mão de Celia. — O trem veio super-rápido? Encontrou algum espião em Londres? Andou nos ônibus de dois andares?

Lottie retrocedeu, sentindo-se inexplicavelmente estranha enquanto a Sra. Holden, desinibida, passava os braços ao redor dos ombros da filha, o rosto reluzindo de orgulho maternal.

— Ah, sentimos saudade de você! Todos nós sentimos saudade! — dizia ela.

— Claro que sentimos — disse o Dr. Holden, aguardando a mulher soltar a filha para envolvê-la em seu abraço de urso. — É ótimo ter você em casa, querida.

Não era apenas a impressão amarga de se sentir uma intrusa que deixava Lottie tímida. Era a própria Celia. Só haviam se passado alguns meses, e, contudo, ela parecia mudada. O cabelo estava cortado e modelado em curvas sedosas, e os lábios estavam delineados com um vermelho ousado, quase assustador. Ela vestia um casaco de lã verde cintado que Lottie nunca vira, além de um par de sapatos de verniz e uma bolsa combinando. Parecia ter saído de uma revista. E estava linda.

Lottie alisou o próprio cabelo para trás por baixo do arco e observou seus sapatos baixos com fivela e solas resistentes. Suas pernas estavam cobertas por meias de algodão, muito diferentes das meias de náilon de Celia. Ela já sentia calor com as que usava.

— Meu Deus, como é bom ver todos vocês! — exclamou Celia, examinando um a um.

A Sra. Holden estava tão contente por vê-la que nem a censurou.

— Lots? Lottie. Não fique atrás, quase não consigo ver você — avisou Celia.

A amiga deu um passo à frente e deixou que ela a beijasse. Um perfume doce pairou no ar quando Celia recuou. Lottie precisou se controlar para não limpar o batom da bochecha.

— Tenho milhares de coisas de Londres para vocês. Mal posso esperar para verem. Fiquei meio maluca com o dinheiro que tia Angela me deu. Ah, Lots, estou louca para mostrar o que eu trouxe para você. Gostei tanto que quase resolvi ficar para mim.

— Bem, não vamos passar o dia inteiro aqui — disse o Dr. Holden, conferindo as horas. — Vamos nos afastar do trem, Celia, querida.

— Sim, você deve estar exausta. Preciso confessar que não me agradou nada você viajar sozinha. Eu disse para seu pai que nós devíamos ter ido buscar você.

— Mas eu não estava sozinha, mãe.

O Dr. Holden, que havia pegado a mala dela e já estava quase a meio caminho da bilheteria, parou e se virou.

Atrás de Celia, um homem desceu do trem, se curvando levemente e depois se endireitando. Sob um dos braços, trazia dois abacaxis enormes.

O sorriso de Celia era deslumbrante.

— Mamãe, papai, gostaria de apresentar Guy. E vocês nem imaginam... Estamos noivos.

* * *

A Sra. Holden estava sentada diante da penteadeira, tirando com cuidado os grampos do cabelo, o olhar fixo e sem foco no espelho à frente. Ela sempre soube que seria difícil para Lottie quando Celia comesse a desabrochar. Era inevitável que ela mostrasse sua linhagem em algum momento. E, precisava admitir, em Londres sua filha havia desabrochado de uma maneira que ela nunca teria imaginado. Sua menininha tinha voltado para casa parecendo uma modelo de revista.

Susan Holden colocou os grampos com delicadeza em um potinho de porcelana e o tampou. Ela não queria admitir como estava aliviada com o noivado de Celia. Com um rapaz de certa classe, ainda por cima. Fosse pela felicidade da menina ou pela gratidão de ter alguém que “tomasse

conta dela”, toda a família sentiu vontade de comemorar. (Henry lhe deu um beijo bem incomum na bochecha. Ela ainda se sentia feliz ao lembrar.)

No entanto, a reação de Lottie diante das novidades de Celia foi bastante peculiar. Logo que ele apareceu, descendo do trem, Lottie olhou o rapaz de forma quase grosseira. Claro, todos o encararam, afinal Celia os pegara de surpresa. A Sra. Holden precisava reconhecer que ela mesma provavelmente o encarou por tempo demais. Não via um abacaxi fazia anos. Lottie, porém, não desgrudou os olhos dele. A Sra. Holden notara esse comportamento em especial porque a garota estava em seu campo de visão. Foi uma atitude muito desagradável. E, quando Celia anunciou o noivado, o rosto de Lottie empalideceu. Sua cor literalmente sumiu, como se desvanecesse a olhos nus. Ela ficou bastante pálida. Quase como se fosse desmaiar.

Celia não percebeu. Estava ocupada demais exibindo o anel de noivado e falando sobre o casamento. Mas, mesmo no meio de toda a animação, a Sra. Holden notou a estranha reação de Lottie e teve um leve sobressalto. Mesmo enquanto digeriria a novidade contada pela filha, sentindo surpresa e alegria ao mesmo tempo, ela olhou, preocupada, para a filha de criação.

Talvez não fosse tão surpreendente assim. Afinal de contas, ninguém mais além de Joe se interessaria por ela, pensou a mulher, com uma mistura peculiar de piedade e orgulho pela garota. Não com aquela cor. E aquela história.

Ela pegou um creme e, metodicamente, começou a limpar o ruço das bochechas. Talvez não tivesse sido bom acolhê-la. Talvez devêssemos ter mantido as coisas como eram, tê-la deixado com o pessoal dela em Londres.

É possível que, por nossa causa, Lottie tenha criado expectativas.

4

— Totalmente despidos, eles estavam. Eu lhes digo, senhoras, achei que fosse desmaiar.

A Sra. Colquhoun levou uma das mãos à boca, como se a recordação fosse dolorosa.

— E logo ali perto do mar. Qualquer um poderia ter visto.

Era possível, concordaram as damas do sarau, embora reconhecessem que era contestável o fato de que ninguém mais, além de Deirdre Colquhoun, esbarrara com George Bern e Julian Armand desfrutando um estimulante nado matinal. Na realidade, a maioria delas sabia que a Sra. Colquhoun fizera uma quantidade incomum de passeios pela trilha para o mar nos últimos meses, mesmo com o tempo ruim. Mas era óbvio que ninguém queria sugerir que isso se devia exclusivamente ao desejo de ver os padrões de Merham serem preservados.

— Eles não foram um pouco arriscados ao entrar nessa água?

— Imagino que deviam estar bem afogueados — observou a Sra. Ansty, sorrindo.

E se conteve quando percebeu que ninguém mais achou graça.

— Acredita que ele acenou para mim? O mais novo? De verdade, ficou parado ali e acenou... como se... eu pudesse ver... — A voz da Sra. Colquhoun sumiu, a mão dela ainda tapando a boca como se estivesse se recordando de algo terrível.

— Ele estava cantando na semana passada, o tal do Sr. Armand. Ficou lá na varanda, cantando uma ópera a plenos pulmões. Ora, faça-me o favor. Em plena luz do dia.

As senhoras fizeram sons de desaprovação.

— Algo em alemão, acho — completou Margaret Carew, que sentia grande admiração por Gilbert e Sullivan.

Houve um breve silêncio.

— Bom — disse a Sra. Ansty. — Acredito mesmo, senhoras, que os moradores daquela casa estão começando a baixar o nível da nossa cidade.

— A Sra. Chilton baixou a xícara com o pires. — Estou ficando cada vez

mais preocupada com os visitantes do próximo verão. E se correr um boato sobre o comportamento deles? Temos uma reputação a zelar. E não queremos que influenciem nossos jovens, não é? Só Deus sabe o que pode acontecer.

A conversa ficou mais calma. Ninguém queria abordar o incidente com Lottie e Celia na praia. Mas Susan Holden estava tão extasiada com o noivado da filha que não se sentia intimidada.

— Outra fatia de abacaxi, alguém aceita? Ou talvez de melão?

Ela passou pela porta e andou de um lado para outro na sala, inclinando-se e oferecendo pequenas fatias da fruta, que ela havia cuidadosamente colocado em espetinhos de coquetel e organizado em círculos convidativos (a revista *Good Housekeeping* destacava a importância de apresentar os alimentos de maneira atraente).

— Sabem, é impressionante pensarmos em como esta fruta viajou para estar aqui hoje. Foi o que eu disse a Henry: “Provavelmente há mais abacaxis nos aviões do que pessoas!” — Ela riu, satisfeita com a própria piada. — Vamos, provem.

— É bem diferente da versão em lata — comentou a Sra. Ansty, mastigando, contemplativa. — Quase um pouco ácido demais para o meu gosto.

— Coma um pouco de melão, minha querida — retrucou a Sra. Holden. — Tem um sabor suave e delicioso. Vocês sabem, o pai do Guy importa todo tipo de frutas de lugares incríveis. Honduras, Guatemala, Jerusalém. Na noite passada, ele nos contou sobre frutas das quais nunca tínhamos ouvido falar. Vocês sabiam que existe uma no formato de estrela?

Ela corou de tanto orgulho.

A Sra. Ansty engoliu em seco e piscou de prazer.

— Nossa, esse melão é delicioso.

— Você tem que levar um pouco para seu Arthur. Guy nos disse que vai pedir para o pai nos enviar mais de Londres. Ele é dono dessa empresa enorme. E Guy é filho único, então vai ter um ótimo negócio um dia. Mais abacaxi, Sarah? Tenho alguns guardanapos aqui, senhoras, se precisarem.

A Sra. Chilton deu um sorriso afetado e recusou um segundo pedaço. Todas se alegraram ao saber que Susan conseguira que Celia ficasse noiva sem problemas, mas não era de bom tom ficar tão cheia de si.

— Você deve estar tão aliviada... — disse a Sra. Chilton com cautela.

Susan Holden ergueu a cabeça com um olhar penetrante.

— Bem... As garotas podem nos causar muita preocupação, não é? Ficamos muito contentes em saber que Celia está encaminhada. E cruzamos os dedos para a pequena Lottie. Apesar de ela nunca ter sido uma fonte de preocupação tão grande assim para você, não é, querida?

Ela aceitou o biscoito de coco oferecido por Virginia, que acabara de entrar com a bandeja do chá.

O sorriso da Sra. Holden ficou novamente incerto.

A Sra. Chilton se recostou na cadeira e lhe deu um sorriso encorajador.

— Muito bem, senhoras, o que vamos fazer a respeito da Casa Arcádia? Estive pensando... Talvez alguém pudesse ter uma conversa em particular. Alguém importante, como Alderman Elliott. Acho que alguma coisa deve ser dita àqueles boêmios, ou seja lá o que eles pensam que são. Acredito que não entendam exatamente como as coisas funcionam em Merham.

* * *

Lottie ficou deitada na cama, fingindo ler, tentando não escutar os risos vindos do lado de fora, do gramado, onde Celia e Guy jogavam tênis, parecendo não se importar com o vento forte, e Freddie fazia o papel de gandula supercuidadoso.

Ela olhava de forma incriminatória para a página à frente, ciente de que estava havia quase quarenta minutos no mesmo parágrafo. Se alguém lhe perguntasse do que se tratava, não conseguiria responder. Mas, se alguém lhe perguntasse do que se tratava qualquer outra coisa, a resposta seria a mesma. Porque nada fazia sentido. O universo explodira, se fragmentara, e todos os pedaços caíram em locais errados. E apenas Lottie havia notado. Ela ouviu Celia dar um grito agudo e em tom acusatório que se dissolveu em gargalhadas, e, mais baixo e comedido, Guy instruindo-a sobre alguma coisa. A voz dele também tinha um toque de humor, mas ele não o extravasava.

Lottie fechou os olhos e tentou respirar. A qualquer momento, sabia que Celia mandaria alguém subir para ver se ela gostaria de descer e se juntar a eles. Talvez inventar um esquete cômico com os quatro, se Freddie pedisse para participar. Como explicaria sua súbita aversão a tênis? Como explicaria sua relutância em sair? Quanto tempo levaria para alguém perceber que não se tratava de Lottie ser “pouco sociável”, do que Celia a acusara rindo, que não se tratava de mais um de seus defeitos, essa relutância repentina de ficar um pouco com sua melhor amiga?

Ela fixou o olhar na blusa nova pendurada na maçaneta da porta. A Sra. Holden havia lhe lançado um de seus “olhares” quando ela agradeceu a Celia pelo presente. Lottie sabia que ela a achava deselegante e que deveria ser mais grata. Era uma blusa muito bonita.

No entanto, Lottie não dissera nada. Porque não havia nada que a menina seria capaz de dizer. Como poderia? Como explicar que, no instante em que viu Guy, tudo o que conhecia, tudo em que acreditava, foi sugado para longe dela, como se alguém tivesse puxado o tapete sob seus pés? Como ela poderia explicar a dor cauterizante da familiaridade do rosto dele, a alegria amarga do reconhecimento, a certeza enraizada de que seus próprios ossos já eram conhecidos daquele homem? Só podiam ser... Não tinham sido moldados da mesma porcelana humana que ele? Como diria a Celia que ela não poderia se casar de jeito nenhum com o homem que trouxera para casa como seu noivo?

Porque esse homem pertencia a Lottie.

— Lottie! Lots!

A voz subia até ela, carregada pelo ar. Exatamente como sabia que aconteceria.

Lottie esperou pelo segundo chamado, então abriu a janela. Olhou para baixo. Tentou fixar o olhar no rosto inclinado de Celia.

— Não seja chata, Lots! Você não está estudando para as provas agora.

— Estou com um pouco de dor de cabeça. Vou descer mais tarde — respondeu.

Até sua voz parecia diferente.

— Ela ficou lá o dia inteiro — disse Freddie, que estava jogando as bolas de tênis na lateral da casa.

— Ah, por favor, venha. Nós vamos até Bardness Point. Você podia ir com Joe. Vamos nós quatro. Desça, Lots. Quase não tenho visto você.

Ela se perguntou se Celia notava que seu sorriso era falso. Doía nos cantos da boca.

— Vão vocês. Só vou esperar a dor de cabeça passar. Amanhã a gente faz alguma coisa.

— Chata, chata, chata. E eu não parei de contar ao Guy como você era uma má influência... Vai pensar que estou mentindo, não é, querido?

— Amanhã. Prometo.

Lottie voltou para casa a fim de não precisar ver os dois se abraçando. Ela deitou a cabeça na cama. E tentou lembrar como se respirava.

Guy Parnell Olivier Bancroft nasceu em Winchester, o que tecnicamente o tornava inglês. Mas essa era sua única característica inglesa. Tudo — desde a pele bronzeada, tão diferente dos pálidos ingleses ao redor, até a personalidade tranquila, tímida — o distinguia de todos os rapazes que Lottie e Celia haviam conhecido. Ou pelo menos dos homens de Merham. Era um rapaz reservado, educado, retraído, mas, apesar de tudo, tinha a aparência despreocupadamente afortunada de um provável herdeiro, que se surpreendia com pouca coisa e estava o tempo todo preparado para que algo bom acontecesse. Ele não parecia sofrer de nenhuma das autocríticas de Joe, nem se guiar pela competitividade dos outros rapazes. Ficava sempre de olhos arregalados ao reparar nas coisas, como se sempre estivesse achando graça de uma piada inesperada, e de vez em quando dava gargalhadas alegres e desinibidas. (Era o tipo de homem que vivia fazendo as pessoas sorrirem, como a Sra. Holden confidenciou ao marido. Mas então ele passou a lhe despertar sorrisos demais; uma vez superado o choque do noivado apressado da filha, ela o tratava com tanta tolerância quanto a dispensada a um primogênito.) Guy parecia tão imperturbável pelo homem no ponto de táxi quanto pela perspectiva de pedir formalmente a mão de Celia em casamento para o Dr. Holden. (Não tinha feito isso ainda. Mas, para falar a verdade, só fazia alguns dias que ele estava lá, e o pai da futura noiva andava extremamente ocupado.) Se ele era um pouco passivo, um pouco menos aberto do que os Holden gostariam, não iriam julgá-lo por isso — a cavalo dado não se olha os dentes e tudo o mais.

No entanto, nada disso deveria causar surpresa. Pois Guy Bancroft passara a maior parte da vida livre das rígidas convenções sociais das escolas particulares para meninos ou dos círculos sociais suburbanos. Filho único, havia crescido como uma autêntica cereja do bolo aos olhos do pai (piada interna) e, após um breve e malsucedido período em um internato na Grã-Bretanha, voltara ao seio familiar e fora despachado, junto com a bagagem, dos trópicos para os subtrópicos, quando o pai, Guy Bertrand Bancroft, astutamente reconhecendo o apetite dos bretões carentes por frutas exóticas, logo montou seu negócio de importação encontrando maneiras para satisfazer essa paixão cada vez maior.

Guy tinha passado a infância vagando pelas enormes propriedades frutíferas do Caribe, onde o pai inicialmente montara base, explorando as praias desertas, fazendo amizade com os filhos dos trabalhadores negros,

tendo aulas esporádicas com tutores quando o pai se lembrava de contratá-los. Ele se exaltava ao afirmar que o filho não precisava de uma educação formal. (Adorava falar de forma exaltada, o que talvez explicasse o fato de Guy ser muito calado.) Que serventia tinha o ano de 1066 para ele? Quem se importava com quantas esposas Henrique VIII se casara? (O próprio rei já se perdera na conta.) Tudo o que *ele* aprendera fora na Escola da Experiência. Graduado (a mãe erguia comicamente as sobrancelhas nesse ponto) na Universidade da Vida. Não, o garoto aprenderia muito mais se fosse deixado livre, na natureza. Mais sobre geografia — comparar e contrastar os campos de lavoura em curvas de nível da China com os terrenos vastos de agricultura aberta em Honduras —, mais sobre política, sobre pessoas reais, suas culturas e crenças. A matemática, ele podia aprender com a contabilidade. Biologia, ora essa, bastava observar a vida dos insetos!

Porém, todos sabiam o verdadeiro motivo. O pai gostava de ter o filho por perto. Tardio e muito desejado, o garoto era tudo com que sempre sonhara. Não compreendia aqueles que queriam mandar seus rebentos para escolas particulares antigas e enfadonhas, onde aprenderiam a franzir os lábios, ter atitudes esnobes e ser maricas. “Sim, querido”, a mãe de Guy o interrompia com firmeza a essa altura. “Acho que você deixou bem clara sua posição.”

Guy lhes contou esses fatos durante uma sucessão de refeições em família. Omitiu a parte sobre ser maricas, mas Celia contou para Lottie quando já estavam deitadas, conversando no escuro. Bem, Celia falava. Lottie fingia, sem sucesso, já estar dormindo, acreditando que sua única esperança de sanidade seria se tornar incapaz de corporificar a imagem de Guy em qualquer realidade humana.

Elas não eram as únicas que falavam sobre o recém-chegado. A Sra. Holden ficou bastante desconcertada quando ele mencionou, sem alarde, seus amigos negros, e depois perguntou repetidas vezes se o Dr. Holden achava isso correto.

— Por que está preocupada, mulher? — respondeu ele, irritado. — Acha que pode ser contagioso?

No final, quando a expressão da Sra. Holden mostrou que ela ficara mais magoada do que de costume, ele disse que as coisas lá eram diferentes. Provavelmente o garoto não tivera muitas oportunidades de conviver com meninos como ele. E, além do mais, Susan, os tempos estavam mudando. Olhe só a imigração. (Ele preferia ler o jornal em paz.)

— Bem, só fiquei me perguntando se isso denuncia certa frouxidão por parte dos pais dele. Como pode uma criança crescer sabendo os devidos lugares das coisas se ela se mistura com a... criadagem?

— Então me lembre de demitir Virginia.

— O quê?

— Bem, não queremos ver Freddie e Sylvia *conversando* com a criada, não é?

— Henry, você está sendo grosseiro de propósito. Com certeza Guy tem uma boa família. Apenas acho... que sua criação foi... um tanto *incomum*, só isso.

— Susan, ele é um bom rapaz. Não tem manias, nenhuma deformidade aparente, o pai é extremamente rico, e ele quer tirar nossa jovem e encenqueira desmiolada das nossas mãos. Para mim, poderia muito bem ter crescido tocando bongô e comendo cabeças humanas.

A Sra. Holden não sabia se ria ou ficava horrorizada. Às vezes era muito difícil avaliar o senso de humor de Henry.

Lottie não sabia de nada disso. Na hora das refeições, passava a maior parte do tempo totalmente concentrada na sopa ou rezando para que ninguém a chamasse para a conversa. Não que precisasse se preocupar. A Sra. Holden ficava muito ocupada fazendo perguntas sobre Guy e a família, e o que a mãe dele pensava sobre voltar a morar na Grã-Bretanha, enquanto o Dr. Holden fazia questionamentos estranhos sobre se o pai poderia ser afetado pelo problema envolvendo a reforma agrária na Guatemala e se a Guerra Fria prejudicaria os comerciantes de produtos estrangeiros.

Mas era difícil ficar perto dele. Era insuportável escutar sua voz. (Quando ela escutara essa voz antes? Já *devia* ter escutado. O timbre estava impregnado no fundo de sua alma.) A proximidade dele confundia os pensamentos de Lottie a tal ponto em que tinha certeza de que se denunciaria. O perfume do rapaz, aquela doçura quase indetectável, como se ainda carregasse os trópicos no corpo, a deixavam hesitante em relação a palavras antes conhecidas. Portanto, era mais seguro não olhar para ele. Mais seguro não fitar seu lindo rosto. Mais seguro não ter que observar Celia colocar a mão de forma possessiva no ombro do noivo, ou afagar seu cabelo distraidamente. Mais seguro se manter afastada, ficar longe deles.

— Lottie? Lottie? Já perguntei três vezes se você quer feijão. Precisa limpar o ouvido?

— Não, obrigada — murmurou ela, tentando impedir que seu coração pulasse do peito.

Ele a olhou uma vez. Apenas uma vez, quando ela estava paralisada na plataforma, quase fraquejando com o choque da própria reação a ele. Os olhos dele, ao encontrarem os dela, a atingiram como duas balas de revólver.

* * *

— É um L.

— Não, não, você está olhando pelo ângulo errado. Podia parecer um G.

— Ah, mãe. Francamente. Não dá para trapacear desse jeito.

— Estou sendo honesta, querida. Olhe. É mesmo um G. Não é lindo?

Lottie havia entrado na cozinha para pegar um copo de leite. Fazia vários dias que não comia direito e, sentindo-se enjoada, esperava que o leite acalmasse seu estômago. Não imaginava encontrar Celia e a mãe observando o piso da cozinha. A Sra. Holden exibia um contentamento incomum. Ao escutar os passos de Lottie, ela ergueu o olhar e deu um sorriso raro e desinibido.

— Eu... só vim pegar um pouco de leite.

— Olhe, Lottie. Venha aqui. Tem mesmo a forma de um G desse ângulo, não acha?

— Ah, mamãe.

Celia morria de rir. Seu cabelo estava dividido em faixas douradas, uma delas colada na bochecha.

Lottie deu uma espiada no chão da cozinha. Ali havia um pedaço de casca de maçã, cortada com cuidado em uma espiral comprida e caída em uma curva irregular.

— Definitivamente é um G.

— Não estou entendendo — disse Lottie, franzindo a testa.

A Sra. Holden brigava com Virginia quando ela deixava restos de comida no chão. Pelo visto, atraía insetos nocivos.

— G de Guy. Nunca vi uma letra ficar tão definida — afirmou a Sra. Holden, antes de se curvar e recolher a casca de maçã.

Ela apertou ligeiramente os olhos ao fazer isso: ainda comprava cintas pequenas demais.

— Vou contar ao Guy que saiu um L. Ele vai ficar morrendo de ciúme. Quem que conhecemos tem um nome começando com L, Lots?

Ela raramente via Celia e a mãe rindo juntas. A amiga dizia que a mãe era a pessoa mais irritante da face da Terra. Lottie achava que Celia havia

se associado a um novo clube, como se ambas a tivessem deixado para trás.

— Vou pegar o leite.

— Elvis e sua Pélvis — disse Freddie, que tinha acabado de entrar na cozinha segurando as peças desmontadas de um velho relógio de pulso.

— Eu disse L, seu idiota — falou Celia com doçura, apesar da ofensa.

Não surpreende que esteja sendo gentil com todo mundo, pensou Lottie. Eu seria.

— Sabe de uma coisa, mãe? Guy diz que meus lábios são como rosas.

— Cheias de espinho — gritou Freddie, rindo. — *Ai!*

— L de Lindo. Lindo de morrer. Ele é bem lindinho e sonhador, não é, mamãe? Às vezes fico imaginando no que tanto ele pensa. Devemos tirar uma casca de maçã para você, Lottie? Pode aparecer um J... Nunca se sabe...

* * *

— Não sei o que deu nessa menina — disse a Sra. Holden quando Lottie saiu, irritada.

— Ah, é Lottie sendo Lottie. Ela vai ficar bem. Alguma coisa a deixou mal-humorada, só isso.

Celia colocou o cabelo para trás e conferiu o reflexo no espelho em cima da lareira.

— Escute, vamos fazer de novo. Agora com aquela maçã verde ali. Desta vez, vou usar uma faca mais afiada.

* * *

Ofereceram-lhe um emprego na Sapataria Shelford's, no final do calçadão. Ela aceitou, não porque precisasse — o Dr. Holden lhe disse que ela estava livre para esperar um pouco e decidir o que queria fazer —, mas porque estar fora de casa três dias por semana era muito mais fácil do que ficar na casa dos Holden. Além disso, estava quase impossível chegar até a Arcádia. Havia espiões por toda a cidade, só esperando para impedir qualquer um que se aventurasse a subir até a Casa do Pecado.

Fazia quase uma semana que Guy fora embora, e por aquele breve período ela foi capaz de respirar novamente e quase parecer normal. (Por sorte, Celia estava tão enclausurada em sua pequena bolha de amor que mal questionara aquilo a que a Sra. Holden se referia como os “episódios”

de Lottie.) Mas então ele voltou e contou que o pai lhe dissera para “se divertir e tirar umas férias” antes de começar sua incipiente carreira nos negócios da família. E Lottie, que se sujeitara fisicamente ao peso da melancolia, se preparou para uma situação ainda pior.

Além do mais, ele passou a morar na casa dos Holden. Havia procurado por um lugar, perguntara aos Holden se tinham alguma recomendação, como a pousada da Sra. Chilton. Mas a Sra. Holden nem deixou que ele argumentasse. Arrumou um quarto para Guy na Woodbridge Avenue. Nos fundos da casa, sabe. Com um banheiro próprio. Assim não haveria necessidade de andar pela casa no meio da noite, não é? (“Muito inteligente, querida”, foram as palavras da Sra. Chilton. “Não dá para confiar nos hormônios.”) Mas não houve dúvida de que ele deveria ficar. O Sr. Bancroft veria que eram uma família acolhedora. Com uma grande casa. O tipo de família que alguém desejaria para um casamento. E o imenso caixote de frutas exóticas que ele enviava todas as semanas no lugar do dinheiro para contribuir com as compras da casa era absolutamente bem-vindo, era preciso admitir. Não fazia sentido ter Sarah Chilton recebendo *essa oferta*.

E três dias por semana Lottie descia a colina, resignada, e atravessava o parque municipal, preparando-se para um dia tão difícil quanto se precisasse enfiar um pé trinta e sete em um sapato Mary Janes tamanho trinta e seis e imaginando quanto tempo mais conseguiria aguentar tanta dor e anseio. Joe não aparecera.

Ela levou quase dez dias para perceber.

* * *

Decidiram mandar uma carta. Um convite. Há maneiras de induzir as pessoas a fazer o que você quer sem precisar confrontá-las, segundo a Sra. Holden. E ela sempre queria evitar confrontos. As senhoras do sarau escreveram uma carta educada para a Sra. Julian Armand perguntando se gostaria de se juntar a elas para tomar um refresco e conhecer um pouco a comunidade local. Seria um prazer, declararam, receber outra amante das artes. Tradicionalmente, os moradores da Casa Arcádia participavam da vida cultural e social da cidade. (Essa última parte não era muito verdadeira, mas, como assinalou a Sra. Chilton, qualquer mulher que se preze se sentiria na obrigação de aceitar o convite.)

— Bem pensado — observou a Sra. Colquhoun.

— Há mais de um caminho para se chegar a Roma — acrescentou a Sra. Chilton.

* * *

Lottie já estava de saída quando a Sra. Holden a deteve. Tinha resolvido ir até a casa de Joe. Passara-se tempo demais e, presa em seu purgatório particular, ela decidira que qualquer distração seria bem-vinda, mesmo que isso implicasse ouvir repetidas vezes as confissões de devoção de Joe. Talvez ela houvesse desenvolvido um sentimento um pouco maior de solidariedade em relação a ele. Afinal, fora inesperadamente apresentada à dor de um amor não correspondido.

— Lottie, é você?

Ela parou no corredor, arfando baixinho. Havia pouca coisa que não faria para evitar ser parada na hora do sarau. Detestava aquele olhar de compreensão piedosa delas, aquele ar de reconhecimento solidário de que seu lugar estava cada vez mais frágil naquela casa. A Sra. Holden disse, mais de uma vez, que talvez Lottie conseguisse algo mais permanente em breve. Quem sabe ser contratada por uma boa loja de departamento. Havia uma ótima em Colchester.

— Sim, Sra. Holden.

— Pode vir aqui um instante, querida? Preciso lhe pedir um favor.

Lottie entrou devagar na sala, com um sorriso vago e falso para os rostos ansiosos que a fitavam. O cômodo, com a temperatura elevada de maneira artificial por uma nova calefação a gás, parecia pesado com os aromas superaquecidos de pó compacto ligeiramente velho e perfume em creme da Coty.

— Eu estava indo ao centro da cidade — disse ela.

— Sim, querida. Mas no caminho eu gostaria que você entregasse uma carta em meu nome.

Então era isso. Ela relaxou e se virou para sair.

— Para a casa da atriz. Você sabe qual.

Lottie deu meia-volta.

— A Arcádia?

— Isso, querida. É um convite.

— Mas a senhora falou que não devíamos ir lá, que era cheia de...

Ela se interrompeu, tentando se lembrar da frase exata da Sra. Holden.

— É, eu sei. Sei muito bem o que eu disse. Mas as coisas progrediram. E resolvemos apelar para um júízo melhor da Sra. Armand.

— Está certo — disse Lottie, pegando o envelope. — Até mais tarde.

— Você não vai deixar a garota ir sozinha, vai? — Era Deirdre Colquhoun.

Susan Holden espiou ao redor. Houve um breve silêncio enquanto as senhoras se entreolhavam.

— Bem, ela não pode ir sozinha.

— Provavelmente tem razão, querida. Depois de... tudo. É melhor que alguém a acompanhe.

— Tenho certeza de que vou estar em segurança — disse Lottie, sem esconder a irritação.

— Sim, querida. Mas você precisa reconhecer que há algumas coisas que os mais velhos sabem melhor. Onde está Celia, Susan?

— Arrumando o cabelo — respondeu a Sra. Holden, começando a ficar agitada. — Depois ela vai dar uma pesquisada em livros de noivas. É melhor se preparar para essas coisas...

— Bom, ela não pode ir sozinha — repetiu a Sra. Colquhoun.

— Pode ir com Guy — sugeriu a Sra. Holden.

— Então mande o rapaz com ela. Vai ser mais seguro.

A Sra. Chilton parecia satisfeita.

— G-Guy? — gaguejou Lottie, corando.

— Ele está no escritório. Vá até lá e o chame, querida. Quanto antes você for, mais cedo volta para casa. Além disso, vai fazer bem ao Guy sair um pouco. Ele passou a manhã inteira trancado em casa com Freddie. O pobre rapaz é muito paciente — explicou.

— M-Mas vou ficar bem sozinha.

— Você está sendo muito antissocial — comentou a Sra. Holden. — Para ser sincera, isso é tudo o que posso fazer para tirá-la do quarto. Ela não vê mais o amigo Joe, a pobre Celia mal consegue convencê-la a sair... Vamos lá, Lottie. Tente ser um pouco mais educada, está bem?

A Sra. Holden saiu da sala para procurar Guy.

— Como está o trabalho, querida? Tudo bem?

A Sra. Chilton precisou perguntar duas vezes.

— Ótimo — respondeu Lottie, se esforçando para prestar atenção, sabendo que essa seria considerada mais uma prova do seu mau humor.

— Vou passar lá para comprar botas de inverno. Estou precisando muito. Já chegou alguma boa, Lottie? Com revestimento de lã?

Ai, meu Deus, ele iria entrar na sala. E ela teria que falar com ele.

— Lottie?

— Acho que ainda estamos com a coleção de sandálias — murmurou.

A Sra. Chilton ergueu uma das sobrancelhas para a Sra. Ansty.

— Então vou mais para o fim da semana.

Lottie conseguiu sair da sala sem olhar para ele. Fizera um gesto superficial com a cabeça para responder ao seu cumprimento e depois fixara a atenção no chão, ignorando os olhares rápidos de exasperação que as mulheres trocaram. Mas, já fora da casa, caminhando vigorosamente pela rua, Lottie se viu diante de um perfeito dilema, dividida entre o desejo desesperado de correr dele e a agonia de que a considerasse grosseira e ignorante.

Com as mãos enfiadas com força nos bolsos e o rosto voltado para baixo contra o vento, ela se concentrou em manter a respiração regular. Era quase um esforço extremo considerar fazer qualquer outra coisa. Logo ele estaria longe, dizia para si mesma, como um mantra. Então vou dar um jeito de normalizar as coisas de novo.

Estava tão concentrada em sua tarefa que demorou alguns minutos para ouvi-lo.

— Lottie? Lottie, ei, mais devagar...

Ela parou e olhou para trás, na esperança de que o vento açoitando seu cabelo escondesse o rubor de sua bochecha.

Ele esticou o braço, como se quisesse contê-la.

— Está com pressa?

Guy tinha um leve sotaque, como se tivesse assimilado características dos países de sua juventude, de gente de fala mole e de gestos ágeis. Ele se movimentava com fluidez, como se sentisse prazer no simples ato de se mover, como se não houvesse barreiras físicas.

Lottie procurou uma resposta.

— Não — respondeu ela. — Desculpe.

Continuaram caminhando em silêncio, mais devagar dessa vez. Lottie cumprimentou com um gesto de cabeça um dos vizinhos, que ergueu o chapéu ao ver os dois e comentou:

— Como está ventando hoje.

— Quem era aquele?

— O Sr. Hillguard.

— É o que tem um cachorro?

— Esse é o Sr. Atkinson. — As bochechas de Lottie queimavam. — Ele também tem bigode.

Bigode. Bigode, ela zombou de si mesma. Quem em sã consciência repara no bigode de alguém? Ela começou a acelerar o ritmo à medida que subiam a colina em direção à Arcádia. Por favor, que isso termine logo,

desejava. Por favor, que ele se lembre de alguma coisa que precise fazer no centro. Por favor, que eu fique em paz.

— Lottie?

Ela parou, contendo as lágrimas. Estava começando a ficar histérica.

— Lottie, por favor, espere.

Ela se virou. Fitou-o de frente pela segunda vez. Ele ficou parado diante dela, os enormes olhos castanhos enfeitando um rosto bonito demais. Espantado. Meio que sorrindo.

— Eu ofendi você?

— O quê?

— Não sei direito o que fiz, mas gostaria de saber.

Como você não sabe?, pensou. Como não percebe? Não vê em mim o que vejo em você? Ela esperou um instante antes de responder. Para o caso de ele mesmo o fazer.

Como isso não aconteceu, sentiu vontade de chorar de irritação.

— Você não fez nada — respondeu, e voltou a caminhar para ele não perceber que ela mordida as bochechas com força.

— Ei. *Ei*.

Ele agarrou a manga de Lottie, que puxou o braço como se ele a tivesse queimado.

— Você tem me evitado desde que cheguei. É alguma coisa estranha por causa da Celia e de mim? Sei que vocês sempre foram próximas.

— Claro que não — respondeu ela, irritada. — Agora, por favor, vamos continuar. Tenho muitas coisas para fazer hoje.

— Não sei como — continuou a voz atrás dela. — Você parece passar a maior parte do tempo trancada no quarto.

Um grande nó surgiu na garganta de Lottie. Ela estava sufocando. Seus olhos ardiam de lágrimas. Faça ele ir embora, meu Deus. Por favor. Não é justo comigo.

Mas Guy alcançou o ritmo dela novamente.

— Sabe, você me lembra alguém. — Ele não a encarou dessa vez. Apenas continuou caminhando ao seu lado. — Ainda não me lembrei bem de quem. Mas vou lembrar. É esta a casa?

Fora da direção do vento, o sol batia em suas costas, aquecendo-as. Lottie subiu com menos vigor o caminho, o cascalho fazendo barulho sob seus pés. Ela estava perto da casa quando percebeu que não o ouvia.

— Uau!

Ele estava logo atrás, parado, fazendo sombra nos olhos com uma das mãos, piscando por causa da luz do sol.

— Quem mora aqui?
— Adeline. E o marido dela, Julian. E outros amigos.
— Não parece uma casa inglesa. Está mais para uma das casas onde fui criado. Nossa...

Ele sorriu e seguiu em direção à construção, examinando ao redor, observando as janelas cúbicas, o branco caiado da fachada.

— Sabe, não gosto tanto das casas inglesas. daquelas vitorianas tradicionais, que imitam o estilo Tudor. Parecem meio escuras e maçantes. Até mesmo a casa dos pais de Celia é assim. Esta faz muito mais o meu estilo.

— Gosto dela — disse Lottie.

— Achei que não fosse encontrar casas assim por aqui.

— Quanto tempo faz desde que você foi embora?

Ele franziu o cenho, refletindo.

— Cerca de vinte anos. Eu tinha uns seis anos na primeira vez que saímos da Inglaterra. Vamos entrar?

Lottie olhou para o envelope em sua mão.

— Não sei — respondeu. — Acho que podemos enfiar na caixa de correio...

Ela fitou a porta, querendo entrar. Fazia quase duas semanas que não ia ali. Celia não quis ir com ela. “Ah, aquele pessoal”, disse com desdém. “Um bando de desajustados entediados. Você tem que vir a Londres, Lots. E se divertir um pouco. Talvez até encontre alguém.”

— Eu não deveria gostar deles — explicou ela. — Das pessoas que moram aqui. Mas eu gosto.

Guy a encarou.

— Então vamos entrar.

Foi Frances quem abriu a porta, não Marnie.

— Ela foi embora — explicou a mulher, virando-se para seguir pelo corredor, limpando escamas de peixe das mãos em um avental branco que não lhe caía bem. — Marnie nos largou. Foi um choque, na verdade. Nenhum de nós aqui é especialmente bom nas tarefas domésticas. Fui escolhida para preparar o peixe para o jantar. Fiz uma bagunça terrível na cozinha.

— Este é Guy — apresentou Lottie.

Mas Frances apenas acenou com uma das mãos. Havia visitantes demais na Arcádia para que valesse a pena formalizar as apresentações.

— Adeline está na varanda. Ela foi designada para planejar nosso mural.

Enquanto Guy olhava ao redor com interesse, Lottie lançava olhares furtivos ao perfil dele. Diga algo horrível, desejou ela. Seja desdenhoso com Frances. Faça com que eu deixe de gostar de você. Por favor.

— Que peixe é? — perguntou ele.

— Truta. Essas detestáveis criaturas escorregadias. Estão voando por toda a cozinha.

— Quer que eu ajude? Sou bom em limpar peixes.

O alívio de Frances foi quase palpável.

— Você faria isso? — perguntou ela, levando-o depressa para a cozinha, onde duas trutas arco-íris sangravam na mesa de madeira descorada. — Não sei por que ela foi embora. Mas sempre ficava irritada com a gente por algum motivo. Eu já estava com muito medo dela no fim, aquela velha mal-humorada.

— Ela nos censurava. Nossa família.

Adeline aparecera na porta. Vestia uma saia preta longa, finamente plissada, com blusa branca e gravata preta. Sorriu, os olhos fixos em Guy.

— Acho que ela ficaria mais à vontade com algo... um pouco mais tradicional. Você trouxe uma visita nova, Lottie?

— Este é Guy — respondeu. Depois se forçou a acrescentar: — Noivo de Celia.

O olhar de Adeline foi de Guy para Lottie e depois para o rapaz novamente. Ela fez uma pausa, como se avaliasse algo, então estendeu a mão para cumprimentá-lo.

— É um prazer conhecê-lo, Guy. E receba meus parabéns.

Seguiu-se um breve silêncio.

— Parece que nunca mantemos as mesmas empregadas por muito tempo. Esta faca serve? Não está muito afiada.

Frances erguia uma faca suja de sangue. Guy testou a lâmina no polegar.

— Não surpreende que você esteja com dificuldade. Esta faca está tão afiada quanto uma espátula de manteiga. Tem um amolador? Vou fazer isso para vocês.

— Acho que precisamos contratar alguém — declarou Frances. — Nunca pensamos em coisas como amolar facas.

Ela esfregou a bochecha distraidamente, deixando sem querer uma mancha vermelha.

— Ah, é tão chato procurar funcionários — comentou Adeline, parecendo mal-humorada. Ela ergueu uma das mãos e a levou à testa com um gesto teatral. — Nunca consigo pensar nas perguntas certas. E nunca

verifico se estão fazendo as coisas direito. Nem ao menos sei o que *deveriam* fazer.

— E eles sempre acabam se aborrecendo com *a gente* — acrescentou Frances.

— Você precisa de um funcionário para lidar com os outros funcionários — sugeriu Guy, que, com movimentos enérgicos e hábeis, amolava a lâmina na haste vertical.

— Sabe, você tem toda razão — concordou Adeline.

Ela deve ter gostado dele, notou Lottie, pois reservava aquele sorriso para as pessoas com quem se sentia à vontade. Lottie conhecia Adeline bem o suficiente para perceber o outro tipo de sorriso, em que os cantos da boca se elevavam, mas os olhos mudavam. Lottie, por sua vez, apenas encarava Guy, hipnotizada pelo barulho ritmado de metal roçando em metal, a contração repetitiva de seu braço bronzeado sob a camisa. Ele era tão bonito; a pele parecia quase um verniz, a luz vinda das janelas se refletindo nas superfícies do osso malar. O cabelo comprido e fora de moda caía em camadas de um dourado fechado, escurecendo na altura da nuca como se protegesse segredos importantes. Na sobrancelha esquerda, diversos pelos da junção com o osso eram brancos, possivelmente por conta de algum acidente. Aposto que Celia não reparou nisso, pensou Lottie, distraída. Aposto como ela não vê metade das coisas que eu vejo.

Adeline reparou.

Lottie, perdida em pensamentos, sentiu o calor cada vez mais intenso do olhar fixo de Adeline e, ao virar-se para ela, acabou corando como se tivesse sido flagrada no meio de uma transgressão.

— E onde está Celia?

— Arrumando o cabelo. A Sra. Holden pediu para Guy me acompanhar.

Ela não tinha a intenção de parecer na defensiva. Mas a mulher apenas concordou com a cabeça.

— Pronto! — Guy ergueu uma das trutas, lavada e destripada, que pendia funestamente pela cauda. — Quer que eu use a outra para mostrar como se faz?

— Eu preferiria que fizesse para mim — respondeu Frances. — Você leva mais ou menos um décimo do tempo.

— Com prazer — disse Guy.

Enquanto o observava entalhar o abdome brilhante, da garganta à cauda, Lottie se deu conta de que começara a chorar.

Na varanda, beberam o chá feito por Lottie. Frances realmente era um desastre nas tarefas domésticas. Tinha se esquecido de coar o primeiro bule que preparou, deixando o leite salpicado de folhas de chá preto. No segundo, ela se esqueceu de juntar as folhas e pareceu prestes a chorar quando alguém gentilmente comentou isso. Adeline achou engraçado e ofereceu vinho. Lottie, porém, ansiosa para que Guy não pensasse mal deles, recusou e se ocupou preparando o chá. Ficou contente de ter um tempo para si mesma. Sentiu-se como se estivesse começando a queimar com a eletricidade que percorria seu corpo, incapaz de controlar a direção da corrente elétrica.

Quando entrou na sala, carregando a bandeja e o jogo de cerâmica esquisito, Adeline estava mostrando a Guy o início do mural. Desde a última visita de Lottie, linhas estranhas haviam aparecido na superfície branca, silhuetas se encostando ao longo da parede. Guy, de costas para ela, desenhava uma das linhas com o dedo, cuja ponta tinha um formato quadrado. O colarinho aberto caíra para trás, revelando uma nuca extremamente bronzeada.

— Você já está aqui, Lottie. Olhe só, pinteí você bem longe do George, para que não fosse ofendida por ele. Que homem inconsequente, esse aí — comentou Adeline. — Só pensa em economia russa e coisa assim. Parece que não tem bom senso.

Todo o antebraço dele era coberto de pelinhos louros tão finos quanto a penugem de uma asa de borboleta. Lottie enxergava todos.

— Quero que você apareça carregando alguma coisa, Lottie. Quem sabe uma cesta. Porque colocar você ligeiramente inclinada vai mostrar suas belas curvas. E quero que seu cabelo esteja solto, pendurado como uma cortina.

Frances encarava o rascunho, como se aquela não tivesse nada a ver com a Lottie real.

— E vamos vestir você com cores exóticas. Algo radiante. Bem pouco inglês.

— Algo como um sári — acrescentou Frances.

— As moças daqui se vestem com cores muito mais insípidas do que nos lugares onde fui criado — contou Guy, virando-se para incluí-la na conversa. — Aqui todo mundo parece usar marrom ou preto. Quando morávamos no Caribe, todas as pessoas se vestiam com vermelho, azul-vivo ou amarelo. Até mesmo eu. — Ele sorriu. — Minha camisa preferida

tinha um sol amarelo brilhante nas costas. Um sol imenso, com os raios se estendendo até os ombros.

Ele esticou os braços junto ao peito para mostrar.

Lottie colocou com cuidado a bandeja na mesa, para que a louça não chacoalhasse.

— Acho que deveríamos vestir Lottie de vermelho. Ou talvez verde-esmeralda — sugeriu Adeline. — Ela é tão encantadora, nossa querida Lottie, e vive se escondendo. Sempre se faz de invisível. Eu tenho uma missão — confidenciou a Guy, respirando com uma intimidade quase exagerada no ouvido dele. — A missão de mostrar a esta cidade que Lottie é uma de suas joias mais preciosas.

A garota sentiu uma raiva ardente de Adeline e a suspeita inquietante de que estavam zombando dela.

Mas não havia ninguém rindo.

Guy nem mesmo parecia incomodado com o comportamento de Adeline. Ele lhe retribuiu o sorriso largo, depois se voltou lentamente para Lottie. Fixou o olhar nela, como se a estivesse enxergando da maneira devida.

Ter aqueles dois rostos, de Guy e de Adeline, a encarando desequilibraram Lottie de tal forma que ela não se conteve mais.

— Não admira que os funcionários de vocês não durem. Esse lugar é um chiqueiro! Precisam arrumar tudo! Ninguém vai durar se vocês não arrumarem a casa antes.

Ela se levantou de repente e começou a recolher jornais e garrafas de vinho vazias pela varanda, juntando taças havia muito tempo esvaziadas, recusando-se a olhar para qualquer pessoa.

— Lottie! — Ela ouviu a suave exclamação de Adeline.

— Não precisa fazer isso, Lottie — disse Frances. — Sente-se, querida. Você acabou de preparar o chá.

Lottie passou como um raio por ela, empurrando a mão esticada.

— Mas está sujo. Em alguns lugares está *imundo*. Olhem, vocês precisam de sabão antisséptico. Ou algo do tipo.

As palavras se atropelavam. Ela entrou na casa, frenética, limpando pilhas de papéis das mesas, puxando as cortinas.

— Vocês não vão conseguir uma empregada de outro jeito. Ninguém vai aceitar. Não podem viver assim. Vocês *não* podem viver assim!

Sua voz falhou nas últimas palavras, e então ela seguiu pelo corredor às pressas, saindo pela porta da frente e parando debaixo da luz forte do sol vespertino, sem prestar atenção aos gritos perplexos das pessoas atrás dela.

Guy a encontrou no jardim. Lottie estava sentada perto do pequeno lago, jogando pedacinhos de pão na água turva, de costas para os tijolos desgastados da casa. Quando ele se aproximou, ela olhou ao redor, resmungou algo e enterrou o rosto nos braços superbronzeados. Mas ele não disse nada. Em silêncio, sentou-se ao lado dela, ofereceu-lhe um prato e, enquanto ela continuava imóvel, olhando-o furtivamente por baixo da cortina de cabelo, ele tirou uma grande fruta rosada da dobra do braço. Conforme ela observava o formato desconhecido da fruta, a curiosidade vencendo o constrangimento, ele puxou um canivete do bolso e começou a fazer sulcos longitudinais na casca. Concentrado na tarefa, retirou as quatro partes regulares da casca, forçando a lâmina com cuidado e soltando a polpa do caroço.

— Manga — disse ele. — Chegou hoje. Experimente.

Ela olhou para baixo, os pedaços úmidos e brilhantes à frente.

— Cadê Celia?

— Ainda no cabeleireiro.

No andar de cima, Freddie chorava. Dava para ouvir seus soluços raivosos e infantis pontuados por protestos embargados.

Ela examinou o rosto dele.

— Tem gosto de quê?

Lottie sentia o aroma da fruta entre os dedos de Guy.

— De coisa boa.

Ele pegou um pedaço do prato e aproximou-o dos lábios dela.

— Experimente.

Ela fez uma pausa. Percebeu que sua boca já estava aberta. A fruta era suave e doce. Tinha um gosto perfumado. Ela a deixou derreter lentamente na língua, concentrando-se na suculência do alimento, fechando os olhos para imaginar melhor os climas estrangeiros quentes, locais onde as pessoas usavam amarelo e azul-vivo, onde carregavam o sol nas costas.

Quando abriu os olhos, Guy ainda a observava. Não estava mais sorrindo.

— Gostei deles — disse.

Lottie foi a primeira a desviar o olhar. Demorou um tempo. Ela se levantou, passando a mão na saia para limpar uma sujeira inexistente. Então deu meia-volta e caminhou para a casa, sentindo no fundo do peito a primeira bonança de uma tempestade duradoura.

Ela se virou antes de chegar à porta dos fundos.
— Eu sabia que você ia gostar.

5

Podia ter sido apenas uma maneira de manter alguma aparência de sanidade, mas Lottie gostava de acreditar que havia certa inevitabilidade naquilo. Assim como sabia, depois de achar a carta-convite para o “sarau” de Merham ainda fechada e dentro do bolso, que seria Guy a sugerir que retornassem à casa, com o pretexto de que havia um cavalheiro interessado em conversar sobre os negócios do pai. (Afim, a Sra. Holden jamais ousaria objetar a qualquer coisa relacionada a negócios.) Ela também sabia que Guy, de algum modo, escolheria um momento em que Celia estivesse em uma missão de embelezamento: olhar sapatos em Colchester ou meias novas em Manningtree — o tipo de tarefa que não se esperava que um homem, mesmo o próprio noivo, pudesse acompanhar. Assim como sabia que ele a via de uma forma diferente. Ela podia não estar usando esmeralda, mas tinha adquirido algumas das qualidades da joia preciosa de Adeline, e, em retribuição, seu brilho vinha de dentro, atraindo o olhar dele feito um brilhante captando a luz.

Nada disso foi dito às claras, obviamente. Da mesma maneira como Lottie encontrara formas de evitar Guy, ela passou a vê-lo caminhando ao seu lado em direção ao parque municipal. Ou eram os braços dele que carregavam a cesta de roupas quando ela estendia os lençóis. Ou ele se oferecia para passear com Mr. Beans quando ela saía para resolver algum assunto no calçadão.

E, mais rápido do que poderia ter previsto, Lottie perdeu a inibição diante de Guy; percebeu que a dor sutil que sentia ao ficar perto dele foi substituída por um lampejo de expectativa, um desejo incomum de conversar, uma crença recém-adquirida de que ela estava onde sempre deveria ter estado. (“Seu humor melhorou um pouco. Está menos teimosa”, observou a Sra. Holden. “Susan, deve ser de família”, justificou a Sra. Chilton. “Posso apostar que a mãe era uma rabugenta de marca maior.”) Ela tentava não pensar em Celia. Era fácil quando estava perto dele: nesses momentos Lottie se sentia cercada por paredes invisíveis, abrigada pela crença de que era um direito seu estar ali. Era quando ficava

sozinha com a amiga que se sentia nua, as ações expostas sob uma luz nitidamente desonesta.

Tudo porque ela não encarava Celia da mesma forma. Onde antes via uma aliada, passou a ver uma rival. Celia não era mais Celia, mas um amálgama de elementos aos quais Lottie precisava se comparar: uma cobertura de cabelo louro de corte moderno ou sua trança escura, reta, típica de uma colegial; uma tez brilhosa, macia feito pêssego ou sua pele cor de mel; pernas longas, dignas de uma dançarina ou suas próprias. Seriam mais curtas? Mais atarracadas? De algum modo menos torneadas?

Então vinha o sentimento de culpa: à noite, ela tapava os ouvidos para não escutar Celia ressonando, chorava em silêncio diante do desejo desesperado de trair a garota que ela considerava uma irmã. Ninguém tinha sido mais próximo dela. Ninguém fora mais gentil com ela. E esse senso infame de duplicidade lhe suscitava ainda maior rancor de Celia.

De vez em quando tinha um vislumbre de sua antiga parceria, como nuvens se afastando para revelar uma faixa de azul infinito, mas depois elas se reuniam, e Lottie não enxergava Celia sem uma referência a Guy. Se a amiga jogasse um beijo para o noivo, ela tentava conter a ânsia de se colocar irracionalmente entre os dois, feito uma muralha humana que o impedisse de receber o beijo; um braço enroscado em volta do ombro dele a enchia de pensamentos quase beirando o homicídio. Lottie oscilava entre o sentimento de culpa e o ciúme enraivecido, com o pêndulo muitas vezes ficando no ponto mais baixo entre os dois.

Celia não parecia notar. A Sra. Holden, em frenesi diante da perspectiva da cerimônia do casamento, decidira que nenhuma das roupas da filha era digna de sua iminente posição na sociedade e estava determinada a renovar todo o guarda-roupa dela. Celia, após garantir a Lottie que conseguiria incluir alguma peça nova para ela também, se dedicou à tarefa sem fazer nada além de dar uma olhada mínima para trás em direção à amiga não tão bem-vestida.

— Vou pegar alguns folhetos sobre a lua de mel esta tarde — disse. — Acho que um cruzeiro seria perfeito. Não acha, Lottie, que um cruzeiro seria perfeito? Imagine ficar sentada lá no deque de biquíni? Guy está desesperado para me ver de biquíni. Ele acha que vou ficar maravilhosa. Todas as estrelas de Hollywood viajam em cruzeiro hoje em dia. Ouvi isso em Londres... Lots? Ah, me desculpe, Lots. Que falta de consideração a minha. Ei, escute, tenho certeza de que você também vai viajar de cruzeiro quando se casar. Posso até guardar os folhetos para você, se quiser.

Lottie, porém, não sentia inveja: estava agradecida por ganhar um tempo extra com Guy. E tentava acreditar, enquanto os dois caminhavam juntos aparentemente por coincidência, seguindo o caminho que levava à Arcádia, que Guy também sentia a mesma gratidão.

* * *

As crianças avistaram Joe antes que ele as visse. O motivo era óbvio: ele estava enfiado embaixo do capô de um Austin Healey, tendo dificuldade com a tampa de um distribuidor. Freddie, passando pelo rapaz ao voltar da mercearia com Sylvia e Virginia, correu até suas costas e enfiou a mão ainda grudenta com algum doce não identificado por dentro da camisa de Joe.

— Celia vai ter um bebê!

Joe emergiu, esfregando a cabeça no local onde bateu na lataria do carro.

— Freddie!

Virginia lançou um olhar ansioso para a rua, entrou na oficina aberta e começou a arrastar sua carga para longe.

— Vai, sim! Na noite passada escutei ela e a mamãe conversando como fazer um bebê. E a mamãe disse que ela precisava fazer Guy tomar conta dos assuntos dele, assim ela não precisaria ter um bebê novo todo ano.

— Freddie, vou contar para sua mãe que você anda espalhando coisas absurdas! Desculpe — disse ela, movimentando os lábios sem emitir som enquanto Freddie se contorcia para se livrar da moça, que em geral o segurava com mãos de ferro.

— Por que você não nos visita mais? — Sylvia estava parada na frente dele, a cabeça inclinada para o lado. — Você ia me ensinar a jogar Banco Imobiliário e não apareceu no dia seguinte como prometeu.

Joe esfregou as mãos em um trapo.

— Desculpe — respondeu. — Tenho andando meio ocupado.

— Lottie diz que é porque você está zangado com ela.

Joe parou de esfregar.

— Ela diz isso?

— Falou que você parou de nos visitar porque ela está saindo com Dickie Valentine.

Joe caiu na gargalhada, ainda que não quisesse rir.

— Lottie também vai ter um bebê? — perguntou Freddie espiando o motor, esticando o braço rosado, gorducho e explorador.

— Sylvia. Freddie. Vamos *embora*.

— Se Lottie tiver um bebê, você vai ensinar ele a jogar Banco Imobiliário?

— Se você tiver uma borracha, vai precisar ter só um bebê.

Joe, afastando a mão de Freddie, começou a balançar a cabeça. Virginia, ao lado, ria.

Freddie, sentindo que estava agradando, começou a acelerar o ritmo.

— Lottie vai ter um bebê com Dickie Valentine. Ele vai cantar sobre isso na televisão.

— Você tem que tomar cuidado com o que diz, Freddie. Alguém pode acreditar.

Virginia se virou para Joe, rindo. Gostava dele. Obviamente o garoto estava perdendo tempo suspirando por Lottie. A garota tola se considerava boa demais para ele, pelo jeito, importante demais, imaginando que, por morar com os Holden, havia se tornado um deles. Mas ela não era melhor do que Virginia em nada. Apenas teve sorte.

— Elvis Presley é que vai ser o próximo parceiro dela, de acordo com esses dois.

Ela alisou o cabelo para trás, se arrependendo de não ter passado um pouco de batom, como pensara em fazer.

Joe, porém, não parecia reparar. Ele nem parecia achar Elvis Presley engraçado. Tinha ficado sério de novo.

— Tem saído muito ultimamente, Joe? Ido ao Clacton?

Virginia se aproximou dele, posicionando-se de forma a deixar as pernas magras no campo de visão do rapaz.

Joe olhou para baixo e oscilou um pouco de um pé para o outro.

— Não. Ando meio ocupado.

— Freddie tem razão. Não temos visto você ultimamente.

— Não. Pois é.

— Estou com uma unha solta. Olhe.

Freddie esticou a mão para a frente.

— Uma cutícula solta, Freddie. Já falei para você. E vai sair logo. Pare de ficar mostrando às pessoas.

— Eu posso fazer uma bomba de hidrogênio. Dá para comprar hidrogênio na farmácia. Ouvi o Sr. Ansty contar.

Joe deu uma espiada no relógio, como se esperasse que eles fossem embora. Mas Virginia continuou:

— Ele queria dizer peróxido de hidrogênio. Olhe, Joe, vou com alguns conhecidos ao novo salão de dança na Colchester Street no sábado. Se

quiser vir, tenho certeza de que consigo um ingresso para você.

Ela fez uma pausa.

— Vai ter uma banda de Londres. Parece que são muito bons. Eles tocam rock’n’roll. Iríamos nos divertir.

Joe olhou para ela e torceu o trapo nas mãos.

— Pense no assunto, pelo menos.

— Obrigado, Virginia. Obrigado. Eu... depois dou uma resposta.

* * *

Na década de 1870, um capitão americano chamado Lorenzo Dow Baker desembarcou em Port Antonio e, ao fazer um passeio de lazer por um mercado, descobriu que os nativos gostavam especialmente de comer uma fruta amarela com formato estranho. O capitão Baker, de mente empreendedora, achou que a aparência e o cheiro eram convidativos. Comprou cento e sessenta pencas por um xelim cada e as estocou no porão do seu navio. Quando voltou a Nova Jersey, nos Estados Unidos, onze dias depois, os comerciantes locais pularam em cima da fruta e lhe pagaram uma grande soma de dois dólares por penca.

— Um lucro nada mau — disse Julian Armand.

— Por um monte de bananas. Os habitantes locais ficaram malucos pela fruta nova. Os que foram capazes de ignorar a estranheza e chegar à doçura... foram recompensados. E esse foi, na realidade, o início da indústria de importação de frutas. O velho Baker se tornou a Companhia de Frutas de Boston. E a empresa que cresceu a partir dessa primeira empreitada é uma das maiores exportadoras da atualidade. Meu pai me contava essa história na hora de dormir.

Ele sorriu para Lottie.

— Ele não gosta mais de contar essa história, porque agora a empresa é muito maior do que a dele.

— Um homem competitivo — observou Julian, sentado com os pés descalços sobre uma pilha de livros.

No colo, ele tinha uma pilha de litogravuras, que separava em duas pilhas, uma em cada almofada do sofá. Ao lado, Stephen, um jovem pálido e sardento que parecia não falar nunca, pegava as que o outro descartava e também as examinava com cuidado, como se fosse uma questão de generosidade. Ele era, aparentemente, dramaturgo. Lottie havia acrescentado a palavra “aparentemente”, igual a Sra. Holden fazia, já que

nos últimos tempos lhe ocorrera que nenhum deles, com exceção de Frances, parecia fazer qualquer coisa.

— E os negócios dele são bem-sucedidos?

— Hoje em dia, sim. Quer dizer, não sei quanto ele ganha, em valores ou coisa assim, mas sei bem que desde que eu era criança nossas casas aumentaram de tamanho. Assim como os carros.

— A competitividade tem suas recompensas. E seu pai parece muito determinado.

— Não suporta perder nada. Nem mesmo para mim.

— Você joga xadrez, Guy?

— Faz algum tempo que não. Gosta de jogar, Sr. Armand?

— Não, eu não. Em termos de estratégia, sou uma negação. Se você joga bem, é melhor enfrentar o George.

— A mente do George é matemática pura. Lógica pura. Muitas vezes, acho que ele é meio homem, meio máquina — disse Adeline.

— Você quer dizer que ele é frio.

— Não frio, exatamente. George pode ser incrivelmente gentil. Mas não é um homem para se amar.

A conversa amena disfarçava o fato de que havia uma tensão no ar naquela tarde que pouco tinha a ver com o iminente início do outono. Lottie não havia sentido a princípio: uma vibração quase imperceptível entre as pessoas na sala, uma carga explosiva. Adeline levantou uma mecha do cabelo da garota.

— Não, não é um homem por quem se apaixonar.

Sentada em silêncio aos pés de Adeline, Lottie tentou não ruborizar com a fala da outra, instigada a partir de uma fantasia que envolvia navios de carga e frutas exóticas. Adeline enfeitava o cabelo dela com pequeninas rosas bordadas que havia redescoberto em uma caixa acolchoada.

— Estavam costuradas no meu vestido de noiva — contou ela.

Lottie ficou horrorizada.

— Era apenas um vestido, querida. E eu só gosto de manter o melhor do passado.

Adeline insistira em pregá-las no cabelo de Lottie, “só para ver como fica”. No começo, a menina recusara; o que Adeline “veria” quando estivesse com um monte de botões de tecido no cabelo? Mas então Guy dissera que sim, ela devia aceitar. Devia deixar Adeline desfazer sua longa trança, devia ficar quieta enquanto o cabelo fosse escovado e enfeitado. E a ideia de ter o olhar de Guy fixo nela, sem importar por quanto tempo,

foi tão deliciosa que Lottie, não sem dispensar alguns protestos, acabara concordando.

— Mas vou precisar tirar tudo antes de ir embora. A Sra. H teria uma síncope.

Adeline fez uma pausa quando Frances apareceu, vinda da varanda; Lottie sentiu as mãos da mulher ficarem imóveis e ouviu uma leve arfada enquanto Frances passava. Frances não disse uma palavra durante a hora e meia que ficaram lá. No começo, Lottie não notou; todos os seus sentidos estavam concentrados em Guy, e ultimamente era muito comum que Frances ficasse do lado de fora, trabalhando no mural. Mas então ela também se deu conta de certa *froider* na maneira como Frances se recusava a responder às insistentes indagações de Adeline sobre se ela gostaria de um drinque, um pincel novo, alguma das frutas deliciosas de Guy.

Lottie, erguendo o olhar enquanto ela passava, notou seu longo queixo tenso e retesado, como se lutasse para não dar uma resposta malcriada. Os ombros quadrados e ossudos estavam rígidos, e ela se curvava sobre a bandeja de tinta como se desafiasse qualquer um a obstruir seu caminho. Teria parecido quase agressivo, não fosse pelo suave cor-de-rosa em seus olhos, o modo como as pestanas se separaram, úmidas, feito pontas de pequenas estrelas.

Julian a aborreceu, pensou Lottie. Ela nunca ficava assim antes de ele chegar. De algum modo, a mera presença do homem havia alterado sua conduta, explicitando sua frustração.

— Quer ajuda na sua pintura, Frances? — perguntou.

Frances, desaparecendo em direção à cozinha, não respondeu.

Restavam ainda quatro dias até que os pais de Guy chegassem para conhecer os Holden, e Lottie, ciente de que a visita provavelmente colocaria um ponto-final no tempo que passavam juntos, memorizava intensamente e armazenava cada momento deles na Arcádia, feito uma criança pequena acumulando doces. Era uma tarefa problemática, pois muitas vezes ela ficava tão determinada a impregnar tudo na memória que parecia distraída e ausente para as pessoas ao redor.

“Lottie nos deixou de novo”, dizia Adeline. E Lottie, diversos minutos depois, se sobressaltava, repentinamente consciente de que era o centro das atenções.

Guy não comentava nada. Parecia aceitar os aspectos da personalidade dela que as outras pessoas sentiam necessidade de criticar. Ou pelo menos

não as questionava, e Lottie, que se entristecia verdadeiramente de ter sua personalidade questionada, ficava agradecida.

Os Bancroft chegariam no sábado e se hospedariam no Riviera Hotel, onde haviam reservado o melhor quarto, que tinha uma imensa varanda privativa com vista para a baía. (“Um pouco de ostentação demais”, comentou a Sra. Chilton, bastante desconcertada com o fato de que sua hospedaria não fora considerada para acomodar os visitantes. “Mas, por outro lado, suponho que sejam praticamente estrangeiros.”) Desde que Guy anunciara a iminente chegada deles, a Sra. Holden entrara em uma onda de histeria doméstica, deixando a sobrecarregada Virginia vermelha e furiosa.

— Acho que eu gostaria de conhecer sua família, Guy. Seu pai parece ser um homem muito interessante.

— Ele... Eu diria que ele é o tipo de pessoa de quem se aprende a gostar com o tempo — respondeu. — É mais direto do que alguns britânicos estão acostumados. Acho que certas pessoas o consideram um pouco americano. Um pouco prepotente. Além do mais, só está interessado realmente nos negócios. Todo o resto, ele acha bem maçante.

— E sua mãe? Como é para ela viver com tal força da natureza?

— Ela ri muito dele. Na verdade, acho que é a única pessoa que faz isso. Ele é meio explosivo, sabe. É muito fácil se sentir... intimidado por ele.

— Mas você não se sente assim.

— Não. — Ele olhou para Lottie de soslaio. — Para falar a verdade, nunca fiz nada para aborrecê-lo.

A palavra “ainda”, não pronunciada, ficou suspensa no ar. Lottie sentiu e estremeceu levemente. Desviou os olhos de Guy e fixou-os nos próprios sapatos, que estavam gastos de tanto ela correr na praia com Mr. Beans. O Dr. Holden comentou que nunca soube que o cão caminhava tanto. Enquanto isso, Adeline se levantou e saiu da sala, aparentemente à procura de Frances. Um silêncio pairou, enquanto Julian continuava classificando as litogravuras, de vez em quando erguendo uma delas contra a luz e soltando um “hunf”, tanto ao aprovar quanto ao desprezar a obra. Stephen havia se desenroscado dele e se espreguiçava, a fina camisa de algodão revelando o abdome pálido conforme os braços se esticavam para o teto.

Lottie espiou Guy e ruborizou quando ele retribuiu seu olhar. Em qualquer ambiente interno (às vezes externo) que o rapaz estivesse, Lottie ficava inteiramente consciente de sua presença, como se pudesse captar

minúsculas vibrações no ar, e estremecia em resposta. Ao olhar para baixo, deixando o peso das rosas bordadas baixar seu cabelo como uma cortina, escondendo seu rosto, a menina tinha consciência de que ele continuava com os olhos fixos nela.

Ambos deram um pulo ao ouvirem gritos. Era a voz de Frances, abafada, de forma que era impossível entender o que ela estava dizendo. O tom, contudo, era inconfundível. A voz de Adeline podia ser ouvida mais baixa do que a outra, gentil, razoável, antes que a de Frances explodisse novamente, uma exclamação de que algo era *impossible!* e, então, um choque alto de alguma peça da cozinha atingindo o piso de pedra.

Lottie tentou dar uma espiada em Julian, mas ele parecia incrivelmente desinteressado: sua cabeça se levantou por um instante, como se confirmando algo do qual já suspeitava, depois ele voltou às litogravuras, murmurando um comentário sobre a qualidade da impressão. Stephen deu uma olhada, assinalou alguma coisa no papel, e ambos fizeram um gesto de concordância.

— Não, você não fez, porque escolheu não fazer. Você tem como optar, Adeline. Mesmo que seja mais fácil para você fingir que não tem.

Era como se eles não pudessem escutar. Lottie ficou mortificada. Ela detestava ouvir discussões: deixava seus nervos à flor da pele, fazia com que se sentisse com cinco anos, novamente vulnerável e impotente.

— Não vou aceitar, Adeline. Não vou. Já lhe disse, tantas e tantas vezes. Não, eu lhe supliquei...

Alguém precisa ir lá interrompê-las, desejou Lottie. Qualquer um. Mas Julian não se mexeu.

— Quer ir embora? — Guy articulou a frase sem emitir som quando ela teve coragem de enfrentar o olhar dele.

Julian levantou uma das mãos em um gesto amigável, a título de despedida, quando os dois se retiraram. Ele estava rindo de algo dito por Stephen. Na cozinha, tudo estava em silêncio.

Guy segurou a mão de Lottie enquanto desciam pelo caminho de cascalho. Com o toque dele queimando sua pele durante todo o percurso até o alto da Woodbridge Avenue, ela se esqueceu do som das vozes altercadas, com as rosas bordadas ainda presas no cabelo.

— Pelo amor de Deus, o que você fez com seu cabelo, Lottie? — perguntou a Sra. Holden. — Parece que foi bombardeada por gaivotas!

Mas Lottie não se importou. Quando ele soltara a mão dela, tinha levantado a mão para tocar uma das pequeninas rosas.

— Uma força da natureza — murmurara ele.

Havia determinadas maneiras de fazer as coisas, certos padrões que precisavam ser cumpridos. E, ao que parecia, a resposta de Adeline ao convite para o sarau das senhoras de Merham estava muito aquém do esperado.

— Ela lamenta que no momento não possa comparecer? Por quê? Está ocupada? Cuidando de crianças? Requerendo o cargo de primeiro-ministro, talvez? — A Sra. Chilton ficou especialmente aborrecida.

— Mas ela espera que encontremos um tempo para ir a sua casa algum dia — disse a Sra. Colquhoun, lendo o texto no papel de carta cor de marfim. — Este “algum dia” não é muito específico, é?

— Eu diria que não — concordou a Sra. Chilton, recusando um pedaço de melão. — Não, obrigada, Susan, querida. Essa fruta destruiu minhas entranhas na semana passada. Não, no geral achei a resposta dela muito inapropriada. Muito inapropriada mesmo.

— Mas ela *convidou* você para ir à casa dela — retrucou Celia, que folheava uma revista, sentada nas próprias pernas no sofá.

— Não é esse o problema, querida. Não era atribuição dela. Nós a tínhamos convidado, então ela deveria ter aceitado. Você não pode simplesmente recusar o convite e nos convidar.

— Por que não? — perguntou Celia.

A Sra. Chilton olhou para a Sra. Holden.

— Bem, não é assim que funciona, é?

— Mas ela não está sendo exatamente grosseira, está? Ela não está convidando vocês?

As mulheres pareciam exasperadas. Lottie, sentada no chão, montando um quebra-cabeça com Sylvia, pensou que Adeline tinha sido bastante esperta. Ela não queria visitar o “sarau” nos termos das senhoras, mas sabia que elas não se sentiriam confiantes a ponto de visitar a Arcádia. Havia se safado e, ao mesmo tempo, colocado o ônus sobre elas.

— Não acho que ela esteja sendo grosseira como as senhoras pensam — comentou Celia em tom despreocupado. — Não entendo por que fizeram o convite, se passam metade do tempo tentando manter todo mundo afastado dela.

— Mas essa é a questão — disse a Sra. Holden, irritada.

— Sim — reiterou a Sra. Colquhoun, olhando para baixo. — Eu acho.

A Sra. Chilton estava examinando o restante da carta, piscando ao lê-la com os óculos de aro aberto.

— Ela nos deseja sucesso em nossa empreitada artística. E espera que uma citação do grande poeta Rainer Maria Rilke seja uma fonte de inspiração: “A arte também é só uma maneira de viver, e qualquer que seja o estilo de vida, pode-se, sem saber, se preparar para ela; em tudo o que é real, fica-se mais perto dela.”

Ela abaixou a carta e olhou ao redor.

— O que isso significa, pelo amor de Deus?

Ele estava bem cabisbaixo havia dias, pensou ela. Um pouco preocupado e sério. Por isso, a Sra. Holden não sabia se ficava aliviada ou desconcertada quando viu que Guy, acomodado perto da lareira na bela cadeira do Dr. Holden, ria baixinho por trás do jornal.

* * *

A primeira tempestade de inverno atingiu Walton, arrancando todos os canteiros das janelas do calçadão e lançando-os com as flores que sobravam na estrada em montículos de terracota. Atingiria Merham em no máximo uma hora, disse a Sra. Holden, largando o telefone.

— É melhor prender as persianas. Virginia!

— Vou levar Mr. Beans para passear agora antes que comece a chover — disse Lottie, e a Sra. Holden lançou-lhe um olhar penetrante, parecendo mais confusa do que nunca pelas mudanças de humor da garota, ora taciturna ora prestativa.

Celia estava no andar de cima, tomando banho, e Guy se ofereceu para acompanhar Lottie, aparentemente precisando de um pouco de ar fresco. Mas, após quase dez minutos na rua, ele ainda não dissera uma palavra. Mal tinha aberto a boca o dia inteiro, e Lottie, sabendo que aquela era a última caminhada dos dois juntos antes da chegada dos pais dele, se sentia desesperada para criar uma conexão, garantir algum delicado canal de comunicação.

A chuva começou a cair em gotas pesadas e grossas quando chegaram ao fim do parque municipal, e Lottie, com o vento soprando nas orelhas, começou a correr em direção às cabanas da praia, cujas cores vibrantes ainda se destacavam sob o céu cor de carvão incandescente. Guy fez o mesmo. Ela optou por aquelas que tinham a numeração entre oitenta e noventa, lembrando que havia duas cabanas abandonadas onde os fechos haviam enferrujado e se desgarrado da madeira. Empurrou a porta com força e entrou justo no momento em que começava o dilúvio propriamente dito. Guy seguiu-a, a camisa já molhada, meio tossindo,

meio rindo, repuxando a camisa, e Lottie, ciente de sua proximidade no espaço confinado, começou a fazer uma grande algazarra ao secar um indiferente Mr. Beans com um trapo.

A cabana tinha sido negligenciada por um longo período: nuvens velozes podiam ser avistadas através de fendas no teto, e, a não ser por uma caneca quebrada e um banco de madeira instável, quase nada sugeria que o lugar algum dia houvesse recebido veranistas alegres. A maior parte das outras cabanas também tinha nomes — Kennora (ou outras combinações feias dos nomes dos donos), Brisadomar, Vento Ventania! —, assim como almofadas úmidas e cadeiras de praia que ficavam do lado de fora aparentemente pelo verão inteiro, ocupadas por famílias cheias de areia que passavam bules de chá entre si. Durante a guerra, todas as construções tinham sido confiscadas e cobertas, a fim de se tornarem parte das defesas costeiras, e, quando foram ressuscitadas em sua fileira de cores vibrantes, Lottie, que nunca vira uma cabana de praia, se apaixonou por elas e passou muitas horas caminhando para cima e para baixo lendo os nomes em silêncio, se imaginando como o membro de alguma família.

Mr. Beans estava sem dúvida seco. Ela se acomodou no banco, afastando mechas molhadas de cabelo preto do rosto.

— Que tempestade — disse Guy, espiando pela porta aberta à medida que as nuvens escurecidas cruzavam depressa o horizonte, obscurecendo fantasmas distantes no mar.

No céu, gaivotas planavam em meio ao vento, gritando e chamando umas às outras acima do barulho da chuva. Lottie, erguendo o olhar para Guy, de repente pensou em Joe, cujo primeiro comentário teria sido que eles deveriam ter comprado um guarda-chuva.

— Sabe, as tempestades nos trópicos são extremamente turbulentas. Em um minuto, você está sentado ao sol; no seguinte, vê aquela coisa atravessando o céu feito um trem. — Ele fez um movimento no ar, os olhos acompanhando. — Então *pou*! Uma chuva inacreditável, daquele tipo que cai bem em cima dos seus pés e escorre pelas ruas feito um rio. E os relâmpagos! Relâmpagos bifurcados que iluminam o céu inteiro.

Lottie, que apenas queria ouvi-lo falar, aquiesceu feito uma tola.

— Uma vez, vi um burro ser morto por um raio. Quando a tempestade chegou, o deixaram no campo. Ninguém pensou em levá-lo para dentro. Eu estava chegando em casa e me virei porque ouvi um estrondo, então caiu um raio, e o burro nem se mexeu! Só se sobressaltou de leve, como se algo tivesse passado por seus pés, depois tombou para o lado, com as patas

rijas. Ainda estava com a carroça atrelada. Acho que nem soube o que o atingiu.

Lottie não sabia se o motivo tinha algo a ver com o burro, mas percebeu que estava prestes a cair no choro novamente. Ela se abaixou e esfregou o pelo de Mr. Beans, piscando furiosamente. Quando se empertigou, Guy ainda estava com o olhar fixo no mar. Bem distante, à esquerda dele, era possível vislumbrar um trecho de azul; o fim da tempestade.

Permaneceram em silêncio por um tempo. Ela notou que Guy não olhou para o relógio nem uma única vez.

— O que vai acontecer quando você precisar cumprir o serviço militar? Guy chutou o chão.

— Não vou cumprir.

Lottie franziu a testa.

— Eu achava que ninguém pudesse fazer essa escolha. Nem você, sendo filho único e tudo o mais.

— Motivos de saúde.

— Você não está doente, está? — Ela não disfarçou a ansiedade na voz.

Talvez ele tenha corado, apenas um pouquinho.

— Não... Eu... tenho pé chato. Minha mãe diz que é porque passei a vida inteira correndo descalço para todo lado.

Lottie se flagrou olhando para os pés dele, sentindo-se perversamente contente em constatar que ele tinha uma imperfeição física. De certa forma, isso o tornava mais humano, mais acessível.

— Não é tão glamoroso quanto “antigo ferimento de estilhaço”, certo?

Ele abriu um sorriso triste, chutando a areia do chão de madeira, a perna inquieta como testemunha de seu constrangimento.

Lottie não sabia o que dizer. A única pessoa que conhecia que prestara serviço militar era Joe, e seus dois anos fazendo despachos postais para a sem graça unidade militar responsável pelas folhas de pagamentos tinham sido tão constrangedores para a família que ninguém da cidade nem sequer tocava no assunto. Não na frente deles, pelo menos. Ela observou a cortina de chuva cair, o mar furioso se elevando a ponto de ameaçar o quebra-mar.

— Você não está rindo — disse ele, sorrindo com malícia.

— Desculpe — respondeu ela em tom solene. — Acho que não tenho muito senso de humor.

Ele ergueu uma das sobranceiras, e ela sorriu sem querer.

— O que mais você não tem?

— Como assim?

— O que mais você não tem? O que está lhe faltando, Lottie?

Ela olhou para ele.

— Pés chatos?

Ambos riram, nervosos. Lottie sentiu que poderia perder o controle e cair na gargalhada. Mas então eles iriam brincar perto demais da superfície, perto demais de alguma outra coisa.

— Uma família? Você tem uma família?

— Não uma que possa se reconhecer como tal. Tenho mãe. Mas acho que ela própria questiona esse título.

Ele a olhava fixamente.

— Pobrezinha.

— Pobrezinha nada. Tenho sido muito feliz com os Holden.

Ela falava isso com frequência.

— A família perfeita.

— A mãe perfeita.

— Meu Deus. Não sei como você sobreviveu a *isso* durante dez anos.

— Isso porque você não conheceu a minha.

Por algum motivo, ambos acharam esses comentários terrivelmente engraçados.

— Devemos ser compreensivos. Ela tem fardos demais para carregar.

Guy observava um navio petroleiro que atravessou o horizonte no exato ponto onde o mar e o céu se encontravam. Solto lentamente o ar e estendeu as pernas sobre o banco. Elas chegavam até a porta. Lottie teve um vislumbre do tornozelo dele: era moreno, do mesmo tom da parte interna dos punhos.

— Como você a conheceu? — perguntou ela, por fim.

— Celia?

— Sim.

Ele remexeu os pés, esticou a mão com o intuito de secar algumas gotas da calça clara.

— Acho que foi por acaso. Minha família tem um apartamento em Londres, e eu estava lá com minha mãe enquanto meu pai viajava pelo Caribe para dar uma olhada nas fazendas. Ela gosta de ficar em Londres às vezes, visitar minha tia, fazer compras. Sabe como é.

Lottie assentiu, como se soubesse. Sob seus pés, Mr. Beans a puxou pela coleira, ávido para continuar o passeio.

— Não sou muito fã de cidades, então fui visitar meu primo em Sussex por alguns dias. Meu tio tem uma fazenda, e fico sempre lá, desde criança,

porque meu primo e eu... Bom, temos quase a mesma idade, e ele é provavelmente meu amigo mais próximo. Enfim, eu me programei para voltar a Londres, mas eu e Rob fomos a um pub, uma coisa levou a outra, e acabou ficando mais tarde do que eu pretendia. Por isso fiquei na estação esperando, porque só tinha mais um trem para Londres, e vi uma garota passar por mim.

Lottie sentiu um aperto no peito. Ela não estava convencida de que queria ouvir a história. Porém, não parecia haver um modo seguro de interrompê-lo.

— E você a achou linda.

Guy olhou para os pés e meio que riu.

— Linda. Sim, eu a achei linda. Mas, principalmente, eu a achei bêbada.

A cabeça de Lottie se ergueu. Guy, sentado do lado dela no banco de madeira, levou o dedo aos lábios.

— Prometi que não contaria... Você precisa me prometer, Lottie... Ela estava acabada. Vi que passou pela bilheteria cambaleando, perto de onde eu estava, rindo sozinha. Dava para perceber que vinha de alguma festa, porque estava toda arrumada. Mas tinha perdido um sapato e segurava o outro na mão junto com a bolsa ou coisa parecida.

Acima deles, a chuva batia no teto com estrondo. No local onde atingia o solo, a água respingava na cabana, fazendo Mr. Beans ter sobressaltos.

— Pensei que talvez eu devesse no mínimo ficar de olho nela. Mas aí ela entrou na sala de espera da estação, onde havia alguns rapazes de uniforme, se juntou a eles e começou a tagarelar, e eles obviamente estavam adorando, o que me fez pensar que talvez ela os conhecesse. Todos pareciam familiarizados uns com os outros. Achei que talvez estivessem na mesma festa.

A mente de Lottie estava a mil, imaginando o que diria a Sra. Holden ao deparar com a filha bêbada puxando assunto com os militares. A história também explicava por que Celia não havia trazido seu sapato Chanel de cetim para casa: ela contou para a Sra. Holden que fora roubado por uma colega da escola de secretariado.

— Em determinado momento, ela se sentou no colo de um deles e riu sem parar. Pensei que eles deviam se conhecer e me afastei, voltando para perto da bilheteria. Então, talvez uns cinco minutos depois, ouvi gritos, e eram gritos de mulher, e após mais alguns minutos achei que era melhor dar uma olhada, e...

— Eles estavam atacando Celia — interrompeu Lottie, para quem a história estava trazendo certas recordações.

— Atacando Celia? — Guy parecia desconcertado. — Não, eles não estavam atacando. Estavam com o sapato dela.

— Como assim?

— O sapato dela. Eles tinham pegado o sapato rosa-claro e estavam dançando com o sapato no alto para que ela não alcançasse.

— O sapato?

— É. E ela estava tão mal que ficava trombando nas coisas e caindo. Observei a cena por um minuto, depois pensei que aquilo não estava nada certo, pois obviamente ela não sabia o que estava fazendo. Então intervi e pedi que devolvessem o sapato.

Lottie o encarou.

— E o que eles fizeram?

— Ah, para começar, foram bem sarcásticos. Um deles me perguntou se eu achava que tinha chance. O que era irônico, na verdade, dadas as circunstâncias. Cá entre nós, Lottie, eu fui bastante educado com eles, porque não achava que minhas chances eram boas, afinal era eu contra três. Mas, na realidade, eles foram bem legais. No fim das contas, jogaram o sapato para ela e saíram em direção à plataforma.

— Então eles não tentaram agarrar Celia?

— Agarrar? Não. Quer dizer, devem ter feito isso um pouco quando ela se sentou no colo do sujeito. Mas não a ponto de ela ficar irritada ou coisa assim.

— E o que aconteceu?

— Bom, eu pensei que alguém devia levar a moça para casa. Achei que ela tinha se safado sem grandes consequências, para ser sincero. Mas, pelo estado dela, podia facilmente acabar dormindo no trem, e eu não achava uma boa ideia deixá-la sozinha... do jeito que estava.

— Não...

Ele deu de ombros.

— Por isso, levei-a de volta para a casa da tia, e a mulher ficou bem desconfiada de mim, a princípio, mas deixei meu nome e telefone, assim ela poderia ligar para minha mãe e verificar que eu era... bem, você sabe. Então Celia me ligou no dia seguinte para pedir desculpas e agradecer, saímos para tomar um café... e, bem...

Lottie ainda estava atônita demais com essa versão dos fatos para absorver as implicações das últimas palavras de Guy. Balançou a cabeça.

— Ela estava bêbada? Você tomou conta de Celia porque ela estava bêbada?

— Ah. Mas ela me contou a verdade. Pensou que só estava bebendo refrigerante, mas alguém na festa evidentemente havia colocado vodca ou outra bebida no copo dela... Antes que se desse conta, ficou fora de si. Num estado péssimo, na verdade.

— Foi isso que ela contou para você.

Guy franziu a testa.

— Foi. Fiquei com muita pena dela, para ser franco.

Seguiu-se um longo silêncio. O céu lá fora estava nitidamente dividido entre azul e preto, o sol já se refletia na rua molhada.

Foi Lottie quem quebrou o silêncio. Ela se levantou, fazendo Mr. Beans saltar contente para seguir caminho, as orelhas levantadas a fim de detectar a tempestade que passara.

— Acho melhor voltarmos — disse bruscamente, começando a caminhar.

— Ela é uma boa moça. — A voz dele surgiu com o vento às suas costas.

Lottie se virou por um instante, o rosto tenso e furioso.

— Você não precisa me dizer isso.

* * *

As outras senhoras definitivamente assumiam posturas diferentes quando ela mencionava seus passeios matutinos, fazendo com que Deirdre Colquhoun se sentisse bastante desestimulada a lhes contar sua mais recente descoberta constrangedora.

Não, Sarah Chilton tinha sido bastante rude ao mencionar o Sr. Armand na terça-feira, então não havia motivo para ela lhes contar que, já por duas manhãs seguidas, testemunhara algo que considerara dramático. Os homens não pareciam vir mais, por isso foi um choque vê-la, e Deirdre Colquhoun teve que sacar os pequenos binóculos de teatro da bolsa para se certificar de que se tratava da mesma mulher. Atravessando as ondas, lá estava ela, que não parecia reparar no frio ou em qualquer outra coisa, naquele traje de banho preto apertado, o cabelo puxado para trás em um coque sem graça. E, mesmo enquanto enfrentava as ondas com dificuldade, de um modo que Deirdre Colquhoun honestamente considerou um pouco masculinizado, dava para perceber que estava aos

prantos. Sim, aos prantos, chorando alto em plena luz do dia, como se seu coração estivesse partido.

6

Não foi a recepção que a Sra. Holden havia planejado: imaculada em seu melhor vestido de lã com o cinto combinando, os dois filhos menores na frente, enquanto abria as portas para dar as boas-vindas aos visitantes, a família rica e cosmopolita à qual estariam ligados pelo matrimônio. Essa versão incluía os Bancroft chegando no reluzente sedã Rover 90 de quatro portas (ela sabia ser esse modelo, pois a Sra. Ansty ouvira a informação de Jim Farrelly, que trabalhava na recepção do Hotel Riviera), e ela saindo entusiasmada, atravessando o gramado impecável e cumprimentando os dois como se fossem amigos de longa data — talvez até mesmo no momento em que Sarah Chilton ou outra das senhoras estivesse passando por acaso.

Nessa versão planejada, seu marido aparecia às suas costas, possivelmente apoiando, em postura possessiva, a mão em seu ombro, o tipo de gesto simples que dizia muito sobre um casamento. As crianças, por sua vez, exibiam um sorriso gentil, mantinham as roupas boas limpas e erguiam as mãos para cumprimentar os Bancroft de maneira bastante adorável antes de se oferecerem para mostrar-lhes o caminho até a casa.

As crianças esperaram que faltassem dois minutos para a chegada dos hóspedes antes de revelar que não só tinham encontrado uma raposa morta na rua perto da Igreja Metodista, como também a haviam colocado em um balde de praia, deixando o animal no chão da sala de estar e, com a ajuda da melhor tesoura de costura da Sra. Holden, planejado fazer um tapete de raposa.

Na versão planejada, tampouco o Dr. Holden anunciava que havia sido chamado para atender um paciente doente e não esperava voltar antes da hora do chá, apesar de ser sábado e quase toda a cidade saber que sua secretária, aquela garota de cabelo vermelho que sempre adotava um tom de voz superior quando atendia uma ligação da esposa do doutor, estava indo embora da cidade no dia seguinte porque arranjava um novo emprego em Colchester. Ela fechou os olhos por um momento e se concentrou em

imaginar seu jardim de rosas. Era o que fazia quando não queria pensar demais naquela mulher. Era importante pensar em coisas boas.

Talvez o principal fosse que, na versão planejada, a Sra. Holden também não se deparava com três dos mais infelizes jovens que já tivera o infortúnio de encontrar. Celia e Guy, longe de estarem exalando o brilho dos recém-comprometidos, exibiam uma expressão carrancuda e mal se falaram a manhã inteira. Lottie se mantinha à deriva, silenciosa, fechada em seus pensamentos da maneira sombria como costumava fazer, o que realmente a deixava muito pouco atraente. E nenhum deles parecia se importar com o fato de que ela havia despendido tanto esforço para tornar a tarde tranquila: toda vez que tentava animá-los um pouco, fazer com que melhorassem as expressões ou pelo menos ajudassem a controlar as crianças, eles reagiam com variações entre dar de ombros, olhar para o chão ou, no caso de Celia, encarar seriamente Guy, os olhos brilhantes de lágrimas, e anunciar que não se deveria esperar que ela ficasse alegre o maldito do dia inteiro.

— Olhem só, meus queridos, realmente me cansei disso. De verdade. Este lugar está com clima de velório. Lottie, mexa-se e faça as crianças limparem aquele animal detestável. Peça ajuda a Virginia. Guy, vá lá para fora e espere o carro. E, Celia, suba e se arrume um pouco. Passe um pouco de maquiagem. São seus sogros que você está prestes a conhecer, pelo amor de Deus. É seu casamento.

— Isso se houver casamento — rebateu Celia, com tanta tristeza que a cabeça de Lottie se virou bruscamente.

— Não seja ridícula. Claro que vai haver casamento. Agora, vá e se maquie. Você pode pegar um pouco do meu perfume emprestado, se quiser. Enfeite-se um pouco.

— Qual, o Chanel?

— Se quiser.

Celia, animada por um instante, subiu correndo a escada. A contragosto, Lottie se arrastou penosamente até a sala de visitas, onde Virginia ainda tremia pela descoberta do animal morto e Freddie estava deitado no sofá se contorcendo de maneira teatral e reclamando que nunca, nunca mais, nunca mais na vida seria capaz de se sentar novamente, nunca, graças à mãe.

Ela sabia o que entristecia tanto Celia, e o motivo lhe causava medidas iguais de deleite e autoexecração. Tarde na noite anterior, quando a tempestade abrandou, Celia havia chamado Lottie para o quarto delas e, uma vez lá, sentada do lado da cama, confidenciara que precisavam

conversar. Lottie sabia que tinha enrubescido. Ela ficou imóvel. Mais ainda quando Celia disse:

— É Guy. Ele está muito distante de mim nos últimos dias, Lots. Não parece mais o mesmo.

Lottie não respondeu. Era como se sua língua tivesse inchado, preenchendo o espaço inteiro de sua boca.

Celia observou as unhas e então, abruptamente, levou a mão à boca e roeu uma delas.

— Quando nós chegamos, ele se comportava como fazia em Londres, sabe? Tão gentil, sempre me perguntando se eu estava bem, se precisava de alguma coisa. Estava tão atencioso... Costumava me levar até a varanda dos fundos enquanto vocês estavam arrumando tudo depois do chá e me beijar até eu achar que minha cabeça ia sair rodopiando...

Lottie tossiu. Havia parado de respirar.

Celia, distraída, fitou a própria mão, depois ergueu o olhar, os olhos azuis enchendo-se de lágrimas.

— Guy não me beija da mesma maneira há quatro dias inteiros. Tentei me aproximar na noite passada e ele me dispensou, murmurando qualquer coisa sobre termos muito tempo mais tarde. Como ele pode se sentir assim, Lots? Como pode não se importar se me beija ou não? É o tipo de comportamento que você espera de homens *casados*.

Lottie tentou conter dentro dela o crescimento de um desconforto, como uma empolgação. Depois se retraiu quando Celia se virou na direção dela e, em um movimento veloz, jogou os braços ao redor do pescoço da amiga e desatou a chorar.

— Não sei o que fiz, Lots. Não sei se eu disse alguma coisa e ele não quer me contar. É possível. Você sabe que eu tagarelo sobre qualquer coisa e nem sempre penso no que acabo falando. Ou talvez eu não ande muito atraente. Eu tento, de verdade. Tenho usado todo tipo de coisas bonitas que mamãe comprou para mim, mas ele simplesmente... ele simplesmente não parece *gostar* tanto de mim quanto antes.

O peito dela sacudia encostado ao da amiga, que afagava suas costas de maneira mecânica, sentindo-se deslealmente aliviada por Celia não ver seu rosto.

— Eu realmente não estou conseguindo descobrir o que é. O que deve ser, Lots? Você já passou um tempo com ele. Deve saber o que é.

Lottie tentou manter a voz estável.

— Tenho certeza de que você está imaginando coisas.

— Ah, não seja tão insensível comigo, Lottie. Você sabe que eu a ajudaria, se me pedisse. Vamos lá, o que você acha que ele está pensando?

— Não me sinto qualificada para falar.

— Mas você deve ter *alguma* ideia. O que posso fazer? O que eu deveria fazer?

Lottie fechou os olhos.

— Deve ser só nervos à flor da pele — respondeu, por fim. — Talvez os homens também fiquem nervosos como nós. Quer dizer, com os pais dele vindo e tudo o mais. É um grande acontecimento, não é? Apresentar os pais à pretendente?

Celia fez um movimento brusco para trás e encarou Lottie com atenção.

— Talvez ele esteja mais tenso com isso do que você imagina.

— Você deve ter razão. Eu não tinha nem pensado nisso. Talvez ele esteja *mesmo* nervoso.

Ela ajeitou o cabelo para trás, olhando pela janela.

— E nenhum homem gostaria de admitir que está nervoso, certo? Não é o tipo de coisa que os homens fazem.

Lottie desejava, com certo ardor sombrio, que Celia saísse dali. Ela diria qualquer coisa, faria qualquer coisa, para que Celia a deixasse sozinha.

Mas a amiga se voltou para ela e lhe deu um abraço apertado.

— Ah, você é inteligente, Lots. Tenho certeza de que está certa. E me desculpe se tenho sido um pouco... bem... distante ultimamente. É só que estou tão envolvida com Guy, o casamento e tudo o mais. Não deve estar sendo divertido para você.

Lottie estremeceu.

— Estou bem — falou em voz baixa.

— Certo. Bem. Vou descer agora e ver se consigo alguma atenção daquele maldito.

Ela deu uma risada. Pareceu mais um soluço.

Lottie a observou saindo do quarto, depois afundou lentamente na cama.

* * *

Tudo tinha se cumprido. Guy e Celia iam se casar. Lottie estava apaixonada por um homem que jamais poderia ter; um homem que, acima de tudo, não havia feito nada para sugerir que seus sentimentos

fossem recíprocos além de acompanhá-la em alguns passeios a uma casa da qual ela gostava e admirar algumas flores bobas e infantis em seu cabelo. Porque era só isso, não era? Quando se analisava os acontecimentos, não havia nada indicando que Guy gostasse dela mais do que gostava de, suponhamos, Freddie. Porque ele também passava muito tempo com Freddie. E, mesmo se Guy realmente gostasse dela, eles não poderiam fazer nada, de jeito nenhum. Olhe para o estado em que Celia tinha ficado apenas porque ele prestara um pouco menos de atenção nela nos últimos dias.

Ah, meu Deus, por que você teve que vir aqui? Lottie gemeu, apoiando a testa nos joelhos. Eu estava perfeitamente feliz até você chegar. Então a Sra. Holden a chamou para ajudar Virginia a rearrumar a prataria de festa.

* * *

Celia, apesar das boas intenções, não se livrara do desânimo. E possivelmente com razão. Lottie observou quando ela desfilou com seu mais novo vestido na frente de Guy, quando apertou o braço dele de modo brincalhão e deitou a cabeça de maneira faceira em seu ombro. Lottie observou quando Guy a acariciou com o desinteresse confortável de um homem acariciando o cachorro, e quando o sorriso de Celia ficou rígido em resposta. E Lottie se esforçou para controlar o caldeirão fervente de emoções borbulhando dentro dela. Então foi ajudar Sylvia a amarrar seus sapatos de festa.

* * *

Para um homem que não via os pais fazia quase um mês, que declarara adorar a mãe e considerar o pai um dos melhores homens que conhecia, Guy não parecia nada empolgado com a iminente chegada dos dois. A princípio, Lottie supôs que fosse sinal de impaciência o fato de ele ficar dando voltas incessantes do lado de fora; depois olhou com mais atenção e notou que ele discutia consigo mesmo baixinho, como a moça louca que ficava no parque e sacudia ceroulas a qualquer um que ousasse se aventurar no que ela imaginava ser seu campo de jogo. O rosto de Guy não aparentava ansiedade, mas aflição e mau humor, e, ao recusar os pedidos insistentes de Freddie para jogar mais uma partida de tênis, usou

um atípico palavrão. Lottie, observando em silêncio da janela da sala de visitas, rezou com fervor a qualquer divindade disponível para que ela fosse a causa, bem como o remédio, para a tristeza dele.

* * *

Susan Holden olhou para os três jovens infelizes e suspirou. Nenhuma demonstração de controle de emoção e nenhum milímetro de determinação neles. Se ela, com os problemas que tinha — as ausências infelizes de Henry, as obsessões de Freddie, além de Sarah Chilton desferindo comentários salientando a sorte de Celia em arranjar um noivo *levando tudo em consideração* —, podia encarar o mundo com um sorriso, então seria razoável pensar que essas benditas crianças pudessem muito bem controlar seus humores e se animar um pouco.

Ela enrugou os lábios com essa reflexão, depois mexeu na bolsa e pegou um batom lá dentro. Era um tom bem ousado para ela, não do tipo que usaria na frente das senhoras do sarau, mas, passando-o com cuidado — fazendo uma careta conforme se inclinava para a frente —, a Sra. Holden disse a si mesma que, em certos dias, era preciso usar todos os adereços disponíveis.

A garota ruiva usava um batom da cor das velas de Natal. Na primeira vez em que a vira no consultório de Henry, a Sra. Holden não conseguira tirar os olhos dele.

Talvez tenha sido essa a questão.

Virginia a chamou do andar de baixo:

— Sra. Holden, as visitas chegaram.

A mulher checou o cabelo no espelho e respirou fundo. Por favor, que Henry venha para casa de bom humor, rezou.

— Convide-os a entrar, querida, estou descendo.

— E Freddie está se recusando a se livrar daquela... daquela coisa morta. Ele disse que quer deixar no quarto. Ficou um cheiro horrórico no tapete.

A Sra. Holden pensou, com desespero, em rosas.

* * *

— Que jardim simples e lindo. Como você é inteligente, que maravilha!

Doces palavras para uma nervosa e subestimada sogra em potencial. E Susan Holden, ainda espantada com o sotaque americano de Dee Dee Bancroft (Guy não dissera nada!), agradeceu um pouco hesitante.

— Aquelas são rosas albertine? Sabe que são minhas preferidas? Não consegui fazê-las vingar naquele maldito lugar que chamamos de jardim em Port Antonio. Soló errado, ao que parece. Ou então eu as plantei perto demais de outra coisa. E rosas podem ser terrivelmente complicadas, não é verdade? Espinhosas de várias maneiras.

— Ah, sim — concordou Susan Holden, tentando não olhar para as longas pernas escuras de Dee Dee.

De onde estava, poderia jurar que a mulher não usava meia-calça.

— Ah, não tem ideia de como a invejo por esse jardim. Olhe, Guyquerido, eles têm hostas, e sem nem uma mordida de lesma sequer. Não sei como você consegue.

Guyquerido, como o Sr. Bancroft Senior parecia ser chamado pela esposa, virou-se no portão dos fundos, que dava para os campos de jogos, e começou a voltar para onde as senhoras estavam sentadas, bebericando chá quente embaixo de um guarda-sol oscilante.

— Em que direção fica o oceano?

Guy, que estava sentado na grama, se levantou e se aproximou do pai. Apontou para o leste, suas palavras carregadas pelos ventos fortes.

— Eu espero que a senhora não se importe em ficar do lado de fora. Sei que está ventando um pouco, mas talvez seja a última tarde bonita do ano, e eu gosto de admirar as rosas.

A Sra. Holden havia feito movimentos nervosos por trás das costas para pedir a Virginia que levasse mais cadeiras para fora.

— Ah, não, nós adoramos ficar aqui fora — respondeu a Sra. Bancroft, colocando uma das mãos no cabelo para impedir que entrasse na boca enquanto ela bebia o chá.

— Sim. Sim, sentimos falta de ficar ao ar livre no inverno.

— E Freddie deixou uma raposa morta no tapete da sala de visitas — falou Sylvia.

— Sylvia!

— É verdade. Nem fui eu. E agora mamãe diz que nunca mais podemos entrar lá. Por isso precisamos ficar nesse jardim congelante.

— Sylvia, não é verdade. Desculpe-me, Sra. Bancroft. Aconteceu... hã... um pequeno incidente na sala logo antes de vocês chegarem, mas sempre tivemos a intenção de tomar o chá aqui fora.

— Me chame de Dee Dee, por favor. Não se preocupe conosco. Aqui está ótimo. E tenho certeza de que Freddie não pode ser tão ruim quanto nosso filho. Guy Junior foi uma criança terrível.

A mulher sorriu com a reação de choque de Susan Holden.

— Ah, sim, terrível — reiterou. — Levava insetos para casa e os colocava em caixas e potes, depois se esquecia deles. Eu encontrava aranhas do tamanho do meu punho no pote de farinha. Argh!

— Não sei como vocês conseguem lidar com todos esses insetos. Tenho certeza de que eu passaria metade do tempo aterrorizada.

— Eu ia gostar — disse Freddie, que havia gastado os últimos dez minutos examinando o interior de couro castanho do Rover novíssimo do Sr. Bancroft. — Eu gostaria de ter uma aranha do tamanho do meu punho. Daria o nome de Harold.

A Sra. Holden estremeceu. De alguma maneira, era mais difícil pensar em um jardim de rosas quando estava sentada no meio dele.

— Eu ia. Harold ia ser meu amigo.

— Seu único amigo — retrucou Celia, que, a mãe notou, havia recuperado um pouco de sua mordacidade.

Ela estava sentada na ponta da toalha de piquenique, as pernas esticadas na direção de Lottie, beliscando biscoitos de um prato com uma expressão triste.

Lottie abraçava os joelhos, olhando todos os que passavam pelo portão da frente, como se esperasse algum sinal para sair. Ela não havia se oferecido para servir os bolinhos, como a Sra. Holden pedira antes da chegada das visitas. Não tinha nem vestido uma roupa mais bonita.

— Então, onde fica a casa da qual você nos falou, Junior? Aposto que não tem metade da beleza da casa de Susan.

O Sr. Bancroft foi até a mesa, balançando o cigarro na mão para demonstrar ênfase. O sotaque dele, embora inglês, tinha uma origem indefinida e uma clara entonação transatlântica, o que Susan Holden achou muito *pouco convencional*. No entanto, parecia haver pouca coisa convencional em Guy Bancroft Senior. Ele era um homem de porte grande, usava camisa vermelho-vivo, uma tonalidade que se esperaria de uma dançarina de cabaré, e falava muito alto, como se qualquer outra pessoa estivesse a pelo menos cinquenta metros de distância. Quando chegou, deu dois beijos molhados nas bochechas dela, ao estilo francês. Embora claramente não fosse francês.

— É naquela direção. Depois do parque municipal. — Guy guiou o pai em direção à costa novamente e apontou.

Em circunstâncias normais, seria possível pensar nele como alguém bem... comum. Não havia absolutamente nenhum refinamento em suas maneiras. As roupas, a voz alta, tudo apontava para certa falta de educação refinada. Ele falou palavrão duas vezes na frente dela, e Dee Dee apenas riu. Mas ele tinha alguma sofisticação: aquela que vem com o dinheiro. Era aparente em seu relógio de pulso, nos sapatos brilhantes feitos à mão, na belíssima bolsa de couro de crocodilo que eles haviam comprado para Susan Holden em Londres. Quando ela a tirou do papel de seda, resistiu a um desejo atípico de baixar a cabeça apenas para sentir aquele delicioso aroma de riqueza.

Susan expulsou a bolsa da mente para checar o relógio mais uma vez. Eram quase quinze para as quatro. Henry já deveria ter ligado para dizer se estaria em casa para o jantar. Ela não sabia para quantas pessoas teria que cozinhar. Será que os Bancroft achavam que ficariam para a refeição? Só de pensar em fazer o frango grelhado render para sete pessoas fez seu coração disparar de ansiedade.

— Onde? Em direção ao hotel?

— Sim. Mas fica isolada em um promontório. Não dá para vê-la da estrada da costa.

Ela poderia pedir para Virginia dar um pulinho na cidade e comprar um lombo de porco. Só por precaução. Não seria desperdiçado se eles não ficassem: poderia fazer rissoles para as crianças.

Dee Dee se inclinou para a frente, segurando o cabelo louro.

— Meu filho nos contou tudo sobre seus vizinhos fascinantes. Deve ser uma maravilha ter tantos artistas na porta de casa.

Susan Holden ficou um pouco mais ereta, acenando para Virginia pela janela.

— Bem, sim, é agradável. Muitas pessoas acham que uma cidade à beira-mar não tem o que oferecer quando se trata de cultura. Mas fazemos o melhor que podemos.

— Sabe, eu invejo isso também. Não existe nada cultural nas plantações de frutas. Apenas o rádio. Alguns livros. E um ou outro jornal.

— Bem, nós gostamos de cultivar o espírito das artes.

— E a casa parece fantástica.

— Casa?

Susan Holden olhou para ela, confusa.

— Pois não, Sra. Holden?

Virginia estava parada na frente dela, segurando uma bandeja.

— Desculpe, você disse casa?

— A casa *art déco*. Guy Junior falou que é uma das construções mais bonitas que já viu. Preciso dizer, ele nos deixou fascinados com o que contou nas cartas.

Virginia a fitava. A Sra. Holden balançou a cabeça.

— Hum... não se preocupe, Virginia. Vou entrar e falar com você em um minuto... Desculpe, Sra. Bancroft, pode repetir o que acabou de dizer?

Virginia saiu, emitindo um som de desaprovação.

— Dee Dee, por favor. Mas, sim, somos fãs de arquitetura moderna. Veja bem, onde eu cresci, no meio-oeste, tudo é moderno, sabe? Chamamos uma casa de velha se foi construída antes da guerra!

Ela irrompeu em gargalhadas.

O Sr. Bancroft bateu o cigarro em um canteiro de flores.

— Devíamos ir até lá mais tarde hoje. Dar uma olhada.

— Na Casa Arcádia? — perguntou Lottie, virando a cabeça.

— É esse o nome? Que glorioso!

Dee Dee aceitou outra xícara de chá.

— O senhor quer ir à Arcádia? — A voz da Sra. Holden se elevou em vários tons.

Lottie e Celia se entreolharam.

— Pelo que entendi, é um lugar fabuloso, repleto de gente exótica.

— É assim mesmo — concordou Celia, que, pela primeira vez no dia, sorriu.

Dee Dee olhou para Celia e de volta para sua mãe.

— Ah. Talvez seja um pouco difícil. Tenho certeza de que eles não vão querer nos ver lá, boquiabertos, espionando a casa. Guyquerido, vamos deixar para outro dia.

— Mas é só seguir cinco minutos pela estrada.

— Querido...

A Sra. Holden reparou no olhar que Dee Dee lançou ao marido. Ela se endireitou um pouco na cadeira. Olhou distraidamente para um ponto atrás dos filhos.

— Bem, claro que tenho um convite para visitar a Sra. Armand... Quer dizer, na semana passada mesmo recebi uma carta...

O Sr. Bancroft apagou o cigarro e tomou o chá com um gole sedento.

— Então vamos fazer uma visita. Vamos, Guy, aí você nos mostra sobre o que estava falando.

A Sra. Holden se arrependeria daqueles sapatos. Lottie observava quando, pela décima quinta vez em uma caminhada curta, a mulher torceu um tornozelo na superfície irregular do caminho da praia, olhando para trás, envergonhada, a fim de verificar se as visitas haviam percebido. Ela não precisava se preocupar: o Sr. e a Sra. Bancroft estavam de braços dados e distraídos, conversando em tom amigável, apontando para embarcações distantes no mar ou para cima, na direção de alguma floração tardia. Guy e Celia estavam na frente, o braço de Celia enlaçado no dele, mas longe de estabelecer uma conversa tranquila como os pais. Celia falava, e Guy permanecia com a cabeça baixa, a mandíbula cerrada enquanto andava. Era impossível saber se ele estava escutando. Lottie vinha na retaguarda, meio desejando que Freddie e Sylvia tivessem recebido permissão para ir, o que não aconteceu apesar de seus protestos veementes, mesmo que fosse apenas para ela ter outra coisa em que se concentrar além do par de cabeças douradas, ou para funcionar como para-raios para a aura de tensão nitidamente crescente da Sra. Holden.

Lottie não sabia por que havia sugerido que eles fossem. Sabia que a Sra. Holden já devia estar arrependida, mais ainda do que dos sapatos de salto alto; quanto mais perto chegavam da Arcádia, mais olhares nervosos ela lançava em volta, como se estivesse com medo de se deparar com algum conhecido. Ela havia adotado o passo irregular e hesitante de um bandido incompetente, e se recusava a encontrar o olhar de Lottie, como se estivesse com medo de ser desafiada por sua reviravolta. A garota não teria se dado o trabalho de fazer isso, afinal estava se sentindo péssima. Péssima por ter que passar mais uma hora diante do orgulho dos pais radiantes com o futuro casal de noivos; por ter que olhar novamente no rosto do homem proibido para ela; pela perspectiva de impor tudo isso a Adeline, que não saberia oferecer um chá da tarde nem se estivesse em Darjeeling, a terra do chá.

A mãe de Guy estava clamando por Celia novamente. A garota parecia bem mais alegre: em parte por causa de toda a atenção que recebia de Dee Dee e em parte, Lottie suspeitava, porque se enchia de um malicioso deleite ao imaginar a mãe na casa da atriz. Lottie estava contente por ela se sentir um pouco mais feliz, mas havia uma crueldade crua e ardente dentro dela que queria acabar com aquela felicidade.

Os pais de Guy não pareciam notá-la.

Todos eles iriam embora logo, disse a si mesma, fechando os olhos. E vou pegar mais turnos na sapataria. Vou fazer as pazes com Joe. Manter a cabeça ocupada. Tão cheia que não vai sobrar espaço para pensar nele.

Então Guy, virando na entrada de carros, escolheu aquele momento para cruzar o olhar com o dela, como se a mera existência dele pudesse zombar de qualquer tentativa de Lottie para controlar seus sentimentos.

— É aqui?

O Sr. Bancroft estava imóvel, na defensiva, exatamente igual ao filho semanas antes.

Guy parou, olhando para a construção branca baixa na frente deles.

— Esta mesmo.

— Casa bonita.

— É um tipo de mistura entre *art déco* e *art moderne*. O estilo se origina da *Exhibition Internationale des Arts Décoratifs* de 1925. Em Paris. Quando a *art déco* foi lançada. Os padrões geométricos nos prédios foram feitos como um reflexo da Era das Máquinas.

Houve um breve silêncio. Todos do pequeno grupo se viraram para encarar Guy.

— Nossa, esse é o comentário mais longo que ouvi de você desde que chegamos.

Guy olhou para baixo.

— Fiquei interessado. Pesquisei na biblioteca.

— Pesquisou na biblioteca, foi? Bom trabalho, filho.

O Sr. Bancroft acendeu outro cigarro, protegendo a chama do isqueiro com a mão grande e gorda.

— Viu, Dee Dee? — disse ele após uma baforada apreciativa. — Eu disse a você que nosso garoto se daria bem sem professores nem nada do tipo. Tudo o que precisa saber, ele procura sozinho. Na biblioteca, ainda por cima.

— Bem, eu achei fascinante, querido. Conte-me mais sobre esta casa.

— Ah, acho que não deveria ser eu a fazer isso. Adeline vai contar tudo.

Lottie observou a Sra. Holden se retrair ligeiramente ao ouvir Guy usar o primeiro nome de Adeline. Haveria perguntas à noite, ela previa.

Também percebia que a Sra. Holden estava constrangida com o tempo que levou até alguém atender a porta. Já em um estado de ansiedade, parou diante da imensa porta branca, apertando a bolsa, levantando-a e abaixando-a em um aparente sinal de indecisão quanto a bater uma segunda vez, no caso de ninguém ter ouvido. Certamente havia gente lá dentro: tinham três carros na entrada. Mas ninguém aparecia para atendê-los.

— Eles devem estar lá fora, na varanda — sugeriu Guy. — Posso escalar o portão do lado e dar uma olhada.

— Não — disseram Dee Dee e Susan Holden ao mesmo tempo.

— Não queremos invadir — completou Susan Holden. — Talvez eles... talvez estejam cuidando do jardim.

Lottie achou melhor não mencionar que a coisa mais verde na varanda de Adeline era um pão que havia sido largado mofando perto dos grandes vasos de plantas.

— Talvez devêssemos ter telefonado antes — falou Dee Dee.

Então, quando o silêncio se tornou excruciante, a porta se abriu. Era George, que ficou parado por um segundo, depois olhou vagarosamente para cada integrante do pequeno grupo. Com um largo sorriso para Celia, fez um gesto extravagante com a mão e disse:

— Quem diria, Celia e Lottie e um bando de seguidores. Entrem. Entrem e juntem-se a nós.

— Guy Bancroft Senior — apresentou-se o Sr. Bancroft, estendendo a mão enorme.

George olhou para a mão estendida e enfiou o cigarro entre os dentes.

— George Bern. Encantado. Não faço ideia de quem seja o senhor, mas encantado.

Ele estava, Lottie notou, um tanto bêbado.

Ao contrário da Sra. Holden, que continuava parada na porta, nervosa, como se relutasse em entrar, o Sr. Bancroft não parecia nem remotamente perturbado com o cumprimento estranho de George.

— Esta é minha esposa, Dee Dee, e meu filho, Guy Junior.

George se inclinou para trás em um movimento teatral a fim de olhar Guy melhor.

— Ah, o famoso príncipe dos abacaxis. Ouvi dizer que você causou uma grande impressão.

Lottie se sentiu corar e começou a andar vigorosamente pelo corredor.

— A Sra. Armand está em casa?

— Certamente, madame. E a senhora deve ser a irmã de Celia. A mãe dela? Não, eu não acredito. Celia, você nunca me disse.

Havia um indício sutil de zombaria no tom de George, e Lottie não ousou olhar para o rosto da Sra. Holden. Ela entrou em silêncio no salão principal, de onde o som de um piano dissonante fluía pelo ar. O vento ficava mais forte; em alguma parte distante da casa, uma porta rangia e batia repetidas vezes.

Atrás de si, Lottie ouviu Dee Dee exclamar sobre uma obra de arte enquanto a Sra. Holden, em tom bastante ansioso, questionava se a Sra.

Armand não se importaria com aquela visita inesperada, mas ela *tinha dito...*

— Não, não. Entrem todos. Venham e se juntem ao circo.

Lottie não pôde evitar encarar Adeline. Ela estava sentada no meio do sofá, como da primeira vez em que a vira. Desta vez, entretanto, seu ar de refinamento exótico sumira: parecia ter chorado e estava em silêncio, com as bochechas pálidas manchadas, os olhos baixos, as mãos torcidas na frente.

Julian estava sentado ao lado dela, com Stephen na poltrona, absorto em um jornal. Conforme eles se aproximavam, Julian se levantou e caminhou para a porta.

— Lottie, que satisfação vê-la novamente. Que prazer inesperado. E quem você trouxe?

— Estes são o Sr. e a Sra. Bancroft, pais de Guy — murmurou Lottie.

— E a Sra. Holden, mãe de Celia.

Julian não parecia notar Susan Holden. Quase caiu por cima da mão do Sr. Bancroft na pressa por apertá-la.

— Sr. Bancroft! Guy falou tanto do senhor!

Lottie notou o franzir de sobrancelhas de Celia ao olhar para Guy; não seria apenas a Sra. Holden que faria perguntas mais tarde.

— Sentem-se, sentem-se, por favor — convidou Julian. — Deixem-nos preparar um chá.

— Imagine, não queremos incomodar — disse a Sra. Holden, que havia empalidecido ao ver uma série de nus na parede.

— Não é incômodo algum. Sentem-se! Sentem-se! Serviremos chá.

Julian olhou para Adeline, que mal havia se mexido desde que eles tinham chegado, a não ser para abrir um fraco sorriso para as visitas.

— Estou muito feliz em conhecer todos vocês — acrescentou. — Tenho sido relapso na hora de me apresentar para os vizinhos. Desculpem-nos se não estivermos tão pragmáticos nos assuntos domésticos no momento. Acabamos de perder nossa ajuda.

— Ah, sinto muito por vocês — comentou Dee Dee, sentando-se em uma cadeira Lloyd Loom. — Não há nada pior do que ficar sem ajuda doméstica. Eu digo a Guy que ter funcionários em casa às vezes é mais trabalhoso do que recompensador.

— É assim no Caribe — confirmou o Sr. Bancroft. — Você precisa de vinte funcionários para fazer o trabalho de dez.

— Vinte funcionários! — exclamou Julian. — Tenho certeza de que Adeline ficaria contente com um. Parece que temos dificuldade em

manter as pessoas.

— Tente pagá-las de vez em quando, Julian — retrucou George, que havia se servido de outra taça de vinho tinto.

Adeline deu outro sorriso fraco. Lottie percebeu que, com Frances aparentemente ausente, não havia ninguém para se ocupar do chá.

— Vou fazer o chá — prontificou-se ela. — Não me importo.

— Jura? Esplêndido. Que garota encantadora você é, Lottie.

— Encantadora — disse George, com um sorriso afetado.

Lottie entrou na cozinha, feliz por escapar do clima tenso da sala de visitas. Enquanto procurava por xícaras e pires limpos, ouvia Julian perguntando ao Sr. Bancroft sobre seu negócio e, talvez com mais entusiasmo, falando do dele próprio. Julian vendia obras de arte, como contou ao Sr. Bancroft. Tinha galerias no centro de Londres e era especializado em pintores contemporâneos.

— É popular, seu negócio?

Ela escutava o Sr. Bancroft andando pela sala.

— Cada vez mais. Os preços de certos artistas nos leilões da Sotheby's ou da Christie's estão, em alguns casos, triplicando todo ano.

— Ouviu isso, Dee Dee? Não é um mau investimento, hein?

— Se você souber o que comprar.

— Ah. É aí que a senhora está certa, Sra. Bancroft. Se for aconselhado de maneira errada, pode acabar adquirindo algo que, apesar de ter valor estético, valha pouco em termos monetários.

— Nós não compramos quadros, não é, Guyquerido? Os que temos, foi porque achei bonitos.

— Uma razão perfeitamente sensata para se comprar algo. Se você não amar a peça, o valor é irrelevante.

Havia contas na mesa da cozinha, diversas cobranças caras de óleo de aquecimento, eletricidade e alguns reparos que foram feitos no telhado. Lottie, que não resistiu a espiar, ficou estupefata com as quantias. E pelo fato de, ao que parecia, todas se tratarem do último aviso para pagamento.

— E o que é este aqui?

— É um Kline. Sim. No trabalho dele, a própria tela é tão importante quanto as pinceladas.

— Acho que é uma maneira de poupar tinta. Parece feito por uma criança.

— Deve valer alguns milhares de libras.

— Alguns milhares? Dee Dee? Que tal começar a fazer isso em casa? Um hobby para você?

Dee Dee deu uma gargalhada escandalosa.

— Sério, Sr. Armand. Isso vale tanto dinheiro assim?

— A arte, como todas as coisas, vale o que qualquer pessoa esteja disposto a pagar por ela.

— É isso aí.

Lottie surgiu com a bandeja. Adeline havia se levantado e estava olhando por uma das enormes janelas. Do lado de fora, os ventos tempestuosos tinham assumido uma nova força e dobravam a relva e os arbustos em uma súplica arrepiante. Abaixo da casa, na praia, Lottie reconheceu diversas figuras minúsculas se esforçando para subir até a calçada, finalmente tendo admitido a derrota diante do tempo que piorava.

— Chá, alguém? — perguntou ela.

— Eu faço isso, Lottie, querida — disse Adeline, liberando a menina das tarefas domésticas.

Lottie, incerta do que fazer consigo mesma, escolheu ficar em pé ao lado da mesa. Celia e Guy se mantiveram parados, sem jeito, perto da porta, até o Sr. Bancroft repreender o filho e mandá-lo se sentar e parar de parecer que tinha uma vassoura enfiada no traseiro. Celia abafou um grunhido, e Lottie, cujos próprios pressentimentos crescentes de desastre haviam se esvanecido por um breve período, voltou a perceber que ela não ousava olhar para o rosto da Sra. Holden.

— Mora aqui há muito tempo, Sra. Armand? — perguntou Dee Dee, que, assim como o marido, não parecia afetada pelos diversos comportamentos estranhos dos anfitriões.

— Desde pouco antes do verão.

— E onde vocês moravam antes?

— Em Londres. No centro da cidade. Bem atrás da Sloane Square.

— Ah, é mesmo? Onde? Tenho um amigo em Cliveden Place.

— Cadogan Gardens — disse Adeline. — Era uma casa muito agradável.

— Então por que escolheram vir para cá?

— Ora, ora — interrompeu Julian. — Os Bancroft não querem ouvir nossa enfadonha história doméstica. Agora, Sr. Bancroft, ou Guy, se me permite, conte-me mais sobre seu negócio. De onde teve a ideia de importar essas frutas?

Lottie observou Adeline, que fechara a boca e apagara qualquer emoção do rosto. Ela era capaz de fazer isso se algo a desagradasse: assumia a aparência de uma pequena máscara oriental: elegante, gentil, mas sem revelar nada.

Por que ele não a deixava falar?, pensou Lottie, e sentiu um presságio que não tinha nada a ver com o tempo cada vez pior. As janelas imensas o revelavam antecipadamente; mostravam a total magnificência do céu que escurecia conforme as nuvens pesadas surgiam ao longe no horizonte. De vez em quando, um saco de papel vazio ou uma folha errante aparecia no cenário e sumia novamente. No andar de cima, a porta batia de modo repetitivo e irregular, deixando Lottie mais tensa. A música havia parado algum tempo antes.

E, ainda assim, Julian e o Sr. Bancroft continuavam conversando.

— Quanto tempo você vai ficar no Riviera, Guy? O bastante para que eu possa selecionar alguns trabalhos que considero do seu agrado?

— Bem, eu estava planejando voltar para casa em um ou dois dias. Mas Dee Dee está sempre no meu pé, pedindo para eu passar um tempo com ela, então pensamos em estender nossa visita aos Holden e talvez viajar um pouco pelo litoral depois. Quem sabe até dar um pulo na França.

— Eu nunca fui a Paris — confidenciou Dee Dee.

— Você é uma grande fã de Paris, não é, Celia?

George, estendido na cadeira de balanço, sorria para ela.

— O quê?

— Você é uma grande fã de Paris. Paris, França, quer dizer.

Ele sabe, pensou Lottie. Ele sempre soube.

— Sim. Sim, Paris... — disse Celia, ruborizando.

— É maravilhoso viajar na juventude. — George acendeu outro cigarro e exalou de maneira lânguida. — Nem todos os jovens parecem entender essas vantagens.

Ele estava fazendo isso deliberadamente. Lottie viu Celia começar a balbuciar uma resposta e, incapaz de suportar seu desconforto, se intrometeu.

— Guy já viajou mais do que qualquer pessoa que eu conheço, não é, Guy? Ele nos disse que já morou em todos os lugares possíveis. No Caribe, na Guatemala, em Honduras. Em lugares dos quais eu nunca tinha ouvido falar. É muito divertido ouvir sobre suas viagens. Ele evoca cenas tão maravilhosas... As pessoas e tudo o mais. Os lugares...

Lottie, consciente de que estava falando rápido demais, foi diminuindo o ritmo.

— Sim, sim — continuou Celia, agradecida. — Lots e eu ficamos simplesmente enfeitiçadas. E mamãe e papai. Acho que ele contagiou todos nós com o bichinho da viagem.

— E a senhora, Sra. Armand? — perguntou Dee Dee. — A senhora tem um sotaque leve. De onde é?

A porta que estava batendo no andar de cima de repente bateu inquestionavelmente mais alto. Lottie levou um susto, e o grupo olhou para o alto. Frances estava parada na entrada, de casaco de veludo comprido e cachecol listrado, o rosto branco feito as paredes. Ela ficou imóvel, como se não esperasse que a sala estivesse tão apinhada. Depois mirou Adeline, a quem dirigiu a palavra.

— Com licença — declarou. — Estou indo embora.

— Frances... — Adeline se levantou e estendeu uma das mãos. — Por favor...

— Não. Não diga nada. George, você faria a gentileza de me levar até a estação?

George apagou o cigarro e tomou impulso para se levantar da cadeira.

— O que quiser, minha querida.

— Sente-se, George.

Era Adeline. Alguma cor havia retornado ao seu rosto, e ela lhe ordenou novamente de uma maneira quase imperativa.

— Adeline...

— Frances, você não pode ir embora dessa maneira.

Ela segurava a mala com tanta força que não havia mais sangue nas articulações de sua mão.

— George, por favor...

A sala ficou em silêncio.

George, temporariamente sem costumeiro sorriso malicioso, olhou para cada uma das mulheres, depois para Julian. Então deu de ombros e se levantou devagar.

Lottie tomou consciência das pessoas ao redor. A Sra. Holden e Dee Dee, sentadas uma perto da outra e segurando xícaras de chá, estavam paralisadas, a ponto de a Sra. Holden nem *tentar* fingir que não escutava. O Sr. Bancroft, franzindo o cenho, de imediato foi levado embora por Julian; ele exclamou que queria que o outro visse alguma coisa no escritório e o afastou da cena. Celia e Guy permaneceram sentados perto da porta, seus gestos e rostos sem expressão inconscientemente espelhados. Apenas Stephen parecia de fato distraído, ainda lendo o jornal. Era datado, notou Lottie, de quase uma semana antes.

— Por favor, venha, George. Eu gostaria de pegar o próximo trem, se possível.

A voz de Adeline se elevou em um tom desconfortável.

— Não! Frances, você não pode ir embora assim! Isso é ridículo! Ridículo!

— Ah, ridículo, é? Tudo é ridículo para você, Adeline. Tudo o que é honesto, real e verdadeiro. É ridículo porque deixa você desconfortável.

— Isso não é verdade!

— Você é digna de pena, sabia? Acha que é tão corajosa e original. Mas é apenas um embuste. Um embuste ambulante.

Frances tentava conter as lágrimas, as feições alongadas alteradas em uma frustração infantil.

— Bem. — A Sra. Holden havia se levantado para partir. — Acho que nós talvez devêssemos... — Ela olhou em volta e notou que a única saída da sala estava bloqueada por George e pelas duas mulheres. — Parece que nós...

— Eu já disse mil vezes, Frances... O que você pede está além... Eu não posso... — A voz de Adeline falhou.

George, no meio das duas, baixou a cabeça.

— Não. Eu sei que você não pode. E é por isso que estou indo embora.

Frances se virou, e Adeline tentou tocá-la, o rosto tomado por angústia. George a alcançou e colocou o braço em volta dela. Era impossível dizer se era para reconfortá-la ou contê-la.

— Sinto muito, Frances! — gritou Adeline para a outra. — Sinto muito *mesmo! Por favor...*

Lottie sentiu o estômago se revirando. O mundo estava fora de controle, como se todos os seus limites naturais tivessem sido dissolvidos. O som da porta, ainda batendo em ritmo irregular, parecia aumentar de volume, até que tudo o que ela ouvia era a respiração instável de Adeline, e a batida, a pancada da madeira no batente.

De repente, Guy parou no meio da sala.

— Vamos lá para fora. Alguém viu o mural? Parece que já está pronto. Eu adoraria vê-lo terminado. Mãe, vem comigo? Sra. Holden?

Dee Dee ficou de pé num pulo, colocando a mão no ombro da Sra. Holden.

— É uma ideia excelente, querido. Uma ideia muito boa mesmo. Tenho certeza de que vamos adorar ver o mural, não vamos, Susan?

— Sim, sim — respondeu a Sra. Holden, agradecida. — O mural.

Lottie e Celia ficaram para trás, o choque causado pela cena anterior as unindo brevemente. Incapazes de falar, ergueram as sobrancelhas uma para a outra e balançaram a cabeça, os cabelos esvoaçando quando saíram em direção à ventania.

— O que *foi* aquilo? — sussurrou Celia, se inclinando bastante na direção de Lottie para ter certeza de que seria ouvida.

— Não faço ideia — respondeu a amiga.

— Só Deus sabe o que os pais de Guy devem ter pensado. Não acredito, Lots. Duas mulheres adultas brigando em plena luz do dia.

Lottie sentiu frio. Lá embaixo, o mar chicoteava e espumava em uma agitação furiosa, a brisa suave do verão aparentemente esquecida em questão de horas. Cairia uma tempestade à noite, sem dúvida.

— É melhor irmos embora — sugeriu, sentindo o primeiro pinga de chuva no rosto.

Mas Celia não parecia escutar. Ela se aproximava de onde Guy estava com as duas mulheres, olhando fixamente para a obra de Frances. Eles observavam com atenção a figura central, exclamando em voz baixa.

Ah, meu Deus, é Julian, pensou Lottie. Ela fez alguma coisa horrível com ele.

Mas não era para Julian que estavam olhando.

— Que fascinante — gritou Dee Dee por causa do vento. — Definitivamente é ela. Dá para reconhecer pelo cabelo.

— O quê? Quem? — perguntou Celia, segurando a saia em volta das pernas.

— É Laodâmia. Laodâmia. Ah, você me conhece com meus mitos gregos, Guy. Não temos acesso a muita literatura boa onde moramos — explicou à Sra. Holden —, então eu me interessei pelos gregos. Eles têm histórias incríveis.

— Claro, claro. Estudamos um pouco de Homero em nosso saraú — comentou a Sra. Holden.

— O pintor. Ele a fez como...

— Pintora, mamãe. Foi feito pela mulher que... a que foi embora.

— Ah. Bem. Estranho, então. Mas ela pintou a Sra. Armand como uma das mulheres de Troia. Laodâmia era obcecada pela imagem de cera do marido desaparecido. Qual era o nome dele? Ah, sim, Protesilau. Olhem só, ela fez a imagem dele aqui.

Lottie observou. Adeline, aparentemente sem prestar atenção nas pessoas à sua volta, olhava extasiada para a figura de cera.

— Nada mal, Sra. Bancroft. Nada mal mesmo. Eu não teria reparado na mais óbvia das referências.

George apareceu atrás delas, uma nova taça de vinho na mão, o cabelo voando para cima como se ele estivesse levando um choque.

— Adeline como Laodâmnia, sem dúvida. *Crede mihi, plus est, quam quod videatur, imago*. — Ele fez uma pausa, possivelmente para causar um efeito. — Acredite, a imagem representa mais do que pode parecer.

— Mas o marido da Sra. Armand está aqui... — A Sra. Holden olhou de soslaio para o quadro, puxando a bolsa para ainda mais perto do corpo. — Julian Armand está aqui.

Ela virou o rosto para fitar Dee Dee.

George olhou para a imagem e se virou de costas.

— Eles são casados, sim — declarou e voltou para dentro, rebolando ligeiramente ao caminhar.

Dee Dee ergueu uma das sobrancelhas para a Sra. Holden.

— Guy Junior nos avisou sobre esses tipos artísticos...

Ela deu uma olhada no interior da casa pelas portas da varanda, segurando o cabelo com uma das mãos como se fosse sair voando.

— Acha que é seguro voltarmos?

Eles se viraram para sair. Celia, que vestia seu cardigã mais fino, abraçava o próprio corpo e batia os pés impacientemente perto da porta.

— A chuva está fria. Muito fria. E eu não trouxe casaco.

— Nenhum de nós trouxe, querida. Vamos, Dee Dee. Vamos ver o que eles fizeram com seu marido.

Apenas Lottie permaneceu imóvel, fitando o mural, enfiando as mãos fundo nos bolsos para esconder o súbito tremor.

Guy estava parado a alguns centímetros de distância. Quando ela desviou os olhos da imagem, percebeu que, pelo ângulo em que estava posicionado, ele devia ter visto também. No canto esquerdo, ligeiramente afastada dos cerca de quatorze personagens, talvez um pouco inacabada em termos de pinceladas e cor. Uma garota de vestido longo, verde-esmeralda, com botões de rosa no cabelo. Ela estava inclinada, a expressão misteriosa, aceitando uma maçã de um homem com o sol nas costas.

Lottie olhou para a imagem, depois de volta para Guy.

Para a súbita falta de cor no rosto dele.

* * *

Lottie havia corrido de volta à casa antes dos outros, teoricamente para ajudar Virginia a preparar a comida, mas na verdade porque havia sido invadida por uma urgência incontrollável de fugir. Ela não conseguia mais forçar uma conversa educada; não conseguia mais olhar para Celia sem esconder a inveja bruta nos olhos; não conseguia mais ficar perto dele.

Ouvi-lo. Vê-lo. Ela havia corrido para casa, o peito arfando, o ar ferindo os pulmões, a respiração enchendo os ouvidos, alheia ao frio, ao vento, à umidade no rosto e ao fato de que sua trança havia se desfeito e o cabelo virara uma confusão de mechas salgadas.

Não dá para aguentar, disse a si mesma. Não dá para aguentar.

* * *

Ela estava no andar de cima, sentindo-se segura ao preparar o banho para Freddie e Sylvia, quando eles chegaram. Ouviu Virginia, que ficara satisfeita em se ver livre dessa tarefa em particular, pegar os casacos, e a Sra. Holden exclamar que nunca ficara tão constrangida na vida. Dee Dee estava rindo; elas pareciam ter estabelecido uma conexão por conta da excentricidade dos moradores da Arcádia. Enquanto o vapor subia da água do banho, enchendo o cômodo, Lottie baixou a cabeça nas mãos. Ela se sentia febril, a garganta seca. Talvez eu esteja morrendo, pensou, melodramática. Talvez morrer seja mais fácil do que isso.

— Posso levar minha vaca para o banho?

Freddie apareceu na porta do banheiro, já nu e segurando a miniatura de um animal de fazenda. Seus braços estavam listrados de sujeira e sangue seco da raposa morta.

Lottie fez que sim. Também estava cansada demais para brigar.

— Preciso fazer pipi. Sylvia disse que não vai tomar banho hoje.

— Ela vai, sim — retrucou Lottie, exausta. — *Sylvia, entre aqui, por favor.*

— Não estou alcançando minha toalha. Você pode pegar para mim?

Ela teria que partir. Sempre soube que não poderia ficar pelo resto da vida, mas a presença de Guy trouxe urgência a essa certeza. Não havia possibilidade de permanecer ali depois que os dois se casassem; o casal os visitaria com frequência, e era cruel demais vê-los juntos. Desse modo, Lottie teria que encontrar uma razão muito boa para evitar o casamento.

Ah, meu Deus, o casamento.

— Preciso de uma toalha limpa. Essa está fedendo.

— Ah, Freddie...

— Está. Fedendo. Ai. A água também está muito quente. Olhe, minha vaca morreu. Você deixou a água muito quente e agora minha vaca está morta.

— *Sylvia.*

Lottie abriu a água fria da banheira.

- Posso lavar meu cabelo sozinho? Virginia me deixa lavar o cabelo.
- Não, ela não deixa. *Sylvia*.
- Eu estou bonita?

Sylvia havia mexido no nécessaire de maquiagem da Sra. Holden. Suas bochechas estavam saturadas de blush, como se a garota estivesse se recuperando de uma doença medieval, enquanto dois blocos de azul cintilante cascadeavam por cima dos olhos.

— Ah, minha nossa! Sua mãe vai matar você. Tire tudo isso neste instante.

Sylvia cruzou os braços.

— Mas eu gosto.

— Quer que sua mãe tranque você no quarto amanhã? Porque eu estou avisando, Sylvia, se ela der uma olhada em você, é isso o que vai acontecer.

Lottie estava tendo dificuldade em manter a calma.

A garotinha franziu o cenho e levou a mão cheia de batom ao rosto.

— Mas eu quero...

— Posso entrar?

Lottie, que estava tirando os sapatos de Sylvia, olhou para cima e sentiu o rosto queimar. Ele estava curvado na porta, meio hesitante, como se não tivesse certeza de que podia se aproximar. Apesar do vapor e do sabão, ela sentia o cheiro salgado, frio e limpo que exalava dele.

— Matei um urso hoje, Guy. Olhe! Olhe todo esse sangue!

— Lottie, eu... eu precisava falar com você.

— Lutei com ele na mão. Eu estava protegendo minha vaca, olhe. Você já viu minha vaca?

— Guy, você acha que eu estou bonita?

Lottie não ousou se mexer. Se o fizesse, achava que poderia se quebrar e se estilhaçar, e todos os cacos se dissolveriam.

Ela estava com muito calor.

— É sobre Frances — disse ele.

O coração dela, que havia se permitido disparar por um breve instante, parou. Ele subira para informá-la sobre algum distúrbio doméstico no andar de baixo. Talvez fosse buscar Frances na estação. Talvez o Sr. Bancroft fosse comprar alguma obra da artista.

Ela olhou para baixo, para as mãos, que tremiam quase imperceptivelmente.

— Ah — falou ela.

— Eu estou de batom. Olhe! Guy, olhe!

— E — respondeu ele, em tom distraído. — Que vaca legal, Freddie. De verdade.

Ele não parecia disposto a entrar no banheiro. Olhou para o alto, em direção ao teto, depois para baixo, como se estivesse remoendo alguma coisa. Houve uma longa pausa, durante a qual Sylvia, ignorada, tirou a maquiagem do rosto com a toalhinha boa da Sra. Holden.

— Ah, isso é impossível. Veja, eu queria dizer... — Ele esfregou o cabelo. — Que ela estava certa. Sobre a pintura. O mural, quer dizer.

Lottie olhou para ele.

— Frances percebeu. Ela percebeu antes de mim.

— Percebeu o quê?

Freddie havia deixado a vaca cair da banheira e estava pendurado perigosamente na beirada.

— Acho que devo ter sido o último a perceber.

Ele estava agitado, lançando olhares exasperados para as duas crianças.

— Mas ela está certa, não está?

Lottie parou de sentir calor; não percebia mais o tremor nas mãos. Ela expirou, soltando o ar de forma demorada e estremecida. Depois abriu um sorriso lento e meigo, permitindo-se pela primeira vez se dar ao luxo de olhá-lo sem medo do que ele pudesse enxergar.

— Me diga que ela está certa, Lottie. — A voz dele, um sussurro, guardava um curioso tom de desculpas.

Lottie entregou uma toalhinha limpa para Freddie. Tentou transmitir um mundo no mais ligeiro dos olhares.

— Eu percebi bem antes da pintura — declarou.

7

Naquela manhã, pensava a Sra. Holden, havia um brilho claro em seu rosto. Continuou refletindo, inclinando-se para a frente enquanto passava rímel (sem exagerar, pois iria para a missa de domingo), que ela poderia até mesmo exibir uma aparência um pouco mais jovem do que o normal. Sua testa estava menos enrugada; talvez menos linhas de ansiedade fossem visíveis em volta dos olhos. Esse rejuvenescimento, era preciso admitir, se devia em parte ao sucesso da visita dos Bancroft. Apesar da discussão constrangedora entre a atriz e sua amiga, Dee Dee (nomes extraordinários esses que os americanos dão a si mesmos) achara tudo muito divertido, como se aquela fosse uma atração turística providenciada especialmente para a visita deles. Guy Senior se declarou mais do que satisfeito com os quadros que comprou do Sr. Armand, os quais deviam representar um pequeno e bom investimento, disse ele após o jantar enquanto os embalava com cuidado e os guardava no carro. Ele decidiu que gostava daquela pintura moderna. Em seu íntimo, a Sra. Holden preferiria morrer a ter qualquer uma daquelas telas na parede da sala: pareciam coisas que Mr. Beans faria. Mas Dee Dee apenas sorriu para ela daquele seu jeito todas-as-garotas-unidas e disse: “O que fizer você feliz, Guyquerido.” Então eles partiram, com promessas de mais frutas e outras visitas antes do casamento.

E lá estava Celia: parecia vivenciar menos altos e baixos ultimamente. Esforçava-se um tanto mais. A Sra. Holden se perguntou (em voz alta) se Celia negligenciara Guy um pouco; talvez tivesse ficado ocupada demais com o casamento e se esquecido do noivo (sentiu uma pequena pontada de culpa por talvez ter contribuído para isso: era difícil não se envolver demais no planejamento de um casamento). Mas Guy estava sendo um pouco mais atencioso com ela, que, em troca, claramente dava o melhor de si para ficar linda e com uma aparência interessante e atraente. A Sra. Holden, apenas por precaução, deu a Celia algumas revistas femininas que destacavam a importância de permanecer interessante para o marido...

e outras coisas sobre as quais ainda ficava desconfortável em conversar com a filha.

Ela se sentia mais preparada do que o normal para dar conselhos matrimoniais: nos últimos dias, Henry Holden estava agindo de modo atipicamente gentil com a esposa. Ele voltou do trabalho na hora certa por dois dias consecutivos e de alguma maneira não foi chamado para fazer consultas no meio da noite. Ofereceu-se para levar a família inteira para almoçar no Riviera, como um pedido de desculpas por não ter estado presente durante a maior parte da visita dos Bancroft. E, mais importante, na noite anterior (nesse momento ela se sentiu corar ligeiramente), ele até fez uma visita à cama dela: pela primeira vez desde que Celia retornou de Londres, cerca de seis semanas antes. Henry não era do tipo romântico. Mas era maravilhoso receber atenção.

A Sra. Holden olhou para trás, para o par de camas de solteiro, as colchas de chenille alinhadas cobrindo com discrição os segredos da noite. Querido Henry. E aquela ruiva horrenda havia partido.

Quase inconscientemente, ela largou o batom e bateu de leve na superfície de nogueira da penteadeira. Sim, as coisas estavam indo muito bem.

* * *

No andar de cima, Lottie, deitada na cama de solteiro, ouvia Celia e as crianças no andar de baixo pegando os casacos e se preparando para a caminhada até a igreja. No caso de Freddie, o processo envolvia diversas imprecações e ameaças resmungadas, seguidas por afirmações de inocência em protesto e um ocasional bater de portas. Por fim, acompanhado dos gritos irritados da mãe dele, o barulho da porta da frente se fechando significava que, a não ser por Lottie, a casa estava vazia. Ela permaneceu imóvel, ouvindo a movimentação, escutando as vozes muitas vezes encobertas pelos gritos estridentes das crianças, o tique-taque do relógio no corredor, o assovio e o ronco suave do sistema de aquecimento de água, a batida distante de portas de carros do lado de fora. Lottie ficou deitada, sentindo os barulhos infiltrando-se em sua cabeça quente, e desejou aproveitar o raro momento de solidão.

Estava doente havia quase uma semana; podia dizer a hora exata, no dia após a Grande Revelação, ou O Último Dia Em Que O Viu, ambos tão importantes que pediam letras maiúsculas. Na noite em que Guy revelou seus sentimentos por ela, Lottie passou a madrugada acordada, ardente e

febril, os membros inquietos, se contraindo. A princípio ela achou que os pensamentos caóticos e delirantes se deviam à sua própria e terrível culpa. Mas de manhã, examinando sua garganta, o Dr. Holden chegou a um diagnóstico menos bíblico, um resfriado, e prescreveu uma semana de repouso e o máximo de líquido possível.

Celia, apesar de solidária, mudou-se para o quarto de Sylvia (“Desculpe, Lots, mas não posso ficar doente de jeito nenhum, com tudo o que preciso organizar para o casamento”), e Lottie ficou sozinha, apenas com as bandejas de sopa e suco levadas por Virginia em horários regulares — e, deve-se dizer, com mau humor —, além das verificações ocasionais de Freddie “para ver se ela já tinha morrido”.

Em alguns momentos, Lottie desejava estar mesmo morta. Ouvira os próprios murmúrios à noite, apavorada e com medo de se entregar durante o delírio. Não suportava que, depois de enfim expor seus sentimentos, Guy estivesse definitivamente banido para ela, como se Lottie fosse a Rapunzel presa na torre com um novo corte de cabelo. Pois, embora normalmente encontrassem uma dezena de pretextos para cruzar um com o outro pela casa e pudessem passear com o cachorro, não havia uma única razão no mundo que permitisse a um rapaz, noivo de uma das jovens da casa, ser visto entrando no quarto da outra.

Após dois dias, incapaz de suportar a ausência de Guy, ela se forçou a descer para pegar água, apenas com o objetivo de dar uma olhada nele. Mas quase desmaiou no corredor, e a Sra. Holden e Virginia, com muitos grunhidos e reprimendas, carregaram-na de volta para cima, os braços pálidos pendurados sobre os ombros de cada uma. Lottie teve apenas um átimo de segundo para cruzar o olhar com o dele, mas sabia, mesmo por aquele breve contato visual, que havia uma compreensão entre eles, e isso abasteceu sua fé para outro longo dia e outra longa noite.

Ela sentira a presença de Guy: ele lhe comprara uvas da África do Sul, as cascas firmes e doces da fruta explodindo de sabor. Havia mandado limões espanhóis para misturar com água fervente e mel, a fim de ajudar a tratar a garganta dela, além de figos carnudos e maduros para convencê-la a comer. A Sra. Holden observara com tons admirados as provas de generosidade da família dele — e, sem dúvida, guardara algumas para si.

Mas não era suficiente. E, como se oferecessem um golinho de água a alguém morrendo de sede, Lottie decidiu que as pequenas amostras dele pioravam as coisas. Ela se torturava, imaginando-o redescobrendo os charmes perfumados de Celia durante sua ausência. Como ele poderia escapar, já que Celia passava todo o tempo pensando em maneiras de

reconquistá-lo? “O que você acha desse vestido, Lots?”, perguntava ela, desfilando com uma roupa nova para cima e para baixo no quarto. “Acha que deixa meus seios maiores?” E Lottie dava um sorriso fraco e se desculpava, dizendo que precisava dormir.

A porta lá embaixo se abriu novamente. A garota ficou deitada acordada, escutando o som de passos subindo a escada.

A Sra. Holden parou na porta.

— Lottie, querida, eu me esqueci de avisar. Deixei alguns sanduíches para você na geladeira, já que provavelmente vamos direto da igreja para o hotel almoçar. Tem ovos com agrião, um pouco de presunto e também uma jarra de refresco de limão com cevada. Henry disse que você deveria tentar beber tudo hoje. Ainda não está ingerindo líquido o bastante.

Lottie esboçou um sorriso agradecido.

A Sra. Holden ajustou as luvas, olhando para a cama de Lottie, como se considerasse alguma coisa. Então, sem ser solicitada, foi até lá e puxou as laterais dos cobertores, dobrando-os com cuidado embaixo do colchão. Em seguida, levantou a mão e tocou a testa de Lottie.

— Você ainda está um pouco quente — disse ela. — Pobrezinha. Passou por maus bocados essa semana, não foi?

Não era comum Lottie ouvir aquela suavidade na voz da outra. Após acariciar o cabelo de Lottie, que não era lavado fazia algum tempo, a Sra. Holden apertou sua mão, e a garota se flagrou retribuindo o gesto.

— Vai ficar bem sozinha?

— Sim, obrigada — respondeu Lottie em voz baixa e rouca. — Acho que provavelmente vou dormir.

— É uma boa ideia. — A Sra. Holden se virou para sair do quarto, arrumando o cabelo. — Imagino que retornaremos por volta das duas. Comeremos cedo por causa das crianças. Deus sabe como Freddie vai se comportar sentado em um restaurante chique. Aposto que vou morrer de vergonha antes mesmo de o carrinho de sobremesas passar... — Ela olhou o interior da bolsa. — Aqui estão duas aspirinas. Agora, não se esqueça do que Henry disse, querida. Hidrate-se.

Lottie já estava com sono.

A porta se fechou com um clique suave.

* * *

Lottie poderia ter dormido por minutos ou horas, mas o som das batidas de alguma maneira acompanhou harmoniosamente a transição do sonho

para a vigília. Enquanto olhava para a porta, o barulho ficou mais forte. Mais insistente.

— Lottie?

Ela devia estar delirando de novo. Igual a quando se convenceu de que os peitoris de todas as janelas estavam povoados por trutas marrons.

Fechou os olhos. Sua cabeça estava tão quente...

— Posso entrar?

Ela tornou a abrir os olhos. E lá estava ele, dando uma espiada para trás ao entrar, a camisa azul salpicada de pequenos pingos de chuva. Ouviu um estrondo de trovão ao longe. O quarto ficara na penumbra, a luz do dia esmaecida e escurecida pelas nuvens de chuva, de modo que poderia até ser o crepúsculo. Ela se endireitou na cama, os olhos turvos de sono, sem saber se continuava dormindo.

— Achei que você tivesse ido para a estação.

Ele dissera que ia buscar um caixote de frutas.

— Menti. Foi a desculpa em que pensei na hora.

O quarto continuava escurecendo aos poucos, de maneira que ela mal via o rosto dele. Apenas os olhos do rapaz brilhavam, encarando-a com uma intensidade ardente que ela poderia pensar que ele também estava doente. Lottie fechou os olhos por um momento para saber se Guy ainda estaria lá quando voltasse a abri-lo.

— Está muito difícil, Lottie. Acho... acho que vou enlouquecer.

A alegria. A alegria que ele lhe causava. Ela deitou a cabeça novamente no travesseiro, estendeu o braço, que emitia um brilho claro na meia-luz.

— Lottie...

— Venha aqui.

Ele atravessou o quarto com um salto, se ajoelhou no chão ao lado dela e apoiou a cabeça em seu peito. Ela sentiu o peso na camisola úmida, levantou uma das mãos e se permitiu tocar em seu cabelo. Era mais macio do que esperava; mais macio do que o de Freddie.

— Você está preenchendo todo o espaço. Eu não consigo ver direito.

Ele ergueu a cabeça para que ela enxergasse seus olhos, cor de âmbar mesmo à pouca luz. Lottie não conseguia pensar com coerência: sua mente estava turva, confusa. O peso dele a ancorava; ela pensou por um instante que, sem ele, começaria a flutuar até sair pela janela, em direção ao infinito escuro e molhado.

— Ah, meu Deus, suas roupas estão ensopadas... Você está doente. Você está doente. Lottie, desculpe. Eu não deveria...

Ela ergueu um dos braços quando ele se levantou para se afastar e então o puxou de volta. Não lhe ocorreu inventar desculpas para sua aparência — o cabelo úmido, sujo, o aroma rançoso da doença —; ela havia perdido os sentidos, a sensibilidade para o que era necessário. Segurou o rosto dele entre as mãos, os lábios tão perto que ela sentia a respiração dele. Fez uma pausa de uma fração de segundo, sabendo, mesmo em sua inexperiência, que havia algo mais precioso na espera, no desejo. E então, com um gemido que parecia de angústia, ele estava acima dela, doce como um fruto proibido.

* * *

Richard Newsome chupava balas de novo; ela o via, atrevido, sem nem tentar esconder o farfalhar dos papéis conforme as engolia, uma após a outra, como se estivesse sentado na fileira de trás do cinema. Era desrespeitoso, uma leniência da parte de sua mãe, que permanecia sentada ao lado dele como se não tivesse nada a ver com aquilo. Mas também, como Sarah Chilton muitas vezes observava, todos os Newsome eram daquele jeito: nunca se preocupavam com a forma ou o decoro, contanto que estivessem bem.

A Sra. Holden o fuzilou com um olhar sombrio durante o salmo 109, mas ele nem prestou atenção. Apenas desembulhou metodicamente uma bala roxa, fitou-a com o interesse despreocupado de uma vaca ruminando e a jogou dentro da boca.

Era muito irritante ser distraída pelo garoto Newsome e por suas embalagens de bala; a mulher queria pensar em Lottie e no que faria com ela após o casamento de Celia. Era uma questão realmente complicada. A garota devia saber que não poderia ficar com os Holden por um prazo indefinido, que precisaria traçar planos para a própria vida. A Sra. Holden teria sugerido inscrevê-la em um curso de secretariado, mas Lottie estava inflexível quanto a não querer voltar para Londres. Certa vez, indicara o magistério — afinal, a garota levava jeito com crianças —, mas Lottie recebera a recomendação com um olhar de repugnância, como se lhe tivessem sugerido ganhar a vida nas ruas. O ideal seria um casamento; Joe era um amor com ela, de acordo com Celia, mas Lottie era tão do contra, não era surpresa que os dois tivessem se desentendido.

E Henry não ajudava: das poucas vezes em que ela mencionou suas preocupações, ele ficou irritado e disse que a pobre garota já tinha muita coisa com que se preocupar, que ela não criava problemas e daria um jeito

na vida, arrumando um trabalho decente, no devido tempo. A Sra. Holden não entendia bem quais seriam as preocupações de Lottie — ela não precisara se preocupar com comida nem vestuário na maior parte dos últimos dez anos —, mas não gostava de discutir com o marido (principalmente naquele momento), então deixou para lá.

Claro que Lottie pode ficar conosco pelo tempo que quiser, ela dissera a Deirdre Colquhoun. Nós a amamos como se fosse nossa filha. De vez em quando, como na ocasião em que a viu prostrada, doente e vulnerável, naquela cama de criança, ela genuinamente acreditava nisso. Lottie era bem mais fácil de amar quando estava frágil, quando seus espinhos de ouriço se dissolviam em suor e lágrimas. Mas a menor e mais desconfortável parte de Susan lhe dizia que isso não era verdade.

Ela cutucou Henry assim que a sacola do ofertório começou a percorrer as fileiras na direção deles. Suspirando, o homem enfiou a mão no bolso, puxou uma nota não identificada e a colocou lá dentro. Susan Holden, segurando a bolsa nova acintosamente na frente do corpo, pegou a sacola e a passou adiante, satisfeita por terem sido vistos fazendo a coisa certa.

* * *

— Joe? Ei, Joe.

Celia segurou o braço de Joe assim que o viu saindo da igreja, sob o céu cada vez mais radiante, onde ventos fortes levavam embora as últimas e turbulentas nuvens de tempestade no horizonte. A calçada estava escorregadia por causa da chuva, e Celia xingou baixinho quando sentiu respingos em sua canela de uma poça que não tinha visto.

O rapaz se virou, sobressaltado com a natureza física da saudação de Celia. Ele usava uma camisa azul-clara e um pulôver sem mangas, e seu cabelo, normalmente sujo de óleo de motor, havia sido arrumado de maneira respeitosa.

— Ah. Olá, Celia.

— Tem visto Lottie?

— Você sabe que não.

— Ela não anda bem.

Celia começou a caminhar no mesmo ritmo que ele, ciente do olhar fixo da mãe no portão do pátio da igreja. Seria bom juntá-los de novo, ela havia dito. Afinal de contas, Lottie ficaria terrivelmente solitária quando Celia fosse embora.

— Muito doente. Quer dizer, com febre e tudo. Vendo coisas saindo das paredes, nesse nível.

Isso o fez parar.

— O que ela tem? — perguntou.

— Uma gripe forte, segundo papai. Muito forte. Quer dizer, ela podia ter morrido.

A cor sumiu do rosto de Joe. Ele parou e a fitou.

— Morrido?

— Bem, quer dizer, agora ela está se recuperando, mas, sim, foi muito sério. Papai ficou louco de preocupação. É tão triste... — Celia deixou a voz baixar de modo teatral.

Joe aguardou.

— O quê? — perguntou ele, por fim.

— Vocês rompendo relações. E ela chamando e tudo o mais...

Celia parou de repente, como se tivesse falado mais do que deveria.

Joe franziu o cenho.

— Chamando o quê?

— Ah, nada não, Joe. Esqueça o que eu disse.

— Ei, Celia. O que você ia dizer?

— Não posso, Joe. Seria uma traição.

— Como pode ser uma traição se nós dois somos amigos dela?

Celia inclinou a cabeça para o lado, avaliando.

— Tudo bem. Mas você não pode contar que eu falei. Ela chamou seu nome. Digo, quando estava mal. Lá estava eu, limpando a testa dela, e ela murmurou: “Joe... Ah, Joe...” Eu não pude confortá-la nem nada. Porque vocês dois não estão se falando.

Joe olhou-a com desconfiança.

— Ela estava chamando por mim?

— Sem parar. Bem, com muita frequência. Quando estava bem mal.

Houve um longo silêncio.

— Você não estará... Não estará mentindo nem nada, não é?

Os olhos de Celia faiscaram, e ela cruzou os braços, ofendida.

— Sobre minha própria irmã? Ou como se fosse minha irmã? Joe Bernard, essa é a coisa mais cruel que você já disse. Escute aqui, a pobre Lottie tem chamado seu nome, e você alega que estou mentindo. Bem, sinto muito ter lhe contado isso.

Ela deu meia-volta sobre os saltos agulha e começou a se afastar depressa.

Então foi a vez de Joe segurar seu braço.

— Celia. Celia, desculpe. Por favor, pare. — Ele estava sem fôlego. — Acho que é um pouco difícil acreditar que Lottie tenha me chamado e tal... Mas se ela está muito doente, isso é horrível. Sinto muito que eu não estivesse lá.

Ele parecia abatido.

— Eu não contei para ela, sabe — afirmou Celia, olhando firme para ele.

— Contou o quê?

— Que você tem saído com Virginia.

Joe enrubescou do pescoço à testa, como se fosse uma esponja cor-de-rosa ensopada de água.

— Você não esperava manter segredo por muito tempo, não é? Ela trabalha na nossa casa, afinal.

Joe olhou para baixo e chutou o meio-fio.

— Não é como se estivéssemos namorando. Só fomos dançar umas duas vezes. Hã... Quer dizer, não é nada sério.

Celia ficou em silêncio.

— Não é como Lottie. Quer dizer, se eu achasse que tivesse uma chance com Lottie... — Ele foi diminuindo a voz, mordeu o lábio e olhou para o outro lado.

A garota colocou a mão em seu braço em um gesto amigável.

— Bem, Joe, eu conheço Lottie há mais tempo do que qualquer pessoa, e tudo o que posso dizer é que nossa Lott é engraçada. Às vezes, ela não sabe o que quer. Mas eu sei que, quando ela falava com o coração, enquanto estava à beira da morte, era você quem estava chamando. Então, pronto. Você é que sabe o que fazer.

Era evidente que Joe refletia bastante. Sua respiração estava mais acelerada com o esforço.

— Será que devo fazer uma visita? O que você acha?

Ele parecia dolorosamente esperançoso.

— O que eu acho? Acho que ela adoraria.

— Quando devo ir?

Celia deu uma olhada na mãe, que estava ali perto dando tapinhas apressados no relógio.

— Olhe. Não existe melhor hora do que agora. Vou dar um pulo ali e avisar à mamãe que vou me atrasar um pouco para o almoço no hotel, então vamos juntos lá em casa. Eu deixaria você ir sozinho — explicou ela, rindo, enquanto meio corria, meio saltava em direção à mãe —, mas acho que Lottie não gostaria se eu deixasse você encontrá-la de camisola.

O braço de Lottie estava quase morto. Ela não se importava; preferiria deixá-lo cair a parar de envolver Guy, tirar o apoio do rosto tranquilo, de pele acetinada, interromper o caminho invisível da respiração dele até a dela. Lottie fitou os olhos fechados do rapaz, descansando enquanto ele cochilava, o brilho fraco de suor secando na pele, e pensou que nunca se sentira tão descansada. Era como se as tensões não existissem... Ela sentia-se feito manteiga: derretida, aquecida.

Ele mudou de posição no sono, e ela inclinou a cabeça para lhe dar um beijo delicado na testa. Ele respondeu com um murmúrio, e Lottie sentiu o coração se contraindo de gratidão. Obrigada, disse à sua divindade. Obrigada por me dar isso. Se eu morresse agora, morreria feliz.

Ela se sentia lúcida; a febre havia evaporado tão depressa quanto seu desejo, que por tanto tempo permaneceu sem ser suprido. Ou talvez ele tenha me curado, pensou. Talvez eu estivesse morrendo pela ausência dele. Ela meio que riu, em silêncio. O amor me deixou fantasiosa e idiota, refletiu. Mas não estava arrependida. Não mesmo.

Olhou para cima, para longe de Guy. Do lado de fora, a chuva batia na janela, o vento chacoalhando de tempos em tempos as vidraças onde a Sra. Holden havia se esquecido de prender pedaços de feltro. Tudo era sempre pautado pelo clima ali no litoral. Fazia toda a diferença no dia, em seu humor e suas possibilidades; para os turistas, criava e desfazia sonhos. Mas Lottie observava a chuva com nada além de pura indiferença. O que importava naquele momento? A terra podia se abrir e cuspir lava vulcânica e ela não se importaria, contanto que pudesse sentir o corpo quente dele em volta de si, contanto que pudesse sentir suas bocas unidas, a junção estranha, desesperada dos dois corpos. Sensações que ela nunca desconfiara existir pelo pouco que a Sra. Holden lhes contara sobre o amor no casamento.

Eu amo você, disse a ele em silêncio. Sempre vou amar. E, enquanto a chuva caía, seus olhos se encheram de lágrimas.

Ele se mexeu e abriu os olhos. Por uma fração de segundo, ficaram inexpressivos, sem compreender, depois piscaram e se encheram de ternura com a lembrança.

— Olá.

— Olá, você.

Ele focou a visão e chegou mais perto.

— Você está chorando?

Lottie balançou a cabeça, sorrindo.

— Venha aqui.

Ele a puxou e encheu seu pescoço de beijos. Ela se rendeu à sensação, sentindo o coração palpitar.

— Ah, Lottie...

Ela o calou com um dedo. Encarou os olhos dele, como se pudesse absorvê-lo com o olhar. Não queria palavras: queria incorporá-lo aos ossos, puxá-lo para dentro da pele. Algum tempo depois, ele apoiou a cabeça na curva do pescoço de Lottie. Eles ficaram deitados em silêncio, ouvindo o tamborilar retumbante e distante do vento e dos trovões, que já diminuía.

— Está chovendo.

— Está chovendo há séculos.

— Eu dormi?

— Tudo bem, ainda está cedo. — Ele fez uma pausa. — Desculpe.

— Pelo quê?

Ela passou a mão pelo rosto de Guy, que trincou a mandíbula de tal maneira que ela sentiu o movimento.

— Você estava doente. E eu ataquei você.

Ela deu risadinhas.

— E que ataque!

— Mas você está bem... Quer dizer, eu não machuquei você nem nada?

Ela fechou os olhos.

— Ah, não.

— Você ainda está doente? Parece mais fria.

— Estou ótima. — Ela se virou para encará-lo. — É sério, estou melhor.

Ele sorriu.

— Então era disso que você precisava. Nada a ver com resfriado, afinal.

— Que cura maravilhosa.

— Meu sangue está cantando. Você acha que nós devemos falar com o Dr. Holden?

Lottie riu. O som pareceu um grande soluço, como se estivesse esperando para sair, muito perto da superfície.

— Ah, eu acho que o Dr. Holden tem uma versão própria dessa cura.

Guy ergueu uma das sobrancelhas.

— Verdade? O Dr. Holden Marido Perfeito?

Lottie fez que sim com a cabeça.

— Sério? — Guy olhou pela janela. — Nossa! Pobre Sra. H.

A menção do nome dela silenciou os dois. Lottie finalmente ajeitou o braço, sentindo o sangue invadi-lo como pequenas agulhas. Guy mexeu a cabeça para se acomodar, e eles fitaram o teto.

— O que vamos fazer, Lottie?

Era a pergunta que a consumia por inteiro. E só ele tinha a resposta.

— Não podemos voltar atrás, não é? — indagou, buscando a confirmação dela.

— Eu não posso. Como poderia?

Ele se apoiou no cotovelo para se erguer e esfregou os olhos. O cabelo estava espetado para o lado.

— Não... Mas é uma confusão e tanto.

Lottie mordeu o lábio.

— Vou ter que contar para ela o quanto antes.

Lottie suspirou. Precisava ouvir, precisava que ele dissesse por vontade própria. Então pensou nas implicações daquela frase e sentiu o estômago se revirar.

— Vai ser horrível — disse, estremecendo. — Realmente horrível.

Ela se sentou.

— Eu vou ter que ir embora também.

— O quê?

— Não tem como eu ficar, tem? Acho que Celia não vai me querer por perto.

— Não, acho que não. Para onde você iria?

Lottie o encarou antes de responder:

— Não sei. Não pensei nisso.

— Bem, você teria que ir comigo. Vamos voltar para a casa dos meus pais.

— Mas eles vão me odiar.

— Não vão, não. Vai levar um tempinho até se acostumarem, mas eles vão amar você.

— Eu nem sei onde eles moram. Nem onde você mora. Eu sei tão pouco...

— Nós sabemos o suficiente.

Ele colocou as mãos em volta do rosto dela.

— Querida, querida Lottie. Não tem mais nada no mundo que eu precise saber sobre você. Exceto que fomos feitos um para o outro. Nós nos encaixamos tão bem, não é? Com perfeição.

Ela sentiu as lágrimas voltando. Olhou para baixo, quase com medo de encará-lo enquanto sentia tamanha magnitude.

— Você está bem?

Ela assentiu novamente.

— Quer um lenço?

— Na verdade, quero beber alguma coisa. A Sra. Holden deixou uma jarra de limonada lá embaixo. Vou buscar.

Ela colocou os pés no chão e pegou a camisola.

— Fique aqui. Eu vou pegar.

Ele percorreu o quarto, recolhendo suas roupas. Lottie observou-o, desinibido, admirando sua beleza, a maneira como os músculos se moviam sob a pele.

— Não se mexa — instruiu ele.

Então, vestindo a camisa pela cabeça, saiu.

Lottie ficou deitada, sentindo o aroma salgado dele na camisola úmida, escutando o barulho distante da geladeira se abrindo no andar de baixo, os tinidos dos copos e das pedras de gelo. Quantas vezes seria possível alguém escutar a pessoa amada se movimentando até se acostumar com isso, por ser tão familiar? Até o som parar de atrair toda a sua atenção, se alojar no coração?

Ela ouviu o som dos passos dele na escada, depois uma pausa enquanto ele se ajeitava para abrir a porta com o quadril.

— Voltei — disse Guy, sorrindo. — Estava só imaginando como seria fazer isso para você no Caribe. Lá, esprememos o suco fresco direto da...

Ambos paralisaram ao ouvir o som de uma chave na porta.

Eles se entreolharam apavorados. Alarmado, Guy saltou para pegar os sapatos, enfiando-os nos pés e guardando as meias nos bolsos. Lottie, em pânico, apenas puxou as cobertas sobre si mesma.

— Olá? Lots?

Escutaram o barulho da porta da frente se fechando, de pés subindo a escada, mais de um par.

Guy, com o rosto vermelho, pegou a bandeja.

— Você está vestida? — A voz de Celia, de entonação cantada, era leve, divertida.

— Celia? — A pergunta saiu como um gemido rouco.

— Tenho uma visita... — Ao abrir a porta, Celia fechou a cara. Ela observou, perturbada, as duas pessoas diante de si. — O que você está fazendo aqui?

Ah, meu Deus, e Joe vinha logo atrás. Lottie vislumbrou a cabeça dele afundando de constrangimento.

Guy mostrou enfaticamente a bandeja para Celia.

— Eu estava apenas trazendo alguma coisa para Lottie beber. Você pode assumir, já que está aqui. Nunca fui bom como enfermeiro.

Celia olhou a bandeja. Os dois copos.

— Eu trouxe Joe — disse, ainda atordoada. — Para ver Lottie.

Atrás dela, Joe tossiu.

— Que... que legal — comentou Lottie. — Mas eu não... Eu realmente preciso me ajeitar.

— Eu vou... — falou Joe.

— Você não precisa ir embora, Joe — replicou Lottie. — Eu... só preciso me ajeitar um pouco.

— Não. De verdade. Não quero incomodar. Volto quando você estiver de pé.

— Hum... Eu ia gostar, Joe.

Celia apoiou a bandeja com cuidado na mesa de cabeceira de Lottie. Então olhou de soslaio para Guy e ajeitou o cabelo em um gesto inconsciente.

— Você está muito vermelho.

Guy levou uma das mãos ao rosto, como se estivesse surpreso. Ele ia começar a falar, depois mudou de ideia e balançou a cabeça sem emitir uma palavra.

Houve um silêncio longo e constrangedor, durante o qual Lottie se flagrou puxando as cobertas cada vez mais em direção ao queixo.

— Acho que é melhor deixarmos você em paz — disse Celia, abrindo a porta para que Guy saísse.

Sua voz estava baixa, hesitante. Ela não olhou para Lottie quando perguntou:

— Tem certeza de que não quer ficar, Joe?

Lottie ouviu a confirmação abafada de Joe. Ele estava falando para dentro.

Guy passou por ela. Lottie, ansiosa, notou que a parte de trás da camisa dele não estava dentro da calça.

— Tchau, Lottie. Espero que você melhore logo.

Saiu estridente, essa falsa empolgação.

— Obrigada. Obrigada pelo fresco.

Celia, ainda segurando a porta para ele, parou e se virou.

— Onde estão as frutas?

— O quê?

— As frutas. Você ia pegar frutas na estação. Não tem nada lá embaixo. Onde estão?

Por um instante, Guy pareceu não saber do que ela estava falando, mas depois levantou a cabeça ao entender.

— Não chegaram. Esperei por mais de meia hora, e não estavam no trem. Devem chegar no de duas e meia.

— Fiquei sabendo que você tem cocos frescos — comentou Joe, pisando nos próprios pés no topo da escada. — Coisas esquisitas, esses cocos. Parecem cabeças. Mas sem os olhos... E outras coisas.

Celia ficou imóvel por um momento. Depois, olhando para baixo, passou por Guy e desceu a escada tropeçando.

* * *

Quase quarenta e oito horas depois, Lottie estava tremendo na cabana de praia número 87, que já fora, de acordo com uma placa caída, conhecida como Saranda. Ela se aconchegou no casaco, puxando a silhueta nervosa de Mr. Beans para perto pela coleira. Era quase noite e, sem luz elétrica, a cabana ficava cada vez mais escura e ainda menos convidativa.

Lottie estava esperando havia quase quinze minutos. Daqui a mais alguns, teria que voltar. A Sra. Holden não gostava que ela saísse ainda doente. Tinha verificado a temperatura na testa da garota duas vezes antes de, relutante, deixá-la ir. Se não quisesse ficar quinze minutos sozinha com o marido, Lottie achava que a Sra. Holden não a teria deixado sair de jeito nenhum.

Ela ouviu o assovio de pneus de bicicleta se aproximando. A porta se abriu, com cautela, e lá estava ele, saltando e deixando a bicicleta bater na porta. Eles se abraçaram com pressa, as bocas se encontrando sem jeito.

— Não tenho muito tempo. Celia está grudada em mim feito cola. Só saí porque ela está no banho.

— Será que suspeita de alguma coisa?

— Acho que não. Ela não disse nada sobre... você sabe.

Ele se inclinou e afagou Mr. Beans, que farejava seus pés.

— Meu Deus, isso é horrível. Odeio mentir.

Ele a puxou para perto, beijando-lhe o topo da cabeça. Ela envolveu-o com os braços, inalando seu perfume, tentando gravar a sensação das mãos dele em sua cintura.

— Nós nem precisamos contar a eles. Podemos apenas ir embora. Deixar uma carta — sugeriu Guy com a boca junto ao cabelo dela, como se quisesse sentir seu cheiro também.

— Não. Eu não posso. Eles foram bons para mim. O mínimo que posso fazer é me explicar.

— Não sei se você vai conseguir.

Lottie chegou para trás e olhou para ele.

— Eles vão entender, não vão, Guy? Têm que entender. Que nós não queríamos causar nenhum mal. Que não foi nossa culpa. Porque foi mais forte que nós, não é?

Ela começou a chorar.

— Não é culpa de ninguém. Algumas coisas são predestinadas. Não há como resistir.

— Mas eu odeio pensar que nossa felicidade vai ser construída à base de tanta tristeza. Pobre Celia. Pobre, pobre Celia.

Ela sabia ser generosa agora que ele era dela. A intensidade de sua solidariedade por Celia chocou até a própria Lottie. Ela enxugou o nariz com a manga.

— Celia vai sobreviver. Ela vai encontrar outra pessoa — disse Guy.

Lottie sentiu uma pontada de aflição por causa do tom direto na voz dele.

— Às vezes, acho que nem era por mim que ela estava apaixonada, mas apenas pela ideia de estar apaixonada.

Lottie o encarou.

— Apenas acho, de vez em quando, que não precisava ser *eu* em particular, sabe?

Lottie pensou em George Bern. Então sentiu uma deslealdade peculiar.

— Tenho certeza de que Celia ama você — disse Lottie com a voz baixa, relutante.

— Não vamos falar sobre isso. Olhe, Lots, precisamos de um plano. Precisamos decidir quando contar a eles. Eu não consigo continuar mentindo para todo mundo. Isso está me deixando realmente desconfortável.

— Me dê até o fim de semana. Vou ver se posso me hospedar na casa de Adeline. Talvez, depois da partida de Frances, eles precisem de ajuda com as tarefas domésticas. Eu não me importaria.

— Tem certeza? Acho que não será por muito tempo. Só preciso combinar as coisas com meus pais.

Lottie pressionou o rosto no peito dele.

— Queria que tudo já estivesse resolvido. Queria que pudéssemos avançar três meses no tempo.

Ela fechou os olhos.

— Parece que estamos esperando alguém morrer ou algo do tipo.

Guy estava olhando para fora.

— É melhor voltarmos. Eu vou na frente.

Ele baixou a cabeça e a beijou nos lábios. Ela manteve os olhos abertos, sem querer perder o momento. Atrás dele, um navio entrou no porto piscando as luzes.

— Seja corajosa, Lottie, querida. Isso não vai durar para sempre.

Então, passando a mão no cabelo dela, Guy saiu e seguiu rapidamente pelo caminho escuro na direção de casa.

* * *

Celia tinha voltado para o quarto que dividiam. Lottie lamentou quando viu a camisola da garota esticada sobre a colcha. Antes, fora uma excelente mentirosa; agora, com todas as emoções tão à flor da pele, como se tivesse sido virada do avesso, Lottie descobriu que era incapaz de enganar — uma mentirosa incompetente, que ruborizava.

Ela havia ficado o mais longe possível de Celia, o que não foi difícil devido à propensão da amiga para se engajar em um nível quase frenético de atividades. Se não estava gastando o dinheiro do pai com um fervor quase religioso (“Olhe aqueles sapatos! Eu *preciso* daqueles sapatos!”), estava classificando seus pertences, descartando qualquer coisa que considerasse “jovem demais” ou “indigno de Londres”. Durante o jantar, segura na companhia de todos, Lottie pôde se refugiar em si mesma, tentando se concentrar na comida, sendo chamada para participar das conversas apenas em parte pelo Dr. Holden, que parecia estranhamente distraído. A Sra. Holden estava determinada a sabatar Guy, bombardeando-o com perguntas sobre seus pais e a vida deles em outro país, sorrindo e vibrando da maneira mais coquete possível, como se ela própria fosse a pretendente. Lottie e Celia, para alívio da primeira, se encontraram apenas uma vez, na noite anterior, quando Lottie admirou o novo corte de cabelo repicado da outra, alegando que precisava tomar um banho demorado e quente.

Então, com certo choque, Lottie retornou de sua caminhada aflitiva e estressante com Mr. Beans para encontrar Celia deitada na cama, enrolada na toalha e parecendo absorta em uma revista de noivas.

O quarto parecia ter encolhido.

— Olá — cumprimentou Lottie, tirando os sapatos. — Eu... eu estava indo tomar um banho.

— Mamãe está lá — avisou Celia, virando uma página. — Você vai precisar esperar um pouco. Não vai ter mais água quente.

Suas pernas eram longas e pálidas. As unhas dos pés estavam pintadas com esmalte cor-de-rosa.

— Ah.

Lottie se sentou, segurando os sapatos, de costas para Celia, pensando intensamente em para onde poderia ir. Antes, as duas passavam o tempo deitadas, preenchendo horas de conversa com os assuntos mais triviais. Agora Lottie não conseguia encarar a ideia de ficar sozinha com a amiga por alguns minutos. Freddie e Sylvia já tinham ido dormir. O Dr. Holden normalmente não queria conversar. Posso ligar para Joe, pensou. Vou perguntar ao Dr. Holden se posso usar o telefone.

Ela ouviu o som rápido da revista sendo fechada, e Celia se virou para fitá-la.

— Na verdade, Lots, preciso conversar com você.

Lottie fechou os olhos. Ah, meu Deus, por favor, não, pensou ela.

— Lots?

Ela se virou, forçou um sorriso. Colocou os sapatos com cuidado ao lado da cama.

— Sim?

Celia a observava com atenção, sem pestanejar. Seus olhos, notou Lottie, estavam de um azul quase irreal.

— Isso... isso é um pouco difícil.

Houve um breve silêncio, durante o qual Lottie deslizou as mãos furtivamente para debaixo do corpo. Tinham começado a tremer. Por favor, não me pergunte, implorou em silêncio. Eu não vou conseguir mentir para você. Por favor, meu Deus, não deixe que ela pergunte.

— O que é?

— Eu não sei bem como começar... Olhe, o que eu vou falar... deve permanecer só entre mim e você.

A respiração de Lottie estava ruidosa. Ela pensou, por um instante, que fosse desmaiar.

— O que foi? — sussurrou.

O olhar de Celia era firme. Lottie percebeu que não tinha como desviar.

— Estou grávida.

8

A rigor, aquilo se destinava a emergências. Como na tarde em que resgataram uma menina de cinco anos, que estava desaparecida, do porto em Mer Point. Ou quando tinha que revelar uma notícia cujos destinatários precisavam se sentar antes de ouvir; às vezes, um uísque forte os ajudava a suportar um pouco melhor a situação. Mas o Dr. Holden, olhando para a garrafa de puro malte quinze anos na gaveta superior, acreditava que havia dias em que uma dose ou duas podiam ser consideradas, com toda a justiça, medicinais. Não apenas medicinais, mas necessárias. Porque, caso ele se permitisse pensar na situação, veria que não se tratava apenas da relutância de um pai levando a filha amada ao altar. A sensação de ansiedade e solidão iminente tinha a ver com o que iria lhe restar: um casamento estéril, sem amor, com uma esposa infeliz, volúvel. Uma vida sem nem mesmo a distração de Gillian, uma vez que ela havia partido para Colchester. É verdade que sua ida fora abrupta e que ela nunca lhe dera a ilusão de que ele pudesse se tornar algo maior em sua vida, além de uma parada no caminho inevitável, mas ela era engraçada e irreverente, e sua pele era como o alabastro dos afrescos de mármore: suave, perfeita, mas quente. Ah, meu Deus, sim. Quente. E ela fora embora. E Celia, o único outro objeto de beleza na vida dele, também estava partindo. O que poderia esperar do futuro? Apenas uma jornada lenta pela meia-idade, com seus queixumes eternos e triviais e as tardes ocasionais no bar do clube de golfe, com Alderman Elliott e outros do mesmo tipo dando-lhe tapinhas nas costas e o informando de que seus melhores anos já tinham ficado para trás havia muito tempo.

Henry Holden pegou o pequeno medidor de medicamentos que ficava na prateleira atrás dele, sentou-se e se serviu devagar de uns dois dedos de uísque. Eram apenas dez e pouco da manhã, e a bebida percorreu um caminho causticante e abrasivo, quase ofensivo. Mas mesmo esse pequeno ato de rebeldia teve um efeito tranquilizador.

Ela perceberia, claro que sim. Endireitaria o nó da gravata dele, ou faria qualquer outro movimento trivial de posse em que pensasse; então,

sentindo o hálito dele, se afastaria e o olharia, com uma expressão que transmitiria apenas um pequeno indício de reprovação. Mas não diria nada. Apenas assumiria aquela expressão levemente magoada que ele não suportava, a expressão que sugeria cruces e infindáveis dias de martírio. E, sem nunca mencionar diretamente, ela encontraria alguma forma sutil de deixá-lo saber que a havia decepcionado, que a desapontara de novo.

Ele voltou a encher o medidor e bebeu mais dois dedos. Dessa vez desceu fácil, e ele saboreou a queimação na boca.

Mestres dos seus domínios, eles os chamavam. Reis dos próprios castelos. Que podridão era aquilo tudo. Os desejos, as necessidades e tristezas de Susan Holden dominavam o casamento como se ela os tivesse escrito à tinta e marcado nele com um ferro em brasas. Nada escapava aos olhos da esposa, nada que incitasse nela uma sensação de felicidade espontânea. Nada que o fizesse recordar a jovem, linda e alegre filha de um procurador que conhecera anos antes, com uma cintura que ele envolvia com as mãos e um brilho nos olhos que fazia seu estômago revirar. Não, aquela Susan fora aos poucos engolida pela matrona infeliz, aquela coisa ansiosa, chata, cujas únicas obsessões se reduziam a como as coisas pareciam ser, não como elas de fato eram.

Olhe para nós!, ele queria gritar para a esposa às vezes. Olhe o que nos tornamos! Eu não quero meus chinelos! Não me importo se Virginia comprou o pedaço errado de peixe! Quero minha antiga vida de volta: uma vida em que podíamos desaparecer por dias, quando fazíamos amor até o amanhecer, quando conversávamos *de verdade*, não apenas essa baboseira interminável que se confunde com conversa no seu mundo. Ele tentou, uma vez ou duas. Mas sabia que ela não entenderia: a esposa apenas o encarava, os olhos arregalados de horror, então, mal disfarçando um calafrio, se recompunha e lhe oferecia chá. Ou talvez um biscoito. Algo para “animar você um pouco”.

Em outros dias, ele pensava que talvez a vida nunca tivesse sido daquela maneira; talvez, do mesmo modo como alguém recordava os verões da infância como quentes e intermináveis, ele próprio também se lembrasse do amor que nunca aconteceu, de uma paixão descomplicada que nunca fora realmente sentida. Assim, Henry Holden retraiu-se um pouco mais. Fechou a mente para o que havia perdido. Como um rato correndo em uma roda, apenas se mantinha em movimento e tentava não olhar para os lados. Na maior parte das vezes, funcionava.

Na maior parte das vezes.

Mas, no fim daquele dia, Celia e sua despreocupação, seus humores imprevisíveis e sua risada iriam embora. Por favor, meu Deus, pensou ele, que ela não termine como a mãe. Que os dois escapem do nosso destino. No início, não havia compreendido a necessidade urgente de Celia em relação ao casamento, sua determinação em fazê-lo acontecer. Não acreditara quando ela dissera que casamentos em outubro eram a última moda. Mas então ele percebeu o pânico e a irritação que a invadiram quando Susan alegou achar mais apropriado deixar para o verão seguinte e entendeu que Celia estava desesperada para partir. Para escapar daquela vida familiar sufocante. Como culpá-la? Ele adoraria fazer o mesmo.

E ainda havia Lottie, cuja melancolia pela partida iminente de Celia o deixou consternado, em silêncio. A estranha, indecifrável e atenta Lottie, que ainda o aquecia de vez em quando com seu sorriso desarmado. Ela sempre guardava um sorriso especial para ele, mesmo que não soubesse disso. A garota confiava nele, o amava desde que ainda era criança, mais do que qualquer pessoa. Ela o seguia, colocava sua pequenina mão na dele. E Henry sabia que ainda havia alguma conexão entre os dois. Ela compreendia a situação com Susan. Ele percebia pela maneira como ela observava a todos; ela também notava.

Mas Lottie também não ficaria lá por muito mais tempo. Susan já começava a sugerir, sem rodeios, planos e futuros e o que supostamente seria melhor. E, depois de Lottie, seria a vez de as crianças partirem, então restaria apenas o casal, um em volta do outro. Presos em suas respectivas infelicidades.

Preciso me conter, disse a si mesmo o Dr. Holden, melhor não pensar demais nessas coisas. Fechou a gaveta.

Permaneceu sentado por um minuto, olhando pela janela do consultório, por cima dos gráficos e panfletos médicos que algum representante farmacêutico havia deixado na manhã anterior. Por cima da fotografia emoldurada do respeitável médico de Merham com a linda esposa e os filhos. Então, quase sem pensar no que estava fazendo, abriu a gaveta novamente.

* * *

Com um floreio, Joe lustrou o capô do Daimler azul-escuro usando um pedaço de camurça. Em seguida, deu um passo para trás, incapaz de conter o brilho de satisfação no rosto.

— Veja você refletida aí — disse ele.

Lottie, sentada atrás em silêncio, esperando que ele acabasse, tentou sorrir e falhou. Ela continuou olhando para os claros bancos de couro, consciente do status dos próximos passageiros. Não pense, ordenou a si mesma. Não pense.

— Ela teve medo de que eu fosse me atrasar, não é? A Sra. Holden, quer dizer.

Lottie se oferecera como voluntária, uma maneira de escapar da histeria crescente da família Holden.

— Sabe como ela é.

Joe esfregou as mãos em um pano limpo.

— Aposto que Celia está animada para partir.

Lottie assentiu, tentando manter a expressão neutra.

— Eles vão se mudar, não vão? Para onde, Londres?

— No começo, sim.

— Depois para algum outro país chique, imagino. Algum lugar quente. Celia vai adorar. Mas não posso dizer que estou com inveja, e você?

Ela podia aguentar qualquer conversa; com um mês de prática, seu rosto tornou-se como o de um jogador de pôquer profissional. Nada revelava, nada expressava. Pensou na máscara de Adeline: uma aparência gentil para o exterior, sem deixar transparecer nada. Apenas mais algumas horas. Apenas mais algumas horas.

— O quê?

Ela devia ter pensado em voz alta. Fazia isso às vezes.

— Ah. Nada.

— Como Freddie está lidando com a ideia de vestir aquela roupa de pajem? A Sra. Holden já conseguiu enfiar a roupa nele? Eu o vi na rua no sábado, e ele me disse que ia cortar as próprias pernas para não colocarem aquela calça nele.

— Ele está usando.

— Puta merda! Desculpe, Lottie.

— O Dr. Holden ofereceu dois xelins a ele para ficar com as roupas até o final da festa.

— E Sylvia?

— Acha que é da realeza. Está esperando a chegada da Rainha Elizabeth para lhe dizer que é sua irmã perdida.

— Ela não vai mudar.

Vai, sim, pensou Lottie. Ela será feliz, alegre e despreocupada até um homem qualquer chegar com uma bola de demolição e deixar sua vida inteira em pedacinhos. Como o pai de Lottie deve ter feito com a mãe

dela. Como o Dr. Holden fez com a Sra. Holden. Não havia final feliz possível.

Lottie pensou em Adeline, a quem tinha visitado no dia anterior pela primeira vez desde a vinda dos Bancroft. Adeline também estava para baixo, sem o antigo vigor, e andava pelas salas claras e ressonantes como se nada a interessasse, como se não enxergasse mais as pinturas ousadas, as pilhas de livros. Julian fora a Veneza com Stephen. George conseguira uma bolsa em Oxford para fazer uma pesquisa sobre economia. Lottie não gostava de perguntar sobre Frances. E, em breve, a própria Adeline também iria embora. Ela não suportava a Inglaterra no inverno, dizia repetidas vezes, como se tentasse se convencer disso. Iria para o sul da França, para a casa de campo de um amigo na Provence. Ficaria sossegada, bebendo vinho barato e vendo o mundo passar. Seriam férias maravilhosas, afirmava. Mas, da maneira como dizia, não pareciam nem férias, nem maravilhosas.

— Você tem que ir — disse ela a Lottie, que tentava dar a impressão de que não se importava. — Vou ficar sozinha, querida. Você precisa me visitar.

Elas haviam ido lentamente até a varanda, até o mural. Lá, Adeline estendera a mão e pegara a de Lottie, com muita delicadeza. Dessa vez, Lottie não recuou.

A garota estava tão surda por causa do zumbido constante nos ouvidos que mal escutou Adeline.

— As coisas vão melhorar, Lottie. Você precisa ter fé.

— Eu não acredito em Deus.

Ela não teve a intenção de parecer tão amarga.

— Não estou falando de Deus. Mas acredito que às vezes as moiras guardam um futuro para nós que nem imaginamos. E, para possibilitá-lo, devemos apenas continuar acreditando que coisas boas vão acontecer.

A determinação resoluta de Lottie se dissipou um pouco, e ela engoliu em seco, evitando com firmeza o olhar intenso de Adeline. Mas a consequência foi que seus olhos recaíram sobre o mural e suas duas figuras incriminadoras. O rosto da menina enrugou-se de frustração e raiva.

— Não acredito em destino. Não acredito em nada. Como o destino pode estar olhando por nós quando... quando deliberadamente distorce as coisas de maneira tão terrível? É tolice, Adeline. Tolicie fantasiosa. As coisas não são feitas para acontecer. As pessoas, os eventos, apenas colidem, por acidente, depois a história avança e deixa que o resto das pessoas se virem com a bagunça que ficou para trás.

Adeline estava imóvel. Ela levantou ligeiramente o rosto e, erguendo uma das mãos, afagou devagar a cabeça de Lottie. Parou, como se pensasse no que falar.

— Se ele foi feito para você, ele vai voltar para você.

Lottie deu um passo atrás, se retraindo um pouco.

— Parece a Sra. Holden e sua bendita casca de maçã.

— Você apenas tem que ser verdadeira com seus sentimentos.

— E se meus sentimentos forem a parte menos importante nisso tudo?

Adeline estava de cenho franzido, confusa.

— Seus sentimentos nunca são a parte menos importante, Lottie.

— Ah, eu preciso ir. Preciso ir.

Engolindo as lágrimas, ela pegou o casaco e, ignorando a mulher atrás de si, atravessou a casa depressa e fez o caminho de volta.

No dia seguinte, arrependida de seu rompante, recebeu uma carta. Adeline não mencionava o comportamento de Lottie, mas anexava um endereço onde podia ser encontrada na França. Pedia para ela manter contato e dizia que o único pecado verdadeiro era tentar ser algo que não era. “Há um conforto em saber que você estava sendo verdadeira consigo mesma, Lottie. Acredite.” Ela assinou, peculiarmente, “uma amiga”.

Lottie sentiu a carta no bolso quando se sentou para ver Joe enfeitar a frente do Daimler com laços brancos. Ela não sabia por que ainda a carregava consigo; talvez o simples fato de ter uma aliada lhe desse algum conforto — sem Adeline, não havia mais ninguém com quem pudesse conversar. Lottie ouvia Joe como alguém ouvia uma mosca zumbindo no quarto: com indiferença e uma leve irritação ocasional. Celia foi uma companhia agradável, mas as duas garotas não procuraram nem prolongaram qualquer contato uma com a outra.

E lá estava Guy, cujo rosto infeliz, perturbado, a assombrava, cujas mãos, pele, hálito perfumado invadiam seus sonhos. Ela não suportava ficar perto dele, nem havia falado com ele desde o encontro na cabana várias semanas antes. Não era por estar com raiva do rapaz — embora *houvesse* raiva —, e sim porque, se ele falasse, se suplicasse, ela sabia que sua determinação se enfraqueceria. E se Guy ainda quisesse ficar com ela, mesmo depois de tudo, Lottie sabia que não teria mais como amá-lo da mesma maneira. Como poderia amar um homem disposto a deixar Celia naquelas condições?

Ele ainda não sabia da notícia quando Celia contara a ela, mas já devia saber agora. Tinha parado de segui-la, de deixar bilhetes onde sabia que ela encontraria, pequenos pedaços rascunhados de infelicidade exclamando

“FALE COMIGO!” em lápis sem ponta. Foi mais fácil para ela ficar perto da Sra. Holden, assim se assegurava de que eles nunca ficassem sozinhos. Ele não entendeu a princípio. Mas hoje devia entender: Celia tinha dito que contaria, e ele nem mais olhava para Lottie, afastando-se dela em qualquer reunião, o rosto fechado e melancólico, de modo que nenhum dos dois testemunhasse a tristeza do outro.

Lottie tentou não pensar em como podia ter sido. Pois, por mais doloroso que fosse, ela poderia ter imposto aquela crueldade a Celia enquanto a garota ainda tinha a chance de encontrar outra pessoa. Mas como Lottie poderia deixá-la na ruína? Como poderia desgraçar a família que a salvou da desgraça? Em outros dias, ela ficava furiosa com Guy: não acreditava que ele pudesse ter compartilhado aquela intimidade, sentido aquelas coisas com Celia. Eles eram as duas únicas pessoas no mundo a se sentir daquele jeito, as duas únicas a vislumbrar aqueles segredos. Eles se encaixavam com perfeição — palavras dele. Ela, perversamente, se sentia traída.

— Por quê? — sussurrara ele quando ficaram sozinhos na cozinha por breves instantes. — O que foi que eu *fiz*?

— Não é meu papel dizer — respondera ela, afastando-se e tremendo por dentro diante da fúria e da exasperação visíveis no rosto dele.

Mas precisava ser fria. Era a única maneira de sobreviver àquilo. A única maneira de sobreviver a tudo aquilo.

— Vou lhe dar uma carona de volta, então, posso? Lottie?

Joe a observava pela janela, a mão apoiada no teto. Parecia animado, alegre, relaxado em seu ambiente.

— Só que é melhor você sair do carro no começo da sua rua. A Sra. Holden provavelmente vai querer ver o carro chegando vazio.

Lottie forçou um sorriso, depois fechou os olhos, escutando o sólido barulho da porta do carro se fechando e o zunido do motor lubrificado quando Joe virou a chave da ignição.

Apenas mais algumas horas, disse a si mesma, apertando a carta um pouco mais.

Apenas mais algumas horas.

* * *

Todas as noivas são lindas, segundo o ditado, mas Susan Holden estava certa de que sua filha era a mais bonita que Merham via em muito tempo. Com o véu de três camadas e o vestido de cetim feito sob medida para seu

corpo tamanho trinta e oito, ela superou com folga os esforços de Miriam Ansty e Lucinda Perry no ano anterior. Mesmo a Sra. Chilton, na época grande admiradora do ousado conjunto creme-violeta usado por Lucinda Perry ao fim da solenidade, concordou.

— Ela é mesmo um colírio para os olhos, sua Celia — dissera Sarah após a cerimônia, a bolsa clutch enfiada debaixo do braço e o chapéu de penas inclinado em um ângulo ousado. — É o que posso dizer a respeito da sua filha. Um colírio para os olhos.

Mais ainda, eles formavam um bonito casal. Celia com os lindos olhos convenientemente brilhando com lágrimas enquanto segurava o braço do belo e jovem marido; ele com um ar sério e um pouco nervoso, feito todos os outros. Se não sorriu tanto quanto ela gostaria, a Sra. Holden não estava surpresa: em seu próprio casamento, Henry não sorriu enquanto os dois não ficaram a sós, e mesmo assim apenas após diversas taças de champanhe.

E Freddie e Sylvia passaram a cerimônia inteira sem brigar. Bem, houve um chute furtivo durante o hino “Immortal, Invisible”, mas o vestido de Sylvia camuflou a pior parte.

A Sra. Holden se permitiu o primeiro gole de xerez, sentada com cuidado na cadeira de encosto dourado da mesa principal e observando todas as outras mesas um pouco abaixo dela; a elite da cidade, como gostava de pensar. Considerando o pouquíssimo tempo que tiveram para organizar o casamento, tudo dera certo.

— Você está bem, Susan?

Era Guy Bancroft Senior, inclinando-se com ar conspirador, um sorriso largo iluminando o rosto.

— Preciso destacar que a mãe da noiva está particularmente encantadora esta tarde.

A Sra. Holden endireitou sua postura elegante. Era aquele batom, chamado Fruta de Outono. Ele lhe dava sorte.

— Bem, acho que você e a Sra. Bancroft também estão particularmente elegantes.

Com certeza era verdade no caso de Dee Dee: ela usava um conjunto de duas peças azul-turquesa de seda xantungue com sapatos slingback estilo Chanel no mesmo tom e tecido. A Sra. Holden passou a tarde inteira tomando coragem para perguntar-lhe se haviam sido feitos especialmente para ela.

— Ah. Sim... Dee Dee sempre fica bem em trajes sofisticados.

— Perdão?

— Mas fica igualmente bem vestindo short e descalça. Uma genuína garota da natureza, minha esposa. Meu filho a toma como modelo. Ou eu deveria dizer, *seu genro*... — Ele riu. — Acho que ainda precisamos nos acostumar com tudo isso, hein?

— Ah, nós já os consideramos parte da família.

Se pelo menos Henry parecesse um pouco mais feliz. Ele fitava o grupo de amigos com ar desolado, beliscando a comida e vez ou outra sussurrando alguma coisa para Celia. Enchendo a taça bem mais do que ocasionalmente. Por favor, que Henry não fique muito bêbado, rezou ela. Não na frente de todas essas pessoas. Não hoje.

— Preciso parabenizar o Sr. Bancroft pela deliciosa sobremesa.

Era Deirdre Colquhoun, ofegante e resplandecente em seu vestido-casaco com corte de império em adamascado cor-de-rosa (Freddie insistira em voz bem alta que conhecia o sofá velho de onde ela havia retirado aquele tecido; Susan Holden deu uma rápida verificada em volta para se assegurar de que ele não estava por perto), gesticulando em direção à impressionante exibição de frutas exóticas e tigelas de cristal lapidado cheias de saladas tropicais. Não havia nelas maçãs açucaradas, cerejas em calda nem abacaxis em conserva, mas fatias de laranja-kinkan, manga e mamão, pedaços de carambola e lichias opacas; polpas de cores e texturas não familiares aos convidados ingleses. (Eles as evitaram, fixando-se nas que conheciam. Como ameixas. E laranjas. “Frutas de verdade”, sussurrou Sarah Chilton furtivamente para a Sra. Ansty.)

— Que travessas maravilhosas o senhor providenciou — murmurou a Sra. Colquhoun com admiração.

— Tudo fresco, vindo de avião ontem pela manhã. — O Sr. Bancroft se inclinou para trás e acendeu um cigarro com ar generoso. — Devo acrescentar que foram cortadas e descascadas por virgens hondurenhas.

A Sra. Colquhoun ficou vermelha.

— Meu Deus...

— O que você está dizendo, Guyquerido? Espero que não esteja se comportando como um menino levado...

Dee Dee se recostou na cadeira para observá-lo, expondo grande parte da coxa bronzeada.

— Ela nunca deixa escapar nada.

Mas o Sr. Bancroft estava sorrindo.

— Você se safra muito mais do que devia — provocou ela.

— Com essa sua aparência, querida, pode me culpar?

Ele lhe soprou um beijo barulhento.

— Bem... Enfim. As travessas estão fantásticas.

A Sra. Colquhoun, com uma das mãos no cabelo, girou meio desequilibrada e voltou para sua mesa.

A Sra. Holden olhou para o marido, que bebia o terceiro conhaque. Ela o observou mexer a bebida na taça redonda e dar um gole com determinação austera. Ai, por que ele precisava sofrer um de seus acessos de mau humor logo hoje?

* * *

Lottie, sentada feito uma juíza entre Freddie e Sylvia, percebeu que havia começado a se sentir mal novamente. Ela não prestava atenção em si mesma fazia dias, o que não era surpresa, uma vez que todo o seu ser desejava se encolher em algum canto escondido e morrer em silêncio. Durante o mês que se passou, ela se sentiu desconectada, como se estivesse em meio à neblina, apenas ouvindo e vendo as outras pessoas à distância. Foi uma espécie de autodefesa; nas ocasiões em que era forçada a sentir — se por acaso visse Celia envolvendo o pescoço de Guy com os braços, ou se a ouvisse dando risadinhas cúmplices com a mãe sobre algo que ele havia dito ou feito —, a dor que a atingia era quase insuportável. Era real, aguda, determinada, punitiva.

Mas aquilo era diferente. Lottie se sentia fisicamente desequilibrada, como se seu sangue, feito ondas, insistisse em fugir de seu corpo quando ela se movimentava. A comida, ela olhava com desconfiança. O gosto estava errado, não dava prazer. Ela não conseguia olhar para as pomposas travessas de frutas, que eram coloridas demais, como se a alegria que emanavam representasse uma repulsa direta em relação a ela.

— Olhe, Freddie. Olhe.

Sylvia abriu bem a boca, revelando o conteúdo mastigado do prato.

— *Sylvia!* — repreendeu Lottie, desviando o olhar.

Ela ouviu as gargalhadas de satisfação do irmão e um “aaaa” em resposta conforme a comida na boca de Freddie também era exposta.

— Comportem-se, vocês dois.

Joe estava sentado do outro lado do menino. Ele não fazia parte da família, mas, mesmo assim, a Sra. Holden decidira colocá-lo na mesa deles. Lottie não tinha energia para ficar chateada. Durante a longa tarde, ela começou até a se sentir um pouco agradecida.

— Você está bem, Lottie? Está um pouco pálida.

— Estou bem, Joe.

Ela só queria ir para casa, se deitar e ficar totalmente imóvel por um bom tempo. No entanto, sua casa não parecia mais um lar. Talvez nunca tivesse sido. Lottie olhou as pessoas na festa, sua habitual sensação de deslocamento ameaçando se tornar algo avassalador e se apoderar dela.

— Servi água para você. Beba um pouco.

— Sylvia. *Sylvia*. Quantas uvas cabem na sua boca?

— Você não parece bem. Espero que não tenha pegado outra virose.

— Olhe, Sylvia, eu consigo botar muito mais uvas do que você. Olhe, Sylvia. *Olhe*.

— Você mal tocou na comida. Vamos, beba alguma coisa. Vai se sentir melhor. Ou eu posso pedir para eles prepararem um pouco de leite quente para você. Acalma o estômago.

— Por favor, pare, Joe. Estou bem. De verdade.

O discurso de Guy fora muito curto. Ele agradecera aos Holden pela hospitalidade e por oferecer uma festa tão boa, aos pais pelas sobremesas maravilhosas e por terem aguentado ele durante vinte e seis anos, e a Celia, por se tornar sua esposa. O fato de ele dizer isso sem grande entusiasmo ou floreio romântico não trazia muito conforto. Ela ainda era a esposa dele.

E Celia. Celia ficou parada com seu enorme sorriso encantador estampado no rosto, o véu emoldurando o pescoço elegante de modo vistoso. Lottie era incapaz de olhar para ela, chocada com a intensidade do ódio que passou a sentir pela garota. Saber que havia feito a coisa certa não a consolava. Ser verdadeira consigo mesma, como Adeline expressara, menos ainda. Se ao menos se convencesse de que não sentiu de verdade o que sentira, ela poderia seguir adiante.

Mas o sentimento era real.

Ah, meu Deus, ela só queria se deitar. Em algum lugar escuro.

— Posso lhe servir uma tigela de doce? — perguntou Joe.

* * *

Os convidados estavam começando a ficar inquietos. Era hora, decidiu a Sra. Holden, de os recém-casados irem embora, assim algumas das senhoras mais idosas poderiam ir para casa antes que ficasse muito tarde. A Sra. Charteris e a Sra. Godwin pareciam um pouco cansadas, e toda a mesa do fundo já estava com os casacos em mãos.

Ela decidiu que a tarefa deveria ser de Henry. Ele havia feito muito pouco durante a recepção — mesmo seu discurso fora muito superficial

—, e ela não queria ninguém fazendo comentários. Pediu licença, levantou-se e deu a volta na longa mesa até o marido. Ele estava mirando a mesa, parecendo indiferente à conversa animada ao seu redor. A Sra. Holden sentiu o cheiro de álcool antes mesmo de estar a um braço de distância dele.

— Henry, querido, podemos ter uma palavrinha?

Ela se retraiu com a frieza do olhar do marido ao erguer a cabeça. Henry a fitou pelo que pareceu uma eternidade: o tipo de olhar que arranca qualquer autocontrole da outra pessoa.

— O que eu fiz agora, querida? — perguntou, cuspidando o *querida* como algo asqueroso.

Susan Holden olhou em volta para checar se alguém mais havia notado.

— Você não fez nada, meu bem. Eu só quero roubar você por um minuto.

Ela colocou a mão no braço dele, olhando de relance para os Bancroft, que estavam distraídos em sua própria conversa.

— Eu não fiz nada. — Ele olhou para baixo, espalmou as mãos na mesa como se fosse pegar impulso para se levantar. — Bem, isso é novidade, não é, Susan, querida?

Ah, mas ela nunca o vira em tão mau estado. Seu cérebro trabalhava freneticamente, tentando avaliar as possibilidades de tirá-lo dali sem uma briga em público.

— É uma novidade porque, pelo menos desta vez, tudo parece *satisfatório* para você.

— *Henry*. — A voz dela era baixa, suplicante.

— Bem, não é sempre que todos correspondemos à sua expectativa, não é mesmo? Não é sempre que atingimos os padrões exigentes para sermos anfitriões de Merham, não é?

Ele estava de pé e havia começado a rir; uma risada sarcástica, amarga.

— Querido. Querido, por favor, podemos...

Ele se virou para a esposa com falsa surpresa.

— Ah, agora eu sou “querido”? Não é adorável? Agora sou seu querido. Meu Deus, Susan. Daqui a pouco vou ser o *amante*.

— Henry!

— Mamãe? — Celia aparecera ao lado dos dois. Ela olhava do pai para a Sra. Holden. — Está tudo bem?

— Tudo ótimo, querida — disse a Sra. Holden de maneira tranquilizadora, tentando fazê-la sair dali. — Vão se aprontar, você e Guy.

Devem ir embora em breve.

— Tudo ótimo. Sim, Celia, minha doçura. Está *tudo ótimo* — falou o Dr. Holden, apoiando as mãos nos ombros da filha. — Vá embora e tenha uma ótima vida com seu ótimo rapaz.

— Papai... — Celia parecia insegura.

— Vá e permaneça bonita, engraçada e tão doce quanto agora. Tente ao máximo não resmungar e implicar com ele por coisas que não importam. Tente não enxergá-lo como um cão sarnento quando por acaso ele fizer qualquer coisa que possa *querer* fazer... qualquer coisa que não envolva se sentar educadamente, beber chá e ficar se aborrecendo com o que os *outros* *pensam*.

— Henry!

Os olhos de Susan Holden se encheram de lágrimas. Ela levou uma das mãos à boca.

Guy estava parado atrás de Celia, tentando entender o que acontecia ali.

— Ah, me poupe de suas lágrimas, Susan. Me poupe de outra maldita dose de lágrimas. Se alguém deveria estar chorando aqui, sou eu.

Celia irrompeu em soluços barulhentos. Em volta deles, as mesas estavam em silêncio. As pessoas assistiam, entreolhando-se de maneira insegura, as bebidas imóveis nas mãos.

— Papai... Por que você está sendo tão inconveniente? Por favor, esse é meu dia especial.

Celia tentou puxá-lo para trás, para longe da mesa.

— Mas não é apenas sobre esse dia, minha querida Celia. Não é apenas sobre o maldito casamento. É sobre *todos os malditos dias depois dele*. Todo maldito dia interminável até que a morte os separe.

Ele gritou a última parte. Susan Holden, meio apavorada, notou que eles eram o centro das atenções.

— Tudo bem por aqui? — perguntou o Sr. Bancroft.

Guy colocou um braço em volta da sogra.

— Tudo bem, pai. Hum, por que a senhora não se senta aqui, Sra. Holden?

— Ah, não se incomode — disse o Dr. Holden. — Eu vou embora. Vocês podem terminar esta festa perfeitamente agradável sem mim. Com licença, senhoras e senhores, o espetáculo acabou. O médico está de partida.

— O senhor é um grosso, papai — disparou Celia enquanto ele abria caminho, desequilibrado, pelas mesas do salão de recepção do Riviera. —

Eu nunca, nunca vou perdoar você por isso.

— O conhaque às vezes deixa a pessoa assim — comentou o Sr. Bancroft.

— Por favor, tente se conter, Celia, querida — disse a Sra. Holden ao tomar pequenos goles de um xerez restaurador, apenas o tremor das mãos revelando sua falta de autocontrole. — As pessoas estão olhando.

* * *

Havia três luzes piscando na entrada do porto. Barcos de pesca, notou Lottie. As luzes eram pequenas demais para ser qualquer outro tipo de embarcação. Transportavam tesouros do fundo do mar, daquela escuridão fria, negra, puxando-os, em um arfar silencioso, para a noite sufocante. Ela apertou o cardigã em volta de si para se proteger do ar gelado do outono, escutando o ir e vir e o assóvio da maré arrancando os seixos com seu abraço envolvente. Afogar-se devia ser a maneira mais prazerosa de morrer. Um dos pescadores dissera a ela: ao que parece, quando a pessoa para de se debater e abre a boca, o pânico desaparece e a água apenas leva o afogado, envolvendo-o na escuridão suave e acolhedora. Uma maneira pacífica de partir, segundo ele. Curiosamente, o homem também não sabia nadar. Ela rira quando ele contou. Mas isso foi antes, quando rir era fácil para ela.

Lottie mudou de posição na cadeira, respirando o ar salgado, pensando em como ele era diferente da água. Engoliu-o com força algumas vezes, como se testasse, mas não pareceu um substituto convincente. As únicas vezes em que engolira água do mar, sentiu uma queimação no fundo da garganta, engasgando com o sal, babando, com ânsia de vômito. Só de pensar naquilo, sentiu-se enjoada de novo.

Não, a única resposta verdadeira seria tentar. Sorver tudo, desejar aquele abraço escuro. Lottie estremeceu e fechou os olhos, escutando o padrão inesperado de seus pensamentos. Não é a dor de hoje que eu não suporto, refletiu ela, tapando o rosto com as mãos. É pensar em todos os dias que virão; a infinita repetição da dor, os solavancos da descoberta indesejada. Porque eu precisarei saber tudo sobre eles: a casa deles, o filho deles, a felicidade deles. Mesmo se eu me mudar para longe daqui, ainda vou saber. Vou ter que ficar observando enquanto ele esquece que um dia fomos íntimos, que um dia ele foi meu. E vou definhando com isso, morrer todos os dias.

O que era uma morte comparada a mil?

Lottie se levantou, permitindo que o vento esvoaçasse a saia e o cabelo. Era apenas uma curta caminhada da varanda do Riviera até a praia. Ninguém nunca saberia que ela havia partido.

A garota baixou os olhos, curiosamente sem lágrimas, na direção dos pés. Eles se moveram, hesitantes, um após o outro, como se nem estivessem sob seu controle.

Ela já nem parecia existir; mais alguns poucos passos.

Na entrada do porto, as três luzes piscavam na escuridão.

— Quem está aí?

Lottie deu um pulo e se virou.

Uma grande sombra cambaleou até ela, tentando desajeitadamente acender um fósforo enquanto andava.

— Ah, é você. Graças a Deus. Pensei que fosse uma das comparsas de Susan.

O Dr. Holden se sentou com força na beirada de um banco e enfim acendeu o fósforo. Levou-o até o cigarro na boca e deu uma baforada, deixando a chama se extinguir no vento.

— Fugindo também, não é?

Lottie olhou as luzes ao longe, depois se voltou para ele.

— Não. Na verdade, não.

Ela viu o rosto dele à luz dos quartos acima. Apesar do vento, era possível sentir o cheiro de álcool no seu hálito.

— Coisas horríveis, os casamentos.

— É mesmo.

— Trazem à tona o pior de mim. Desculpe, Lottie. Bebi um pouco demais.

Lottie cruzou os braços, se perguntando se ele queria que ela se sentasse. Ela se empoleirou na outra ponta do banco, a certa distância dele.

— Quer um desses?

Ele sorriu, oferecendo-lhe um cigarro. Podia ter sido uma piada. Ela balançou a cabeça e deu um sorrisinho.

— Não sei por que não. Você não é criança. Apesar de minha esposa insistir em tratá-la como uma.

Lottie olhou para os sapatos novamente.

Eles ficaram em silêncio por um tempo, escutando o som abafado de músicas e risadas filtradas pelo ar da noite.

— O que vamos fazer, Lottie? Você está prestes a ser jogada no grande e vasto mundo, e eu, desesperado para voltar para ele.

Ela ficou imóvel, consciente de um novo timbre na voz do médico.

— É uma tremenda bagunça, isso, sim.

— É. É, sim.

Ele se virou para Lottie e se aproximou um pouco. Ela ouvia, do hotel, o som sufocado de vozes animadas, mescladas a de Ruby Murray, cantando sobre dias felizes e noites solitárias.

— Pobre Lottie, tendo que ouvir as divagações de um velho bêbado e tolo.

Ela não conseguiu pensar no que dizer.

— Sim, é o que eu sou. Não tenho nenhuma ilusão. Arruinei o casamento da minha filha, ofendi minha mulher, e agora estou aqui chateando você.

— O senhor não me chateia.

Ele deu outra tragada no cigarro. Olhou de soslaio para ela.

— Você não acha?

— Nunca achei. O senhor... o senhor sempre foi muito bom para mim.

— Bondade sua. Como poderia ser diferente? Você passou por maus bocados, Lottie, mas veio para cá e amadureceu apesar disso. Sempre tive tanto orgulho de você quanto de Celia.

Lottie sentiu os olhos marejados. Ela sempre achara a bondade algo difícil com que lidar.

— É. De certa forma, você tem sido mais minha filha do que Celia. Certamente é mais inteligente. Não enche a cabeça com blá-blá-blá romântico, revistas ridículas.

Lottie engoliu em seco. Olhou de novo para o mar.

— Ah. Com certeza tenho sonhos românticos como todo mundo.

— É? — Havia uma ternura verdadeira na voz dele.

— É — confirmou ela. — E como esses sonhos me fizeram bem...

— Ah, Lottie...

Então, sem aviso, ela começou a chorar.

Com um salto, ele se aproximou, envolvendo-a nos braços, puxando-a para si. Lottie sentia cheiro de cachimbo no paletó dele, os aromas quentes, familiares da infância. E se entregou, enterrando o rosto no ombro do homem, descarregando a tristeza que precisou esconder por tanto tempo. Ela sentiu a mão dele afagando suas costas, como faria com um bebê. E o ouviu cantarolando:

— Ah, Lottie, minha pobre garota, eu entendo. Entendo, sim.

Ele se mexeu, e ela o olhou, notando, à luz fraca, uma tristeza infinita em seu rosto, o peso da infelicidade havia muito tolerada, e estremeceu,

porque viu a si mesma ali.

— Pobre, querida Lottie — sussurrou.

Então ele baixou a cabeça até a de Lottie, que se encolheu. E, enquanto segurava o rosto dela, sua boca encontrou a dela e a beijou com ânsia, desespero, as lágrimas se misturando, o indesejável gosto de álcool nos lábios dele. Lottie, atordoada, tentou se desvencilhar, mas ele apenas gemeu e a segurou com mais força.

— Dr. Holden... por favor...

Levou menos de um minuto. Mas, quando ela se libertou, olhou para a frente e encontrou a Sra. Holden, em choque, parada na porta do hotel, e soube que aquele fora o minuto mais longo de sua vida.

— Henry... — A voz da Sra. Holden saiu baixa, trêmula.

E, enquanto ela apoiava a mão na parede, Lottie escapuliu para a escuridão.

* * *

Foi bem civilizado, levando-se tudo em conta. O Dr. Holden, que chegou em casa antes de Lottie terminar de fazer as malas, disse que ela não precisava ir embora daquele jeito, apesar do que Susan dissera. Todos decidiram, entretanto, que seria melhor se ela partisse logo que as devidas providências fossem tomadas. Ele tinha um amigo em Cambridge que precisava de ajuda com as crianças. Sabia que Lottie seria muito feliz lá. Mas ficou quase aliviado quando ela disse que já tinha planos.

Não perguntou quais eram.

Lottie foi embora pouco depois das onze horas da manhã seguinte, segurando firme o endereço da casa de Adeline na França junto com uma breve carta a Joe. Celia e Guy já haviam partido. Virginia parecia indiferente. Nem Freddie nem Sylvia choraram; não lhes fora dito que ela estava indo embora para sempre. O Dr. Holden, desajeitado e de ressaca, furtivamente lhe entregou trinta libras e disse que eram para o futuro. A Sra. Holden, pálida e tensa, mal olhou para a garota quando ela se despediu.

O Dr. Holden não se desculpou. Ninguém parecia triste por vê-la partir, mesmo após dez anos vivendo como parte da família.

Mas o abraço do Dr. Holden não fora a coisa mais injusta a lhe acontecer. Não, percebeu ela, fitando o calendário da agenda de bolso e fazendo a conta mentalmente pela enésima vez a bordo do trem rumo a

Londres. Não, as moiras de Adeline tinham um senso de humor muito mais cruel do que ela poderia ter previsto.

Parte dois

9

— Todas as três faixas estão reabertas na M11, mas fiquem atentos ao contrafluxo na junção com a M25. Além disso, acabamos de receber relatos de uma enorme retenção em uma paralisação em torno de Hammersmith Broadway, com efeitos secundários na M4 e na Fulham Palace Road. Parece que se trata de um veículo enguiçado. Traremos mais informações sobre o assunto mais tarde. Agora são quase nove e treze, e deixo vocês novamente com Chris...

* * *

Cisnes passam a vida inteira com o mesmo parceiro. Ela estava quase certa de que eram os cisnes. Talvez fossem os patos. Ou talvez até pavoas. Era esse mesmo o nome dessa ave, pa-voa? Seria como ser chamada de gente-anda. Ou, no caso dela, gente-que-vive-à-base-de-biscoito-e-cigarro. Daisy Parsons estava imóvel, olhando pela janela enquanto os pássaros planavam, inofensivos, sob a ponte, a água cintilando à luz do sol primaveril. Deviam ser os cisnes. Claro que sim. Ninguém se importaria se uma pavoia passasse a vida com o mesmo parceiro.

Olhou para o relógio. Estava sentada lá fazia dezessete minutos. Não que o tempo significasse muita coisa. Ou voava, como se ela tivesse soluçado e engolido as horas de uma vez só, ou, o mais comum, se arrastava, esticando-se como elástico barato, de minutos a horas, de horas a dias. E Daisy ficava parada no meio de tudo aquilo, incerta de que direção deveria tomar.

Ao lado, no banco do carro, Ellie bocejou enquanto dormia, balançando os dedos de estrela-do-mar em uma saudação invisível. Daisy sentiu uma pontada familiar de ansiedade ao pensar que a menina poderia estar prestes a acordar e, inclinando-se para a frente, abaixou o volume do rádio. Era muito importante não acordar Ellie. Sempre era muito importante não acordar Ellie.

Ela classificou mentalmente o ruído do trânsito, o som dos motores, monitorando o volume, distraída. Se estivesse alto demais, a neném acordaria de novo. Se estivesse baixo demais, ela acordaria com um alfinete caindo. E era por isso que a gritaria toda do lado de fora era tão irritante.

Daisy apoiou a cabeça no volante. Então, quando as batidas na janela ficaram altas demais, ela olhou para cima, suspirou e abriu a porta do carro.

O homem usava um capacete de motociclista, que tirou antes de falar. Estava vagamente ciente da presença de diversas pessoas com expressão zangada às suas costas. Algumas haviam deixado a porta do carro aberta. Nunca se devia deixar a porta do carro aberta. Não em Londres. Era uma das regras.

— Seu carro quebrou, senhora?

Ela gostaria que ele não gritasse. Ia acordar a bebê.

O policial olhou para o colega, que havia acabado de se aproximar pelo outro lado do carro dela. Todos a olhavam fixamente.

— Seu carro quebrou? Precisamos que a senhora saia do meio da rua. Está bloqueando a ponte.

Os cisnes haviam reaparecido. Lá estavam eles, flutuando serenamente em direção a Richmond.

— Senhora? Está me ouvindo?

— Olhe, guarda, o senhor poderia tirar essa mulher daí? Eu não posso esperar o dia todo. — Era um homem mal-humorado, para falar o mínimo. Grandes bochechas rosadas, barriga proeminente, terno caro e carro compatível. — Olhe para ela. É óbvio que é doida de pedra.

— Por favor, volte para o carro, senhor. Todo muito vai ser liberado em um minuto. Senhora?

Havia centenas deles. Milhares. Daisy olhou para trás, piscando, para os carros parados, espalhados feito um leque multicolorido. Todos tentavam chegar à ponte. Nenhum deles conseguia, porque ela e seu pequeno Ford Fiesta vermelho impediam a passagem.

— Qual é o problema?

Era a segunda vez que ele perguntava. Ela gostaria que ele não gritasse. Ia acabar acordando Ellie.

— Não consigo...

— A senhora quer que eu dê uma olhada? Escute, só precisamos empurrá-lo um pouco primeiro. Aqui, Jason. Solte o freio de mão, está bem? Precisamos liberar o caminho.

— Você vai acordar a bebê.

Daisy ficou tensa ao ver o homem no carro, perto do rosto de Ellie, tão vulnerável na soneca. De repente, ela começou a tremer, o pânico já familiar se alastrando a partir do peito.

— Bem, vamos só empurrar para o lado. Depois ajudaremos a senhora a seguir em frente.

— Não. Por favor. Apenas me deixe...

— Olhe, solte o freio de mão. Posso fazer isso se quiser, e...

— Eu estava indo para a casa da minha irmã. Mas não consigo.

— Desculpe, senhora?

— Não consigo atravessar a ponte.

O policial parou. Ela o viu trocar outro olhar significativo com o colega.

— *Saia daí!*

— *Piranha maldita!*

Alguém estava buzinando com insistência.

Ela tentou respirar. Tentou abafar o barulho na cabeça.

— Qual é o problema, senhora?

Ela não via mais os cisnes. Eles haviam feito a curva e desaparecido quando Daisy não estava olhando.

— Por favor, é só... Eu não consigo. Não consigo atravessar a ponte.

Ela fitou os homens com olhos arregalados, tentando fazê-los entender. Conforme as palavras saíam, percebeu que isso nunca aconteceria.

— Foi aqui... foi aqui a primeira vez que ele disse que me amava.

* * *

A irmã usava seu casaco de Londres. Era uma peça do tipo mulher-com-certas-posses, vistosa, de lã azul-marinho com botões navais, uma armadura para a cidade febril, não confiável. Ela viu o casaco antes de ver a irmã; vislumbrou-o através da porta parcialmente aberta por onde a indiferente policial havia entrado e saído depressa carregando um café ruim de máquina e uma dose de compreensão profissional a tiracolo. Daisy o bebeu, sem apreciar, antes de lembrar que não podia tomar cafeína. Não quando se está amamentando. Era uma das regras.

— Ela está aqui — disse uma voz abafada.

— Mas está bem?

— Sim. As duas estão.

Ellie continuava dormindo sem reclamar na cadeirinha aos pés da mãe. Ela quase nunca cochilava por tanto tempo, mas gostava da cadeirinha. Gostava de se sentir aconchegada e segura, segundo a profissional de saúde. Daisy olhou para a cadeira em dúvida e com inveja.

— Daisy?

Ela olhou para cima.

Sua irmã parecia hesitante. Como se estivesse se aproximando de algo que mordesse.

— P-posso entrar? — Ela olhou para Ellie e depois para longe, como se tomasse coragem. Depois entrou e se sentou na cadeira ao lado da irmã, apoiando a mão em seu ombro. — O que aconteceu, meu bem?

Era como acordar de um sonho. O rosto da irmã. O cabelo castanho-avermelhado feito um capacete de penas, que misteriosamente nunca parecia precisar de corte. Os olhos, atentos e ansiosos. A mão. Nenhum adulto tocava nela havia quase quatro semanas. Ela abriu a boca para falar, mas nada saiu.

— Daisy? Querida?

— Ele foi embora, Julia — sussurrou.

— Quem foi embora?

— Daniel. Ele... ele foi embora.

Julia franziu o cenho, depois olhou para Ellie.

— Para onde?

— Ele me deixou. A mim e a Ellie. Não sei o que fazer...

Julia a abraçou por bastante tempo. Daisy sufocou os soluços no casaco de lã escura, tentando protelar, naquele abraço, o momento em que precisaria voltar a ser adulta. Estava vagamente consciente do som de passos no linóleo do lado de fora, o cheiro forte de desinfetante. Ellie choramingou enquanto dormia.

— Por que não me contou antes? — sussurrou Julia, afagando a cabeça dela.

Daisy fechou os olhos.

— Pensei... pensei que, se eu não contasse para ninguém, talvez ele voltasse.

— Ah, Daisy...

A policial enfiou a cabeça no vão da porta.

— As chaves do seu carro estão na recepção. Não apreendemos o veículo. Se a senhora concordar em levar o carro de sua filha de volta para casa, vamos deixar as coisas como estão.

Nenhuma das duas mulheres se surpreendeu; estavam acostumadas. A diferença de idade entre elas era de vinte anos, e, desde a morte da mãe, aquele era um erro cada vez mais frequente, visto que ambas se comportavam mais como mãe e filha do que como irmãs.

— É muita gentileza sua. — Julia fez menção de se levantar. — Sinto muito se causamos qualquer problema.

— Não, não, fique à vontade. Não precisamos da sala no momento. Quando estiverem prontas, peçam para alguém do balcão de recepção indicar onde fica o estacionamento. Não é longe.

Com um sorriso compreensivo e delicado, ela foi embora.

Julia se voltou para a irmã.

— Ah, meu bem. Mas por quê? Aonde ele foi?

— Não sei. Ele só disse que não conseguia lidar com tudo. Que não era como ele esperava, e que nem sabia se era o que queria.

Daisy começou a chorar.

— Daniel disse isso?

— Disse. Aquele maldito. E eu respondi que também não era como eu esperava, droga, mas de alguma maneira parecia que meus sentimentos não importavam. Ele falou que achava que estava passando por uma crise e que precisava de espaço. E foi só isso. Não tenho notícias dele há mais de três semanas. Nem levou o celular — contou ela com a voz mais firme.

A irmã balançou a cabeça, olhando para o nada.

— Ele disse o quê?

— Que não conseguia lidar com tudo. Ele não gostava da bagunça. Do caos.

— Mas sempre é um pouco difícil após o primeiro bebê. E ela só tem o quê, quatro meses?

— Não é para *mim* que você tem que dizer isso.

— Fica mais fácil depois. Todo mundo sabe que fica mais fácil.

— Bem, Daniel não sabia.

Julia franziu o cenho e encarou os scarpins impecáveis.

— Vocês ainda... Quer dizer, algumas mulheres param de dar atenção aos parceiros depois de terem bebê. Vocês ainda...

Daisy olhou para a irmã, sem acreditar.

Houve um breve silêncio. Julia ajustou a bolsa no colo e olhou pela janela pequena e alta.

— Eu sabia que você deveria ter se casado.

— O quê?

— Você deveria ter se casado.

— Isso não impediria que Daniel fosse embora. Existe uma coisa chamada *divórcio*.

— Sim, Daisy, mas pelo menos ele teria alguma obrigação financeira. Com as coisas do jeito que estavam, ele pôde simplesmente cair na estrada.

— Ah, pelo amor de Deus, Julia. Ele me deixou com o maldito apartamento. Não sacou quase nada da nossa conta conjunta. Não é como se eu fosse uma donzela da época vitoriana que caiu em desgraça.

— Bem, sinto muito, mas se ele realmente abandonou você, então precisa ser prática quanto a essas coisas. Quer dizer, como vai se sustentar? O que vai fazer em relação ao aluguel?

Daisy balançou a cabeça, furiosa.

— Não acredito que você está fazendo isso. O amor da minha vida me deixou, estou tendo um maldito colapso nervoso, e tudo em que você pensa é no maldito *aluguel*.

A gritaria acordou a bebê, que começou a chorar, os olhos bem fechados em reação ao incômodo que tinha atrapalhado seus sonhos.

— Ah, olhe o que você fez.

Ela soltou a filha da cadeirinha e a puxou para o peito.

— Não precisa ficar histérica, querida. Alguém tem que ser prática. Ele concordou em pagar o aluguel?

— A conversa não chegou a esse ponto. — A voz de Daisy era gelada.

— E o seu negócio? Como anda aquele grande projeto que você disse que estava assumindo?

Ela ajeitou a bebê no seio, virando as costas para a porta. Esquecera-se do hotel.

— Não sei. Não consigo pensar nisso agora, Ju. É tudo o que posso fazer para sobreviver até o final do dia.

— Bem, acho que é hora de eu ir para sua casa e ajudar você a se recompor. Depois podemos sentar para pensar juntas no que você vai fazer a respeito do seu futuro e o da minha pequena sobrinha. E, nesse meio-tempo, vou ligar para Marjorie Wiener e dizer exatamente o que acho do filho precioso dela.

Daisy se manteve agarrada à filhinha, tomada por ondas de exaustão. Quando Ellie terminou, soltando bruscamente o mamilo da mãe, Daisy se levantou e puxou o pulôver para baixo.

A irmã a encarava.

— Nossa, você está tendo dificuldade em perder o peso extra da gravidez, não está, querida? Vou dizer uma coisa: quando terminarmos de

organizar tudo, vou inscrever você em um daqueles programas para emagrecer. Presente meu. Se estiver com uma aparência um pouco mais apresentável, vai se sentir muito melhor, prometo.

* * *

Daniel Wiener e Daisy Parsons moraram juntos no apartamento de um quarto em Primrose Hill por quase cinco anos, durante os quais a região virou uma tendência insuportável na cidade, fazendo o aluguel aumentar na mesma proporção. Daisy teria ficado muito feliz em se mudar; conforme o recente negócio de decoração de interiores do casal crescia, ela ansiava por pés-direitos altos e portas francesas, áreas de serviço e despensa. Um jardim nos fundos. Mas Daniel havia insistido que ficassem em Primrose Hill: o endereço era melhor para os clientes do que qualquer outro lugar mais espaçoso em Hackney ou Islington. Olhe a qualidade de vida, argumentava Daniel. As elegantes casas georgianas, os bares gourmets e restaurantes, a própria Primrose Hill para piqueniques no verão. E o apartamento era lindo, na sobreloja de um estilista de sapatos, com uma imensa sala de estar estilo regência e um quarto com uma pequenina sacada com vista para jardins bem-cuidados e murados. Tinham feito modificações inteligentes: uma máquina de lavar roupas espremida em um armário, um chuveiro encaixado em um canto. Uma cozinha minimalista com um fogão pequeno e chique, além de um exaustor avantajado. No verão, eles apertavam duas cadeiras na sacada e degustavam uma taça de vinho, parabenizando-se por estarem onde estavam, por terem chegado tão longe, banhados pelo sol da tarde e com a ideia de que a casa e as redondezas refletiam quem os dois eram.

Então Ellie chegou, e de alguma maneira, o charme arrefeceu à medida que o apartamento pouco a pouco encolhia, as paredes se fechando, o espaço remanescente cada vez mais entulhado com pilhas de macacões de bebê úmidos, pacotes de lenços umedecidos pela metade, brinquedos macios de cores berrantes. Começou com as flores: buquê após buquê, chegando incessantemente, preenchendo todo o espaço da estante até que acabaram os vasos, e o casal passou a colocá-las na banheira. Aquela floração se tornou opressiva, o fedor de água estagnada espalhando-se pelo apartamento, Daisy cansada e sobrecarregada demais para dar um fim a elas. Então aos poucos, de forma assustadora, o espaço ficou cada vez menor: eles caminhavam com dificuldade pelo apartamento, escolhendo o trajeto por cima de pilhas de roupas amassadas ou

montanhas de pacotes de fraldas. A cadeira de alimentação que as primas de Daisy haviam mandado continuava intacta na caixa, ocupando o espaço que considerava como o cantinho da biblioteca, uma banheirinha de plástico estava apoiada na parede da entrada, encostada no carrinho, que nunca fechava direito, enquanto o berço de Ellie ficava ao lado da cama, apertado junto à parede; se Daisy quisesse ir ao banheiro à noite, tinha que passar por cima de Daniel ou deslizar até os pés da cama. Mesmo assim, invariavelmente o barulho da descarga acordava a bebê, e Daniel enfiava a cabeça embaixo do travesseiro e reclamava da injustiça da vida.

Ela não havia limpado o apartamento desde que ele fora embora. Até tivera a intenção, mas de algum jeito os dias e as noites haviam se fundido, e Daisy parecia ter passado a maior parte do tempo afundada no sofá de linho bege, que um dia fora imaculado, amamentando Ellie, os olhos desfocados nos programas diurnos sem conteúdo que passavam na televisão ou chorando ao olhar a foto da família toda abraçada em cima da lareira. E lentamente, sem Daniel para limpar a casa à noite ou tirar o lixo (como ela carregaria um saco de lixo e um bebê por dois lances de uma escada íngreme?), tudo ficou a cargo dela, e as pilhas de camisetas brancas sujas de cocô e macacões manchados haviam assumido um caráter inalcançável, tornando-se grandes demais para enfrentar. E os detritos tomaram conta, viraram parte do mobiliário, de maneira que ela começou a nem reparar mais. E, diante do caos, Daisy passou a usar a mesma calça e o mesmo casaco de moletom todos os dias, porque eles ficavam jogados na cadeira e, portanto, visíveis, e a comer batatas chips ou pacotes de biscoitos de chocolate da loja de conveniência, porque cozinhar significava que ela precisaria lavar a louça antes.

— Tudo bem. Agora estou preocupada.

A irmã balançou a cabeça em descrédito, o aroma fresco do Anaïs Anaïs quase abafado pelo cheiro pungente e insalubre de fraldas sujas, muitas das quais estavam jogadas no chão, ao lado de onde foram tiradas, o conteúdo exposto.

— Minha nossa, Daisy, o que você *fez*? Como deixou ficar tão ruim assim?

Ela não sabia. Parecia a casa de outra pessoa.

— Ah, meu Deus. Ah, meu Deus.

As três ficaram perto da porta do apartamento, Ellie se sacudindo no colo da mãe, animada e olhando em volta.

— Vou ter que ligar para Don. Dizer que vou dormir aqui. Não posso deixar você assim.

Ela começou a se movimentar depressa pela sala, recolhendo louças sujas, jogando roupas de bebê em uma pilha perto da mesa de centro.

— Eu disse a ele que viria aqui apenas para comprar edredons novos para o quarto do celeiro.

— Não conte a ele, Ju.

Sua irmã parou e olhou para ela.

— O fato de Don saber não vai fazer isso passar, querida. Acho que a vontade de não encarar as coisas por aqui já passou da conta.

* * *

No fim, Julia mandou Daisy sair da casa, levar Ellie para um passeio no parque. Quando disse que Daisy estava atravancando o caminho, ela sabia que não era só uma figura de linguagem. Isso deu a Daisy um pouco de tempo para respirar; era como se fosse a primeira vez em semanas que ela sabia o que estava fazendo. Não que fosse melhor: a dor só se tornou mais forte.

— Por favor, faça com que ele venha para casa — implorou, murmurando as palavras de uma maneira que fez os passantes a olharem de cara feia furtivamente. — Apenas faça com que ele venha para casa.

Quando retornou, a irmã havia de alguma forma mágica deixado o apartamento em ordem, colocando até mesmo um vaso de flores frescas em cima da lareira.

— Se ele chegar a recuperar o juízo — explicou Julia —, você vai querer que ele pense que está se saindo bem sozinha. Vai querer passar a impressão de que é dona de si mesma. — Ela fez uma pausa. — Aquele merdinha.

Mas eu não sei ser dona de mim de mim mesma, queria gritar Daisy. Não consigo comer, não consigo dormir. Não consigo nem ver televisão porque estou ocupada demais olhando pela janela para o caso de ele passar por lá. Sem ele, eu não sei quem devo ser. Mas era difícil falar com Julia Warren sobre recuperação. Depois que seu primeiro marido morreu, ela passou por um período considerável de luto, depois se entregou a clubes de encontros (com especialidade em jantares íntimos) e, após alguns começos errados, conquistou Don Warren, um homem de negócios de Weybridge dono de uma casa com quintal, uma gráfica bem-sucedida, grossos cabelos escuros e uma silhueta fina que, na opinião de Julia, o

tornava um bom partido. (“São todos carecas nessa idade, meu bem. Ou com meia tonelada de banha pendurada por cima do cinto. E não suporto nada disso.”) E a Julia Bartlett de então era também um bom partido: financeiramente independente, sempre bem-vestida (nunca fora vista sem maquiagem, ela gostava de dizer; com os dois maridos, levantava vinte minutos mais cedo para se assegurar de que estivesse “arrumada”) e proprietária de uma pousada com café da manhã em seu celeiro, da qual se recusava a abrir mão, por mais que não precisasse do dinheiro, porque, afinal, nunca se sabe. Nunca se podia saber.

Assim como sua irmã tinha acabado de provar.

— Estive olhando seu extrato bancário, Daisy, e você vai ter que resolver umas coisas.

— Como é que é? Você não tinha o direito. É um documento pessoal.

— Se fosse pessoal, querida, deveria ter sido guardado, não deixado na mesa de centro, onde qualquer um pudesse ver. Enfim. Levando em conta seus gastos, acho que você tem cerca de três semanas antes de começar a torrar economias. Tomei a liberdade de abrir algumas dessas correspondências e receio que o proprietário do apartamento, que me parece um pouco ganancioso, vá aumentar o aluguel em maio. Então você tem que pensar se dá para arcar com os custos deste lugar, que, por sinal, me parece bastante caro.

Daisy entregou Ellie à irmã. A briga a deixara sem forças.

— Estamos em Primrose Hill.

— Bem, você vai ter que pensar em rever seus gastos. Ou correr atrás daquele lance de pensão alimentícia. Que obriga as pessoas a abrir a carteira.

— Não acho que tenha chegado a esse ponto, Ju.

— Ora, de que outra maneira você vai se sustentar? Os Wiener são cheios da grana. Eles não vão sentir falta de alguns milhares de libras, não é?

Ela se sentou, limpando migalhas imaginárias do sofá e fitando a sobrinha com adoração.

— Olhe, querida, andei pensando enquanto você estava fora. Se Daniel não voltar em uma semana, eu deveria levar vocês para minha casa. Podem ficar no apartamentinho independente do celeiro, apenas até você voltar a andar com as próprias pernas, assim pode manter sua privacidade. Mas Don e eu vamos estar ali, do outro lado do jardim. E há diversos designers de interiores em Weybridge. Tenho certeza de que Don pode ver com algum parceiro de negócios se alguém tem uma vaga para você.

Weybridge. Daisy se imaginou fadada para sempre a cortinas com bandôs e casarões com falso estilo Tudor para comediantes de programas de televisão de fim de semana, usando sapatos de golfe.

— Não é bem a minha cara, Ju. Minha inspiração é um pouco mais... urbana.

— No momento sua inspiração está mais para se desfazer do que não serve, Daisy. Bem, a oferta está de pé. Vou pegar o trem da noite, pois temos um jantar. Mas volto de manhã, e vou levar Ellie para passear por algumas horas. Tem um senhor gentil no salão do outro lado da rua que concordou em encaixar você amanhã para um corte e uma escova. Vamos deixar você bonita em um instante.

Ela se virou para Daisy enquanto amarrava o cachecol, pronta para ir embora.

— Precisa encarar isso, querida. Eu sei que é doloroso, mas você não está mais sozinha.

* * *

Uma amiga certa vez descreveu a situação como acordar com o corpo da mãe. Fitando sua figura pós-gravidez no espelho, Daisy se lembrou com saudades da silhueta habilmente controlada da mãe. Mas estou sobrando para todos os lados, pensou com tristeza, olhando as coxas grossas, a pele recentemente enrugada pendendo na barriga. Fui dormir e acordei com o corpo da minha avó.

Uma vez ele disse que, desde o momento em que a viu, sabia que não poderia relaxar novamente até tê-la. Ela gostou desse “tê-la”, uma insinuação de sexo e posse. Mas isso foi na época em que ela vestia calças de couro coladas tamanho trinta e oito, blusas apertadas que marcavam a cintura esculpida e os seios empinados. Quando ela era loura, bronzeada e despreocupada, no tempo em que julgava como descontrolada qualquer pessoa que vestisse mais do que quarenta e dois. Agora aqueles seios atrevidos estavam inchados e caídos, com veias azuis pesarosas, feito trombas cor de pele que vazavam leite ocasional e inapropriadamente. Seus olhos eram pequenos pontos cor-de-rosa sobre manchas azuis borradas. Ela não conseguia dormir; não dormia por mais de duas horas ininterruptas desde o nascimento de Ellie, mantendo-se acordada com insônia mesmo quando a filha adormecia. Seu cabelo estava oleoso, preso para trás com uma faixa velha de pano, de modo que deixava à mostra uns bons cinco centímetros de raízes mais escuras. Seus poros estavam tão

abertos que ela ficava surpresa de não ouvir o vento assobiando ao passar por eles.

Daisy se analisou friamente, com o olhar de avaliação da irmã. Não era surpresa que ele não a quisesse. Ela deixou uma lágrima pesada, quente, escorrer e trilhar um caminho salgado pelo rosto. Você não deveria demorar a voltar à forma após ter um bebê. Contraia o assoalho pélvico nos sinais de trânsito; suba e desça correndo as escadas para tonificar as coxas. Essas eram as regras. Ela pensou, pela milésima vez, nas poucas ocasiões em que ele se aproximou dela desde o nascimento de Ellie, e nas suas recusas exaustas, chorosas. Ele a fez se sentir como um pedaço de carne, acusou ela, zangada, determinado dia. Já não bastava Ellie apalpando-a o dia inteiro, e agora ele queria fazer o mesmo. Recordou o choque e a mágoa no rosto dele e desejou voltar no tempo. “Eu só quero minha Daisy de volta”, argumentou ele, triste. Ela também queria a si mesma de volta. Continuava querendo, dividida entre o intenso e avassalador amor pela filha e a ânsia desesperada pela mulher que ela era antes, pela vida que tinha.

Por Daniel.

Ela se encolheu quando o telefone tocou na sala, seu corpo tenso diante de qualquer coisa que pudesse acordar a bebê. Pegou um cardigã e jogou em volta dos ombros, atendendo logo antes de cair na secretária eletrônica.

— Sr. Wiener?

Não era ele. Daisy suspirou, decepcionada, preparando-se para outra conversa.

— Não. Ele não está.

— É Daisy Parsons falando? Aqui é Jones. Da boate exclusiva Red Rooms. Nós nos encontramos algumas semanas atrás para falar sobre o meu hotel, lembra? Ou melhor, eu encontrei seu sócio.

— Ah. Sim.

— É só porque nós íamos marcar uma data para começar. E eu não recebi nenhum aviso.

— Ah.

Houve uma breve pausa.

— Eu liguei em uma hora ruim?

A voz dele era rouca, envelhecida pela bebida ou pelo cigarro.

— Não. Desculpe... — Ela inspirou longa e profundamente. — Eu... O dia está sendo difícil.

— Sim. Bem. Você pode me dar uma data para começar?

— Para o hotel?

Ele soou impaciente.

— Éééé. Aquele sobre o qual conversamos.

— É que... as coisas mudaram um pouco desde que nos falamos pela última vez.

— Eu já disse. Aquele preço era meu limite máximo.

— Não... não, não no valor. Er...

Daisy se perguntou se seria capaz de falar sem chorar. Fez outra longa e lenta inspiração.

— É só que meu sócio... Bem, ele... ele saiu.

Houve um momento de silêncio.

— Entendi. E o que isso significa? Você continua no negócio? Vai honrar os contratos?

— Vou — respondeu ela no automático.

Ele não sabia que era o único projeto. O homem pensou por um minuto.

— Bem, se você puder me garantir o mesmo trabalho, não vejo nenhum problema. Nós perpassamos seus projetos minuciosamente... — Ele fez uma pausa. — Uma vez tive um sócio que me largou, quando eu estava começando. Nunca imaginei que isso fosse acontecer até ele ir embora.

Ele parou de falar, como se estivesse desconfortável com a revelação.

— Bem, você ainda tem o trabalho, se quiser. Gostei do que vocês propuseram.

Daisy pensou em interrompê-lo, mas se conteve. Olhou para o apartamento que não parecia mais seu lar. Na casa que talvez não fosse pertencer a ela por muito tempo.

— Srta. Parsons?

— Sim — disse ela, lentamente. — Sim, eu quero.

— Ótimo.

— Tem só uma coisa.

— O quê?

— Nós... Quer dizer, eu gosto de morar no local durante o trabalho. Isso seria um problema?

— É bem comum... Mas não, acho que não. Você acabou de ter um bebê, não é?

— Sim.

— É melhor se certificar de que o aquecimento esteja funcionando. Ainda pode estar um pouco frio por lá. Durante mais um mês ou algo

assim.

— E também preciso de um adiantamento. Cinco por cento seria uma quantia aceitável para o senhor?

— Posso dar um jeito.

— Sr. Jones, vou mandar o documento com a data por escrito pelo correio hoje à noite.

— Jones. Só Jones. Vejo você lá.

Daisy se admirou com a insanidade do que acabara de fazer. Pensou na Ponte Hammersmith, em Weybridge e nos amigos de Don, acolhendo-a de modo pouco sincero e com olhares condescendentes. Pobre Daisy. Veja bem, não é tão surpreendente quando você percebe como ela se deixou levar. Pensou na irmã apenas “dando uma passadinha” no celeiro para se certificar de que ela não estava afogando as mágoas em outro pacote de biscoitos. Pensou na cidade sem nome à beira-mar, no ar salgado e no céu claro, e em não ter que acordar todas as manhãs na cama que eles haviam compartilhado. Uma chance de respirar, longe do caos e da história. Ela não sabia como daria conta do trabalho sozinha. Esse parecia o menor dos problemas.

No quarto ao lado, Ellie começou a chorar, o gemido agudo aumentando rapidamente. Mas, quando foi até a bebê, Daisy não se encolheu. Pela primeira vez em semanas, ela sentiu algo parecido com alívio.

10

— Sabe, nunca vi uma roupa de baixo parecida com aquela em toda a minha vida. Não tinha quase nada, só umas nuances de renda. Bom, se eu vestisse aquilo, pensei, não pareceria uma gata, mas uma baleia amarrada em um saco de cordas.

Evie Newcomb riu, e Camille fez uma pausa, porque não queria que o creme entrasse nos olhos.

— Você tinha que ver algumas das peças que eles vendem naqueles catálogos. Vou lhe dizer uma coisa, Camille, querida. Você não ia querer usar uma delas em um dia frio. E não é nem pelo tecido; você sabe que eu já trabalhei na indústria da moda e, francamente, a qualidade deixava um pouco a desejar. São os benditos buracos que eles colocam por toda parte! Buracos em lugares que você nem acreditaria. Olhe, tinha uma calcinha que eu nem sabia onde deveria enfiar as pernas.

Camille prendeu o cabelo de Evie para trás com uma faixa branca de algodão e começou a passar as mãos com delicadeza por sua testa.

— Já os acessórios, ou seja lá qual for o nome que você quiser dar a eles... Bom, olhei, olhei, mas não consegui imaginar *para que* serviam. E ninguém vai querer usá-los do jeito errado, não é? Quer dizer, eu não ia querer acabar em um hospital tendo que me explicar para um médico. Não, deixei tudo para lá.

— Então não foi um sucesso? — perguntou Camille quando a máscara já estava toda aplicada.

— Ah, não. Segui seu conselho, meu bem. Acabei comprando duas peças — respondeu Evie, com a voz mais baixa. — Nunca vi o rosto do Leonard daquele jeito em trinta e dois anos de casados. Parecia que havia tirado a sorte grande. — Ela riu. — Achei que tivesse matado o coitado no final.

— Mas ele não está mais falando em alugar uma TV a cabo? Aquela com os canais eróticos?

— De jeito nenhum, nem tem jogado boliche. Você me fez um enorme favor, Camille. De verdade. Pode colocar aquela máscara

novamente? Gostei tanto da última vez...

Camille Hatton foi até o armário buscar as máscaras relaxantes para os olhos que guardava na quarta prateleira. Ela estava com muito serviço naquela manhã; em geral, não tinha muitas clientes a não ser que houvesse um casamento ou um baile no Riviera Hotel. Porém, a temporada de verão se aproximava, e por toda a cidade as moradoras estavam se cuidando, preparando-se para o fluxo anual de hóspedes.

— Prefere de folhas de chá ou de pepino? — perguntou, pegando as caixas.

— Aah. Folhas de chá, por favor. Falando nisso, será que Tess não poderia preparar uma xícara para mim? Estou morrendo de sede.

— Sem problemas — respondeu Camille, e chamou sua jovem assistente.

— Mas teve uma coisa que me fez rir. Cá entre nós. Chegue mais perto, não quero gritar para o salão inteiro. Eu lhe contei sobre as penas?

Parecia que o início da primavera sempre tornava as pessoas mais falantes. Era como se a chegada dos ventos de março, soprando do mar, afastasse o imobilismo do inverno, lembrando as pessoas das possibilidades de mudança. O que significava, no caso das senhoras, o novo influxo de revistas femininas.

Quando Kay, sua chefe, abriu o salão, quase nove anos antes, as mulheres eram mais tímidas. Relutavam em experimentar os tratamentos, receosas, até certo ponto, de parecerem muito indulgentes. Ficavam sentadas, rígidas e silenciosas, enquanto ela aplicava cremes e tratamentos, como se esperassem por algo ridículo, ou que ela cometesse um erro terrível. Então, aos poucos, passaram a retornar com frequência. E começaram a conversar na época em que os Adventistas do Sétimo Dia assumiram a antiga Igreja Metodista.

Hoje em dia, contavam tudo a Camille: sobre os maridos infiéis, os filhos birrentos. Sobre a tristeza de perder bebês e a alegria de ganhá-los. Confessavam a ela coisas que não confessariam a um padre, falavam em tom de brincadeira sobre luxúria, amor e libido desgastados, como os de Leonard, para uma nova vida. E ela nunca retrucava. Nunca julgava, ou ria, ou condenava. Apenas ouvia enquanto trabalhava e, vez ou outra, tentava dar alguma sugestão para fazer as clientes se sentirem melhor. Sua congregação, brincava Hal. Mas isso foi na época em que Hal ainda brincava.

Ela se curvou sobre o rosto de Evie, sentindo a máscara hidratante endurecer sob os dedos. Era um ambiente desfavorável para a pele, uma

cidade costeira. O sal e o vento desenhavam linhas finas prematuramente no rosto das mulheres, envelheciam e manchavam a pele, removendo sem remorso qualquer sinal de hidratação. Camille levava sempre um creme na bolsa e o reaplicava várias vezes por dia. Para ela, sentir a pele ressecada tinha um inconveniente: causava-lhe calafrios.

— Vou retirar a máscara em um minuto — disse ela, dando tapinhas no rosto de Evie. — Vou deixar você beber o chá primeiro. Tess está chegando.

— Ah, eu me sinto realmente melhor, querida. — Evie se recostou no assento, fazendo o couro ranger sob seu volume considerável. — Vou ser uma nova mulher quando sair deste lugar.

— Parece que seu Leonard pensa assim, de qualquer maneira.

— Aqui está seu chá. A senhora não toma com açúcar, não é, Sra. Newcomb?

Tess tinha memória fotográfica para preferências de chá e café. Era uma qualidade inestimável em um salão de beleza.

— Aah, que amor.

— Telefone, Camille. Acho que é da escola da sua filha.

Era a secretária da escola. Ela falava no tom firme, mas exageradamente bem-educado das pessoas acostumadas a conseguir, por meio de um charme de aço, tudo o que queriam.

— É a Sra. Hatton? Ah, olá, aqui é Margaret Way. Tivemos um probleminha com Katie, e gostaríamos de saber se a senhora pode vir buscá-la.

— Ela está machucada?

— Não, machucada não. Mas não está muito bem.

Nada causava tanto aperto no coração quanto uma chamada de emergência da escola, pensou Camille. Para mães que trabalham fora, significava uma poderosa mistura de alívio, quando se constatava que a criança não estava machucada, e irritação, quando se concluía que a remuneração de um dia de trabalho seria perdida.

— Ela diz que não está se sentindo muito bem há alguns dias.

O comentário supostamente casual continha uma leve reprimenda. Não mande os filhos para a escola se estiverem doentes, era esta a mensagem.

Camille pensou em seus compromissos.

— Imagino que não tenham telefonado para o pai dela, não é?

— Não, preferimos ligar primeiro para a mãe. Em geral, é quem a criança chama.

É o que sempre dizem, pensou.

— Está bem. Vou assim que puder, Tess — continuou ela, colocando o telefone no gancho. — Tenho que ir à escola buscar Katie. Parece que não está se sentindo bem. Vou tentar resolver as coisas, mas acho que você vai precisar cancelar alguns dos meus compromissos da tarde. Sinto muito.

Havia apenas algumas poucas senhoras que ficavam contentes de ser atendidas por Tess no lugar de Camille. Segundo elas, não sentiam que podiam contar as coisas para Tess. Talvez fosse jovem demais ou outra coisa. Mas Camille sabia o que elas sentiam.

— Tem alguma virose por aí — comentou Evie por baixo da máscara.

— Sheila, do café, está sob cuidados médicos já faz dez dias. O inverno foi quente demais, reconheço. Todos os germes estavam procriando.

— Já está quase pronta, Evie. Você se importa se eu sair? Tess vai passar o hidratante.

— Pode ir, meu bem. Já estou quase de saída, de qualquer forma. Prometi a Leonard que faria peixe para o jantar e ainda preciso assar as batatas.

* * *

Katie havia adormecido sob a manta. Ela se desculpou, com sua mistura peculiar de maturidade de alguém de oito anos que às vezes pareciam vinte e oito, por interromper o trabalho da mãe, então disse que gostaria de dormir. Assim, Camille se sentou ao lado da filha por um tempo, a mão sobre as pernas cobertas da menina, sentindo-se impotente, ansiosa e vagamente irritada ao mesmo tempo. A enfermeira da escola afirmou que ela estava muito pálida e perguntou se as olheiras significavam que ela andava dormindo muito tarde. Camille sentiu-se afrontada com o tom de voz da enfermeira, com a insinuação implícita de que uma das consequências daquilo a que educadamente se referiam como a “situação” de Camille era que ela nem sempre tinha como estar atenta à hora em que a filha ia dormir.

— Ela não tem televisão no quarto, se é o que está querendo dizer — retrucou em tom brusco. — Katie vai para a cama às oito e meia e leio uma história para ela.

No entanto, a enfermeira relatara que duas vezes naquela semana a menina havia adormecido durante as aulas e que parecia apática, sem energia. E lembrou que a garota tinha ficado doente apenas duas semanas antes.

— Talvez ela esteja um pouco anêmica — comentou, e de alguma forma sua delicadeza fez Camille se sentir ainda pior.

Na lenta caminhada para casa, Camille perguntou à filha se tinha alguma coisa a ver com ela e o papai, mas Katie respondeu, irritada, que estava “só doente”, e seu tom de voz deu a entender que a conversa terminava ali. Camille não insistiu. Katie havia lidado com tudo muito bem, comentaram todos. Possivelmente bem demais.

Ela se inclinou e beijou o corpo adormecido da filha, depois afagou o focinho sedoso de Rollo, seu labrador. Ele tinha se acomodado a seus pés com um suspiro, esfregando o focinho úmido em sua perna descoberta. Ela ficou sentada por um tempo, escutando o tique-taque incessante do relógio em cima da lareira e o ruído distante do trânsito na rua. Ela teria que telefonar. Inspirou fundo.

— Hal?

— Camille?

Nunca mais tinha ligado para ele no trabalho.

— Me desculpe por incomodar. É só que eu precisava falar sobre hoje à noite. Estava pensando se você se importaria de voltar um pouco mais cedo.

— Por quê?

— Katie teve que vir para casa, e vou precisar sair para cumprir alguns compromissos que tive que cancelar. Vou ver se consigo reagendar.

— O que ela tem?

Ao fundo, Camille não escutava nada além do som de um rádio distante; nem sinal do barulho de martelos, furadeiras e vozes que antes indicavam uma oficina em ebulição.

— Alguma virose. Ela está meio para baixo, mas acho que não é grave.

— Ah, que bom.

— A enfermeira da escola acha que ela pode estar um pouco anêmica. Tenho alguns comprimidos de suplemento de ferro.

— Certo. É verdade, acho que ela tem andado um pouco pálida. — O tom de voz dele era casual. — Então, quem você vai ver?

Ela sabia o que viria a seguir.

— Ainda não me programei. Só queria saber se seria possível.

Dava para ouvir sua relutância pelo telefone.

— Bem, acho que não há nada que eu não possa levar para casa.

— Está ocupado?

— Não. Na verdade, a semana toda foi meio parada. Eu estava fazendo uns cálculos para poupar papel higiênico e lâmpadas.

— Bom, como eu disse, não tenho nada combinado. Se ninguém estiver disponível, não vou precisar de você mais cedo.

Eles estavam tão educados. Tão solícitos.

— Sem problemas — disse ele. — Você não vai querer que suas clientes fiquem chateadas. Não vale a pena arriscar nosso único negócio bem-sucedido. Só... só me ligue se precisar de carona. Posso sempre pedir à sua mãe para ficar com Katie por cinco minutos.

— Obrigada, amor, é muito gentil da sua parte.

— Sem problemas. Preciso ir.

* * *

Camille e Hal Hatton estavam casados havia exatamente onze anos e um dia, quando ela revelou que as suspeitas dele a respeito de Michael, o corretor de imóveis de Londres, tinham fundamento. O momento em que ela fez isso, vale dizer, foi péssimo. Eles haviam acabado de acordar depois da comemoração do aniversário de casamento. Mas acontece que Camille era uma pessoa muito direta — ou, pelo menos, era o que achava até o episódio de Michael —, e seu talento para guardar os segredos de outras pessoas não se estendia aos seus próprios.

Eles tinham um casamento feliz, era o que todos diziam. Ela também, nas ocasiões em que comentava alguma coisa. Não era uma mulher assumidamente romântica, mas amava Hal com uma paixão ferrenha que, ao contrário do que acontecera no casamento de seus amigos, não arrefeceu com o tempo (segundo a mãe dela, um eufemismo para “sem sexo”). Eles formavam um belo casal. A opinião de todos era que Hal estava “em forma”, enquanto Camille era alta e forte, com cabelo louro e volumoso, os seios como os de uma bartender de desenho animado. E ele, com diploma universitário, perspectivas e habilidade para restaurar móveis antigos, estava preparado para assumir um compromisso. Porque nem todo mundo teria feito isso, apesar do charme óbvio dela. E, talvez por causa de todos esses fatores, a evidente paixão que eles sentiam um pelo outro fora tão intensa e tão duradoura que até se tornou uma espécie de piada entre os amigos. (Nessas horas, porém, Camille sempre ouvia uma nuance de algo mais em suas vozes: algo como inveja.) Era a melhor forma de comunicação entre os dois. Quando ele ficava em silêncio, introvertido, e ela se sentia incapaz de estabelecer uma ponte entre eles, quando discutiam e ela não sabia como fazer as pazes, o sexo sempre esteve lá. Intenso, jovial, revigorante. Não escasseou com a chegada de

Katie. Se é que era possível, ela o desejava mais à medida que os anos passavam.

E esse foi parte do problema. Quando Hal abriu um negócio e se mudou para um local novo em Harwich, o trabalho começou a ocupar cada vez mais o seu tempo. Ele precisava ficar até tarde, explicava em mais um telefonema à noite. O primeiro ano de qualquer novo empreendimento era crucial. Ela tentou compreender, mas seu anseio físico por ele aumentou, assim como os problemas práticos de não ter o marido por perto.

Então chegou a crise econômica, e a restauração de móveis de algum modo assumiu uma posição inferior na lista de prioridades das pessoas. Hal ficou mais tenso e distante e, em certas noites, nem mesmo voltou para casa. O ligeiro fedor de suor em suas roupas e a barba por fazer indicavam mais uma noite no sofá do escritório, sua atitude sombria pela demissão dos funcionários, as contas não pagas. E ele não queria mais transar com ela. Cansado demais. Arrasado demais com aquilo tudo. Desabituaado a fracassar. E Camille, que chegara aos trinta e cinco anos sem nunca enfrentar uma rejeição, entrou em pânico.

Foi quando Michael apareceu. Michael Bryant, novo na cidade e vindo de Londres para capitalizar sobre a demanda crescente de cabanas de praia e bangalôs à beira-mar. Ele a desejou desde o início, e não perdeu tempo em lhe confessar. E, no fim das contas, sem juízo e magoada por ter perdido o marido, privada do amor físico que a sustentava, ela sucumbiu.

E se arrependeu logo depois.

E cometeu o erro de contar a Hal.

Ele ficou enfurecido a princípio, depois chorou. Ela pensou, esperançosa, que a demonstração de tal fervor poderia ser um bom sinal porque mostrava que ele ainda se importava. Mas então ele ficou cada vez mais frio e retraído, mudou-se para o quarto de hóspedes e, em seguida, estrada acima para Kirby-le-Soken.

Após três meses, ele retornou. Ainda a amava, resmungou baixo e furiosamente. Nunca deixaria de amá-la. Mas levaria um tempo para voltar a confiar nela.

Camille aceitou, muda, apenas grata por ganhar uma segunda chance. Grata porque Katie não entraria para a longa lista de estatísticas desanimadoras. Com esperanças de que ambos pudessem reconstruir o amor que sentiram um dia.

Um ano depois, ainda pisavam em ovos por um campo minado.

— Ela está se sentindo melhor?

Na sala da frente, longe o bastante para não ouvi-los, Katie estava sentada, os olhos vidrados numa sucessão frenética de explosões de desenhos animados.

— Ela diz que sim. Nós a estamos entupindo de complementos de ferro. Odeio pensar que isso pode atacar o estômago.

A mãe de Camille bufou e guardou outra pilha de pratos no armário da cozinha.

— É, parece que o rosto dela ganhou uma corzinha. Bem que eu achei que ela estava um pouco pálida.

— Você também? Por que não disse nada?

— Você sabe que não gosto de me intrometer.

Camille deu um sorriso torto.

— Então, o que vai fazer a respeito de amanhã? Achei que Hal tivesse que passar o fim de semana em Derby.

— É uma feira de antiguidades e dura apenas um dia. Ele vai voltar para casa no último trem. Mas, sim, a não ser que ela vá para a escola, vou ter que cancelar meus compromissos outra vez. Pode ver se o ovo da Katie já cozinhou, mãe? Minhas mãos estão molhadas.

— Mais um minuto, acho... É muito longe para ele ir e voltar no mesmo dia.

— Eu sei.

Fez-se um breve silêncio. Camille sabia que a mãe estava bastante ciente do motivo pelo qual Hal não queria passar a noite fora. Ela enfiou mais as mãos na água de lavar louça, procurando algum talher desgarrado.

— Bom, acho que você não devia mandar Katie para a escola. Melhor dar a ela um fim de semana prolongado para se recuperar. Se quiser que eu fique com ela, estou livre a partir do meio da manhã. E também posso no sábado à noite, se você quiser sair.

Camille terminou a tarefa, colocando o último prato com cuidado no corredor. Ela franziu a testa e se virou ligeiramente.

— Você não vai visitar Doreen?

— Não. Tenho que encontrar uma decoradora. Entregar as chaves. E pegar o resto das minhas coisas.

Camille parou.

— Foi mesmo vendida?

— É claro que foi. — A voz da mãe era indiferente. — Há séculos.

— Parece... parece tão repentino.

— Não é nem um pouco repentino. Eu falei que ia vender. O homem não precisava arrumar uma hipoteca ou coisa parecida, então não fazia sentido adiar.

— Mas era sua casa.

— E agora é a casa dele. Ela vai querer ketchup?

Camille sabia que era melhor não discutir quando a mãe usava aquele tom de voz. Tirou as luvas de borracha e começou a passar creme nas mãos, pensando na casa que, de certa maneira, marcara sua infância.

— É o que ele vai fazer com a casa?

— Um hotel de luxo, parece. Algum local de alto nível para gente criativa. Ele tem um bar em Londres, frequentado por escritores e artistas, e queria algo semelhante à beira-mar. Algum refúgio para os clientes. Vai ser muito moderno, segundo ele. Muito *ousado*.

— A cidade vai adorar.

— Dane-se a cidade. Ele não vai modificar o exterior da casa, então o que eles têm a ver com isso?

— E desde quando alguém aqui deixou de se meter em alguma coisa? O Riviera vai criar um caso. Vai atrapalhar o negócio deles.

A Sra. Bernard colocou a chaleira no fogo, atrás da filha.

— O Riviera mal tem clientes o bastante. Não entendo como um hotel para pessoas influentes de Londres poderia representar uma grande mudança para eles. Não, vai fazer bem para a cidade. O lugar está morrendo. Pode ajudar a trazer de volta um pouco de vida.

— Katie vai sentir falta.

— Katie vai continuar sendo bem-vinda lá. Na verdade, ele disse que gostaria de manter vivas as conexões da casa com o passado. Foi disso que ele gostou logo de início, de toda a história do lugar — acrescentou, com um leve vestígio de satisfação na voz. — Ele me pediu para dar consultoria em algumas restaurações.

— O quê?

— Porque eu sei como era a casa antigamente. Ainda tenho as fotos, as cartas e as coisas. Ele não é só um incorporador precipitado. Diz que quer manter a personalidade do lugar.

— Você fala igual a ele.

— Gostei dele. Chama as coisas pelos nomes corretos. Mas é curioso. Não é fácil encontrar muitos homens do tipo dele que sejam curiosos.

— Como o papai — retrucou Camille, sem resistir.

— Ele é mais jovem do que seu pai. Mas não. Você sabe que seu pai nunca se interessou por aquela casa.

Camille balançou a cabeça.

— Não entendo, mãe. Não entendo por que, depois de todos esses anos. Quer dizer, era a única coisa sobre a qual você sempre foi inflexível, mesmo quando papai não aguentava mais...

Sua mãe a interrompeu:

— Ah, vocês, crianças. Açam que o mundo lhes deve explicação. Mas isso é da minha conta. Minha casa. Não vai afetar nenhum de vocês, então não vamos ficar remoendo o assunto.

Camille bebericou o chá, pensativa.

— Então, o que você vai fazer com o dinheiro? Deve ter conseguido uma boa quantia pela casa.

— Não é da sua conta.

— Contou para o papai?

— Conteí. Ele fez as mesmas reclamações tolas que você.

— E disse que tinha uma grande ideia sobre como gastar o dinheiro.

A mãe deu risada.

— Você não perde uma oportunidade, não é?

Camille baixou a cabeça. Então murmurou de maneira inocente:

— Você podia fazer um cruzeiro com o papai. Só vocês dois.

— Ou poderia doar tudo para a NASA e ver se existem homenzinhos verdes em Marte. Agora vou tomar meu chá, depois vou dar uma olhada nas lojas. Você precisa de alguma coisa? Vou levar aquele seu cachorro bobo comigo. Ele parece estar engordando.

* * *

— Você está muito bonita. Gosto do seu cabelo assim.

— Obrigada.

— Do mesmo jeito que você usava quando trabalhava no banco.

Camille colocou a mão na cabeça, sentindo o coque arrumado que Tess fizera nela antes de sair. Tinha talento para penteados. Camille suspeitava que ela deixaria o emprego em um ano: era talento demais desperdiçado em um salão de beleza de uma modorrenta cidade costeira.

— Sim, é verdade.

Sair juntos aos sábados à noite era uma coisa que passaram a fazer, sem levar em conta se tinham dinheiro ou se estavam exaustos. A mãe de Camille ficava com Katie — o que ela adorava —, e os dois poderiam se

esforçar pelo bem da relação. Eles se vestiam com esmero, como se ainda estivessem na fase da conquista, conforme sugerira a terapeuta. E conversavam, longe do efeito sedativo de uma televisão, das distrações da rotina doméstica. Às vezes, Camille suspeitava que nenhum dos dois suportava aquilo, que Hal se empenhava em se aproximar com o elogio indispensável, para mostrar que havia notado a aparência dela. Era difícil encontrar assuntos interessantes por duas horas com alguém com quem você passou a semana toda conversando. Principalmente quando você não tinha permissão para falar sem parar da filha ou do cachorro. Mas, às vezes, como naquela noite, ela percebia uma franqueza nos comentários dele e se sentia tranquilizada pelo caráter rotineiro daquilo, desde o demorado banho até a maneira como Hal ainda puxava a cadeira para ela se sentar. O modo como ocasionalmente faziam amor no fim da noite. Vocês precisam encontrar tempo para si próprios, aconselhou a terapeuta. Precisam cultivar uma rotina. E eles ainda tinham uma porção de coisas para reconstruir.

Ele pediu vinho. Ela sabia qual seria mesmo antes de ele falar: um Shiraz. Provavelmente australiano. Embaixo da mesa, ela apoiou a perna com delicadeza junto à dele e sentiu seu peso.

- Finalmente minha mãe fechou a venda da casa.
- A casa branca?
- É. Não a casa do papai.
- Ela seguiu mesmo com essa história. Fico imaginando o motivo.
- Não sei. Ela não quer me contar.
- Por que isso não me surpreende?

Suas antenas estavam bem aguçadas para perceber comentários depreciativos, mas Camille identificou apenas uma constatação da natureza reservada da mãe.

- Para quem ela vendeu?
- Alguém ligado ao ramo hoteleiro. Ele vai transformar a casa em um refúgio de luxo.

Hal assobiou.

- Vai ter um baita trabalho. Sua mãe não mexe na casa há anos.
- Ela consertou parte do telhado alguns anos atrás. Mas não acho que dinheiro seja um problema.
- Por quê? Ele é rico?
- Tive essa impressão.
- Imagine por quanto ela vendeu. Um local privilegiado. Vista incrível.

— Acho que o fato de a casa não ter sido modificada colaborou para a venda. Agora é moda anunciar “original”, não é? E acho que ela incluiu parte dos móveis no negócio.

Hal concordou com um murmúrio.

— Eu gostaria de ter morado naquela casa — disse ele.

— Eu, não. Perto demais do penhasco.

— É. Acho que é bem perto mesmo.

Às vezes eles conseguiam emendar longas conversas sem que nenhum dos dois fizesse menção ou mesmo pensasse naquilo em particular. Camille tentou conter o ímpeto de dizer algo mais sobre a casa apenas para prolongar a conversa. Era a coisa que nunca contavam sobre separações: você perdia a pessoa com quem geralmente fazia todos aqueles comentários mais ou menos interessantes que colecionava ao longo do dia. Coisas que não eram relevantes a ponto de merecer um telefonema para um conhecido ou amigo distante, apenas coisas sobre as quais você queria comentar. Era algo em que Hal sempre fora bom. Eles nunca ficavam sem ter sobre o que falar. E ela era grata por isso.

Camille sentiu o aroma do pato antes que fosse colocado diante dela: quente, gordo, suculento, com um toque cítrico no molho. Ela não tinha comido nada desde o café da manhã. Os sábados eram assim.

— Você vai à casa da sua mãe amanhã?

— Não.

— Então aonde você vai? — perguntou Camille.

Assim que as palavras saíram de sua boca, ela percebeu que soaram erradas. Uma leve inflexão lhes havia conferido uma dureza que ela não pretendia acrescentar. Então reformulou:

— Eu só queria saber se você tem algum plano especial.

Hal suspirou, como se pensasse na resposta.

— Bom, não sei se conta como “especial”, mas um dos meus vizinhos de Kirby vai dar um almoço, e Katie e eu fomos convidados. Ele tem uma filha pequena. Um ano mais nova — acrescentou. — Se não tiver problema para você, pensei em ir. Ela e Katie se dão muito bem.

Camille sorriu, tentando disfarçar um repentino desconforto. A ideia de que os dois tinham sido convidados sem ela era dolorosa; o pensamento de que Katie fizera amigos, fincara raízes no lugar onde ele morara...

— Está tudo bem?

— É claro que sim. Fiquei apenas interessada.

— Você pode ir, se quiser. Tenho certeza de que vai gostar deles. Eu teria perguntado, mas geralmente gosta de reservar um tempo para você

nos domingos.

— Não... não... vocês devem ir. É só... que eu sei tão pouco sobre sua vida lá. É... é difícil imaginar você... ela...

Hal baixou o garfo e a faca, parecendo refletir sobre o comentário.

— Sei — disse, por fim. — Quer que eu leve você algum dia? Para ter uma ideia do lugar?

Ela não queria.

— Não. Não, tenho certeza de que eu...

— Escute. Nós não vamos. Você não está à vontade. Não quero deixá-la desconfortável.

— Não estou nem um pouco desconfortável. De verdade. Vão, sim. É parte importante do seu passado, e é bom que algumas coisas boas tenham surgido dali. Podem ir de uma vez, andem.

As pessoas tinham que ser abertas com relação ao que acontecera no relacionamento, encarar o passado para seguir adiante. Foi isso o que a terapeuta disse.

Eles comeram em silêncio por algum tempo. À direita dela, um casal havia começado a discutir de maneira urgente, sussurrada. Camille manteve o rosto voltado para a frente, escutando a tensão na voz da mulher. O garçom se aproximou e encheu seu copo.

— O pato parece bom — comentou Hal.

Ele se mexeu um pouco de modo a encostar mais na perna dela. Uma pressão delicada, mas presente.

— Sim — concordou ela. — Está bom mesmo.

* * *

Katie ainda não havia adormecido quando o pai foi verificar se estava tudo bem; ela estava lendo um livro com as páginas amassadas que ele sabia que ela já tinha lido duas vezes. A menina se recusava a ler qualquer coisa nova no momento, simplesmente relia quatro ou cinco vezes seus livros favoritos, em revezamento, apesar de saber o final e até mesmo alguns trechos de cor.

— Ei, querida — disse ele em voz baixa.

Ela ergueu o olhar, o rosto puro e honesto iluminado à meia-luz. Sua beleza, plena aos oito anos, fez o coração dele ficar apertado ao considerar as mágoas e angústias futuras.

— Você devia estar dormindo.

— Foi bom o jantar?

— Foi ótimo.

Ela pareceu tranquilizada, fechou o livro e deixou que o pai a cobrisse com o edredom.

— Nós vamos para Kirby amanhã?

— Vamos. Se você ainda quiser ir.

— A mamãe vai?

— Não, não. Ela gosta que a gente fique um tempo junto.

— Mas ela não se importa?

— Claro que não. Ela acha legal você fazer novas amigas.

Katie continuou deitada em silêncio enquanto recebia cafuné do pai, o que ele fazia com frequência ultimamente, grato por ter a oportunidade de estar com a filha todos os dias que quisesse.

Ela se mexeu e virou-se para o pai, o cenho franzido.

— Papai...

— Sim?

— Sabe quando você foi embora...

Ele sentiu um aperto no peito.

— Sei.

— Você ficou chateado com a mamãe porque ela não conseguia ver?

Hal encarou o edredom da filha, com estampa cor-de-rosa de gatinhos e jarros de plantas. Depois colocou a mão sobre a da menina, que a levantou para retribuir o aperto.

— Mais ou menos, querida.

Ele fez uma pausa e soltou o ar demoradamente.

— Mas não foi por causa dos olhos da mamãe. No fundo, não foi por causa dos olhos dela.

11

As tradicionais cidadezinhas costeiras estavam de novo “na moda”. Ela havia lido sobre o assunto em uma dessas publicações coloridas que vinham dentro do jornal e em diversas revistas de decoração, assim como em um artigo de destaque no *Independent*. Após algumas prolongadas décadas nas quais os prazeres dos quebra-ventos, dos sanduíches cheios de areia e das pernas manchadas foram substituídos por bronzeados à base de Coppertone e pacotes baratos de férias, a maré aos poucos virava outra vez, e famílias, em especial as jovens, estavam se voltando para as ancestrais cidadezinhas à beira-mar, tentando recapturar a inocência mística da juventude. Os mais abastados logo adquiriram bangalôs ou chalés malconservados, enquanto os outros compravam cabanas de praia, elevando seus valores às alturas. Sidmouth no lugar de St. Tropez, Alicante suplantada por Aldeburgh; qualquer um que se prezasse vagueava agora por alguma cidadezinha costeira supostamente ainda tradicional, comendo peixe em restaurantes familiares e exaltando as delícias do bom e velho baldinho com pá.

Mas parece que ninguém tinha contado a novidade para Merham. Daisy, dirigindo devagar no meio da cidadezinha, com a visibilidade prejudicada pelo berço portátil, pela cadeira alta e pelos sacos de lixo cheios de roupa que ela enfiara a duras penas no porta-malas do carro, encarou a empoeirada loja de lãs, o supermercado popular e a igreja Adventista do Sétimo Dia, e de repente teve um mau pressentimento. Aquilo não era Primrose Hill. Mesmo banhada pela luz clara e brilhante de uma tarde de primavera, a cidade parecia desbotada e cansada, presa em uma desagradável combinação de eras em que tudo o que fosse bonito e ousado seria considerado exibicionista e indesejável.

Ela parou em um cruzamento enquanto duas mulheres mais velhas atravessavam arrastando os pés, uma se apoiando em um carrinho de compras e a outra, aborrecida, fungando em um lenço estampado, o cabelo preso embaixo de um capacete de plástico transparente.

Daisy estava dirigindo em círculos havia quase quinze minutos, tentando encontrar a casa, e durante esse tempo vira apenas duas pessoas que não tinham idade para se aposentar. A concessionária de automóveis estava tomada por um cartaz oferecendo descontos de “mobilidade” para os que tivessem alguma deficiência física, enquanto o único restaurante visível ficava entre uma loja de aparelhos de audição e não menos do que três brechós seguidos, cada um exibindo uma triste quantidade de louça fora de moda, calças masculinas de tamanhos avantajados e bichos de pelúcia que ninguém gostaria de abraçar. As únicas características que redimiam a cidade, pelo que ela percebia, eram a praia infundável, demarcada por quebra-mares apodrecidos, e o esplendor bem-cuidado, pós-palladiano, do parque municipal.

Ao avistar um homem com uma menininha, ela abriu a janela do carro e perguntou:

— Com licença?

Ele ergueu o olhar. As roupas acusavam sua relativa juventude, mas o rosto, por trás dos óculos de aros finos, estava exausto, prematuramente enrugado.

— O senhor mora aqui?

Ele lançou um olhar para a garotinha, que estava agarrada a uma caixa de pilhas, tentando ferozmente pegar uma delas.

— Moro.

— Pode me dizer como encontrar a Casa Arcádia?

Ele balançou a cabeça de leve em sinal de reconhecimento e analisou Daisy por um instante.

— A senhora é a decoradora, não é?

Ah, meu Deus, era verdade o que diziam desses lugares. Ela forçou um sorriso.

— Sou, sim. Ou pelo menos vou ser, quando encontrar a casa.

— Não é longe. Vire à direita, siga até a rotatória e suba a rua até depois do parque. Fica no penhasco. É a última casa.

— Obrigada.

A garotinha puxou a mão do pai.

— Papai... — chamou, impaciente.

— Acho que a senhora vai encontrar a antiga proprietária lá, à sua espera. Boa sorte — acrescentou ele, então de repente sorriu e deu meia-volta antes que ela pudesse perguntar como ele sabia.

A casa compensava o esforço. Ela soube no momento em que a vislumbrou; sentiu um lampejo de animação, o prazer diante de uma tela em branco, assim que a casa surgiu, ampla, branca e angular, no cume do caminho em curva. Era maior do que esperava, mais comprida e mais baixa, com camadas de janelas de tijolos de vidro e escotilhas feito olhos arregalados em direção ao mar reluzente. Ellie ainda dormia, por isso Daisy abriu a porta do carro, deslizou do banco e pisou no caminho de cascalho, o corpo doído e o suor se evaporando à medida que sorvia as linhas modernas, os ângulos marcantes e brutais, inspirando o fresco ar marítimo. Ela nem precisava olhar o interior; posicionada como um grande afloramento de pedra diante do vasto arco do oceano, sob a vastidão do céu, Daisy sabia que os quartos eram espaçosos e iluminados. Daniel tinha levado fotos enquanto ela estava em casa com a recém-nascida Ellie, e ela formulara algumas ideias à noite, desenhando alguns esboços. Os retratos, porém, não faziam justiça à casa, não tinham dado uma pista de sua beleza minimalista, seu encanto sério, e os projetos que eles haviam feito para o lugar já pareciam acanhados demais, simples demais.

Ela deu uma olhada para trás, certificando-se de que a bebê ainda dormia, depois correu até o portão aberto, que dava para o jardim com níveis feito uma escada. Havia uma varanda pavimentada, o piso gasto e coberto de líquen. Após uma série de degraus que desciam, tomados por um excesso de lilases, uma trilha seguia no meio de um espaço cercado por muros cobertos de vegetação até chegar à praia. Acima dela, a brisa murmurava, contemplativa, através dos galhos de dois pinheiros-da-escócia, enquanto um bando de pardais eufóricos mergulhava sem parar em uma cerca viva irregular de espinheiros.

Daisy olhou ao redor, já repleta de ideias, cada uma surgindo e sendo descartada conforme ela absorvia um traço novo, alguma junção incomum de espaço e linhas. Pensou brevemente em Daniel, no fato de que aquele projeto deveria ser deles, mas afastou o pensamento. Ela só seria capaz de fazer o trabalho se o tratasse como um novo começo; como se, conforme dissera Julia, ela tivesse recuperado todas as suas forças. A casa ajudava. Daisy desceu a escada passeando, espiando as janelas, virando-se para entender os diversos ângulos à vista, percebendo todas as possibilidades, a beleza latente. Ah, meu Deus, ela poderia transformar aquele lugar em algo mágico. O projeto trazia mais promessas do que qualquer outro em que já tivesse trabalhado; a casa poderia virar destaque

nas páginas das revistas de decoração mais descoladas, um refúgio que atrairia qualquer um com alguma noção do que era estilo de verdade. A casa vai propor sua própria ideia de restauração, pensou. Ela já está se comunicando comigo.

— Tentando fortalecer os pulmões dela, é?

Daisy deu meia-volta e se deparou com a filha, coberta de lágrimas, soluçando nos braços de uma mulher baixa e mais velha, o cabelo cinzento puxado para trás das orelhas e preso em um coque sério.

— Como é? — perguntou Daisy, subindo os degraus.

A mulher lhe entregou Ellie, várias pulseiras grossas batendo umas nas outras.

— Pensei que você estava querendo criar uma cantora de ópera, pelo modo como deixou a bebê chorando.

Daisy limpou com delicadeza as lágrimas de Ellie, que se inclinou para a frente, apoiando o rosto no peito da mãe.

— Eu não ouvi — disse, meio constrangida. — Não ouvi nada.

A mulher deu um passo adiante e olhou para além da decoradora, em direção ao mar.

— Pensei que vocês, jovens, fossem todas paranoicas com raptos de bebês hoje em dia. Com medo de deixar uma criança sozinha por um minuto.

Ela lançou um olhar neutro para Ellie, que sorria.

— Quantos meses tem? Quatro, cinco? Vocês todas funcionam de cabeça para baixo, pelo que eu posso notar. Se não estão se queixando do que estão colocando na boca dos filhos, ou enfiando as crianças em carros para viajar, vocês deixam os bebês chorando a quilômetros de qualquer lugar. Não faz sentido.

— Nós quase nunca estamos a quilômetros de qualquer lugar.

— Entregam os filhos para as babás, depois reclamam quando eles se apegam a elas.

— Eu não tenho babá. E não deixei minha filha sozinha de propósito. Ela estava dormindo.

Daisy ouviu o tremor petulante das lágrimas na própria voz. Pareciam estar ali o tempo todo nos últimos tempos, só esperando para irromperem.

— Tudo bem. Então, você vai precisar das chaves. Jones, ou seja qual for o nome dele, só pode chegar no meio da semana, por isso me pediu para receber você. Trouxe o berço antigo da minha neta. Tem algumas marcas na parte de cima, mas continua firme. Ainda restam alguns móveis aqui, além de utensílios de cozinha, mas eu trouxe roupa de cama e

toalhas, porque ele não me disse o que você traria. E deixei também uma caixa com mantimentos na cozinha. Achei que você não teria muita coisa para comer.

Ela deu uma olhada para trás.

— Meu marido vai trazer um micro-ondas mais tarde, porque não conseguimos fazer o fogão funcionar, então você vai poder aquecer as mamadeiras. Ele vem por volta das seis e meia.

Daisy não sabia como reagir à mudança súbita no comportamento da mulher, da censura para a generosidade.

— Obrigada.

— Eu venho de vez em quando. Não vou atrapalhar. Mas ainda tenho que retirar algumas coisas. Jones disse que eu podia fazer isso com calma.

— Sim. Hum... desculpe. Não lembro seu nome.

— Foi porque eu não disse. Sou a Sra. Bernard.

— Eu me chamo Daisy. Daisy Parsons.

— Eu sei.

Quando Daisy estendeu a mão, apoiando o peso de Ellie no quadril, reparou que a mulher mais velha olhou de relance para seu dedo anular.

— Você vai ficar aqui sozinha?

Daisy olhou inconscientemente para a própria mão.

— Vou.

A Sra. Bernard assentiu, como se esse fosse o esperado.

— Vou entrar e verificar se o aquecimento está funcionando, depois vou embora. Você não vai precisar ligá-lo agora, mas há uma previsão de geada para a noite.

Quando ela chegou ao portão do lado da casa, virou-se e falou alto:

— Tem um bocado de gente que não gosta deste lugar. Esse pessoal vai aparecer logo, logo apontando o que você está fazendo errado.

— Vou me preparar para isso, então — disse Daisy, desanimada.

— Eu não daria ouvidos. Esta casa sempre irritou essa gente, de uma forma ou de outra. Não vejo por que agora seria diferente.

* * *

Foi só quando Ellie estava acomodada na cama de casal, segura entre um monte de travesseiros, que as lágrimas vieram. Daisy ficou parada no meio da casa semimobiliada, exausta, solitária e, sem a distração da filha, incapaz de escapar da gigantesca tarefa que tinha assumido... sozinha.

Ela pegou uma refeição pronta, acendeu um cigarro (um hábito readquirido) e vagou pelos cômodos decrepitos com cheiro de tecidos mofados e cera de abelha. Aos poucos a visão de páginas lustrosas e paredes modernistas foi substituída por imagens alternativas: de si mesma segurando um bebê aos gritos, diante de operários teimosos e um proprietário furioso enquanto, do lado de fora, uma multidão de moradores zangados exigia que ela se mudasse.

O que foi que eu fiz?, pensou, triste. Essa tarefa é grande demais, muito além do que sou capaz. Eu poderia gastar um mês em um único cômodo. Porém, não havia volta: o apartamento de Primrose Hill estava vazio, o que restava de seus móveis tinha ido para o celeiro da irmã, meia dúzia de mensagens explicativas, aparentemente ignoradas, deixadas na secretária eletrônica da mãe de Daniel. (Perturbada e com pesar, ela afirmara que também não sabia onde ele estava.) Se ele não ouvisse as mensagens, não saberia onde encontrar Daisy e a filha. Caso tivesse planos de encontrá-las.

Pensou em Ellie, dormindo em paz, sem saber que o pai a havia abandonado. Como ela lidaria com a constatação de que ele não a amava a ponto de ficar próximo dela? Como era possível que ele não a amasse assim?

Por quase vinte minutos ela chorou em silêncio, cautelosa, ainda com medo de perturbar a neném, mesmo naquele espaço gigantesco. Então, finalmente, a combinação entre exaustão e o distante vaivém e assobio do mar a induziram ao sono.

Quando despertou, havia outra caixa na porta de entrada. Continha um litro de leite integral, um mapa oficial de Merham e arredores, além de uma pequena seleção de brinquedos velhos de bebê, mas imaculados.

* * *

Para uma bebê que, com mais frequência que o normal, considerava ficar sentada na extremidade diferente de um sofá um trauma grande o bastante para desencadear uma crise demorada de choro, Ellie se adaptou à nova casa com uma rapidez extraordinária. Ela ficava deitada no meio da manta de crochê, olhando pela janela imensa e dando gritinhos de alegria com as gaivotas que mergulhavam e guinchavam vigorosamente no céu diante dela. Escorada, observava a mãe se movimentar no cômodo, as mãozinhas tateando para levar à boca qualquer objeto próximo. À noite, dormia de quatro a cinco horas seguidas — pela primeira vez em sua curta vida.

A aparente satisfação de Ellie no novo ambiente significava que, naqueles primeiros dias, Daisy foi capaz de rascunhar novos projetos para a reforma, tirando inspiração dos esboços ainda visíveis em algumas paredes, os rabiscos quase legíveis que permaneceram incólumes por várias décadas. Ela perguntou à Sra. Bernard sobre os esboços, curiosa para saber quem os pusera ali, mas a mulher apenas disse que não sabia, que sempre estiveram ali e que, em certa ocasião, um amigo da filha, ainda criança, ao olhar os desenhos na parede, rabiscara por cima de um deles, e ela o golpeará com um cabo de vassoura.

A Sra. Bernard aparecia todos os dias. Daisy ainda não sabia dizer por quê; ela não parecia desfrutar prazer algum de sua companhia e fungava com indiferença em resposta à maioria de suas sugestões.

— Não sei por que você está me contando isso — comentou a Sra. Bernard certa vez, quando Daisy pareceu decepcionada com sua reação.

— Porque a casa era sua? — respondeu Daisy, aborrecida com o tom de voz da outra.

— E agora não é mais. Não faz sentido olhar para o passado. Se você sabe o que pretende fazer com a casa, deve ir em frente. Não precisa da minha aprovação.

Daisy sentiu que o comentário soara mais hostil do que de fato era.

A atração, pensava Daisy, era Ellie. A Sra. Bernard se aproximava da neném timidamente, quase temerosa, como se esperasse que lhe dissessem para não se meter. Mas depois, com um olhar de soslaio para a mãe, pegava a menina no colo, ganhando confiança aos poucos, carregando-a pelos cômodos, apontando as coisas, falando com Ellie como se ela fosse dez anos mais velha, parecendo apreciar as respostas da bebê. Em seguida, com um mínimo indício de desafio na voz, anunciava: “Ela gosta de olhar para os pinheiros” ou “Azul é a cor preferida dela”. Daisy não se importava; ficava agradecida por ter alguém para cuidar da filha. Isso a ajudava a manter o foco nos esboços, uma vez que já tinha compreendido que tentar reformar o local com uma bebê de cinco meses a tiracolo seria uma missão quase impossível.

A Sra. Bernard contava pouco a respeito de sua participação na história da casa, e, embora Daisy estivesse cada vez mais curiosa, algo no comportamento da mulher a desencorajava a indagar com maior insistência. Ela comentou brevemente, em uma conversa, que foi proprietária da casa “a vida toda”, que o marido nunca ia lá e que o motivo pelo qual o segundo quarto mais espaçoso ainda acomodava uma cama e uma cômoda era porque ela o tinha usado como refúgio durante a maior

parte de sua vida de casada. Não contou nada mais sobre a família. Daisy não comentou nada sobre a própria vida. Elas conviviam com uma tranquilidade desconfortável, na qual Daisy era grata pelo interesse que a Sra. Bernard nutria por Ellie, mas tinha consciência de algum tipo de desaprovação latente, tanto por conta de sua situação pessoal quanto de seus planos para o hotel. Daisy sentia um pouco como se fosse se tornar a nora da mulher e que não estivesse à altura da função, apesar de não lhe explicarem o porquê.

* * *

Na quarta-feira, porém, a fase de comportamento incomumente amigável de Ellie acabou de súbito. Ela acordou às quinze para as cinco e se recusou a dormir novamente, de modo que às nove horas Daisy já estava vesga de exaustão, perdida sobre como manter contente a filha mal-humorada. Chovia, e nuvens pesadas e escuras flutuavam no céu, deixando ambas confinadas na casa, os arbustos lá fora pendendo sob o peso do vento. Abaixo delas, o mar estava agitado, inquieto, cinza-escuro, uma vista pouco convidativa, projetada para impedir quaisquer ilusões de romantismo a respeito do litoral britânico. E a Sra. Bernard escolheu justo aquele dia para não aparecer. Daisy se viu zanzando pela casa sem parar, balançando a filha para cima e para baixo, junto ao peito, enquanto tentava abrir um espaço em sua mente sentimental para pisos de madeira de demolição e maçanetas de aço polido.

— Vamos lá, Ellie, *por favor*, querida — sussurrava, sem surtir efeito, e a criança chorava mais alto e mais forte, como se a súplica da mãe fosse uma afronta.

Jones chegou às quinze para as onze, exatos dois minutos e meio depois de Daisy ter enfim colocado Ellie para dormir e trinta segundos após acender o primeiro cigarro do dia. Ela deu uma olhada na sala bagunçada, repleta de xícaras de café pela metade e as sobras da refeição pronta da noite anterior, e ficou pensando que tarefa teria energia para enfrentar primeiro. Ele bateu a porta, é óbvio, o que significou que Ellie, no andar de cima, na mesma hora inundou o ar com um berro de ultraje, fazendo Daisy xingar o novo cliente enquanto ele, por sua vez, encarava, incrédulo, a sala de estar menos-do-que-minimalista.

— Jones — apresentou-se olhando para o teto, de onde vinham os berros abafados de Ellie. — Imagino que você tenha esquecido que eu viria hoje.

Ele era mais jovem do que ela havia imaginado, talvez se aproximando da meia-idade em vez de saindo dela, e de aparência mais séria, as sobrancelhas escuras espessas sobre um nariz que já havia sido fraturado. Ele também era alto e ligeiramente acima do peso, o que lhe dava o ar pouco refinado de um jogador de rúgbi, mas tudo isso era compensado por uma calça de lã cinza e uma camisa cara e macia da mesma cor; o traje discreto dos convenientemente ricos.

Daisy tentou ignorar o choro da filha. Ela estendeu a mão, tentando conter o desejo de repreendê-lo pela entrada barulhenta e sem consideração.

— Daisy. Sabe, é que... Ela... ela está um pouco irritada hoje de manhã. Normalmente não é assim. Aceita um café?

Ele deu uma espiada nas xícaras espalhadas pelo chão.

— Não, obrigado. Está com cheiro de fumaça aqui.

— Eu ia mesmo abrir as janelas.

— Eu preferiria que você não fumasse dentro da casa. Se possível. Você lembra por que estou aqui?

Daisy pensou desesperadamente em algum vestígio de informação armazenada. Era como se tentasse enxergar através de uma cortina de algodão.

— A fiscal da prefeitura. Ela deve vir essa manhã para dar uma olhada nos projetos dos banheiros. E a conversão da garagem? Para os apartamentos dos funcionários?

Daisy tinha uma leve lembrança de uma carta mencionando algo parecido. Ela a enfiara em uma sacola junto com o resto do material arquivado.

— Sim — respondeu ela. — É claro.

Ele não se deixou enganar.

— Talvez você queira que eu busque minha cópia do projeto no carro, assim pelo menos vamos parecer preparados.

No andar de cima, Ellie atingia o volume máximo.

— Estou preparada. Sei que tudo parece um pouco caótico, mas eu ainda não tive a oportunidade de arrumar as coisas hoje.

Daisy tinha parado de amamentar havia quase três semanas, mas o som do choro prolongado de Ellie fez seu leite começar a vazar, o que ela percebeu com certo pavor.

— Vou pegar minha pasta — disse, apressada. — Está lá em cima.

— Acho que é melhor eu tentar organizar as coisas aqui. Queremos ao menos que ela *pense* que somos profissionais, não é?

Ela forçou um sorriso e passou correndo por ele em direção à escada, resmungando algumas imprecações no caminho. Ao chegar no quarto que dividia com Ellie, acalmou a filha, que tinha o rosto vermelho, e remexeu em sua mala à procura de algo um pouco mais profissional para vestir. Ou apenas que não fosse de moletom nem estivesse manchado de vômito de bebê. Encontrou uma roupa preta, saia longa e blusa de gola alta, e a vestiu, enchendo o sutiã de lenço de papel para absorver qualquer vazamento constrangedor. Então, após prender o cabelo em um rabo de cavalo (ao menos a irmã a fizera tingir as raízes), desceu a escada, com uma Ellie mais calma no colo e a pasta dos projetos de banheiros embaixo do outro braço.

— O que é isso?

Ele mostrava uma pilha dos novos esboços que ela fizera.

— Apenas algumas ideias. Eu ia lhe falar...

— Pensei que tivéssemos chegado a um acordo. Sobre cada cômodo. Em relação aos custos.

— Eu sei. Acontece que, quando cheguei aqui, o espaço era tão incrível... Fiquei inspirada. Acabei pensando em outras opções.

— Atenha-se ao projeto, está bem? Já estamos com o prazo apertado. Não posso me dar ao luxo de começar a desviar do que foi planejado.

Ele jogou os papéis no sofá velho.

Algo na maneira como os rascunhos voaram até o chão deixou Daisy indignada.

— Eu não estava pensando em cobrar mais — disse ela, enfática. — Só achei que você gostaria de ter o melhor projeto possível para o espaço.

Daisy se esforçou para sustentar o olhar impenetrável de Jones, determinada a não se deixar constranger por aquele homem, depois de ter se curvado a todo o resto. Ele não achava que ela fosse capaz de cumprir a tarefa: era evidente por sua atitude, pela maneira como suspirava sem parar enquanto andava pela sala, como a interrompia, como a olhava de cima a baixo, dando a entender que ela era algo desagradável que tivesse acabado de entrar no recinto.

Daisy pensou, por um instante, em Weybridge. Então Ellie espirrou, resmungou alto e despejou o conteúdo venenoso do intestino no macacão limpo.

Ele foi embora, parcialmente apaziguado, depois do almoço. O projeto fora aprovado pela fiscal, que, como Daisy reparou, ficou tão distraída e apaixonada por Ellie, já arrumada e encantadora, que teria aprovado, com condições, uma rodovia de três pistas saindo da despensa até o jardim.

— É ótimo ver esta casa ser usada depois de todos esses anos, sabe — comentara ela, quando deram uma volta pela propriedade. — E uma agradável mudança para mim, me deparar com algo um pouco mais ambicioso. Em geral, encontro jardins de inverno e garagens duplas. Acho que vai ficar maravilhoso, e, contanto que se atenham ao projeto apresentado, não vejo nenhum problema com o conselho do bairro.

— Eu soube que alguns moradores não estão muito satisfeitos com a reforma da casa — comentou Daisy, recebendo um olhar severo de Jones.

Mas a fiscal deu de ombros.

— Cá entre nós, as pessoas desta cidade são muito apegadas ao passado. E isso tem tido um custo para elas. Os outros pequenos balneários deixaram um ou outro bar ou restaurante se alojar na orla e estão prosperando o ano todo. A pobre Merham estava tão preocupada em manter tudo exatamente como era antes que acho que acabou não percebendo como as coisas são hoje em dia.

Ela fez um gesto para fora da janela, em direção à costa.

— Quer dizer, está ficando em um estado meio precário. Não há nada para os jovens. Pessoalmente, acho que vai ser uma injeção na veia se conseguirmos novos visitantes. Mas não digam que eu falei isso.

Ela fez mais um afago na bochecha de Ellie e foi embora, com a promessa de manter contato.

— Bom, acho que tudo correu muito bem.

Daisy, caminhando de volta pelo corredor, estava determinada a receber algum crédito.

— Como ela disse, a cidade precisa do negócio.

— Ainda assim, estou contente por ter aprovado o projeto.

— Se você fez seu trabalho corretamente, não haveria motivo para ela não aprovar. Agora preciso voltar a Londres. Tenho uma reunião às cinco. Quando os operários vão começar?

Havia alguma coisa intimidadora até mesmo no tamanho dele. Daisy se sentiu diminuir quando Jones passou por ela em direção à porta.

— Os encanadores vêm na terça-feira, e os pedreiros começam a mexer naquela parede da cozinha dois dias depois.

— Ótimo. Mantenha contato. Volto na próxima semana. Enquanto isso, você precisa encontrar ajuda para cuidar da criança. Não dá para ficar

se distraíndo com a bebê quando tinha que estar trabalhando na reforma. Aliás... — Ele olhou para baixo. — Você está com papel higiênico pendurado para fora da blusa.

Ele não se despediu. Mas fechou a porta com cuidado ao sair.

* * *

Havia sempre uma cama para elas em Weybridge. Ela não podia se esquecer disso, falou a irmã ao telefone. Pela terceira vez. Realmente achava que Daisy estava louca de arrastar a filha bebê para uma casa caindo aos pedaços, velha e fria, à beira-mar, quando poderia estar morando com toda a pompa e todo o aquecimento central no melhor quarto do celeiro de Julia, com o bônus de ter alguém para ajudar com os cuidados maternos. No entanto, ela precisava lidar com as coisas à sua maneira. Pelo menos Julia compreendia isso.

— Só quero que saiba que estou sempre disponível para acudir você.

— Não estou mais precisando de ajuda. Estou bem.

Daisy soava mais convincente do que se sentia.

— Está contando calorias?

— Não. Nem estou fazendo exercícios. Nem usando secador de cabelo.

Ando ocupada demais.

— Estar ocupada é bom. É bom manter a mente ativa. E o Pimpinela Escarlata? Teve notícias dele?

— Não.

Ela havia desistido de telefonar para a sogra. Estava ficando constrangedor.

— Bem, sei que você não queria, mas descobri o número da instituição de apoio à criança, para quando você estiver pronta para pensar na pensão.

— Julia...

— Se ele quer brincar de homem adulto, deve estar preparado para encarar as consequências de homem adulto. Olhe, não quero forçar nada. Estou apenas falando que guardei o telefone. Para quando você estiver pronta. Assim como meu celeiro. Está tudo aqui, esperando por vocês.

Daisy empurrou o carrinho de Ellie ao longo do passeio costeiro, tragando o quarto cigarro da manhã. Julia não achava que ela ia conseguir. Acreditava que a irmã faria algum progresso no projeto Arcádia e então admitiria que era difícil demais, desistiria e voltaria para casa. Daisy não podia culpá-la, considerando o estado em que a encontrara. E, nos últimos dias, Weybridge de fato tinha começado a parecer estranhamente atraente.

Os encanadores não apareceram na terça-feira, conforme prometido, pois tiveram uma série de supostas emergências. Os pedreiros começaram a demolir a parede da cozinha, mas a viga de aço de sustentação não fora entregue, por isso eles interromperam o serviço com um buraco do tamanho de um carro “só por precaução”. No momento estavam sentados na varanda, desfrutando o sol da primavera e apostando que cavalo ganharia a Taça de Ouro de Cheltenham. Quando Daisy perguntou se não tinham mais nada para fazer, eles começaram a vociferar sobre vigas de aço e regulamentos de segurança. Ela endireitou o queixo para não chorar e tentou não pensar em como as coisas seriam diferentes se fosse Daniel lidando com eles. Finalmente, após passar a maior parte da manhã discutindo no telefone com vários fornecedores, ela se aventurou a tomar um pouco de ar. E comprar mais chá. Considerando que teoricamente era a responsável pelo projeto, Daisy ouvira a expressão “com leite e duas pedras de açúcar” muito mais vezes do que seria conveniente.

Era uma pena, na verdade, porque, se não fosse a tensão provocada pela obra na Arcádia, ela se sentiria quase feliz naquela manhã. O local parecia conspirar para fazê-la se sentir melhor, o mar e o céu feito uma série de azuis vivos, os narcisos da primavera balançando alegremente ao longo do caminho, uma brisa suave anunciando os próximos meses de verão. Ellie dava gritinhos e cantava com as gaivotas que voavam diante delas, na esperança de que algum pedaço de pão fosse arremessado do carrinho. No ar fresco, as bochechas da bebê reluziam feito maçãs vermelhas. (“Curtidas pelo vento”, disse a Sra. Bernard em tom de desaprovação.) A cidade também parecia mais alegre, em grande parte graças à presença de tendas de mercado espalhadas pela pracinha, os toldos listrados e as bancadas repletas de mercadorias trazendo um traço, tão necessário, de vida e cores.

— Olhe, Ellie — disse ela —, a mamãe podia esbanjar e preparar batata assada à noite.

Ela havia parado de comer refeições prontas e passado a se alimentar de pão com manteiga, ou dos restos das papinhas de Ellie. Frequentemente se sentia extenuada demais até para isso e adormecia no sofá, onde estivesse, acordando às cinco da manhã com o estômago doendo de fome.

Daisy parou por um tempo na bancada de frutas e legumes, pegando cenouras para Ellie e frutas para si mesma. Não era preciso cozinhar frutas. Foi quando pegou o troco que sentiu um tapinha no ombro.

— Você é a moça da casa da atriz?

— Desculpe?

Daisy desviou a atenção de seu deslumbramento orgânico e se deparou com uma mulher de meia-idade ostentando um casaco verde de náilon, o predileto dos donos de cavalos, e um chapéu de feltro vinho enfiado na cabeça. De forma menos convencional, na parte posterior das pernas usava polainas vermelho-escuras grossas para esquentar as panturrilhas e tênis neutros. Ela também estava, assim como seu pastor-alemão pulguento, um pouco perto demais.

— Você é a moça da Casa Arcádia? Que está colocando tudo abaixo?

O tom de voz dela era agressivo, chamando a atenção de diversos passantes. Eles se viraram, curiosos, as compras ainda nas mãos.

— Não estou “colocando tudo abaixo”, mas, sim, sou a decoradora responsável pela reforma da Casa Arcádia.

— E é verdade que vocês vão fazer um bar? Para atrair todo tipo de gente de Londres?

— Vai haver um bar, sim. Não sei dizer como vai ser a clientela porque só sou responsável pela reforma.

O rosto da mulher ficava cada vez mais corado. A voz indicava que ela gostava de ter suas opiniões ouvidas. O cão, aparentemente ignorado, aproximava o focinho da virilha de Daisy de modo desconfortável. Ela fez um movimento rápido como se fosse enxotá-lo, mas ele a encarava com olhos amarelos e vidrados, e aproximou ainda mais o focinho.

— Meu nome é Sylvia Rowan. Sou proprietária do Riviera. E sinto que é meu dever avisá-la que não queremos outro hotel por aqui. Principalmente um que vai atrair todo tipo de gente indesejável.

— Não consigo pensar em...

— Porque aqui não é esse tipo de lugar. Você não sabe, mas trabalhamos muito para manter nossa cidade especial.

— Pode ser especial, mas acho que vocês não fazem fronteira com o Vaticano.

Pelo menos quatro rostos chegaram mais perto, esperando o capítulo seguinte daquele embate. Daisy se sentiu vulnerável com a filha diante dela e, para compensar, ficou incomumente agressiva.

— Tudo o que estamos fazendo no hotel tem permissão legal. E qualquer bar certamente contará com a aprovação das autoridades de licenciamento competentes. Agora, se me der licença...

— Você não entende, não é?

Sylvia Rowan parou com firmeza na frente do carrinho de Ellie, de forma que Daisy precisaria dar a volta e encarar a crescente multidão de

curiosos ou atropelá-la. O cão olhava para sua virilha com uma expressão que poderia tanto ser entusiasmo quanto malevolência. Difícil distinguir.

— Morei nesta cidade minha vida inteira, e todos lutamos muito para manter certos padrões elevados por aqui — vociferou Sylvia Rowan, apontando a carteira na direção do peito de Daisy. — Isso inclui impedir que um sem-número de bares e cafés atravanquem a costa, diferentemente de muitas outras cidades costeiras. Dessa forma, aqui ainda é um local agradável para os residentes e atraente para os visitantes.

— E nada a ver com o fato de que seu hotel tem um dos bares.

— Isso é irrelevante. Moro aqui desde que nasci.

— E talvez seja por isso que você não percebe como a cidade ficou decadente.

— Olhe, moça, seja você quem for, não queremos a ralé aqui. E não queremos ser invadidos por uma enchente de bêbados do Soho. Não somos este tipo de cidade.

— E a Casa Arcádia não vai se tornar este tipo de hotel. Para sua informação, nossa clientela será de muito prestígio, o tipo de gente que fica feliz em pagar uma diária de duzentas ou trezentas libras. E esse tipo de pessoa espera encontrar bom gosto, decoro, muita paz e tranquilidade. Então por que você não cai na real e me deixa em paz para fazer meu trabalho?

Daisy desviou o carrinho, ignorando as batatas que saíam da sacola, e começou a caminhar, decidida, pela praça do mercado, piscando furiosamente. Ela se virou, gritando para o ar:

— E você deveria treinar melhor seu cachorro. Ele é incrivelmente mal-educado.

— Pode falar para seu patrão, mocinha, que você ainda não ouviu da missa a metade.

A voz de Sylvia Rowan ainda chegava até ela.

— *Nós somos o povo da Inglaterra... e ainda não nos pronunciamos.*

— Ah, cai fora, sua velha — resmungou Daisy.

Depois, em segurança e fora da visão dos pedestres, parou, acendeu o quinto cigarro do dia, tragou profundamente e desatou a chorar.

12

Daisy Parsons tinha tudo para ser o tipo de jovem sobre o qual as pessoas mais velhas murmuram com tom de aprovação: “Que garota adorável.” E ela era mesmo adorável; foi uma criança doce, com os cachos dourados de uma modelo de Miss Pears, um sorriso fácil e o desejo de satisfazer. Frequentou colégios particulares, onde era querida por todos, e estudou com afinco para passar nos exames para o curso de arquitetura, artes e design, para o qual, segundo os professores, ela “levava jeito”. Na adolescência, à parte um experimento malsucedido com tintura de cabelo feita com vegetais, Daisy não fez nada que assustasse os pais ou os deixasse acordados e nervosos nas primeiras horas da manhã. Teve poucos namorados, selecionados com cuidado e em geral legais. Ela terminava com eles com pesar, normalmente acompanhada de algumas lágrimas de remorso, de modo que, no futuro, quase todos a olhavam sem rancor e com frequência como “aquela que eu perdi”.

Então Daniel apareceu: o alto, moreno e lindo Daniel, com pais respeitáveis, ambos contadores, ética de trabalho protestante e gosto exigente. O tipo de homem que fazia qualquer outra garota ficar insatisfeita com o próprio namorado. Daniel chegou para protegê-la quando ela estava começando a ficar cansada de cuidar de si mesma, e ambos se adaptaram aos seus respectivos papéis na relação com a felicidade de uma galinha se instalando no poleiro. Daniel era a força motriz no trabalho, o determinado, o incisivo. O protetor. Isso liberava Daisy para se tornar a versão perfeita de si mesma: linda, doce, sensual, confiante da adoração dele. Uma garota adorável. Cada um via a imagem perfeita de si mesmo refletida nos olhos do outro e gostava. Eles raramente discutiam, não havia necessidade. Além disso, nenhum dos dois gostava da bagunça emocional de uma discussão, a não ser que soubessem que estava servindo como preliminares.

Por isso, nada preparou Daisy para aquela nova vida, em que se via jogada sob um holofote permanente de desaprovação e em contendas quase incessantes — com os operários, os moradores da cidade, os pais de

Daniel —, no momento em que ela mais se sentia especialmente vulnerável, e sem nem mesmo sua tradicional armadura de encanto para apoiá-la. Os encanadores, parecendo ignorar seus pedidos, foram embora para trabalhar em outra obra porque não podiam começar a fazer as instalações nos banheiros antes que os pedreiros terminassem de cobrir a superfície por cima da nova fossa séptica. Os pedreiros não podiam cobrir a superfície porque estavam esperando peças faltantes. Os fornecedores aparentemente haviam emigrado. Sylvia Rowan, pelo que se dizia, estava planejando uma reunião pública para fazer objeção à profanação da Casa Arcádia e ao risco aos padrões, à moral e ao bem-estar geral dos cidadãos de Merham se fosse permitida a continuação da reforma.

Jones, por sua vez, ficou furioso no dia seguinte ao confronto na praça do mercado e descarregou uma torrente verbal sobre as variadas maneiras pelas quais ela já havia deixado de corresponder às expectativas. Ele não acreditava que já estavam atrasados no cronograma da obra. Não entendia por que a viga de aço, quando finalmente chegou, era da largura errada. Tinha pouca esperança de que inaugurassem na data planejada, em agosto. E, para ser franco, estava começando a se questionar se Daisy tinha engajamento e habilidade suficientes para terminar o trabalho de maneira satisfatória.

— Você não está me dando oportunidade — argumentou Daisy, retraindo as lágrimas.

— Você não faz ideia de quantas oportunidades estou lhe dando — retrucou ele, e desligou.

A Sra. Bernard apareceu na porta com Ellie.

— Você não vai começar a chorar — disse, indicando a varanda com a cabeça. — Eles já não estão levando você a sério. Se começar a chorar em qualquer lugar, vão rebaixá-la a cabelos e hormônios.

— Muito obrigada, Sra. Bernard. Foi de grande ajuda.

— Só estou dizendo que você não vai querer que eles pisem em você.

— E estou apenas dizendo, quando eu quiser sua maldita opinião, eu peço.

Daisy jogou uma pasta em cima da mesa e saiu para finalmente perder a paciência com os pedreiros; era a segunda vez na vida que fazia isso (a primeira foi quando Daniel admitiu que havia despachado o Sr. Coelho para a lixeira usando a desculpa que o bicho de pelúcia baixava o nível do quarto deles). Desta vez, ela gritou tão alto que sua voz foi ouvida até a igreja, recitando uma série de ameaças e imprecações filtradas pelo ar da cidade, mais acostumada com os gritos de gaivotas e alfaiates. O rádio,

enquanto isso, foi visto voando em uma trajetória rápida por cima do penhasco até se espatifar nas pedras. Tudo seguido por um silêncio prolongado, depois por murmúrios e pelo lento arrastar de pés enquanto seis pedreiros inconformados encontraram outras ocupações.

Daisy voltou marchando para dentro da casa, as mãos nos quadris como se repousassem em um coldre, exaltada, como os pedreiros mais tarde sussurrariam, e pronta para explodir de novo.

Desta vez, ela encontrou silêncio. A Sra. Bernard e Ellie, ambas sorrindo, retornaram à cozinha.

* * *

— Então, como está indo lá?

Camille dobrou a película de plástico por cima do creme perfumado, depois colocou as mãos da mãe nas luvas aquecidas. Era o único tratamento com o qual concordara: manicure toda semana. Tratamentos faciais, corporais, tudo era perda de tempo, mas ela sempre cuidara das mãos. Decidira havia muito tempo: se o toque era uma das principais maneiras de se comunicar com a filha, então deveria ser sempre prazeroso.

— Está indo.

— Você está achando difícil?

— Eu? — A mãe fungou. — Não. Não faz diferença nenhuma para mim o que eles fazem lá. Mas acho que a pobre garota está se esforçando bastante.

— Por quê?

Camille foi até a porta para pedir uma xícara de chá.

— Tess contou que ouviu dizer que ela estava sozinha com um bebê.

— Ela está. E com cara de enterro durante metade do tempo. Os operários acham que ela é uma piada.

— Você acha que ela vai aguentar?

— Da maneira como está? Provavelmente não. Ela acha difícil falar “mu” para uma vaca. Não vejo como vai conseguir reformar o hotel. E só tem até agosto.

— Coitada.

Camille se sentou de frente para a mãe.

— Nós deveríamos visitá-la. Deve estar se sentindo sozinha.

Ela estendeu a mão por trás de si e, sem se atrapalhar, encontrou o creme, que começou a passar nas próprias mãos.

— Eu vou o tempo todo.

— Você vai por causa do bebê. Até eu sei disso.

— Ela não vai querer você tropeçando por ali. Vai parecer que eu falei dela.

— Você falou dela. Vamos lá, a gente tira um dia de folga. Katie ia adorar. Ela não vai lá há séculos.

— Hal não deveria estar trabalhando?

— Hal tem direito a um fim de semana, mãe, assim como todos nós.

A mãe fez um barulho rouco.

— Olhe, você não vai querer que ela fique triste demais. Se isso acontecer, vamos ter um idiota instalando pedestais dourados, Jacuzzis e coisas afins. Ah, olá, Tess. Com leite, sem açúcar, quando você puder. Vão colocar antenas parabólicas, e organizar seminários de negócios lá todo fim de semana.

— Tudo bem, Sra. Bernard?

— Estou bem, obrigada, Tess. Minha filha está tentando meter o nariz na Arcádia.

Tess riu.

— Aah, Camille, acho melhor você ficar de fora desse assunto. Vai haver uma batalha por causa daquele hotel. Sylvia Rowan esteve aqui, falando disso aos berros a manhã toda. “Nunca teria acontecido nos velhos tempos da Associação de Pousadas” — disse ela, imitando a mulher.

Camille colocou o creme na prateleira atrás dela e fechou a porta de um armário.

— Mais uma razão para mostrar à moça um ou dois rostos amigáveis. Só Deus sabe no que ela acha que se meteu.

A Sra. Bernard balançou a cabeça com irritação.

— Ah, tudo bem. Vamos lá no domingo. Vou falar para ela se preparar para uma invasão.

— Ótimo. Mas você precisa levar o papai também. Ele, na verdade, está bem interessado em ver o que ela está fazendo.

— Ah, imagino que deva estar mesmo.

— O quê?

— Ele acha que, agora que abri mão da Arcádia, vou passar todo o meu tempo livre em casa com ele.

* * *

Todos foram, no fim das contas. Um passeio da família Bernard, como o pai de Camille animadamente nomeou, levando todos no amado Jaguar

até a entrada de cascalho.

— Vou falar uma coisa, amigos, eu não me lembro de quando foi a última vez que saímos todos juntos.

Daisy, parada na porta com sua única camisa boa e a filha no colo, olhou para o Sr. Bernard com interesse. A Sra. Bernard parecia ter um temperamento solitário, então era bem difícil imaginá-la com aquele homem amável, bonachão, de olhos humildes e mãos do tamanho de presuntos. Ele usava camisa e gravata, o tipo de homem que sempre se vestia assim nos fins de semana, e sapatos bem engraxados. Você pode saber muito sobre um homem pelo brilho dos seus sapatos, disse ele a Daisy mais tarde. Quando conheceu Hal e seus sapatos de camurça marrom, pensou que ele fosse comunista. Ou um maricas.

— No batizado de Katie — gritou Camille, que segurava a porta do carro enquanto Katie e Rollo saíam do banco traseiro. Ela fez um gesto vago em direção à casa. — Olá. Camille Hatton.

— Aquilo não conta — disse Hal. — Mal foi um passeio.

— E eu não lembro — falou Katie.

— Dia das Mães três anos atrás, quando levamos você e Camille àquele restaurante em Halstead... O que ele era mesmo?

— Supervalorizado.

— Obrigada, sogra. Francês, não era?

— A única coisa francesa naquele lugar era o cheiro de esgoto. Eu trouxe uns bolos. Não queria dar muito trabalho — respondeu a Sra. Bernard, entregando a Daisy a caixa que ela levava no colo, tirando a dócil Ellie dos braços da mãe em troca.

— Que gentil — disse Daisy, que estava começando a se sentir invisível. — Obrigada.

— Nós nos divertimos muito — contou o Sr. Bernard, apertando a mão de Daisy calorosamente. — Eu comi filé *au poivre*. Ainda lembro. E Katie comeu frutos do mar, não foi, meu bem?

— Não sei — respondeu a menina. — Aqui não tem mesmo televisão?

— Não. Foi você quem me indicou a direção da casa — disse Daisy quando Hal se aproximou.

— Hal Hatton. E você já conheceu Katie.

O rosto dele parecia mais jovem, mais relaxado do que da última vez que se encontraram.

— Gentil da sua parte nos receber. Ouvi dizer que você está com um prazo curto. — Ele deu um passo para trás. — Nossa, não venho nesse lugar há anos.

— Algumas paredes foram derrubadas, e alguns dos quartos menores viraram banheiros — disse a Sra. Bernard, seguindo o olhar dele. — Ao que parece, todos querem uma suíte hoje em dia.

— Gostariam de entrar? — perguntou Daisy. — Encontrei algumas cadeiras e coloquei lá na varanda, afinal o dia está muito bonito. Mas posso levá-las para dentro, se preferirem. E tomem cuidado com os entulhos.

Foi só quando segurou a porta aberta que percebeu que a mulher loura não enxergava. O cachorro dela não parecia um cão-guia: não tinha coleira corporal nem alça para ela segurar, mas olhava para trás como se fosse acostumado a ajustar a própria velocidade. Quando Camille foi em direção à porta, a mão do marido tocou seu ombro, se afastando discretamente quando ela passou da entrada.

— É em frente, mas acho que vocês já sabem — comentou Daisy, um pouco constrangida.

— Ah, na verdade, não — disse Camille, virando-se para ela. Seus olhos eram límpidos e azuis, talvez mais escuros do que o normal. — Esta sempre foi a casa da mamãe. Nós nunca tivemos muito a ver com ela.

Ela não parecia cega. Não que Daisy tivesse uma ideia clara de como uma pessoa cega deveria parecer, levando em conta que nunca conhecera uma de verdade. Apenas imaginava que um cego teria uma aparência mais desleixada de alguma maneira. Talvez com um pouco de sobrepeso. Certamente não estaria usando uma calça jeans de marca e maquiagem, e a circunferência da cintura não deveria ser metade do tamanho do busto.

— Você não vinha muito aqui quando era criança?

— Hal? Katie está com você? — gritou Camille.

Ela fez uma pausa.

— Nós vínhamos aqui de vez em quando, sim. Acho que mamãe ficava nervosa comigo tão perto do penhasco.

— Ah... — Daisy não sabia mais o que dizer.

Camille parou.

— Ela não disse que eu era cega, não é?

— Não.

— Ela é discreta demais, minha mãe. Mas acho que você já descobriu isso.

Daisy ficou imóvel por um minuto, fitando a pele macia, cor de caramelo, o cabelo louro volumoso. Sua mão se ergueu inconscientemente até o próprio cabelo.

— Você gostaria... Quer dizer, você gostaria de sentir meu rosto ou algo do tipo?

Camille caiu na gargalhada.

— Meu Deus, não. Não suporto tocar no rosto das pessoas. Quer dizer, a não ser que eu esteja trabalhando.

Ela esticou a mão, tentando tocar no braço de Daisy.

— Você está a salvo, Daisy. Não tenho nenhuma vontade de passar a mão no rosto das pessoas. Principalmente em barbas. Não suporto barbas. Elas me dão nervoso. Sempre acho que vou encontrar comida nelas. E aí, meu pai conseguiu se afastar do carro por dois minutos? Ele ficou obcecado com aquilo desde que se aposentou — confidenciou Camille. — E com bridge. E golfe. Ele gosta de ter hobbies, meu pai.

Seguiram para a varanda. Hal guiou a mulher até uma cadeira, e Daisy observou a intimidade casual com uma pontada de inveja. Ela sentia falta de ter um protetor.

— Era uma casa linda, não é, amor?

O Sr. Bernard guardou as chaves do carro no bolso e se virou para a esposa, uma estranha mistura de emoções passando pelo rosto.

— Não que alguém por aqui já tenha achado isso. — A Sra. Bernard deu de ombros. — Até ela começar a mudar.

— Eu sempre achei que uma araucária seria um bom acréscimo.

Daisy percebeu a rápida troca de olhares entre os Bernard e o silêncio desconfortável que se seguiu.

— Então, o que você acha de Merham? — perguntou Hal.

* * *

Vindo de uma família que não era dividida, mas irrevogavelmente despedaçada pela perda, Daisy presumia que todas as outras famílias fossem como os Walton, do seriado de televisão. Daniel lhe disse isso mais de uma vez, nas ocasiões em que ela saía de alguma reunião da família dele chocada com as discussões barulhentas e os ressentimentos vibrantes que fumegavam com a mesma intensidade das chamas do churrasco. Mas, ainda assim, ela sentia dificuldade em vê-los com imparcialidade; tentava inconscientemente se encaixar, participar de alguma história familiar compartilhada. Recusava-se a acreditar que ser parte de uma família grande, extensa, poderia não ser reconfortante.

Os Bernard e os Hatton, entretanto, tinham uma alegria forçada entre eles, como se estivessem sempre reafirmando seu status como família,

limitada por uma aparente determinação em falar apenas de coisas boas. Eles exclamavam sobre os prazeres gerais de tudo: do tempo, dos arredores, da roupa de cada um, além de se dirigirem uns aos outros com xingamentos afetuosos e fazerem referências a piadas internas. A exceção era a Sra. Bernard, que destruía qualquer sentimento à la Walton com a eficiência de um higienista matando uma mosca. Assim como uma comemoração de Dia das Mães só foi memorável pelo cheiro do esgoto, cada referência tinha que ser sufocada por um detalhe ácido, apenas parcialmente suavizado por um toque perspicaz ocasional. Dessa forma, a beleza infinita da praia era atenuada pelo fato de que os turistas não a frequentavam mais — e a Sra. Bernard não os culpava —; o lustroso carro novo da família era tão suave que a deixava enjoada; a chefe de Camille no salão era, ao que parecia, “cordeiro em pele de cordeiro”. As únicas exceções para esse comportamento eram Katie, por quem a avó nutria um evidente orgulho, e a casa sobre a qual, perversamente, o Sr. Bernard não queria conversar de maneira alguma.

Daisy, que estivera mais ansiosa pela visita da família do que gostaria de admitir, achou tudo curiosamente desgastante. E, por nunca ter estado perto de alguém cego, ela se sentiu desajeitada com Camille, incerta da direção para onde olhar quando falava com ela, hesitando se deveria servir as coisas no prato dela ou deixar Hal, que havia se sentado ao lado da mulher, fazer isso. Ela tropeçou no cachorro duas vezes, recebendo um educado ganido de protesto da segunda vez.

— Você não tem que colocar os sanduíches praticamente dentro da boca dela — disse a Sra. Bernard de repente. — Ela só é cega, não é uma maldita inválida.

— Amor... — começou o Sr. Bernard.

Daisy, enrubescendo, se desculpou e deu um passo atrás em direção ao laburno.

— Não seja tão grosseira, mãe. Ela só está tentando ajudar.

— Não seja tão grosseira, vovó — repetiu Katie, na metade de uma bomba de chocolate. Ela estava balançando a cadeirinha de Ellie com o pé.

— Peço desculpas pela minha mãe — disse Camille. — Ela já é velha para saber se comportar.

— Eu não gosto de gente incomodando você.

— E eu não gosto quando você toma minhas dores. É isso que me faz sentir inválida.

Houve um breve silêncio. Camille, aparentemente sem se abalar, fez um movimento em direção à sua bebida.

— Desculpe — disse Daisy. — Eu só não sabia como você diferenciaria a pasta de caranguejo do Marmite.

— Ah, eu pego muito de tudo. Assim, acabo comendo o que quero. — Camille riu. — Ou faço Hal pegar para mim.

— Você é mais do que capaz de cuidar de si mesma.

— Eu sei, mãe. — Dessa vez havia uma alfinetada na voz de Camille.

— Não sei como você aguenta tê-la no seu pé o dia todo, Daisy — disse Hal. — A língua mais afiada da costa leste.

— Mamãe diz que a vovó pode cortar papel com a língua — comentou Katie, provocando uma constrangida onda de risadas na mesa.

A Sra. Bernard, entretanto, ficou calada de repente. Ela olhou seu prato por um minuto, depois para Hal, inexpressiva.

— Como estão os negócios?

— Não muito bem. Mas tem um comerciante de antiguidades em Wix que me prometeu um trabalho.

— Acho que é um pouco como o meu — disse Daisy. — Quando as coisas ficam apertadas, as pessoas não gastam dinheiro com decoração.

— Você tem falado desse comerciante há semanas. Não pode ficar esperando para sempre. Será que não deveria desistir agora? Tentar arrumar um emprego em outro lugar?

— Ai, amor... aqui não.

O Sr. Bernard estendeu a mão para a mulher.

— Bem, deve haver lugares que precisam de carpinteiros. Depósitos de móveis e coisas do gênero.

— Eu não faço móveis de fábrica, sogra — disse Hal, se esforçando para manter o sorriso. — Restauro peças únicas. É uma habilidade. Tem uma grande diferença.

— Tivemos dificuldades terríveis para conseguir trabalho nos primeiros dois anos — comentou Daisy sem demora.

— Hal tem algumas coisas em vista — disse Camille, deslizando a mão por baixo da mesa até a do marido. — Todos estamos vivendo tempos comedidos.

— Nem tanto — rebateu a Sra. Bernard.

— Estou vivendo um dia de cada vez, sogra, mas sou bom no que faço. É um bom negócio. Ainda não estou pronto para desistir.

— Sim, bem, é melhor se certificar de que não vai à falência. Ou então vai arrastar todo mundo com você. Camille e Katie, inclusive.

— Não tenho nenhuma intenção de ir à falência.

O rosto dele se endureceu.

— Ninguém nunca tem a intenção de ir à falência, Hal.

— Agora *chega*, amor.

A Sra. Bernard olhou para o marido, o rosto infantilmente rebelde.

Houve um silêncio prolongado.

— Alguém aceita mais alguma coisa? — perguntou Daisy, tentando preencher o vazio.

Ela havia encontrado um velho pote feito à mão em um armário do andar de baixo e o enchera até a borda com uma salada de frutas reluzente.

— Tem sorvete? — perguntou Katie.

— Eu não como fruta — disse a Sra. Bernard, levantando-se para recolher os pratos da mesa. — Vou fazer um chá para todos.

* * *

— Não leve os comentários de mamãe muito a sério — disse Camille, aparecendo na cozinha enquanto Daisy limpava os pratos. — Ela não é cruel de verdade. É só uma tática de defesa.

— Uma defesa gelada — zombou Hal, que surgiu atrás.

Ele a seguia por todos os lados, Daisy notou. Cada vez mais ela se perguntava se ele estava sendo protetor ou apenas carente.

— No fundo, ela é legal. Só que sempre teve... bem... uma língua afiada, eu acho. Você diria que ela tem uma língua afiada, Hal?

— Sua mãe faz uma lâmina de aço parecer fofa.

Camille se virou para encarar Daisy, que focou na boca da mulher.

— Para falar a verdade, você está indo bem. Ela gosta de você.

— O quê? Ela disse isso?

— Claro que não. Mas dá para notar.

— É porque ela não está sedenta pelo seu sangue à meia-noite, com os caninos pingando saliva.

Daisy franziu o cenho.

— Não parece... Estou surpresa.

Camille deu um sorriso resplandecente para o marido.

— Foi ideia dela que nós todos viéssemos hoje. Ela achou que você podia estar se sentindo sozinha.

Daisy sorriu, a pequena satisfação em saber que a Sra. Bernard gostava dela reduzida pela ideia de que era motivo de pena. Havia passado vinte e

oito anos sendo a garota que todos invejavam; o manto da compaixão não lhe parecia confortável.

— Foi gentil. De vocês todos. A visita, quer dizer.

— Um prazer — disse Hal. — Para ser franco, estávamos loucos para ver a casa.

Daisy hesitou com a escolha de palavras dele, mas Camille não pareceu notar.

— Ela nunca recebeu visitas aqui, sabe — explicou, se abaixando para procurar a cabeça de Rollo. — Sempre foi um pequeno refúgio.

— Nem tão pequeno assim.

— Nós vínhamos muito raramente. E papai não gostava daqui, então nunca foi uma casa da família.

— Quer dizer que você não vai sentir falta?

— Na verdade, não. As casas que eu não conheço são só uma série de obstáculos para mim.

— Mas você não se importava? De ela sempre vir para cá e se afastar de vocês?

Camille se virou para Hal e deu de ombros.

— Acho que é a realidade que sempre conhecemos. Mamãe precisava de seu próprio espaço.

— Presumo que todas as famílias tenham suas excentricidades — comentou Daisy, cuja família não tinha.

— Algumas mais do que outras.

* * *

Horas depois, Hal e Camille voltaram para Merham de braços dados, Rollo alguns passos adiante, Katie pulando para trás e para a frente, às voltas com as placas do pavimento. De vez em quando, retornava correndo e se jogava alegremente entre os pais, pedindo que a balançassem para cima, embora fosse alta e pesada demais. As luzes estavam começando a se acender conforme anoitecia, as pessoas passeando com seus cachorros e os viajantes noturnos parecendo menos resolutos e aproveitando a ventania, andando com a cabeça ereta em vez de abaixadas para se proteger do vento. Hal cumprimentou com a cabeça o dono da banca de jornais, que a estava fechando por causa do horário, e eles viraram a esquina para a rua da casa. Katie correu na frente, chamando algum amigo que avistou no alto da rua.

— Desculpe pela minha mãe.

Hal colocou um braço em volta da esposa.

— Tudo bem.

— Não. Não está tudo bem. Ela sabe que você está trabalhando o mais árduo possível.

— Esqueça. Ela só está preocupada com você. Acho que qualquer mãe ficaria.

— Não, não ficaria. Outras mães não seriam tão grosseiras, de qualquer maneira.

— Verdade.

Hal parou para ajeitar o cachecol de Camille. Uma ponta tinha começado a deslizar em direção ao pé dela.

— Sabe, talvez sua mãe esteja certa — disse ele enquanto ela fechava a gola do casaco. — Aquele comerciante provavelmente está me enrolando.

Ele suspirou, alto o suficiente para Camille escutar.

— Está tão ruim assim?

— Nós temos que ser honestos, não temos?

Ele deu um sorriso melancólico, repetindo as palavras da terapeuta.

— Então... não está bom. Na verdade, tenho pensado em começar a trabalhar na garagem. É tolice pagar pelas oficinas quando... quando não tem nada dentro...

— Mas Daisy disse que talvez possa encontrar...

— É isso, ou desistir do negócio.

— Eu não quero que desista. É importante para você.

— Você é importante para mim. Você e Katie.

Mas eu não faço você se sentir um homem, pensou Camille. De alguma maneira, ainda faço você se sentir diminuído. O negócio é a única coisa que parece manter você de pé.

— Acho que devia dar mais um tempo — disse ela.

* * *

Daisy, preparando-se para a noite com uma pilha de amostras de tecido, se sentia um pouco melhor. Camille a havia convidado para ir ao salão para um tratamento. Cortesia da casa, dissera. Desde que pudesse fazer alguma coisa ousada. A Sra. Bernard havia concordado em cuidar de Ellie com uma frequência mais regular, escondendo seu prazer evidente sob uma ladainha mordaz de condições. O Sr. Bernard tinha dito para ela não deixar os imbecis a deprimirem, dando uma piscadela para a esposa. E Ellie, ao contrário do que fazia normalmente, foi dormir sem nem um

murmúrio, exausta depois de receber tanta atenção. Daisy havia se sentado na varanda, agasalhada para uma noite gelada, observando o mar e fumando um cigarro relaxante enquanto trabalhava, e por um breve instante não se sentiu solitária. Ou não tão solitária. Podia ter durado alguns dias. Por isso, foi duplamente injusto quando as moiras, na forma de seu celular, silencioso havia tanto tempo, conspiraram para destruir seu equilíbrio temporário.

Primeiro Jones ligou e lhe informou (não perguntou, ela notou) que queria encontrá-la na noite seguinte para Uma Conversa. Essas palavras lhe davam um aperto imediato no coração. Sete semanas e três dias antes, Daniel dissera a ela que queria ter Uma Conversa.

— Vamos para algum lugar. Longe das... distrações — disse Jones.

Ele estava se referindo a Ellie, ela sabia.

— Eu fico com ela — oferecera a Sra. Bernard, no dia seguinte. — Vai ser bom para você sair um pouco.

— Assim disse o carrasco ao condenado — murmurou Daisy.

Então, na segunda-feira, logo antes da hora combinada para ele chegar, o telefone tocou novamente. Dessa vez era Marjorie Wiener para contar, sem fôlego, que enfim tivera notícias do filho.

— Ele está hospedado na casa de um dos antigos amigos da universidade. Diz que está passando por uma crise nervosa.

Ela parecia tensa. Mas Marjorie sempre parecia tensa.

A reação inicial de Daisy, de sentir o coração parar, foi substituída por uma raiva que começou lenta, mas logo entrou em ebulição. Uma crise nervosa? Com certeza se você estivesse tendo uma crise nervosa, não estaria bem a ponto de reconhecer esse fato, não é? Não era disso que se tratava *Ardil 22*? E que conveniente para ele passar por uma crise sem criança nenhuma para cuidar. Porque, na situação dela, ter uma crise nervosa era um luxo — ela não tinha tempo nem energia para isso.

— Então, ele vai voltar?

Ela estava tendo dificuldades em manter a voz equilibrada.

— Ele só precisa de tempo para resolver as coisas, Daisy. Está realmente mal. Eu estou bastante preocupada.

— Sim, bem, você pode dizer ao seu filho que ele vai ficar pior ainda se chegar perto de nós. Como acha que sobrevivemos sem ele? Sem nem uma maldita nota de cinco libras vinda dele?

— Ah, Daisy, você deveria ter dito que estava com dificuldades. Eu teria mandado algum dinheiro...

— Porra, não é esse o ponto, Marjorie. Não é sua responsabilidade. É responsabilidade do Daniel. Nós *éramos responsabilidade do Daniel, porra*.

— Vamos lá, Daisy, você não precisa usar um linguajar...

— Ele vai me ligar?

— Não sei.

— O quê? Ele pediu para você me ligar? Seis anos juntos e um bebê, e de repente ele nem fala mais comigo?

— Olhe, eu não estou particularmente orgulhosa dele, mas meu filho não está sendo ele mesmo, Daisy. Ele está...

— Não está sendo ele mesmo. Não está. Ele é pai agora, Marjorie. Ou deveria ser. Existe outra pessoa? É isso? Ele está saindo com outra pessoa?

— Acho que não existe outra pessoa.

— Você acha?

— Eu sei. Ele não faria isso com você.

— Bem, parece que ele não teve problema nenhum em fazer tudo o que fez comigo.

— Por favor, não fique nervosa, Daisy. Eu sei que é difícil, mas...

— Não, Marjorie. Não é difícil, droga. É impossível. Eu fui abandonada com quase nenhuma explicação por alguém que agora nem sequer fala comigo. Tive que deixar nossa casa porque ele não pensou no fato de que eu e *nosso* bebê não tínhamos dinheiro para nos sustentar. Estou presa em um canteiro de obras a um milhão de quilômetros de lugar nenhum porque Daniel aceitou um maldito trabalho que não tinha intenção de concluir...

— Olhe, isso não é justo.

— Justo? Você vai me dizer o que é justo? Marjorie, sem querer ofender, mas vou desligar o telefone. Vou desligar... Não, não estou ouvindo. Estou desligando o telefone agora lá-lá-lá-lá-lá-lá...

— Daisy, Daisy, querida, nós realmente gostaríamos de ver a neném...

Ela havia se sentado, tremendo, o telefone mudo na mão, o pedido fraco de Marjorie sufocado sob sua indignação crescente. Ele nem tinha pensado em perguntar como estava a filha. Não a via fazia mais de sete semanas e não quis nem se certificar de que estava bem. Quem era aquele homem que ela havia amado? O que acontecera com Daniel? Ela sentiu o rosto se enrugar e deixou a cabeça tombar no peito, perguntando-se como a dor continuava se manifestando de maneira tão física.

E, mesmo enquanto lutava para conter seus sentimentos de raiva e injustiça, uma voz assustadora indagava se ela deveria ter perdido o

controle dessa forma. Ela não queria fazer nada para desencorajá-lo a voltar, não é? O que Marjorie diria a ele?

Notando, de repente, outra presença na sala, ela se virou, se deparando com a Sra. Bernard parada na porta, as roupas sujas de Ellie penduradas no braço.

— Vou levar essas roupas para casa e colocar para lavar. Economiza sua caminhada até a lavanderia.

— Obrigada — respondeu Daisy, tentando não fungar.

A Sra. Bernard continuou parada, olhando para ela. Daisy resistiu ao desejo de pedir para ela ir embora.

— Sabe, às vezes você só tem que seguir em frente — disse a mulher.

Daisy olhou para cima bruscamente.

— Para sobreviver. Às vezes, você só tem que seguir em frente. É a única maneira.

Daisy abriu a boca, mas não falou nada.

— Ainda assim. Como eu disse, vou levar essas roupas para casa quando eu for embora. A pequena caiu no sono sem dar trabalho. Coloquei um cobertor extra porque está um pouco frio com esse vento leste.

* * *

Podia ter sido o vento, ou os Wiener, mas Daisy se sentiu infectada por algum atrevimento. Correu para cima e pegou uma calça preta — a primeira vez que ela fazia isso desde o nascimento de Ellie — e uma camisa de chiffon vermelha que Daniel havia lhe dado de aniversário, antes de ela ficar grávida e destituída de curvas femininas. A combinação de estresse com um coração partido podia infligir um dano terrível à paz de espírito, pensou, a mandíbula travada, mas, minha nossa, realmente ajudava a melhorar a aparência. Ela combinou a roupa com um par de botas de salto fino e uma quantidade incomum de maquiagem. Um batom podia fazer milagres para o amor próprio de uma mulher, dissera sua irmã. Mas, pensando bem, Julia nunca havia sido vista sem batom, nem mesmo de cama com gripe.

— Dá para ver seu sutiã — comentou a Sra. Bernard quando ela desceu a escada.

— Ótimo — respondeu Daisy em tom agressivo.

Ela também não se deixaria influenciar pelos malditos comentários da Sra. Bernard.

— Mas é melhor você enfiar a etiqueta para dentro da gola — A Sra. Bernard sorriu para si mesma. — As pessoas vão comentar.

* * *

Jones esfregou a testa quando entrou com o Saab na rua principal de Merham e seguiu na direção do parque. Ele sentira a cabeça começar a latejar logo após passar por Canary Wharf e, quando já estava na metade da A12, o ligeiro incômodo sobre os olhos havia se transformado em uma dor de cabeça lancinante. Apalpara desajeitadamente o porta-luvas, com urgência, e localizara os comprimidos que Sandra, sua secretária, tinha guardado lá. Uma maravilha, aquela mulher. Ele daria um aumento a ela. Se já não tivesse dado três meses antes.

A descoberta do paracetamol foi o único ponto alto em um mês de baixos. Isso dizia algo sobre aquele mês. Alex, sua ex-mulher, anunciou que ia se casar. Um dos seus barmen mais antigos quase entrou em vias de fato com dois jornalistas influentes que decidiram jogar Twister sem roupa na mesa de sinuca. Não foi a nudez que ele contestou, explicou para Jones depois, mas o fato de que eles não tiravam os copos do feltro da mesa. Mas a Red Rooms passou a ser citada quase todos os dias em colunas sociais ou de fofoca como “ultrapassada” ou “em dificuldades”, afinal as tentativas de Jones de conquistar os jornalistas com um engradado de garrafas de uísque fracassaram quando eles chamaram o gesto de “desesperado”.

Além disso, dentro de um mês, uma boate rival — Opium Rooms — abriria duas ruas adiante, com uma proposta de exclusividade, ambiente e caráter suspeitamente parecidos com os da Red Rooms, sua chegada já gerando um burburinho nos círculos sociais que Jones chamava de *seus*. Era por isso que o refúgio em Merham havia se tornado tão importante: era preciso ficar à frente do jogo. Era preciso encontrar novas maneiras de manter a clientela.

E a maldita decoradora estava estragando tudo. Ele suspeitou que ela não estava à altura do trabalho quando se queixou de ele estar ligando “em uma hora ruim”. Devia ter seguido sua intuição: nos negócios, não havia hora ruim. Se você é profissional, vai em frente e faz o trabalho. Sem desculpas, sem rodeios. Era por isso que Jones não gostava de trabalhar com mulheres — havia sempre cólicas menstruais ou namorados que atrapalhavam o foco no trabalho. E se você as confrontasse, normalmente elas começavam a chorar. Na verdade, salvo sua secretária, havia apenas duas mulheres com quem se sentia confortável, mesmo após todos aqueles

anos: Carol, sua relações-públicas de longa data, que só precisava levantar uma sobancelha pintada para expressar desaprovação, cuja lealdade era absoluta e que ainda tinha a capacidade de beber mais do que ele; e Alex, a única outra mulher que não se sentia nem impressionada nem amedrontada por ele. Mas Alex ia se casar.

Quando ela contou a novidade, o primeiro instinto de Jones, um tanto infantil, foi perguntar se ela queria se casar com ele novamente. Alex caiu na gargalhada. “Você é um caso perdido, Jones. Foram os piores dezoito meses das nossas vidas. E você só me quer agora porque outra pessoa também quer.” O que, ele tinha que admitir, em parte era verdade. Nos anos que se seguiram, de vez em quando ele dava em cima dela, sendo recusado com educação (o que o deixava secretamente feliz), mas ambos valorizavam a amizade que se manteve (para desagrado, ele sabia, do novo parceiro de Alex). Agora, no entanto, a situação era outra; as coisas iriam mudar. E o lacre no passado deles seria definitivo.

Não que não houvesse distrações. Era muito fácil arranjar alguém para transar administrando uma boate. No começo, dormia com as garçonetes, normalmente altas, magras, aspirantes a atriz ou cantora, todas torcendo para esbarrar em algum produtor ou diretor enquanto serviam bebidas. Mas logo ele descobriu que aquilo levava a rivalidades, pedidos chorosos de aumento de salário e, por fim, perda de bons funcionários. Então, no último ano e meio, ele seguiu sua vida feito um monge. Bem, um monge moderadamente promíscuo. De tempos em tempos conhecia uma garota e ficava com ela, mas encontrava cada vez menos satisfação e sempre as ofendia por nunca se lembrar do nome delas depois. Metade das vezes não valia a aporrinhação.

— Jones, é Sandra. Desculpe incomodar enquanto você está dirigindo, mas está chegando a data de comparecer para o licenciamento.

— E?

Ele tateou à procura dos fones de ouvido.

— É na mesma época da sua viagem a Paris.

Ele xingou.

— Bem, você vai ter que ligar para eles. Dizer para reagendarem.

— O quê? Paris?

— Não. A audiência. Diga que eu não posso naquela data.

Sandra fez uma pausa.

— Eu retorno para você — disse ela.

O Saab de Jones subiu a colina e entrou no caminho de cascalho que levava à Arcádia. Problemas, problemas, problemas. Às vezes sentia que

passava todo o tempo resolvendo as trapalhadas dos outros em vez de se dedicar ao que fazia melhor.

Ele desligou o motor e permaneceu sentado por um minuto, a cabeça ainda dolorida, muito estressada e desordenada para apreciar o silêncio. E havia mais. A garota tinha que ser dispensada. Seria melhor. Ele tinha certeza de que era preferível interromper a situação antes que ficasse ruim demais. Chamaria a outra firma, a que tinha a matriz em Battersea. Apenas, por favor, não a deixe cair em prantos.

Jones abriu o porta-luvas e enfiou na boca outro punhado de comprimidos para dor de cabeça, estremecendo enquanto os engolia sem água. Suspirou, saiu do carro e caminhou até a porta. Foi aberta pela Sra. Bernard antes que ele tocasse a campainha. Ela ficou parada com aquele olhar firme, sugerindo que sabia o que ele iria fazer.

— Sr. Jones.

Ele nunca a corrigia.

— Eu não estava esperando ver a senhora.

Ele inclinou-se para beijar o rosto dela.

— É porque você nunca teve filhos.

— O quê?

— Alguém precisa ficar com a bebê.

— Ah. — Ele entrou, olhando para as paredes meio descascadas, as pilhas de entulhos. — Sim.

— As coisas estão se aquecendo.

— Estou vendo.

Ela se virou e andou até o corredor, desviando com cuidado das bandejas de tinta vazias.

— Vou dizer a ela que você chegou. Está no telefone com o encanador.

Jones se sentou na beirada de uma cadeira e avaliou o estado da sala de estar semiterminada, com o cheiro de mofo do gesso secando e o piso recém-reformado. No canto da sala, havia uma pirâmide de alumínio de tintas da marca Farrow and Ball, enquanto extensões de tecido caíam como rios por cima do encosto do velho sofá surrado. Veios abertos dissecavam a sala, revelando onde a parte elétrica havia sido retirada e substituída. No chão, uma pilha de catálogos oferecia luminárias em “Miami”, “Austen” e “Blink”.

— Era McCarthy e o pessoal dele. Vão começar os dois banheiros da frente amanhã.

Jones ergueu os olhos dos catálogos e se deparou com uma mulher que não reconheceu avançando pela sala, celular ainda em punho.

— Eu disse para ele que se houvesse qualquer outro atraso, começaríamos a cobrar multa. Falei que seria um por cento por cada dia perdido e que está escrito nas letras pequenas do contrato.

— E está? — perguntou Jones.

— Não. Mas imagino que ele seja preguiçoso demais para verificar, e com certeza vai ficar assustado. Ele falou que vai reduzir a carga horária no outro trabalho e chegar aqui às nove da manhã. Vamos, então?

Ela pegou a carteira, as chaves e uma pasta grande em uma bolsa no chão.

Jones precisou resistir para não procurar pela casa a mulher de que se lembrava, de aparência molenga, vestindo roupas velhas e disformes, com um bebê no colo. A mulher à sua frente não parecia esquisita e chorosa. Nem ficaria deslocada na boate dele. A camisa dela revelava um sutiã preto e, embaixo, seios convincentes.

— Algum problema? — perguntou Daisy, esperando.

Seus olhos brilhavam, transparecendo algo que podia ser tanto desafio quanto agressão. De uma maneira ou de outra, fez os testículos dele se tensionarem de supetão.

— Não — respondeu, e a seguiu até a saída.

* * *

Eles escolheram o Riviera — em parte, disse Jones, para avaliar a concorrência, mas principalmente porque não havia bares nem pubs em Merham. Aqueles que desejavam beber socialmente iam ao hotel, a um ou dois restaurantes com autorização para vender bebidas alcoólicas na cidade, ou para longe. Em circunstâncias normais — na verdade, qualquer outra circunstância em sua vida poderia ser considerada normal no momento —, Daisy teria se sentido bastante desconfortável de ir lá. Mas algo em relação àquela noite, sua blusa de chiffon vermelha, o fato de que sabia que já tinha perturbado Jones, por todo o blefe e a arrogância dele, deixaram Daisy ousada, de modo que ela desfilou com segurança quando entraram juntos no bar.

— Posso ver a carta de vinhos?

Jones debruçou o corpo pesado sobre o bar. O barman era um jovem pálido e pustulento que mal enchia a camisa branca de colarinho. Ele não conseguiu esconder a irritação ao interromper seu cochicho com uma garçonne risonha. Havia mais dois casais no bar: um mais velho, olhando

o mar com satisfação silenciosa, e outro, possivelmente parceiros de negócios, discutindo sobre cifras em um bloco de notas.

Daisy analisou o salão, com janelas francesas e vista para o mar, enquanto Jones resmungava sobre a carta de vinhos. O sol estava se pondo, mas não havia nada para transformar o bar em um lugar onde alguém se acomodaria para ouvir o barulho do mar enquanto o breu caía sobre as águas. Na verdade, poderia ser um salão lindo, se não fosse decorado e enfeitado às raias do exagero. A mesma estampa de flores e abricós estava em todos os lugares: nas cortinas, nos bandôs, nos estofados dos assentos, até mesmo recobrimdo os vasos de plantas. As mesas eram brancas, de ferro elaborado. Parecia mais um salão de chá do que um bar. Para falar a verdade, pensou Daisy, julgando pela clientela, deve vender mais chá do que álcool.

— Dezessete libras pelo equivalente ao vinho alemão Blue Nun — murmurou Jones quando ela se voltou para ele. — Não é de admirar que o local não esteja exatamente lotado. Desculpe, você queria vinho?

— Não — mentiu Daisy. — Mas eu tomo.

Ela resistiu ao desejo de acender um cigarro. Daria a ele uma vantagem moral de alguma maneira.

Eles ocuparam uma mesa de canto. Jones se sentou a noventa graus dela e serviu uma taça de vinho para cada um. Vez ou outra a observava com o canto dos olhos, como se tentasse desvendar alguma coisa.

— Decoração horrorosa — comentou ela.

— Vim aqui pela primeira vez quando descobri a casa. Eu queria ver a concorrência. As pessoas que decoraram isso deveriam levar um tiro.

— Torturados com uma parede de cascalho.

Ele levantou uma das sobancelhas.

Daisy olhou novamente para a bebida. Então Jones não estava no clima para piadas. Problema dele. Ela pensou, por um instante, em Ellie, e se perguntou se a bebê teria conseguido dormir com a Sra. Bernard. Depois afastou o pensamento e tomou um grande gole do vinho.

— Acho que você sabe por que estou aqui — disse ele, por fim.

— Não — mentiu ela de novo.

Ele suspirou. Olhou para as próprias mãos.

— Não tenho andado satisfeito com a maneira como as coisas estão caminhando.

— Não, nem eu — interrompeu ela. — Na verdade, eu diria que apenas nos últimos dias voltamos ao rumo certo. Até o final da semana, calculo que teremos recuperado o tempo perdido.

— Mesmo assim, não é bom o suficiente...

— Não. Você tem razão. E eu falei para os operários que não estava satisfeita.

— Não são só eles...

— Não, eu sei. São os encanadores também. Mas eles já se organizaram, como eu falei. E acho que posso diminuir um pouco o pagamento deles, então talvez a gente fique abaixo do orçamento.

Jones permaneceu em silêncio por um minuto, olhando-a sob as sobrelanceiras escuras, desconfiadas.

— Você não vai facilitar as coisas para mim, vai?

— Não.

Eles se encararam, sem piscar, por um momento. Daisy estava imóvel. Ela nunca fora firme assim com ninguém, nem mesmo com Daniel. Era sempre a que capitulava, a que cedia. Era sua maneira de ser.

— Não posso arcar com atrasos, Daisy. Muita coisa depende disso.

— Para mim também.

Ele esfregou a testa, pensativo.

— Não sei... — sussurrou. — Não sei.

Então de repente levantou a taça.

— Ah, que se dane. Como você evidentemente ganhou colhões desde que nos encontramos da última vez, acho que vou ter que confiar nos meus. Por ora.

Ele esperou que ela pegasse a taça, e os dois brindaram.

— Certo. Deus nos ajude. Não me desaponte.

Para uma garrafa de urina de mosquito, como Jones delicadamente chamou, parecia descer bem. Daisy, que não bebia nada mais forte do que Irn Bru desde que dera à luz, sentiu o coice bruto do álcool como um retorno ao seu antigo eu, um indicador de que aquela outra Daisy estava esperando para emergir.

Também a deixou bêbada depressa, de modo que ela se esqueceu de se sentir intimidada pelo homem à sua frente e começou a tratá-lo como fazia com qualquer homem antes do nascimento de Ellie. Tentou flertar com ele.

— E qual é o seu nome verdadeiro? — perguntou enquanto ele pedia uma segunda garrafa.

— Jones.

— Seu primeiro nome.

— Eu não uso.

— Que... moderno.

— Você quer dizer que pretensioso — grunhiu ele.

— Não. Bem, sim. É um pouco pretensioso usar apenas um nome. Como Madonna?

— Tente crescer no sul do País de Gales com um nome cristão como Inigo e veja aonde chega com isso.

Daisy quase derramou a bebida.

— Você está brincando — disse ela. — Inigo Jones?

— Minha mãe era apaixonada por arquitetura. Ela disse que fui concebido na Wilton House, na região sudoeste da Grã-Bretanha... O problema é que, mais tarde, meus pais descobriram que nem mesmo foi Inigo Jones quem projetou a casa, mas o sobrinho dele.

— Como ele se chamava?

— Webb. James Webb.

— Webb — repetiu Daisy em voz alta. — Webby. Não, não soa tão bem.

— Não.

— Ah. Bem, pelo menos isso explica por que você tem tanto bom gosto para prédios.

Ela estava desavergonhada. Mas alguém iria gostar dela, droga. Nem que isso a matasse.

Ele a encarou, as sobrancelhas franzidas. Talvez até tenha levantado uma delas.

— Vai ficar fabuloso — afirmou, determinada.

— Tomara. — Jones esvaziou a taça. — Mas não vai ficar se você insistir nas novas janelas feitas à mão. Analisei melhor aqueles números ontem. É demais para janelas de banheiro.

Daisy levantou a cabeça bruscamente.

— Mas elas precisam ser feitas à mão.

— Por quê? Quem vai reparar em uma janela de banheiro?

— Não é isso. É o estilo, para a casa. É específico. Você não vai encontrá-las na Magnet and Southern.

— Não vou pagar por janelas feitas à mão.

— Você concordou com os valores. Autorizou há semanas.

— É, mas não tive tempo de estudar as letrinhas pequenas.

— Falando assim, até parece que estou tentando te enganar.

— Não seja tão melodramática. Eu só verifiquei melhor e não entendi por que deveria pagar por janelas feitas à mão em um lugar onde ninguém vai reparar nelas.

O leve indício de afeto logo se evaporou. Daisy percebeu, e sabia que deveria ceder a fim de salvá-lo. Mas ela não se conteve. As janelas eram importantes.

— Você *autorizou*.

— Ah, vamos lá, Daisy. Troque o disco. Nós deveríamos estar trabalhando em parceria. Não vai funcionar se você começar a choramingar sobre manter as coisas ao pé da letra.

— Não, não vai funcionar se você começar a voltar atrás em coisas já combinadas.

Jones remexeu no paletó e pegou uma cartela de comprimidos, enfiando dois na boca.

— Imagino que você não fosse o sócio responsável por entretenimento e hospitalidade na sua firma.

Daisy se irritou. Sua voz estava fria e monocórdia quando ela respondeu:

— Sim, bem, você não me contratou pelas minhas habilidades interpessoais.

Fez-se um longo silêncio.

— Ah, por favor. Não vou comprar essa briga. Vamos sair daqui e comer alguma coisa. Nunca encontrei uma mulher com quem eu pudesse discutir de barriga cheia.

Ela mordeu a língua.

— Sério, Daisy. Você conhece a região. Vamos para um lugar legal. Algum que você acha que eu iria gostar.

* * *

Os terraços da Arcádia se desdobravam em degraus, os ângulos agudos suavizados pelos arbustos crescidos em volta deles, o chão pavimentado iluminado pela luz suave das janelas. Embaixo, na trilha da praia, as pessoas passeavam, indo ou voltando de casa para o mar, sem notar a construção brutal sobre elas.

— As casas são bonitas vistas daqui — disse Jones, enfiando um punhado de batatas fritas na boca. — Sempre é bom ver as coisas sob outro ângulo.

— É.

— Não é bem o ângulo que eu esperava, devo admitir.

Ela observou, sentada ao seu lado no quebra-mar, que ele não era o mais alegre dos homens. Porém, alimentado, hidratado e livre da dor de

cabeça, era uma companhia menos agressiva. Ela se flagrou tentando fazê-lo rir, forçando-o a admirá-la. Homens que não demonstravam nada sempre a afetavam daquela maneira.

Daniel era o oposto, deixava à mostra tudo o que sentia — carência, paixão, o temperamento explosivo —, e ela era quem guardava tudo dentro de si. Até Ellie chegar, quer dizer. Tudo era diferente antes de Ellie. Daisy olhou para a luz do outro lado da baía, para a casa onde a filha (ela esperava) estava dormindo, e se perguntou, pela primeira vez, o que teria acontecido se nunca a houvessem concebido. Será que ele teria ficado? Ou alguma outra coisa o afastaria?

Ela mudou ligeiramente de posição, consciente de que o frio do quebramar estava atravessando o tecido de sua calça. Percebeu que estava bêbada e ficando sentimental. Endireitou-se, tentando se recompor.

— Você tem filhos?

Ele terminou as batatas, amassou o papel em uma bolinha e o colocou ao seu lado.

— Eu? Não.

— Nunca se casou?

— Já, mas nada de crianças, graças a Deus. Já foi um desastre sem filhos. Esse peixe com batatas estava bom. Eu não comia isso há anos.

Daisy ficou em silêncio. Olhou para o mar, perdida por um segundo na suave curva das ondas.

— Então, o que aconteceu com você? — perguntou ele instantes depois.

— O quê?

— Estou presumindo que não foi imaculada...

— O quê? Ah, é, não. A história de sempre, eu acho. Garoto conhece garota, garota tem bebê, garoto decide que está tendo uma crise precoce de meia-idade e cai fora.

Ele riu. Daisy não sabia se ficava satisfeita ou se repreendia a si mesma por ter reduzido a tragédia de sua vida em uma rápida história cômica.

— Na verdade, não é justo — continuou de repente. — Ele só está tendo dificuldades no momento. Eu não quero... Quer dizer, ele é uma boa pessoa. Acho que só está um pouco confuso. Muitos homens acham difícil, não é? Todo esse processo de adaptação?

Um cachorro apareceu na escuridão, farejando as embalagens vazias de Jones. Seu dono, andando pela calçada atrás deles, o chamou.

— Ele era o homem com quem você tinha a sociedade? Daniel, era ele?

— Esse mesmo.

Jones encolheu os ombros e olhou para o mar.

— Que difícil.

— É mais que difícil.

A amargura presente em sua voz surpreendeu até ela mesma.

Houve um silêncio prolongado.

Daisy estremeceu com o ar da noite, envolvendo-se com os braços. A camisa de chiffon não era das mais quentes.

— Mesmo assim... — disse Jones, abrindo um sorriso terno, parcialmente visível à luz da lua.

O coração de Daisy disparou quando ele estendeu a mão. E pegou uma das batatas intocadas dela.

— Você está indo bem. Parece que está indo bem.

Ele se levantou e a puxou para fazer o mesmo.

— Vamos lá, Daisy Parsons, vamos pegar outra bebida.

* * *

A Sra. Bernard já estava de casaco quando eles voltaram à casa, com Jones tropeçando em duas pilhas de entulho no corredor ao entrar.

— Eu ouvi vocês chegando — disse ela, levantando a sobrancelha. — Foi divertido, não foi?

— Muito... produtivo — respondeu Jones. — Muito produtivo, não foi, Daisy?

— Aposto que suas reuniões de negócios em Londres não envolvem peixe e batata frita, nem sentar em muros — comentou Daisy.

A segunda garrafa de vinho havia deixado de ser uma ideia extremamente ruim e se tornado uma necessidade.

— E álcool — acrescentou a Sra. Bernard, olhando para os dois.

— Ah, não — disse Jones. — Elas sempre envolvem vinho. Mas não...

— Ele e Daisy se entreolharam e começaram a rir. — ...de uma colheita assim.

— Para quem achou tão horroroso, você bebeu bastante — disse ela.

Jones balançou a cabeça, como se tentasse clarear as ideias.

— Sabe, para um vinho vagabundo, até que tinha álcool. Estou um pouco bêbado, na verdade.

— Você parece bêbado — julgou a Sra. Bernard.

Ela devia estar desaprovando. Daisy já não ligava para nada.

— Mas eu não fico bêbado. Eu nunca fico bêbado.

— Ah — disse Daisy, erguendo o dedo —, você não fica bêbado... a não ser que tenha tomado um monte de comprimidos para dor de cabeça junto. Então você provavelmente fica muito bêbado.

— Ah, meu Deus... — Jones vasculhou os bolsos da calça e puxou uma cartela. — *Não deve ser ingerido com álcool.*

A Sra. Bernard havia desaparecido. Daisy se jogou na cadeira, se perguntando se ela teria ido ver Ellie no andar de cima. Esperava que a filha não estivesse chorando; não tinha certeza de que seria capaz de subir a escada.

— Vou pegar um café para você — disse, esforçando-se para ficar de pé.

— Vou embora, então — afirmou a Sra. Bernard, que havia reaparecido na porta. — Vejo você em breve, Sr. Jones. Daisy.

— É... hum... sim, sim, Sra. Bernard. Obrigada mais uma vez. Vou acompanhá-la até a porta.

A porta se fechou com delicadeza. Um momento depois, Jones voltou para a sala. Daisy de repente ficou bastante consciente da presença dele. Ela não ficava sozinha com um homem desde... desde que o policial tirara seu carro da Ponte Hammersmith. E aquilo a fizera chorar.

A sala ainda cheirava a gesso úmido, o sofá no meio do cômodo coberto de lençóis e uma única lâmpada iluminando o ambiente. Para um canteiro de obras, de repente parecia desconfortavelmente íntimo.

— Você está bem? — perguntou ele em voz baixa.

— Estou. Vou fazer o café — disse ela, e na terceira tentativa se levantou.

* * *

Quase um terço da xícara foi derramado entre a cozinha e a sala, mas Jones não pareceu notar a escassez da bebida.

— Não estou encontrando as chaves do carro — disse ele, balançando e batendo nos bolsos repetidas vezes, como se elas pudessem reaparecer de repente. — Eu podia jurar que tinha colocado naquela mesa quando entramos.

Daisy observou a sala, tentando impedir os planos horizontais de girarem e a desequilibrarem. Ela se sentia cada vez menos estável desde que saíra da sala, e a ansiedade em relação ao fato de Jones estar se tornando mais atraente aos seus olhos foi superada pela ansiedade quanto à sua habilidade de se manter de pé.

— Eu não vi.

Ela colocou a xícara em um caixote respingado de tinta.

— Não tiramos o carro daqui, não é?

— Você sabe que não. Passamos por ele na entrada quando chegávamos andando. Você tocou nele, lembra?

— Isso é a meia-idade — murmurou Jones. — Começar a ver beleza no carro. A próxima coisa vai ser jaqueta de couro.

— E cabelo tingido. E namoradas juvenzinhas.

Ele se calou.

Daisy o deixou procurando pela sala enquanto tentava achar seu celular, que estava tocando. Encontrou-o na jaqueta. Mas ninguém ligaria tão tarde assim. A não ser que fosse Daniel. Ela revirou a jaqueta, em busca do bolso certo, curiosamente temerosa de que Daniel pudesse adivinhar que havia um homem na casa.

— Alô?

— Sou eu.

Daisy ficou desapontada.

— Pode dizer ao Sr. Jones que devolvo as chaves do carro amanhã. Não considere uma boa ideia ele dirigir, nem achei que você estivesse em posição de lhe dizer isso. Trabalhando para ele e tudo o mais.

Ela deslizou pela parede, o telefone apenas na metade da orelha.

— Estarei aí por volta das oito. As mamadeiras de Ellie estão prontas na geladeira.

— Mas onde ele vai dormir?

— Ele pode voltar a pé para o Riviera. Ou dormir no sofá. Já é um garoto crescido.

Daisy desligou o telefone, deu impulso para ficar de pé e voltou para a sala. Jones havia desistido da busca e estava jogado no sofá, por cima do lençol empoeirado, as pernas esticadas à frente.

— A Sra. Bernard levou suas chaves — disse ela.

Ele demorou alguns segundos para registrar.

— Não foi por engano — acrescentou Daisy.

— Maldita mulher. Ah, meu Deus — disse ele, esfregando o rosto. — Eu tenho uma reunião às 7h45. Como vou voltar para Londres?

Daisy de repente se sentiu muito cansada: o clima fluido e agradável havia se dissipado com o telefonema. Fazia semanas que ela não ficava acordada até depois das dez horas, e já estava beirando a meia-noite.

— Ela sugeriu que você pegasse um quarto no Riviera. — Daisy se sentou na ponta da cadeira, olhando para o sofá do lado oposto. — Ou pode ficar aqui. Eu fico feliz no sofá.

Ele olhou para o sofá.

— Acho que você não cabe aí — explicou ela. — Ellie acorda cedo, então nós podemos acordar você.

Daisy bocejou.

Ele olhou-a de maneira mais sóbria, estável.

— Eu não vou bater na porta do Riviera agora. Mas não posso privá-la da sua cama.

— Eu não posso deixar você dormir no sofá. Tem metade do seu tamanho.

— Você nunca para de discutir? Se você dormir no sofá, e eu dormir no seu quarto, o que acontece se o bebê acordar no meio da noite?

Ela não havia pensado nessa possibilidade.

Jones se inclinou para a frente e apoiou a cabeça nas mãos. Depois a levantou e deu uma risada pitoresca.

— Nossa, Daisy. Que dupla de bêbados, hein?

O sorriso dele mudou toda a sua expressão: ele parecia malicioso, o tio depravado de alguém. Ela relaxou novamente.

— Eu vim aqui para demitir você, caramba. E agora olhe para nós. Que dupla de bêbados tolos...

— Você é o chefe. Eu estava apenas seguindo ordens.

— Apenas seguindo ordens. Sei...

Ele se levantou e andou com dificuldade em direção à escada.

— Olhe — disse ele, se virando —, me diga se eu estiver passando dos limites, mas a cama é de casal, não é?

— Sim.

— Você fica de um lado, eu fico de outro. Sem gracinhas, nós dois ficamos de roupa e amanhã não falamos mais no assunto. Dessa maneira, conseguimos uma noite de sono decente.

— Certo — disse Daisy, bocejando mais uma vez e fazendo os olhos lacrimejarem.

Ela estava tão cansada que teria concordado em dormir no berço de Ellie.

— Uma coisa — murmurou Jones enquanto se jogava na cama, tirando os sapatos com um chute e afrouxando a gravata.

Daisy se deitou do outro lado, sabendo que a presença dele deveria deixá-la desconfortável e inibida, mas estava bêbada e cansada demais para se importar.

— O quê? — sussurrou ela no escuro, lembrando, sem se importar, que havia se esquecido de tirar a maquiagem.

— Como minha funcionária, você tem que fazer o café de manhã.
— Só se você concordar com as janelas feitas à mão.
Ela ouviu uma exclamação abafada.
Daisy sorriu, enfiou as mãos embaixo do travesseiro e apagou.

* * *

Em um tempo longínquo, ela havia pensado que o retorno de Daniel a atingiria feito uma explosão, que, ao vê-lo, ela literalmente explodiria de alívio e alegria, que soltaria faíscas, mandando centelhas cintilantes para o céu, feito um foguete. Mas agora Daisy sabia que não era nada disso: a volta de Daniel para sua vida era como o retorno de uma paz profunda, o estancamento de uma dor que se incrustara em seus ossos. Era como voltar para casa. Alguém certa vez descrevera o ato de encontrar o amor assim, e Daisy, descansando nos braços dele, sabia que a descrição também servia para a recuperação de um amor. Era como voltar para casa. Ela mudou de posição, e o braço, envolvendo-a bem apertado de modo que os dedos se entrelaçavam com os dela, se acomodou. Fazia muito tempo que ela desejava sentir aquele peso sobre si. Quando estava grávida, parecia muito pesado, quase invasivo, e ela se manteve em seu lado da cama, sustentada e apoiada por travesseiros. Depois de Ellie, se transformara em um alerta tranquilizador de que ele ainda estava lá.

Mas Daniel não estava lá.

Os olhos de Daisy se abriram, permitindo que as formas borradas entrassem aos poucos em foco, tentando se ajustar à fria luz da manhã. Seus olhos estavam secos, como se cheios de areia, e sua língua estava inchada, ocupando toda a boca. O quarto, ela sabia, engolindo saliva dolorosamente, era dela. A alguns centímetros, Ellie se remexia no berço, acelerando a transição já curta demais entre o sono profundo e a vigília, a luz do dia atravessando a fenda nas cortinas e iluminando as cobertas. Do lado de fora, a porta de um carro bateu, e alguém chamou da entrada. Um dos operários, provavelmente. Daisy levantou a cabeça e percebeu que eram 7h15. A mão deslizou pela lateral do corpo até cair na cama.

Daniel não estava lá.

Daisy se obrigou a ficar em pé, seu cérebro a acompanhando com um segundo de atraso. Ao lado, uma cabeça escura estava deitada no travesseiro, o cabelo emaranhado pelo sono. Ela se sentou e ficou olhando para aquela silhueta de camisa amassada, tentando pensar, juntando o amontoado de palavras e imagens na cabeça. E devagar, com a força

inevitável de um soco em câmera lenta, a verdade a atingiu. Não era Daniel. O braço não era de Daniel. Ele não tinha voltado.

A paz não era dela.

E de repente, com estardalhaço, Daisy começou a chorar.

* * *

Era óbvio o que tinha acontecido, pensou a Sra. Bernard quando, cuspidando cascalho, a traseira do Saab desapareceu pela estrada em direção a Londres. Não era preciso ser um neurocirurgião para entender. Os dois mal se olhavam quando ela entrou, Daisy segurando a criança à frente do corpo feito um escudo, o rosto pálido e manchado de choro. Ele parecia irritado e ansioso para ir embora. E também com uma ressaca extremamente forte, a qual, levando em consideração todos aqueles comprimidos idiotas para dor de cabeça, com certeza era verdade.

Havia toda aquela eletricidade entre eles na noite anterior, todas aquelas piadas de cúmplices, como se os dois se conhecessem havia anos, e não dias. E quanto ao sofá, ela percebeu logo que entrou, ninguém havia dormido nele.

— Sempre há um preço a pagar quando se mistura negócios com prazer — disse ela ao lhe entregar as chaves.

Estava se referindo à bebida, mas ele lhe lançou um olhar severo, do tipo que devia usar para intimidar seus funcionários. A Sra. Bernard apenas sorriu. Era durona demais para ficar amedrontada.

— Até breve, Sr. Jones — despediu-se.

— Duvido que seja tão breve — respondeu ele e, quase sem olhar para Daisy, entrou no carro e foi embora.

Quando ligou o motor, era possível que tivesse articulado “Mulheres!” silenciosamente para si mesmo.

— Que mamãe tola você tem — disse ela baixinho para Ellie enquanto dava a volta no jardim em direção à casa. — Acho que ela seguiu meu conselho ao pé da letra, não acha? Não é nenhuma surpresa que esteja uma bagunça só.

Uma pena, na verdade. Porque, bêbado, quando ele a viu do lado de fora da casa na noite anterior, Jones havia confidenciado que Daisy foi uma revelação para ele, não a pobre coitada que ele havia suposto, ou mesmo a durona exigente que ela tentara parecer, mas, como ele colocou, balançando a cabeça com admiração, “uma garota adorável”.

13

Camille afofou a bandagem de algas em volta do corpo da Sra. Martigny, passando as mãos pela barriga da mulher nos dois sentidos para se assegurar de que estava tudo coberto. Em alguns pontos já havia começado a secar, e ela espalhou mais do creme úmido, como alguém cobrindo uma massa de pizza crua com molho de tomate. Rapidamente, ela pegou um pedaço de plástico filme, enrolou-o na barriga e em volta de cada coxa da Sra. Martigny, depois a cobriu com duas toalhas quentes, ainda frescas a ponto de se emanarem o cheiro do amaciante de tecidos. Os movimentos tinham um ritmo lânguido, preciso, e as mãos de Camille eram firmes e velozes. Era um trabalho que poderia fazer dormindo. O que era praticamente o caso, porque sua mente estava bem longe, ainda presa em uma conversa que tivera horas antes.

— Você precisa de ajuda? — perguntou Tess, enfiando a cabeça pela porta de modo que a melodia com cantos de baleia e música eletrônica relaxante flutuou pelo vão. — Tenho dez minutos antes de lavar o descolorante das luzes da Sra. Forster.

— Não, estamos bem. A não ser que você queira um chá ou um café. Alguma bebida, Sra. Martigny?

— Nada para mim, Camille, querida. Estou quase cochilando aqui.

Camille não precisava de ajuda. O que iria precisar era de um emprego. Ela fechou a porta, deixando a Sra. Martigny e sua bandagem anticelulite por vinte minutos enquanto digeriria as palavras pesadas que Kay lhe dirigira naquela manhã, sentindo as nuvens negras que havia protelado por tanto tempo se reunirem em volta de sua cabeça como uma catástrofe iminente.

— Realmente sinto muito, Camille. Eu sei que você ama este lugar, e é uma das melhores esteticistas com quem já trabalhei. Mas John sempre quis voltar para Chester, e agora que ele está aposentado, acho que não posso dizer não. Para ser honesta, acho que a mudança vai nos fazer bem.

— Quando você vai vender?

Camille tinha tentado manter o rosto inexpressivo, a atitude otimista.

— Bem, ainda não contei a Tess nem a mais ninguém, mas eu ia anunciar essa semana. E tenho a esperança de passar o ponto. Mas cá entre nós, Camille, não acho que Tess vá ficar por muito tempo. Ela está se coçando para viajar. Dá para perceber.

— Sim.

Camille tentou sorrir. Nenhuma das duas falou o que não foi dito, sobre as perspectivas de trabalho dela.

— Sinto muito, querida. Eu estava com medo de contar para você.

Kay estendeu a mão e tocou o braço de Camille. Um gesto de desculpas.

— Não seja boba. Você deve fazer o que achar certo. Não tem sentido ficar aqui se prefere estar em outro lugar.

— Bem, meu filho está lá, como você sabe.

— É bom estar perto da família.

— Sinto saudade dele. E Deborah está grávida. Eu já tinha contado?

Camille emitiu os sons de encorajamento adequados. Ela ouviu sua voz ao longe, como se pertencesse a outra pessoa, aprovando, exclamando, tranquilizando, tudo enquanto não parava de fazer cálculos mentais sobre o que isso significaria.

Não poderia ter acontecido em uma hora pior. Hal havia lhe dito na noite anterior que, se não recebesse nenhuma encomenda nos próximos dez dias, teria que admitir o fracasso e acabar com o negócio. Ele dissera aquilo em um tom sem emoção, curiosamente calmo, mas quando ela se aproximou naquela noite, tentando confortá-lo, ele a afastou com delicadeza, as costas rígidas em uma rejeição silenciosa. Ela não insistiu. Nunca insistia. Deixe que ele volte para você por vontade própria, aconselhara a terapeuta. Ela não tinha dito o que fazer se ele não voltasse.

Camille estava imóvel do lado de fora da sala de tratamentos, apenas ouvindo os sons que normalmente a confortavam: as explosões abafadas do secador de cabelo, sapatos de sola macia andando pelo chão de madeira, os ritmos vacilantes de conversa.

A perda do emprego não seria culpa dele, mas ele usaria esse acontecimento como outra vara para se chicotear, outro reforço para aumentar ainda mais a lacuna entre os dois. Não posso contar para ele agora, pensou Camille. Não posso fazer isso.

— Você está bem, Camille?

— Sim, obrigada, Tess.

— Acabei de agendar a Sra. Green para uma aromaterapia facial na terça. Você estava um pouco ocupada, então eu me ofereci para fazer, mas

ela recusou... Disse que queria conversar com você sobre alguma coisa.

Ela riu com bom humor.

— Eu adoraria saber o que essas mulheres lhe contam, Camille. Acho que um dia você vai ser uma fantástica fonte para o *News of the World*.

— Imagina...

— Você sabe todos os casos amorosos e essas coisas. Sei que você é muito discreta, mas aposto que, por baixo dos panos, essa cidade é um velho canteiro de maus comportamentos.

* * *

A uns quatrocentos metros ao longo da costa, Daisy estava sentada em uma pedra coberta de vegetação, poucos metros acima de uma enseada cheia de cascalhos, com Ellie dormindo ao lado no carrinho. O céu estava claro e aberto, as ondas tranquilas, indo com cuidado para a frente e para trás pela praia. Na mão, ela segurava uma carta.

Você deve estar furiosa comigo. E eu não a culparia. Mas, Daisy, tive tempo para pensar, e uma das coisas que concluí é que eu nunca tive a chance de querer um bebê de verdade. Ele me foi imposto. E, apesar de amar minha filha, eu não amo a maneira como ela nos afetou, ou às nossas vidas...

Ela não chorou. Sentia-se fria demais para chorar.

Eu sinto saudade de você. De verdade. Mas ainda estou muito confuso. Não sei onde minha cabeça está no momento. Não consigo dormir direito, o médico me receitou antidepressivos e sugeriu que eu procurasse alguém para conversar, mas acho que seria muito doloroso. Estou arrasado por não ver você... mas não sei se as coisas ficariam mais claras se nos víssemos.

Ele havia anexado um cheque de quinhentas libras. Era da conta da mãe.

Apenas me dê um tempo. Eu vou manter contato, prometo. Mas preciso de mais tempo. Sinto muito mesmo, Daisy. Eu me sinto um merda, sabendo que magoei você. Tem dias em que me odeio.

Era tudo sobre ele. Tudo sobre o trauma dele, a luta dele. Não havia um único ponto de interrogação — como estava a filha? Já está comendo alimentos sólidos? Dorme a noite inteira? Segura as coisas com os dedinhos rosados? Como *ela* estava lidando com tudo aquilo? A única referência a Ellie era no meio do discurso sobre a própria confusão de Daniel. Seu egoísmo, pensou Daisy, só se equiparava à sua falta de autoconhecimento. Eu queria que você tivesse um pai, falou baixinho para a filha. Queria que você tivesse o amor paterno que deveria ter sido seu direito. Mas você ganhou um pamonha obcecado com o próprio ego.

Ainda assim, naquelas palavras havia um eco da maneira como ele falava, um eco fantasmagórico daquela urgência emocional que Daisy amara por tanto tempo. E uma honestidade que ela não sabia se estava pronta para sentir. Ele não sabia se estava pronto para um bebê. Fora bastante franco sobre aquilo por um tempo. “Quando os negócios alavancarem, querida”, dizia. Ou: “Quando juntarmos dinheiro.” Suspeitava que ele havia ficado furioso quando ela contou que estava grávida, embora tivesse disfarçado. Por fora, Daniel tinha dado muito apoio, ido a todas as aulas e exames, falado as coisas certas. Não era culpa dela, afinal, disse ele mais de uma vez. Os dois estavam juntos. “É preciso duas pessoas para dançar um tango”, acrescentara Julia.

Mas nem sempre, não é?

Daisy permaneceu quieta e, pela primeira vez, culpada, se permitiu pensar no passado. Não em Ellie. Em uma cartela de pílulas, que ela viu de relance e jogou no lixo. Quatorze meses antes.

* * *

— Eles acabaram os dois quartos da frente. Quer dar uma olhada?

A Sra. Bernard tirou a recém-acordada Ellie do carrinho quando Daisy retornou, fechando a grande porta branca.

— As camas chegam amanhã, então vai começar a parecer quase pronto. E aquele homem ligou sobre as persianas. Ficou de retornar à tarde.

Daisy, cansada e com frio, tirou o casaco e o colocou no que seria a mesa da recepção. Era uma peça de 1930 garimpada por ela em Camden, que continuava envolvida em plástico-bolha que a protegia desde que fora entregue, na semana anterior. Ela queria mostrar para Jones, mas os dois não se falavam havia dez dias, desde a última vez em que se encontraram.

A Sra. Bernard, incomumente alegre, se movimentou atrás dela para indicar-lhe uma direção.

— E olhe, eles começaram a fazer os jardins. Eu ia telefonar, mas achei que você voltaria logo.

Daisy olhou para os degraus do terraço, onde uma seleção de árvores e arbustos estava sendo plantada na terra recém-adubada. Algumas das plantas maiores, os lilases e as glicínias, tinham sido podadas com o cuidado de manter o toque selvagem e mágico. Mas o terraço, lavado e restaurado, parecia puro e limpo em contraste com as formas orgânicas em volta, o cheiro de sálvia e tomilho da nova horta de ervas se misturando com a buddleja, cuja floração abundante encurvava as extremidades finas.

— Faz diferença, não faz?

A Sra. Bernard estava radiante, apontando coisas para Ellie. Ela gostava de fazer aquilo, Daisy percebera. Supôs, com uma pontada no peito, que era por não ter podido fazer o mesmo com Camille.

— Está indo — comentou, olhando em volta, uma rara sensação de realização e prazer germinando dentro dela, afastando o buraco negro que parecia sugar tudo o que era bom.

Eles ainda estavam atrasados, mas o projeto caminhava.

As salas que precisaram ser quebradas estavam abertas e vazias, enquanto uma veneziana eletrônica recém-instalada permitia que a luz entrasse pela claraboia enorme quando desejavam, poupando-os do calor ofuscante do meio-dia. Pelo menos três quartos estavam prontos, apenas aguardando os móveis, as paredes emboçadas exalando um cheiro intoxicante de pintura nova, enquanto o recém-encerado piso estilo espinha de peixe estava coberto por uma camada de poeira de obra que não desapareceria até o fim da reforma. As bancadas de aço inoxidável foram instaladas na cozinha, junto com as geladeiras e os freezers de tamanho industrial, e, com exceção de um, todos os banheiros já dispunham de louças sanitárias. O básico estava feito, e Daisy passou a se concentrar nos detalhes. Era o que sempre fazia melhor, passando agradáveis horas à procura de uma simples peça de tecido antigo, ou pesquisando em manuais de referência a forma exata como os quadros deviam ser pendurados, ou os livros, guardados. Na próxima semana, disse a si mesma, ocuparia-se com os álbuns sobre o lugar, pertencentes à Sra. Bernard. Eles eram um tesouro que ela não se permitia desfrutar até que a “parte de Daniel” do trabalho, como ela dizia, estivesse pronta.

— Ah, preciso lhe contar. Eles estão arrancando o banco do canto. Parece que a madeira está toda estragada. Mas o marceneiro acredita que consegue fazer um igual. Eu não achei que valia a pena incomodar os fornecedores com isso. E aquele jasmim do lado vai precisar ser podado, ele está estrangulando as calhas. Mas eu disse que tudo bem. Eu mesma o plantei lá quando Camille era pequena. O cheiro, sabe. Ela gostava de coisas que tivessem cheiro bom.

Daisy franziu a testa, olhando para a mulher mais velha.

— A senhora não se importa?

— Com o quê?

— Com toda essa reforma. A casa foi sua por anos, e agora estou demolindo e refazendo como quero. Não vai ficar nada parecida com o que era.

A expressão da Sra. Bernard se fechou.

— Por que eu deveria me importar? — perguntou, o tom irritado contrastando com um elaborado dar de ombros. — Não faz sentido olhar para trás, não é? Não faz sentido ficar apegada a coisas que não existem mais.

— Mas é a sua história.

— Você preferiria que eu estivesse chateada? Choramando por aí, dizendo “Ah, não era assim no meu tempo”?

— Claro que não... É só que...

— É só que pessoas velhas em teoria ficam sempre remoendo o passado. Bem, eu não tingi o cabelo de roxo, nem tenho passe de ônibus, e não ligo a mínima se você vai pintar as paredes de amarelo com bolinhas azuis... Então faça o que quiser, como eu tenho dito desde sempre. E pare de esperar aprovação de todo mundo.

Daisy sabia quando uma conversa havia acabado. Ela mordeu o lábio e voltou para dentro a fim de fazer chá. Aidan, o mestre de obras, já estava na cozinha, o som baixo de um rádio murmurando às suas costas.

— Ela falou sobre a reunião, não falou?

Ele estava apertando o saquinho de chá com os dedos, o rosto esquelético salpicado com tinta Farrow and Ball azul-turquesa.

— Que reunião?

— Aquela mulher lá do hotel. Convocou uma reunião sobre a Casa Arcádia. Quer que o conselho pare sua obra.

— Você está brincando, não é?

— Estou falando sério.

Ele deixou o sachê cair no saco de plástico que servia como lata de lixo e se recostou nas novas unidades de aço inoxidável.

— É melhor ir lá hoje à noite. Eu levaria o patrão também. A senhora sabe como eles são nesse tipo de lugar. Aquelas mulheres podem ser horripilantes.

— Ela me deixou bem assustado. — Trevor, o encanador, enfiou a cabeça na cozinha à procura de biscoitos. — Uma cinquentona que está sempre com um cachorro, não é? Ficou me alugando na banca de jornais quando fui comprar cigarro e começou a me dar lição de moral. Disse que eu não sabia o que estava fazendo e que estava abrindo uma caixa de Pandora ou coisa parecida.

— É o bar — disse Aidan. — Eles não querem um bar.

— Mas como você pode ter um hotel sem um bar?

— Não pergunte para mim, filha. Só estou contando qual é a queixa deles todos.

— Ah, caramba. O que vamos fazer agora? — O frágil autocontrole de Daisy, mal recomposto, se desintegrava novamente.

— O que você quer dizer com *fazer*? — A Sra. Bernard estava parada na porta, com Ellie apoiada no quadril. — Não há nada a ser *feito*. Você vai até lá, escuta o que ela tem a dizer, depois se levanta e diz a todo mundo que eles são um bando de idiotas retrógrados.

— Cairia bem — concordou Trevor.

— Então diga a eles como as coisas são. Ganhe isso.

— Falar em público? — perguntou Daisy, com os olhos arregalados. — Acho que não.

— Bem, diga para o Sr. Jones vir aqui. Ele que fale.

Daisy pensou nas duas conversas que os dois haviam tido desde que ele fora embora. Dava para notar que ressuscitara sua opinião anterior a respeito dela: excêntrica, sentimental demais, indigna de confiança. O comportamento dele, quando conversava com ela, era prudente e desdenhoso. Desligava os telefonemas prematura e abruptamente. Quando Daisy, ainda se sentindo mal por ter explodido, perguntou, no que pensara ser uma maneira conciliadora, quando ele voltaria lá, Jones questionou: por quê? Ela achava que não conseguia lidar com aquilo sozinha?

— Não — respondeu, brava. — Eu não quero que ele venha aqui.

— Parece que ele lidaria melhor com essa questão do que você.

— Nós não vamos. Vamos deixar que o hotel fale por si.

— Ah, atitude corajosa. Dê a Sylvia Rowan um caminho desimpedido para falar mal de você à vontade para todo mundo.

Havia algo profundamente irritante no tom zombeteiro da Sra. Bernard. Daisy achou que já ouvira demais.

— Olhe, eu não sei falar em público.

— Que tolice.

— O quê?

— Você não vai lá defender seu próprio trabalho. Você não vai ligar para Jones porque fez papel de boba com ele. Então vai ficar sentada aí e deixar que todo mundo pise em você. É tolice.

Daisy chegou ao limite.

— Ah, e eu suponho que a senhora nunca tenha feito nada errado na vida, não é? Casou-se com um homem decente, formou uma família, tornou-se um membro íntegro da comunidade. Nunca passou por um momento de dúvidas. Bem, parabéns, Sra. Bernard.

— Isso mostra quanto você sabe. Estou apenas dizendo que, nessas circunstâncias, você precisa se defender um pouco melhor.

— Nessas circunstâncias? Eu não tenho uma letra escarlate na testa, Sra. Bernard. Longe das mulheres perfeitas de Stepford, há pessoas criando filhos sozinhas, e isso não é considerado uma “circunstância”, como a senhora disse.

— Sei bem que...

— Eu nunca escolhi isso, sabe? Achei que estivesse formando uma família. Não achei que me tornaria mãe solteira. A senhora pensa que eu planejava passar a vida morando em um canteiro de obras com uma criança cujo pai nem sabe mais como ela é? Com um monte de mulheres mandonas me reprovando? A senhora acha que era isso que eu queria?

Trevor e Aidan se entreolharam.

— Não precisa ficar histérica.

— Então pare de me perseguir, caramba!

— Não seja tão sensível.

Houve uma breve pausa.

— E o que a senhora estava sugerindo quando disse que eu fiz papel de boba com Jones?

A Sra. Bernard deu uma olhada de relance para os dois homens.

— Não sei se devo dizer.

— Dizer o quê?

— Ah, não ligue para nós.

Aidan se acomodou junto às bancadas, com uma caneca de chá na mão. Pela primeira vez, a Sra. Bernard pareceu desestabilizada.

— Bem. Você deve ter pensado que estava fazendo a coisa certa... Seguindo adiante...

— De que diabo a senhora está falando?

— Você e ele. Na manhã seguinte.

Daisy franziu o cenho, esperando.

Os homens estavam imóveis, escutando.

— Acho que os jovens são diferentes hoje em dia... As coisas são diferentes...

— Ah, meu Deus, a senhora acha que eu dormi com ele, não é? Ah, eu não acredito...

Daisy deu uma risada genuína.

A Sra. Bernard passou por ela e começou a apontar algo para Ellie com grande interesse.

— Para sua informação, Sra. Bernard, não que seja da sua maldita conta, o Sr. Jones e eu não encostamos um dedo sequer um no outro. Ele ficou aqui porque a senhora levou as chaves do carro dele, só isso.

— Mas ele é um homem adorável — intrometeu-se Trevor.

— Adorável. Eu sairia com ele. Se eu fosse mulher.

Aidan riu.

A Sra. Bernard se virou e passou direto por eles.

— Eu nunca disse nada do tipo — respondeu ela, defendendo-se. — Só achei que você não deveria ter ficado bêbada perto dele. Porque ele é seu chefe e tudo o mais. Mas não vou dar minha opinião se você não quiser.

— E não quero. Na verdade, só quero ficar sozinha.

— Bem, isso é muito fácil. Aqui, pegue a bebê. Preciso fazer compras.

Ela passou por Daisy, empurrou a bebê no colo dela e foi embora.

* * *

— Daisy? Está tudo bem?

— Não. Sim. Não sei. Eu só queria ouvir uma voz amiga.

— Qual é o problema, querida?

— Ah, você sabe. Só aborrecimentos da casa. — Ela passou o dedo pelo fone. — E Daniel escreveu.

— Que pena. Eu tinha esperanças de que ele estivesse morto. Para dizer o quê?

— Que está confuso. Não está feliz.

— Ah, coitadinho. Que santo! E o que ele vai fazer?

Julia, percebeu Daisy, não era a melhor pessoa para ela ter telefonado.

— Nada. Ele... ele está se descobrindo.

— E você?

— Esqueça, Ju. Vamos mudar de assunto. Aliás, Ellie está ótima. Está comendo bem os alimentos sólidos e quase já se senta sozinha. Está com as bochechas coradinhas. Quando as coisas não estiverem tão movimentadas, e o clima esquentar um pouco, vou fazer um passeio de barco com ela.

— Acho ótimo! Posso ir até aí para ver vocês duas? Estou com saudade da minha tchutchuquinha.

Que palavra irritante.

— Deixe passar essa semana. Eu ligo para você.

— Você não tem que fazer isso, sabe, Daisy. Pode voltar para casa. A qualquer hora. Don me disse que eu não devia ter deixado você aí sozinha.

— Estou bem.

— Mas pense no assunto. Se ficar difícil demais. Eu não quero que você sinta que está sozinha.

— Vou pensar no assunto, Ju.

— Além disso, Daisy, é *Essex*.

* * *

A noite de bingo do Centro Comunitário Alderman Kenneth Elliott havia sido cancelada, e os poucos aposentados que chegaram para o jogo não estavam satisfeitos com a perspectiva de uma reunião de planejamento. Desconsolados, alguns ficaram do lado de fora, resmungando uns para os outros, como se não soubessem se ficavam ou voltavam para casa, enquanto vários outros permaneceram sentados do lado de dentro nas cadeiras de plástico, cartelas nas mãos, por via das dúvidas. O rapaz que apresentava o bingo, um ex-DJ que aspirava entrar no circuito de cruzeiros, estava do lado de fora, fumando furiosamente e pensando nas quinze libras que não ganharia. Tudo isso podia de certa maneira explicar o mau humor prematuro dos moradores de Merham que enfrentaram os aguaceiros inesperados... para chegar ali.

Era um prédio baixo, marrom-avermelhado, construído no final da década de 1970, aparentemente sem nenhuma preocupação estética nem do lado de dentro nem de fora; apenas uma carcaça mal aquecida na qual o Clube One o’Clock, a Terça Social, o bingo e algumas mães e crianças

disputavam educadamente entre si por dias e espaço para dispor algumas cadeiras e servir suco de laranja, biscoitos baratos e chá do enorme e temperamental samovar.

Nas paredes do saguão, folhas de papel xerocadas anunciavam um serviço de solicitação de ônibus por telefone, uma linha confidencial de apoio a usuários de drogas e uma nova sessão de brincadeiras para crianças com deficiências mentais ou físicas. Havia ainda um pequeno aviso, que não fora visto pelo ex-DJ, informando que o bingo da quinta-feira seria cancelado. Dominando tudo aquilo havia um novo cartaz, com mais do dobro do tamanho dos outros e os dizeres “SOS – Salvemos nossas tradições” impressos em lilás. Os moradores de Merham, incitava o panfleto, precisavam impedir a continuidade da reforma danosa daquilo a que inexplicavelmente se referiam como “a casa da atriz” para proteger os jovens e o estilo de vida tradicional da cidade.

Daisy olhou para o cartaz, para os participantes, em sua maioria na meia-idade, de costas para ela, mexendo-se nas cadeiras e olhando com expectativa para o palco, e resistiu ao desejo de dar meia-volta e retornar para sua relativa segurança na Arcádia. Ela só foi impedida pela hipótese igualmente aterradora de que a impressão de Jones e da Sra. Bernard sobre ela estivesse correta: uma mulher fraca, covarde, excêntrica. Despreparada. Ela puxou Ellie do carrinho, tirou da filha as múltiplas camadas de roupa com as quais a Sra. Bernard sempre a vestia, encostou o carrinho em um canto e depois se sentou o mais discretamente que conseguiu no fundo do salão, enquanto o prefeito, um homem baixo, corpulento, que sentia prazer em usar a insígnia do cargo, com um mínimo de alarde, apresentou Sylvia Rowan.

— Senhoras e senhores, serei rápido, porque sei que estão todos ansiosos para voltar para casa — anunciou a Sra. Rowan, resplandecente em um casaco reto vermelho e saia plissada, de pé no palco do salão, as mãos pressionadas uma na outra. — Eu gostaria de lhes agradecer pela participação tão esplêndida. Serve para mostrar que o espírito de comunidade não está morto em algumas partes do nosso amado país!

Ela sorriu, como se esperasse aplausos, mas, ao ouvir apenas o fraco murmúrio de concordância, continuou:

— Bem, eu convoquei esta reunião porque, como vocês sabem, passamos muitos anos protegendo Merham de um destino semelhante ao de Clacton ou Southend. Apesar da oposição considerável, conseguimos sempre restringir as circunstâncias nas quais o álcool pode ser vendido nessa cidade. Alguns podem nos achar antiquados, mas gosto de pensar que

nós, de Merham, mantivemos um sentimento de família, certo padrão para nossa pequena cidade, ao não permitir que ela se tornasse apenas outro aglomerado de bares e boates.

Ela sorriu, um abafado “Isso mesmo” vindo do fundo. Daisy ninava Ellie com delicadeza.

— Sinto que Merham é uma das mais agradáveis cidades costeiras da Inglaterra. Aqueles que desejam beber têm à disposição o restaurante do Sr. e da Sra. Delfino aqui, o restaurante indiano e nosso espaço no Riviera. Isso sempre foi mais do que suficiente para os moradores e manteve afastados os... como dizer?... sujeitos grosseiros que são atraídos pelas cidades costeiras. Mas agora — disse ela, olhando em volta — estamos sob ameaça.

Um silêncio tomou conta do salão, com apenas o ocasional arrastar de um sapato no chão ou o toque estridente de um celular o interrompendo.

— Ficamos todos contentes, tenho certeza, em ver uma de nossas construções mais bonitas sendo reformada. E um funcionário da secretaria de planejamento me informou que tudo o que está sendo feito preserva a história da casa. Aqueles de nós que conhecem essa história estão se perguntando o que isso significa!

Ela deixou escapar uma risadinha nervosa, ecoada por algumas das pessoas mais velhas do salão.

— Mas, como vocês sabem, o uso da propriedade não vai ser particular. A casa da atriz, como nós, os moradores de longa data da cidade a conhecemos, será transformada em um hotel para londrinos. Criado nada menos que pelo dono de uma boate no Soho, que quer um lugar para gente do tipo dele se hospedar fora da cidade grande. Alguns dentre nós deveriam questionar se realmente precisamos de frequentadores do Soho chegando por aqui e usando Merham como seu playground particular, mas, como se isso não fosse ruim o bastante, o novo proprietário está solicitando uma permissão para... — Ela verificou um pedaço de papel em sua mão. — ...um heliporto. Vocês podem imaginar o nível do barulho se houver helicópteros pousando em todas as horas do dia e da noite. E não apenas um, mas *dois* bares, com horário de funcionamento estendido. Assim, todo tipo de gente poderia vaguear pelas ruas, bêbada e possivelmente trazendo drogas para nossa pequena cidade, além de sabe-se lá o que mais. Bem, senhoras e senhores, eu não quero aceitar isso. Acho que deveríamos pressionar nosso parlamentar local e o funcionário responsável pela secretaria de planejamento para fazê-los retirar a

permissão para um hotel na casa. Merham não precisa, e certamente não quer isso!

Ela terminou com um floreio, balançando a folha de papel amassada acima da cabeça.

Daisy viu os gestos de cabeça em aprovação ao redor, e seu coração se apertou.

O prefeito, de pé na frente, agradeceu uma ruborizada Sra. Rowan pelas “palavras entusiasmadas” e perguntou se alguém tinha algo a acrescentar. A mão de Daisy se levantou, e duzentos pares de olhos se viraram para ela com expectativa.

— Hum, eu sou Daisy Parsons, a decoradora que está...

— Fale mais alto! — Ouviu-se um grito vindo da frente. — Não conseguimos escutar.

Daisy foi até o corredor entre as duas seções de cadeiras e respirou fundo. O ar estava esfumaçado, carregado com a mistura de diversos perfumes baratos.

— Eu sou a arquiteta que está reformando a Casa Arcádia. E ouvi com atenção o que a Sra. Rowan tinha a dizer.

Ela manteve os olhos focados em um ponto acima das cabeças, de modo que não precisasse se concentrar em ninguém em especial. Se ela reparasse nas expressões deles, sabia que vacilaria.

— Entendo que vocês se empenhem em relação à casa, e isso é admirável. É uma casa linda, e se alguém quiser ir...

— Mais alto! Ainda não estamos ouvindo!

Daisy continuou:

— Se alguém quiser ir lá ver o que estamos fazendo, será mais do que bem-vindo. Na verdade, eu adoraria ouvir um residente que conheça a história da casa, ou os moradores anteriores, porque desejamos trazer elementos do passado dela para a decoração. Embora a construção não seja tombada, nós nos preocupamos em nos manter fiéis ao projeto original.

Em seu colo, Ellie mudou de posição, os olhos brilhantes e redondos parecendo botões de vidro.

— A Sra. Rowan está certa, há uma solicitação para a construção de um heliporto. Mas seria escondido da vista da cidade, operaria apenas durante um limitado período de tempo e, para ser franca, acho que vamos acabar não construindo de qualquer jeito. Tenho certeza de que a maioria dos visitantes virá de carro ou trem.

Ela olhou para os rostos em volta e não notou mudança nas expressões.

— E, sim, solicitamos licença para dois bares, um do lado de dentro e outro do lado de fora. Mas as pessoas que virão à Casa Arcádia não são arruaceiros bêbados, não vão ficar embriagados com cidra barata e brigar à beira-mar. São pessoas ricas, civilizadas, que querem apenas uma gim-tônica e uma garrafa de vinho para acompanhar a refeição. Vocês provavelmente nem notarão a presença delas.

— O barulho se propaga naquela casa — interrompeu Sylvia Rowan. — Com um bar do lado de fora, haverá música e todo tipo de barulho, e se o vento soprar da maneira certa, a cidade inteira será obrigada a ouvir.

— Tenho certeza de que podemos resolver isso se as pessoas conversarem com o proprietário sobre essas preocupações.

— O que você não entende, Srta. Parsons, é que já vimos tudo isso. Já aconteceram festas e todo tipo de coisa naquela casa, e nós não gostamos.

Um murmúrio de concordância atravessou o salão.

— Isso sem falar do impacto que vai causar nos restaurantes que já existem.

— Vai trazer mais mercado para eles — argumentou Daisy. — Para a cidade.

Ellie começou a choramingar sem motivo aparente. Daisy a trocou de lado e tentou se concentrar na discussão apesar do som importuno do choro dela.

— E vai acabar com o comércio que já existe.

— Eu realmente não acho que seja o mesmo tipo de mercado.

Parada no meio do salão, Daisy nunca se sentira tão sozinha na vida.

— Ah, é? E como você está dizendo que nosso mercado é, então?

— Ah, pelo amor de Deus, Sylvia, você sabe muito bem que o tipo de gente que vai tomar chá aos domingos no seu precioso hotel dificilmente vai ouvir música eletrônica, ou o nome que você quiser dar, em um bar moderno.

Daisy olhou para o lado e notou a Sra. Bernard em pé a algumas fileiras de distância, o marido de um lado, Camille e Hal do outro. A mulher mais velha se virou, olhando para os rostos das pessoas ao redor.

— Esta cidade está morrendo — disse ela, pronunciando as palavras devagar para dar ênfase. — Este lugar está nas últimas, e todos nós sabemos disso. A escola está sob ameaça, metade das lojas na rua de cima está fechada ou entregue a instituições de caridade, e o mercado está encolhendo a cada semana porque não tem clientes suficientes para manter os comerciantes sem dívidas. Até as pousadas estão desaparecendo.

Precisamos parar de olhar para trás, parar de nos opor a cada perspectiva de mudança e deixar entrar um pouco de ar fresco.

Ela olhou para Daisy, que tinha enfiado o dedo mindinho na boca de Ellie e estava balançando para a frente e para trás.

— Podemos não nos sentir confortáveis em receber os recém-chegados entre nós, mas precisamos atrair alguém se quisermos que o comércio sobreviva, se quisermos que nossos jovens construam um futuro aqui. E é melhor termos pessoas ricas de Londres do que ninguém.

— Isso não aconteceria se a Associação de Pousadas ainda existisse — objetou uma idosa na fileira da frente.

— E o que aconteceu com a Associação de Pousadas? Morreu, porque não havia pousadas o bastante para compensar a existência de uma associação.

A Sra. Bernard se virou e olhou com desdém para Sylvia Rowan.

— Quantos de vocês viram sua receita e seus lucros crescerem nos últimos cinco anos? Vamos lá, digam!

Houve um burburinho geral e cabeças balançando.

— Exatamente. Isso é porque nós nos tornamos retrógrados e hostis. Pergunte às proprietárias. Não temos mais charme nem para atrair famílias, nossa força vital. Precisamos abraçar as mudanças, não as rejeitar. Vão embora e pensem sobre isso antes de começarem a tentar puxar o tapete dos novos negócios.

Houve fracos aplausos salpicados.

— E você sabe bem sobre isso, não é?

A Sra. Bernard se virou para encarar Sylvia, que olhava bem nos olhos dela.

— Aquele empresário provavelmente pagou pela casa. E, segundo consta, ainda está pagando. Então você nunca será imparcial.

— Se você não me conhece até hoje, Sylvia Holden, para saber que tomo minhas decisões sozinha, então você é uma mulher ainda mais idiota do que era quando criança. E isso não é pouco.

Algumas risadas abafadas ecoaram no fundo do salão.

— Sim, bem, todos nós sabemos que tipo de garota...

— Senhoras, senhoras, já chega.

O prefeito, talvez com medo de brigas entre as senhoras, se colocou com firmeza entre as duas mulheres. Daisy ficou chocada com a inimizade estampada no rosto delas.

— Obrigado, obrigado. Tenho certeza de que ambas nos deram muito o que pensar. Acho que deveríamos votar agora...

— Você não acha que esquecemos, acha? Só porque ninguém mais fala sobre o assunto, não quer dizer que tenhamos esquecido.

— Sra. Rowan, por favor. Vamos dar início à votação e ver como está a situação antes de prosseguirmos para qualquer outra coisa. Mãos para cima todos os que forem contra ou não apoiarem a renovação da Casa Arcádia.

— Você precisa parar de viver no passado, sua tola — disse a Sra. Bernard, a voz digna de um sussurro de palco, voltando para seu lugar ao lado do marido.

Ele murmurou alguma coisa e deu tapinhas na mão dela.

Daisy prendeu a respiração e olhou em volta. Quase três quartos, pelo que ela calculava.

— Os que são a favor?

Ela foi até o carrinho, onde colocou a filha, que não parava de reclamar. Tinha feito o que prometera. Já estava quase na hora de Ellie dormir, e Daisy queria voltar para a casa que, na ausência de outro lugar, começara a considerar como lar.

* * *

— Você não vai se permitir ficar ainda mais triste, não é?

A Sra. Bernard estava na porta da sala, uma pilha de folhetos embaixo do braço.

Daisy estava deitada no sofá, a carta de Daniel nas mãos, escutando o rádio e sem dúvida se sentindo ainda mais triste, como a Sra. Bernard adivinhou. Ela se aprumou e abriu espaço para a mulher se sentar.

— Um pouco, eu acho — respondeu, abrindo um sorriso vago. — Eu não sabia que havia tanta oposição.

— Sylvia Rowan é contra.

— Mas há muito sentimento ruim. Na verdade, é um pouco irritante...

Ela respirou fundo.

— Você está se questionando se vale a pena.

— Sim.

— Tente não se preocupar muito com isso — zombou a Sra. Bernard.

— Não esqueça, apenas os enxeridos compareceram. E os que pensaram que teria bingo. Todos os que não estavam lá provavelmente não dariam opinião nem a favor nem contra. E eles vão ter um trabalhão para revogar uma permissão, se já estiver concedida, independentemente do que pense aquela mulher tola.

Ela olhou para Daisy, a expressão um tanto questionadora. Um observador casual poderia achar que era preocupação.

A Sra. Bernard observou as próprias mãos, pensativa.

— É a primeira vez que eu falo com aquela família em quase quarenta anos. Você ficaria surpresa em saber como é fácil fazer isso, mesmo em uma cidade pequena. Ah, claro, todos eles falam com Camille, mas ela sabe que não estou interessada, então guarda para si mesma. De qualquer modo... — Ela suspirou. — Eu só queria dizer para você não sair abandonando tudo. Não agora.

Houve um breve silêncio. No andar de cima, Ellie gemeu enquanto dormia, o som emitindo ondas de luzes coloridas no monitor da babá eletrônica.

— Talvez não. Obrigada... E obrigada por ir lá e falar. Foi... foi gentil da sua parte.

— Não, não foi. Eu só não queria deixar aquela miserável pensar que podia conseguir tudo do jeito dela.

— Mas ela teve muito apoio. Eles realmente não gostam da ideia de ter gente de fora vindo aqui, não é?

A Sra. Bernard começou a rir. Seu rosto assumiu uma expressão irônica, seus traços se suavizaram.

— As coisas nunca mudam — disse ela, tranquila. — Nunca mudam.

Ela pegou uma de suas pastas.

— Vamos fazer assim: vá lá e pegue uma taça de vinho para mim, então eu lhe mostro como essa casa era. Você vai entender o que eu quero dizer.

— As fotos.

— Vinho decente. Francês. Se for aquele Blue Nun ou do tipo que você e o Sr. Jones estavam falando naquela noite, pode esquecer. Vou embora agora.

Daisy se levantou para pegar uma taça, mas parou na porta da cozinha e se virou.

— Sabe, espero que não seja muito intrusivo da minha parte nem nada assim, mas preciso perguntar... Como a senhora acabou se tornando dona desta casa? Se não tinha nada a ver com seu marido, quer dizer. Poucas mulheres conseguem uma obra-prima da arquitetura para usar como refúgio particular.

— Ah, você não quer entrar nisso tudo.

— Quero, sim. Senão não teria perguntado.

A Sra. Bernard passou o dedo na parte de cima da pasta.

- Deixaram para mim.
- Deixaram para a senhora.
- Sim.
- Deixaram.

Houve uma longa pausa.

- E isso é tudo o que vai me contar?
- Do que mais precisa saber?
- Eu não *preciso* saber nada... mas a senhora tem que guardar tudo para si? Vamos lá, Sra. Bernard. Relaxe um pouco. Já sabe muito mais sobre mim do que eu sei sobre a senhora. Nem tudo precisa ser segredo de Estado. Eu não vou falar nada. Não tenho ninguém a quem contar, tenho?
- Vou mostrar as fotos para você, não vou?
- Mas elas não são da senhora. São da casa.
- Dá no mesmo.
- Desisto.

Daisy entrou na cozinha, depois voltou dando de ombros de uma maneira bem-humorada.

- Eu sei quando perco uma batalha. Vamos falar sobre tecidos, então.

A Sra. Bernard se recostou para trás e lhe lançou um olhar demorado. Algo mudou naquela noite, pensou Daisy. A atitude dela estava um pouco diferente, uma espécie de “Bem, se chegamos tão longe assim...”.

Ela aguardou, sem dizer nada, enquanto a Sra. Bernard se voltava para suas pastas, até finalmente abrir uma no colo, virada para cima.

- Tudo bem. Se incomoda tanto você — disse ela. — Vou contar como fiquei com a casa, contanto que me prometa que não vai sair tagarelando para todo mundo. Mas primeiro preciso de uma bebida. E chega dessa coisa sem sentido de Sra. Bernard. Se vou contar a você todos os meus “segredos de Estado”, pode me chamar pelo primeiro nome. Lottie.

Querido Joe,

Obrigada pela carta e pela sua fotografia com o carro novo. Ele é muito elegante, com um bonito tom de vermelho, e você parece um dono bastante orgulhoso. Coloquei a foto na minha mesa, perto do retrato da minha mãe. Não tenho muitas fotografias, então foi um ótimo presente.

Não tenho muito a contar daqui. Estou descansando das tarefas domésticas e lendo um livro que Adeline me emprestou. Os meus preferidos são os de história da arte. Ela diz que vai me transformar em uma Leitora. Também está me incentivando a praticar pintura para que eu possa fazer uma surpresa a Frances quando ela chegar. Não sou muito boa — minhas aquarelas costumam escorrer e misturar uma na outra, e fico com mais carvão nos dedos do que no papel —, mas gosto bastante. Não é como fazíamos na escola. Adeline vive falando que preciso aprender a “me expressar”. Quando Julian vem aqui, diz que estou “expandindo meus horizontes” e que um dia ele vai emoldurar e vender um quadro meu. Acho que isso só pode ser uma piada dele.

Não que façam muitas piadas por aqui. Na cidade, você é visivelmente considerado um tipo leviano se ousar colocar um broche no vestido e não for domingo. Tem uma mulher — ela gerencia a padaria (o pão é como um bastão, e tão comprido quanto uma perna!) — que é muito animada e joga conversa fora. Mas madame Migot, que é uma espécie de médica, sempre olha para ela de uma maneira muito severa. Para falar a verdade, ela olha dessa forma para todo mundo. Principalmente para mim e para Adeline.

Não sei se contei a você onde fica nossa pequena cidade. É a meio caminho de uma montanha, Mont Faron, mas não como aquelas dos livros, com neve no topo. Essa é muito quente e seca e tem um forte militar, e da primeira vez que George levou a mim e Adeline lá em cima pela estrada estreita que segue até o cume, fiquei enjoada e com medo. Mesmo lá em cima, precisei me segurar em uma árvore. Sabia que tem pinheiros aqui? Não do mesmo tipo que temos em casa, mas eles fizeram eu me sentir melhor. Adeline manda lembranças. Está colhendo ervas no jardim. O

cheiro delas fica muito forte nesse calor, nada parecido com o velho jardim da Sra. H.

Espero que você esteja bem, Joe. E obrigada por continuar escrevendo. De vez em quando, verdade seja dita, eu me sinto um pouco solitária, e suas cartas têm sido um conforto para mim.

Sua etc.

* * *

Lottie estava deitada de lado no piso frio, o quadril apoiado em uma almofada, outra sob o pescoço, esperando pelo momento em que seus ossos começariam a reclamar da rigidez do chão. Suas articulações não aguentavam muito tempo: mesmo na cama macia de penas do andar de cima, começavam a doer minutos após ela se acomodar em qualquer posição, exigindo que encontrasse novos pontos de pressão sobre os quais se apoiar. Lottie relaxou, sentindo as primeiras pontadas de desconforto na coxa esquerda, e fechou os olhos com irritação. Não queria sair dali: o chão era o único lugar frio da casa escaldante, cheia de tecidos que pinicavam e criaturas voadoras gigantes que zumbiam, batiam nos móveis e resmungavam, zangadas, nas janelas.

Do lado de fora, via Adeline sob um avantajado chapéu de palha, se movimentando lentamente pelo jardim amarelado, não podado, colhendo ervas e cheirando-as antes de colocá-las em uma cestinha. Quando ela fez menção de voltar para a casa, o bebê chutou forte, e Lottie resmungou de mau humor, puxando o quimono de seda para não ter que olhar a barriga inchada.

— Quer uma bebida, Lottie, querida?

Adeline passou por cima dela e foi até a pia. Estava acostumada a ver a amiga deitada no chão.

Também estava acostumada à melancolia dela.

— Não, obrigada.

— Ah, que droga, acabou o grenadine. Espero que aquela mulher miserável chegue logo da cidade. Quase tudo está acabando. E também precisamos lavar a roupa de cama, pois Julian volta essa semana.

Lottie se ergueu, tentando conter o desejo de se desculpar. Não importava de quantas maneiras Adeline a repreendesse, ela ainda se sentia culpada por estar gorda, lenta e inútil nas últimas semanas de gestação. Nos primeiros meses após sua chegada, Lottie se encarregara das tarefas da casa e cozinhou (“Tínhamos uma moça da cidade, mas ela era um

horror”), aos poucos colocando a decrepita casa francesa em ordem, moldando-se em um híbrido de Sra. Holden e Virginia, assumindo o cargo de empregada como pagamento pela hospitalidade de Adeline. Não que Adeline quisesse pagamento, mas Lottie se sentia melhor dessa maneira. Se você troca sua estadia por tarefas da casa, é mais difícil pedirem para você ir embora.

Adeline, enquanto isso, parecia considerar como sua missão persuadir Lottie (contras todas as evidências disponíveis, segundo Lottie percebia) de que havia benefícios em deixar Merham. Ela havia se tornado uma tutora, incentivando-a a ser “corajosa” na criação de sua autoimagem. Inicialmente inibida e reticente, Lottie ficou surpresa ao notar como, mesmo sendo alguém que não parecia mais existir em lugar nenhum, ela podia criar imagens tão sólidas em uma página. Os elogios de Adeline criaram um raro sentimento de realização nela — o Dr. Holden havia sido a única pessoa a elogiá-la por qualquer coisa até então —, como se talvez existisse algum outro propósito em sua vida. E devagar, pouco a pouco, ela teve que admitir um interesse assustador nesses novos mundos. Eles, no mínimo, ofereciam oportunidades para escapar de sua existência. No momento, porém, ela estava imensa. E não prestava para nada. Se ficasse de pé por muito tempo, sentia-se tonta e os tornozelos inchavam. Caso se movimentasse demais, começava a suar, e as pequenas áreas do seu corpo que passaram a roçar umas nas outras ficavam rosadas, doloridas e assadas. O bebê, esticando-se em seu confinamento pouco elástico, se mexia sem parar, moldando a barriga em formatos impossíveis, deixando-a sem dormir à noite e exausta durante o dia. Desse modo, ela passava o tempo sentada ou deitada no chão, mergulhada profundamente em sua tristeza, esperando pelo calor ou pelo nascimento da criança.

Adeline, felizmente, não dizia nada sobre a depressão ou o mau humor de Lottie. A Sra. Holden teria ficado zangada e dito que a garota estava afetando o humor de todos com sua melancolia. Mas Adeline não se importava se Lottie não quisesse conversar ou participar. Ela apenas seguia seu ritmo, aparentemente impassível, cantarolando, movimentando-se ao redor da moça e perguntando sem ressentimento se ela queria outra bebida, outra almofada, ou se poderia ajudá-la a escrever mais uma carta para Frances. Adeline escrevia muitas cartas para Frances.

E não recebia nenhuma resposta.

Já fazia quase seis meses desde que Lottie deixara a Inglaterra, sete desde que deixara Merham. Poderiam ter sido dez anos, tamanha era a distância. Em seu estado inicial de choque, Lottie, talvez de forma

ingênua, foi à casa da mãe, que, com o cabelo impetuosamente cheio de laquê, feito um capacete, e a boca de uma cor intensa de tangerina, disse para a filha nem cogitar ficar lá. Ela falou, balançando um cigarro, que não acreditava que Lottie não havia aprendido com seu próprio exemplo. A filha desperdiçara todas as oportunidades que Deus lhe dera, mil vezes melhores do que as que *ela* recebera, e largara os Holden deixando-os com a impressão de que Lottie não era melhor do que ela própria.

Além disso — e nesse ponto sua mãe se tornou curiosamente recatada, quase conciliadora —, ela havia construído uma vida, estava namorando um viúvo simpático. Ele era um tipo moralista, não entenderia. Não era como os outros, comentou, dando uma olhadela na direção de Lottie que parecia um reconhecimento de culpa. Ele era *decente*. Antes de chegar à metade da xícara de chá, Lottie havia entendido que não apenas ela não estava sendo convidada a ficar como, feito acontecera em Merham, parecia não existir mais.

Sua mãe não contara ao tal homem que tinha uma filha. Havia alguns retratos de Lottie pela casa quando ela morava lá, mas naquele momento não havia nenhum. Sobre a lareira, onde antes ficava uma fotografia dela e da tia Jean, irmã da mãe, já falecida, agora havia uma foto emoldurada de um casal de meia-idade com os braços dados diante de um pub country, olhos semicerrados, a cabeça calva do homem brilhando à luz do sol.

— Eu não estava pedindo nada. Acho que só queria ver você.

Lottie pegou suas coisas, incapaz até mesmo de reunir energia suficiente para se sentir magoada. Comparado ao que ela passara, a rejeição daquela mulher parecia algo curiosamente menor.

O rosto da mãe ficou contraído, como se estivesse segurando as lágrimas. A mulher deu batidinhas no rosto com uma esponja de pó compacto, depois estendeu a mão e segurou com força o braço de Lottie.

— Depois me dê notícia sobre seu paradeiro. Escreva.

— Devo assinar Lottie? — retrucou a filha, virando-se sem animação em direção à porta. — Ou prefere “sua boa amiga”?

Com a boca contraída, a mulher enfiou dez xelins na mão de Lottie. A menina olhou para aquilo e quase riu.

* * *

Lottie não adorava a França, apesar dos esforços de Adeline. Não gostava muito da comida, exceto pelo pão. Os ensopados elaborados com alho demais e as carnes com molhos pesados a deixavam ansiando pela

suavidade reconfortante de um bom peixe com batata frita ou de sanduíches de pepino, e ela vomitou no meio-fio na primeira vez que sentiu o cheiro forte de um queijo francês no mercado. Não gostava do calor, que era bem mais intenso do que o de Merham, mas sem o alívio do mar e da brisa marinha, nem dos mosquitos, que a atacavam sem remorso, como bombardeiros que zuniam durante a noite. Ela não gostava da paisagem, que parecia árida e hostil, o solo ressecado e a vegetação enroscada em postura ameaçadora sob o calor do sol, nem dos grilos e de seu som estridente e incessante. E detestava os franceses: os homens, que a observavam com firmeza e curiosidade, e, conforme suas medidas aumentavam, as mulheres, que faziam o mesmo, mas com desaprovação e, em alguns casos, repulsa descarada.

Madame Migot, que atuava como parteira, havia ido vê-la duas vezes, a pedido de Adeline. Lottie a detestava: ela tocava sua barriga de um jeito grosseiro, como se estivesse sovando pão, depois verificava sua pressão sanguínea e bradava instruções para Adeline, que, por sua vez, parecia inexplicavelmente calma e incontrita. Madame Migot não dirigiu a palavra a Lottie nem uma única vez; mal fazia contato visual.

— Ela é católica — murmurava Adeline assim que a velha ia embora.
— Age conforme o esperado. Você, acima de qualquer pessoa, deveria saber como é o povo de uma cidade pequena.

Mas era isso. Apesar de tudo, Lottie sentia saudade de sua cidade pequena. Sentia saudade do aroma de Merham, da mistura de sal com asfalto, dos sons dos pinheiros-da-escócia balançando ao vento marítimo, da área verde aberta e ordenada do parque municipal e dos quebra-mares apodrecidos estendendo-se até o infinito. Ela gostava da pequenez do lugar: todos conheciam os limites, e era improvável que fossem ultrapassados. Ela nunca teve o desejo de viajar que Celia nutria, a ânsia para conhecer novos horizontes; ficava agradecida apenas por permanecer na cidadezinha agradável, ordenada, talvez premonitoriamente consciente de que era improvável que durasse por muito tempo.

Mais do que tudo, sentia saudade de Guy. Ela se endurecera a ponto de não pensar nele durante o dia; erguera uma barreira na mente por meio da qual, com severa determinação, podia expulsar a imagem de Guy como se estivesse fechando uma cortina. De noite, entretanto, ele ignorava suas súplicas por paz e vagava pelos sonhos dela, seu sorriso assimétrico, suas mãos esbeltas e morenas, sua ternura tanto chamando-a quanto insultando-a com sua ausência. Às vezes, ela acordava dizendo o nome dele.

As vezes, indagava-se como era possível estar tão longe do mar e ainda assim sentir como se estivesse se afogando.

Primavera virou verão, e os visitantes chegavam e partiam, sentando-se na varanda com chapéus de palha, bebendo vinho tinto e dormindo no calor da tarde. Muitas vezes uns com os outros. Julian chegou, educado demais para mencionar a barriga cada vez maior de Lottie, ou para perguntar-lhe como acontecera. Ele era implacavelmente alegre, perigosamente extravagante. Ao que parecia, estava ganhando dinheiro de novo. Deu a Adeline a casa de Merham, além do busto de uma mulher, assustador de tão caro e que, para Lottie, parecia ter sido frequentado por formigas. Stephen apareceu duas vezes. Também visitou um poeta chamado Si, que, com um forte sotaque de escola particular, contou-lhes várias vezes que estava “ligado”, e que estava apenas “por aí” enquanto não arranjava “um trampo”; e achava Adeline “o máximo” por “descolar um teto” para ele. Era, como definiu George em tom zombeteiro, um membro da geração beat via Basingstoke.

George chegou e ficou. Foi somente então que Adeline pareceu ganhar vida, engrenando conversas animadas e sussurradas com ele enquanto Lottie se esforçava para fingir que não estava lá. Ela sabia que falavam sobre Frances.

Uma vez, bêbado, ele olhou para a barriga de Lottie e fez uma piada sobre frutas e sementes, e Adeline bateu nele com força.

— Sabe, eu admiro bastante você, Lottie — disse George quando Adeline não estava ouvindo. — Você provavelmente foi a coisa mais perigosa que já aconteceu em Merham.

Lottie, escondendo-se embaixo de um chapéu enorme, lhe lançou um olhar furioso.

— Eu sempre pensei que sua irmã é que se meteria em encrenca.

— Ela não é... era minha irmã.

Parecia que George não escutava. Estava deitado na grama, mordiscando um pedaço do salame apimentado e mofado que gostava de comprar no mercado. Em volta deles, os grilos continuavam seu coro chiado, se irrompendo vez ou outra no calor da tarde, como se fossem o motor do dia.

— E logo você, a séria. Em certo sentido, não me parece justo. Você estava apenas curiosa? Ou ele prometeu ser seu para sempre? A *cereja* do seu bolo, talvez? Um *mamão* com açúcar? Nossa, Lottie, acho que a madame Holden nunca ouviu você usando uma linguagem assim... muito

madura, devo dizer... Tudo bem, tudo bem... Você vai querer algum daqueles figos, ou eu posso comer?

Fosse por sua tristeza ou pela distância de sua vida anterior, de qualquer vida, Lottie achava difícil sentir alegria ou ansiedade carinhosa em relação ao bebê. Na maior parte do tempo, considerava difícil pensar nele como um bebê. De vez em quando, à noite, sentia uma culpa terrível por trazê-lo ao mundo sem pai; em um lugar onde seria visto com repugnância pelas madames Migot da vida e com desconfiança por todos os outros. Outras vezes, sentia um ressentimento ardente em relação a ele: sua existência significava que ela nunca ficaria livre da presença de Guy, da dor que se atrelava a esse sentimento. Ela não sabia o que lhe causava mais medo: a perspectiva de não amar o bebê por causa dele, ou de amá-lo pela mesma razão.

Lottie raramente pensava sobre como, na prática, enfrentaria a situação. Adeline havia lhe dito para não se preocupar.

— Essas coisas se resolvem, querida — disse ela, afagando sua mão. — Apenas fique longe das freiras.

Lottie, farta e cansada de quase tudo, esperava que ela estivesse certa. A garota não chorou nem se enraiveceu. Desde as primeiras semanas, quando descobriu sua situação difícil, ela não se importou. Não mudaria nada. E pareceu mais fácil sufocar suas emoções, contê-las, em vez de deixá-las à flor da pele, como fizera antes. Conforme a gestação progredia, ela se tornava sonolenta, distraída. Ficava horas sentada no jardim não podado observando as libélulas e as vespas planarem em volta dela, ou, quando ficava muito quente, deitava no chão frio da casa, feito uma morsa vestida de quimono pegando sol nas pedras. Talvez morresse no parto, pensava. E se sentia perversamente reconfortada.

* * *

Talvez ciente do fato de que a depressão de Lottie crescia em uma proporção inversa aos dias que faltavam para o nascimento do bebê, Adeline começou a forçá-la que a acompanhasse no que chamava de “aventuras”, embora raramente as tarefas contivessem qualquer desafio maior do que pedir um vinho tinto ou um licor de anis, talvez comprar uma torta de maçã ou uma *tropézienne* doce e cremosa. Evitando o calor pegajoso e poluído de Toulon, cidade próxima de onde moravam, Adeline fazia George levá-las mais longe, para Sanary. Lottie sentia falta do mar, justificava. A cidade costeira ornada de palmeiras, com ruas pavimentadas

e sombreadas e casas alegres de venezianas em tons pastel, seria um energizante bem-vindo. Era famosa pelos artistas e artesãos, disse Adeline, acomodando-se com Lottie em um café na calçada, perto do ruído relaxante de um chafariz de pedra. Aldous Huxley morou lá enquanto escrevia *Admirável mundo novo*. Toda a costa sul forneceu inspiração para artistas ao longo dos anos. Frances e ela tinham viajado de St. Tropez a Marseille um ano, e no final da viagem havia tantos quadros no portamalas que elas foram forçadas a voltar com as bagagens no colo.

George, alegando um encontro no bar, sussurrou algo para Adeline e as deixou.

Lottie, ignorando a mulher de saia preta que colocou uma cesta de pães na frente dela, não disse nada. Em parte porque havia adormecido no caminho, e o sono, atrelado ao calor, a deixava ainda mais lenta e boba. Era também em parte por estar centrada na maneira como o bebê a deixava. Ela havia aos poucos reduzido sua identidade a alguns sintomas simples: pés inchados, barriga avolumada e sensível, coceira nas pernas, tristeza. Era um esforço ir além dessas sensações para prestar atenção em qualquer outra pessoa e notar que Adeline, sentada no lado oposto, finalmente a deixara com seus pensamentos para ler uma carta e não mudava de posição havia algum tempo.

Lottie tomou um gole d'água e observou o rosto de Adeline.

— Você está bem?

Ela não respondeu.

Lottie ajeitou-se na cadeira e deu uma olhada nas pessoas sentadas às mesas em volta, parecendo contentes de passar horas sem fazer quase nada. Ela tentava não ficar sob o sol: sentia-se enjoada e superaquecida.

— Adeline?

Ela estava segurando a carta, metade aberta, na mão.

— Adeline?

A mulher olhou para ela, como se só naquele momento tivesse tomado consciência da presença de Lottie. Seu rosto, como sempre, estava impassível, adornado por belos óculos escuros. O cabelo preto caía para a frente, tapando as bochechas molhadas.

— Ela me pediu para não escrever mais.

— Quem?

— Frances.

— Por quê?

Adeline olhou em direção ao pátio pavimentado. Dois cães brigavam para pegar algo na calha.

— Ela diz... ela diz que eu não tenho nada de novo para contar.

— Isso foi meio ríspido — disse Lottie em tom aborrecido, ajeitando seu chapéu. — É difícil encontrar coisas novas para escrever nas cartas. Nada acontece por aqui.

— Frances não é ríspida. Eu não acho que ela quis dizer... Ah, Lottie...

Elas nunca falavam sobre assuntos pessoais. Quando Lottie chegou, começou a se desculpar em meio às lágrimas e a explicar sobre o bebê, mas Adeline apenas balançou a mão pálida e disse que ela sempre seria bem-vinda. Nunca perguntou nada sobre as circunstâncias, talvez acreditando que Lottie daria de bom grado qualquer informação que se sentisse compelida a compartilhar, e, da mesma forma, revelava pouco sobre si. Adeline mantinha conversas agradáveis, assegurando-se de que a amiga tivesse tudo de que precisasse, e, a não ser pela estranha pergunta sobre Frances, é como se talvez pudessem ser parentes distantes, visitantes determinadas a aproveitar sua estadia.

— O que eu faço?

Parecia tão triste, tão conformada. Não havia mais ninguém.

— Ela não deveria estar sozinha. Frances nunca se sente bem sozinha. Fica muito... melancólica. Precisa de mim. Mesmo sem querer, ela precisa de mim.

Lottie se recostou em uma das cadeiras de vime, sabendo que o padrão do material ficaria impresso em suas coxas em minutos. Ela protegeu o rosto do sol e examinou a expressão de Adeline, se perguntando se a mulher tinha entendido certo.

— Por que ela está tão zangada com você?

Adeline olhou para ela, depois para as próprias mãos, ainda segurando a carta indesejada. Olhou para a frente mais uma vez.

— Porque... porque eu não posso amá-la da maneira como ela quer.

Lottie franziu o cenho.

— Ela não acha que eu deveria estar com Julian.

— Mas ele é seu marido. Você o ama.

— Sim, eu o amo... Como um amigo.

Houve uma breve pausa.

— Um amigo? — disse Lottie, lembrando-se da tarde que passara com Guy. — Apenas um amigo?

Ela fitou Adeline.

— Mas... mas como ele suporta essa situação?

Adeline acendeu um cigarro. Era algo que Lottie a vira fazer apenas na França. Ela tragou e olhou para longe.

— Porque Julian me ama como amiga também. Ele não sente paixão por mim, Lottie, não física. Mas nós somos bons um para o outro, Julian e eu. Ele precisa de uma base, de certa... respeitabilidade no ambiente criativo, e eu preciso de estabilidade, pessoas à minha volta que possam... não sei... me divertir. Nós nos damos bem dessa maneira.

— Mas... eu não entendo... Por que você se casou com Julian se não o amava?

Adeline colocou a carta na mesa com cuidado e encheu sua taça de novo.

— Nós ficamos sempre rodeando, eu e você. Agora vou lhe contar uma história, Lottie. Sobre uma garota que ficou irremediavelmente apaixonada por um homem que ela não podia ter, um homem que ela conheceu durante a guerra, quando tinha... outra vida. Ele era a criatura mais bonita que ela já vira, com olhos verdes felinos e uma expressão triste, muito triste, por causa das coisas que enfrentara. Eles se adoravam, e juraram que, se um dos dois morresse, o outro não aguentaria viver, e assim poderiam se encontrar em outro lugar. Era uma paixão avassaladora, Lottie, uma coisa terrível.

Lottie se sentou, o corpo doendo, as invasivas brotoejas esquecidas por um instante.

— Mas entenda, Lottie, que o homem não era inglês. E, por causa da guerra, não podia ficar. Foi mandado à Rússia, e, após duas cartas, a garota nunca mais teve notícias dele. E, Lottie, querida, isso a deixou fora de si. Ela ficou feito uma louca, arrancando os cabelos, gritando sozinha e vagando pelas ruas por horas, mesmo enquanto as bombas caíam ao redor. E finalmente, muito tempo depois, ela decidiu que precisava viver, e, para viver, precisava sentir um pouco menos, sofrer um pouco menos. Ela não podia morrer, por mais que desejasse, porque, em algum lugar, ele ainda podia estar vivo. E ela sabia que, se as moiras quisessem, ela e seu homem se reencontrariam.

— E eles se reencontraram?

Adeline olhou para longe e tragou. A fumaça, no ar parado, saiu como um sussurro demorado e uniforme.

— Ainda não, Lottie. Ainda não... Mas eu não suponho que vá ser nessa vida.

Elas permaneceram em silêncio por um tempo, escutando os zumbidos preguiçosos das abelhas, a conversa ao redor, as badaladas distantes e monótonas do sino de alguma igreja. Adeline serviu água a Lottie numa

taça de vinho, e ela tomou um gole, tentando não demonstrar sua perplexidade.

— Ainda não entendo... Por que Frances pintou você como aquela mulher grega?

— Laodâmia? Ela estava me acusando de me agarrar a algo falso, uma imagem do amor. Sabia que eu preferiria a segurança do casamento com Julian a arriscar amar novamente. Ver Julian sempre a aborrecia. Ela dizia que era uma lembrança da minha habilidade de mentir para mim mesma.

Ela se virou para Lottie, os olhos arregalados e lacrimejantes. E lentamente abriu um sorriso meigo.

— Frances é tão... Ela acredita que eu acabei com minha capacidade de amar, que acho mais seguro estar com Julian e amar algo que não pode estar aqui. Pensa que, por me amar tanto, pode me trazer de volta à vida, que pela força absoluta do desejo que sente por mim ela pode me fazer amá-la também. E sabe, Lottie, eu amo Frances. Eu a amo mais do que a qualquer outra mulher que eu conheça, qualquer pessoa, fora ele... Uma vez, quando eu estava me sentindo muito mal, eu fiz... Ela foi tão doce... mas... não seria suficiente para ela. Não é como Julian. Ela não viveria um amor pela metade. Na arte, na vida, ela exige honestidade. E eu nunca mais poderei amar, nem homem nem mulher, como amei Konstantin...

Tem certeza de que não a ama tanto assim?, queria perguntar Lottie, pensando nas inúmeras cartas de Adeline, seu desespero incomum pela contínua ausência de Frances. Mas Adeline a interrompeu:

— É por isso que eu sabia, entende, Lottie?

Adeline estendeu a mão e segurou o punho dela, um aperto insistente. Lottie se sentiu tremendo, apesar do calor.

— Quando eu vi você e Guy juntos, eu sabia.

Os olhos dela pareciam queimar os de Lottie.

— Eu vi a mim mesma e Konstantin.

Querido Joe,

Perdoe-me se esta carta for curta, mas estou cansada e não tenho muito tempo para escrever. Tive meu bebê ontem, e ela é uma menininha tão linda! Na verdade, é a coisa mais preciosa que você pode imaginar. Vou tirar fotos e mandar uma para você, se quiser. Talvez quando estiver menos magoado comigo.

Eu só queria dizer que sinto muito que você tenha descoberto sobre minha condição pela Virginia. Eu queria contar, de verdade, mas estava tudo um pouco complicado. E não, a bebê não é do Dr. Holden,

independentemente do que aquela piranha maldosa diga. Por favor, acredite, Joe. E certifique-se de deixar isso claro para todo mundo. Não importa o que você falar.

*Volto a escrever em breve,
Lottie*

* * *

Não foi uma noite boa para ter um bebê. Não que existisse uma noite boa para ter um bebê, pensou Lottie mais tarde. Ela não sabia que era possível suportar e superar aquela dor tão forte; sentia-se destruída, como se houvesse a Lottie inocente e a Lottie que passou por aquela coisa tão terrível, que foi dilacerada, deformada para sempre.

Ela não começou a noite deformada, apenas irascível, como Adeline comentou em tom carinhoso. Cansada de movimentar o grande corpo no calor, inchada e exausta, incapaz de caber confortavelmente em qualquer roupa que não fosse os robes bizarros e esvoaçantes de Adeline ou as camisas esquecidas de George. Adeline, em contraste, estava com um humor melhor nos últimos três dias. Havia mandado George encontrar Frances. Não apenas para entregar uma carta a ela, mas para trazê-la à França. Acreditava ter achado uma maneira de recuperá-la, uma maneira de fazê-la se sentir amada sem comprometer o amor imutável de Adeline por Konstantin. “Mas você precisa conversar comigo”, escreveu Adeline. “Você pode ir embora para sempre se sentir que eu não tenho nada a dizer, mas precisa conversar comigo.”

— George não vai aceitar “não” como resposta! — exclamou, satisfeita.
— Ele pode ser um homem muito persuasivo.

Lottie, pensando em Celia, murmurou com amargura:

— Eu sei.

George não queria retornar à Inglaterra. Ele queria ficar para as celebrações da Bastilha. Mas, incapaz de negar qualquer coisa a Adeline, determinou que deveria haver pelo menos uma presença indireta no festival. Olhou para Lottie por alguns minutos, então, talvez desencorajado pelo fato de ela ter mostrado a língua para ele, pediu a Si, o poeta beat, que tirasse fotografias para ele com sua nova câmera Zeiss Ikon. (“Legal”, disse Si.)

— Vai valer a pena — disse Adeline, dando um beijo de despedida em George.

Lottie ficou ligeiramente espantada ao notar que o beijo fora nos lábios.

Setenta e duas horas depois, Lottie pensou que nunca mais se espantaria com nada na vida.

Ela estava deitada na cama, vagamente ciente do calor, dos mosquitos atraídos pelo cheiro primitivo de sangue e da dor que ainda permanecia no quarto, os olhos fixos no rosto pequeno e perfeito à sua frente. A filha parecia adormecida — seus olhos estavam fechados —, mas sua boca articulava pequenos segredos para a noite.

Ela nunca sentira nada assim: a alegria sofrida advinda de uma dor indescritível, a incredulidade de que ela, a simples Lottie Swift, uma garota que nem existia mais, pudesse ter criado algo tão perfeito, tão lindo. Uma razão para viver muito maior do que qualquer outra que pudesse imaginar.

Ela se parecia com Guy.

Ela se parecia com Guy.

Lottie inclinou a cabeça para perto da filha e falou bem baixinho para que só ela ouvisse.

— Eu vou ser tudo para você — disse. — Você não vai sentir falta de nada. Não vai sentir a ausência de nada. Prometo que vou bastar para você.

— Ela tem a pele da cor das camélias — comentou Adeline, os olhos cheios de lágrimas.

E Lottie, que nunca apreciara Jane, ou Mary, ou qualquer um dos outros nomes sugeridos pelas revistas de Adeline, encontrou um nome para a filha.

Adeline não foi se deitar. Madame Migot havia ido embora logo depois da meia-noite, George chegaria pela manhã, talvez com Frances, e ela não conseguiria dormir. As duas ficaram juntas durante aquela primeira e longa noite, Lottie maravilhada e de olhos arregalados, Adeline cochilando na cadeira ao lado, de vez em quando despertando para afagar a cabeça da bebê, de uma suavidade quase absurda, ou o braço de Lottie, em felicitação.

Ao nascer do sol, Adeline se levantou determinada da poltrona e anunciou que faria chá. Lottie, ainda com a bebê nos braços e desejando havia horas uma bebida quente e doce, ficou agradecida: a cada vez que se mexia, seu corpo doía e sangrava, novas dores indescritíveis despontando, câibras devido às aterrorizantes horas anteriores. Com os olhos vermelhos

e turvos, mas feliz apesar de tudo, ela pensou que poderia ficar na cama para sempre.

Adeline abriu as persianas, deixando entrar o luminoso brilho azulado do alvorecer e se espreguiçando, ambos os braços levantados numa saudação. O quarto de repente foi inundado pelas luzes e pelos sons suaves das redondezas: o gado subindo um morro devagar, um galo cantando e, subjacente a tudo, os grilos cricrilando como minúsculos brinquedos mecânicos.

— Está um pouco mais fresco, Lottie... Consegue sentir a brisa?

A menina fechou os olhos e apreciou o vento acariciando seu rosto. Era como se, por um breve instante, estivessem em Merham.

— As coisas vão melhorar agora, você vai ver.

Adeline se virou para ela e, por um momento, talvez porque estivesse enfraquecida pelo parto e pela exaustão, Lottie pensou que ela era a coisa mais extraordinária que já vira. O rosto de Adeline estava banhado com um brilho fosforescente, os aguçados olhos verdes abrandados e incomumente vulneráveis pelo que havia acabado de testemunhar. Os olhos de Lottie se encheram de lágrimas; incapaz de expressar o amor que sentiu de repente, ela apenas estendeu uma das mãos trêmulas.

Adeline a pegou e a beijou, segurando-a no rosto frio e macio.

— Você é sortuda, querida Lottie. Não precisou esperar por toda a sua vida.

Lottie olhou para a filha adormecida e deixou as lágrimas de dor e gratidão se derramarem no xale de seda clara.

Elas foram interrompidas pelo som de um carro que se aproximava, levantando a cabeça feito animais selvagens sobressaltados. Quando a porta bateu, Adeline já estava de pé e alerta.

— Frances! — exclamou ela, esquecendo-se de Lottie por um instante e fazendo uma rápida tentativa de ajeitar o vestido de seda amassado e o cabelo desalinhado. — Ah, meu Deus, não temos comida, Lottie! O que vamos dar a eles de café da manhã?

— Eu... eu tenho certeza de que ela não vai se importar de esperar um pouquinho... Quando souber...

Lottie não podia se importar menos com o café da manhã. A bebê se mexeu, a mão pequenina se agitando no ar.

— Não, não, claro que você está certa. Nós temos café e algumas frutas de ontem. A *boulangerie* vai abrir logo. Eu posso ir lá depois que eles se acomodarem. Talvez queiram dormir, se viajaram a noite toda...

Lottie observou Adeline zanzando de um lado para outro no quarto, a tranquilidade costumeira substituída por um nervosismo infantil, uma incapacidade tanto para se sentar quanto para se concentrar em qualquer tarefa à mão.

— Acha que é justo eu pedir isso a ela? — disse Adeline de repente. — Você acha que eu sou egoísta por fazê-la voltar para mim?

Lottie, estupefata, apenas balançou a cabeça.

— Adeline?

A voz alta de George quebrou o silêncio da casa como um tiro de revólver. Lottie se sentiu retrair, já com medo de acordar a bebê.

— Você está aí?

Ele apareceu na porta de entrada, moreno e com a barba por fazer, a costumeira calça de linho amarrotada como folhas velhas de repolho. Ao ver o aspecto dele, um mau pressentimento tomou conta de Lottie, a docilidade e o silêncio do alvorecer já arruinados pela presença do homem.

Adeline, indiferente ao que se passava, correu para ele.

— George, que maravilha. *Que maravilha*. Você trouxe Frances? Ela está com você?

Adeline ficou na ponta dos pés a fim de olhar por cima do ombro dele, se aquietando como se esperasse ouvir o som de outros passos. Ela recuou e examinou o rosto do amigo.

— George?

Lottie, olhando para a escuridão dos olhos de George, ficou assustada.

— George? — repetiu Adeline, a voz mais baixa, quase trêmula.

— Ela não vem, Adeline.

— Mas eu escrevi... Você disse...

George, que parecia nem mesmo notar a presença de Lottie e da bebê, passou o braço em volta da cintura de Adeline e pegou sua mão.

— Você precisa se sentar, querida.

— Mas por quê? Você disse que a encontraria... Eu sabia que depois daquela carta ela não poderia...

— Ela não vem, Adeline.

George a fez se sentar na cadeira perto de Lottie e se ajoelhou. Segurou as mãos de Adeline.

Ela observou o rosto dele e só então enxergou o que Lottie, isenta de suas necessidades desesperadas, já tinha notado.

— O que houve?

George engoliu em seco.

— Houve um acidente, minha querida.

— De carro? Ela é péssima motorista, George. Você sabe que não deve deixar que ela dirija.

Lottie ouviu o pavor crescente por trás da tagarelice de Adeline e começou a tremer, sem ser notada pelas duas pessoas.

— De quem era o carro? Você vai resolver, não vai, George? Você sempre resolve. Vou pedir para Julian ressarcir você. Ela está ferida? Precisa de alguma coisa?

George apoiou a cabeça nos joelhos de Adeline.

— Você não devia ter vindo, George! Não devia ter deixado Frances sozinha! Você sabe que ela não fica bem sozinha... é por isso que pedi para você trazê-la.

A voz dele, quando saiu, estava rouca, fragmentada.

— Ela... ela morreu.

Houve uma longa pausa.

— Não — disse Adeline com firmeza.

O rosto de George estava escondido, apoiado no colo dela. Mas suas mãos apertavam ainda mais as dela, como se a impedissem de se mexer.

— Não — repetiu Adeline.

Lottie se esforçou para segurar as lágrimas, colocando a mão na boca.

— Sinto muito — falou George com a voz abafada, a boca encostada na saia dela.

— Não — disse Adeline. Depois mais alto: — Não. Não. Não.

Suas mãos se libertaram das de George, e ela começou a bater na cabeça dele, golpeando-o freneticamente com os olhos desfocados, o rosto contorcido.

— Não não não não — repetia sem parar em um grito determinado.

George começou a chorar e se desculpar, apertando as pernas dela, e Lottie, entregue às próprias lágrimas, os olhos embaçados e ardendo tanto que mal enxergava, enfim encontrou energia para se levantar da cama com a bebê, sem se importar com a dor física. Deixando um rastro silencioso de sangue e lágrimas, ela atravessou o quarto lentamente e fechou a porta.

* * *

Não foi um acidente. O funcionário da guarda costeira sabia porque estava entre os que a tinham visto e gritado para ela. Algum tempo depois, também foi um dos três homens que a tiraram do mar. Mas sabiam

principalmente por causa da Sra. Colquhoun, que esteve presente o tempo todo e, quase uma semana depois, ainda sofria de ataques de angústia.

George contou a Adeline várias horas após sua chegada, quando ambos estavam mais fortes por causa do conhaque, e Adeline, apesar de cansada, disse que queria ouvir tudo, cada detalhe do que ele sabia. Pediu para Lottie ficar com ela, e a amiga assentiu, embora preferisse se esconder no andar de cima com a bebê, o rosto rígido, tensa de apreensão, enquanto Adeline agarrava sua mão e, de vez em quando, a balançava com força.

Ao contrário de como era em vida, Frances foi bastante organizada na morte. Ela deixou a Arcádia tão incomumente arrumada que foi fácil para Marnie, que a identificou, concluir que a mulher estava morando na casa. Lá, ela vestiu sua saia longa e esquisita com estampa de salgueiro, prendeu o cabelo comprido e escuro em um coque bem-feito e, com o rosto fino determinado e conformado, caminhou até a praia. “Eu sinto muito”, escreveu em um bilhete, “mas há um vazio grande demais para ser suportado. Eu sinto muito.” Depois, com a cabeça erguida, como se estivesse olhando para algum ponto distante no horizonte, ela entrou, toda vestida, no mar.

A Sra. Colquhoun, percebendo que não se tratava de um nado matinal comum, gritou — ela sabia que Frances a ouvia porque olhou para o caminho de acesso à praia —, mas então a mulher se apressou, como se soubesse que aquilo poderia se tornar uma tentativa de impedi-la. A Sra. Colquhoun correu até a casa do capitão do porto, tentando ficar de olho nela o tempo todo, observando-a conforme a água cobria sua cintura, seu peito. À medida que ela caminhava mais em direção ao fundo, algumas ondas ficavam maiores, e uma delas quase a derrubou, deixando seu coque em mechas longas e encharcadas. Mas ela continuou andando. Mesmo enquanto a Sra. Colquhoun, o salto alto quebrado e a voz rouca de tanto gritar, esmurrava a porta da frente, Frances continuou andando, uma figura distante em alguma rota invisível pela água.

O barulho alertou dois pescadores de lagosta, que foram atrás dela de barco. A essa altura, uma pequena multidão, atraída pelo barulho, havia se juntado e estava gritando, mandando Frances parar. Houve certa preocupação mais tarde de que ela houvesse achado que eles estavam zangados e tivesse ido mais rápido, mas o guarda disse que não, ela estava determinada. Ele já vira esse tipo de gente. Você poderia puxá-lo para fora, mas o encontraria pendurado em uma viga dois dias depois.

Nesse ponto George chorou, e Lottie observou Adeline segurar o rosto dele, como se o absolvesse.

Frances não se alterou quando sua cabeça afundou. Apenas continuou seguindo em frente, até que uma onda veio, depois outra, e de repente não dava mais para vê-la. Quando o barco se distanciou do porto, ela já havia sido pega pela correnteza. Eles encontraram o corpo dois dias depois, no estuário em Wrabness, a saia com estampa de salgueiro enrolada e cheia de algas.

— Eu tinha combinado de encontrá-la para jantar, sabe, mas tive que ficar em Oxford. Liguei para contar que eu fora convidado por um pesquisador, e ela disse que eu deveria ir, Adeline. Ela disse que eu deveria ir.

O peito dele dava solavancos, grandes soluços ranhosos molhando as mãos apertadas.

— Mas eu deveria ter ido até ela, Adeline, eu deveria ter estado lá.

— Não — retrucou ela, a voz distante. — *Eu* deveria ter estado lá. Ah, George, o que foi que eu fiz?

Somente mais tarde, relembrando a cena, Lottie percebeu que o sotaque de Adeline havia mudado durante a história de George. Ela não parecia mais francesa. Na verdade, parecia não ter sotaque nenhum. Talvez fosse o choque. A Sra. Holden dizia que o choque podia fazer coisas desse tipo. Conhecera uma mulher que descobriu que o irmão havia sido morto na guerra e acordou com todos os cabelos do corpo grisalhos. (E não apenas na cabeça, acrescentara, ruborizando com a própria ousadia.)

* * *

Lottie mal teve tempo de se recuperar do parto antes de, para todos os efeitos, tornar-se mãe de duas pessoas. Durante as primeiras semanas de vida da bebê, Adeline parecia morrer um pouco a cada dia. Primeiro se recusou a comer, não descansava, andava pelos jardins da casa aos prantos em todas as horas do dia e da noite. Uma vez percorreu a estrada empoeirada inteira até o topo da montanha e foi levada para baixo, atordoada e queimada pelo sol, pelo velho que administrava o quiosque de refrescos no cume. Ela chorava enquanto dormia, nas poucas ocasiões em que pegava no sono, e parecia assustadoramente diferente de si mesma, o cabelo liso desgrenhado, a compleição de porcelana turva e estragada pelo luto.

— Por que eu não acreditei nela? — choramingava. — Por que não a escutei? Ela sempre me compreendeu melhor do que qualquer outra pessoa.

— Não foi sua culpa. Você não tinha como adivinhar — murmurava Lottie, sabendo que suas palavras eram insuficientes, meros chavões que não chegavam aos pés do que Adeline sentia.

A dor da mulher a deixava desconfortável: era parecida demais com a da própria Lottie, uma ferida que ela havia quase curado.

— Mas por que ela precisava provar isso para mim dessa maneira? — lamentava Adeline. — Eu não queria amá-la. Eu não queria amar ninguém. Ela devia saber que era injusto pedir isso.

Ou talvez Lottie estivesse emocionalmente exausta demais pelas demandas da bebê. Ela era uma “bebê boazinha”, como se dizia. Mas, para falar a verdade, a criança não tinha opção. Abraçando Adeline, desesperada, Lottie nem sempre se levantava a tempo de confortar uma recém-nascida aos prantos; se estava tentando cozinhar e limpar perto da amiga enlutada, Camille tinha que se encaixar nas tarefas, olhos fechados dentro do sling improvisado, ou dormir com o barulho de tapetes batendo ou chaleira apitando.

Conforme as semanas passavam, Lottie foi ficando cada vez mais exausta e desesperada. Julian chegou, mas não soube lidar com a bagunça emocional daquilo tudo. Ele deu mais dinheiro para a mulher, entregou a Lottie as chaves do carro e foi para uma feira de arte em Toulouse, levando o pálido e silencioso Stephen junto. Os outros visitantes sumiram. George, que ficou nos primeiros dois dias e se embabadou até entrar em coma, partiu com promessas de retornar. Mas não as cumpriu.

— Cuide dela, Lottie — pediu, os olhos vermelhos e a barba por fazer cobrindo o queixo. — Não deixe que ela faça nenhuma besteira.

Lottie não sabia se ele temia pelo bem-estar dela ou pelo dele próprio.

Em certo ponto, quando Adeline chorou por um dia e uma noite inteiros, Lottie vasculhou desesperadamente o quarto dela, na esperança de encontrar alguma referência à família de Adeline, alguém que viesse e ajudasse a tirá-la da depressão. Ela se lançou nas roupas de cores vivas, as narinas inundadas pelo aroma de óleo de cravo, a pele acariciada por penas, sedas e cetins. Era como se ela, assim como Lottie, mal existisse: com exceção de um folheto de teatro, que mostrava que muitos anos antes ela havia interpretado um papel pequeno em um teatro em Harrogate, não tinha nada — nenhuma fotografia, nenhuma carta. A não ser as de Frances. Lottie as devolveu à caixa, tremendo ao pensar em se envolver nas últimas e vazias emoções de Frances. Por fim, na mala dentro do armário, encontrou o passaporte de Adeline. Deu uma olhada nele, pensando que talvez revelasse um endereço de família, ou pelo menos

alguma pista de onde encontrar ajuda para aliviar sua tristeza. Mas se deparou com uma fotografia de Adeline.

Estava com um corte de cabelo diferente, mas sem dúvida era ela. Só que, no documento, ela se chamava Ada Clayton.

* * *

Quando o luto terminou, faltava um dia para completar quatro semanas. Lottie acordou certa manhã e encontrou Adeline na cozinha, quebrando ovos em uma bacia. Ela não mencionou o passaporte: assim como não se deve mexer em um vespeiro, era melhor que a vida das pessoas permanecesse intocada.

— Vou para a Rússia — disse Adeline, sem erguer o olhar.

— Ah — respondeu Lottie.

Ela queria dizer “E eu?”, mas o que disse foi:

— E a bomba atômica?

Querido Joe,

Sinto muito, mas não vou para casa. Não para Merham, de qualquer jeito. É um pouco complicado, mas acho que devo voltar para Londres e tentar arrumar um emprego. Estou cuidando das tarefas domésticas para Adeline, como você sabe, e ela tem alguns amigos artistas por lá que estão procurando alguém como eu e não se importariam se eu levasse a neném. A pequena Camille vai crescer com os filhos deles, o que vai ser bom para ela e, apesar do que você disse, não existe razão para que eu não consiga me sustentar. Mando notícias assim que estiver instalada, e talvez você possa me visitar.

Obrigada pelas coisas que mandou para a bebê. Foi gentil da parte da Sra. Ansty escolhê-las por você. Estou pintando um retrato de Camille, que fica muito bonita de gorro.

Sua etc.

* * *

Três dias antes de Lottie e Adeline deixarem a França, madame Migot passou na casa para uma última sessão de massagem no útero de Lottie. Ou para fazer um exame indigno das partes de Lottie. Era difícil saber que tarefa agradável específica ela escolheria para aquela visita. Lottie, apesar

de se sentir menos dona do próprio corpo depois que ele servira de hospedeiro para outro ser humano, ainda se sentia invadida pelos puxões e pelas cutucadas da idosa, que a tratava como se ela fosse um coelho sem pele esticado e pendurado no mercado. Na última vez que a parteira as visitou, supostamente para verificar se Camille estava se alimentando direito, ela enfiou uma das mãos dentro da blusa larga de Lottie, sem pedir licença, apertou um dos seios e, com um rápido movimento do indicador e do polegar, fez um jato de leite se projetar pelo quarto antes que Lottie tivesse ao menos a chance de protestar. Parecendo satisfeita, resmungou alguma coisa para Adeline e se virou, sem qualquer explicação, para checar o peso da neném.

Dessa vez, porém, ela só apalpou o abdome de Lottie antes de pegar Camille como uma especialista. Ela a segurou por algum tempo, conversando com a menina em francês, verificando o umbigo, os dedos das mãos e dos pés, usando tons de voz muito mais suaves do que jamais usara com Adeline ou Lottie.

— Nós vamos embora — disse Lottie, mostrando um cartão-postal da Inglaterra. — Vou levar minha filha para casa.

Ignorando-a, madame Migot foi ficando cada vez mais quieta até emudecer.

Depois, se aproximou da janela e observou o rosto de Camille por certo tempo. Ela rosou algo para Adeline, que acabara de entrar no quarto com um mapa. Ainda perdida em pensamentos, Adeline levou alguns minutos para entender. Depois balançou a cabeça.

— O que está acontecendo? — perguntou Lottie com irritação, temendo ter feito algo errado.

A cor das fraldas da filha parecia ser uma desgraça na cidadezinha, e a maneira como usavam o alfinete era motivo de piada sobre galeses.

— Ela quer saber se você ficou doente — disse Adeline, franzindo a testa enquanto tentava escutar madame Migot. — O amigo de Julian na embaixada disse que preciso de visto para entrar na Rússia, e que é quase impossível sem ajuda diplomática. Ela acha que devo voltar para a Inglaterra e resolver as coisas. Isso é muito, muito irritante.

— É claro que não estou doente. Diga a ela que teria a mesma aparência que a minha se tivesse uma neném acordando a noite toda.

Adeline falou alguma coisa em francês; após uma pausa, balançou a cabeça de novo.

— Ela quer saber se você está com alguma erupção cutânea.

Lottie estava a ponto de responder algo grosseiro, mas calou-se diante da expressão da francesa.

— *Non, non* — disse a mulher, fazendo um movimento de curva sobre a barriga.

— Ela quer dizer antes de engravidar. Ela quer saber se você teve erupções cutâneas antes de ficar... pesada...? No início da gravidez?

Adeline, atenta, lançava um olhar curioso para a parteira.

— Uma brotoeja de calor? — perguntou Lottie. — Tive uma porção de brotoejas de calor. Não me dou bem com o calor.

A parteira não ficou satisfeita. Ela disparou mais perguntas em um francês rápido, depois esperou uma resposta de Lottie.

Adeline se voltou para a amiga.

— Ela quer saber se você se sentiu doente. Se teve uma erupção cutânea no início da gravidez. Ela acha...

Adeline disse alguma coisa em francês para a idosa, que assentiu.

— Ela quer saber se há alguma possibilidade de você ter contraído rubéola.

— Não estou entendendo.

Lottie tentava conter o desejo urgente de agarrar a filha e trazê-la junto ao peito num gesto protetor.

— Tive uma erupção cutânea. Logo que cheguei. Achei que fosse brotoeja por causa do calor.

O rosto da parteira se suavizou pela primeira vez.

— *Votre bébé* — disse ela, gesticulando. — *Ses yeux...*

Ela acenou na frente do rosto de Camille e ergueu o olhar para Lottie. Em seguida repetiu o gesto. Duas vezes.

— Ah, Lottie — disse Adeline, com a mão na boca. — O que vamos fazer com você agora?

Lottie permaneceu imóvel, sentindo um arrepio indescritível até os ossos. Sua filhinha estava deitada no colo da mulher, o cabelo claro formando uma auréola emplumada, o rosto angelical iluminado pelo sol.

A bebê não havia piscado.

* * *

— Voltei para Merham quando Camille tinha dez semanas. A família de Londres não me quis no momento em que souberam. Escrevi para Joe, contando, e ele me pediu em casamento assim que desci do trem.

Lottie suspirou e apoiou as mãos nos joelhos.

— Ele havia dito para todos que o bebê era dele. Fez um escândalo. Os pais ficaram furiosos. Mas Joe era forte quando precisava. E falou que sentiria muito se o pedissem para escolher entre nós duas e os pais dele.

A última gota de vinho tinha acabado. Daisy permaneceu sentada, indiferente à hora tardia, ao fato de que os pés estavam dormentes embaixo do corpo.

— Acho que a mãe dele nunca me perdoou pelo casamento — contou Lottie, perdida em uma memória distante. — Nunca se recuperou do fato de que eu presenteei seu filho precioso com uma criança cega. Eu a odiei por isso. Eu a odiei por não amar Camille da mesma maneira que eu. Mas, agora que sou velha, acho que entendo.

— Ela só estava tentando proteger o filho.

— Pois é.

— Camille sabe?

O rosto de Lottie se fechou.

— Camille sabe que Joe é o pai dela — respondeu em tom de desafio.

— Eles sempre foram muito apegados. Ela é a filhinha do papai.

Houve um breve silêncio.

— O que aconteceu com Adeline? — sussurrou Daisy, com um pouco de medo do que poderia ouvir.

Ela se flagrou chorando com a história do suicídio de Frances, lembrando-se dos dias sombrios que se seguiram depois que Daniel se foi.

— Adeline morreu quase vinte anos atrás. Ela nunca voltou para esta casa. Eu a mantinha limpa, por via das dúvidas, mas ela nunca mais voltou. Depois de um tempo, nem sequer escrevia mais. Acho que não suportava se lembrar de Frances. Ela a amava, sabe? Acho que todos sabíamos, mesmo que ela própria não percebesse. Ela morreu na Rússia. Perto de São Petersburgo. Bastante rica, mesmo sem as coisas que Julian lhe dera. Eu gostava de pensar que ela ficou lá porque encontrou Konstantin.

Lottie abriu um sorriso tímido, como se envergonhada do próprio romantismo.

— Então, quando morreu, ela deixou a Arcádia para mim no testamento. Sempre acho que ela se sentiu mal por eu ter me casado com Joe.

Lottie começou a se mexer, a juntar suas coisas, colocando os óculos no chão, perto da cadeira.

— Acho que ela pensava que tinha me decepcionado ao sumir daquela maneira.

— Por quê?

Lottie olhou para Daisy como se ela fosse idiota.

— Se eu tivesse casa e dinheiro naquela época, não teria precisado me casar...

Chorei por seis dias inteiros na lua de mel. Estranho, disse mamãe mais tarde, para alguém que estava tão desesperada para sair de casa, principalmente casada. E mais ainda quando você pensa em nosso maravilhoso cruzeiro, em nossa cabine de primeira classe, paga pelos Bancroft.

Mas fiquei terrivelmente enjoada, a ponto de Guy ter que passar horas vagueando por toda parte sozinho enquanto eu ficava deitada na cabine passando mal. Eu ainda estava infeliz por causa do papai. E, por mais estranho que pareça, me sentia péssima por deixar mamãe e as crianças. Veja bem, eu sabia que nada voltaria a ser como antes. E mesmo que você pense que deseja isso, quando acontece parece uma fatalidade pavorosa.

Nós não agíamos nem um pouco como recém-casados, não que eu contasse isso para nossos pais ou qualquer pessoa. Pelo contrário, meus cartões-postais eram cheios de paisagens incríveis, jantares dançantes maravilhosos, golfinhos e refeições à mesa do capitão — eu lhes contava sobre a cabine, que era toda de móveis de nogueira e tinha uma gigantesca penteadeira com luzes ao redor do espelho, xampus e loções grátis, reabastecidos todos os dias.

Mas, para falar a verdade, Guy não era a mesma pessoa durante boa parte do tempo. Afirmava que era porque preferia espaços abertos ao mar. Fiquei bastante aborrecida no início e lhe disse que não teríamos perdido tempo se ele me tivesse avisado com antecedência. Mas eu não gostava de pressioná-lo. Nunca fiz isso, e ele acabou aceitando. E, como disse a Sra. Erkhardt, aquela mulher agradável que usava uma porção de pérolas, todos os casais discutem na lua de mel. É uma daquelas coisas que ninguém conta. Ninguém conta outras coisas também. Mas ela nunca foi muito específica sobre o quê.

No entanto, houve partes divertidas. Quando descobriram que estávamos em lua de mel, a banda passou a tocar “Look At That Girl”, sabe, aquela música de Guy Mitchell, toda vez que entrávamos no refeitório. Acho que Guy enjoou da música já na terceira vez. Mas eu gostava bastante. Queria que todo mundo soubesse que ele era meu.

Sylvia me contou, algum tempo depois, sobre Joe. Pode parecer surpreendente, mas mamãe aceitou bem a história toda. Nem quis saber se o bebê era dele mesmo. Eu achava que ela ficaria louca para descobrir. Na verdade, se irritou quando toquei no assunto. Mas acho que no momento ela estava preocupada com os hábitos etílicos do papai.

Não contei para Guy. Fofoca de mulher, disse ele certa vez, quando comecei a falar sobre Merham. Nunca mais toquei no assunto.

Parte três

15

Daisy passou quase dez dias preocupada, pensando em como se desculpar com Jones; como encontrar maneiras de fazê-lo entender que seu olhar de terror, suas lágrimas desprezíveis naquela manhã não representavam uma reação a ele, mas àquilo que ele não era. Pensou em mandar flores, mas Jones não parecia o tipo de homem que gostava de receber flores, e Daisy não sabia o que elas lhe transmitiriam. Pensou em apenas telefonar e falar de forma objetiva, nos próprios termos dele: “Jones, me desculpe. Eu fui desagradável, péssima.” Mas ela sabia que não pararia por aí, que acabaria falando demais, choramingando e gaguejando uma explicação confusa que o faria desdenhar ainda mais. Ela pensou em mandar cartões, mensagens, até mesmo em pedir a Lottie, já que passara a se sentir corajosa o suficiente para se dirigir à mulher, para fazer isso no lugar dela. Ele tinha medo de Lottie.

Mas ela não fez nada disso.

Talvez por acaso, o mural fez por ela. Certa tarde, enquanto ela mordida a caneta, se concentrando na lista de especificações, Aidan se aproximou para contar que um dos pintores havia raspado líquen da parede exterior da varanda e descoberto restos de cor por baixo da camada de cal. Curiosos, escavaram um pouco mais e revelaram o que parecia ser a imagem de dois rostos.

— Não quisemos raspar mais com medo de acabar removendo a tinta por baixo — explicou ele, levando-a para fora em direção à forte luz do sol.

Daisy fixou o olhar na parede, nos rostos recém-revelados, em um dos quais ela notou um sorriso. O operário encarregado da pintura, um jovem oriundo das Índias Ocidentais chamado Dave, estava na varanda fumando um cigarro. Ele confirmou seu interesse no mural.

— Acho que vai precisar de um restaurador — explicou Aidan, dando um passo para trás. — Alguém que entenda de murais. Pode valer a pena.

Ele tinha pronunciado “muraus”.

— Depende de quem pintou — respondeu Daisy. — Mas é bem bonito. Meio à la Braque. Sabe qual é a extensão?

— Bom, tem uma mancha de amarelo nesse canto esquerdo e de azul no alto à direita, então eu não ficaria surpreso se chegasse a uns dois metros. Você tem que perguntar àquela mulher o que ela acha. Devia estar por aqui quando foi pintado. Pode saber alguma coisa.

— Ela nunca mencionou nada — disse Daisy.

— Engraçado — comentou Aidan, limpando o reboco seco da calça. — Veja bem, ela também nunca mencionou nada sobre fraldas no local nem sobre o uso de furadeiras durante as horas de soneca.

Ele deu um sorriso malicioso e se inclinou para trás, enquanto Daisy se virava para entrar na casa.

— Ei, por acaso não está indo preparar um chá, está?

Lottie estava do lado de fora com Ellie, por isso Daisy telefonou para Jones, planejando contar a ele a novidade, ansiosa para fazê-lo associar algo de bom a ela.

— Qual é o problema? — perguntou ele, de mau humor.

— Nenhum — respondeu Daisy. — Eu... hã... só estava na dúvida se você viria na quinta-feira.

— Por que na quinta?

Ao fundo, dava para ouvir dois telefones tocando e uma mulher em uma conversa que parecia urgente.

— Diga para ele que vou descer em um minuto — gritou ele. — Sirva uma taça de vinho ou coisa parecida.

— Vigilância sanitária e medidas de segurança. Sobre a cozinha. Você disse que queria estar presente.

— Bom, então lhe dê uma xícara de café! Alô? Ai, meu Deus, eu disse que ia, não é? — resmungou.

Daisy o ouviu tapar o fone com a mão e gritar alguma coisa para alguém que ela supôs ser a secretária.

— A que horas eles chegam? — perguntou.

— Onze e meia — disse Daisy, depois inspirou fundo. — Olhe, Jones, fique para o almoço. Gostaria de lhe mostrar umas coisas.

— Eu não almoço — respondeu ele, e desligou.

Ela havia telefonado para Camille, pois se lembrou de que Hal trabalhava com algo relacionado a arte, mas não queria procurá-lo diretamente. Era o tipo de coisa com a qual você tinha que se preocupar como mulher solteira. Mas Camille havia ficado entusiasmada e dito a Daisy que ela deveria falar com ele. Não precisava entrar em contato com

um restaurador, Hal poderia fazer o trabalho. Ele frequentara vários cursos de restauração na escola de belas-artes, e não apenas de móveis, Camille tinha certeza. O próprio Hal pareceu menos convicto, incerto de que seus conhecimentos sobre o assunto estivessem atualizados.

— Mas você poderia descobrir alguma técnica nova. Quer dizer, não é uma tela. É apenas um mural — argumentou Daisy, que tinha notado, pelo tom de voz de Camille, como aquele trabalho seria importante para os dois. — Não pode ser tão relevante assim, se passaram uma demão de tinta branca por cima.

A princípio, Hal pareceu hesitante, depois expressou um entusiasmo contido, como se não acreditasse que estivessem lhe lançando uma boia, ainda que pequena e possivelmente furada.

— Tenho um amigo em Ware que ainda trabalha um pouco com isso. Posso perguntar a ele. Quer dizer, se você não se importar com o fato de que não sou especialista.

— Se você fizer um trabalho decente, não dou a mínima. Você poderia até ser especializado em luta na lama. Mas preciso que comece o quanto antes. Quero que uma boa parte do mural já esteja visível na quinta-feira.

— Tudo bem — disse Hal, parecendo não querer demonstrar quanto estava satisfeito. — Está certo. Ótimo. Bom, vou dar alguns telefonemas e juntar o equipamento, depois vou para aí.

Era a sua oportunidade, pensou Daisy, seguindo em direção ao jardim. Isso mostraria a Jones que ela era capaz não apenas de redecorar o interior da casa sozinha, mas também de superar a expectativa que as pessoas tinham em relação a ela: a Daisy que ela desprezava e da qual sentia pena. Era uma característica ridícula, como comentou Daniel certa vez, essa necessidade desesperada de ganhar a aprovação de todo mundo, mas era o que ela sentia. Na noite em que Jones aparecera para jantar, Daisy ficara satisfeita em ver uma parte renovada e melhor de si mesma. Porque, admitiu com prudência para si própria, ela estava começando a aprovar aquela pessoa também, em vez de apenas lamentar a perda da Antiga Daisy. Havia ficado mais forte, e não curvada diante dos eventos dos últimos meses. Os bebês fazem isso, dissera Lottie quando Daisy perguntou como tinha se saído sozinha. Você precisa ser forte.

Daisy, pensando em sua vida em Primrose Hill, discordou, mas se deu conta de que, de maneira limitada, talvez tivesse engrossado um pouco a casca, por meio de algum tipo de osmose, por causa da convivência com Lottie. Ela pensava sem parar sobre como a jovem Lottie deu à luz, quase sem auxílio, em um país longe de casa, e como se recusou a ficar

intimidada quando, sem dinheiro e em desgraça, retornou. Ela observava como, agora mais velha, Lottie se impunha perante a vida, ganhando respeito dos que a rodeavam meramente graças à sua confiança e seu humor ácido. Lottie esperava que as pessoas lhe dessem o que era seu direito, que as coisas acontecessem da forma como desejava. E quem ela era, no fim das contas? Uma dona de casa com direito a pensão, esposa do proprietário da oficina de uma cidadezinha, mãe de uma filha com deficiência, que nunca teve um emprego, uma carreira, nada. Não que ousasse descrever Lottie daquela maneira na cara dela. Daisy, por sua vez, ainda era a Antiga Daisy (mesmo que em uma versão mais corpulenta). Ainda era atraente e inteligente, uma pessoa que até certo ponto pagava as próprias contas e, como definira seu contador, uma microempresária independente.

— Eu sou uma microempresária independente — disse em voz alta após devolver o telefone ao gancho.

Era muito melhor do que Mãe Solteira.

Ela realmente sentia saudade de Daniel. Ainda chorava de vez em quando. Ainda considerava uma proeza passar algumas horas sem pensar nele. Ainda se flagrava às vezes checando o horóscopo dele, torcendo por alguma pista quanto a seu retorno. Porém, quase três meses depois da partida do marido, Daisy ao menos vislumbrava o momento, talvez dentro de um ano mais ou menos, em que superaria a falta dele.

Ela tentava não pensar se Ellie se sentiria da mesma maneira.

* * *

Pelas horas que Hal passava trabalhando no “murau”, disse Aidan, não era de surpreender que o negócio dele estivesse no vermelho. Não se pode gastar tantas horas assim quando o preço combinado é fixo, comentou com Daisy quando estavam tomando chá na cozinha, observando pela vidraça enquanto Hal, encurvado junto à parede, escovava com afinco a tinta gasta de uma parte diminuta. Daisy deveria saber melhor do que ninguém. Pequenos empresários não podiam se dar ao luxo de ser perfeccionistas.

Pequenos empresários não podiam se dar ao luxo de fazer qualquer coisa se não terminassem os corredores do andar de cima até terça-feira, conforme prometido, Daisy retrucou de propósito, mas Aidan fingiu não ouvir.

— Agora, se o patrão estiver pagando por hora...

— Acho que ele está gostando — disse Daisy, ignorando o fato de que, na maior parte do tempo, Hal parecia bastante desesperado.

— Está bom assim? — perguntava a ela três ou quatro vezes por dia, nos momentos em que a mulher saía para admirar a pintura cada vez mais nítida. — Não quer chamar um especialista?

Ele nunca parecia convencido quando Daisy assegurava que não.

No entanto, Camille, que aparecia duas vezes por dia nos intervalos entre seus compromissos, levando chá e sanduíches, comentava que, quando Hal chegava em casa, estava nas nuvens.

— Acho que ele está empolgado — contou ela, sem parecer se importar com as longas ausências do marido. — Acho interessante saber que o mural estava escondido. Gosto da ideia de que é Hal quem o está trazendo de volta à vida.

Eles davam as mãos quando pensavam que ninguém estava olhando. Daisy, com certa inveja, vira Hal explicando as imagens para a mulher e depois se interrompendo para puxá-la para si e beijá-la.

A única pessoa que não parecia feliz era Lottie. Ela fora ao centro em uma de suas missões misteriosas. (Nunca dizia a ninguém aonde estava indo ou o que iria fazer. Se lhe perguntassem, ela dava tapinhas no nariz com o dedo e dizia que “não era da sua conta”.) Quando voltou e viu Hal trabalhando nas imagens expostas, deu um ataque e exigiu que ele parasse imediatamente.

— Eu cobri tudo com tinta! Não era para ficar exposto — exclamou ela, gesticulando com raiva para o genro. — Pinte por cima de novo.

Daisy e os operários, que estavam examinando uma goteira, pararam o que estavam fazendo para verificar o motivo da gritaria.

— Não é para ficar exposto!

— Mas é um mural — argumentou Hal.

— Eu já avisei! Não é para retirar a camada de cima. Pare com isso, está me ouvindo? Eu teria dito se fosse para vocês exporem o mural.

— O que tem por baixo? — murmurou Aidan para Dave. — Os mapas de onde ela enterrou os corpos?

— Não posso parar a restauração agora — argumentou Daisy, perplexa.

— Jones está vindo só para ver o mural.

— Não é seu para você ficar mostrando — retrucou Lottie, com uma agitação estranha e pouco característica.

Camille, que estava levando chá para Hal quando Lottie chegou, ficou imóvel com a caneca na mão, sua expressão confusa e perdida.

— Mãe?

— Ei, qual é o problema, sogra? Por que está tão aborrecida? — Hal estendeu a mão para o ombro de Lottie.

Ela deu de ombros, afastando-o com irritação.

— Não estou aborrecida com nada. Aliás, na verdade, estou. Você perder seu tempo para revelar uma bobagem dessas me deixou aborrecida. Devia se concentrar no seu trabalho, não ficar perdendo tempo com um grafite imprestável. Por que não faz alguma coisa útil, como tentar salvar seu negócio, hein?

— Mas é lindo, Lottie — comentou Daisy. — Você já deve ter visto o mural.

— É uma bobagem — insistiu Lottie. — E eu vou dizer para o idiota do seu chefe que é uma bobagem. Sou a consultora histórica desta casa, ou seja lá que nome vocês dão para a minha função, e ele vai concordar comigo.

Ela saiu, a postura revelando seu descontentamento, deixando todos estáticos e boquiabertos.

* * *

Jones, porém, não concordou.

Daisy o levou, furtivamente, para ver o mural na ausência de Lottie.

— Feche os olhos — pediu ela quando ele entrou na varanda.

Jones revirou os olhos para o céu como se Daisy fosse uma imbecil e ele fosse obrigado a tolerá-la. Ela o segurou pelo braço e o guiou, desviando dos baldes de tinta, até onde Hal havia feito o trabalho.

— Agora abra.

Jones abriu os olhos. Os de Daisy não se desviaram do rosto do homem. Com uma expressão abatida, ele piscou, exibindo surpresa.

— É um mural — explicou Daisy. — Hal está restaurando. Os operários encontraram a pintura por baixo da tinta branca.

Jones olhou para ela, esquecendo a irritação, e se aproximou da parede, examinando as imagens. Ela notou que ele usava uma calça de veludo pavorosa.

— O que é? — perguntou, depois de um minuto. — Algum tipo de Última Ceia?

— Não sei — respondeu Daisy, olhando para trás, com culpa, tentando ouvir o som do carrinho. — Lottie, a Sra. Bernard, não quer me contar.

Jones continuou analisando a pintura, depois se levantou.

— Como é que é?

— Ela está meio insatisfeita porque descobrimos o mural — contou Daisy. — Não quer dizer por que, mas parece bem aborrecida.

— Mas é lindo — observou Jones. — Fica incrível neste local. Traz o foco para a varanda.

Ele andou até a extremidade do ambiente para observar à distância.

— Vamos colocar umas cadeiras aqui, não é?

Daisy confirmou com a cabeça.

— É antigo?

— Definitivamente deste século — disse Daisy. — Hal acha que pode ser da década de 1940 ou 1950. Com certeza não é de antes da década de 1930. Talvez tenha sido coberto durante a guerra.

— Eu não fazia ideia... — falou Jones para si mesmo, a mão apoiada na nuca. — Então... posso perguntar quanto estou pagando por isso? Quer dizer, pela restauração.

— Muitíssimo menos do que vale.

Ele sorriu devagar, e ela retribuiu.

— Suponho que você não tenha encontrado alguma antiguidade de preço inestimável dando sopa enquanto estava por aqui, não é?

— Nah — disse Dave, aparecendo atrás deles, acendendo outro cigarro.

— Ela saiu para comprar leite para a neném.

* * *

Acabou. Hal estava sentado no carro, diante da Casa Arcádia, olhando para a última pilha de contas que não poderiam nem começar a ser quitadas com o dinheiro do mural, e sentiu algo peculiar parecido com alívio ao saber que não estava mais nas mãos dele, ao ver que se tornara realidade aquilo que ele sabia ser inevitável havia semanas, talvez meses. A última conta, cuja abertura ele postergou até a hora do almoço, era tão alta que o deixou sem opção. Ele teria que liquidar o negócio e, assim que terminasse a restauração do mural, procuraria um emprego.

Fechou os olhos por um minuto, deixando a esperança, as tensões das últimas semanas diminuírem e darem lugar a uma espécie de névoa cinzenta, insípida. Era apenas um negócio. Ele repetia essas palavras como um mantra. E, se o descarte de seus ativos significasse que ele poderia evitar a falência, então pelo menos todos teriam um futuro. Mas, pensando bem, os dois *realmente* tinham um futuro, ele e Camille; as últimas semanas o convenceram disso.

Foco nas coisas boas, foi o que a terapeuta disse na última sessão, não foi? Agradecer pelas coisas que tem. Ele tinha uma esposa e uma filha. Saúde. E um futuro. O toque do seu celular quebrou o silêncio, e ele tateou o porta-luvas, piscando para evitar que a umidade quente em seus olhos que se parecia suspeitamente com lágrimas escorresse.

— Sou eu.

— Olá — respondeu ele, se recostando no banco, contente por ouvir a voz dela.

Nada urgente. Ela só queria saber a que horas ele estaria em casa, se gostaria de comer frango no jantar, contar que Katie ia para a nataçãõ; as minúcias reconfortantes da vida doméstica.

— Você está bem? Está um pouco quieto.

— Tudo bem — respondeu ele. — Vou levar vinho para o jantar, se você quiser.

Ela não pareceu convencida, então ele tentou soar mais animado. Não contou o que ela precisava ouvir — aquilo poderia esperar —, em vez disso, falou o que ela gostava de ouvir: o que tinha acontecido “no trabalho” naquele dia. O que ele havia exposto no mural. Os últimos *bons mots* dos operários. Falou que a mãe dela mal lhe dirigia a palavra enquanto ele trabalhava na restauração, mas que, assim que saíam da Arcádia, ela conversava como se nada tivesse acontecido.

— Talvez você devesse falar com ela. Descobrir por que o mural a deixa tão aborrecida.

— Não adianta, Hal. Você sabe que não adianta nada perguntar. Ela não vai me contar — respondeu Camille, triste e irritada. — Às vezes não sei o que há de errado com a minha mãe. Sabia que hoje é o aniversário de casamento deles, e ela disse que precisa ficar na Casa Arcádia? Papai ficou muito decepcionado. Ele já havia feito uma reserva no restaurante e tudo o mais.

— Acho que eles podem ir outra noite — sugeriu ele.

— Mas não é a mesma coisa, não acha?

— É — respondeu, pensando melhor. — Não mesmo.

— Melhor eu desligar — disse ela, animada. — A Sra. Halligan está reclamando que está pinicando.

— O quê?

Ela aproximou a voz do fone.

— É como a pele fica depois de depilar. Ela está sentindo a pele pinicando em uma região delicada e não consegue vestir a meia-calça.

Ele riu. Parecia a primeira vez que ria em meses.

- Eu te amo muito.
- Eu sei — disse ela. — Também te amo.

* * *

Daisy acompanhou Jones pelos cômodos que um dia seriam conhecidos como Suíte Morrell, mas que, por ora, eram conhecidos pelos operários como Privada Azul, por causa da cor do banheiro. Era o quarto mais tradicional da casa, e já estava pronto. A cama, feito todas as outras, tinha vindo de um contato na Índia especializado em mobiliário colonial. Junto a ela ficava uma cômoda militar, com cantos angulosos de metal e um acabamento de mogno envelhecido que brilhava em contraste com o cinza-claro das paredes. Na extremidade do quarto, que na verdade era composto originalmente por dois cômodos, havia duas cadeiras confortáveis e uma mesa baixa, entalhada. Na mesa, Daisy havia posto uma toalha, pratos de sanduíches de caranguejo, uma travessa com frutas e uma garrafa d'água.

— Sei que você não almoça — disse ela enquanto ele observava o arranjo. — Mas pensei que, se não estiver com fome, posso comer sua parte do jantar.

Jones usava meias descombinadas, o que ela achou curiosamente tranquilizador.

Ele deu uma volta demorada pelo quarto, observando a decoração, os detalhes. Depois parou diante dela.

— Na verdade, eu... eu gostaria de pedir desculpas — começou Daisy, as mãos unidas na frente do corpo. — Sobre aquela manhã. Foi uma atitude idiota. Bom, mais que idiota. Não tenho como explicar, mas posso garantir que não teve nada a ver com você.

Jones olhou para baixo e arrastou os pés, pouco à vontade.

— Ah, vamos lá. Sente-se, por favor — disse ela, desamparada. — Ou vou me sentir uma completa imbecil. Pior, vou começar a falar besteira. E você não vai querer isso. É quase tão ruim quanto chorar.

Jones se inclinou na direção dos sanduíches.

— Sabe, eu praticamente não pensei nesse assunto — disse, lançando um olhar enviesado para ela e se sentando.

— Normalmente eu não ofereceria almoço no quarto de dormir, mas é o único cômodo sossegado — justificou ela após terem começado a comer. — Gostaria de ter arrumado tudo na varanda, perto do mural, mas achei que talvez respingasse tinta ou terebintina nos sanduíches.

Ela estava mesmo falando besteira. Era como se não tivesse controle sobre o que saía da boca.

— Além do mais, Ellie está dormindo aqui ao lado.

Ele assentiu, sem demonstrar muito mais. Mas parecia relaxado, pensou ela.

— Estou surpreso que você tenha prosseguido sozinha — comentou ele, enfim. — No caso do mural, quer dizer.

— Eu sabia que você ia gostar se o visse. Se eu pedisse autorização, você encontraria motivos para me impedir.

Ele fez uma pausa, o sanduíche a meio caminho da boca, depois baixou a mão e olhou para ela. Encarou-a, fazendo com que ela sentisse um rubor surgindo no rosto.

— Você é uma pessoa estranha, Daisy Parsons — disse ele, mas não de um jeito hostil.

Ela então relaxou, contou a história de cada móvel, as decisões por trás de cada escolha de tinta e tecido. Ele assentia, a boca cheia, absorvendo tudo sem se comprometer muito em termos de reações. Daisy se esforçou para não perguntar o que ele estava achando, se estava satisfeito. Se não estivesse, dizia ela com firmeza para si mesma, ele falaria.

Pouco a pouco, ela se flagrou enfeitando algumas das histórias, contando piadas, determinada a fazê-lo ceder um pouco. Era bom ter companhia; companhia urbana. Alguém que conhecesse o Gavroche da Green Street. Alguém com quem pudesse conversar sobre outros assuntos além de cartelas de tintas ou o estado das pousadas vizinhas. Ela até tinha se maquiado para a visita dele. Levou quarenta minutos para localizar seu *nécessaire*.

— ...então acabaram mandando o grande com desconto, porque era tão enorme que já estava lá havia três anos, e eles nunca conseguiam tirá-lo do depósito — contou, rindo e se servindo de um pouco mais de água.

— Daniel entrou em contato? — perguntou Jones.

Daisy parou, ruborizada.

— Desculpe — emendou ele. — Eu não devia ter perguntado. Não é da minha conta.

Daisy olhou para ele e abaixou a garrafa.

— Sim — respondeu ela. — Daniel entrou em contato. Não que faça muita diferença.

Os dois permaneceram em silêncio por um minuto, Jones com o olhar fixo no canto da mesa.

— Por que quer saber? — indagou Daisy.

Por alguns segundos, o ar no quarto se transformou em vácuo, e ela percebeu que a resposta dele seria crucial para preenchê-lo.

— Conheci um antigo amigo dele que queria entrar em contato... — Jones ergueu o olhar para ela. — Achei que talvez você tivesse o telefone dele.

— Não — respondeu Daisy, se sentindo inexplicavelmente irritada. — Não tenho.

— Certo. Sem problemas — disse ele em voz baixa. — Vão ter que se virar sozinhos.

— É.

Daisy ficou parada por um instante, sem saber por que se sentia tão instável. Pela janela aberta, ouviu seu nome ser chamado do lado de fora. A voz de Aidan. Provavelmente uma dúvida sobre a pintura.

— É melhor eu ver o que ele quer — disse ela, quase agradecendo pela interrupção. — Vai demorar só um instante. Coma uma fruta. Por favor.

Quando voltou, alguns minutos depois, ela ficou paralisada na porta diante da visão de Ellie no colo de Jones. Vermelha do sono, a neném estava sentada, piscando. Quando viu Daisy, Jones ficou desconfortável e fez um gesto como se fosse jogar a criança para ela.

— Ela acordou assim que você saiu — justificou ele, um pouco na defensiva. — Não quis deixá-la chorando.

— Ahã — disse Daisy, olhando fixamente.

Nunca tinha visto a filha no colo de um homem, e a cena mexeu com ela, trazendo à tona sentimentos sufocados.

— Obrigada.

— Criaturinha simpática, não é?

Jones se aproximou de Daisy e lhe passou Ellie, de alguma forma enroscando as mãos com as pernas da menina no processo.

— Considerando que não estou acostumado com elas — comentou ele.

— Crianças pequenas, quer dizer.

— Não sei — disse Daisy, com franqueza. — Ela só ganha colo de mim e da Sra. Bernard.

— Eu nunca tinha segurado um bebê.

— Nem eu. Até ter um, claro.

Ele encarava Ellie como se nunca tivesse *visto* um bebê. Subitamente ciente de que Daisy o observava, ele tocou a cabecinha da menina de leve e deu um passo para trás.

— Bom, então tchau — disse Jones para Ellie. — Acho melhor eu ir andando.

Ele deu uma olhada em direção à porta.

— O pessoal do escritório vai ficar se perguntando onde eu me meti. Obrigado pelo almoço.

— Sem problemas — disse Daisy, ajustando o peso da filha no quadril. Ele se aproximou da porta.

— Está ficando bom — disse, virando-se para encará-la. — Bom trabalho.

Ele forçou um sorriso, parecendo estranhamente infeliz. As unhas de seus polegares são iguais às de Daniel, pensou Daisy.

— Olhe. Semana que vem — continuou ele bruscamente. — Acho que você deveria ir a Londres. Preciso conversar com você sobre as providências necessárias para a inauguração com todos os meus arquivos e minhas coisas à mão, e pensei que talvez, aproveitando que você vai estar lá, nós pudéssemos ir àquele depósito de móveis de demolição. O novo do qual você tinha falado. Para as coisas da área externa.

Ele inclinou a cabeça para o lado.

— Quer dizer... você está livre para ir até Londres? Eu a levo para almoçar. Ou jantar. Na minha boate. Você pode conhecê-la.

— Eu conheço — disse Daisy. — Já fui lá.

Ela abriu um sorriso. Um sorriso da Antiga Daisy. E concluiu:

— Mas sim. Vai ser ótimo. Depois me avise o dia.

* * *

Pete Sheraton se vestia do mesmo modo que os operadores de pregão nos anos 1980: camisa de listras ousadas, colarinho branco, punhos brancos engomados. Era o tipo de camisa que lembrava dinheiro, transações em salas enfumaçadas, o tipo que sempre fazia Hal se perguntar se Pete estava menos satisfeito com sua sorte de ser gerente de banco do interior (equipe: três caixas, um estagiário de gerência e a Sra. Mills, que fazia a limpeza nas terças e quintas) do que ele gostava de admitir.

As abotoaduras da camisa que guiaram Hal até o escritório dele naquela tarde eram duas diminutas, quase imperceptíveis, mulheres nuas.

— Ideia da esposa — disse ele, espiando-as enquanto Hal se sentava no lado oposto. — Ela diz que me impede de me tornar... gerente de banco demais.

Hal sorriu, tentando engolir saliva.

Ele e Pete se conheciam havia anos, desde que Veronica Sheraton pedira a Hal para emoldurar um retrato do casal para o quadragésimo

aniversário do marido. Era uma coisa horrorosa, que mostrava Veronica em um vestido de baile com manga bufante ligeiramente fora de foco, e Pete, atrás dela, vários centímetros mais alto do que realmente era, com um rosto cor de caramelo queimado. Quando o presente de aniversário foi revelado, os olhos dos dois homens se encontraram, formando uma daquelas conexões masculinas peculiares e espontâneas.

— Você não veio para combinar uma partida de squash, imagino.

Hal respirou fundo.

— Infelizmente, não desta vez, Pete. Eu... eu vim conversar com você sobre encerrar meu negócio.

O rosto de Pete ficou abatido.

— Ah, meu Deus. Ah, meu Deus, cara, sinto muito. Que falta de sorte.

Hal gostaria que Pete pudesse ser um pouco mais objetivo sobre aquilo tudo. De repente, o gerente de banco severo e carrancudo, à moda antiga, parecia uma opção mais fácil.

— Tem certeza absoluta? Quer dizer, já conversou com seu contador e tudo o mais?

Hal engoliu em seco.

— Ainda não contei a ele sobre o veredito, não, mas podemos dizer que a novidade não vai ser uma surpresa para ninguém que tenha visto meu saldo.

— Bom, eu sabia que você não estava exatamente expandindo os negócios... mas mesmo assim... — Pete enfiou a mão na gaveta. — Quer um drinque?

— Não. Melhor manter os pensamentos claros. Tenho uma porção de telefonemas para dar esta tarde.

— Bem, escute, não se preocupe com nada. O que eu puder fazer para ajudar, me avise. Quer dizer, se você considerar pegar um empréstimo ou coisa parecida, tenho certeza de que consigo juros camaradas.

— Acho que passamos da fase dos empréstimos.

— Mas é uma pena, quando você pensa em todo aquele dinheiro...

Hal franziu a testa.

Houve um breve silêncio.

— Ah, bom. Você é quem sabe.

Pete se levantou e deu a volta na mesa.

— Mas escute, Hal, não tome nenhuma decisão hoje. Principalmente se ainda não conversou com seu contador. Por que você não pensa um pouco e volta amanhã? Nunca se sabe...

— Nada vai mudar, Pete.

— Mesmo assim. Pense sobre o assunto. As coisas vão bem entre você e Camille? Ótimo, ótimo... E a pequena Katie? É isso o que conta, não é?

Pete passou o braço pelos ombros de Hal, depois se virou em direção à mesa.

— Ah, quase esqueci. Olhe, acho que provavelmente não é a hora, mas você se importaria de entregar isso para sua esposa? Está parado na minha gaveta há séculos... Eu vivo pensando em lhe entregar no nosso próximo jogo de squash. Sei que não faz parte das regras, mas é você...

Hal segurou o envelope rijo.

— O que é?

— Um modelo em braile para o novo talão de cheques dela.

— Mas ela já tem um.

— Não para a conta nova.

— Que conta nova?

Pete olhou para ele.

— A conta com... Bem, imaginei que fosse algum tipo de apólice de seguros ou outra coisa que você tivesse convertido em dinheiro. Por isso fiquei um pouco surpreso quando me contou sobre o negócio...

Hal ficou imóvel no meio da sala, balançando a cabeça.

— Ela tem dinheiro?

— Pensei que você soubesse.

A boca de Hal ficou seca, um tilintar agudo na cabeça o lembrando do que acontecera um ano antes.

— Quanto?

Pete parecia ansioso.

— Escute, Hal, obviamente já falei demais. Quer dizer, presumi que, com o problema de visão de Camille... Bom, normalmente é você quem lida com a maior parte das movimentações financeiras dela.

Hal não tirava os olhos do envelope. Ele sentia como se algo estivesse sugando, pouco a pouco, o ar de seus pulmões.

— Uma conta separada? Quanto?

— Não posso dizer.

— Sou eu, Pete.

— E é meu emprego, Hal. Olhe, vá para casa, converse com sua esposa. Tenho certeza de que existe uma explicação.

Ele quase empurrou Hal em direção à porta.

Hal atravessou a sala, cambaleante.

— Pete?

Através da porta aberta, o gerente olhou para o salão da agência bancária, depois para o amigo. Então pegou um pedaço de papel, rabiscou um número e o mostrou depressa para Hal.

— Não está longe disso, ok? Agora vá para casa, Hal. Não posso dizer mais nada.

16

Não era difícil imaginar de onde tinha vindo o dinheiro — todo mundo ficara se perguntando como Lottie dividiria os lucros provenientes da venda da Casa Arcádia. O que o assombrava, que fazia seu estômago embrulhar e sua comida ter gosto de cinzas, era que ela havia se mantido em silêncio enquanto observava o negócio do marido ruir. Que ela até mesmo o tivesse consolado, embora durante todo o tempo tivesse os recursos para salvá-lo, para salvar a única coisa em que ela afirmara acreditar; a única coisa que ambos sabiam que ele era capaz de fazer. No devido tempo. E com um pouco de sorte. O fato de ela ter voltado a mentir para ele lhe deixava enjoado. Era pior do que a descoberta da infidelidade, porque desta vez ele havia se permitido confiar nela de novo, se obrigado a superar o medo, a desconfiança, e se colocado nas mãos dela. Desta vez, não tinha como atribuir o comportamento de Camille ao abatimento, às inseguranças. Desta vez tratava-se do que ela pensava dele.

Se ela quisesse que ele soubesse, teria contado. Era esse o fato irrefutável que torturava a mente de Hal, hora após outra, o fato que o impedia de confrontá-la, exigir respostas. Se a esposa quisesse que ele soubesse, teria dito algo. Meu Deus, como ele fora tolo.

Ela vinha agindo com cautela em relação a ele nos últimos dias, uma nova desconfiança estampada no rosto. Por ser incapaz de enxergar a expressão de outras pessoas, Camille nunca pensou em disfarçar as próprias. Ele a vinha observando, disfarçando mal sua frustração e sua raiva.

— Você está bem? — perguntava ela.

Queria saber se ele estava bem com o fim do negócio. Será que estaria precisando de um abraço? De um beijo? Coisas que *supostamente o fariam sentir melhor*. Ele fitava a expressão incerta da esposa, o traço de culpa que ela exibia, e ficava se perguntando como ela conseguia lhe dirigir a palavra.

— Tudo bem — respondia ele.

E, com outra expressão desconfiada, ela saía com Katie ou continuava preparando o jantar.

Pior ainda era o que tudo aquilo significava. Pois o dinheiro, assim como a decisão de escondê-lo de Hal, só podia dizer uma coisa. Ele sabia que não fora um ano fácil para os dois, que a situação ainda parecia artificial, formal. Sabia que rejeitara a esposa em ocasiões em que não precisava ter feito isso, que uma pequena e mesquinha parte dele ainda a estava castigando. Mas ele achava que ela poderia ter dado uma pista de que as coisas chegariam a esse ponto...

No entanto, que pista ele esperava? Aquela era uma mulher que fora infiel em um momento em que ele estava de joelhos, seu negócio morrendo, em que todos os seus esforços estavam voltados para se manter no controle. Tão inesperada foi a confissão da esposa que, na manhã em que ela contou, ele sentiu uma dor tão intensa e lancinante no peito que pensou por um instante que estivesse morrendo. Ela também não dera nenhuma pista na ocasião.

E, no entanto, ele ainda a amava. Nas últimas semanas, vinha se sentindo cada vez mais em paz, como se algo precioso estivesse sendo restaurado nos dois. Mesmo que não a tivesse perdoado totalmente, ele começava a cogitar o perdão, a perceber que, usando um clichê da maldita terapeuta, seu casamento podia se tornar mais forte.

Contanto que você fosse franco.

Ela havia concordado com isso. Tinha tomado a mão dele e a apertado. Fora a última sessão do casal.

Hal se aproximou ainda mais da beirada da cama, vagamente consciente do molde de plástico, brilhante, radioativo, no bolso de seu casaco, da luz da aurora iluminando aos poucos o quarto, anunciando mais uma noite perdida para os pensamentos, dando início a mais um dia de excruciante indecisão e pavor.

A mão de Camille, adormecida, escorregou da lateral do corpo dele e caiu inerte sobre a cama.

* * *

De agora em diante, o trem pararia apenas na estação da Liverpool Street, dizia o locutor, repetindo o anúncio por precaução. Daisy se inclinou em direção à janela conforme os pântanos do vale do Lee iam se mesclando com os subúrbios sujos e desagradáveis da parte leste de Londres. Depois de dois meses no mundinho da Arcádia e de Merham, ela se sentia

curiosamente provinciana, quase ansiosa com a perspectiva de voltar. Londres parecia vinculada de maneira permanente a Daniel. Assim como à mágoa. Ela estava a salvo em Merham, livre de histórias e lembranças. Foi apenas quando o trem se dirigiu à cidade que Daisy percebeu que a casa lhe tinha dado mais tranquilidade do que ela imaginara ser possível.

Lottie teria dito que ela estava sendo uma idiota.

— Você vai ter um dia maravilhoso — incentivou Lottie, enfiando mingau adoçado na boca aberta de Ellie. — Faz bem para você sair um pouco daqui. Talvez até arranje tempo para encontrar suas amigas.

Daisy achou difícil pensar em qualquer amiga. Ela sempre se considerara mais amiga dos rapazes, embora tivesse consciência de que esse fosse o tipo de coisa que as moças dizem quando os homens de outras moças as acham atraentes demais. Talvez devesse ter feito um esforço maior, pois tinha apenas sua irmã (“Você já ligou para a instituição de apoio à criança?”), Camille (“Não estou sentindo quase nenhuma estria. Você está ótima.”) e Lottie, que, desde que revelou um pouco de seu passado, relaxou mais na presença dela, compensando muitas vezes sua impetuosidade e suas opiniões severas com humor.

— Espero que você vista alguma coisa elegante — disse ela quando Daisy subiu para se arrumar. — Não vai querer parecer um saco de batatas. Ele pode levar você para um lugar elegante.

— Não é um encontro — argumentou Daisy.

— É o mais perto disso que você vai conseguir — retrucou Lottie. — Eu tiraria o máximo proveito possível, no seu lugar. Além do mais, o que há de errado com ele? Não é casado, não é feio. Obviamente tem um bocado de dinheiro no bolso. Vamos lá, vista aquela blusa que deixa o sutiã aparecendo.

— Acabei de sair de um relacionamento. A última coisa de que preciso é outro homem.

Ela parou na escada, tentando esconder o rubor.

— Por quê?

— Bom... Todo mundo sabe. Quer dizer, não se deve emendar um relacionamento no outro.

— Por que não?

— Porque... Bem, você sabe, talvez eu não esteja pronta.

— Mas como você vai saber?

— Não sei... É uma coisa de recuperação emocional. Deve-se esperar um pouco. Um ano ou coisa parecida. Assim você carrega menos bagagem emocional.

— Bagagem emocional?
— Você tem que estar em condições de se sentir pronta para conhecer outra pessoa. Isso só acontece quando você está bem-resolvida em relação ao desfecho do último relacionamento.

— Desfecho? — Lottie enrolou a expressão pouco conhecida na boca.
— Fechar o quê? Quem diz isso?

— Não sei. Todo mundo. As revistas. A televisão. Os terapeutas de casal.

— Você não tem que ouvir o que eles dizem. Não tem sua própria opinião?

— Tenho, mas também acho que seria uma boa ideia esperar um tempo. Ainda não estou pronta para deixar ninguém novo entrar na minha vida.

Lottie jogou as mãos para o alto.

— Vocês, mulheres jovens, são muito exigentes. Tem que ser na hora certa. Tem que ser assim, tem que ser assado. Não é surpresa que tantas acabem solteiras.

— Mas, olhe, nada disso se aplica a mim, de qualquer modo.

— Não?

Daisy encarou Lottie.

— Por causa de Ellie. E Daniel... Quer dizer, pensando nela, é justo que eu dê um tempo para que ele volte. Para que ela tenha a oportunidade de crescer com o pai.

— Ah, é? E quanto tempo você vai dar a ele?

Daisy deu de ombros.

— E quantos homens bons você vai descartar enquanto isso?

— Ah, por favor, Sra. Ber... Lottie, se passaram só alguns meses. E não estou vendo tantos homens assim batendo na minha porta.

— Você precisa seguir em frente — afirmou Lottie, veemente. — Não faz sentido ficar presa ao passado, com ou sem filha. Você tem que construir sua própria vida.

— Ele é o pai de Ellie.

— Ele não está aqui — retrucou Lottie, fungando. — Se ele não está aqui, perde o direito de ser o que for.

Daisy percebeu que Lottie nunca contou quem era o pai de Camille.

— A senhora é uma mulher mais forte do que eu.

— Forte, não — disse Lottie, virando-se em direção à cozinha, o rosto subitamente fechado de novo. — Apenas realista.

Daisy afastou o olhar da janela do trem, curvou-se e esfregou a parte de trás dos pés com sandálias. Ela não queria outro homem. Ainda se sentia magoada e ferida, os nervos à flor da pele. A ideia de que alguém visse seu corpo nu, ainda com resquícios do parto, a enchia de pavor. A perspectiva de ser abandonada outra vez era horrível demais para cogitar. E havia Daniel. Ela precisava deixar a porta aberta para ele, pelo bem de Ellie.

Se é que algum dia ele decidiria entrar por aquela maldita porta.

* * *

— Camille?

— Hum, oi, mãe.

— Vou dar uma passada no supermercado na hora do almoço. Eu e a pequena Ellie. Você precisa de alguma coisa?

— Não. Não preciso... Hal está aí?

— Está lá fora. Tomando uma xícara de chá. Quer que eu o chame?

— Não, não... Mãe, ele parece bem, na sua opinião?

— Bem? Por quê? O que há de errado com ele?

— Nada. Acho que nada. Ele só está... só está um pouco estranho ultimamente.

— Como assim, estranho?

Camille ficou em silêncio, depois disse:

— Ele está meio distante comigo. É como se... como se tivesse se retraído. Não quer falar comigo.

— Hal acabou de liquidar o negócio dele. É normal que se sinta um pouco triste.

— Eu sei... Eu sei... É só que...

— O quê?

— Bom, nós já sabíamos que o negócio estava indo mal. Sabíamos que ele ia ter que fechá-lo. E as coisas estavam tranquilas entre nós. Melhores do que há séculos.

A mãe fez uma pausa.

— Bem, ele está normal comigo... Não é... Tem alguma coisa que você não está me contando?

— Como assim?

— O que aconteceu antes. Com vocês dois. Não houve nenhuma... nenhuma recaída?

— Não, mãe, é claro que não. Eu não faria nada... Nós dois estamos bem. Já superamos. Eu só estava preocupada porque Hal... está agindo

diferente. Escute, esqueça. Esqueça o que eu disse.

— Você não conversou com ele sobre isso?

— Esqueça, mãe. Você tem razão, ele deve estar apenas chateado por causa dos negócios. Vou dar a ele um pouco de espaço. Olhe, melhor eu ir, preciso retirar a camada de algas que passei em Lynda Potter.

Lottie olhou para baixo, para a bolsa, subitamente confiante de que fizera a coisa certa. Ainda não seria dessa vez que contaria a Camille sobre o dinheiro: esperaria até a filha precisar mesmo dele, até poder confiar nela de novo. Mas parecia que esse momento não estava tão distante quanto Lottie pensava.

— Sabe do que ele precisa?

— Do quê?

— Desfecho. Isso vai fazê-lo se sentir melhor.

* * *

Havia dezoito embalagens vazias de pastilhas de hortelã sujando o chão do carro de Jones. Era difícil contar todas disfarçadamente: várias estavam um pouco escondidas por outras coisas, como mapas, papéis de rascunho e recibos velhos de postos de gasolina. Daisy, porém, teve muito tempo para localizar todas, uma vez que, durante quase todos os primeiros dezessete minutos de viagem, enquanto enfrentavam a passo de tartaruga o trânsito da cidade, Jones ficou gritando, mal-humorado, para o celular.

— Bom, pois passe o recado. Ele pode mandar para qualquer um que der na telha. Toda a equipe da cozinha recebeu treinamento sobre contaminação cruzada. Temos registros de temperaturas de entrega, temperaturas de armazenamento, qualidade da entrega, tudo o que diz respeito àquela maldita festa. Se ele quiser mandar a Vigilância Sanitária, saiba que eu tenho armazenadas nos congeladores dezoito malditas porções individuais, uma para cada prato que servimos. Então, ele pode mandar essas malditas amostras para análise...

Ele fez um sinal para Daisy em direção ao porta-luvas, indicando que ela o abrisse, antes de continuar:

— Fazemos, sim. Não há um parágrafo naquele treinamento de higiene alimentar que minha equipe não saiba de cor. Todos eles. Escute, ele afirma que comeu o pato. O pato, certo?

Quando ela abriu o porta-luvas, várias fitas caíram, assim como uma carteira, um saco de pastilhas de hortelã e diversos cabos elétricos não

identificados. Daisy enfiou a mão na bagunça, puxando objetos para que Jones examinasse.

— Não. Não, não foi assim. Dois membros da equipe afirmam que ele comeu ostras. Espere um minuto.

Ele parou de falar e acenou para o porta-luvas.

— *Comprimidos para dor de cabeça* — articulou sem emitir som. — Ainda está aí? Sim. Isso mesmo. Não, você não está me escutando. Preste atenção. Ele comeu as ostras, e, se você pesquisar na comanda do bar, vai ver que ele consumiu pelo menos três doses de bebida alcoólica. Sim, isso mesmo. Eu tenho os registros de caixa.

Ele pegou a cartela da mão de Daisy, perfurou as bolhas de alumínio e jogou os comprimidos na boca.

— Intoxicação alimentar, uma ova. Ele só não sabia que não podia misturar com bebida. Um completo imbecil.

Daisy olhou pela janela do carona, fitando o trânsito pesado, tentando conter a irritação que surgira com o cumprimento desinteressado e mecânico de Jones e que só piorara a cada uma das três conversas telefônicas que ele havia tido desde que ela entrara no carro. “Desculpe. Vou lhe dar atenção em um instante”, foi o que ele disse no início, mas a promessa não se cumpriu.

— Estou pouco me fo... — gritou ele, e Daisy fechou os olhos.

Jones era um homem grande, e o efeito de seus palavrões no espaço fechado do carro infelizmente era ampliado.

— Fale para ele mandar a porra dos...

Ele se virou e captou a expressão sofrida de Daisy.

— Diga para ele mandar os advogados, a Vigilância Sanitária, quem ele quiser. Vou atrás dele com um processo por difamação contra meu estabelecimento. Isso. Está certo. Qualquer registro que quiserem ver, eles sabem onde me encontrar.

Ele pressionou um botão do console e arrancou o fone do ouvido.

— Filho da p... — Franziu os lábios. — Maldito filho da p... Um comerciantezinho de merda tentando ganhar indenização. Não passa disso. Ele come a droga das ostras, bebe litros de álcool, depois não sabe por que passou mal no dia seguinte. E a culpa é minha. Quer mandar a Vigilância Sanitária e suspender meu negócio para acabar comigo. Meu Deus, eles realmente me tiraram do sério.

— Dá para ver — comentou Daisy.

Ele nem parecia ter percebido a presença dela. Tinha feito mais barulho, ficando mais agitado do que em qualquer outro momento desde

que se conheceram, mas nada fora dirigido a Daisy. Lá estava ela, talvez em seu melhor estado desde que teve a bebê, de camiseta e saia novas, a pele reluzente por causa do esfoliante com sal que Camille passara, as pernas hidratadas e sem penugem depois da torturante depilação também feita por Camille, parecendo a Antiga Daisy, ou pelo menos uma Daisy Bastante Rejuvenescida, e ele reparou no quê? Nas pernas longas e morenas? Não, apenas no fato de que ela estava pisando no mapa que os levaria ao depósito de materiais de demolição.

— É a namorada dele que o influencia — continuou Jones, sinalizando para a direita e se debruçando sobre o volante. — Nós já a recebemos, tentando outra manobra. Acho que da última vez foi uma torção de tornozelo no banheiro. Nenhuma evidência médica, obviamente. Eu a expulsaria, se ela fosse membro. Mas eu não estava presente nessa noite.

— Ah.

— Os americanos que começaram isso. Maldita cultura do litígio. Todo mundo quer ganhar alguma coisa por nada. Tudo tem que ser culpa de outra pessoa. Meu Deus!

Ele bateu no volante, fazendo Daisy pular de susto.

— Se eu recebesse aquele merdinha de novo, serviria comida envenenada. Que horas são?

— Perdão?

— Eldridge Street, Minerva Street... Fica mais ou menos por aqui. Que horas são?

Daisy conferiu o relógio.

— Onze e vinte e cinco.

— Maldição. É este mesmo. Lá está. Maldito... Agora, onde é que eu vou estacionar?

O bom humor que Daisy sentia na hora anterior se dissolveu mais rápido do que os comprimidos para dor de cabeça de Jones. Finalmente perdendo a paciência, ela saiu do Saab batendo os pés e entrou no depósito, o frescor do ar-condicionado do carro se dissipando no forte calor do verão urbano.

Daisy não estava habituada a ser ignorada. Daniel sempre fizera questão de comentar como ela estava bonita, de lhe oferecer sugestões de roupa, de tocar o cabelo dela, segurar sua mão. Também zelava por ela quando saíam, verificando se ela estava com frio, se tinha bebido ou comido o suficiente, se estava feliz. Mas, convenhamos, aquilo não era um encontro romântico, certo? E Daniel não ficou por perto para checar se ela estava bem quando mais precisava.

Homens. Daisy se flagrou pensando num palavrão que fazia jus àqueles proferidos por Jones, depois se odiou por ter se transformado no tipo de mulher amarga e perversa que odeia homens, um tipo que ela sempre menosprezou.

O depósito era gigantesco, cansativo de se olhar, com inumeráveis tábuas de madeira empilhadas em prateleiras enormes, placas de pedra em torres proibitivas, estátuas de cemitério de olhar fixo e cego para lugar nenhum. Atrás do portão de ferro ondulado da entrada, o tráfego londrino estava a todo vapor, expelindo fumaça roxa e buzinas raivosas no ar abafado. Normalmente, uma ida a um novo depósito de material de demolição lhe proporcionaria a mesma sensação de expectativa e prazer de uma celebridade na primeira fila de um desfile de moda. Mas o humor de Daisy foi maculado pela conduta inadequada de Jones. Ela nunca foi capaz de se dissociar do estado de espírito dos homens: quando tentava aplacar o mau humor de Daniel, falhava, e se odiava por falhar, depois acabava sucumbindo ao mesmo estado de espírito. Daniel, pelo contrário, nunca foi afetado pelo humor dela.

— Não encontrei nem uma maldita vaga com parquímetro. Parei em lugar proibido.

Jones entrou com passos largos pelos portões, batendo nos bolsos, irradiando desagrado. Não vou me dirigir a ele, pensou Daisy, aborrecida, até que ele pare com isso e fale comigo de maneira gentil. Ela se virou e começou a caminhar até a seção de janelas e espelhos, os braços cruzados, a cabeça baixa. Alguns metros adiante, ouviu o toque do celular de Jones ecoar pelo depósito e a consequente reação explosiva. A única outra pessoa visível no depósito, um homem de meia-idade com óculos de armação fina e paletó de tweed, voltou-se para a fonte do barulho, e Daisy olhou para Jones, zangada, como se não o conhecesse.

Ela continuou caminhando até chegar a uma área coberta, o mais longe possível da voz dele, mal reparando na louça sanitária vitoriana e nos espelhos enfeitados, furiosa por se deixar afetar tanto pela falta de atenção do homem. Com o que secretamente sabia se tratar de um arraigado senso de superioridade sulista, ela julgou-o como ignorante e mal-educado, da mesma forma como sua irmã faria. Não importava quanto dinheiro você tinha, se não fosse capaz de se comportar em público. “Veja o Aristóteles Onassis”, argumentaria Julia. “Ele não arrotava e peidava como um peão?” Talvez todos os homens ricos fossem grosseiros, racionalizou Daisy, desabitutados a ter que modificar seu

comportamento para agradar os outros. Era difícil saber: Jones era a única pessoa extremamente rica que ela conhecia.

Parou na frente de uma janelinha com um vitral de querubim sorridente. Ela adorava vitrais: era difícil encontrá-los, mas quase sempre valia a pena usá-los como destaque. Esquecendo o mau humor por uns instantes, ponderou onde poderia instalá-lo, repassando na mente uma lista de portas, janelas de quartos de vestir, biombos exteriores. Levou alguns minutos até perceber que não a queria para a Arcádia, mas para si mesma. Com exceção de itens de higiene pessoal e alimentos, fazia meses que não comprava coisas para si. Em certa época, Daisy já tinha considerado o ato de comprar tão essencial para seu bem-estar quanto ar e comida.

Ela esticou o braço e examinou o vitral, semicerrando os olhos para enxergá-lo com maior nitidez à luz fraca do espaço coberto. Nenhum dos segmentos estava quebrado, e não faltava nenhuma das partes de chumbo, o que não era comum em uma peça daquele tamanho. Ela se ajoelhou e procurou uma indicação do preço. Quando encontrou, levantou-se, deixando a janela escorada na prateleira.

— Desculpe — disse uma voz atrás dela.

Daisy se virou. Jones estava na entrada da área coberta, o telefone ainda na mão.

— Foi uma manhã e tanto.

— Deu para perceber — disse Daisy.

— O que é isso?

— Isso o quê?

— O que você está olhando.

— Ah, só um vitral. Não serve para a Casa Arcádia.

Ele olhou para baixo e perguntou:

— Que horas são?

Daisy suspirou e olhou para o relógio.

— Meio-dia e cinco. Por quê?

— Nada de mais. Eu só não queria chegar atrasado para o almoço. Reservei uma mesa.

— Mas você é dono do lugar.

— É...

Ele encarou o chão durante algum tempo, depois esquadrinhou ao redor, ajustando os olhos à penumbra.

— De qualquer maneira, desculpe. Pela viagem. E todo o resto. Você não precisava ter ouvido aquilo tudo.

— Não mesmo — concordou Daisy, então se levantou e saiu da área coberta.

Jones a seguiu, parecendo perceber que ela não o esperaria.

— Está aborrecida com alguma coisa? — perguntou ele meio passo atrás dela, tentando tocar seu ombro.

Daisy parou.

— Por que eu estaria?

— Ah, não faça isso. Não faça essa coisa de mulher. Não tenho tempo para chutar vinte perguntas até adivinhar qual é o problema.

Daisy sentiu-se corar de raiva, o que era agravado pela suspeita de que seus sentimentos poderiam soar ridículos.

— Então esqueça.

Ela continuou caminhando, um nó inexplicavelmente se formando na garganta.

— Esquecer o quê?

Ela percebeu que não tinha certeza da resposta.

— Ah, por favor, Daisy...

Ela o encarou, furiosa.

— Olhe, Jones, eu não precisava vir até aqui hoje, sabia? Podia ter ficado na casa, ao sol, trabalhando e brincando com minha filha, e ter passado bem o dia. Você é quem está me dizendo que não tem tempo para perder. Mas pensei que faríamos boas compras e teríamos um almoço agradável. Achei que poderia ser... proveitoso para nós dois. Não achei que fosse passar o dia enfurnada em um depósito de material de demolição superquente, escutando os discursos agressivos de um porco ignorante com síndrome de Tourette.

É justo dizer que não pareceu tão grosseiro na cabeça dela.

Seguiu-se um breve silêncio.

Daisy pensou no fato temporariamente esquecido de que ele era seu chefe.

— Então. Daisy...

Ele se posicionou na frente dela.

— Ainda tentando poupar meus sentimentos?

Ela ergueu o olhar.

— Uma trégua? Se eu desligar o telefone?

Ela não era de guardar rancor. Pelo menos, não com frequência.

— Você não tem outro escondido no paletó?

— Que tipo de homem você acha que sou?

Ele enfiou a mão no bolso interno e puxou outro celular. Desligou-o.

- Maldito galês — disse ela, encarando-o com firmeza.
- Malditas mulheres — replicou ele, oferecendo o braço.

* * *

A partir daquele momento, o humor de Jones se tornou consideravelmente mais leve, contagiando Daisy. Ele ficou cada vez mais relaxado e prestou total atenção às sugestões dela, mostrando pouca resistência mesmo às escolhas mais extravagantes e oferecendo o cartão de crédito com uma frequência animadora.

— Tem certeza de que não se importa em gastar tudo isso? — perguntou ela quando ele concordou em comprar um armário de remédios claramente acima do preço para ela colocar em um dos banheiros. — Este depósito não é dos mais barateiros.

— Digamos que estou gostando mais do dia de hoje do que esperava — respondeu Jones.

Ele não voltou a perguntar a hora.

Pouco antes de saírem, talvez influenciada pelo aparente descuido do próprio Jones em relação ao cartão de crédito, Daisy tomou uma decisão sobre o vitral. Era caro demais. Ela não tinha nem mesmo uma casa na qual instalá-lo. Mas queria aquela janela e sabia que, se não a comprasse, sua lembrança a perseguiria por meses. Com o mesmo remorso com que suas amigas se remoíam por namorados perdidos, ela ainda pensava em um candelabro veneziano que perdera em um leilão.

Aproximou-se de Jones, que estava resolvendo burocracias no caixa e organizando a entrega das compras.

— Só vou levar cinco minutos — avisou ela, apontando para a área coberta. — Quero comprar uma coisa para mim.

Daisy quase chorou quando lhe disseram que havia sido vendido. Ela deveria ter comprado o vitral no momento em que o viu, repreendeu-se. Tudo o que valia a pena devia ser adquirido de imediato. Se seu olhar não reconhecesse o valor de uma peça com clareza suficiente para tomar a decisão de adquiri-la, você não a merecia. Ela fitou o querubim, desejando-o com mais veemência agora que não podia tê-lo.

Certa vez ela resgatou um sofá; localizou o comerciante que o comprara debaixo de seu nariz enquanto ela examinava uma loja de objetos usados e ofereceu dinheiro por ele. O homem cobrou quase o dobro do preço original, e, embora ela não tivesse se importado na hora, desesperada para comprá-lo, à medida que os meses passaram, ela

descobriu que o preço havia arruinado o móvel para ela. Quando olhava o sofá, não via mais uma antiguidade conquistada a muito custo, mas uma quantia inflacionada que ela se vira obrigada a pagar.

— Você está bem? — perguntou Jones ao lado de uma pilha de portas lisas. — Conseguiu o que queria?

— Não — respondeu Daisy, se apoiando com uma postura despreocupada a uma porta com painéis de vidro fosco.

Estava determinada a não se lamentar. Aprendera a manter as coisas em perspectiva.

— Perdi a oportunidade — concluiu.

Depois gritou e caiu quando, com um enorme estrondo, o vidro se partiu.

* * *

Passaram duas horas e quarenta minutos na emergência do hospital, onde ela recebeu doze pontos, uma tipoia de gaze e várias xícaras de chá adoçado de máquina.

— Acho que passou da hora do almoço — disse Jones, ajudando Daisy a entrar no carro mais tarde. — Mas acho que alguns drinques fortes devem cair bem.

Ele colocou uma caixa de analgésicos na mão ileza dela.

— E, sim, pode beber com esse remédio. Foi a primeira coisa que verifiquei.

Daisy ficou em silêncio no banco do carona de Jones, a roupa nova manchada de sangue, sentindo-se desanimada e confusa e bem mais mexida do que gostaria de admitir. Jones foi surpreendentemente legal no processo todo: foi paciente e ficou aguardando com ela em uma série de salas de espera e de triagem, depois enquanto médicos a esfregavam e deixavam seu braço não muito diferente do de uma boneca de retalhos. Ele saiu duas vezes para telefonar, sendo uma das ligações para Lottie a fim de avisar que Daisy voltaria para casa mais tarde do que o esperado.

— Ela está brava? — perguntou Daisy, olhando, apavorada, para as manchas de sangue acastanhadas no revestimento de couro claro.

— Nem um pouco. A neném está bem. Disse que vai levá-la para a casa dela porque prometeu jantar com o marido. E você não vai poder dirigir.

— Então é o Sr. Bernard quem vai ficar satisfeito.

— Olhe, foi um acidente. Acontece. Não se preocupe.

Ele se comportou assim a tarde toda, sensato, tranquilizador, como se tivesse todo o tempo do mundo e nenhuma preocupação. Foi curiosamente íntimo apoiar-se nele, vê-lo dar o braço a ela e sentar-se ao seu lado em cadeiras de plástico no corredor do hospital. Ele baixou e suavizou a voz para se dirigir a Daisy, como se ela estivesse não apenas ferida, mas doente. De vez em quando, até se perguntava se aquele era o mesmo homem que a buscou na estação de Liverpool Street naquela manhã.

— Arruinei seu dia?

Ele riu e, com os olhos focados na rua, balançou a cabeça.

Daisy, tentando ignorar o braço latejando, ficou em silêncio.

O humor dele piorou quando os dois chegaram ao Red Rooms, em parte porque não havia ninguém na recepção; uma infração digna de demissão, disse ele mais tarde, quando ela perguntou por que isso seria um problema.

— Todo mundo tem que ser saudado como um velho amigo ao entrar. Eu pago aos funcionários para decorarem os nomes, os rostos, e não para estenderem o horário de almoço.

Ele havia segurado seu braço bom enquanto ela subia os muitos lances da escadaria de madeira, passando por bares onde as pessoas ficavam sentadas embaixo de ventiladores, disfarçando ao esticar o pescoço para ver os recém-chegados, que poderiam vir a ser mais notáveis do que elas próprias, acenando ou gritando saudações calorosas demais para Jones. Se fosse outra ocasião, ela poderia ter achado a situação um tanto divertida e curiosa. Porém, quando ele disse que tinha providenciado uma mesa na varanda de seu escritório, ela ficou aliviada, temerosa com a ideia de expor as roupas sujas de sangue e a tipoia aos olhos perspicazes e perscrutadores dos frequentadores de bares de Londres.

Porque, de súbito, voltar para a cidade lhe pareceu opressor. Daisy se sentiu intimidada pelo ruído ensurdecedor do tráfego do Soho, pelo barulho das obras reverberando, pelos sons altos, pelas pessoas gritando. Sentiu-se sufocada pela altura dos prédios, e já havia esquecido como andar no meio da multidão, ficando hesitante, se esquivando pelo lado errado. Sentiu uma dor repentina, imprevista ao pensar na filha; um profundo desconforto quando calculou o número de quilômetros que as separavam. Pior, ela continuava vendo homens que se pareciam com Daniel e sentindo o estômago se contrair em um reflexo desagradável.

Jones tinha lhe implorado por cinco minutos “para resolver um negócio”. A moça que serviu o drinque a Daisy, de uma beleza digna de

uma amazona com um bronzado acentuado e o cabelo comprido e preto preso artisticamente em um nó, a observou com olhos curiosos.

— Caí em uma porta de vidro — explicou Daisy, tentando sorrir.

— Ah — disse a garçonete, sem demonstrar interesse, e saiu balançado, deixando Daisy sentindo-se tola por ter falado qualquer coisa.

— Jones, eu realmente sinto muito, mas acho que gostaria de ir para casa — disse ela quando ele enfim apareceu na varanda. — Você poderia me dar uma carona até a estação?

Ele franziu a testa e se sentou lentamente na frente dela.

— Não se sente bem?

— Apenas um pouco trêmula. Acho que é melhor eu voltar... — Ela parou de falar, percebendo como havia se referido ao hotel.

— Coma alguma coisa antes. Você não comeu nada o dia todo. Deve ser por isso que está se sentindo fraca.

Era uma ordem.

Ela conseguiu dar um meio-sorriso, levantando a mão para proteger os olhos da luz.

— Pode ser.

Daisy pediu um bife e teve que ficar observando, pouco à vontade, quando ele puxou o prato para si e cortou a carne em pedaços que ela pudesse espetar com uma só mão.

— Eu me sinto uma idiota — dizia ela, de vez em quando.

— Apenas coma alguma coisa — repetiu ele. — Vai se sentir melhor.

Ele não comeu e, um pouco constrangido, murmurou algo sobre tentar perder alguns quilos.

— Passei minha vida toda no ramo do entretenimento, sabe — comentou, dando uma espiada na própria barriga. — Acho que não consigo mais queimar calorias como antes.

— É a idade — disse Daisy, entornando a segunda taça de sangria.

— Ah, então você já está se sentindo melhor — brincou ele.

Eles conversaram sobre o mural e os rostos que Hal havia trazido à luz com tanto esmero. Daisy contou que Lottie ainda não estava feliz com a restauração da obra. Mas, percebendo que as coisas não iam sair do seu jeito, ela começou, embora sem muito rigor, a identificar algumas das figuras. Uma delas, Stephen Meeker, morava a alguns quilômetros ao longo da costa em uma cabana situada em uma praia de pedras. (Eles não eram amigos, explicou Lottie, mas ele tinha sido muito gentil quando Camille nasceu.) No dia anterior, ela mostrou a Daisy quem representava Adeline, e Daisy parou diante dela, maravilhada com aquela mulher que

encarava e que parecia uma boneca, sentindo as décadas passarem, tornando escandaloso o comportamento que hoje era considerado normal. Ela também identificou Frances, mas seu rosto estava parcialmente apagado. Daisy ficou pensando se valia a pena tentar encontrar uma foto dela em algum lugar, como um arquivo de artistas, talvez, para devolvê-la ao seio pictórico dos amigos.

— Não parece justo que logo ela fique ausente do mural — justificou.

— Talvez ela quisesse ficar ausente — observou Jones.

Ela não contou o que acontecera na noite anterior: Daisy espiou pela janela e viu Lottie lá fora, imóvel diante do mural, perdida em algo indizível. Então a mulher esticou a mão devagar, como se fosse tocar em uma coisa, e depois, com um gesto brusco, como se estivesse repreendendo a si mesma, deu meia-volta e se afastou de forma decidida.

Jones explicou os planos para a inauguração do hotel, mostrou-lhe diversos arquivos com detalhes e fotos de outros eventos do mesmo tipo promovido por ele. (Em quase todas, ela reparou, ele estava ladeado por mulheres altas e elegantes.)

— Quero fazer algo bem diferente agora, algo que reflita a casa. Mas não consigo saber o quê — disse ele.

— Vai ser uma festa de celebridades? — perguntou Daisy, sentindo-se estranhamente invadida.

— Algumas pessoas famosas estarão presentes, sim — respondeu ele. — Mas não quero uma festa padrão. O atrativo principal do hotel é que ele pretende ser diferente, um pouco superior a isso tudo, se podemos definir assim — concluiu ele, desconfortável.

— Será que eles ainda estão vivos? — perguntou Daisy, os olhos fixos na pasta.

— Quem?

— As pessoas. Do mural de Frances. Quer dizer, sabemos que Frances e Adeline não estão mais vivas. Mas, se tiver sido pintado na década de 1950, existe uma chance considerável de que muitas delas ainda estejam por aí.

— E daí?

— Nós podemos encontrá-las e reuni-las. No seu hotel. Para a inauguração. Não acha que seria uma fantástica jogada de marketing? Quer dizer, se essas pessoas eram os *enfants terribles* de sua época, como diz Lottie, dariam uma chamada sensacional para a imprensa. Você tem a imagem do mural... Acho que seria o máximo.

— Se ainda estiverem vivas.

— Não teria mesmo como convidá-las, caso contrário. Mas isso poderia até mesmo apaziguar os moradores um pouco, uma referência à história deles.

— Acho que pode funcionar. Vou falar com Carol.

Daisy ergueu o olhar do drinque.

— Que Carol?

— Minha promotora de eventos. Dirige uma empresa de relações públicas e organiza todas as minhas festas. — Ele franziu a testa. — Qual é o problema?

Daisy levantou a taça e tomou um longo gole.

— Eu acho... acho que eu gostaria de fazer isso.

— Você?

— Bom, a ideia foi minha. E fui eu... fomos nós que encontramos o mural. Acho que estou um pouco apegada a ele.

— Mas como você vai encontrar tempo?

— São apenas alguns telefonemas. Olhe, Jones... — Quase inconscientemente, ela esticou uma das mãos por cima da mesa. — Acho que esse mural é especial de verdade. Pode até ser importante. Você não acha que é o tipo de coisa que deveria manter em sigilo, pelo menos por enquanto? Você vai conseguir mais atenção se a notícia não vazar. Sabe como é o pessoal de relações públicas, não consegue ficar de boca fechada. Quer dizer, tenho certeza de que Carol é muito competente, mas, se mantivermos o mural só entre nós por ora, até que a pintura esteja terminada... Bom, o impacto seria maior quando ele fosse exposto.

Ela pensava que os olhos dele fossem pretos, mas percebeu naquele momento que eram de um azul muito, muito escuro.

— Se você não acha que é trabalho demais — disse ele —, tudo bem. Avise que vou hospedá-los, pagar pelo transporte, o que precisar. Mas não tenha muita esperança. Alguns podem estar debilitados, doentes ou senis.

— Eles não são muito mais velhos que Lottie.

— Pois é...

Sorriram um para o outro. Um sorriso cúmplice, sem constrangimentos. Daisy descobriu que se sentia muito melhor, então se conteve, porque, de alguma forma, tinha a sensação de que não deveria.

* * *

Jones iria levá-la de carro para Merham. Sem discussões, disse ele. Só demoraria uma hora ou duas, já tinha passado a hora do rush. Além do

mais, ele queria ver o mural.

— Mas vai estar escuro — argumentou Daisy, que tinha bebido tanto que não sentia mais dor no braço. — Você não vai enxergar muita coisa.

— Então vamos acender as luzes — disse ele, entrando no escritório. — Só me dê dois minutos.

Daisy ficou sentada na varanda iluminada, o casaco nos ombros, escutando os sons distantes da boate e do trânsito. Não se sentia mais tanto um peixe fora d'água. Não se sentia mais constrangida com Jones, como se estivesse o tempo todo tentando lhe provar algo, tentando convencê-lo de que ele não estava olhando o melhor lado dela. E era diferente observá-lo em seu próprio ambiente, à vontade no meio do mar de rostos ansiosos e respeitosos. Era horrível como o poder tornava as pessoas mais atraentes, observou ela, ao mesmo tempo em que tentava conter uma expectativa oculta diante da ideia de ficar sozinha com ele de novo na casa.

Ela pegou o celular da bolsa a fim de verificar como estava Ellie, e xingou baixinho quando descobriu que acabara a bateria. Ela mal usava o celular em Merham — devia estar descarregado havia semanas.

— Já terminou? — A garçonete começou a retirar as taças vazias da mesa.

— Sim, obrigada.

Poderia ser por causa do álcool, ou da atenção de Jones, mas Daisy se sentiu menos intimidada por ela.

— Jones pediu para dizer que vai precisar de mais cinco minutos. Ficou preso em uma ligação — avisou a mulher.

Daisy assentiu, compreensiva, imaginando se, quando Jones terminasse, ela poderia pegar o telefone emprestado.

— A comida estava boa?

— Ótima, obrigada.

Daisy esticou o braço e colocou um último pedaço de torta de chocolate no prato.

— Jones parece melhor, pelo menos. Meu Deus, como ele estava de mau humor de manhã.

A garota empilhava os pratos com a rapidez e a competência de alguém que executa naturalmente a tarefa. Ela jogou guardanapos usados nas taças, equilibrando-as em cima da pilha.

— É bom que ele tenha encontrado algo para distraí-lo hoje.

— Como assim? Por quê? — perguntou Daisy.

— A esposa dele. Ex-esposa, desculpe. Casou-se de novo hoje. Ao meio-dia, acho. Ele não estava sabendo lidar.

A torta de chocolate ficou grudada no céu da boca de Daisy.

— Ah, desculpe. Você não está saindo com ele, está?

Daisy engoliu em seco e sorriu para a garçonete preocupada.

— Não. Meu Deus, não. Só estou cuidando da reforma do novo espaço.

— Aquele à beira-mar? Legal. Estou louca para conhecer. Melhor assim, de qualquer modo. — A garota se curvou, lançando um olhar na direção da porta. — Todo mundo aqui adora o Jones, longe de mim falar mal, mas ele é o maior galinha. Acho que já dormiu com metade das garotas daqui.

* * *

Jones parou de tentar puxar conversa um pouco depois de Colchester. Perguntou se Daisy estava cansada e, quando ela assentiu, disse que a deixaria quieta para dormir, se quisesse. Daisy virou a cabeça para o outro lado e ficou olhando as estradas iluminadas por lâmpadas de vapor de sódio passando depressa, refletindo sobre como acomodar tantas emoções conflitantes em um corpo pequeno e exaurido.

Ela gostava dele. Percebeu que já tinha consciência disso desde o momento em que ele a buscara de carro e a deixara furiosa por não lhe dar nenhuma atenção. Daisy começou a admitir para si mesma quando ele se mostrou tão atipicamente afetuoso e solícito em relação ao acidente. Tinha ficado branco quando percebeu quanto ela estava sangrando, e a urgência com que gritou para os funcionários do depósito, além da velocidade com que a levou para o hospital, a fizeram se sentir protegida de uma forma que não acontecia desde que Daniel se fora. (Ainda havia uma grande parte de Daisy que sentia necessidade de ser protegida.) No entanto, o comentário da garçonete sobre o novo casamento da ex-esposa dele a atingiu com a força de uma marreta. Ela ficou com ciúmes. Ciúmes da ex-esposa por ter se casado com ele; ciúmes de qualquer uma que ainda pudesse deixá-lo tão nervoso. E depois a mulher mencionou as outras.

Daisy se mexeu no assento, sentindo-se ao mesmo tempo furiosa e desanimada. Aquilo era inadequado. *Ele* era inadequado. Não valia a pena se apegar a alguém que era, como a garçonete dissera com tanta eloquência, o maior galinha. Daisy lançou-lhe um olhar furtivo. Ela conhecia o tipo, que Julia chamava de “homens acidente de carro”.

“Estranhamente atraentes, mas você não vai querer se envolver. Apenas siga adiante e agradeça a Deus por não estar envolvida.” Mesmo que ela quisesse se envolver, o que obviamente não era verdade, Jones seria uma escolha errada, ainda que para uma distração. Seu estilo de vida, sua história, tudo apontava para Infidelidade em Série e Falta de Compromisso.

Daisy estremeceu, como se temesse que ele ouvisse seus pensamentos. Porque tudo isso estava fundamentado na ideia de que ele no mínimo gostava dela, o que, francamente, Daisy não tinha certeza de ser verdade. Ele gostava da companhia dela, sim, além das ideias dela, mas havia toda uma escala genética entre ela e a garçonne, as mulheres de coxas finas e pele bronzeada que povoavam o mundo dele.

— Está bem aquecida? Meu casaco está no banco de trás, se você quiser.

— Estou bem — respondeu Daisy de um jeito brusco.

Apesar de ser tarde e de ela sentir o braço latejando de novo, Daisy desejava ter pegado o trem. Não posso fazer isso, pensou, mordendo o lábio. Não posso me permitir sentir qualquer coisa. É doloroso e complicado demais. Ela estava se curando até começar a passar tempo com Jones. Estava se sentindo escancarada novamente.

— Pastilha? — perguntou Jones.

Ela balançou a cabeça, e ele enfim a deixou em paz.

* * *

Eles chegaram à Arcádia às quinze para as dez, o carro fazendo um barulho alto ao atravessar a estrada de cascalho e deixando um silêncio mais intenso ao parar. O céu estava claro, e Daisy inspirou o ar limpo, marítimo, ouvindo o distante ruído do mar.

Sentiu o olhar de Jones nela e depois o ouviu descer do carro, obviamente decidindo não dizer nada.

Daisy, com movimentos nervosos, tentou abrir a porta do carona, sua incompetência física levando-a quase às lágrimas. Ela estava determinada a não chorar mais na frente dele. Seria o ápice do seu dia.

A Sra. Bernard havia deixado algumas luzes acesas — para que a casa parecesse mais acolhedora ainda —, que lançavam facho de luz amarela sobre o cascalho. Daisy olhou as janelas, sentindo a intensidade do fato de que iria passar mais uma noite sozinha.

— Você está bem? — perguntou Jones, ao lado dela.

Sua alegria de mais cedo havia sido substituída por algo mais contemplativo. Ele parecia, pensou ela, estar prestes a dizer algo sério.

— Estou bem — respondeu Daisy, passando as pernas para fora do carro enquanto mantinha o braço próximo do peito em postura protetora.

— Consigo me virar.

— Quando a Sra. Bernard vai trazer sua filha?

— Logo de manhã.

— Quer que eu vá buscá-la para você? São só cinco minutos.

— Não. Volte para casa. Imagino que sua presença em Londres seja necessária.

Jones lhe dirigiu um olhar severo, e ela ficou ruborizada ao ouvir o próprio tom, agradecida por ele não conseguir distinguir a cor do rosto dela na entrada mal iluminada.

— Obrigada mesmo assim — completou, forçando um sorriso. — E me desculpe... desculpe por tudo.

— Foi um prazer. De verdade.

Jones estava parado na frente dela, uma presença grande demais impedindo sua passagem. Ela olhava os próprios sapatos, desejando que ele fosse embora. Mas ele parecia relutante em sair dali.

— Eu deixei você chateada — disse Jones.

— Não — rebateu Daisy, depressa. — De jeito nenhum.

— Tem certeza?

— Só estou cansada. Meu braço está doendo um pouco.

— Vai ficar bem sozinha?

Ela ergueu o olhar para ele.

— Ah, vou, sim.

Eles estavam a poucos centímetros um do outro. Jones jogava as chaves do carro de uma das mãos para a outra de um jeito desconfortável. *Por que você não vai embora logo?*, queria gritar Daisy.

— Ah — disse ele. — Você deixou uma coisa no porta-malas do carro.

— O quê?

— Aqui.

Ele deu a volta no veículo e, com um toque no botão do alarme, abriu a porta traseira.

Daisy o seguiu, o casaco jogado nos ombros. A faixa da tipoia roçava sua nuca, e ela usou o braço bom para tentar ajustar o nó. Quando terminou, Jones ainda olhava para o porta-malas. Ela seguiu seu olhar. Ali, em cima de um grande cobertor cinza, estava o vitral, sendo que mal

dava para distinguir a imagem por causa da sombra da tampa do porta-malas.

Daisy ficou imóvel.

— Eu vi você olhando essa janela — explicou Jones, parecendo constrangido. Ele mudou o peso de um pé para o outro. — Então comprei para você. Achei... achei que parecia bastante com sua filhinha.

Daisy ouvia a brisa passando por entre os pinheiros-da-escócia e o sussurrar fraco da vegetação nas dunas, ambos os sons quase sufocados pelo chiado em seus ouvidos.

— É uma forma de agradecer — continuou ele com a voz rouca, ainda olhando para o porta-malas. — Pelo que você fez. A casa e tudo o mais.

Em seguida, levantou a cabeça e a encarou. Daisy, segurando a bolsa frouxamente na mão boa, parou de ouvir. Ela viu os olhos escuros e melancólicos e um rosto cuja rigidez era compensada pela expressão meiga.

— Adorei — disse ela em voz baixa.

Com o olhar ainda fixo nos olhos dele, ela deu um passo para a frente, o braço na tipoia se erguendo quase involuntariamente até o dele, a respiração presa no peito. E parou quando a porta da frente se abriu, enviando um arco de luz alongado pelo caminho até o ponto onde estavam.

Daisy se virou para a porta, piscando quando seus olhos se ajustaram à luz e distinguiram a silhueta imóvel na entrada, a silhueta que não deveria ser e que nem sequer parecia ser a de Lottie Bernard. Ela fechou os olhos e os abriu de novo.

— Olá, Daisy — disse Daniel.

— Dessa vez ela realmente passou dos limites.

Lottie estava construindo uma torre de bloquinhos com Ellie, dando uma espiada nas duas pessoas no terraço. Virou-se para Aidan e se levantou.

— Quem?

Ela havia esquecido quanto tempo se passa sentando no chão e se levantando com crianças pequenas. Não se recordava de sentir tanta dor no corpo na época de Camille. Ou mesmo de Katie.

— Aquela mulher que mora aqui na rua, a Sra. Polainas ou algo do tipo. A senhora viu isso?

Aidan se aproximou do tapete e lhe entregou uma cópia do jornal local, apontando para a página das cartas dos leitores.

— Está pedindo para todas as pessoas de mente correta fazerem um piquete no hotel. Para impedir Jones de servir álcool.

— Como é que é?

Lottie examinou o jornal ao mesmo tempo em que jogava blocos coloridos distraidamente para Ellie.

— Que mulher tola — disse ela. — Como se alguns pensionistas decrépitos com cartazes pudessem fazer diferença. Ela está pedindo para receber um atestado de louca.

Aidan pegou uma caneca de chá na bancada, seus dedos cobertos de gesso aparentemente imunes ao calor.

— Mas não vai ser uma boa publicidade para o dono daqui. Abrir caminho à força por uma fileira de velhinhos rebeldes não é uma imagem boa para divulgação.

— Que ridículo — disse Lottie com desprezo, e lhe devolveu o jornal. — Como se alguém aqui fosse dar a mínima para alguns gins-tônicas.

Aidan se inclinou para trás quando seu olhar captou Daisy com um homem não identificado do lado de fora.

— Ora, ora — começou ele. — Nossa Daisy tem um rapaz novo no turno da noite, não é?

— Você não tem nada melhor para fazer? — rebateu Lottie, ríspida.

— É uma questão de opinião — respondeu ele, apenas esperando por tempo suficiente para ver Lottie se zangar antes de se afastar lentamente.

Era o pai da neném. Não havia dúvida: ela soube assim que ele apareceu na porta na noite anterior, o cabelo escuro e os olhos de um castanho intenso parecendo um reflexo de Ellie.

— Pois não? — perguntara ela, sabendo muito bem o que ele estava prestes a dizer.

— Daisy Parsons está?

Ele segurava uma mala pequena, própria para uma noite. Uma tremenda suposição nas atuais circunstâncias, pensou Lottie.

— Sou Daniel.

Deliberadamente, ela fingiu não entender.

— Daniel Wiener. Sou... pai de Ellie. Disseram que Daisy estava aqui.

— Ela saiu — respondeu Lottie, encarando os olhos tensos, as roupas da moda.

— Posso entrar? Acabei de pegar o trem de Londres. Acho que não tem um bar por aqui onde eu possa esperar.

Sem dizer uma palavra, ela o deixou passar.

Não era da conta dela, evidentemente. Não podia dizer à moça o que fazer. Mas, se dependesse de Lottie, teria dito a ele para se mandar. Lottie mantinha as mãos rígidas nas laterais do corpo, sentindo-se despropositadamente zangada com aquele homem por causa de Daisy. Por ele ter sido capaz de abandonar a esposa com um bebê, deixando que ela enfrentasse tudo sozinha, depois pensar que podia reaparecer como se nada tivesse acontecido. Daisy estava se saindo muito bem, todo mundo sabia. Ela olhou na direção da neném, que mordida distraidamente a ponta de um bloco de madeira, e em seguida para a varanda, onde as duas pessoas estavam paradas, tensas, a vários metros de distância uma da outra, a mulher parecendo observar algo no horizonte distante, e o homem, os próprios sapatos.

Eu deveria desejar que você tivesse uma vida com seu pai, Ellie, disse para si mesma. Ainda mais eu.

* * *

Daisy se sentou no banco sob o mural, em um espaço entre vasos com arbustos de diferentes tamanhos, enquanto Daniel ficou em pé de costas

para o mar, olhando a casa. Ela lançava olhares furtivos para ele, tentando observá-lo em detalhes, constrangida pela possibilidade de ser flagrada.

— Você fez um ótimo trabalho — comentou ele. — Eu não teria reconhecido a casa.

— Temos trabalhado muito — disse ela. — Eu, a equipe, Lottie, Jones.

— Gentil da parte dele dar carona para você de Londres até aqui.

— Sim. Foi mesmo.

Daisy bebericou o chá.

— O que aconteceu com você? Com seu braço? — perguntou Daniel.

— Eu queria perguntar na noite passada, mas...

— Eu me cortei.

Ele ficou branco.

Ela entendeu os pensamentos dele um instante depois.

— Não, não. Nada do tipo. Eu caí em uma porta de vidro.

Daisy sentiu uma breve pontada de irritação por ele ainda se imaginar tão vital para a existência dela.

— Doeu?

— Um pouco, mas me deram analgésicos.

— Que bom. Isso é bom. Quer dizer, não seu braço. Os analgésicos.

Não foi tão formal assim desde o começo. Quando o viu na noite anterior, ela pensou por um momento que fosse desmaiar. Então, depois de Jones discretamente descarregar o vitral e se despedir depressa, ela entrou na casa e, segurando o corrimão, começou a chorar de forma incontrolável. Ele a abraçou, desculpando-se, suas lágrimas se misturando às dela, e ela chorou ainda mais, perplexa ao notar como o corpo dele junto ao seu parecia tão familiar e estranho ao mesmo tempo.

A chegada de Daniel foi tão inesperada que Daisy não teve tempo de pensar no que sentir. A noite com Jones trouxe tudo à tona, e de repente ela foi confrontada com ele, cuja ausência coloriu quase todos os minutos dos últimos meses e cuja presença instigava tantas emoções conflitantes que tudo o que ela conseguiu fazer foi olhar para ele e chorar.

— Desculpe, Daisy — disse ele, segurando as mãos dela. — Peço muitas, muitas desculpas.

Ela se acalmou bastante tempo depois e, com uma só mão, serviu a ambos uma taça de vinho. Acendeu um cigarro, notando a expressão de surpresa dele e o esforço para escondê-la. Em seguida, sentou-se de frente para ele, sem saber o que dizer, o que se atrever a perguntar.

Daniel parecera, à primeira vista, exatamente o mesmo: o cabelo estava cortado da mesma maneira, a calça e os tênis eram os mesmos que

usara no fim de semana antes de ir embora. Tinha as mesmas manias: passava a mão no topo da cabeça, como se estivesse se certificando de que ela ainda estava lá. Mas, à medida que observava mais de perto, ele foi parecendo diferente: mais velho, talvez. Certamente mais cansado. Ela se perguntou se também estaria assim.

— Você está melhor? — perguntou Daisy.

Parecia uma pergunta segura.

— Eu não... Eu não estou mais tão confuso, se é isso o que você quer saber — respondeu ele.

Daisy tomou um grande gole de vinho. Parecia ácido; ela já havia bebido muito.

— Onde você está morando?

— Com meu irmão, Paul.

Ela assentiu.

Os olhos dele não paravam de observá-la. Estavam ansiosos, piscando. A meia-luz revelava grandes olheiras embaixo deles.

— Eu não sabia que você estava morando aqui de fato — disse ele. — Minha mãe ficou com a impressão de que você estava hospedada na casa de alguém na cidade.

— E quem seria essa pessoa? — disse ela em tom ríspido, pois a raiva estava perto demais da superfície. — Eu tive que sair do apartamento.

— Eu fui lá — contou ele. — Tem outra pessoa morando.

— É, bem, eu não tinha como pagar o aluguel.

— Havia dinheiro na conta, Daisy.

— Não para o tempo todo que você ficou longe. Não para me sustentar também. Não quando você considerar o aumento do aluguel que o Sr. Springfield impôs.

Daniel ficou cabisbaixo.

— Você parece bem — comentou ele, esperançoso.

Ela esticou as pernas, esfregando uma mancha de sangue seco salpicado no joelho esquerdo.

— Melhor do que quando você foi embora, acho. Mas, naquela época, eu havia acabado de tirar um ser humano inteiro de dentro do meu corpo.

Seguiu-se um silêncio demorado e complexo.

Ela olhou para o cabelo grosso e escuro dele, pensando nas vezes em que chorara ao acordar porque ele não estava ao lado. Nas vezes em que ficara na cama se lembrando da sensação de entrelaçar os dedos nos dele. Daisy não sentia vontade de tocar nele. Havia somente uma raiva fria. E, entranhado nesse sentimento, o medo de que ele partisse novamente.

— Desculpe mesmo, Daisy — disse Daniel. — Eu... eu não sei o que aconteceu comigo.

Ele chegou mais para a frente na cadeira, como se estivesse se preparando para fazer um discurso.

— Estou tomando antidepressivos — contou. — Foram de alguma ajuda, já não acho tudo tão irremediável quanto antes. Mas não quero tomar por muito tempo. Acho que não quero correr o risco de me tornar dependente.

Ele tomou um gole do vinho.

— Também fui a uma psiquiatra. Por um tempo. Ela era um pouco do tipo tamanco-e-lentilhas.

Ele olhou para Daisy a fim de avaliar como ela receberia a velha piada interna dos dois.

— E o que ela achou? De você, quer dizer?

— Não era bem assim, na verdade. Ela me fazia muitas perguntas e meio que esperava que eu descobrisse as respostas.

— Parece um bom modo de ganhar a vida. E você descobriu?

— Acho que algumas, sim.

Ele não entrou em detalhes.

Daisy estava cansada demais para se perguntar o que aquilo poderia significar.

— Então? Você vai ficar aqui essa noite?

— Se você permitir.

Ela deu outra longa tragada no cigarro e jogou a guimba fora.

— Não sei o que dizer, Dan. Estou cansada demais, é tudo muito repentino, e não consigo pensar direito... Vamos conversar de manhã.

Ele fez que sim com a cabeça, ainda a observando.

— Você pode dormir na Suíte Woolf. Tem um edredom ainda embalado. Pode usar.

A possibilidade de ele dormir em qualquer outro lugar evidentemente não havia ocorrido a nenhum dos dois.

— Onde ela está? — perguntou ele quando Daisy se preparava para deixar a sala.

Ah, agora você está interessado nela, não é?, pensou.

— Ela vai voltar de manhã cedo.

Daisy não dormiu. Como poderia, sabendo que ele estava deitado, provavelmente também acordado, do outro lado da parede? Em certo momento, ela se repreendeu pela forma como o recebeu, por sabotar o que podia ter sido um reencontro glorioso. Ela não deveria ter falado nada,

deveria tê-lo puxado para si, o amado, o recebido de volta. Em outros momentos, ela se perguntava por que o deixara ficar. A raiva parecia uma coisa fria e difícil, vomitando vez ou outra perguntas como se fosse bile: Onde você esteve? Por que não me ligou? Por que demorou mais de uma hora para perguntar onde sua filha estava?

Ela se levantou às seis, os olhos embaçados e a cabeça doendo, e jogou água fria no rosto. Queria que Ellie estivesse lá, assim teria um foco, uma série de coisas práticas para fazer. Andou em silêncio pela casa, ciente de sua familiaridade, da sensação de segurança que lhe oferecia. Até então. Dali em diante, Daisy seria incapaz de pensar no lugar sem a presença de Daniel; ele estava impresso nas áreas que antes se mantinham livres da presença dele. Ela levou alguns minutos para entender que se sentia perturbada por essa sensação porque esperava que ele a deixasse outra vez.

Daniel acordou depois de Lottie chegar. Ela foi devolver Ellie, que parecia claramente inalterada com a noite fora da rotina, e perguntou se Daisy estava bem.

— Estou — respondeu Daisy, enterrando o rosto no pescoço da filha.

A menina tinha um cheiro diferente: da casa de outra pessoa.

— Obrigada por cuidar dela.

— Não deu trabalho.

Lottie a observou por um tempo, levantando uma sobrancelha por causa do braço ferido de Daisy.

— Vou fazer chá, então — disse, enfim, e foi para a cozinha.

Alguns minutos depois, Daniel desceu a escada, os olhos inchados e as olheiras escuras como prova de sua noite insone. Ele parou ao ver Daisy e Ellie, um pé ainda no degrau de trás.

Daisy sentiu o coração acelerar ao vê-lo. Ela havia se perguntado, diversas vezes, se a noite anterior fora uma alucinação.

— Ela... ela está tão grande — sussurrou Daniel.

Daisy se esforçou para não deixar escapar a resposta sarcástica na ponta da língua.

Ele desceu a escada lentamente e foi na direção delas, os olhos ainda fixos na filha.

— Olá, querida — balbuciou ele.

Ellie, com a habilidade pueril infalível de quebrar a tensão de um momento, lhe lançou um brevíssimo olhar e logo começou a dar tapinhas no nariz de Daisy, fazendo barulhinhos.

— Posso pegar no colo?

Daisy, tentando ao máximo se esquivar do ataque de Ellie, olhou para as lágrimas nos olhos de Daniel, para o anseio estampado em seu rosto, e se questionou por que, naquele momento, o momento no qual ela pensou durante meses, o momento que ela esperou tanto contemplar, seu instinto dominante era segurar a filha. Não entregá-la de jeito nenhum.

— Aqui — disse, enfim, estendendo Ellie na direção do pai.

— Olá, Ellie. Olhe só para você!

Ele a aproximou devagar, com cautela, como alguém desacostumado a segurar uma criança. Daisy conteve a vontade de dizer que ele estava segurando a filha da maneira errada, tentando ignorar os braços de Ellie, que se estendiam na direção dela.

— Eu estava com saudade de você — falou Daniel em tom baixo e melódico. — Ah, querida, papai sentiu saudade de você.

Então, soterrada por uma quantidade massiva de emoções conflitantes e sem querer que Daniel visse nenhuma delas, ela se afastou deles depressa e entrou na cozinha.

* * *

— Chá? — perguntou Lottie, sem erguer o olhar.

— Por favor.

— E... ele?

Daisy olhou para as costas de Lottie, neutras e aprumadas, enquanto ela se movia com destreza pela cozinha, pegando bules e saquinhos de chá.

— Daniel. Sim, ele vai querer. Com leite, sem açúcar.

Com leite, sem açúcar, pensou, segurando a bancada para que as mãos parassem de tremer. Eu conheço o gosto dele melhor do que o meu.

— Quer que eu leve? Quando ele terminar o momento com a bebê?

Havia uma aspereza no tom de Lottie. Daisy a conhecia bem o suficiente para notar. Mas não ficava mais ofendida.

— Obrigada. Vou levar o meu para a varanda.

Ele surgiu onze minutos depois. Daisy não resistiu e contou os minutos, monitorando quanto tempo ele aguentaria com a filha até que os periódicos protestos de frustração ou um acesso de choro o desestabilizasse a ponto de ele entregar a menina. Daniel aguentou mais do que ela esperava.

— Sua amiga levou Ellie lá para cima. Disse que ela precisa tirar uma soneca.

Ele levou o chá para fora e ficou em pé ao lado de Daisy, olhando para o mar embaixo.

— Lottie cuida dela para mim enquanto estou trabalhando.

— É um arranjo útil.

— Não, Daniel, é um arranjo necessário. O chefe não gostava de me ver tentando lidar com os funcionários enquanto seguro um bebê no colo.

Estava sempre ali: essa raiva, borbulhando, apenas esperando para explodir em cima dele, para escaldá-lo. Daisy esfregou a testa, a exaustão deixando-a irritada e confusa.

Daniel ficou em silêncio por alguns minutos, bebendo seu chá. O aroma do jasmim em plena floração era quase avassalador, trazido por um vento fraco em direção a eles.

— Eu não esperava ser recebido de braços abertos — disse ele. — Eu sei o que fiz.

Você não tem ideia do que fez, ela queria gritar. Mas disse:

— Realmente não quero discutir isso no meu horário de trabalho. Se você puder ficar mais uma noite, conversamos mais tarde.

— Não vou a lugar nenhum — disse ele, sorrindo com pesar.

Ela sorriu em resposta. Mas as palavras dele não a tranquilizaram.

* * *

O dia passou, e Daisy ficou agradecida pelas distrações do trabalho, pelas maçanetas instaladas de maneira errada, pelas janelas que não fechavam, por esses problemas mundanos que lhe devolviam uma sensação de normalidade e equilíbrio. Daniel foi a pé até o centro da cidade, supostamente para comprar jornal, mas em especial, suspeitava Daisy, porque a situação era tão difícil para ele quanto para ela. Aidan e Trevor a observavam com interesse: um drama doméstico de proporções épicas estava se desenrolando na frente deles, distraíndo-os até mesmo dos jogos de abertura de algum campeonato de futebol no rádio.

Lottie apenas observava, sem dizer nada.

Ela havia consentido, naquela manhã, em ceder os cuidados de Ellie para Daniel “pelo tempo que ele ficasse lá”. Ela se ofereceu para ensinar a fazer certas coisas, como preparar a comida de Ellie ou prendê-la na cadeirinha, ou a maneira como ela gostava do cobertor sob o queixo enquanto dormia.

— Ellie não gosta de ninguém enrolando ao lado dela, ninguém perturbando — disse Lottie.

Algo na expressão da mulher convenceu Daisy de que talvez não tivesse sido uma boa ideia deixá-la responsável por mostrar as tarefas relacionadas a Ellie, não se Daisy estivesse considerando seriamente aceitar Daniel de volta.

Camille passou para uma visita na hora do almoço e, depois de uma rápida conversa com a mãe, perguntou discretamente a Daisy se ela “estava bem”.

— Passe lá em casa se quiser uma massagem na cabeça ou algo do tipo essa noite. Mamãe fica com Ellie. É ótimo para o estresse.

Se fosse qualquer outra pessoa, Daisy a teria mandado catar coquinhos. Tendo crescido com um sentido natural de anonimato típico de Londres, ela detestava a exposição típica da vida no interior, a maneira como o reaparecimento de Daniel autorizava qualquer um a se meter. Mas Camille não parecia interessada em fofocas: talvez já tivesse ouvido tantas histórias sensacionais no trabalho que se tornara imune a esse prazer. Apenas queria ajudar, pensou Daisy. Ou talvez desejasse companhia.

— Não se esqueça de passar lá em casa — disse Camille enquanto saía com Rollo. — Para ser honesta, quando Katie sai com as amigas, é legal ter alguém para conversar. Ultimamente, Hal parece preferir as moças do mural a mim.

Ela falou brincando, mas sua expressão era triste.

Hal era o único que não parecia interessado na vida amorosa de Daisy. Talvez, pensou ela, por estar profundamente concentrado no mural, quase três quartos já revelado. Ele andava introspectivo, monossilábico. Não tirava mais horário de almoço, aceitando os sanduíches da esposa sem os floreios românticos de antes. Metade das vezes, se esquecia de comê-los.

Jones não telefonou.

Ela também não ligou para ele. Não saberia o que dizer.

* * *

Daniel ficou. Naquela segunda noite, eles não conversaram: era como se o fato de ambos só pensarem nisso o dia todo significasse que, na hora em que tinham a casa só para eles, já estavam exaustos, as discussões já analisadas incontáveis vezes na cabeça de cada um. Eles comeram, escutaram rádio e foram para camas separadas.

Na terceira noite, Ellie chorou quase sem parar, acometida por algum incômodo interno ou um dente nascendo. Daisy deu voltas com ela no andar de cima da casa; no apartamento de Primrose Hill, os gritos de Ellie

costumavam deixá-la no limite, mas ali não provocavam a mesma ansiedade, a preocupação de que estivesse perturbando todo mundo: os vizinhos de cima e de baixo, as pessoas na rua, Daniel. Ela se acostumara ao espaço e ao isolamento.

— Na Arcádia — dizia à filha em tom carinhoso —, ninguém ouve você gritar.

Ela andou pelos corredores, os soluços de Ellie abrandando entre um cômodo e outro, tentando não pensar tanto na reação de Daniel, no andar de baixo. Foi essa parte, afinal, que o espantara antes: o barulho, o caos, a imprevisibilidade de tudo. Ela meio que esperava que ele tivesse ido embora quando desceu a escada.

Mas Daniel estava lendo o jornal.

— Ela está bem? — perguntou, relaxando quando Daisy confirmou que sim. — Eu não quis... eu não quis interferir.

— Ela só fica lutando com o sono — respondeu Daisy, pegando uma taça de vinho e se sentando do lado oposto ao dele. — Precisa extravasar um pouco antes de dormir de novo.

— Perdi tanta coisa. Estou tão atrás de você em termos de saber as vontades dela.

— Não é física nuclear — disse Daisy.

— Podia ser. Mas eu vou aprender, Daisy.

Ela foi para a cama logo depois. Ao sair da sala, precisou conter a vontade inesperada de dar um beijo no rosto dele.

* * *

— Julia?

— Olá, querida. Tudo bem? Como está meu docinho de coco?

— Daniel voltou.

Houve um breve silêncio.

— Julia?

— Entendo. E quando esse pequeno milagre aconteceu?

— Dois dias atrás. Ele simplesmente apareceu na porta.

— E você deixou que ele entrasse?

— Eu não tinha como mandá-lo pegar o trem de volta. Eram quase dez da noite.

O grunhido da irmã deixou claro para Daisy o que *ela* teria feito.

— Espero que você não tenha...

— Tem oito suítes aqui, Julia.

— Bem, já é alguma coisa, acho. Continue assim.

Daisy ouviu-a tapar o fone com a mão, depois um grito abafado:

— Don? Você pode desligar o fogo para mim, querido? Estou no telefone.

— Olhe, não quero incomodar. Acho que só queria contar isso.

— Voltou de vez?

— O quê? Daniel? Não sei. Ele não disse.

— Claro que não. Que tolice esperar que ele contasse seus planos.

— Não é assim, Ju. Nós... nós ainda não conversamos sobre o assunto.

Na verdade, ainda não conversamos sobre nada.

— Muito conveniente para ele.

— Não depende dele, necessariamente.

— Quando você vai parar de defendê-lo, Daisy?

— Não estou defendendo. De verdade. Acho que eu só quero ver como... como é estarmos todos juntos. Se ainda funciona. Aí vamos ter a conversa séria.

— E ele ofereceu algum dinheiro para você?

— O quê?

— Bem, pela hospedagem. Porque ele não tem onde morar agora, tem?

— Ele não...

— Ele está morando em um hotel de luxo. Em uma suíte. De graça.

— Ah, Julia, dê um pouco de crédito a ele.

— Não, Daisy. Não estou preparada para dar crédito nenhum a ele. Por que eu deveria, depois do que ele fez com você? Com você e com a própria filha? Para mim, ele é uma perda de tempo.

Daisy bufou, incapaz de se conter.

— Não deixe que ele tome a frente, Daisy. Você está indo muito bem sem ele, lembra? Não pode se esquecer disso. Você superou uma barreira.

Superei?, pensou Daisy mais tarde. Sim, ela se sentia menos desamparada. Fizera Ellie se encaixar em sua rotina, ao invés do contrário. Havia redescoberto algo em si mesma, algo melhor, pensava às vezes, do que a Antiga Daisy. Ao reformar a Arcádia, realizara algo memorável e inesperado sozinha. Mas estava solitária. Não era uma garota que sabia viver sozinha.

— Você mudou — disse Daniel inesperadamente em certo momento, observando-a trabalhar.

— Como? — perguntou Daisy, desconfiada.

Quando se tratava da opinião de Daniel, todas as mudanças dela até então tinham sido para pior.

— Você não é mais tão frágil quanto antes. Nem tão vulnerável. Parece mais capaz de lidar com qualquer coisa.

Daisy olhou pela janela, para onde Lottie soprava um cata-vento de papel, fazendo Ellie dar gritinhos de alegria.

— A maternidade faz isso — disse ela.

* * *

No quarto dia, Carol, a relações-públicas, chegou, elogiando a beleza da casa e tirando fotografias Polaroid de todos os cômodos, fazendo os dentes de Daisy rangerem e as sobrancelhas de Lottie se erguerem até o espaço.

— Jones me contou sobre a ideia. Muito boa ideia. *Muito* boa — disse ela, forçando intimidade. — Vai dar uma reportagem maravilhosa para uma revista. Estou pensando na *Interiors*. Ou talvez *Homes and Gardens*, se tudo der certo.

A irritação de Daisy por Jones ter confiado o assunto àquela mulher foi amenizada pela possibilidade de que seus talentos pudessem ser reconhecidos em uma publicação.

— Até lá, entretanto, devemos manter a boca *fechada* — continuou Carol, colocando um dedo diante dos lábios em pose teatral. — Afinal, novidade é tudo.

Ela estava pensando em quebrar uma regra pessoal e fazer uma festa temática: um dia à beira-mar nos anos 1950, tagarelava a mulher. Podia ser *maravilhosamente brega*, com cartões-postais bobos e coisas do gênero. Ela não pareceu ouvir quando Daisy apontou que a casa não datava daquela época.

— Jones vem para cá algum dia? Quer dizer, antes da inauguração? — perguntou Daisy enquanto Carol voltava para o carro, um modelo rebaixado e superesportivo, intimamente admirando que uma mulher na faixa dos cinquenta anos ainda gostasse de se ver em um carro japonês de dois lugares.

— Ele ia tentar vir essa tarde, para nos encontrar — respondeu a relações-públicas, acendendo a tela do celular para checar as mensagens.

— Mas você sabe como ele é.

Ela revirou os olhos, um gesto que Daisy estava começando a reconhecer como familiar entre as colegas de trabalho de Jones.

— É um prazer *tão* grande conhecer você, Daisy. E estou *tão* animada porque vamos trabalhar juntas! Vai ser uma festa *tão* maravilhosa!

— Vai, sim — concordou Daisy. — Até breve, então.

Outras pessoas começaram a invadir o espaço. Chegou um jovem e sério fotógrafo que afirmou fazer todos os panfletos de Jones e levou os operários à loucura, expulsando-os dos quartos e usando os cabos de força da obra para os refletores. Um chef de cozinha da casa noturna de Jones em Londres foi verificar a cozinha e comeu três pacotes de torresmo no almoço. Um funcionário qualquer responsável pelo planejamento chegou sem avisar e foi embora parecendo não ter checado nada. E houve o Sr. Bernard, que apareceu certa noite para saber se Hal queria ir tomar alguma coisa. Ele bateu na porta da frente, esperando alguém atender — embora a porta estivesse aberta, e todo mundo entrasse e saísse sem diminuir o passo.

— Lottie não está aqui, Sr. Bernard — explicou Daisy quando o avistou. — Levou Ellie ao centro da cidade. O senhor quer entrar?

— Eu sei, querida, e não queria incomodar você — disse ele. — Só queria saber se meu genro está por aí.

— Ele está lá atrás — respondeu ela. — Entre.

— Se eu não for atrapalhar ninguém. É muito gentil da sua parte.

Ele parecia um pouco desconfortável até mesmo de andar pela casa, o olhar fixo à frente, como se não quisesse parecer intrometido.

— As coisas estão indo bem, não é? — falou, assentindo de forma satisfeita, quando Daisy respondeu que sim. — Parece que você está fazendo um ótimo trabalho. Não que eu entenda muito do assunto.

— Obrigada — disse Daisy. — Fico contente que existam pessoas que pensem assim.

— Não queira levar em consideração qualquer opinião de Sylvia Rowan — comentou ele, enquanto ela o acompanhava até a varanda. — Aquela família sempre teve alguma coisa contra Lottie. Provavelmente foram por causa dela todos esses aborrecimentos, mais do que qualquer outra coisa. Rancores tendem a durar muito tempo por aqui.

Ele deu tapinhas no braço dela e caminhou em direção a Hal, que estava lavando os pincéis. Daisy o observou, lembrando-se da noite em que Lottie lhe contou sobre o nascimento de Camille. Joe, ligeiramente curvo, de gravata e camisa de colarinho mesmo no auge do verão, era um improvável herói no cavalo branco. Vários minutos depois, enquanto Daisy pendurava e realocava fotografias antigas no corredor, ele reapareceu na porta.

— Hal está um pouco ocupado hoje à noite. Outra hora, talvez — disse. — Ele deve cumprir o cronograma, afinal.

Joe tinha a aparência de alguém acostumado a muitos anos de decepção, meramente as aceitando.

— Hal não precisa trabalhar até tarde se o senhor tiver algo planejado — falou Daisy.

— Não. Para ser franco, Lottie queria que eu tivesse uma conversa com ele.

Daisy esperou.

— Ah, nada para se preocupar, nada para se preocupar — continuou, andando em direção ao carro, uma das mãos na cabeça. — É só essa história do fim da empresa. Acho que foi muito difícil para ele. Eu só queria saber se ele estava bem, entende. De qualquer maneira, é melhor eu ir. Até mais, Daisy.

Ela acenou enquanto ele ia embora.

* * *

Ela acabou indo à casa de Camille. Disse a Daniel que tinha um compromisso, o que era parcialmente verdade, pediu para ele tomar conta de Ellie, o que fez Lottie perder a cor, e andou a curta distância até a casa de Camille. Enquanto caminhava pelas ruas iluminadas pelo sol de Merham, tecendo o caminho por entre pais exaustos e crianças pequenas se equilibrando em bicicletas instáveis, percebeu que, com exceção da viagem para Londres, Daisy mal saía da casa havia semanas. Daniel não pareceu tão amedrontado quanto ela havia imaginado: parecia bem satisfeito, como se a permissão para tomar conta da própria filha fosse um privilégio, concedido feito uma medalha de honra por bom comportamento. Ela esperaria até nove da noite antes de ligar; tinha certeza de que ele já estaria implorando para ela voltar a essa hora.

A casa de Camille e Hal era grande e semigeminada, com janelas amplas e um pórtico da década de 1930, através da qual Daisy viu a alegre silhueta de Rollo latindo. Ela escutou, depois viu Camille atravessando o corredor com uma rapidez surpreendente.

— É Daisy — gritou ela, para poupar Camille da indignidade de precisar perguntar.

— Na hora certa — disse Camille. — Acabei de abrir uma garrafa de vinho. Você veio para a cabeça inteira?

— Como?

— A massagem.

Ela fechou a porta com cuidado às costas de Daisy e voltou para o corredor, a mão esquerda traçando um caminho ao longo da parede.

— Ah. Se você quiser — respondeu Daisy, que acabara de perceber que havia ido lá apenas pela companhia.

Era uma casa mais bem-decorada do que ela esperava. Por outro lado, não tinha certeza do que havia esperado. Nada tão claro nem tão arejado. Sem quadros na parede, talvez. Sem as centenas de fotografias emolduradas que lotavam todas as superfícies, a maioria em porta-retratos antigos de prata. Havia Hal e Camille em uma bicicleta aquática, fazendo uma trilha em algum lugar montanhoso, Katie em um pônei, os três arrumados para uma festa. Em cima da lareira ficava uma foto grande de Hal e Camille no dia do casamento. A maneira como ele a olhava, aquela mistura de orgulho e carinho no rosto jovem de Hal, deixou Daisy melancólica por alguns instantes.

— Lindos quadros — disse ela.

— Sou eu na pequena aquarela. Minha mãe que fez, acredite ou não, quando eu era bebê. Uma pena que não pinte mais. Acho que faria bem a ela ter um hobby.

— É linda. E as fotografias também.

— Você está vendo a foto do nosso casamento?

Camille parecia saber onde Daisy estava pela voz. Ela foi sem esforço até a lareira e pegou a moldura.

— Essa é minha preferida — disse, com a voz apaixonada. — Foi um dia muito bom.

Daisy não se conteve.

— Como você sabe? — perguntou. — Quer dizer, o que está na fotografia.

Camille devolveu a foto, conferindo se a base estava longe da beirada.

— Katie, principalmente. Ela adora fotos e me conta o que tem em cada uma. Eu poderia dizer a você o que tem na maioria dos álbuns também.

Camille fez uma pausa, exibindo um meio-sorriso.

— Não se preocupe, não vou fazer isso. Venha até a cozinha. Minha cadeira de massagem está lá. Katie gosta de se sentar nela.

Ela mal conhecia Camille, não a *conhecia* de verdade, da maneira como amigas sabem as histórias umas das outras e do que gostam. Na verdade, Camille era reservada demais para o gosto de Daisy, que se sentia mais à vontade com pessoas que se abriam, que colocavam para fora suas emoções, como Daniel. Mas havia algo nela que deixava Daisy à vontade.

Camille não fazia Daisy se sentir competitiva, da forma como frequente e secretamente ficava na presença de outras mulheres bonitas. E não era por causa da deficiência visual. Havia uma aceitação nela, uma calma. Um tipo de bondade intrínseca que não era enjoativa nem fazia Daisy se sentir inadequada pela falta da característica em si mesma.

Ou talvez fosse apenas a massagem na cabeça: as pressões alternantes do polegar e dos dedos em volta da cabeça e do pescoço afrouxavam os pensamentos junto com as tensões físicas. Lá, ela não precisava pensar em Daniel. Lá, não precisava pensar em nada.

— Você é muito boa nisso — disse Daisy, com a voz sonhadora. — Eu poderia até dormir.

— Não seria a primeira a fazer isso. — Camille tomou um gole do vinho. — Mas tive que parar de fazer em homens. De vez em quando, causava um efeito diferente.

— Ih. É, não é uma boa reputação para uma massagista.

— Eles acham que se você não vê, não sente. Mas dá para sentir, sabe. Só pela respiração.

Ela colocou a mão no peito e imitou a rapidez crescente do desejo.

— Sério? Ai, meu Deus. O que você fez?

— Chamei Rollo, que estava embaixo da mesa. Um cachorro grande, velho e fedorento normalmente dá um jeito.

Elas riram com cumplicidade.

— Seu pai foi até a casa essa noite.

— Meu pai? Por quê?

— Ele convidou Hal para beber.

As mãos de Camille pararam.

— Acho que Hal queria continuar trabalhando no mural — explicou Daisy. — Ele... ele é muito responsável.

— Meu pai convidou Hal para beber?

— Foi o que ele disse. Ah, meu Deus, eu dei com a língua nos dentes?

— Não, não se preocupe. — Havia uma nova firmeza na voz de Camille. — Não é meu pai. É minha mãe, interferindo novamente.

O clima tranquilo dos minutos anteriores se evaporou.

— Pode ter sido só um convite para uma bebida — sugeriu Daisy.

— Não, Daisy, com minha mãe nunca é só isso. Ela quer saber qual é o problema com Hal, por que ele está lidando tão mal com o fim da empresa.

— Ah.

— Ela ficou no pé dele para fechar o negócio, e agora está no pé dele outra vez porque não está lidando tão bem quanto ela acha que ele deveria.

— Tenho certeza de que as intenções dela são boas — disse Daisy com a voz baixa.

— Eu sei que as intenções dela são boas. Mas ela nunca deixa eu e Hal resolvermos as coisas sozinhos.

Camille suspirou com óbvia irritação.

— Filha única?

— É. Isso não ajuda. Acho que meu pai gostaria de ter tido mais filhos, mas minha mãe sofreu muito no meu parto e não quis. Não havia anestesia naquela época.

— Ai — disse Daisy, pensando na peridural que tomou no parto. — Desculpe se falei algo errado. Acho que eu devia ter ficado quieta.

— Ah, não se preocupe, Daisy. Não é a primeira vez. Sem dúvida não será a última. Acho que é o preço que pago por morar tão perto dos pais. Talvez Hal e eu devêssemos ter nos mudado para longe quando nos casamos, mas não quisemos, e aí com Katie e tudo... Eu precisava de ajuda.

— Sei como é. Eu não sei o que teria feito sem sua mãe.

As mãos de Camille voltaram a se mover, uma pressão suave, repetitiva.

— Você está bastante tensa, não é? — disse ela. — Acho que faz sentido, com a inauguração do hotel tão perto e tal. Não sei como você conseguiu.

— Ainda não consegui.

— É mais fácil com o pai de Ellie aqui?

Foi uma pergunta repentina. Daisy considerou por um momento a possibilidade de Lottie ter mandado Camille investigar seu relacionamento também.

— Não muito, para falar a verdade. Tenho certeza de que Lottie contou. Ele nos deixou quando Ellie tinha poucos meses. Eu ainda não me acostumei com a presença dele.

— Então vocês voltaram?

— Não sei. Ele está aqui, eu acho.

— Você não parece convencida.

— Acho que não estou. Não sei o que sentir, na verdade.

Ela ficou agradecida por Camille não tentar oferecer uma solução, uma providência. Julia nunca ouvia um problema sem se sentir na

obrigação de consertá-lo e normalmente ficava bastante ofendida com a recusa de Daisy em seguir suas recomendações.

— Se Hal alguma vez fizesse algo bem ruim para você, se tivesse ido embora, por exemplo, você seria capaz de aceitá-lo de volta? De braços abertos?

As mãos de Camille pararam e descansaram, as palmas para baixo, na testa de Daisy.

— Hal nunca faz nada errado — disse ela secamente. — Mas acho que, se fosse comigo, envolvendo uma criança e tudo o mais, dependeria do grau de felicidade. Se vocês todos forem muito mais felizes juntos, embora seja difícil, então provavelmente vale a pena lutar por isso.

Daisy sentiu as mãos dela se mexerem de leve, como se Camille estivesse trocando o peso de um pé para o outro.

— Não sei — continuou ela. — Quando a gente é nova, diz a si mesma que não suportaria nada do tipo, não é? Que se seu casamento não fosse cheio de amor, ou não atendesse às suas expectativas, você iria embora e procuraria outra pessoa. Então você fica mais velha, e a ideia de começar de novo... a dificuldade de tudo... Bem, acho que eu suportaria bastante antes de desistir. Da família, quer dizer. Talvez você se acostume a ceder.

Ela parecia estar falando consigo mesma. Fez uma pausa. Quando falou novamente, Daisy notou um timbre diferente na voz.

— Ou seja, se for impossível fazer alguém feliz, independentemente do que você faça, acho que no fim é melhor admitir a derrota.

* * *

Lottie colocou a bolsa na cadeira do saguão, notando com irritação que o casaco de Joe estava pendurado no gancho.

— Achei que você fosse sair para beber — reclamou ela ao escutar o rádio na sala de estar.

Joe surgiu e beijou o rosto da mulher.

— Ele não quis.

— Por quê? Ele não pode passar o tempo *inteiro* trabalhando naquela pintura.

Joe ajudou Lottie a tirar o casaco.

— Não consegui convencê-lo a ir, amor. Você pode levar um cavalo até a água e tal...

— Sim. Bem. Tem alguma coisa errada com ele. Ele está estranho há dias. E aquele namorado da Daisy fica por lá o dia todo, como se fosse

dono do lugar.

Joe segurou a porta da sala para a esposa. Ela reparou que ele queria envolver os ombros dela com o braço. Meses antes, lhe dissera que o gesto sempre a deixava desconfortável.

— Ele é o pai da criança, amor.

— Bem, é um pouco tarde para ele perceber isso.

— Isso é Daisy que decide. Vamos deixar isso para lá por enquanto, está bem?

Lottie olhou para ele de um jeito ríspido. O marido olhou para baixo e depois para ela.

— Essa coisa da casa... Eu... eu não gosto, Lottie. Está mexendo com seus nervos de novo. Deixando você agitada.

— Não está, não.

— Você se engalfinhando com Sylvia Rowan depois de passar sabe-se lá quantos anos longe dela.

— Eu não pedi para ela começar a causar problemas.

— E todo esse negócio com o mural. Não que eu me importe, amor, você sabe. Eu nunca fui contra você ir lá. Mas não tem sido a mesma nas últimas semanas. Não gosto de te ver nervosa desse jeito.

— Não estou nervosa. Você é quem está me deixando nesse estado, falando sem parar. Estou bem.

— Certo, ok. Mas, de qualquer maneira, eu só queria que nós tivéssemos uma conversa. Sobre depois.

Lottie se sentou.

— Depois do quê? — perguntou ela, desconfiada.

— Do hotel e tudo o mais. Depois da inauguração. Porque Daisy vai voltar para Londres, não vai? Com ou sem o amigo dela. E não vão mais precisar de você lá.

Lottie olhou para ele, inexpressiva. Não pensara na vida depois que a Arcádia reabrisse as portas. Ela sentiu um arrepio. Nunca havia pensado sobre o que faria sem a casa.

— Lottie?

— O quê?

Ela viu o resto da sua vida se estendendo à frente: os jantares dançantes na Round Table, a conversa fiada com os vizinhos, as noites infundáveis em casa...

— Peguei alguns folhetos para nós.

— O que você disse?

— Peguei alguns folhetos. Achei que pudéssemos transformar isso em uma oportunidade de tentar algo diferente, sabe.

— Tipo o quê?

— Pensei que poderíamos fazer um cruzeiro ou...

— Odeio cruzeiros.

— Você nunca fez um cruzeiro. Olhe, pensei até que poderíamos fazer uma viagem pelo mundo. Sabe, parar em vários lugares. Ver coisas novas. Nunca fomos muito longe, e não temos responsabilidades agora, não é?

Ele não disse as palavras “segunda lua de mel”, mas Lottie as sentiu pairando no ar, e isso a fez explodir.

— É bem seu feitio mesmo, Joe Bernard.

— O quê?

— Sem responsabilidades, sem dúvidas. Quem vai tomar conta da Katie, hein, quando Camille estiver no trabalho? E quem vai ajudar Camille?

— Hal vai ajudar.

Lottie bufou.

— Eles estão bem agora, amor. Olhe como ele estava agindo com ela em relação a esse negócio do mural. Feito um casal de pombinhos. Você mesma me disse.

— Bem, isso mostra apenas como você sabe pouco. Porque eles não estão nada bem. A meu ver, ele está prestes a deixar Camille de novo. E esse é exatamente o motivo pelo qual eu queria que você saísse com Hal hoje e descobrisse o que está se passando naquela maldita cabeça. Mas, não, imagina, você está ocupado demais pensando em cruzeiros e coisas do gênero.

— Lottie...

— Vou tomar um banho, Joe. Não quero mais discutir isso.

Ela subiu a escada em direção ao quarto deles pisando com força, perguntando-se por que as lágrimas tinham brotado tão fácil em seus olhos. Era a segunda vez naquela semana.

* * *

O barulho da água do chuveiro a ensurdeceu, de modo que ela não escutou Joe subindo a escada. Sua entrada inesperada a fez pular de susto.

— Você poderia não entrar tão sorrateiro assim?! — gritou ela, a mão no peito, furiosa por ter sido pega desprevenida.

Joe ficou paralisado por um instante ao se deparar com o rosto choroso da esposa.

— Não costumo discordar de você, Lottie, mas vou dizer uma coisa.

Ela encarou o marido, percebendo que ele estava mais altivo do que o normal, que sua voz tinha um tom um pouco mais autoritário.

— Vou fazer uma viagem. Depois da inauguração do hotel. Vou reservar a passagem e viajar pelo mundo. Os anos estão passando, e não quero ficar velho e sentir como se nunca tivesse feito nada, visto nada. — Ele fez uma pausa. — Você pode me acompanhar, ou não. Obviamente eu preferiria que você fosse comigo, mas, apenas dessa vez, vou fazer o que eu quero. — Ele soltou o ar, como se seu breve discurso tivesse sido produto de um gigantesco esforço interno. — Isso é tudo. — Ele se virou para a porta, deixando a mulher em silêncio. — E me chame quando quiser que eu coloque as costeletas na grelha.

* * *

Na quinta noite, Daniel e Daisy conversaram. Eles levaram Ellie para uma caminhada na praia, prendendo-a bem no carrinho e enrolando-a com uma manta de algodão, embora o clima estivesse agradável, ameno. Daisy explicou a ele que estava tendo dificuldade de pensar direito dentro da casa nos últimos dias. No momento, ela não via o lugar como seu lar, ou mesmo como um hotel, mas como uma lista de problemas a serem resolvidos: a trava solta de uma janela, uma tábuia mal pregada no assoalho, uma tomada defeituosa, um prazo acabando. Do lado de fora, no ar fresco, achava mais fácil clarear a cabeça.

Era isso o que eu queria, pensou Daisy, ao olhá-los à distância: um jovem e belo casal e sua linda filha. Uma família unida, próxima, acolhedora, reservada. Ela hesitou, depois segurou o braço dele. Daniel pressionou a mão de Daisy no corpo dele para que ficasse aquecida entre os dois.

E começou a falar.

A primeira vez que ele soube que havia alguma coisa errada foi quando um de seus antigos colegas, morrendo de orgulho, mostrou uma foto de seu próprio bebê, fazendo Daniel perceber não apenas que ele não estava carregando uma fotografia da filha como também não sentia um décimo do que o colega alegava sentir.

Dolorosamente, acabou admitindo que se sentia enclausurado. Preso em uma situação que não desejava, com sua linda namorada desaparecida,

substituída por uma baleia em prantos — ele não usou a palavra “baleia”, mas Daisy sabia que era o que queria dizer — e uma criança berrando. Parecia não haver mais nenhuma beleza, nenhuma ordem em sua vida. E beleza e ordem eram vitais para Daniel, um homem que uma vez perdeu o sono porque um quadro fora preso em um ângulo minimamente errado. Daisy acordou às quatro da manhã e o encontrou tirando-o da parede e pregando-o de volta com a ajuda de dois níveis de bolha e pedaços de corda. Mas bebês não se importavam com ordem. Não se importavam se seus maus cheiros, barulhos e fraldas poluísssem o pequeno reduto de Daniel. Não se importavam se suas demandas arrancassem a mãe dos braços maiores e mais fortes que também precisavam dela. Não se importavam em acordar qualquer um a qualquer hora, ou se você precisava de quatro horas de sono ininterruptas para ser capaz de conquistar o ganha-pão.

— E o fato, Daisy, é que não é permitido reclamar, certo? É esperado que você aceite e acredite em todo mundo quando dizem que “vai melhorar”, mesmo quando parece estar piorando, que você vai amá-los cegamente quando na verdade olha para esses ogros horrorosos e barulhentos e não acredita que eles tenham algo a ver com você. Se eu tivesse dito o que estava pensando naquelas primeiras semanas, a verdade mesmo, provavelmente seria preso.

A roupa no chão foi a gota d’água. Certa manhã ele entrou na sala tropeçando, meio delirando por causa das poucas horas de sono, e pisou em uma roupa jogada no chão, que fez um barulho molhado. Ele se sentou, o pé sujo apoiado no tapete que um dia fora imaculado, e percebeu que não aguentava mais.

— Por que você não disse nada? Por que guardou tudo para si?

— Porque parecia que você não conseguiria escutar. Você mesma mal estava aguentando a situação. Como poderia ouvir que o pai da sua filha havia decidido que ela era um grande erro?

— Seria muito melhor do que aguentar o desaparecimento do pai da minha filha.

Eles se sentaram em uma duna de areia, notando que Ellie havia adormecido no carrinho. Daniel se debruçou e ajeitou a manta embaixo do queixo dela.

— Bem, eu sei disso. Entendo muitas coisas agora.

Ele sentiu que enfim estava voltando para ela, a verdade horrível do que dizia provocando certa docilidade em Daisy. Porque ele amava Ellie: era aparente em todos os seus gestos...

— Preciso saber se podemos tentar novamente — disse, pegando a mão de Daisy. — Preciso saber se você vai me receber de volta. Se podemos deixar o passado para trás. Eu senti muita saudade sua, Daisy. Senti saudade dela.

Na areia, um cachorro preto desganhado e eufórico corria em círculos, saltando e girando no ar para pegar gravetos jogados pelo dono, desenhando longos e intrincados traços na areia. Daisy se recostou em Daniel, que a abraçou.

— Você ainda cabe, então — disse ele, no ouvido dela. — Aqui nos meus braços.

Daisy se inclinou mais, tentando clarear os pensamentos e focar na sensação de estar perto dele de novo. Tentando deixar de lado as complicações.

— Vamos para casa, Daisy.

* * *

Jones observou o casal com o carrinho de bebê voltando pela calçada à beira-mar, o braço do homem sobre o ombro da mulher em postura protetora, o bebê adormecido, o sol poente reluzindo nas rodas.

Ele ficou sentado por alguns minutos, esperando até saírem de vista, depois deu meia-volta com o carro. A viagem para Londres levaria mais duas horas. Poderiam chamá-lo de louco por fazer todo o percurso sem nem mesmo uma pausa para esticar as pernas. Mas ele havia perdido a reunião com Carol, disse a si mesmo, passando pela entrada da Arcádia e indo à estação ferroviária, os olhos fixos na estrada. Não havia sentido em ficar por lá. Esse foi o único motivo por que veio, afinal.

* * *

— Normalmente, é mais difícil depois de ter bebê.

— Acho que vai levar um tempo até nos acostumarmos um com o outro de novo.

— É verdade.

Eles se deitaram lado a lado, ambos acordados, fitando a escuridão.

— Talvez a gente esteja um pouco tenso. Quer dizer, os últimos dias foram estranhos.

Daniel buscou o toque de Daisy, que apoiou a cabeça no peito dele.

— Sabe o que mais, Dan? Acho que nem deveríamos falar muito sobre isso. Aumenta o problema...

— Ah. Tudo bem.

— Mas você tem razão. Quer dizer, acho que estou um pouco tensa.

Ele pegou a mão da mulher, que ficou deitada, os dedos entrelaçados aos dele, tentando não pensar demais sobre a última meia hora. Ela gostaria de beber alguma coisa, mas sabia que ele precisava da segurança da presença dela, que qualquer tentativa de se desvencilhar seria mal-interpretada.

— Aliás... Daisy?

— Sim.

— Tem uma coisa que eu preciso falar com você. Agora que estamos sendo sinceros e tudo o mais.

Por alguma razão, uma imagem de Jones surgiu na cabeça de Daisy, tão frágil e opaca quanto vidro manchado.

— Tudo bem — disse ela, tentando não parecer tão cautelosa quanto se sentia.

— Acho que precisamos colocar tudo para fora antes de deixarmos o passado para trás.

Ela ficou quieta, escutando as tentativas de Daniel de soar descontraído caírem por terra e sentindo um mau presságio, como o apito distante de um trem se aproximando.

— É sobre o que aconteceu enquanto estávamos separados.

— Nada aconteceu — disse Daisy, rápido demais.

Ele engoliu em seco de uma maneira audível.

— É nisso que talvez você queira acreditar. Mas aconteceu.

— Quem disse?

Devia ter sido Lottie, claro. Ela sabia que Lottie achava que eles não deveriam voltar.

— Foi só um beijo — continuou ele. — Nada de mais. Foi quando eu estava na pior, quando não sabia se voltaria.

Daisy largou a mão dele e se apoiou em um cotovelo.

— O que você disse?

— Foi só um beijo, Daisy, mas achei que deveria ser honesto com você.

— Você beijou outra pessoa?

— Quando estávamos separados.

— Espere aí, você supostamente estava tendo uma crise nervosa sobre não saber lidar com um bebê, não dando uma escapada por Londres.

— Não foi assim, Daisy...

— Ah, não? Então quer dizer que eu fiquei ouvindo sua mãe me dizer que você estava quase se jogando embaixo de um ônibus, tão mal a ponto de nem conseguir falar comigo, mas o tempo inteiro você estava todo saidinho por aí? Quem era ela, Dan?

— Olhe, você não acha que está tendo uma reação um pouco exagerada? Foi só um beijo.

— Não, não acho.

Ela se enrolou com o edredom e saiu da cama, relutante em admitir que a ferocidade de sua reação talvez estivesse ligada à sua própria culpa.

— Vou dormir no outro quarto. Não me siga, nem fique zanzando pelos corredores — sibilou ela. — Vai acordar a neném.

18

O bangalô, revestido com placas de madeira de um branco puro e envolto por um pequeno jardim de estátuas enferrujadas, ficava sobre cascalho, a cerca de três metros dos vizinhos.

— Gosto desse jeito — disse Stephen Meeker enquanto eles olhavam a vista ininterrupta da praia pela janela. — As pessoas não têm um pretexto para aparecerem sem mais nem menos. Detesto quando acham que podem agir assim. É como se, depois de se aposentar, você devesse ficar agradecido por qualquer interrupção no seu cotidiano monótono.

Eles estavam tomando chá na sala de estar decorada com poucos móveis, as paredes ostentando quadros cuja qualidade não correspondia ao mobiliário e aos estofados. Do lado de fora, o mar, reluzindo sob o céu de agosto, estava vazio, sem as famílias e os veranistas, que preferiam frequentar a faixa de praia mais arenosa da orla de Merham. Era a segunda vez na semana que Daisy interrompia o cotidiano monótono daquele homem, mas fora bem-vinda, em parte por causa da oferta de revistas que levara como presente, e em parte por-que a época sobre a qual ela queria conversar tinha sido, usando as palavras dele, um dos poucos períodos em sua vida em que fora realmente feliz.

— Julian era bem divertido, sabe — contou ele. — Um perfeito safado, principalmente quando se tratava de finanças, mas tinha um dom para reunir gente, do mesmo modo como colecionava arte. Ele era como a esposa, nesse quesito. Um casal sociável.

Ele sempre tinha amado Julian, revelou, com um enlevo que soava estranho vindo de um senhor idoso e sério. Na década de 1960, quando Julian e Adeline se divorciaram, eles se mudaram juntos para um cantinho em Bayswater.

— Nós ainda falávamos para as pessoas que éramos irmãos. Eu nunca me importei. Julian sempre ficava muito mais incomodado com esse tipo de coisas do que eu.

Várias das pinturas penduradas na parede tinham sido presentes de Julian: pelo menos uma delas fora pintada por Frances, que ganhara uma

notoriedade tardia após ser “descoberta” por uma historiadora de arte feminista.

Daisy, que disfarçou sua surpresa diante das assinaturas em algumas telas, reparou, com tristeza, os cantos manchados, o papel se enrugando por causa da maresia.

— Os quadros não deveriam estar... em um cofre? — perguntou, com delicadeza.

— Ninguém olharia para eles se estivessem — respondeu Stephen. — Não, meu bem, eles vão ficar na minha cabaninha, comigo, até eu sair de cena. Uma doce dama, a Frances. Foi uma lástima tudo o que aconteceu.

Ele ficou bastante animado quando ela lhe mostrou as fotos Polaroid do mural quase concluído, admirando com saudosismo a beleza da versão mais jovem de si mesmo e assinalando os nomes das pessoas de que se recordava. Disse a Daisy, triste, que Julian não estaria disponível para o evento.

— Nem adianta entrar em contato com ele, meu bem. Está morando em um asilo no subúrbio Hampstead Garden. Completamente gagá.

A última vez que ele ouvira falar de Minette, ela estava em uma comuna em Wiltshire; George era “alguém de prestígio” no departamento de economia de Oxford.

— Casou-se com uma viscondessa ou algo do tipo. Incrivelmente elegante. Ah, e tem o rapaz de Lottie. Ou talvez fosse da irmã dela... não lembro. “O príncipe do abacaxi”, como George chamava. Vou lembrar o nome dele, se você tiver paciência.

Daisy ficou chocada ao saber que a deusa exótica de cabelo comprido do mural representava Lottie.

— Ela era bem atraente naquela época, de uma maneira pouco convencional, claro — continuou ele. — Meio temperamental, mas, para falar a verdade, acho que alguns homens gostam. Cá entre nós, acho que ninguém ficou surpreso quando ela se meteu em encrenca.

Ele colocou a xícara na mesa e riu.

— Julian sempre dizia: “*Elle pet plus haut que sa cul...*” Sabe o que significa? — Ele se inclinou para a frente, com um ar cúmplice antes de continuar. — Ela peida mais alto do que o próprio rabo.

* * *

Na volta para a Arcádia, Daisy foi andando devagar pela praia, a cabeça descoberta sentindo o calor do sol do meio-dia, os pés, feito ondas,

retrocedendo pelo caminho inicial. Aquela manhã fora uma agradável fuga do clima cada vez mais tenso da Casa. A reforma do hotel chegava ao fim em ritmo acelerado, os quartos voltando ao sóbrio esplendor original, o novo mobiliário arrumado e rearrumado até que Daisy ficasse satisfeita. A construção quase sussurrava, como se ela própria anteviesse uma vida nova, um sistema orgânico de novos visitantes.

Desse modo, era esperado um clima de entusiasmo e realização entre os participantes da empreitada à medida que o projeto chegava ao fim, mas poucas vezes Daisy se sentira mais infeliz. Daniel mal falara com ela nas quarenta e oito horas anteriores.

* * *

Hal terminou o mural e desapareceu sem uma palavra. Lottie estava nervosa e mal-humorada, feito um cão escutando uma tempestade se aproximar. E, durante todo o tempo, chegavam rumores de discordância da cidadezinha ao redor. O jornal local estava fomentando aquilo que chamava de “Briga do Hotel Red Rooms” nas primeiras páginas. Dali, a notícia se espalhou para diversos veículos nacionais, reapresentada como uma típica história de luta-de-bravos-habitantes-do-interior-contr-a-mudança-iminente, ilustrada com fotos da equipe feminina do Red Rooms em trajes mínimos. Daisy encaminhou diversos telefonemas para o escritório de Jones, meio desejando ter coragem para falar com ele pessoalmente.

Não que a clientela londrina de Jones ajudasse de alguma forma. Alguns de seus companheiros de copo mais próximos, dois deles atores, apareceram para “dar apoio”. Quando descobriram que não apenas o hotel ainda não estava pronto para oferecer acomodação para a noite, como o bar ainda não tinha sido abastecido, eles foram encaminhados por um dos pintores para o Riviera, de onde, várias horas depois, Sylvia Rowan os expulsou devido ao que ela descreveu depois nos jornais como “comportamento lascivo e vergonhoso” em relação a uma das garçonetes. A moça, que parecia menos perturbada, vendeu a história para um tabloide e logo depois pediu as contas, alegando que tinha ganhado mais naquele dia do que os Rowan lhe pagavam em um ano. O mesmo tabloide imprimiu uma foto de Jones na inauguração de um bar no centro de Londres. A mulher a seu lado segurava o braço dele como se tivesse garras.

Daisy fez uma pausa para descanso e fitou a faixa azul-clara de mar. Com uma pontada, lembrou que em breve não teria mais aquela vista.

Precisaria voltar com sua filha linda e saudável para uma cidade poluída e abafada, cheia de barulho e tumulto. Não senti falta de lá, pensou. Não tanto quanto esperava, pelo menos.

Londres ainda parecia intimamente associada a tristeza e mau agouro, uma segunda pele que ela já havia quase descartado. Mas morar em Merham? Ela até já conseguia imaginar o momento em que os limites da vida social se tornariam sufocantes, quando o amável interesse dos moradores pareceria uma intromissão. Merham ainda estava presa no passado, e Daisy precisava olhar para a frente, seguir adiante.

De repente, pensou em Lottie e deu meia-volta, entrando na casa. Decidiu que refletiria sobre sua partida quando terminasse de organizar a festa. Era uma maneira bastante eficaz de não ser obrigada a pensar para onde voltar.

* * *

Daisy encontrou Daniel no banheiro Sitwell com um operário. Ele estava segurando um azulejo na parede, com um pedaço de papel escuro por trás. O operário, Nev, um jovem com cabelo cacheado que lembrava um quadro de Ticiano, olhava, desconsolado, para um balde cheio de reboco branco. Ela parou na porta.

— O que está fazendo? — perguntou, no tom mais neutro que conseguiu.

Daniel ergueu o olhar.

— Ah, oi. Eles estavam colocando rejunte branco nos azulejos. Eu disse que tinha que ser preto.

— E por que você faria isso?

Daisy ficou imóvel, enquanto Nev olhava de um para o outro. Daniel se endireitou e colocou o azulejo com cuidado atrás de si.

— Os planos originais. Esses azulejos geométricos teriam rejunte preto. Nós concordamos que ficaria melhor, caso você se lembre.

Daisy sentiu a mandíbula se contrair. Ela nunca discordava de Daniel, sempre cedia à sua visão.

— Esses planos mudaram há muito tempo, e acho que seria melhor para todo mundo se você não se envolvesse com questões que não lhe dizem mais respeito, não acha?

— Eu estava tentando ajudar, Daisy — replicou ele, olhando de relance para o outro homem. — É uma idiotice ficar aqui sentado dia após dia sem nada para fazer. Eu só queria dar uma mão.

- Bom, não é preciso — disparou Daisy.
- Achei que tivéssemos uma sociedade.
- Puxa. Eu também.

Daniel ficou espantado: era o segundo motim de Daisy nos últimos dias, e isso visivelmente destruía outras certezas.

— Não posso ficar me desculpando o tempo todo. Se vamos seguir adiante, precisamos separar o que aconteceu entre nós da questão profissional.

- Não é tão simples.
- Ah, por favor, Daisy...

Ela inspirou fundo antes de declarar:

- A sociedade da qual você fazia parte não existe mais.

Daniel franziu o cenho.

- O quê?

— Wiener e Parsons. Eu a encerrei quando aceitei este trabalho. Não existe mais. Sou uma microempresária independente, Daniel.

Houve um longo silêncio. Nev começou a assobiar, nervoso, examinando a tinta ressecada nas mãos. Do lado de fora, os andaimes estavam sendo desmontados, as estacas caindo periodicamente no chão com um estrondo abafado.

Daniel mexeu a cabeça de um lado para outro e depois a fitou, a boca tensa em uma linha fina. Limpou as mãos na calça jeans.

— Sabe de uma coisa, Daisy? Acho que você deixou isso perfeitamente claro.

* * *

Camille estava sentada no banco da frente do Ford velho e surrado, escutando os sons do auge do verão de Merham entrando pela janela do carona e se misturando ao falatório de Katie no banco de trás, sentindo os odores de combustível e asfalto aquecido se erguendo em intervalos da pista. Rollo estava sentado no chão, enroscado entre seus joelhos no meio de transporte preferido dele, e Hal, ao lado, estava tão imóvel que nem mesmo fazia o revestimento de couro antigo ranger, seu silêncio queimando os ossos dela. Camille teria que lhe contar sobre a perda do emprego. Só mais três semanas, dissera Kay, e menos de um mês de salário. Ninguém aparecera para comprar o negócio e, por mais que Kay lamentasse, não lamentava tanto a ponto de manter o maldito salão aberto.

Camille sentia o peso daquilo como uma pedra fria na boca do estômago. Poderia lidar com a ideia de que eles passariam por maus bocados: ela acabaria encontrando um trabalho, assim como ele. Suas parcas economias, somadas ao dinheiro do mural, os sustentaria no meio-tempo. Mas ele estava tão difícil nos últimos dias, tão fechado... Qualquer indagação inocente era recebida com uma recusa ferrenha, ou uma resposta sarcástica e mordaz, de forma que ela acabou se sentindo inútil, na melhor das hipóteses, e estúpida, na pior.

Camille não entendia o que estava acontecendo. Sabia o que a empresa significava para Hal, e que sempre seria difícil para ele desistir. Porém, achou que o marido se apoiaria nela um pouco, ou tinha esperança de que isso acontecesse, e que aquilo fosse algo que poderiam enfrentar juntos. Em vez disso, ele a fez se sentir supérflua, uma sensação que sempre a irritou, desde a época da escola, quando ficava sentada no banco de reserva bordando redes de *netball* por causa da insistência de Lottie em incluí-la em tudo, até hoje em dia, quando precisava perguntar às vendedoras das lojas se as roupas que Katie escolhera eram adequadas ou, como acontecia de vez em quando, apropriadas para alguém dez anos mais velha. Além de outras diversas situações menores.

O carro parou. Ela ouviu Katie abrir a porta, desajeitada, e depois voltar, dando um beijo frio e apressado em seu rosto.

— Tchau, mãe.

Camille se recostou, tocando o local com a mão, lenta demais para alcançar a filha rápida como um foguete, que já estava correndo pelo jardim em direção à casa da amiga da escola.

— Olá, Katie, entre. Ela está no quarto.

Camille ouviu Michelle na porta, em seguida o som estridente e impaciente das chaves de Hal conforme a mulher se aproximava do carro.

— Oi, Camille. Só vim dar um alô. Desculpe por não ter me encontrado com você na escola semana passada. Estava viajando para um curso de treinamento.

Um toque leve no ombro de Camille. A voz de Michelle chegou na altura da orelha: ela devia estar agachada perto da porta do carro. Exalava um leve aroma de baunilha.

— Algum lugar simpático?

— Lake District. Choveu todos os dias. Nem acreditei quando Dave me contou que aqui fez tempo bom.

Camille sorriu, intensamente ciente de que Hal não dissera uma palavra para cumprimentar a outra mulher. Ela percebeu uma pergunta

no silêncio de Michelle e tentou preenchê-la.

— Vamos fazer compras.

— Alguma coisa bonita?

— Só um vestido novo para a inauguração do hotel. Hal está trabalhando lá, junto com minha mãe...

— Mal posso esperar para ver. Mas não entendo por que todo mundo está tão agitado. Até parece que metade dos que reclamam algum dia vai colocar um pé lá.

Michelle fungou.

— Bem, dito isso, a mãe de Dave é contra. Afirma que, se deixarmos os londrinos chegarem, logo teremos refugiados procurando abrigo... Velha tola.

— Eles vão se acostumar. Vão acabar se acostumando.

— Tem razão. É melhor eu deixar vocês irem. Que sortuda. Eu nunca convenceria Dave a fazer compras comigo...

A voz de Michelle foi diminuindo de forma estranha conforme ela lembrava por que Hal talvez tivesse que acompanhar a esposa.

— Ah, mas não é fácil com Hal — brincou Camille. — Tenho que convidá-lo para almoçar depois. E ser puxa-saco.

Elas se despediram, combinando que Camille buscaria Katie às seis horas e que as duas tomariam um café durante a semana. Ela ouviu a voz de Michelle como se viesse de algum ponto bem distante. Sorriu quando ouviu os passos da mulher desaparecerem e depois, no momento em que Hal ligava o carro, esticou a mão e o interrompeu.

— Muito bem — disse ela, quebrando o silêncio. — Não aguento mais. Você vai me deixar?

Camille não tinha a intenção de perguntar, nem mesmo sabia se era essa a questão.

Ela sentiu-o virar o rosto. Dessa vez, o assento do carro rangeu.

— Quer saber se *eu* vou deixar *você*?

— Não posso mais ficar pisando em ovos com você, Hal. Não sei o que estou fazendo de errado, não sei o que há de errado com você e não posso continuar rastejando assim. Não vou ficar tentando deixar tudo bem.

— Você está tentando deixar tudo bem?

— Bastante. Mas não estou conseguindo, obviamente. Pelo amor de Deus, preciso que você fale comigo. Seja o que for. Nós dissemos que já tínhamos superado, não é? Que seríamos sinceros um com o outro?

— Então você está sendo totalmente sincera?

Camille retraiu a mão.

- É claro que estou.
- Até mesmo sobre a conta no banco?
- Que conta no banco?
- Sua conta nova.
- Não tenho nenhuma conta nova. O que isso tem a ver?

Ela esperou que ele falasse alguma coisa.

— Ah, pelo amor de Deus, Hal, não sei do que você está falando. Você vê as cópias impressas de todos os meus extratos, caramba! Conhece todas as minhas contas. Seria o primeiro a saber se eu abrisse uma nova.

De alguma forma, o silêncio dele mudou de tom.

- Ah, meu Deus — disse o marido, por fim.
 - Meu Deus por quê? Hal, o que foi?
 - Lottie. Foi sua mãe.
 - Minha mãe o quê?
 - Ela abriu uma conta em seu nome. Ela lhe deu duzentas mil libras.
- Camille se virou tão rápido que fez Rollo ganir.

— O quê?

— Da venda da Arcádia. Ela abriu essa conta no seu nome, e eu pensei... Ah, meu Deus, Camille, pensei...

Ele começou a rir. Ela o sentiu tremer, enviando vibrações pequenas e rítmicas pelo carro. Quase soou como se ele estivesse aos prantos.

— Duzentas mil libras? Mas por que ela não me contou?

— Não é óbvio? Ela acha que nós dois não vamos durar. Queria garantir que você estaria segura, mesmo se eu declarasse falência. O marido inútil que nem consegue manter o próprio negócio... Como se poderia esperar que ele cuide da filhinha dela?

O tom de voz de Hal era bastante amargo. Mas carregava um toque distorcido de verdade. Ela balançava a cabeça entre as mãos, imaginando o que ele devia ter pensado e como eles tinham chegado perto de...

— Mas ela... O dinheiro... Ah, meu Deus, Hal, sinto muito...

Aos pés dela, Rollo gania, pedindo para sair.

Hal passou um braço pelos ombros de Camille, puxou-a para perto e abraçou-a. Ela sentiu a respiração dele no ouvido.

— Não, meu amor, eu que sinto muito. Muito mesmo. Eu devia ter falado com você. Fui tão estúpido...

Os dois ficaram abraçados por um tempo, ignorando os olhares curiosos dos passantes, o olhar inquiridor — e talvez reconfortado — de Katie e da amiga, Jeniffer, que espiaram da janela do andar de cima por um tempo antes de achar aquilo enfadonho e se afastar.

Lenta e relutantemente, Camille se desvencilhou do abraço, sentindo um indício de suor onde os corpos tinham se enroscado.

— Ainda quer fazer compras? — perguntou Hal, apertando a mão dela, como se não quisesse largá-la.

Camille afastou uma mecha de cabelo do rosto e a prendeu atrás da orelha.

— Não. Vamos até a Arcádia, Hal. Já estou farta disso tudo.

* * *

Daisy conferiu as paredes e o piso do salão principal, da área de bares, das suítes e da cozinha. Em seguida, verificou todas as cortinas, se estavam bem penduradas e se as pregas caíam de modo uniforme e sem dobras, e as luminárias, para ver se estavam funcionando e com as lâmpadas no lugar. Depois escreveu uma lista das tarefas que ainda não estavam concluídas, das que precisavam ser refeitas, dos itens entregues e daqueles que precisavam ser devolvidos. Trabalhou silenciosa e metodicamente, desfrutando o frescor soprado pelos ventiladores — haviam decidido não instalar ar-condicionado — e a brisa que fluía pelas várias janelas abertas. Estava descobrindo uma paz interna na ordem, na rotina, o que a fazia compreender um pouco melhor a necessidade atroz de Daniel de que as coisas ficassem equilibradas e harmoniosas em torno dele.

Ele lhe preparara uma xícara de chá, e os dois estavam agindo de maneira civilizada um com o outro, conversando sobre o fato de Ellie preferir pão branco a integral, sobre o melhor método de descascar uvas para a criança, sem mencionar a discussão que haviam tido. Ele levava a filha ao centro da cidade, lembrando-se por conta própria de carregar a bolsa de fraldas, a garrafinha de água e algumas torradas, além de passar bastante protetor solar na bebê. Ellie dera gritinhos para ele e depois começara a morder vorazmente um bastão de madeira com guizos pendurados, e ele havia conversado à vontade com ela enquanto se abaixava e a prendia com destreza no carrinho.

Eles estavam desenvolvendo uma relação, pensou Daisy, observando da porta e se perguntando por que parecia tão difícil ficar feliz com isso.

— Aonde ele vai levar a criança?

Pelo jeito, Lottie estava encontrando mais dificuldade em renunciar ao seu posto.

— Só até o centro.

— Ele não pode ir pelo parque. Tem cachorro por todo lado.

— Daniel vai tomar conta dela.

— É uma estupidez, as pessoas deixarem os cachorros correrem sem coleira assim. Com tantas crianças na área. Não sei por que todos resolvem trazer seus cachorros nas férias.

Lottie não estava se comportando de maneira normal nos últimos dias. Foi ríspida com Daisy quando ela lhe perguntou sobre sua representação no mural, interessada em conhecer mais sobre o simbolismo dos trajes das pessoas, que objetos portavam. Daisy não lhe contou o que Stephen Meeker dissera sobre tentação e o Velho Testamento. Sobre como a imagem fazia perfeito sentido quando se sabia que ela havia tentado seduzir o pai da família que a acolhera. Ou que, entre as fotografias antigas de Stephen, havia uma de Lottie, em adiantado estado de gravidez, dormindo seminua em um piso de pedra.

— Você disse que queria algumas dessas fotos antigas e coisas para emoldurar — disse Lottie, estendendo a caixa que carregava.

— Bom, só aquelas que você não se importar em ceder. Não quero nenhuma que tenha algum significado emocional para você.

Lottie deu de ombros, como se aquele fosse um conceito estranho.

— Vou lá em cima para selecionar. Em um ambiente tranquilo.

Ela enfiou a caixa embaixo do braço outra vez. Daisy ouviu seus passos ecoando pelo corredor e se virou quando Aidan gritou seu nome do saguão.

— Tem alguém querendo falar com você — avisou ele, com dois pregos no canto da boca e as mãos dentro do avental de camurça.

Quando Daisy passou por ele, Aidan ergueu uma das sobranceiras, e ela tentou conter um súbito frio na barriga diante da perspectiva de encontrar Jones.

Quase inconscientemente, levou uma das mãos ao cabelo, tentando afastá-lo do rosto.

Mas não era Jones.

Sylvia Rowan estava parada no degrau da entrada, o casaco muito colorido e as polainas dominando o espaço claro. Aos seus pés, babando desagradavelmente, estava sentado seu cão de olhos embaçados.

— Eu disse para o indivíduo ali que ele tem que parar — disse ela, sorrindo como uma duquesa que acena para a multidão.

— Como assim? — rebateu Daisy.

— Seus operários. Eles precisam parar.

— Acho que quem decide isso sou eu...

Sylvia Rowan a interrompeu, exibindo ostensivamente uma folha de papel. Um pouco perto demais do rosto de Daisy.

— Notificação de conservação predial. Seu hotel está sendo tombado e sujeito a entrar na lista de emergência. Isso significa que o processo chegará ao fim nos próximos seis meses, então qualquer obra deve ser interrompida.

— Como é que é?

— É para impedir que vocês continuem estragando mais do que já fizeram. É uma obrigação legal.

— Mas já está praticamente pronto.

— Bom, vocês vão ter que entrar com um pedido de permissão de planejamento retrospectivo. E voltar atrás em tudo o que o pessoal do planejamento achar conveniente. A parede esquisita, por exemplo. Ou algumas dessas janelas.

Apavorada, Daisy pensou nos hóspedes já com reservas. E na perspectiva de vê-los descarregando as malas ao som dos trabalhos de demolição.

— Mas eu não fiz um pedido de tombamento. Nem Jones. O fato de não ser tombado era um de seus atrativos.

— Qualquer pessoa pode entrar com um pedido de tombamento, querida. Na verdade, foi você quem me deu a ideia quando se levantou e contou o que estava fazendo com o lugar. Afinal, é de nosso interesse preservar nossa herança arquitetônica, não é? Aqui está a papelada, e sugiro que você telefone para seu chefe e avise que ele talvez precise adiar a inauguração.

Ela olhou o braço enfaixado de Daisy.

— Talvez eu ligue para a divisão de Saúde e Segurança, já que estou me ocupando disso.

— Velha vingativa — xingou Aidan. — Fico surpreso que ela não tenha comido sua bebê também.

— Ah, droga — disse Daisy, lendo a miríade de cláusulas e subcláusulas no papel. — Escute, Aidan, me faça um favor.

— Qual?

— Ligue para Jones. Diga a ele que saí ou qualquer outra coisa. Mas conte para ele no meu lugar.

— Ah, qual é, Daisy, não é minha função.

— *Por favor* — pediu, tentando ser afetuosa.

Aidan ergueu uma das sobancelhas.

— Briguinha de namorados, é?

Ela precisou se segurar muito para não xingar ele.

* * *

Lottie não olhava aquelas fotos desde a morte de Adeline. O fato de ter encarado a tampa da caixa por quase dez minutos sugeria certa relutância em fazê-lo naquele momento. Trazer tudo à tona. Não era assim que Joe chamava? Memórias da Arcádia, do verão passado ali, como os outros, centelhas brilhantes orbitando em torno de um sol com penas de pavão. É mais fácil não olhar, pensou, suspirando, a mão na tampa. Mais fácil não despertar antigos sentimentos que estavam enterrados havia muito tempo. Ela se descobrira muito eficiente em manter as coisas enterradas. Mas Daisy queria trazê-las à tona, assim como fizera com o mural. E em um momento de fraqueza, quando estava preocupada com Camille e Hal, além de seus próprios pensamentos sobre cruzeiros e como evitá-los, disse que liberaria aquelas porcarias. Daisy queria emoldurar quantos esboços e fotografias pudesse, para decorar a parede oposta ao bar: uma memória pictórica de que os hóspedes e moradores dali certa vez fizeram parte da grande tradição de um refúgio artístico.

Refúgio artístico, pensou com sarcasmo, abrindo a caixa. Além de Frances, não havia nenhum artista entre eles. Não, corrigiu-se ela, lembrando-se de Ada Clayton. Sua capacidade artística havia sido a reinvenção de si mesma. A arte da camuflagem, da inventividade, de criar pessoas que não eram elas mesmas.

Lottie ficou admirada ao perceber que o mero ato de tirar a tampa de uma caixa pudesse fazê-la se sentir tão tonta quanto se estivesse na beira de um precipício. Mulher velha e ridícula, disse para si mesma. São apenas fotografias.

Mas sua mão tremia ao se aproximar delas.

Na parte de cima, ligeiramente manchada de sépia por causa do tempo, estava Adeline, vestida como o Rajá do Rajastão, os olhos reluzindo por baixo de um turbante, o corpo juvenil enfeitado em um casaco de seda masculino. Frances estava ao lado, sentada, calma, mas seus olhos, mesmo naquela época, de alguma forma revelavam uma terrível premonição de seu destino. Lottie a deixou no piso de madeira recém-encerado. A foto seguinte era de Adeline e Julian, rindo de alguma coisa, e a outra, de Stephen e um homem que ela não reconheceu. Um desenho a carvão, provavelmente feito por Frances, de um bote emborcado. Outro, marcado e amarelado onde estivera dobrado, de George dormindo em um

gramado. Foi alinhando todos os desenhos e fotos no chão. Uma pintura que ela havia feito, da casa na França. Estava grávida, com o abdome tão distendido que fora capaz de equilibrar a caixa de tintas nele.

E Lottie. Seu olhar de soslaio por baixo de uma cortina de cabelo preto com leve brilho, como se ela fosse uma espécie de iguaria comestível, de pequeninos botões de rosa.

Lottie encarou sua versão mais jovem, sentindo uma tristeza indelével perpassá-la feito uma onda. Levantou a cabeça e mirou a janela, piscando para espantar as lágrimas, depois se voltou para a caixa.

E a fechou de uma vez. Tarde demais: já tinha visto o corpo ágil e forte, o cabelo castanho, comprido demais e com um brilho metálico criado pelo sol.

Ela apoiou as mãos na tampa, escutando as batidas irregulares do coração, o olhar se desviando da caixa como se o objeto pudesse reimprimir nela a imagem que não queria enxergar.

Não havia pensamentos na mente de Lottie, apenas imagens, casuais e instantâneas como as da caixa.

Ela permaneceu imóvel, em silêncio. Depois, como se emergisse de um sonho, colocou a caixa no chão e encarou as fotos dispostas no piso de madeira. Daria tudo para Daisy. Deixaria a mulher fazer o que quisesse com o material. Dali a uma semana, ela não retornaria mais para aquele lugar, afinal de contas.

Lottie se acostumara com a multidão de operários e pintores que surgiam sem avisar em diferentes partes da casa, por isso mal olhou quando a porta se abriu. Estava de joelhos, pronta para juntar as fotos e recolocá-las na caixa.

— Mãe?

Lottie olhou para cima, se deparando com o rosto satisfeito de Rollo.

— Oi, meu bem. — Ela fungou e limpou o rosto. — Só espere eu me levantar, está bem?

Ela se inclinou para a frente e tomou impulso, apoiando-se no braço da cadeira.

— O que você achou que estava fazendo, mãe?

Lottie estava quase de pé, mas então sentou-se pesadamente sobre os calcanhares. O rosto da filha estava rígido, tenso por causa de algum terrível esforço interno.

— Camille?

— O dinheiro, mãe. Que diabo você pensou que estava fazendo?

Camille deu um passo à frente, pisando em duas fotografias. O protesto de Lottie ficou preso na garganta. A mão da filha tremia ao segurar a guia do cão.

— Nunca discuti com você, mãe. Sabe que sempre fui grata por tudo o que fez, com Katie e tudo o mais. Mas você passou dos limites, entendeu? Essa história do dinheiro passou dos limites.

— Eu ia lhe contar, meu bem.

O tom de Camille era gélido.

— Mas não contou. Só se intrometeu e tentou organizar minha vida, como sempre faz.

— Isso não é...

— Justo? Verdade? Quer conversar sobre verdade? Você passou a vida toda martelando nos meus ouvidos que posso fazer tudo o que eu quiser, exatamente como uma pessoa que enxerga, mas você mesma nunca acreditou nisso. O tempo todo estava colocando redes de segurança ao meu redor.

— Não tem nada a ver com sua visão.

— Até parece.

— Qualquer mãe faria isso.

— Não, mãe. Não.

Camille deu outro passo à frente, deixando Rollo, que olhava as fotos sob os pés dela, ansioso.

— Qualquer mãe poderia providenciar um testamento. Poderia falar com a família. Mas não desviaria dinheiro em segredo por achar que é a única pessoa que pode cuidar de mim.

— Ah, qual é o problema de querer garantir que você vai ficar bem se... se Hal não estiver por perto?

— Hal *está* por perto — afirmou Camille, explodindo de frustração.

— Por enquanto.

— Nós estamos bem, mãe. Estamos resolvendo tudo. Ou pelo menos estávamos até você se meter. Como acha que ele está se sentindo com essa história toda? Ele achou que eu estava planejando deixá-lo novamente e quase me deixou primeiro.

Ela expirou com força.

— Meu Deus, se você prestasse ao seu próprio relacionamento metade da atenção que presta ao relacionamento de todo mundo, esta família seria bem mais feliz. Por que não se concentra só no papai para variar, hein? Em vez de agir como se ele não existisse, droga.

Lottie afundou o rosto nas mãos. Quando falou, sua voz estava abafada.

— Desculpe — disse baixinho. — Só queria garantir que você ficasse bem. Queria que se sentisse independente.

— Caso Hal me deixasse. Exatamente. Porque, mesmo que tenha sido *eu* a ter um caso, mesmo que tenha sido *eu* a colocar meu casamento em risco, você ainda não acredita que ele vai ficar comigo.

— Por que você acha isso?

— Porque em algum lugar no seu íntimo, mãe, você não acredita que eu mereça que alguém fique comigo.

— Não.

A cabeça de Lottie se ergueu depressa.

— Você não acredita que qualquer homem ia querer uma mulher cega como parceira. Que até Hal ia se cansar.

— Não.

— Então o que é, mãe?

— Camille, querida, tudo o que eu sempre quis para você foi independência.

— E como você acha que me dar dinheiro pode me tornar independente?

— O dinheiro lhe dá *liberdade*.

— E se eu não quiser liberdade? O que há de tão errado em ser casada, mãe?

Lottie ergueu o olhar para a filha.

— Nada. Não há nada de errado em ser casada. Contanto que você... — Ela se esforçou para continuar. — Contanto que seja por amor.

* * *

Daisy estava sentada perto do telefone, consciente da presença sorumbática de Daniel no andar de cima. Ele não desceu para comer e ficou escutando rádio no quarto, com a desculpa de que apenas queria um tempo para si mesmo. Ela suspeitava de que ele precisasse de um intervalo daquilo tudo, do clima exacerbado da casa, da fogueira de emoções em que seu relacionamento retomado se transformara. Não se opôs, porque também precisava de uma pausa.

Daisy jamais pensou em si mesma como alguém que considerasse o trabalho como uma válvula de escape, mas continuou ocupando-se com a lista de nomes que Stephen lhe dera, grata por ter uma distração. Não era uma lista muito longa. Dois falecidos, um gagá, vários outros não

disponíveis. Não ia parecer em nada com o reencontro que ela havia previsto.

George Bern se desculpou, mas pediu para a secretária avisar que ele e a esposa já tinham compromisso naquele fim de semana. A artista Minette Charlerois, uma mulher divorciada chamada Irene Darling e Stephen concordaram em ir, assim como vários outros artistas da época indicados por Minette, que não apareciam no mural, mas supostamente visitaram a casa em seu apogeu, na década de 1950. Ela não contou a Lottie, pois a ouviu exclamar que não gostava de festas, de forma que só havia uma pessoa retratada no mural que ainda não fora contatada.

Daisy acendeu um cigarro, prometendo a si mesma que pararia de fumar após a inauguração, depois engasgou de leve quando, apesar da conexão internacional, o telefonema foi atendido mais rápido do que esperava.

— *Hola?* — disse, relaxando ao ouvir um sotaque britânico.

Ela identificou que se tratava da pessoa certa e iniciou seu discurso persuasivo, nessa altura já bem-ensaiado, sobre a festa de inauguração do novo hotel.

O cavalheiro foi muito educado. Esperou até que ela tivesse terminado antes de dizer que ficou lisonjeado pelo convite, mas achava que não seria possível comparecer.

— Foi... foi uma parte muito curta da minha vida.

— Mas o senhor se casou com alguém de Merham, não é? — disse Daisy, pesquisando em suas anotações. — Isso o torna parte importante da história... Nós descobrimos um mural, sabe, e o senhor está retratado nele.

— Como?

— Um mural. Pintado por Frances Delahaye. O senhor a conheceu?

Ele fez uma pausa antes de responder.

— Conheci, sim. Eu me lembro de Frances.

Daisy pressionou o ouvido mais perto do receptor, gesticulando.

— O senhor deveria ver o mural de novo. Foi restaurado e vai ser a principal atração da festa. Será maravilhoso juntar todos os retratados mais uma vez. Por favor. Vou me encarregar do transporte e tudo o mais. O senhor pode trazer sua esposa e seus filhos. Podemos pagar as despesas deles também.

Resolvo isso com Jones mais tarde, pensou ela, estremecendo.

— Por favor, Sr. Brancroft. É apenas um dia de sua vida. Um dia.

Seguiu-se um longo silêncio.

— Vou pensar no assunto. Mas seria apenas eu, Srta. Parsons. Minha esposa, Celia, faleceu há algum tempo. — Ele fez uma pausa e pigarreou antes de completar: — E nunca tivemos filhos.

19

Sete dias antes da inauguração da Arcádia como hotel, Camille e Hal tomaram a decisão de colocar sua casa à venda. Era uma construção grande, raciocinou o casal, grande demais para uma família de três pessoas, e eles não teriam mais filhos. (“Mas não seria nenhuma tragédia”, completou Hal, abraçando a esposa.) Começaram a procurar algo menor, perto da escola de Katie, mas talvez com uma oficina ou garagem dupla, de forma que, mesmo se Hal conseguisse um emprego, ainda poderia prosseguir com o próprio negócio de restauração quando a economia ficasse viável novamente. Marcaram uma reunião com um corretor de imóveis, tacitamente evitando a agência onde Michael Bryant trabalhava. Eles disseram a Katie que ela poderia escolher todo o mobiliário de seu novo quarto, e que, claro, haveria espaço para Rollo. Em seguida, instruíram o banco a fechar a conta aberta por Lottie e devolver-lhe o dinheiro.

Lottie ligou duas vezes. Nas duas, Camille deixou a secretária eletrônica atender.

Seis dias antes da inauguração, funcionários do Departamento do Patrimônio Nacional chegaram para rever o pedido de inclusão do imóvel na lista de emergência para tombamento. Jones, que fora alertado sobre a visita, chegou com o advogado e um formulário de solicitação para um Certificado de Imunidade contra Tombamento. Segundo ele, o documento havia sido enviado para o secretário responsável durante o processo de aquisição do imóvel e assegurado por suas melhores fontes que seria aceito, protegendo-os de danos financeiros provenientes de uma possível lista de tombamentos de emergência. Apesar disso, acrescentou o advogado, eles receberiam com prazer o Departamento do Patrimônio Nacional para analisar as obras realizadas, prever um possível escalonamento de quaisquer reparações e ter uma longa conversa com Daisy, que tinha posse de toda a documentação e todas as informações relacionadas tanto com a reforma do imóvel quanto com as condições em que ele estava antes de a dita reforma ser concluída.

Daisy mal escutou aquilo tudo, muito menos entendeu, enquanto encarava Jones. Ele lhe dirigira a palavra apenas duas vezes, uma para cumprimentá-la e outra para despedir-se. Em nenhuma das ocasiões olhou-a nos olhos.

Cinco dias antes da inauguração, Camille escolheu uma hora em que sabia que a mãe estaria ausente para ir até a casa dos pais e encontrou Joe folheando panfletos de viagens de férias. Ela estava nervosa, temerosa de que a mãe pudesse ter repetido para o pai os horrores que ela afirmara sobre o casamento dos dois, mas ele estava incomumente alegre e tagarela. Contou que estava pensando em ir para Kota Kinabalu, lendo em voz alta a descrição da região em um guia de viagem. Não, ele não fazia ideia de onde ficava, exceto que era no Oriente. Apenas gostava do som das palavras. Gostava da ideia de chegar em casa e dizer: “Estive em Kota Kinabalu.”

— Isso calaria a boca do pessoal no clube de golfe, não é? — disse ele.
— Muito mais emocionante do que Romney Marsh.

Camille, surpresa, perguntou se a mãe também planejava ir.

— Ainda estou pensando nisso, querida — respondeu Joe. — Você conhece sua mãe.

Em um impulso, ela o abraçou tão apertado que ele afagou o cabelo da filha e perguntou o que tinha acontecido.

— Nada — respondeu ela. — É só que eu amo você, pai.

— Quanto mais cedo esse hotel abrir, melhor — comentou ele. — Tenho a impressão de que todo mundo está agitado por nada nos últimos dias.

Quatro dias antes da inauguração, Stephen Meeker aportou nos degraus amplos e brancos da entrada da Casa Arcádia, abanando-se com um chapéu de palha, e anunciou que tinha tomado a liberdade de falar com um amigo da Cork Street, uma rua londrina com diversas galerias de arte contemporânea, que estava bastante interessado no mural. Ele perguntou se poderia convidá-lo para a inauguração e talvez também levar outro amigo, um do *Daily Telegraph* especializado em belas-artes. Daisy concordou e o chamou para uma visita particular ao mural antes do grande dia. Stephen contemplou a obra com atenção, analisando a versão mais jovem de si mesmo e de Julian. Comentou que parecia bem diferente do que lembrava. Depois, ao ir embora, colocou a mão ossuda no braço de Daisy e a aconselhou a nunca fazer as coisas por achar que era seu dever.

— Faça o que quiser — disse ele. — Assim, não vai se arrepender no futuro. Porque, quando chegar à minha idade, meu Deus, você vai ficar

oprimida sob o peso das coisas.

Três dias antes da inauguração, Carol chegou com Jones para checar a lista dos convidados ilustres, verificar o estado da cozinha, do estacionamento, das instalações para os músicos, e para exigir perfeição em tudo de uma maneira que deixou Daisy afobada para cumprir as instruções. Jones disse a Daisy que estava satisfeito, mas de uma forma que a deixou insegura, depois colocou todos os novos funcionários do bar e da cozinha em fila e fez um discurso breve e desleixado, entrevistou três responsáveis pela limpeza e enfim partiu com tanta rapidez que fez Carol comentar que ele era um “malandro desgraçado, bendito seja”. Julia telefonou pouco tempo depois para dizer que ela e Don compareceriam à festa e perguntar se Daisy gostaria que ela levasse algo para vestir. Achava que não devia haver uma grande variedade de opções na cidadezinha onde estava. Mas em *Essex*, pensou Daisy, lendo nas entrelinhas. Não, respondeu Daisy. Ela mesma poderia arrumar alguma coisa para vestir, obrigada.

— Ele vai voltar para o evento? Para a inauguração? — perguntou Julia antes de desligar.

— Ele não foi a lugar nenhum — respondeu Daisy, exasperada.

— Ainda não — retrucou Julia.

Dois dias antes do evento, o jornal local publicou uma matéria sobre o mural com uma fotografia surrupiada; Daisy suspeitava que houvesse sido um dos operários. Lottie, que passou a semana toda tensa e nervosa, culpou Sylvia Rowan e precisou ser persuadida, a duras penas, a não partir para um confronto pessoal.

— Qual é o problema? — perguntou Daisy, levando-a para se sentar na varanda, tomando uma xícara de chá e tentando parecer mais calma do que se sentia. — É apenas o jornaleco local.

— Não é esse o problema — retrucou Lottie, brava. — Não gosto de me sentir exposta para todo lado. Não quero que todo mundo veja a pintura. As pessoas sabem que sou eu.

Daisy decidiu não comentar nada sobre o homem do *Daily Telegraph*.

Na própria cidade de Merham, de acordo com notícias locais, a Sociedade da Temperança, juntamente com a Associação de Pousadas e os membros restantes da Igreja Adventista do Sétimo Dia, estavam preparando piquetes para o dia da inauguração do hotel, instigados por diversos repórteres e um cinegrafista do noticiário regional. Daisy tentara ligar para o escritório de Jones a fim de avisá-lo, mas a secretária tinha transferido a ligação para Carol.

— Ah, não se preocupe com eles — disse a mulher com desdém. — Vamos convidá-los para um drinque e uma foto, benditos sejam. Sempre funciona... desarmá-los com uma dose de sedução. Se fracassar, nós os enxotamos para o outro lado da cerca viva.

Mais tarde, quando Daisy foi ao centro da cidade com Ellie, um grupo de idosas parou de conversar e a encarou enquanto ela passava, como se estivesse com a roupa suja. Ao entrar na loja de revistas, o dono deu a volta no balcão para cumprimentá-la.

— Bom trabalho — disse ele, olhando em volta, como se alguém pudesse ouvir. — Negócios atraem negócios. É o que essas pessoas não entendem. Assim que o hotel estiver aberto e funcionando, elas vão esquecer essa história. É só que passaram tantos anos se opondo a tudo que não sabem fazer diferente.

* * *

No dia anterior à inauguração, depois que os operários e a equipe da cozinha foram embora, após Jones partir com Carol em seu ridículo carro esportivo e Daisy levar Ellie para tomar banho, Lottie continuou no mesmo lugar. Então, quando a casa ficou em silêncio, ela fez uma excursão a todos os cômodos. Uma pessoa mais sentimental poderia presumir que ela estava se despedindo. Lottie assegurou a si mesma que apenas verificava se tudo estava em seu devido lugar. Afinal, Daisy andava ocupada com a neném, a inauguração e aquele traste de homem, e Jones parecia perdido; logo, alguém precisava ficar de olho em tudo. Ela repetiu essa justificativa para si duas vezes, como se para torná-la mais convincente.

Lottie entrou em todos os cômodos, observando-os minuciosamente, lembrando-se de como tinham sido, instigada pelas fotografias emolduradas nas paredes, que de vez em quando ela se permitia olhar. Os rostos, congelados no tempo, a encaravam também, estranhos com sorrisos vítreos; não são mais pessoas de verdade, disse a si mesma. Apenas um item de decoração, um adereço para conferir certa autenticidade ao parque de diversões à beira-mar de um ricoço.

Ela deixou a sala de estar para o final, suas passadas ecoando no piso recém-instalado. Sentou-se no mesmo lugar onde, quase meio século antes, fixou os olhos em Adeline pela primeira vez, aprumada e felina no sofá. A casa, sóbria, branca e grandiosa, não se parecia mais com a Arcádia, os cômodos não eram mais testemunhas silenciosas de seus segredos. As

superfícies enceradas e as flores frescas sufocavam os odores de sal e possibilidades. A cozinha impecável, os estofados imaculados e as paredes perfeitas e pálidas de certa maneira tinham perdido o foco, abafado o espírito do lugar.

Ainda assim, quem sou eu para dizer alguma coisa?, pensou Lottie, olhando ao redor. Sempre houve muito sofrimento aqui, de qualquer modo. Segredos demais. O futuro da casa pertence a outras pessoas. Ela encarou a sala, fixando o olhar na foto de Celia vestindo a saia vermelho-fogo, que agora combinava com os estofados. Lottie se lembrou dos olhos perspicazes encontrando os dela com malícia da cadeira em frente, os pés finos sempre posicionados como se ela fosse voar. Minha história é como as fotografias, refletiu. Apenas meros itens de decoração.

* * *

Minutos depois, Daisy saiu do banheiro com Ellie enrolada na toalha e seguiu em direção à cozinha para esquentar o leite da filha. Parou a meio caminho da escada, espiou a sala de estar, depois deu meia-volta e subiu novamente, silenciando os protestos de Ellie.

Lottie estava lá embaixo, encarando o espaço, perdida em algum devaneio. Parecia pequena de alguma forma, frágil e muito solitária.

* * *

Na noite anterior à inauguração, Jones cobriu as precárias torres de papel de sua mesa, fechou a porta do escritório, por onde entravam risadas roucas vindas dos bares do Red Rooms, e tomou o resto do café de uma xícara. Em seguida, procurou o número do trabalho de sua ex-esposa e telefonou para lá. Alex pareceu surpresa ao ouvir a voz dele, supondo talvez, assim como ele, que, uma vez que estivesse casada, a natureza íntima de sua amizade fosse mudar.

Ele deixou que Alex contasse sobre a lua de mel, o que ela fez educadamente se restringindo à beleza da ilha, ao bronzado, à inimaginável cor do mar. Ela lhe passou números novos, sabendo que ele nunca telefonaria para a casa dela. Depois perguntou se ele estava bem.

- Estou. Ótimo... Não, não. Não é verdade.
- Será que eu posso ajudar?
- É um pouco... complicado.

Ela esperou.

— Não sei se você é a pessoa mais indicada para eu discutir esse assunto.

— Ah, é?

Havia cautela na voz dela.

— Ah, você me conhece, Alex. Nunca fui muito bom em me expressar.

— Sem dúvida.

— Ah... então... Esqueça.

— Vamos lá, Jones. Agora você já começou.

Ele suspirou.

— Acho... acho que estou desenvolvendo sentimentos por alguém. Que era solteira, mas não é mais.

Fez-se silêncio do outro lado da linha.

— Eu não disse nada. Quando deveria ter dito. E não sei o que fazer.

— Ela era solteira?

— Bem, era. E não era. Acho que me dei conta do que sinto por ela, mas não acho que eu possa agir agora. É tarde demais.

— Tarde demais?

— Bom, não sei. Você acha que é tarde demais? Acha que está certo eu dizer alguma coisa? Nas atuais circunstâncias?

Outro silêncio prolongado.

— Alex?

— Jones... Eu não sei o que dizer.

— Desculpe. Eu não devia ter ligado para você.

— Não, não. É bom que nós dois conversemos sobre essas coisas. Mas... eu estou casada.

— Sei disso.

— E não acho que você ter sentimentos por mim seja... hum, apropriado. Você sabe como Nigel se sente sobre...

— O quê?

— Estou lisonjeada. De verdade. Mas...

— Não, não, Alex. Não estou falando de você. Ah, meu Deus, o que foi que eu disse?

Dessa vez o silêncio foi constrangedor.

— Al, me perdoe. Não estou me expressando muito bem. Como sempre.

A risada da mulher foi breve e deliberadamente leve.

— Ora, não se preocupe, Jones. Estou aliviada. Entendi tudo errado — concluiu como uma professora do primário, firme e decidida. — Então,

quem é a garota da vez?

— Bom, aí é que está. Ela não é como as outras.

— Em que sentido? Loura, para variar? De algum lugar exótico? Tem mais de vinte anos?

— Não. É alguém com quem estou trabalhando. Decoradora.

— Muito diferente das garçonetes, imagino.

— E acho que ela gosta de mim.

— Você acha? Não dormiu com ela?

— É que o pai da filha dela voltou à cena.

Uma breve pausa.

— Filha dela?

— É, ela tem uma bebê.

— Tem uma bebê? Você está apaixonado por alguém com uma filha?

— Eu não disse que estava apaixonado. E não precisa usar esse tom.

— Depois de tudo o que você me falou sobre crianças? Qual tom você espera que eu use, Jones?

Ele se recostou na cadeira.

— Não acredito. — A voz da mulher era rude, exasperada.

— Alex. Desculpe. Não quis chatear você.

— Não me chateou. Agora estou casada. Já passei do ponto de me chatear com isso. Já passei *mesmo*.

— Eu só queria um conselho, e você é a única pessoa que conheço...

— Não, Jones, você queria alguém para fazer você se sentir melhor sobre o fato de ter se apaixonado pela primeira vez na vida, e pela pessoa errada. Bom, não sou mais a pessoa indicada. Não é justo me perguntar sobre isso. Está bem? Agora preciso ir. Tenho uma reunião agendada.

* * *

No dia da inauguração, Daisy acordou quando todos ainda dormiam e ficou deitada na cama, observando a aurora se infiltrar pelas cortinas de linho confeccionadas à mão. Às sete horas ela se levantou, foi até o banheiro e chorou por cerca de dez minutos, tomando o cuidado de não acordar a bebê, abafando os soluços em uma toalha de mão de algodão egípcio. Em seguida, jogou água fria no rosto, vestiu o roupão, pegou a babá eletrônica e seguiu para o quarto ao lado, que Daniel ocupava.

O quarto estava escuro e silencioso. Ele dormia. Havia um cheiro rançoso embaixo do edredom.

— Dan? — sussurrou ela. — Daniel?

Ele acordou sobressaltado, virando-se para encará-la com os olhos semicerrados. Ergueu um pouco o corpo e, talvez devido a velhos hábitos, puxou o edredom para convidá-la a se deitar. A natureza inconsciente do gesto fez um nó surgir na garganta de Daisy.

— Precisamos conversar — disse ela.

Ele esfregou os olhos.

— Agora?

— Não vai ter outra hora. Eu tenho que fazer as malas hoje. Nós temos que fazer as malas.

Ele olhou para um ponto no ar por um minuto.

— Posso tomar um café primeiro? — perguntou, a voz grave de sono.

Ela assentiu, afastando o olhar quase com vergonha enquanto ele se levantava da cama e vestia as cuecas, a visão e o cheiro dele tão familiares e estranhos como uma parte do próprio corpo visto sob um ângulo desconhecido.

Ele fez café para os dois e entregou uma xícara a Daisy conforme ela se sentava no sofá, o cabelo dele arrepiado para cima e para os lados feito o de um menininho. Daisy o observava, o estômago queimando, as palavras como bile na garganta.

Por fim, ele se sentou.

Olhou para ela.

— Não vai dar certo, Dan — disse Daisy.

Em algum momento, ela se deu conta de que Daniel a abraçava, e pensou como era bizarro que ele a consolasse enquanto ela lhe dizia que não o amava mais. Ele também beijou o topo de sua cabeça, o cheiro, a presença dele ainda perversamente reconfortantes.

— Sinto muito — disse ela, junto ao peito de Daniel.

— Foi porque eu beijei aquela mulher, não foi?

— Não.

— Foi, sim. Eu sabia que não devia ter contado. Devia ter deixado para lá. Estava tentando ser sincero.

— Não é por causa dela. De verdade.

— Ainda te amo, Daisy.

Ela ergueu o olhar.

— Eu sei. Ainda te amo também. Mas não estou apaixonada.

— É cedo demais para tomar essa decisão.

— Não, Dan, não é. Acho que já tinha tomado essa decisão mesmo antes de você voltar. Olhe, tentei me convencer de que ainda existia

alguma coisa, de que valia a pena recuperar nossa relação por causa de Ellie. Mas não existe. Simplesmente não existe.

Ele soltou as mãos dela e recuou, percebendo um tom severo desconhecido na voz de Daisy, algo irreversível.

— Ficamos juntos por tanto tempo. Tivemos uma filha. Você não pode jogar tudo isso fora — suplicou ele.

Daisy balançou a cabeça.

— Não se trata de jogar fora. Mas não podemos voltar ao ponto onde estávamos. Eu mudei. Sou uma pessoa diferente...

— Mas eu amo essa pessoa.

— Não quero mais, Daniel — declarou Daisy. — Não quero voltar para onde estávamos, para como eu era. Fiz coisas que nunca imaginei ser capaz. Estou mais forte. Preciso de alguém...

— Mais forte?

— Alguém em quem eu possa confiar. Alguém que eu saiba que não vai desaparecer quando as dificuldades reaparecerem. Isso é, caso eu realmente precise de alguém.

Daniel apoiou a cabeça nas mãos.

— Daisy, eu pedi desculpas. Foi um erro. Um erro. Estou fazendo tudo o que posso para consertar as coisas.

— Sei disso. Mas não posso mudar como me sinto. Eu ficaria olhando para você o tempo todo, tentando adivinhar o que estaria pensando, tentando imaginar se estaria a ponto de ir embora novamente.

— Não é justo.

— Mas é como eu me sinto. Olhe... talvez, se Ellie não tivesse nascido, isso acontecesse do mesmo jeito. Talvez nos tornássemos pessoas diferentes do mesmo jeito. Não sei. Só acho que chegou a hora de desistirmos.

Seguiu-se um longo silêncio. Do lado de fora, o som de portas de carro batendo e passadas rápidas no andar de baixo anunciavam o início do dia de trabalho. A babá eletrônica emitiu um gemido baixo, o aviso de que Ellie estava acordando.

— Não vou abandonar Ellie de novo.

Daniel olhou para ela, um discreto tom de desafio na voz.

— Eu não esperaria isso de você.

— Quero ter contato com ela. Quero ser o pai dela.

A perspectiva de uma vida inteira tendo que entregar a preciosa filha para o pai nos fins de semana assombrava Daisy, mas nem sequer pensar

nisso a levava às lágrimas. Era a única coisa que quase o salvara daquela conversa.

— Sei disso, Dan. Vamos nos organizar de algum jeito.

* * *

A manhã estava quente, o ar carregava uma calmaria que era quase uma ameaça, abafando o ruído da equipe da cozinha que começava os preparativos e dos funcionários da limpeza que enceravam e aspiravam os cômodos do andar de baixo. Daisy corria de um lado para outro sob os ventiladores ligados, ajustando os móveis, supervisionando o polimento de torneiras e maçanetas, a camisa solta e o short anunciando um calor que se tornaria mais forte à medida que o dia passava. Ela continuou providenciando as mudanças de última hora, tentando focar a mente no trabalho, tentando não pensar.

As caminhonetes chegavam e descarregavam seu conteúdo na entrada, depois desapareciam de novo com estalidos de mudanças de marcha e chuvas de cascalho. Arranjos de flores, alimentos, álcool, tudo era deixado embaixo do sol ofuscante, enquanto Carol, cujo vestido de festa estava pendurado na Suíte Bell, pronto para ser usado, comandava as operações; uma ditadora em pele de designer, a voz rouca adulando, ordenando e dizendo “bendito seja” nas mesmas proporções, ecoada por toda parte.

Lottie chegou para buscar Ellie às nove. Não participaria da festa (“Não suporto essa gente”) e se ofereceu para levar a bebê para a casa dela.

— Mas Camille vem, com Hal e Katie. E o Sr. Bernard — disse Daisy.
— Ellie ficaria muito feliz aqui com você. Ah, vamos. Você fez tanto por aqui.

Lottie fez que não com a cabeça, em silêncio. Ficou pálida, sua mordacidade habitual sufocada por um conflito interno.

— Boa sorte, Daisy — desejou ela, encarando seus olhos com uma rara intensidade, como se a situação tivesse um significado maior do que apenas algumas horas sem se ver.

— Sempre vai ter um drinque esperando você... caso mude de ideia — gritou Daisy.

A silhueta que empurrava o carrinho em postura resoluta não se virou.

Daisy ficou observando Lottie e Ellie até as duas desaparecerem, protegendo os olhos do sol com uma das mãos, tentando se convencer de que, dada sua reação ambivalente ao mural, além de suas ácidas respostas a tudo, talvez fosse bom Lottie não participar, afinal.

Daniel subiu a escada, se afastando da atividade e do barulho inexoráveis, que conspiravam para fazê-lo se sentir ainda mais como uma peça sobressalente, e entrou no quarto onde estavam suas coisas. Decidira não ficar para a festa; mesmo que isso fosse proporcionar um tempo perto de Daisy, seria complicado demais, humilhante demais, explicar sua presença para as pessoas que antes considerava contatos profissionais. Ele precisava ficar sozinho, sofrer, refletir sobre o que acontecera e o que faria. E possivelmente, depois de chegar em casa, ficar muito, muito bêbado.

Caminhou pelo corredor, digitando o número do irmão no celular, deixando uma mensagem de voz pedindo que ele aguardasse sua chegada naquela noite. Parou na porta, no meio da frase. Aidan estava de pé em uma escada portátil no meio do quarto, trabalhando em um ventilador de teto.

— Olá — disse, baixando uma das mãos para pegar uma chave de fenda no cinto.

Daniel o cumprimentou com um aceno de cabeça. Estava bem acostumado com a falta de privacidade advinda de morar em uma obra em andamento, mas naquele instante em especial a presença de Aidan não era nada fácil de suportar. Ele pegou sua mala e começou a juntar as roupas, dobrá-las e jogá-las lá dentro.

— Dá para me fazer um favor? Pode acender aquele interruptor ali? Ainda não... só quando eu disser.

Aidan se equilibrava precariamente, recolocando uma peça no lugar.

— Agora.

Daniel trincou os dentes de irritação, atravessou o quarto e mexeu no interruptor da parede, fazendo as pás do ventilador se transformarem em uma sombra, refrescando o ambiente com um suave zumbido.

— Sua mulher disse que estava fazendo barulho. Parece bom para mim.

— Ela não é minha mulher.

Ele não levava muita coisa para a Arcádia. Foi quase patético quanto tempo demorou para guardar tudo na mala.

— Vocês brigaram?

— Não — respondeu Daniel, aparentando mais calma do que sentia.

— Nós terminamos. Estou indo embora.

Aidan limpou as mãos uma na outra e olhou para baixo.

— Bem, que pena, já que você é o pai da bebê e tudo.

Daniel deu de ombros.

— E vocês acabaram de voltar, não é?

Daniel já estava arrependido de ter contado. Ele se curvou para verificar se havia alguma meia esquecida embaixo da cama.

— Mesmo assim — disse Aidan, do alto. — Não posso culpar você.

— O que foi?

Era difícil escutá-lo com a cabeça embaixo da cama.

— Bom, nenhum homem gosta de saber que outro homem passou a noite aqui, não é? Mesmo que ele seja o chefe, entende? Não, eu acho que você agiu certíssimo.

Daniel ficou imóvel, o ouvido ainda pressionado no chão. Ele piscou diversas vezes e se levantou.

— Desculpe — disse ele, com a voz cruelmente educada. — Pode repetir o que acabou de dizer?

Aidan desceu um degrau, viu a expressão de Daniel e desviou o olhar.

— O chefe. Ficar com Daisy aqui. Quer dizer, eu pensei que você... que era isso que você... Ah, droga. Pode esquecer tudo o que eu falei.

— Jones? Jones estava ficando aqui com Daisy? Aqui?

— Eu devo ter me enganado.

Daniel olhou para a expressão constrangida de Aidan e abriu um sorriso tenso de compreensão.

— Sem dúvida — disse ele, puxando a mala e passando depressa pelo outro. — Com licença.

* * *

Por mais elegante que fosse a ocasião, Camille geralmente levava questão de minutos para se arrumar. Ela apalpava as peças do guarda-roupa, o tato já devidamente apurado para identificar quais tecidos pertenciam a quais roupas, puxava o item escolhido e, com uma escovada rápida de cabelo e uma pincelada de batom, ficava pronta. Era quase indecente, dizia Kay, uma esteticista levar tão pouco tempo para se arrumar. Era propaganda inversa.

Naquele dia, porém, ela já havia gastado quase quarenta minutos na tarefa, e eles estavam tão atrasados que Hal começara a andar em círculos pelo quarto.

— Deixe-me fazer alguma coisa — pedia de vez em quando.

— Não — disparava Camille.

E, com um suspiro alto e sofrido como os de Rollo, voltava a andar.

Parte do problema era Katie, que insistiu em ajudar a escolher a roupa da mãe e que, para o pesar mal disfarçado de Camille, empilhou tantas roupas na cama de casal que tornou difícil para Camille, cujos armários eram militarmente organizados, discernir as peças. A outra parte era o cabelo, que, por algum motivo, decidiu ficar arrepiado. Porém, a maior parte do problema era que provavelmente a mãe estaria lá, e o fato de Camille não conseguir se decidir se queria encontrá-la ou não a estava deixando irascível e incapaz de tomar até mesmo a mais cotidiana das decisões.

— Quer que eu pegue seus sapatos para você, mamãe? — perguntou Katie, e Camille ouviu o som de caixas de sapatos, todas rotuladas com cuidado em braile, desmoronando em uma pilha desorganizada.

— Não, querida. Não enquanto eu não escolher a roupa.

— Venha, amor. Deixe eu ajudar.

— Não, papai, a mamãe queria a *minha* ajuda.

— Ah, droga, eu não quero nenhum de vocês! — gritou Camille. — Eu nem mesmo quero ir para essa porcaria de evento.

Hal se sentou perto dela e a puxou para si. De alguma maneira, o fato de que, mesmo após isso tudo, o marido ainda tivesse a capacidade de não apenas entendê-la, mas também perdoá-la, fez Camille se sentir um tiquinho melhor.

Eles saíram de casa pouco depois das duas da tarde. Camille suspeitava que Katie a tivesse arrumado demais, mas confiava que Hal não a deixaria sair com uma roupa muito escandalosa sem querer. Eles decidiram ir para a Arcádia a pé, pois Hal imaginou que o caminho devia estar bloqueado pelos carros dos visitantes e por achar que, mesmo no verão, eles deveriam desfrutar um dia como aquele. Camille não estava tão certa disso. Sentindo a palma da mão de Katie suada, ela alcançou a coleira de Rollo com a outra mão, de forma a se preparar para lidar com qualquer multidão.

— Eu devia ter passado protetor solar em Katie — disse.

— Já passei — respondeu Hal.

— Não sei se fechei a porta dos fundos — continuou ela, algum tempo depois.

— Katie fechou.

Quando já estavam na metade do parque, Camille parou.

— Hal, não sei se estou bem para enfrentar isso. Um monte de gente batendo papo, e acho que esse calor vai me dar dor de cabeça. E o coitado do Rollo vai ferver.

Hal segurou os ombros da mulher e falou baixinho, de modo que Katie não ouvisse.

— Provavelmente ela nem vai. Seu pai me disse que ela não ia se dar ao trabalho. Sabe como ela é. Vamos lá. Além do mais, Daisy deve ir embora logo depois, e você quer se despedir, não é?

— As coisas que ela falou sobre o papai, Hal... — disse Camille, a voz vacilando com emoção. — Eu sabia que os dois não eram exatamente um par perfeito, mas como ela pôde dizer que nunca o amou? Como pôde fazer isso com ele?

Hal pegou a mão de Camille e a apertou, um gesto que transmitia consolo e certa trivialidade. Eles prosseguiram, com Katie saltitando na frente, até a casa.

* * *

Daisy estava do lado de fora da cozinha, no meio do grupo de idosos, sorrindo enquanto o quarto fotógrafo os instruía para uma nova pose, sussurrando baixinho para os mais frágeis a fim de descobrir se estavam aguentando firme, se gostariam de beber alguma coisa ou de descansar. Ao redor, sous-chefs vestidos de branco corriam para todo lado, batendo travessas e panelas, organizando pratos saborosos em enormes bandejas. Julia captou seu olhar no meio da multidão e acenou, e Daisy retribuiu com um sorriso, desejando que parecesse menos forçado. Tudo estava dando certo — certo de verdade. A mulher da *Interiors* descrevera a casa em uma matéria de quatro páginas, destacando Daisy como a responsável pela reforma; diversas pessoas lhe pediam seu contato telefônico, e ela se arrependeu de não ter mandado fazer cartões de visita. Esteve tão ocupada que mal teve tempo de pensar em Daniel, a não ser pela fugaz gratidão por ele ter decidido não ficar. Via Jones de vez em quando, em espiadas através dos cômodos apinhados de gente, sempre falando, sempre cercado de pessoas. Sendo anfitrião em cômodos que ele mal conhecia.

No entanto, Daisy se sentia infeliz. Essa era sempre a parte mais difícil de um projeto. A visão que você tinha se esmerado para construir, para a qual havia perdido noites de sono, trabalhado com poeira no cabelo e as unhas cobertas de tinta finalmente ficava pronta, colorida com dores e estofada com exaustão. Então, quando tudo estava perfeito, você abandonava o lugar. Só que dessa vez estava mais difícil se afastar. Dessa vez, a obra tinha sido o lar de Daisy, seu refúgio durante os primeiros

meses de vida da filha. Havia pessoas às quais ela se apegara, e que, apesar das promessas sinceras, provavelmente nunca mais veria.

E para onde ela estava indo? Weybridge.

Do outro lado da varanda, o sorriso de Julia reluzia na direção da irmã por baixo do cabelo impecável; orgulhosa, bem-intencionada, compreendendo de maneira errada tudo o que Daisy sabia ser. Achei que tinha conseguido, pensou, em um golpe de discernimento. Mas, na realidade, não conseguira nada. Antes de chegar a Merham, tinha um lar, um trabalho, a filha. E, no momento, enfrentava a perda de tudo isso — ainda que, no último caso, apenas em parte.

— Anime-se, querida.

Carol apareceu perto dela, uma garrafa de champanhe o tempo todo na mão, enchendo a taça, posando para fotos, comentando como tudo estava perfeito, fazendo pouco caso dos moradores que protestavam na rua. Ela lhes havia enviado uma bandeja de bebidas e se certificou de que os jornais testemunhassem a cena.

— Por que você não vai até o toalete? Ajeite-se um pouco. Eu tomo conta das coisas.

O sorriso de Carol era gentil; o tom de voz, irrefutável.

Daisy assentiu e abriu caminho entre os grupos de conversas em direção ao banheiro. Passou por Jones enquanto ele falava, tão próximo que sentiu seu hálito de pastilhas de menta. Ela mantinha a cabeça baixa, então não tinha certeza, mas achou que ele nem notara.

* * *

Hal não esperava se divertir, mas, como dizia a Camille sem parar, estava aproveitando. Inúmeras pessoas o procuraram para parabenizá-lo pelo mural, inclusive o velho Stephen Meeker, que pediu para Hal visitá-lo no decorrer da semana a fim de dar uma olhada em um par de cadeiras estilo Arts & Crafts que precisava ser restaurado. Jones disse que lhe daria um bônus além do pagamento combinado.

— Fez toda a diferença — afirmou, os olhos escuros sérios. — Vamos conversar mais tarde sobre outros trabalhos que eu talvez tenha para você.

Ele encontrou alguns empresários locais, estrategicamente convidados por Carol, que não pareciam se importar muito com o mural, mas achavam que o novo hotel era “o lugar”. Eles disseram que atrairia “o tipo de gente certa para a cidade”. Hal, pensando nos comentários de Sylvia Rowan, conteve a vontade de rir. Disse para Camille que ela estava linda.

Ele não parava de observá-la conversando com as pessoas, o cabelo luminoso sob o sol, o rosto relaxado e feliz, e seu coração se contraía, sentimental e tolo, grato por terem sobrevivido. Katie, por sua vez, disparava em velocidade para dentro e fora da casa com as outras crianças, feito pardais de cores vibrantes voando pelas fileiras de cerca viva.

— Obrigado — disse Hal a Daisy, alcançando-a quando ela saía do toalete. — Quer dizer, pelo trabalho. Por tudo.

Ela assentiu, mas era como se o visse apenas pela metade, seus olhos parecendo procurar por algo, ou alguém, no salão.

Era um grande dia para ela, disse Hal para si mesmo, dando meia-volta. Um dia em que seria grosseiro ficar ofendido. Se aprendera alguma coisa nos últimos tempos, era não procurar significados onde não havia nenhum.

Ele aceitou duas taças de champanhe de um garçom e saiu para a luz do sol, o coração leve como a música tocada pelo quarteto de cordas de jazz, pela primeira vez em meses sentindo satisfação e bem-estar. Katie passou por ele correndo, gritando, com um puxão rápido na calça do pai, e ele continuou caminhando, procurando a esposa na varanda.

Foi interrompido por um leve tapa no ombro.

— Hal.

Ele se virou e deparou com a sogra, imóvel atrás de um carrinho de bebê. Vestia sua melhor blusa de seda cinza, sua única concessão para participar de festas. Seus olhos, grandes e incomumente cansados, encontraram os dele quase como se fossem acusá-lo de alguma coisa.

— Lottie — disse de forma neutra, seu bom humor se evaporando.

— Não vou ficar.

Ele esperou.

— Só vim pedir desculpas.

Ela não parecia a mesma. Como se, de algum modo, tivesse perdido a armadura.

— Eu não devia ter duvidado de você. E devia ter contado sobre o dinheiro.

— Deixe para lá — disse Hal. — Não tem importância.

— Tem, sim. Eu estava errada. Minha intenção era boa, mas eu agi errado. Queria que você soubesse — declarou ela, a voz firme e cansada.

— Você e Camille.

Hal, que se sentia menos do que tolerante com a sogra — principalmente nos últimos tempos —, de repente se flagrou desejando algum comentário mal-humorado dela, alguma observação mordaz para

quebrar o silêncio. Mas Lottie não disse nada, apenas manteve os olhos fixos nos dele, esperando por uma resposta.

— Venha — disse ele, se aproximando com o braço esticado. — Vamos encontrar Camille.

Lottie colocou a mão no braço de Hal para interrompê-lo.

— Eu disse coisas horríveis — afirmou, e engoliu em seco.

— Todo mundo faz isso quando está magoado.

Ela o encarou, e um novo lampejo de compreensão pareceu passar entre os dois. Então Lottie aceitou o braço, e eles saíram andando juntos pela varanda.

* * *

Ele estava tão absorto que nem reparou na presença ao seu lado. Carol ergueu o olhar para ele por baixo da franja reta, um olhar malicioso, perspicaz, e abriu um sorriso profissional para o mar de pessoas diante deles.

— Não sei o que está impedindo você — murmurou ela.

Jones desviou o olhar da varanda e piscou com força.

— O quê?

— Vocês dois parecem infelizes à beça. Ela parece uma moça inteligente, bendita seja. Qual é o seu problema?

Jones suspirou fundo. Encarou o copo vazio.

— Não quero separar uma família.

— E existe uma família?

O barman tentava atrair a atenção de Jones, querendo saber se deveriam começar a encher as taças de champanhe para o discurso dele. Jones enxugou a testa, fez um gesto de concordância para o rapaz, depois se voltou para a mulher ao lado.

— Não vou fazer isso, Carol. Sempre agi sem medir as consequências. Deixava os cacos para outras pessoas juntarem. Não vou fazer isso dessa vez.

— Perdeu a coragem?

— Ganhei consciência.

— Jones, o príncipe no cavalo branco. Agora estou vendo que você está perdido.

Jones pegou uma taça da bandeja na frente dele, deixando outra vazia no lugar.

— É. Acho que sim.

Ele se voltou para os convidados, fazendo um gesto para os músicos abaixarem o volume. E murmurou, tão baixo que até Carol precisou se esforçar para escutá-lo:

— Pelo menos, é o que parece.

* * *

Daniel estava sentado nos degraus no fundo da cozinha, semiescondido pelas torres de caixotes, e colocou o copo vazio junto a uma pilha de outros iguais no gramado sombreado ao lado. Acima dele, o sol havia começado sua descida lenta e pacífica para o oeste, mas, às costas, os ruídos e estalidos da cozinha se sobrepunham à música, os palavrões ocasionais e as ordens gritadas servindo como evidência do nível frenético de atividade lá dentro. Ele sabia que o achavam estranho, sentado sozinho ali fora a tarde toda, apesar de ninguém ter coragem de dizer isso na cara dele. Daniel não dava a mínima.

Só ficou sentado, vez ou outra dando uma espiada em Jones enquanto ele caminhava pelo lugar, falando com todos, conhecidos ou desconhecidos, assentindo, aquele sorriso estúpido e falso grudado no rosto. Daniel permaneceu ali, esperando o garçom surgir com outro drinque e pensando.

* * *

Joe estava do lado de fora com Camille e Katie, um chapéu de abas largas na cabeça. Disse a Jones, Daisy, Camille e diversas outras pessoas que aquele era, de fato, “um trabalho muito bem-feito” e que achava que ninguém nunca vira a antiga casa tão bonita. Ele parecia muito mais entusiasmado com ela agora que sabia que sua influência sobre a família estava terminando.

— Diga isso ao pessoal da Sylvia Rowan — sugeriu Camille, que ainda estava incomodada com os protestos do outro lado do muro.

— Algumas pessoas simplesmente não conseguem deixar o passado para trás, não é, querida? — disse Joe, e Camille, que tinha um ouvido aguçado para as nuances na voz das pessoas, pensou ter detectado algo no tom dele.

A desconfiança se confirmou quando Hal retornou, colocou a mão no cotovelo da esposa e lhe disse, com delicadeza, que a mãe dela estava ali.

— Você não me contou — falou ela, acusando o pai.

— Ela me disse o que fez com o dinheiro — afirmou Joe. — Todos concordamos que foi um erro. Mas você precisa entender que sua mãe tinha boas intenções.

— Mas isso não é metade do problema, pai — retrucou Camille, percebendo no mesmo instante que não desejava contar ao pai qual era a outra metade.

— Por favor, Camille, minha querida. Pedi desculpas a Hal e gostaria de me desculpar com você também.

Camille notou o sofrimento na voz da mãe e desejou, como uma criança, não ter ouvido as coisas que ouvira.

— Você pode ao menos falar comigo?

— Meu amor? — chamou Hal em tom gentil e insistente. — Lottie está realmente arrependida. Sobre tudo.

— Por favor, Camille — pediu Joe em um tom que ela se lembrava de ouvir na infância. — Sua mãe teve a humildade de se desculpar. O mínimo que você pode fazer é ter a benevolência de ouvir o que ela tem a dizer.

Camille suspeitava ter sido vencida. Sua cabeça estava cheia com o som dos protestos, da conversa e do tinido dos convidados brindando.

— Por favor, me acompanhem até a casa. Tem muita gente aqui, vamos achar algum lugar tranquilo. Antes de mais nada, preciso conseguir uma vasilha de água para Rollo.

A mãe não segurou seu cotovelo, como era de costume. Em vez disso, Camille sentiu a mão fria e seca da mãe envolver a sua, como se ela própria estivesse buscando confiança. Entristecida com o gesto, Camille apertou a mão em resposta.

Rollo, preso na coleira, guiou-a para a frente, tentando escolher um caminho com menos obstáculos através da multidão agitada. Camille sentiu que sua ansiedade transpassava para o cachorro e falou com ele em voz baixa, tentando tranquilizá-lo. Ele não gostava de festas, um pouco como Lottie. Ela fechou as mãos, ciente de que, de certa maneira, precisava tranquilizar os dois.

— Vamos para a cozinha — disse para a mãe.

Quase no meio da varanda — era difícil avaliar, rodeada por tantas pessoas —, Camille foi parada pela mão de alguém em seu braço. Um aroma floral: Daisy.

— Estou com tanto calor que acho que vou derreter. Tive que mandar Ellie para dentro com a equipe do bar.

— Vou pegá-la em um instante — disse Lottie, um pouco na defensiva.
— Só queria trocar umas palavrinhas com Camille.

— Claro, claro — respondeu Daisy, que não parecia escutar. — Posso pegar você emprestada por cinco minutos, Lottie? Quero apresentar uma pessoa a você.

Camille os sentiu andando para a frente. A voz de Daisy diminuiu de forma diplomática, obrigando Camille a se esforçar para entender as palavras seguintes.

— Ele contou que é viúvo, sem filhos, e acho que está bastante solitário. Não acho que esteja se divertindo.

— E por que você acha que vai ser bom ele falar comigo?

Lottie, Camille sabia, queria ficar sozinha com a filha.

— Todos estão servidos? — perguntou ao fundo uma voz de mulher que Camille não reconheceu. — Jones vai fazer um discurso em um minuto.

— Ele é uma das pessoas do mural — disse Daisy. — Não sei, Lottie. Pensei que talvez vocês se conhecessem.

Camille, que estava prestes a protestar dizendo que Rollo precisava mesmo beber um pouco de água, sentiu a mão parar de repente e ouviu um som diminuto, quase inaudível, escapar do fundo de sua garganta. A mão dela, presa à de Camille, começou a tremer, primeiro de leve, depois incontrolavelmente, de forma que a filha, em choque, soltou a guia de Rollo, deixando as mãos livres para segurar a de Lottie.

— Mãe?

Nenhuma resposta.

Camille, assustada, sentindo a mão de Lottie ainda tremendo junto à dela, se virou.

— Mãe? Mãe? Daisy? O que está acontecendo?

Ela ouviu Daisy se curvar para perto de Lottie, um sussurro insistente. Será que sua mãe estava se sentindo bem?

Nada ainda.

Passos se aproximando lentamente. A mão tremia com força.

— Mãe?

— Lottie? — disse um homem mais velho.

A voz de Lottie, quando saiu, era um sussurro desconcertado.

— Guy?

Katie havia derramado suco de laranja no vestido. Hal estava abaixado, tentando limpar o que podia com um guardanapo de papel enquanto dizia à filha, como já fizera mil vezes, que era hora de ela se acalmar, fazer as coisas um pouco mais devagar e lembrar que não estava sozinha, quando uma estranha mudança no clima chamou sua atenção para o outro lado da varanda. Não se tratava da pequenina nuvem cinzenta que havia conseguido, em meio ao céu absolutamente azul, tapar o sol, projetando uma sombra temporária. Nem do burburinho da conversa, que diminuía conforme Jones se levantava para fazer seu discurso. A vários metros do mural, acompanhada de Camille, que apertava seu braço com uma expressão confusa, Lottie estava parada na frente de um senhor. Os dois apenas se encaravam em silêncio, os rostos tomados por alguma emoção. Hal, perplexo com a cena, encarava o homem desconhecido, Camille ao lado dele, inconscientemente refletindo sua postura tensa, e depois, como se fosse pela primeira vez, os traços gorduchos do sogro, que observava tudo com um semblante sombrio e silencioso na entrada da sala de estar, dois drinques estáticos nas mãos.

Então ele viu.

E, pela primeira vez na vida, Hal agradeceu a Deus por sua esposa não poder enxergar. E compreendeu que, apesar de todo o aconselhamento e das orientações que houvesse no mundo a respeito de como se portar em um relacionamento, apesar de todos os casais e casamentos reatados, havia certos momentos na vida em que manter um segredo da esposa era a melhor atitude.

* * *

Ela observou os dois idosos descerem discretamente os degraus de pedra que levavam à praia. Mal se tocando, ambos com a postura tensa, como se estivessem esperando por alguma calamidade, caminharam cautelosamente, mantendo um ritmo perfeito, feito soldados veteranos reunidos após uma longa guerra. Porém, quando ela se virou, prestes a tentar transmitir a Camille um pouco do que vira, algo sobre as expressões deles, Hal afastou a esposa dali depressa, e Carol enfiou uma taça na mão dela.

— Fique a postos, querida — ordenou ela. — Jones sem dúvida vai fazer uma menção a você, bendita seja.

Então Daisy os esqueceu, focando a atenção em Jones, no rosto corado pelo clima, no corpo avantajado, que sempre lhe lembrava aqueles ursos

russos, forçados a entreter a plateia contra a vontade. E, ao ouvir sua voz imponente ecoar no início de noite, os vestígios do sotaque australiano compensando a aspereza com uma cadência melódica, Daisy foi tomada pelo medo súbito de ter descoberto tarde demais o que desejava. Medo de que não pudesse mais se proteger daquilo. De que, por mais inapropriado, arriscado, inoportuno, ela preferiria que ele fosse um erro computado a ela, e não a outra pessoa.

Daisy o observou gesticulando para a casa, ouviu as risadas educadas, as pessoas ao seu redor sorrindo, aprovando, admirando. Ela fixou o olhar na casa, na construção que conhecia mais do que a si mesma, e na vista depois dela, o brilhante arco de azul. Ouviu seu nome ser mencionado e alguns aplausos corteses. Finalmente, seus olhos encontraram os dele e, naquele milésimo de segundo, enquanto a nuvem se afastava do sol e o espaço era inundado novamente com luz, ela tentou lhe transmitir cada coisa que havia aprendido, tudo o que ela então sabia.

E quando o discurso terminou e as pessoas se voltaram para os drinques, para as conversas interrompidas, Daisy o observou descer da parede de pedra e se dirigir lentamente até onde ela estava, olhos nos olhos, como se a compreendesse. E parou, horrorizado, quando Daniel surgiu de detrás da cerca viva e, sem aviso, mas com um grito de guerra terrível e retraído, deu um soco em cheio no rosto de Jones.

20

O barulho do rádio se infiltrava no andar de baixo, atravessando a porta do quarto, fluindo escada abaixo até onde estavam Hal e Camille, de frente um para o outro, a indecisão estampada no rosto, a terceira vez que faziam isso em muitas horas.

Ele ficara ali a noite toda desde que voltaram para casa, mudo e com os ombros tensos, acompanhado por perguntas tênues e silenciosas sobre se ele estava bem, além de outras indagações, mais tensas e não mencionadas, a respeito do que haviam acabado de presenciar. Ele disse que não queria tomar chá, obrigado. Tampouco queria companhia. Subiria para ouvir o rádio. Desculpem se parecia hostil, mas seria assim. Tudo bem eles permanecerem no andar de baixo, se quisessem. E que ficassem à vontade, naturalmente.

E assim foi pela maior parte das últimas três horas, durante as quais o casal conversou aos sussurros, se desviou das perguntas de Katie, que estava deitada, exausta, na frente da televisão com Rollo, e tentou, repetidas vezes e sem sucesso, descobrir o paradeiro da esposa de Joe.

— Será que ela vai deixar o papai, Hal? Você acha que é isso? Ela vai abandonar o papai?

O aspecto relaxado, iluminado como o sol do rosto de Camille desaparecera, dando lugar a uma sombria ansiedade. E, em algum ponto, também havia raiva. Hal afagou o cabelo dela, alisando-o para trás da testa quente, e olhou para o andar superior.

— Não sei, meu amor.

Ele lhe contou quase tudo o que sabia, segurando as mãos da esposa, como se lhe desse uma notícia ruim. Disse que o homem parecia uma versão mais velha de uma das figuras do mural, que uma brevíssima avaliação da maneira como Lottie e o homem haviam se entreolhado dissipara quaisquer incertezas persistentes que ele pudesse ter sobre o significado daquilo. Ele se esforçou para transmitir o modo como o idoso havia estendido a mão e tocado o rosto de Lottie, como ela não se esquivara do contato, mas ficara imóvel, feito alguém esperando ser

abençoado. Camille escutou, chorou e pediu para ele descrever o mural repetidas vezes, dissecando seu simbolismo, diagnosticando um motivo por trás do comportamento da mãe. Longe de ser inexplicável, era algo que eles poderiam, ou talvez deveriam ter compreendido muito tempo antes.

Diversas vezes Hal se culpou pelo papel que involuntariamente exerceu ao revelar a história de Lottie, ao trazê-la à tona.

— Eu deveria ter deixado a pintura do jeito que estava — disse ele. — Se não houvesse trabalhado para trazer aquilo de volta, talvez ela não tivesse ido embora.

— Ela foi embora há muito tempo — respondeu Camille, resignada, em uma relutante constatação.

Às nove e meia, quando o céu do alvorecer deu lugar a um preto retinto, quando Katie já adormecera no sofá, quando eles já tinham telefonado para todo mundo que conheciam, quando tentaram o celular de Daisy pela décima sétima vez — e consideraram, mas depois descartaram, a ideia de chamar a polícia —, Camille se virou para o marido, os olhos sem visão cheios de um zelo amargo.

— Vá procurá-la, Hal. Ela já fez tudo o que podia e não podia com meu pai. Precisa pelo menos ter a decência de contar para ele.

* * *

Daisy esperou por vários minutos que a máquina cuspsse seu troco, então, consciente dos olhares aborrecidos ao seu redor, desistiu e levou os dois copos de plástico com café até Jones.

Eles estavam na emergência havia quase três horas; a admissão apressada por uma enfermeira da triagem lhes dera a falsa esperança de que ele seria examinado, enfaixado e liberado.

— Não — disse a enfermeira, apontando para o aparelho de raio X.

Eles precisariam tirar uma radiografia do nariz antes de qualquer coisa, e também da cabeça, em seguida Jones teria que esperar o plantonista consertá-lo.

— Normalmente, nós daríamos alta para o senhor, mas seu caso está bem feio — disse ela, animada, entupindo as narinas ensanguentadas de Jones com faixas de gaze e soro. — Não queremos nenhum pedaço desgarrado de cartilagem por aí, não é?

— Desculpe — disse Daisy pela décima quinta vez desde que chegaram, enquanto se arrastavam para outra ala do hospital.

Ela não sabia mais o que dizer.

Foi mais fácil no momento em que aconteceu, quando ela ajudou a levantá-lo do chão, chocada com o falatório sem sentido e a bebedeira de Daniel, e tentou, desesperadamente, estancar o sangue que escorria pela camisa de Jones. Depois ela tomou as rédeas, pegando um tanto do algodão que usava para limpar Ellie, gritando para alguém afastar os carros e o pessoal que protestava para que ela pudesse levá-lo para o hospital, se desviando de Sylvia Rowan, que desceu como uma bruxa maligna para cacarejar:

— Eu não avisei? A violência relacionada ao álcool já está começando. Não vai dar certo — gritou a mulher em triunfo. — Vou exigir que as autoridades revoguem sua licença para vender bebida. Tenho testemunhas.

— Ah, não enche, sua bruxa velha — retrucou Daisy, arrastando Jones para o carro.

Ele estava tonto, talvez tivesse batido a cabeça ao cair, e seguiu Daisy quase docilmente, obedecendo aos comandos determinados para se sentar, segurar aquilo, ficar acordado, acordado mesmo. Naquele momento, porém, ele provavelmente estava acordado demais, turbinado por um café ruim e pelo local desinfetado, os olhos escuros sofridos e furiosos acima do curativo cirúrgico, a camisa respingada como uma má lembrança da participação de Daisy nos eventos do dia.

— Eu sinto muito mesmo — disse ela, entregando o café.

A aparência dele estava quase pior do que antes.

— Pare de se desculpar — retrucou ele em tom exausto.

— Ela não vai conseguir, não é? Fazer sua licença ser revogada?

— Sylvia Rowan? A menor das minhas preocupações.

Ele fez uma careta ao tomar um gole do café.

“O que isso significa?”, queria perguntar Daisy. Mas o comportamento dele e o fato de que mal conseguia falar dificultavam que ela entendesse muita coisa.

Enquanto permaneciam sentados nas cadeiras de plástico sob a luz fluorescente, o tempo parecia perder o ritmo e depois o sentido. Homens com ferimentos relacionados a álcool, como descrito na folha de papel, evidentemente não eram prioridade. Ficaram na sala de espera com as outras vítimas de acidentes das noites de sábado, o interesse se acendendo brevemente quando um novo desastre entrava mancando pelas portas automáticas, os ferimentos de jardinagem e as queimaduras por trabalhos domésticos cedendo lugar a mãos e cabeças ensanguentadas das noites de sábado. Por volta das oito horas, uma funcionária do bar chegou com

Ellie, pedindo desculpas e dizendo que não encontraram Lottie, e não havia ninguém para ficar com a bebê. Daisy pegou a filha sonolenta e mal-humorada, sem ousar encarar Jones. Confusa e ansiosa, Ellie chorou e lutou contra o sono, e Daisy fez incontáveis passeios pela área da emergência e pela clínica ortopédica até a filha cair no sono dentro do carrinho.

— Vá para casa, Daisy — disse Jones, esfregando o galo em sua cabeça.

— Não — respondeu ela com firmeza.

Ela não podia fazer isso. Afinal de contas, fora sua culpa.

* * *

Às 23h15, assim que a tela com o tempo de espera indicou que Jones deveria ter sido atendido quase meia hora antes, um estrondo de trovão anunciou a chegada de uma forte tempestade. O barulho tirou de seus devaneios os pacientes em espera, o clarão do relâmpago acompanhado por um murmúrio audível, e, após uma breve pausa, feito alguém prendendo a respiração, o céu noturno libertou um dilúvio. O som da chuva atravessava as portas de vidro; a água se infiltrava pelas solas dos sapatos das pessoas, rajando o assoalho de linóleo brilhante com lama e cera. Daisy, que quase adormecera, sentiu algo se transformar com a mudança do clima, pensando, em seu estado de exaustão, que aquilo era tão surreal que parecia um sonho.

As consequências se tornaram claras quase vinte minutos depois, quando um enfermeiro se aproximou para dizer a Jones que o tempo de espera provavelmente se estenderia, já que estavam recebendo notícias de um grande engavetamento de veículos na Colchester Road. O médico ficaria ocupado por algum tempo.

— Então posso ir para casa? — perguntou Jones da forma mais inteligível possível.

O enfermeiro, um jovem com o ar cansado de alguém cujo idealismo e inocência lhe haviam sido rapidamente arrebatados, fitou Daisy e a bebê.

— Se o senhor puder aguentar, é melhor esperar. Se consertar o nariz hoje, vai ter muito menos chance de ficar torto para sempre.

— Ele já é torto — argumentou Jones, mas confirmou que ia esperar.

Então virou-se para Daisy e falou mais uma vez:

— Vá embora.

— Não.

— Ah, pelo amor de Deus, Daisy, é uma tolice, você sentada aqui com a neném a noite toda. Leve sua filha para casa e, caso esteja muito preocupada, eu ligo mais tarde, está bem?

Jones não perguntou por que Daniel quis bater nele. Mas sabia que era por causa dela. A inauguração pomposa fora reduzida a um melodrama por causa dela. Daisy tinha dado mais munição para o armamento gasto da ridícula e vingativa Sylvia Rowan. Todo o esforço, todos os meses de trabalho comprometidos por um mal-entendido idiota.

Daisy estava cansada demais. Olhou para o rosto exausto e pensativo de Jones, a natureza imperdoável das luzes acima deles formando sombras que moldavam relevos pronunciados, e sentiu os olhos ressecados arderem. Ela se abaixou, puxou a mala para cima e, com o pé, soltou a trava do carrinho de bebê.

— Eu achei que ele tivesse ido embora, sabe — disse ela, mal se dando conta do que falava.

— O quê?

— Daniel. Ele tinha dito que ia embora.

— Para onde?

— *Para casa.*

Daisy ouviu sua voz se elevar, um tremor queixoso de frustração e tristeza. E, antes que Jones a visse perder a compostura, antes que ela se reduzisse novamente à mulher que nunca quis ser, Daisy deu meia-volta e saiu da sala de espera empurrando o carrinho de bebê.

* * *

Ele morava na Espanha. Tinha se aposentado no país muitos anos antes, após permitir que a direção do que antes havia sido a empresa de importação de frutas do pai comprasse sua parte também. Ele saíra no momento exato: a indústria estava cada vez mais sendo encampada por duas multinacionais gigantes. Havia pouco espaço para distribuidores de cunho familiar como ele. Não sentia falta do trabalho.

Morava em uma grande casa branca, provavelmente grande demais, mas era auxiliado por uma simpática moça local, que trabalhava para ele duas vezes por semana e de vez em quando trazia os dois filhos, a pedido dele, para nadarem na piscina. Não achou que fosse voltar à Inglaterra. Havia se acostumado demais ao sol.

A mãe, contou com voz embargada, morrera de câncer, bem jovem. O pai nunca se recuperou, e morreu em um incêndio na própria cozinha

vários anos depois. Uma morte banal e estúpida para um homem como ele, mas seu pai não era do tipo que lidava bem com a solidão. Não como Guy. Guy estava habituado. Às vezes até achava que gostava.

Ele não tinha planos específicos, mas possuía muito dinheiro. Alguns bons amigos. Não era um mau lugar para se morar. Não na idade dele.

Lottie escutou os detalhes, mas prestou atenção a poucos. Ela se descobriu incapaz de parar de encará-lo, traduzindo o rapaz que conhecera naquele idoso com tamanha rapidez que já encontrava dificuldades em visualizar a versão mais jovem de Guy, registrando a melancolia desconhecida na voz dele e suspeitando, sabendo, que era um reflexo do próprio sentimento.

Lottie não pensou em se preocupar com a própria aparência, o cabelo grisalho, a cintura mais grossa, a pele translúcida e enrugada das mãos. Isso não era o mais importante, afinal.

Ele fez um gesto para as costas deles, em direção à casa, onde a música acabara e apenas os sons de arrumação, de cadeiras sendo arrastadas pelos cômodos e da equipe de limpeza ecoavam até a baía.

— Então aquela é sua filha.

Houve uma breve pausa antes que Lottie respondesse.

— Sim, é Camille.

— É um bom homem, o Joe.

— É.

Lottie mordeu o lábio.

— Sylvia escreveu. Contou que vocês haviam se casado.

— E deve ter contado mais alguma coisa, sem dúvida. Provavelmente comentou que ele merecia alguém melhor.

Ambos sorriram.

Lottie desviou o olhar.

— Ele realmente merecia, sabe.

O rosto de Guy tinha um ar inquisitivo. Ela parou, espantada ao notar a familiaridade na maneira como ele erguia a sobrancelha, na juventude ainda visível em sua expressão.

— Por todos esses anos, guardei rancor dele.

— De Joe?

— Por não ser você — completou ela, a voz um pouco rouca.

— Eu sei. Celia não conseguiu se controlar, mas ela...

Ele parou, talvez relutante em ser desleal.

Guy ainda tinha fios louros. Era mais difícil perceber, no meio do cabelo grisalho, mas ela os discerniu mesmo assim.

— Ela escreveu para você, sabe. Diversas vezes. Depois que você foi embora. Nunca enviou as cartas. Provavelmente, achou tudo... muito mais difícil do que qualquer um de nós poderia imaginar... Admito que não fui muito compreensivo.

Ele se virou para ela.

— Ainda tenho as cartas em casa. Nunca abri. Posso mandar para você, se quiser.

Ela não tinha certeza. Não sabia se estava pronta para ouvir a voz de Celia. Se estaria algum dia.

— Você nunca escreveu — disse ela.

— Achei que você não me quisesse. Pensei que tivesse mudado de ideia.

— Como pôde pensar uma coisa dessas?

Lottie voltou a ser jovem, o rosto ruborizado com a desesperada injustiça do amor.

Ele desviou o olhar. Na direção das distantes nuvens de tempestade no horizonte.

— Bem, eu me dei conta depois. Eu me dei conta de uma porção de coisas depois — disse, fitando-a novamente. — Mas então fiquei sabendo que você havia se casado com Joe.

Várias pessoas passavam por eles, iluminadas sob o sol poente, os corpos rosados relaxados e o cansaço de satisfação como testemunhas da rara combinação da onda de calor e das praias inglesas. Guy e Lottie estavam sentados um ao lado do outro, observando-os em silêncio, olhando as sombras que se alongavam, escutando o vaivém das ondas no cascalho. À distância, no horizonte, uma luz cintilou.

— Que bagunça, Guy. Que bagunça fizemos com todos esses anos.

Ele estendeu a mão. Colocou-a sobre a dela, envolvendo-a. Lottie prendeu a respiração. Quando Guy falou, não havia hesitação.

— Nunca é tarde demais, Lottie.

Ficaram contemplando o mar até o sol desaparecer atrás deles, sentindo o ar da noite esfriar, reconhecendo que havia perguntas demais e poucas respostas adequadas. Velhos o suficiente para saberem que certas coisas não precisam ser enunciadas. Em certo momento, Lottie se virou na direção dele, do rosto que amara, o traçado de suas linhas lhe contando quase tudo o que ela precisava saber sobre amor e perda.

— É verdade que vocês nunca tiveram filhos? — sussurrou ela.

Mais tarde, pelo menos um dos veranistas que passavam devagar em grupos pequenos pela calçada foi para casa pensando que não era frequente

ver uma mulher idosa com a cabeça apoiada nas mãos, chorando com a mesma tristeza apaixonada de uma jovem.

* * *

Daisy dirigiu quilômetros sob o céu escuro, orientada pelas luzes dos postes da estrada de mão única e pelos faróis do carro pequeno em sinuosas pistas regionais, de vez em quando verificando distraidamente pelo espelho retrovisor a bebê que dormia no banco de trás. Ela dirigia vagarosa e cuidadosamente por causa da chuva, mas sem pensar para onde estava indo, parando uma vez para abastecer e tomar um café forte e amargo, que queimou sua língua e a deixou mais nervosa do que revigorada.

Ela não queria voltar para a Arcádia. Já parecia a casa de outra pessoa; já estaria acomodando os primeiros hóspedes, ecoando com o barulho, a conversa e os ávidos passos de outros. Não queria voltar para lá com a filha adormecida e ter que explicar sobre Jones e Daniel e sua participação em toda aquela lamentável confusão.

Também chorou um pouco, em grande parte de exaustão — mal havia dormido em trinta e seis horas —, mas também por uma sensação de anticlímax trazida pelo final da festa e de sua vida ali, assim como pelo choque tardio provocado por qualquer exposição à violência. E por ter perdido novamente o homem que mais importava para ela: seu rosto ensanguentado, sua infelicidade, a sabotagem involuntária e ridícula de um dia tão significativo para ele conspiraram contra qualquer chance que Daisy teve de expressar seus sentimentos.

Ela guiou o carro até o acostamento, escutando a chuva batendo no teto e os limpadores de para-brisas se arrastando de forma esganiçada. Abaixo, na escuridão completa, via a curva da orla e, bem mais distante no mar, o brilho pálido da aurora.

Colocou as mãos no volante e apoiou a cabeça nelas, como se estivesse pressionada por um grande fardo. Eles ficaram sentados por horas e horas na clínica e mal conversaram. Ela esteve perto o suficiente para senti-lo trocar o peso de um pé para o outro, para que as mãos dos dois se roçassem, para que a cabeça dela se recostasse sem querer no ombro dele durante o único momento em que quase adormecera. Ainda assim, eles não se falaram, a não ser para expressar sua necessidade por café de máquina e para ele lhe dizer novamente que fosse embora para casa.

Eu estava tão perto, pensou. Perto o bastante para tocá-lo. Perto o bastante para ouvi-lo respirar. E nunca mais vou ficar tão perto assim dele.

Daisy permaneceu imóvel. Em seguida, levantou a cabeça, lembrando-se de algo que Camille dissera.

Perto o bastante para ouvi-lo respirar. Para identificar as batidas aceleradas de um coração por causa do desejo, da carência.

Daisy engoliu em seco. Então, subitamente animada, girou a chave, olhou para trás e arrancou com o carro, os pneus molhados girando no cascalho ao dar meia-volta.

* * *

Havia três ambulâncias estacionadas aleatoriamente do lado de fora da emergência, cercadas por maqueiros com coletes luminosos que descarregavam os passageiros com cuidado em cadeiras de rodas ou macas e os levavam para dentro da clínica, as cabeças baixas ao examiná-los. Uma sirene estava ligada, e o barulho era ensurdecedor, pouco abafado pela chuva ainda torrencial ou pelo motor do carro de Daisy. Ela manobrou ao redor das ambulâncias tentando encontrar uma vaga, seu olhar se desviando para o retrovisor a fim de verificar se a filha havia se mexido. Ellie continuava dormindo, sem se importar com o barulho, exausta com os acontecimentos do dia.

Então, enquanto permanecia sentada na luz azulada, incapacitada de pensar direito e pelo simples fato de ter voltado ali, ela ergueu o olhar para o para-brisas borrado e o viu, uma silhueta alta, ligeiramente curvada, caminhando de maneira resoluta sob a chuva em direção à fila de táxis. Daisy aguardou um milésimo de segundo para ter certeza. Depois abriu a porta do carro de uma vez, ignorando a tempestade e o ruído contínuo e ensurdecedor das sirenes, e começou a atravessar o pátio de entrada correndo, meio pulando, meio cambaleando, até parar escorregando bem na frente dele.

— *Pare!*

Jones parou. Ele piscou, tentando constatar que era ela de verdade. Levou inconscientemente uma das mãos ao enorme curativo branco no meio do rosto.

— Você não é mais meu chefe, Jones — gritou ela em meio ao barulho das sirenes, tremendo no vestido de festa amassado. — Então não pode me dizer o que fazer. Não pode me mandar para casa.

Daisy soou mais zangada do que pretendia.

Ele pareceu extenuado, abatido.

— Desculpe — disse ele, a voz rouca e magoada. — Eu devia ter sido... Só que não é como eu gostaria de ser... como eu gostaria de ser visto. De costas e com um soco no rosto...

— Shhh. Pare de falar um minuto. Não quero conversar sobre isso. Dirigi a noite toda e preciso lhe dizer uma coisa e, se eu for interrompida, não vou conseguir.

Ela estava quase delirando de cansaço, a chuva caindo no rosto e se misturando às lágrimas frias que escorriam.

— Sei que você gosta de mim — gritou ela. — Nem sei se você já sabe disso, mas eu sei. Porque, apesar de estarmos sempre nos insultando e de discutirmos à beça, e por mais que talvez eu tenha feito você perder sua licença, o que eu lamento muito, *de verdade*, nós somos *bons* um para o outro. Formamos uma boa equipe.

Ele fez menção de falar, mas ela o silenciou com as mãos, o coração na garganta, sem se importar mais com sua aparência. Ela esfregou os olhos molhados, tentando colocar os pensamentos em ordem.

— Olhe. Sei que carrego um peso extra. Sei que alguém como eu provavelmente não faz parte da sua agenda, com uma bebê e tudo o mais, mas você também carrega uma tonelada. Tem uma ex-mulher, de quem não superou o divórcio, e incontáveis mulheres com quem dormiu e que ainda trabalham para você, o que, francamente, acho um pouco demais. E você é bastante misógino, e também não gosto disso.

Ele estava com o cenho franzido, confuso, uma das mãos erguida sobre os olhos para enxergá-la através da chuva.

— Jones, estou exausta. Não consigo me expressar como eu gostaria. Mas já pensei sobre o assunto. Sim, os cisnes passam a vida toda com o mesmo parceiro. Mas são apenas uma espécie, no fim das contas. Não é? E como dá para discernir, se são todos iguais?

A sirene da ambulância tinha cessado. Ou talvez o carro tivesse ido embora. E, de repente, só havia os dois, de pé no meio do estacionamento, na luz fria do alvorecer, ouvindo apenas o som da chuva. Ela estava bem perto dele, via seus olhos fitando-a, sua expressão sofrida, mas, talvez, só talvez, compreensiva.

— Não consigo continuar, Jones — disse ela, a voz fraca. — Minha filhinha está no carro, estou cansada demais para falar e não consigo explicar o que sinto.

Então, antes que pudesse mudar de ideia, ela se aproximou, segurou o rosto dele com delicadeza entre as mãos molhadas e encostou sua boca na

dele.

Ele inclinou a cabeça, e ela sentiu, com uma explosão de gratidão, os lábios dele nos dela, os braços puxando-a para perto com certo alívio. Ela relaxou, sentindo a tensão desaparecer, sabendo que estava certa. Que fizera a coisa certa. Sentiu o cheiro de hospital na pele dele, e isso a fez se sentir protetora, como se quisesse envolvê-lo, trazê-lo para mais perto. Então, bruscamente e sem aviso, ele a afastou, mantendo-a a quase um braço de distância.

— O que foi? — perguntou Daisy.

Não vou suportar, pensou. Não depois disso. Não depois de tudo.

Jones suspirou, olhando para o céu. Depois se reaproximou e envolveu uma das mãos dela entre suas duas. Eram mais suaves do que ela achara.

— Desculpe — grunhiu ele, com um sorriso de desculpas. — Você não sabe como eu lamento, Daisy. Mas não consigo respirar e beijar ao mesmo tempo.

* * *

A grande casa branca ainda estava quieta e silenciosa como no dia em que Daisy chegou, a equipe de plantão dormindo nas acomodações para funcionários sobre a garagem, os carros silenciosos no cascalho. Através das janelas, a cozinha estava vazia e limpa, as superfícies reluzindo sem a interrupção dos acessórios e bandejas. Além de seus passos sobre o piso de pedra, os únicos sons audíveis eram o canto dos pássaros, o suave murmúrio da brisa nos pinheiros e, mais abaixo, o barulho distante da maré baixa.

Jones entregou a Daisy as chaves dos fundos, e ela tateou à luz nascente, tonta e embotada pela falta de sono, tentando localizar a chave no molho. Ele apontou para a correta ao mesmo tempo em que dava uma olhada cuidadosa para a bebê, que dormia em seus braços. Daisy teve dificuldade com a fechadura e, por fim, a casa adormecida se abriu para eles.

— Seu quarto — sussurrou ele, e os dois caminharam de modo cauteloso e suave pelo corredor e pela escada, esbarrando levemente um no outro durante o percurso, como bêbados retornando para casa depois de uma longa noite.

Os pertences de Daisy estavam embalados em um conjunto organizado de malas e caixas, apenas o berço e a muda de roupas do dia anterior visíveis, como uma evidência de que o lugar tinha sido mais permanente

do que um quarto de hotel. Somente vinte e quatro horas antes, a visão da bagagem deixara Daisy apavorada e solitária. Naquele momento, provocava um lampejo de algo como entusiasmo, a promessa de uma nova vida e novas oportunidades se revelando lentamente diante dela.

Daisy fechou a porta e olhou o homem à sua frente. Jones atravessou o quarto devagar, falando baixinho com Ellie, bem junto a seu peito. Ele a colocou no berço com cuidado para não acordá-la, deslizando as mãos por baixo das perninhas macias, e Daisy cobriu a criança com uma manta fina. Ela mal se mexeu.

— É tudo de que ela precisa? — sussurrou ele.

Daisy assentiu. Eles ficaram parados por alguns segundos, observando a bebê adormecida, então ela pegou a mão dele e o puxou em direção à cama, ainda desfeita do dia anterior.

Jones se sentou, tirou o casaco, revelando a camisa salpicada de sangue e enrugada pela chuva, e descalçou os sapatos. Daisy, ao lado, puxou o vestido de festa amarrotado com uma só mão por cima da cabeça, sem atentar para a possível exposição de estrias e curvas pós-maternidade, mesmo à luz implacável da manhã. Substituiu-o por uma camiseta velha e se acomodou na cama, sentindo as cobertas em suas pernas nuas.

A janela estava aberta, deixando entrar os aromas cálidos e salgados da manhã de verão, as cortinas lânguidas balançando com a brisa. Jones se abaixou para encará-la, com olheiras pela falta de sono, o queixo acinzentado e com barba por fazer; no entanto, todas as tensões, de alguma maneira, tinham sumido de sua testa. Ele a olhou, sem piscar, a expressão suave, levantando a mão para tocar a pele nua de Daisy.

— Você está linda — disse ele, por baixo do curativo de gaze.

— Você, não.

Eles sorriram um para o outro, sorrisos tolos e sonolentos.

Ele levantou um dedo e o encostou na boca de Daisy. Ela manteve os olhos fixos nos dele e ergueu a própria mão, também enfaixada, tocando o rosto dele de leve, se permitindo o luxo de sentir o toque pelo qual ansiava havia tanto tempo. Com o máximo de delicadeza, colocou a ponta do dedo no nariz enfaixado.

— Dói? — murmurou.

— Nada dói — respondeu Jones. — Absolutamente nada.

E, com um suspiro de satisfação, ele a puxou para si, envolveu-a, relaxou a cabeça nela, repousando-a no local fresco e doce onde o pescoço se encontra com o ombro. Ela sentiu o cabelo macio e o queixo áspero dele colado nela, o toque dos lábios, o odor distante de antisséptico na

pele. Por um segundo, identificou uma centelha de desejo, mas quase imediatamente sentiu-o engolfado por algo mais agradável, uma expectativa relaxada, uma sensação intensa e jubilosa de segurança. Ela se refugiou em Jones, sentindo o peso de seus braços, as pernas enlaçadas dos dois, os membros dele já pesados com a chegada do sono. Então, finalmente, sentindo o batimento forte do coração de Jones, Daisy adormeceu.

* * *

A chuva havia atravessado Merham. Deixara as calçadas prateadas de água, com um brilho líquido de pêssego e azul fosforescente à luz do alvorecer. As passadas de Hal, firmes e regulares, chapiscavam à medida que ele seguia para o portão.

Foi Rollo que os notou primeiro, subindo a rua: através da janela, Hal o viu dar a volta na mesa de centro com um pulo e correr desabalado para a porta, latindo. Camille, acordando assustada de um cochilo, se levantou desajeitadamente do sofá para segui-lo, tateando para pegar a bengala e descobrir onde estava. Rollo, porém, não tinha sido o mais alerta. No momento em que Hal alcançou o portão, seu sogro já havia descido boa parte da escada. Ele saiu pela porta aberta e desceu o caminho com o porte ativo de alguém com a metade de sua idade, passando direto por Hal, que deu um passo para o lado, e alcançando a esposa exaurida. Fez-se um breve silêncio. Hal andou até o pátio, seus ouvidos tinindo com o canto dos pássaros, e abraçou Camille, grato, após a noite tão longa, por senti-la perto. Ele respondeu sua pergunta sussurrada com um gesto de concordância, perto o suficiente para que ela sentisse a cabeça dele junto à dela.

Então Camille deu um passo para trás, apertando a mão do marido.

— Vamos embora agora, papai — gritou ela. — A não ser que queira que fiquemos.

— Como você preferir, minha querida — respondeu Joe, a voz tensa, contida.

Camille fez menção de se mover, mas Hal a impediu. Os dois ficaram parados na porta, esperando, ouvindo. Joe, a alguns metros de distância, encarava a mulher como um velho pugilista. Hal notou que as mãos dele, às costas, tremiam.

— Você deve querer uma xícara de chá — disse ele.

— Não — respondeu Lottie, afastando uma mecha de cabelo do rosto.
— Não, acabei de tomar uma no café. Com Hal.

Ela olhou para além dele e notou as duas malas no saguão.

— O que é aquilo?

Joe fechou os olhos por um instante. Soltou uma respiração. Como se fosse um esforço.

— Você nunca olhou para mim daquele jeito. Nem uma vez em quarenta anos de casados.

Lottie o encarou.

— Estou olhando para você agora, não estou?

Os dois ficaram assim por um tempo. Então Lottie deu dois passos à frente e segurou a mão dele.

— Talvez eu pinte um pouco. Acho que vou gostar de pincelar um pouco novamente.

Joe franziu o cenho e olhou a esposa como se ela não estivesse em controle dos próprios sentidos. Ela olhou para as mãos do marido.

— Essa sua besteira de fazer um cruzeiro. Você não vai me obrigar a jogar bridge, vai? Não suporto bridge. Mas não me importaria de me dedicar à pintura.

Os olhos de Joe se arregalaram um pouco, depois ele disse:

— Você sabe que eu nunca...

Com a voz falhando, ele se virou de costas para todos por um minuto, a cabeça caída no meio dos ombros. A cabeça de Lottie tombou, e Hal, sentindo-se subitamente como um intruso, desviou o olhar, apertando a mão de Camille.

Joe pareceu reassumir o controle. Ele hesitou, olhou a mulher e depois avançou, apenas um ou dois passos, passando o braço em volta dos ombros de Lottie. Ela se aproximou dele, um gesto discreto, mas real, e juntos, lentamente, caminharam em direção à casa deles.

* * *

Era o momento de fazê-lo feliz, disse ela quando o genro a encontrou, no meio das cabanas de praia, sentada sozinha no alvorecer. Fora suficiente saber que Guy a havia amado, que eles teriam ficado juntos.

— Não entendo — disse Hal. — Ele foi o amor da sua vida. Até mesmo eu percebi.

— Sim, foi. Mas agora posso me libertar — explicou ela com simplicidade.

E, embora normalmente fosse capaz de descrever qualquer cena para a esposa cega, Hal teve dificuldades em transmitir a libertação no rosto de Lottie, o modo como a expressão dela, entalhada por anos de tristeza e frustração reprimidas, se iluminou.

— Ficar ali com ele, conversar com ele. Aquilo me fez perceber... Todos esses anos desperdiçados. Ansiando por uma pessoa que não estava lá, quando eu deveria ter amado Joe. Ele é um bom homem, sabe.

Do lado de fora, dois pescadores de lagostas haviam descarregado os barcos, arrastando a pesca com a facilidade de profissionais. Ao longo da orla, cães e seus donos deixavam pegadas sinuosas na areia, contando uma história temporária.

— Ele sabia. Sempre soube. Mas nunca guardou rancor de mim.

Então Lottie olhou para o genro e se levantou, uma das mãos segurando para trás o cabelo grisalho, o esboço de um sorriso juvenil.

— Acho que já é hora de Joe ter uma esposa de verdade, não é?

Epílogo

Tive que ficar no hospital por um tempo depois daquilo. Não lembro por quantas semanas. Não chamaram de hospital, claro, não quando tentaram me convencer a ir para lá. Disseram apenas que eu faria uma visita à minha casa, na Inglaterra, uma oportunidade de passar um tempo com mamãe.

Uma “curta temporada” me faria sentir melhor, sabe. Uma porção de moças tinha o mesmo problema que eu, mesmo que ninguém falasse sobre o assunto abertamente. Não era o tipo de coisa sobre a qual as pessoas comentavam, mesmo naquela época. Eles sabiam que eu nunca gostei de morar nos trópicos, que, se não fosse por Guy, eu teria voltado para casa.

Eu queria aquele bebê. Queria muito mesmo. Sonhava que ele estava dentro de mim; às vezes, quando eu colocava a mão na barriga, até sentia o bebê se mexer. Eu conversava com ele, em silêncio, desejando que ganhasse vida. Apesar de nunca ter contado para ninguém. Sei o que diriam.

Porque Guy e eu nunca falamos sobre o assunto. Ele era muito bom nisso, dizia mamãe. Às vezes, quanto menos atenção alguém prestasse em alguma coisa, melhor. Menos efeitos danosos. Para falar a verdade, mamãe sempre foi do tipo que fecha os olhos. Ela também nunca comentou sobre o assunto. Era como se eu a envergonhasse.

Quando saí, todo mundo fingiu que eu nem estive lá. Continuaram fazendo suas coisas e me deixaram com meus sonhos. Não contei para ninguém. Eu sabia, pela cara deles, que não acreditavam em metade do que eu falava. Por que acreditariam?

Mas não se pode fugir do passado, não é? Assim como não se pode fugir do destino. Guy e eu nunca fomos os mesmos. Era como se ele carregasse o fardo para todo lado, apodrecendo dentro dele, e jamais conseguiu olhar para mim sem sentir aquele cheiro, aquela mácula, tingindo sua reação. Ele estava cheio na mesma medida que eu estava vazia.

Dezoito maçãs, eu usei para a simpatia no dia que contei a você. Dezoito maçãs.

E elas continuaram saindo do mesmo jeito.

Agradecimentos

Eu gostaria de agradecer a diversas pessoas que, de diversas maneiras, me ajudaram a tornar este livro possível, em especial Nell Crosby, do Saffron Walden Women's Institute, e seu marido, Frederick, por me fornecerem suas memórias e lembranças da vida em uma cidadezinha à beira-mar na década de 1950.

Agradeço igualmente a Neil Carter, gerente-geral de Moonfleet Manor, em Dorset, pelos conhecimentos sobre como reformar e administrar uma casa de campo transformada em hotel. E a Tracie Storey, esteticista de Moonfleet, por, entre outras coisas, me explicar o que é decapagem.

Agradecimentos sinceros novamente a Jo Frank, da AP Watt, por segurar minha mão, me motivar e às vezes me chicotear para escrever. E a Carolyn Mays, da Hodder e Stoughton, e Carolyn Marino, da HarperCollins americana, por não apenas respeitosamente apontarem as partes complicadas, mas também por me concederem tempo e espaço para retrabalhá-las. Obrigada a Hazel Orme por suas habilidades de edição estilo forense e por me ensinar mais sobre gramática do que jamais aprendi na escola... Quero erguer uma taça imaginária para Sheila Crowley, por ser uma força incansável e também por me mostrar alguns dos melhores pubs e restaurantes de Londres. E para Louise Wener, por ser uma caixa de ressonância, cúmplice no crime, e por me lembrar que coquetéis são com certeza um elemento essencial de todo o processo editorial.

Obrigada a Emma Longhurst, por convencer uma velha escrevinhadora que publicidade pode ser divertida, e a Vicky Cubitt, por estar sempre preparada para oferecer um ouvido àqueles de nós que trabalham em casa. Mais perto de onde moro, devo agradecer a Julia Carmichael e à equipe da Harts pelo apoio, Lucy Vincent, sem a qual eu nunca teria terminado nada, e a Saskia e Harry por dormirem de vez em quando e, assim, me permitirem dormir também. Agradeço a minha mãe e a meu pai, como sempre. E mais do que tudo, a Charles. Que suporta todas as coisas. E a

mim. Não necessariamente nessa ordem. Um dia, vamos conversar sobre alguma outra coisa à noite... juro...

Sobre a autora



© Stine Heilmann

Jojo Moyes nasceu e cresceu em Londres. Trabalhou como jornalista por dez anos, nove deles no jornal *The Independent*, de onde saiu em 2002 para se dedicar integralmente à carreira de escritora. É autora de *A última carta de amor*, *Como eu era antes de você*, *A garota que você deixou para*

trás, Um mais um, Baía da Esperança, O navio das noivas, Nada mais a perder, O som do amor, Depois de você, Paris para um e outros contos e Em busca de abrigo, publicados pela Intrínseca. *Como eu era antes de você*, seu romance de maior sucesso, ocupou o topo da lista de mais vendidos em nove países e foi adaptado para o cinema. Com mais de 20 milhões de exemplares vendidos em todo o mundo, Jojo Moyes é uma das poucas escritoras a ter emplacado três livros ao mesmo tempo na lista de best-sellers do *The New York Times*. A autora mora em Essex, na Inglaterra, com o marido e os três filhos.

Conheça os outros títulos da autora



A última carta de amor



A garota que você deixou para trás



Baía da Esperança



Como eu era antes de você



Depois de você



Em busca de abrigo



Nada mais a perder



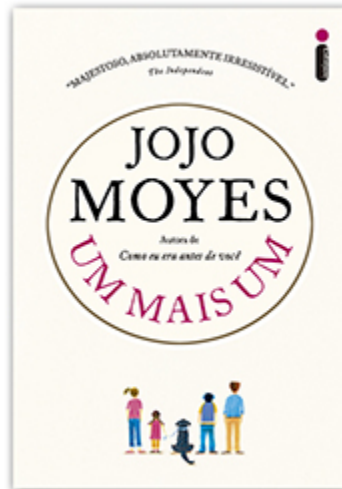
O navio das noivas



O som do amor

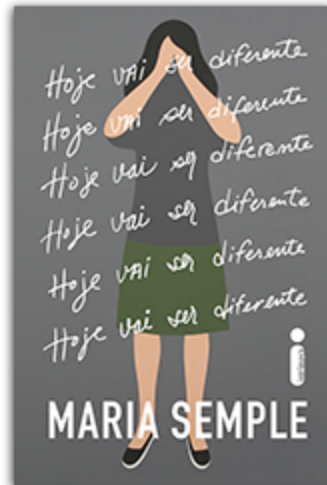


Paris para um e outros contos



Um mais um

Leia também



Hoje vai ser diferente
Maria Semple



Até que a culpa nos separe
Liane Moriarty



As mães
Britt Bennett